an addicted series epilogue novel

some kind of perfect



falling in love was just the beginning

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHORS

KRISTA & BECCA RITCHIE

Sumário

Ordem Recomendade de Leitura
Uma Nota das Autoras
2018
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
2019
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Eliot Alice Cobalt
Capítulo 15
Luna Hale
Capítulo 16
2020
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Tom Carraway Cobalt
2021
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
2022
Ben Pirrip Cobalt
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Xander Hale
2023
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
2024
Capítulo 36
Capítulo 37
Winona Briar Meadows
Capítulo 38
Capítulo 39

Vada Lauren Abbey
Capítulo 40
Kinney Hale
Capítulo 41
2025
Capítulo 42
Audrey Virginia Cobalt
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
2026
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
2027
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61

2028
Capítulo 62
Farewell 1
Farewell 2
So Long 1
So Long 2
Goodbye 1
Goodbye 2

SOME KIND OF PERFECT

KRISTA & BECCA RITCHIE



BOOKSUNFLOWERS

ADDICTED SERIES
ORDEM RECOMENDADA DE LEITURA

Addicted to You (Addicted #1)
Ricochet (Addicted #1.5)
Addicted for Now (Addicted #2)
Kiss the Sky (Spin-Off: Calloway Sisters #1)
Hothouse Flower (Calloway Sisters #2)
Thrive (Addicted #2.5)
Addicted After All (Addicted #3)
Fuel the Fire (Calloway Sisters #3)
Long Way Down (Calloway Sisters #4)
Some Kind of Perfect (Calloway Sisters #4.5)

UMA NOTA DAS AUTORAS

É altamente recomendado ler esse livro após *Long Way Down.* Caso contrário, você irá ler spoilers de toda a série. *Some Kind of Perfect* é o 10º livro da série. O epílogo. A conclusão.

2018

“Eu sempre vou ser viciada em sexo, mas sou mais do que apenas sexo.”

- Lily Hale, *Nós Somos Calloway (Temporada 1 Episódio 01 - Piloto)*

{ 1 }

Junho 2018
Saguão da Hale Co.
Filadélfia

LILY HALE

Eu nunca levei um soco na cara antes, mas imagino que seja assim. Logo abaixo do meu olho, a pele incha com uma dor latejante constante. Cubro o olho direito com a palma da mão, com medo de que se eu abaixar a mão, metade do meu rosto pode desmoronar completamente. Igual à Sra. Cabeça de Batata.

Esta sou eu.

Lily Cabeça de Batata Hale.

Por enquanto, pelo menos. Eu estou uma bagunça, e não é nem minha culpa.

Lo agarra meu pulso, tentando puxar minha mão para baixo, mas não cedo tão fácil assim. *Para que meu globo ocular não saia do lugar.*

— Deixe-me ver, Lil. — Sua íris âmbar se enfurece entre preocupação e raiva.

Nós não estamos em privado. Estamos no centro do saguão intocado da Hale Co., o piso de mármore encerado refletindo meu desconforto de volta para mim. Não posso me esconder atrás das folhas de ficus-lira, os vasos de cerâmica em ambos os lados dos elevadores brilhantes.

Eu não sou botânica ou de repente fascinada por folhagem, mas Connor mencionou seu nome específico um dia. Aparentemente, a Cobalt Inc. tem Hera no saguão. Eu não sabia que alguém poderia encontrar uma maneira de ser presunçoso quando o assunto são plantas domésticas, mas Connor tem muito talento em fazer com que seus pertences pareçam superiores.

Talvez porque eles sejam.

Eu sacudo o pensamento. Não preciso das folhas de ficus-lira ou da hera de Connor. Eu posso ficar aqui. Bem aqui. Em campo

aberto. Eu sei que posso.

Na elegante mesa da recepção, uma recepcionista loira e bonita nos observa como se tivesse ligado em um programa de televisão. Ela nem se importa quando meu único olho bom encontra o olhar dela. E ela não é a única. Os funcionários da Hale Co. atravessam as portas giratórias e saem dos elevadores, e seus olhares vagantes se fixam em nós.

Loren Hale pode ser o chefe, mas eu não apareço em seu escritório com tanta frequência. Muito menos rodeada por *três* guarda-costas. Eles fazem o possível para dominar a multidão do lado de fora, que começa a se dispersar. Adolescentes mais jovens levantam cartazes com: *me beija, Loren Hale!* e *Loren Hale meu cinnamon roll* e *nós amamos você, Lily!* Elas esperam perto do meio-fio para quando sairmos, mas não podem nos ver através das janelas escuras.

Também não é culpa delas que meu olho está inchado.

Meus guarda-costas não poderiam se preparar para o *um* estranho hostil. Geralmente é apenas uma maçã podre no meio de todos.

E acontece que essa maçã jogou um pênis de plástico na minha cara. O que, por sinal, já aconteceu antes, mas nunca houve contato.

Agora estou sofrendo de ser literalmente atingida no rosto com um pênis, e não tenho certeza do que está mais machucado: meu rosto ou minha dignidade.

Provavelmente meu rosto.

Dói pra caralho.

Lo segura minhas bochechas, seu rosto contorcendo através de uma série de emoções. — Você está chorando?

— Não... meu olho está apenas lacrimejando. — Eu fungo antes que meus olhos lacrimejantes se transformem completamente em lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Suas maçãs do rosto ficam afiadas. — Esse idiota é um animal morto.

Parece menos uma ameaça e mais uma descrição de personagem. Quando Lo percebe que eu não estou abaixando

minha mão de jeito nenhum, ele puxa meu corpo magro mais perto de seu peito forte.

Meus ombros tensos quase derretem, mas minha mão continua no mesmo lugar, mantendo meu rosto unido. Estou a um passo de ser uma pintura do Picasso.

Lo resmunga baixinho: — Uma maldita desgraça para a humanidade. — Sua fúria está irradiando tanto que eu quase espero que chamas saiam dele como o Míssil do *X-Men.*

Por alguma razão, eu decido que agora é um ótimo momento para abordar isso. — Você parece o Míssil.

— Eu não percebi que eu tinha cabelos loiros... ah, espera, eu não tenho — diz ele secamente. — E eu não chequei minha bunda recentemente, mas tenho certeza que não tem fogo disparando de lá.

A conversa da bunda dele me distrai. Quase dou uma espiada, mas meu guarda-costas de longa data se aproxima de nós. Careca, corpulento e extremamente alto, Garth é o guarda-costas mais experiente de todos. Como chefe da frota, ele tem o trabalho único de dar ordens aos guarda-costas de Rose e Connor. É uma das poucas coisas que posso esfregar no rosto deles com orgulho.

Meu guarda-costas é melhor que seu guarda-costas, ha!

Lo fala primeiro, estreitando os olhos. — A segurança o pegou?

Garth assente. — Eles estão chamando a polícia agora. — Para mim, ele pergunta: — Você precisa ir ao hospital?

Antes de Lo insistir, eu deixo escapar: — Não! Estou bem. Sério, só fui atacada. — *Por um pênis.* O que é a minha vida?

Lo olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Não perdi. Eu estou completamente sã. Nenhum dos caras iria ao hospital por isso, e eu também não quero só porque sou uma garota. *Então pronto.* Porém, Lo não pode ler minha mente. — Se você não precisa de um hospital, então me deixa dar uma olhada. — Ele agarra meu pulso novamente e sua outra mão timidamente desliza pelo comprimento do meu quadril. *Para onde ela vai?*

Eu observo, meio que distraída com o maxilar dele, que está mais perto de mim - na verdade, todo o seu *corpo* está perto de mim. Calça preta, camisa preta com decote em V, colar de ponta de

flecha, pele macia e cabelo castanho claro. Apenas ele por inteiro: a totalidade de Loren Hale. Gelo e uísque.

Mas o uísque metafórico.

Sua mão continua a descer por cima do meu vestido preto de algodão, que se assemelha a uma camiseta extra longa. Sinto a palma da mão dele deslizar para a parte inferior das minhas costas, descendo e descendo - ele aperta minha bunda!

Eu me assusto o suficiente para me render. Exibições públicas de afeto são frequentes entre nós, mas apertadas de bunda surpresas ainda me *surpreendem.*

Com as minhas duas mãos segurando seu cinto, ele tem uma visão livre de todo o meu rosto. Eu assisto a expressão dele passar pelos sentimentos mais sombrios e tempestuosos. Então sua garganta balança e seus olhos perdem todo traço de raiva.

— Lil — ele respira, segurando minha bochecha novamente.

— Está tão ruim assim? — Eu toco na pele sensível com as pontas dos dedos. Dói, então eu abaixo minha mão.

Ele balança a cabeça devagar e então solta um forte: — Não. — Lo começou a fazer uma coisa quando mente: seus olhos disparam para o lado por um milissegundo antes de voltarem para mim. Ele acrescenta: — Não me dê esse olhar.

— Que olhar?

— O que diz, *você é um grande mentiroso, Loren Hale.*

— Então me diga que eu sou a melhor Lily Hale que você já viu. — Eu tento me endireitar para parecer a melhor versão de Lily. Não me lembro qual versão sou. Talvez Lily 8.2.

Ele faz uma careta para o meu olho. — Você é a melhor Lily, mas seu olho está uma merda, o que *não* é sua culpa.

— Eu sei.

Ele assente, mais para si mesmo. — Você consegue enxergar dele?

Minha pálpebra cai e dói para levantá-la. — Um pouco.

Lo assente novamente, mas desta vez, seu olhar é assassino. Ele se vira para Garth. — Vamos prestar queixas de agressão. Você pode ficar aqui com os outros guarda-costas esperando nossos advogados. Quando terminarem, podem nos encontrar no meu

escritório. — Lo está tão confiante, sem indecisão ou necessidade de recorrer ao pai ou a um amigo.

Depois que Garth concorda, caminhamos para os elevadores, e a confiança de Lo nunca desaparece. Eu inspeciono meu rosto na porta brilhante do elevador enquanto esperamos.

Está pior do que eu imaginava. Um vergão vermelho gigante cobre metade do meu rosto. A parte de baixo do meu olho sofreu mais com o impacto. Passo os dedos pelos meus cabelos na altura dos ombros, pelo menos espero que os fios não estejam oleosos hoje.

Você não está uma bagunça total. Veja só.

Lo fica atrás de mim - e pisco para afastar a maioria dos pensamentos que poderiam facilmente se transformar em fantasias sexuais. *Não vá para o mundo da lua.*

Não é como se eu tivesse feito isso há um tempo, mas ainda preciso me lembrar. Ele passa os braços em volta da minha cintura e descansa o queixo no meu ombro. Eu relaxo e encosto em seu peito. — Hummm. — Eu congelo. *Eu fiz esse som em voz alta?*

Lo sussurra na ponta do meu ouvido: — Está tudo bem?

Ele quer dizer sobre sexo. Em situações estressantes, eu me distraio *com* sexo - mas todo mundo já sabe disso agora, a menos que você goste de pular nossas partes tristes.

— Eu acho que estou pensando demais — digo honestamente. Estou agarrando o bíceps dele, basicamente dizendo: *não me solte.*

Ele não me solta.

Mas ele beija minha têmpora e depois se endireita, me segurando com mais força.

O elevador apita e deslizamos para dentro. Ele aperta um dos botões e as portas se fecham, finalmente nos concedendo um pouco de privacidade.

Eu o encaro e seguro no seu cinto novamente. — Eu não consigo acreditar que isso aconteceu... me belisque.

Ele belisca a pele no meu cotovelo.

— Ai. — Eu estremeço e esfrego meu braço. — Por que isso não pode ser um sonho?

— Qual é, Lil. Você não iria querer isso em seu sonho. Não há paus ou orgasmos alucinantes.

Ele está certo. — Você está tão certo.

Seu olhar encontra meu olho inchado novamente. — No próximo episódio de *Nós Somos Calloway*, estou falando sobre esse idiota fodido - vamos ver se ele gosta de ser chamado de atirador-de-pau pelo resto da vida.

O documentário me lembra Daisy e, por cerca de cinco meses, meu primeiro pensamento ligado à minha irmãzinha tem sido *Daisy está viva.*

Meus olhos começam a lacrimejar.

Daisy está viva.

Eu não tinha certeza de que a veria novamente. Ela quase morreu ao dar à luz, e aquele dia no hospital atingiu todos nós como um cometa batendo na Terra. Rose, o pilar da nossa irmandade, estava inconsolável. Eu não conseguia falar. Me lembro de sentir como se alguém tivesse destruído um elo na minha vida. Eu tinha passado meus anos no ensino médio e na faculdade afastando minhas irmãs, e agora eu mal podia funcionar com o pensamento de Daisy sendo arrancada de mim.

Eu pisco para afastar as lágrimas. Antes que Lo perceba meu olhar vidrado, eu expulso os pensamentos sombrios e tento me lembrar do que ele disse. *O documentário*. Até agora, lançamos apenas um episódio de nossa nova série, mas todos os artigos sobre ele foram positivos desde que o episódio foi ao ar. Estamos todos ansiosos para filmar mais em breve.

— Todos os outros fãs foram legais lá fora. — Uma garota começou a chorar quando eu sorri e elogiei seu pôster. Como se meu reconhecimento de sua existência tivesse feito seu ano. Eu nunca pensei que *eu* poderia levar esse nível de felicidade a alguém.

Foi um bom sentimento.

Lo passa o braço pelos meus ombros e vemos os números aumentarem no monitor do elevador. Música de jazz toca suavemente, e minha mente começa a desviar.

Eu pergunto: — Você não vai ter vergonha de me fazer andar pelos seus escritórios, certo?

Lo olha para mim como se eu tivesse crescido antenas.

— Quero dizer — digo rapidamente — é que obviamente fui agredida. — Eu aponto para o meu rosto. — E em alguns minutos, as notícias vão mostrar que foi um pênis que me deu atacou. Sem mencionar, eu sou sua esposa, então todos os seus funcionários vão me ver e pensar *a esposa dele foi agredida por um pênis.*

O elevador para de repente e as portas se abrem. Um homem de quarenta e poucos anos de terno e duas mulheres de vestido casual estão do outro lado. Esperando.

Lo diz mordazmente: — Esse está ocupado. — Ele bate no botão de *fechar as portas* incessantemente e, quando elas se fecham, ele aperta o botão de *parar elevador*.

Meus olhos se arregalam como se *ele* fosse o louco aqui. — Agora eles vão pensar que estamos fazendo sexo no elevador. — O fato de eu ser viciada em sexo é uma parte enorme de mim e não me escondo disso mais. Eu só me importo porque não quero que isso torne mais difícil para Lo ser respeitado por seus colegas. Eu sei que nenhum de nós pode escapar das fofocas, mas eu só quero ser uma força positiva em sua vida.

Enquanto Lo olha para mim e eu olho para Lo, vejo o garotinho que me perseguia pelo salão da minha família. Eu vejo o adolescente que me provocava implacavelmente, que enfiava a língua no meu ouvido. Que beliscava minhas bochechas. Que dizia coisas ruins depois de beber bourbon. Que me segurava quando eu adormecia rapidamente.

Eu vejo meu melhor amigo.

Com suas feições cortantes e olhar penetrante, ele retruca: — Em primeiro lugar, ninguém está pensando *a esposa dele foi agredida por um pênis.*

— Eu estou.

Ele inclina a cabeça. — Você é Lily Hale. Noventa e nove por cento dos seus pensamentos são certificados como originais.

Eu sorrio. — E o outro um por cento?

— É quando você e eu estamos pensando a mesma coisa. — Ele me puxa para seu peito, com as mãos nos meus ombros.

Sua força percorre partes vitais da minha alma, e respiro fundo. Somos muito melhores juntos do que separados. Eu não diria isso

no começo, mas agora é mais verdade do que qualquer outra coisa que eu saiba.

— Em segundo lugar — ele diz com aquela familiaridade em sua voz — você não foi *agredida* por um pênis. Algum idiota de merda jogou em você. E era *falso*.

— Bom ponto. — Eu aceno e depois me encolho. — Mas me sinto meio mal. Tipo, seu pau foi o único a tocar meu rosto por tanto tempo e...

Ele está estreitando os olhos para mim. O tipo de olhar mortal de Loren Hale que poderia murchar jardins antigos e incendiar cidades. — Não, você não me traiu com aquela *coisa*. — Ele faz uma pausa por um segundo e depois coloca a mão no bolso. — Você precisa ligar para a seu terapeuta? Porque se você se sente violada, Lil, isso é outra história.

Eu franzo a testa. *Eu me sinto violada?* — Talvez mais tarde. — A Dra. Banning tem uma maneira de colocar tudo em perspectiva e, após sete anos, ela é uma aliada de confiança. — Acho que eu poderia colocar um saco de ervilhas congeladas nos meus olhos. É isso que você usa quando leva um soco.

Ele usa essa aparência dolorida como se eu estivesse machucada, não apenas fisicamente. — Lil...

— Eu sei que não levei um soco, mas parece mais legal do que falar que tive algo jogado em mim. — Estou lidando com isso do meu jeito, e não é ruim - é apenas o jeito da Lily. A boa notícia: nosso filho está com meus pais agora, então ele não foi atingido no fogo cruzado. É com isso que eu mais me importo.

— Ok. — Lo cede. — Então você levou um soco, mas não vou chamar de pênis.

— Um vibrador?

Ele se encolhe. — Vamos chamar de *coisa*. Não precisamos dar um nome criativo a arma daquele fodido de merda.

Testo em voz alta. — Levei um soco da coisa. — *Eu gosto disso.* — Soa melhor.

— Em terceiro lugar. — *Há uma terceira coisa?* Ele faz uma pausa por um breve momento, seu olhar vagando pelas minhas feições, e então ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Não há absolutamente *nada* que você possa fazer

ou dizer ou *algo* que possa acontecer que me deixe envergonhado de ser seu marido. — Ele balança a cabeça e repete: — Nada.

Eu fungo, tentando conter as lágrimas. Coloco minha mão no meu olho ardente, a dor aumentando. — Não me faça ficar emocional.

— Bem, não seja tão dura consigo mesma.

— Justo. — Sinto o tempo passando agora, principalmente porque as pessoas estão esperando por nós em seu escritório e precisam usar esse elevador. — Estamos bem?

— Ainda não. — Ele se abaixa um pouco e antes que eu processe, seus lábios estão nos meus. O beijo surpresa me sacode, mas quando o choque passa, eu afundo no abraço. Minhas mãos envolvem seus ombros e eu me levanto nas pontas dos dedos dos pés, intensificando o beijo. Meu corpo ansioso se curva contra o dele, e nossas línguas habilmente se misturam.

Ele agarra meus quadris, uma mão grande deslizando para a minha bunda.

Aperte novamente. Minha mente implora.

Em vez disso, ele rapidamente puxa meu corpo ainda mais contra o dele, o beijo se aprofundando. Um gemido fica preso na minha garganta, e eu tremo, o calor crescendo entre nós.

Ele se separa. — Agora estamos bem. — Seus lábios estão um pouco mais rosados e mais inchados.

Toco os meus, ardendo com a força rápida. *Ele só me provoca*.

Olho para Lo avidamente: os fios castanhos caindo em seus olhos, o cabelo mais curto nas laterais, as maçãs do rosto - sim, aquelas maçãs do rosto que vou mencionar daqui até a eternidade. *Você também faria isso se as vissem.*

Não é nem a aparência dele. É o jeito que ele fica olhando para mim enquanto aperta o botão do elevador. É o jeito que o mindinho dele se prende com o meu, apenas por um segundo, antes que ele segure minha mão inteira. É o jeito que ele passou todo esse tempo me dando um apoio moral - quando eu sei que amanhã estarei lá para lhe dar uma, se for necessário.

É o jeito que ele parece outra extremidade de mim mesma. Como uma parte enorme e esmagadora minha.

Já passamos por tantas coisas e posso ver que nossa estrada ainda tem mais buracos, nossa guerra cheia de mais batalhas - mas

estamos finalmente preparados para enfrentá-las.

As portas do elevador se abrem e seguimos em frente.

Prontos para enfrentar mais uma juntos.

[2]

Junho 2018
Escritórios da Hale Co.
Filadélfia

ROSE COBALT

— Eles estão atrasados — anuncio, gelo pingando de cada sílaba.
— Pessoas que chegam atrasadas devem pagar as consequências.
— Giro uma caneta entre os dedos, sentada à cabeceira da mesa em uma sala de conferências da Hale Co.

Connor está sentado do outro lado, a longa mesa nos separando. Sua calma é irritante, como sempre. Certifico-me de lhe enviar olhares abrasadores feitos de fogo e enxofre.

Ele deveria estar preocupado também. Loren é seu melhor amigo, e ele está agora - eu checo meu celular - *quinze minutos* atrasado. Não é como se Lily e Lo chegassem sempre no horário, mas geralmente estão aqui antes do Ryke.

Meu cunhado escolheu a cadeira de couro mais próxima da minha irmã mais nova, ambas no centro da mesa de conferência. Como se declarasse sua neutralidade entre Connor e eu. Eu testaria a lealdade de Daisy, mas sua bebê de olhos arregalados a mantém ocupada. Ela balança a menininha de cinco meses nos braços, tentando fazer Sullivan Minnie Meadows tirar uma soneca após mamar.

Eu amo minha sobrinha, mas ela *não* foi convidada.

Ryke tira o olhar da filha. — Eu preciso perguntar o que é que pagar as fodidas consequências envolve?

— Sacrifício de sangue, provavelmente. — Daisy balança as sobrancelhas; depois, aperta um cobertor amarelo de bebê em volta da Sullivan. O ar condicionado sopra uma corrente violenta de ar frio sobre elas.

Os dutos de ar também reconhecem que os bebês *não podem participar* dessa reunião em particular. Todos concordamos. Deixei Jane, Charlie e Beckett na casa dos nossos pais. Lily fez o mesmo

com Maximoff, então não espero ver meu sobrinho com ela quando chegar.

Daisy deveria seguir o exemplo, mas ela desistiu no último minuto e trouxe a filha para cá. Não tenho certeza se é porque ela não quer deixar Sullivan com nossa mãe ou se ela não quer se separar da sua bebê.

Eu só quero ter certeza de que minha irmã está bem *mentalmente*. Depois do que aconteceu - respiro fundo, minha clavícula sobressaindo do meu vestido vermelho. Eu tento bloquear um momento que me rasgou em pedaços.

Eu quase perdi minha irmã.

Eu cerro com força os dentes e me concentro novamente no tópico em questão. — Envolve a *minha ira*, mas, dependendo do quão atrasado eles estejam, sacrifícios de sangue podem precisar ser implementados.

Connor segura uma xícara fumegante de café. — Como vamos decidir quem vai primeiro? — Ele desafia. — Sua irmã ou Loren?

— Eu tive que tomar decisões mais difíceis na pré-escola. — Eu clico na minha caneta. — Minha irmã será poupada - é claro.

Ele não pisca. Em vez disso, ele bebe seu café com a presunção acumulada em seus profundos olhos azuis. Porque ele está tão presunçoso?

Eu clico na minha caneta com mais força, perfurando um olhar quente entre seus olhos. *A guerra não acabou, Richard. Você não ganhou nada.*

Seus lábios se erguem quando ele pousa sua caneca na mesa. — Seu voto, mais o voto de Daisy contra o meu e o de Ryke - isso é chamado de empate. Você sabe o que é isso, não sabe?

Eu tiro meu cabelo brilhante do ombro. — Não tanto quanto você. Eu *venço* mais do que empato. — Eu digo *venço* com tanta hostilidade que seu pequeno sorriso se transforma em um sorriso ofuscante.

Aff.

Isso não saiu como planejado.

Eu estreito os olhos e gesticulo para Ryke e Daisy. — E eles ainda nem votaram, Richard. Você não pode simplesmente assumir o que eles escolheriam. — Minha cabeça vira para o lado da mesa.

Ryke está focado em alguém que permanece no corredor.

Eu mencionei que todas as salas de reuniões e escritórios têm paredes de vidro? Um jovem empregado está do lado de uma copiadora, a gravata torta e os cabelos alisados com muito gel. Ele faz um trabalho pateticamente terrível de fingir não nos observar.

Eu estalo meus dedos em direção a Ryke até ganhar sua atenção. Leva um segundo para ele perceber sobre o que estamos falando.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Porra, *não*. Eu não vou me envolver nisso.

— Daisy. — Eu levanto meu queixo e empurro meus ombros para trás. — Escolha suas próximas palavras com sabedoria. — *Lealdade de irmãs.*

Ela ajusta a bebê nos braços. — Eu não quero sacrificar ninguém. Não podemos todos hipoteticamente viver? — Ela me oferece o sorriso mais gentil do mundo. Eu amo Daisy por poder expressar suas opiniões, mesmo quando elas diferem das minhas.

Não podemos todos hipoteticamente viver?

Literalmente, eu lutaria por toda a nossa sobrevivência.

Hipoteticamente e figurativamente, não me importo com algumas baixas.

Eu clico na minha caneta. — Se precisarmos.

Sullivan bate os lábios um no outro e depois boceja na palma da mãe. Daisy acaricia sua testa contra a da filha.

É limítrofe nauseante.

Eu não sinto sentimentos confusos ao ver bebês e calor materno. Os bebês são demônios em miniatura.

A minha inclusa.

E eu os amo. Incluindo seus lados negativos: o nariz ranhoso, o choro incessante e a incapacidade de manter conversas intelectuais. Posso não parecer tão afetuosa quanto qualquer uma das minhas irmãs, mas demonstro carinho de maneiras que não envolvem o uso do nariz para fazer cócegas no nariz de um bebê. Eu nunca diria a ela para *não* ser assim. Eu quero que ela seja ela. Assim como eu espero que as pessoas queiram que eu seja eu.

Se alguém disser que meu amor é de alguma forma *menor* que o de outra mãe, então foda-se eles. Ninguém tem ideia do que eu faria

pelos meus pequenos gremlins.

Observo minha irmã murmurar algumas palavras suaves para Sullivan, a bebê finalmente cochilando. Ryke está com o braço apoiado nos ombros de Daisy, seu foco em parte na filha e em parte na esposa. Eu vejo exaustão no rosto dele e no dela, porém mais ainda no da minha irmã. Luas crescentes escuras jazem sob seus olhos.

Coloquei minha caneta na mesa. — Daisy?

— Sim? — Ela mantém a voz baixa, mas encontra o meu olhar.

— Connor e eu ficaríamos felizes em cuidar da bebê sempre que precisarem.

Connor tem o dedo irritante na mandíbula irritante, como se estivesse em uma contemplação *falsa*. Não há nada a contemplar. Daisy e Ryke estão coladas em Sullivan desde que ela nasceu. Cinco meses sem *um* intervalo. Entendo que cada pai é diferente, mas estou preocupada com minha irmã.

Ryke passa a mão pela mandíbula com a barba por fazer e depois gira a cadeira em direção a Connor. — Você ficaria feliz em cuidar da *minha* filha? — Ele está incrédulo.

— Claro — responde Connor. — Sua filha já é mais articulada do que você, então realmente gosto de Sulli mais do que você. — Connor toma um gole de café como se tivesse acabado de professar o clima: *ensolarado com uma chance de vai se foder.*

Ryke mostra o dedo do meio a ele. A abordagem mais direta para um *vai se foder.*

Eles podem agir como inimigos pelo tempo que quiserem, mas aos seus olhos, até eu consigo ver o quanto eles se importam um com o outro. Eu vi o verdadeiro ódio do meu marido. Eu vi o verdadeiro ódio de Ryke. O que eles compartilham nem chega perto de aversão.

Confusão franze as sobrancelhas de Daisy. — …Eu não sei. — Ela pensa mais. — Eu não quero colocar mais estresse em vocês.

Eu bufo. — Ela não me daria nenhum estresse.

— Você já tem três bebês.

Me lembro de como Daisy e Ryke me viram em um ponto mais baixo quando tive Charlie e Beckett. Eu estava reconhecidamente estressada, e a nova mudança me assustou. Eu gosto de ordem,

mas depois que encontrei uma rotina melhor e deleguei mais a Connor, fiquei invencível. Fisicamente e mentalmente, e se eu quisesse abrigar *cem* filhos, poderia fazê-lo com salto alto, batom e vestido.

Eu sou a nevasca furiosa e a porra do fogo selvagem. Não há *nada* que ficará no caminho do que quero e do que alcançarei.

Lembro a Daisy: — E outro bebê dificilmente derrubaria meu mundo. Eu sou uma maldita fortaleza. — Esse fato faz minha irmãzinha sorrir. Aponto minha unha preta fosca para sua bebê. — Você a vestiu com um macacão de cupcake. Como ela poderia causar algum estresse?

Antes que ele fale algo, levanto minha mão em direção a Connor, o silenciando. Eu já vejo o sorriso dele na minha visão periférica e as palavras atrás de seus lábios: *estar vestido com um macacão amarelo claro estampado com cupcake não tem relação com o estresse.* Blá. Blá. Blá.

Estou tentando convencer minha irmãzinha aqui. Não estou tentando ganhar um Quiz Bowl no momento.

Felizmente, Connor retém seu comentário. Em vez disso, ele diz a Daisy: — Se você não quer que nós cuidamos dela, tenho certeza que Lily e Lo...

— Não. — Ryke fecha a porta para essa opção. — Eu não estou colocando nenhum estresse no meu irmão.

— Eles já cuidaram da Jane antes — diz Connor antes que eu possa. Ryke tem dado mais crédito a Lo ultimamente, então eu não entendo por que ele está agindo assim.

— Quando empilharmos uma criança neles, então serão duas, depois três. Eles provavelmente só querem um bebê por um *motivo,* porra. — Ele exala profundamente.

Eu bato com os dedos na mesa. — Você parece mais estressado do que o Loren.

Ryke revira os olhos e resmunga.

— E talvez eles queiram ter outro filho em breve. Eles mencionaram manter a porta aberta para isso. Não ouvimos o contrário... a menos que eles tenham falado com *você* sobre algo diferente. — Eu já fervo com a traição da minha irmã, mas Ryke

olha para mim como se eu estivesse sendo dramática demais sem motivo.

— Não - ninguém me disse nada sobre tentar ter mais filhos. Eu… — ele resmunga de novo e passa a mão pelo cabelo — Eu...

— Eu retiro o que disse — diz Connor — é pior do que conversar com uma criança de cinco meses.

— Vai se foder. — Ryke apoia os cotovelos na mesa. — Olha, a verdade é que... não tem nada a ver com meu irmão ou com vocês dois. Talvez Dais e eu estejamos nos saindo muito bem sem a ajuda de vocês? Todos vocês se saíram bem sem nós.

Connor e eu olhamos um para o outro, o entendimento compartilhado entre nós.

Nesse momento repentino, declaramos anistia e chegamos a um acordo. Estamos muito conscientes do papel deles na vida de nossos filhos. Estávamos todos morando juntos quando Jane nasceu.

Eles brincaram com ela. Cuidaram dela. Eles a abraçaram quando ela estava agitada e encontraram o seu leão perdido. Eles a fizera rir, sorrir e lhe deram muito amor.

Não é que sentimos a necessidade de retribuir. Nós apenas queremos ser uma parte de suas vidas como eles têm sido uma parte da nossa.

— Nós nos saímos bem sem você — Connor concorda com ele. — Mas também saímos melhor com vocês. Assim como Lo e Lily se saem melhor com todos nós, e você e Daisy também. Todos os nossos filhos se beneficiam do amor e apoio da família.

Tradução: *você é minha família, Ryke.*

Eu inspiro o vigor de suas palavras. Connor nunca teve uma família de verdade. Ele tinha uma mãe que propositadamente se distanciou dele, que se recusou a lhe mostrar o *poder* do amor. Connor está reconhecendo o benefício de conexões humanas verdadeiras. Todas as conexões baseadas em amor. Todas as conexões entre nós.

Ryke segura seu olhar, e acho que ele também pode ver o significado da declaração de Connor.

Daisy está com os olhos fixos em sua bebê, as sobrancelhas ainda franzidas em contemplação dolorosa.

Eu não posso segurar minha língua. — É a mamãe? — No começo, até eu hesitei em deixar Jane lá por um longo período de tempo. Lily também. Todas nós tivemos diferentes educações naquela casa, nenhuma perfeita, e não queremos que nossos filhos vivenciem o mesmo que nós.

Mas Samantha Calloway é diferente como avó e mãe. Ela é menos arrogante. Ajuda que ela tenha funcionários para cuidar das crianças. Ela não ficará sobrecarregada com os quatro na casa em Villanova, mas também não os deixamos lá com frequência.

Connor e eu já começamos uma discussão sobre babás. Crescendo, cada um de nós teve um quinhão de experiências ruins com elas. Ainda estou com um pé atrás em relação a essa opção, mas parece inevitável. Precisamos estabelecer limites para que a babá seja mais como uma babá e menos como uma mãe de aluguel.

Confiança também é um fator importante.

Muito suavemente, Daisy diz: — Não é mamãe. Vou deixar Sulli lá por um dia. Eu vou. Mas, eu apenas não estou... pronta. — Lágrimas inundam seus olhos cansados, e ela os aperta, sufocando um som estrangulado.

Ryke esfrega os seus ombros e sussurra em seu ouvido.

Eu imediatamente me levanto ao mesmo tempo que Connor - *ugh, tanto faz.* Normalmente não vou *na direção* das lágrimas, mas essa é minha irmã. Eu ando até o seu lado da mesa de conferência.

Connor já se aproximou também, e nós dois sentamos em ambos os lados de Ryke e Daisy. Em nosso silêncio compartilhado, realizações cruas se agarram ao ar. Estávamos bem ao lado deles em sua longa jornada para ter uma filha. Nós éramos suas redes de segurança - algo em que eles poderiam confiar se *tudo* falhasse.

Não queríamos pegá-los, mas os assistimos lutar. E eles lutaram, por tanto tempo e com tanto esforço, para trazer a filha para esse mundo. Por um momento, pareceu uma impossibilidade real. Então pareceu que talvez minha irmãzinha não iria sobreviver.

Ela não iria ouvir as primeiras palavras da filha, nem ver seus primeiros passos, nem a abraçar.

Não finjo conhecer essa dor. Não pude *sentir* o que ela sentiu, mas conheço minha irmã. Eu conheço sua bondade e amor e o

quanto ela queria essa garotinha em seus braços.

Então é natural que ela não queira se separar.

Daisy abaixa a cabeça, seu cabelo loiro emaranhado escondendo seu olhar aguado. Os fios estão tão selvagens quanto minha irmã mais nova. Ryke desliza o polegar sobre o nariz de Sullivan, e a bebê suspira antes de cair em um sono profundo.

— Ela é linda — eu digo na minha voz mais baixa. Meu coração está *cheio* desse sentimento indiscernível e avassalador - porque essa criança é muito da minha irmã e Ryke.

Eu percebo que não estou melhorando a situação, especialmente quando Connor sussurra para mim, *o que foi isso?*

Pressiono meus lábios em uma linha agravada e depois bufo, sabendo o que preciso dizer. — E essa coisa linda *não* foi convidada hoje.

A mandíbula de Ryke flexiona.

Mais calmamente, Connor diz: — Se vocês a deixarem ir, apenas por uma tarde, ela não desaparecerá deste mundo. Eu prometo a vocês isso.

Ryke abaixa a cabeça para olhar para Daisy, por trás de sua cascata de cabelos. Ele sussurra para ela e depois beija sua bochecha. Quando ele levanta a cabeça mais uma vez, ele acena para Connor como se ele entendesse.

Não tenho certeza se Daisy já está lá.

Coloco minha mão na dela. — Estou *sempre* aqui para você. Isso nunca vai mudar. — Eu já expressei esse sentimento muitas vezes antes.

Seus ombros abaixam em exaustão. Ela enxuga os olhos e depois se vira para mim, com a cicatriz avermelhada na bochecha. — Só não quero perder nenhum momento. Nós recebemos esse presente, e eu não consigo... — Ela rosna baixinho enquanto mais lágrimas caem. Ela as esfrega rapidamente antes de caírem em sua bebê adormecida.

— Eu não posso dizer que você não vai perder nenhum momento, porque você vai — digo honestamente. — Talvez você não veja a primeira vez que ela irá cuspir a comida ou a vez em que ela irá cair de bunda no chão, mas você sabe o que é ridículo sobre crianças? Elas fazem essas coisas dolorosamente bonitas e estúpidas o

tempo *todo*. — Ajudo a escovar o limpar das lágrimas da sua bochecha. Ela acena para mim novamente. — Então você irá perder alguns momentos, mas terá mais um *milhão* para compensar isso.

O que não é um sonho: minha irmã tem problemas de sono, TEPT e depressão. Tudo que eu quero é que ela seja saudável. Ryke também. Connor também. Lily e Lo também.

Ela só precisa nos deixar *ajudá-la*.

Daisy tira o cabelo do rosto. Suavemente, ela diz: — Ok.

Trocamos *eu te amo*, e então me distraio com os dois caras, com as cadeiras voltadas uma para o outro. Eu acho que Connor pergunta a Ryke algo baixinho. Ou talvez seja o contrário. Eles falam em voz baixa.

Não pretendo imaginar ou me importar com o que eles compartilham. Embora eu meio que já me importe. Não é sempre que esses dois sussurram juntos, não sem Loren presente.

Eu limpo minha garganta alto até chamar a atenção deles. — O que foi?

Ryke e Connor olham para Daisy como se a estivessem protegendo de estilhaços e tiros. Isso é um absurdo.

— Ela pode lidar com suas críticas.

— Não é a porra de uma crítica — Ryke retruca.

Eu cruzo meus braços. — Eu não estava tentando ser precisa. Eu só queria que você falasse, o que foi um sucesso.

— Um sucesso parcial, querida — Connor diz. — Eu não tinha dito nada ainda.

Eu finjo gorfar. — Seu ego é revoltante.

Ele não pode conter seu sorriso estúpido. Eu me pego olhando demais para seus lábios, então me concentro novamente em Ryke. — Então sobre o que vocês estavam fofocando?

— Sexo.

Eu reviro meus olhos. — Típico. — Embora eu não mencione como minhas irmãs e eu conversamos sobre sexo com frequência. Não é apenas uma coisa de cara.

Enquanto Sullivan se mexe novamente, Daisy a balança um pouco mais. — Você pode cuidar dela nesse sábado? Só por algumas horas?

Meu coração incha. — Eu adoraria. Vou te salvar de todos os choros do mal.

Daisy arfa de brincadeira. — Você acabou de chamar minha bebê de mal?

— O *choro* dela — refuto. — Isso só a torna um pouco mal.

Daisy abre um sorriso mais amplo. O que quer que minhas irmãs precisem, eu estarei lá mais rápido que o maldito papa-léguas.

Eu estremeço quando a porta finalmente se abre.

Já era hora. Loren passa pela porta com Lily ao seu lado. Franzo a testa profundamente. Por que ela está protegendo metade do rosto com a mão?

Loren sussurra em seu ouvido, e eles se separam para se sentarem nas cabeceiras da mesa agora vagas.

— O que está acontecendo? — Minha voz dispara uma oitava. Eu me levanto nos meus saltos pretos de dez centímetros.

— Parece que Lily e eu destronamos você e seu marido. — Ele balança a cabeça para Connor. — Obrigado por manter isso quente para mim, amor. — Ele até toma um gole do café de Connor.

O rosto do meu marido está ilegível e focado principalmente em Lily. Ele até pega o celular. Ryke está a segundos de se colocar em posição.

— Não se trata de atribuições de assentos — respondo. — Mas vamos deixar claro, Connor e eu sempre sentamos à cabeceira da mesa. — Eu bato nele para sair.

Loren me dá um olhar seco . — Tenha cuidado, rainha Rose, você pode quebrar uma garra.

Eu rosno e depois recolho meus pensamentos. *Ele está te distraindo, Rose*. Do problema real. Minha irmã. Algo está errado com minha irmã.

— Lily? — Eu digo. — O que há de errado…? — Eu paro quando um estagiário entra na sala de conferências com um saco de gelo. Ele o coloca na mesa perto de Lily e depois sai sem dizer uma palavra.

Eu arfo quando Lily deixa cair a mão para pegar o gelo.

— Que porra é essa?! — Ryke grita antes que eu possa.

Ela se atrapalha com o gelo antes de pressioná-lo contra o olho vermelho e inchado, um hematoma esverdeado começando a se

formar. — Eu estou bem! Ninguém enlouqueça.

— Tarde demais — Ryke amaldiçoa, já de pé. Connor também está de pé, digitando rapidamente em seu celular. Com a bebê ainda em seus braços, Daisy leva a cadeira de rodinhas até Lily, ambas trocando algumas palavras calmas.

Viro minha cabeça para Lo. — Alguém a atacou? — É isso. Eu ando em volta da mesa, encontro minha bolsa Chanel em uma cadeira e procuro meu celular.

— Uou - todos parem por um segundo. — Lo tem que gritar mais alto porque não estou parando. — Jesus Cristo, *parem*, pessoal!

Todos nós paramos.

Lo não está mais brincando, seus olhos lançando adagas. — Vocês pararam para pensar que talvez já tenhamos cuidado disso?

Agora eu estou pensando nisso.

— Como? — Pergunta Connor. — Você ligou para advogados?

— *Sim.*

— Você entrou em contato com a polícia?

— *Sim* — ele força. — E vocês nem sabem o que aconteceu ainda.

— Eu levei um soco — diz Lily, e eu tenho que me forçar a ficar parada e não sair pela porta e decapitar o filho da puta. — Por uma coisa.

Franzo a testa, sentindo Connor casualmente deslizando para perto de mim. Eu seguro a parte superior da cadeira com tanta força que minhas unhas deixam marcas no couro.

— Uma *coisa*? — Eu questiono. — Que coisa? — Meu sangue ferve, imaginando humanos vis a socando - alguém tão grotesco que ela nem consegue pronunciar o nome dele. — Eu vou estrangulá-lo — eu digo com desdém. — Então vou retirar os olhos dele, os assar no fogo e *enfiar* novamente na boca dele.

Loren se encolhe. — E eu pensei que minha mente era um inferno.

Ryke passa pela mesa em direção à porta.

Eu ando rapidamente atrás dele, segurando minha bolsa no meu braço como uma arma. *Vamos pegar esse babaca do caralho* - Connor nos bloqueia na porta de vidro.

Ele é o humano mais irritante.

— *Mexa-se*, Richard — eu digo com força.

— Ouça o Lo. Ele disse que cuidou disso.

Eu cruzo meus braços. — Não para minha satisfação.

— O que você acha satisfatório, querida, é ilegal e uma fantasia.

Eu estreito os olhos. — Minhas unhas *rasgando* a garganta dele não serão uma fantasia se você apenas se mover.

— Você está o alimentando os olhos dele ou arrancando a jugular? Você não pode ter os dois.

— Eu posso. Me observe - ou não, Richard. Não ligo para o que você faz, contanto que não fique no meu caminho.

Ryke dá um passo à frente. Connor coloca a mão no peito dele e nos diz: — Vamos remover o assassinato da nossa lista de opções sobre como lidar com essa situação.

Nós dois estamos bravos e irritados. É claro que não *mataríamos* ninguém, mas causaríamos uma tempestade de merda até a justiça ser feita. Em nosso círculo, Lily é um alvo fácil. Ela parece pequena e vulnerável, e sinto que em parte é meu papel protegê-la. Talvez Ryke também se sinta assim.

E nós falhamos.

Ryke aponta furiosamente para a janela com vista para a Filadélfia, as cortinas fechadas. — Eles não podem *atacar* nenhum de nós, porra.

— A segurança está com o cara! — Lo grita. — Eu já disse, já lidei com toda essa merda!

Ryke e eu trocamos um olhar de rendição, e nos afastamos da porta. Sento-me ao lado das minhas irmãs enquanto os caras permanecem em pé do outro lado.

Connor guarda seu celular. — Você está prestando queixa contra ele?

A mandíbula do Lo está tensiona. — Sim, de agressão.

— E então iremos queimar as bolas dele — acrescento.

Lo se esforça para não sorrir. — Infelizmente, o melhor que podemos esperar é que ele receba algumas semanas na prisão.

— Isso cria um precedente — diz Connor. Não conseguimos prestar queixas contra ninguém por causa dos bombardeios de farinha, e essa será a primeira vez que podemos balançar um martelo de ferro. Vai fazer a diferença, mesmo que seja pequena.

Mais perto de Lily, eu inspeciono o olho dela. Ela deixa cair a bolsa de gelo, me deixando dar uma olhada. Está terrível. A pálpebra dela até está ameaçando fechar.

— Eu vou matá-lo — murmuro. Eu não consigo evitar. Sua morte hipotética me faz sentir melhor.

— Se serve de consolo, ele não me deu um soco *de verdade.* — Ela se contorce na cadeira, rubor vermelho subindo em seu pescoço.

O que?

Ryke endurece. — O que diabos isso significa?

Lo se senta novamente. — Isso significa que alguém jogou um vibrador na cara dela.

A sala cai em uma onda pesada de silêncio por dois segundos agonizantes. Só se quebra quando me levanto da cadeira e Ryke se vira para a porta.

— Heyheyhey! — Lily grita para nós, até segurando meu pulso para me parar. — Trio do temperamento quente, parem!

Reviro os olhos, mas me sento.

— Precisamos começar a exibir mais episódios da porra do documentário — diz Ryke bruscamente. — Poderia ter evitado isso.

Nós somos os produtores de *Nós Somos Calloway.*

Nós controlamos tudo. Podemos enquadrar a conversa como gostamos.

Me lembro das manchetes após o primeiro episódio ter ido ao ar:

Daisy Meadows conta sua história inspiradora e comovente. Ela falou sobre o motim em Paris e sobre o crescer como modelo..

Ryke Meadows e seu passado solitário. Ele falou sobre esconder seus laços familiares para proteger a reputação de seu pai.

Lily & Loren abrem o jogo: Relacionamentos & vício em sexo. Eles conversaram, brevemente, como se permitiram quando adolescentes e se aprofundaram em seus vícios.

*Connor & Rose: A Verdade Real por Trás de Princesas da Filadélfia.*Fomos capazes de esclarecer o papel de Scott durante o reality show. Em mais detalhes do que *jamais* pudemos antes.

Essas foram apenas pequenas partes de nossas histórias gerais, mas a narrativa verdadeira reconstruiu nossa humanidade aos olhos do público. As pessoas hesitam em jogar vitríolo e mais pessoas

vêm em nossa defesa, mas lançamos apenas um episódio. Muito mais nos ajudará. Nós só temos um problema para resolver antes de continuar. É por isso que nos reunimos nesse escritório.

Determinar se nossos filhos serão ou não envolvidos no documentário.

< 3 >

Junho 2018
Escritórios da Hale Co.
Filadélfia

RYKE MEADOWS

— O que decidirmos moldará inevitavelmente a vida de nossos filhos. Para o bem ou para o mal, não podemos prever, mas todos temos que fazer escolhas. — Connor se inclina para a frente em sua cadeira de couro após sua declaração ameaçadora pra caralho.

De alguma forma, acabei de um lado da mesa de reuniões com ele e meu irmão, e Lo sentado entre nós. Essa é uma questão de casal versus casal, mas nós terminamos com as meninas à nossa frente. Lily entre elas.

Me inclino parcialmente sobre a mesa, minha bota no assento de uma cadeira. Pego um tablóide, mais dessas revistas espalhadas na frente de todos. Rose simplesmente as tirou da bolsa como “um exemplo do que estamos lidando” - e ninguém ficou surpreso por ela ter trazido *exemplos* para uma reunião.

Examino algumas e noto fotos da Lily e do Lo em quase toda fodida revista.

A Barriga de bebê da Lily! alguns dizem falsamente, impressos há alguns meses atrás. Alguns não são horríveis ou imprecisos. *“Eu estou mais forte agora”. A história não contada de Lily sobre o vício, a família e os holofotes.* Verifico a data e deslizo a revista para Daisy.

Ela espia a manchete com as duas irmãs.

— Isso foi publicado ontem. — É mais uma prova de que o documentário está ajudando a espalhar verdades. Daisy sorri instantaneamente ao ver um artigo positivo sobre Lily.

Lo se inclina na cadeira e gira de um lado para o outro. — A questão é que todos nós fomos capazes de crescer sem a mídia. *Isso*... — ele gesticula para os tablóides -— não aconteceu até termos vinte anos.

— Eu tinha dezesseis — Daisy lembra.

Lo para de girar, trancando os olhos com minha esposa, uma garota que ele conhecia desde que ela era uma criança pequena. — Sim. Você tinha dezesseis anos. E você estava *perfeitamente* bem antes da mídia entrar nas nossas vidas. — A culpa começa a esmagar suas feições e sua luta contra ela, sobrancelhas franzidas, maçãs do rosto como facas.

Isso mata todas as minhas fodidas partes.

— Lo — eu começo, mas então Daisy fala por si mesma.

— Eu não era perfeita nem mesmo *ok* antes da mídia. Eu estava triste o tempo todo... e modelar era terrível. Uma das minhas teorias já se provou verdadeira, então você não pode tentar mudar isso, Lo.

Ele para de apertar o braço da cadeira. — Que teoria?

— Que mesmo se a mídia nunca tivesse focado em nós, eu ainda teria ido à Paris Fashion Week sozinha. Ainda haveria o motim. Eu ainda enfrentaria o mesmo trauma que enfrento agora - mas poderia ter sido pior. Porque eu poderia nunca ter virado amiga do Ryke na época. — Seus olhos voam para os meus, magoados com a ideia. Sinto meu peito desabar. Olhando de volta para o Lo, ela diz: — E se ele não tivesse ido para Paris, eu poderia ter morrido naquela noite.

Foda-se esse cenário.

Rose interrompe: — Graças a Deus isso não aconteceu.

— Não vamos dar a Deus o crédito de outra pessoa — acrescenta Connor, incapaz de dizer *o crédito do Ryke*. Eu reviro meus olhos.

Lo se senta mais para a frente, cotovelos nos tablóides. — Você pode pensar que eu esqueço sobre você, Daisy, mas eu não esqueço - eu não esqueço faz um bom tempo. Eu *lembro* de como a mídia te perseguiu.

— Minhas amigas me perseguiram — diz ela fortemente. — E quem sabe, talvez ainda continuassem me perseguindo, mesmo sem a mídia divulgando rumores. Talvez elas escolheriam outro motivo para vir até mim. Não acho que devemos considerar minha vida um padrão para o que nossos filhos podem passar. Mamãe estava alheia à minha saúde mental, e não é como se nós fossemos forçar nossos filhos a fazerem algo que eles não fariam.

Lily assente repetidamente, mais em paz com sua irmãzinha do que jamais esteve. Anos de remorso enterrados. Daisy até troca um sorriso com Lily. Estou orgulhoso pra caralho dessas duas.

— Muito bem dito — Rose diz a Daisy enquanto faz *anotações* em um bloco de notas.

Lo percebe. — Você está planejando dar uma prova depois disso?

Rose lança um olhar gelado para ele. — Não vou me desculpar por ser organizada quando a vida dos nossos filhos estão em jogo.

— Pelo amor de Deus — murmuro — você e seu marido estão agindo como se estivéssemos apostando contra a porra do apocalipse.

— Talvez estejamos. — Ela faz uma linha com a caneta e eu a vejo escrever em letra cursiva: *Ryke não está preocupado.*

Que porra de anotação é essa?

Lo gira na cadeira novamente. — Como eu estava dizendo antes - podemos ter sido criados *fora* dos holofotes, mas nossos filhos nunca terão a chance de viver esse tipo de vida. Não importa se continuamos o documentário ou não, eles crescerão aos olhos do público.

Em um momento tranquilo, o único som que vem é do ar condicionado. Eu observo minha filha, tão pequena e frágil, dormindo continuamente nos braços de Daisy. Eu odeio a idéia de tirar algo de Sulli, mas eu entendi que trazê-la para o nosso mundo significava que ela instantaneamente perderia sua privacidade.

Ela nunca vai crescer como qualquer outra criança.

Ontem, Daisy e eu colocamos o carrinho dela no meu carro, para que pudéssemos passear em um parque. Nem trinta segundos fora do condomínio fechado e fomos perseguidos por paparazzi.

Tentar passar despercebido é uma batalha que não tem fim, mas ainda temos que decidir se queremos ou não levar nossos filhos para a tela. Daisy e eu conversamos profundamente sobre as consequências e as vantagens. E posso admitir: existem muitas fodidas variáveis para resolver.

Não estou acostumado a olhar a vida dessa maneira. Tentando prever o melhor curso com a menor quantidade de repercussão. Isso é coisa do Connor Cobalt. E talvez eu queira a opinião dele.

Não, eu sei que quero.

É por isso que estamos todos aqui. Para conversar.

Hale Co. era o local mais conveniente. Mais advogados estão chegando para que possamos assinar uma emenda para o documentário. Uma emenda que eles escreverão. Uma emenda sobre nossos filhos. E não queremos estranhos em nossas casas apenas para assinar alguns papéis.

Quem deixamos entrar em nossas fodidas casas? Pessoas que investigamos por pelo menos uma semana ou duas - como a equipe de três pessoas que filma o documentário. Confiamos neles porque entrevistamos todos pessoalmente. Lo os interrogou, e eles ainda passaram.

Como medida de precaução, também temos câmeras de segurança nas três casas.

Pego outro tablóide falso. *"Eu não estou pronto para isso" A reação de Loren Hale à barriga da Lily!* Eu jogo a revista para o lado e ela desliza para fora da mesa. A verdade é que há uma boa chance de Moffy crescer e ler essas manchetes sobre seus pais. Há uma boa chance de todos os nossos filhos lerem, e não podemos parar isso. Podemos apenas tentar suavizar o que quer que a *Celebrity Crush* e os outros tablóides desejem imprimir.

E nós podemos fazer isso com *Nós Somos Calloway*.

— Então, o que você está dizendo, porra? — Eu pergunto ao meu irmão.

Lo usa um olhar atento e focado. Como se seus pensamentos já tivessem viajado quilômetros e quilômetros através de sua cabeça. — Moffy nunca saberá a diferença entre fama e obscuridade. *Esse* é o normal para ele. — Ele aponta um dedo acusador para os tablóides. — E se surtarmos com cada maldita câmera, cada artigo de tabloide, então o normal dele estará cheio de ansiedade e pânico. Lily e eu - nós não queremos isso para o nosso filho. Queremos que ele se sinta à vontade em público e em torno dos paparazzi. Queremos que ele abrace essa vida porque é a única que ele vai viver.

Eu nunca tinha ouvido meu irmão falar tão apaixonadamente assim sobre algo além da Lily. Eu nunca duvidei de seu amor por seu filho, mas essa porra se apega ao ar entre todos nós agora. E

ele não está fugindo disso, nem se escondendo, nem com vergonha.

Lily levanta a mão, ainda pressionando gelo nos olhos com a outra. — Concordo com o que Lo disse, e queremos que Moffy se acostume a aparecer na televisão, porque ele estando no documentário ou não, eles provavelmente o mostrarão nas notícias de entretenimento.

— Isso é verdade. — Daisy assente. Ela escova o cabelo loiro para trás antes de me dar uma olhada como se dissesse *eles fazem sentido.*

Lily e Lo podem fazer todo o sentido do mundo. Isso não muda o fato de que existem dois gênios certificados nessa mesa da sala de reuniões. Duas pessoas que *definitivamente* vão opinar. Mais cedo ou mais tarde.

Connor pega sua caneca de café. — Eu entendo de onde vocês estão vindo — diz ele. *Como um fodido relógio.* — Mas Rose e eu não nos sentimos confortáveis fazendo esse tipo de escolha para nossos filhos, não quando isso afetará o resto de suas vidas.

— Exatamente — Rose diz e sublinha algumas palavras em suas anotações.

Os olhos verdes de Daisy se transformam em uma confusão mais emaranhada, passando da nossa bebê para nossos amigos e familiares.

Lo repentinamente se afasta da mesa e o olhar que ele dá a Connor - eu nunca, na porra da minha vida, vi Lo lançar um olhar feroz com tanto calor para *ele*. Eu fui o destinatário, muitas vezes, mas nunca Connor.

Ele faz uma pausa, a caneca de café nos lábios, e então a coloca gentilmente na mesa sem tomar um gole.

— Então eu sou o pai de merda por fazer escolhas para o meu filho? — Lo pergunta. — É isso, Connor?

— Eu não disse isso — Connor respira. — Você está me interpretando mal.

— Agora eu sou um estúpido? — Ele retruca com malícia real.

A sala de reuniões se forma com uma tensão espessa. Connor e Lo quase nunca discutem. Meus olhos se voltam para as três garotas, que sussurram baixinho e assistem, sem saber o que fazer.

Connor esconde sua reação, sem expressão. — Você sabe que eu não acho isso.

— Eu sei? — Lo encolhe os ombros. — Eu não sei, Connor.

Eu não vou mentir. Eu costumava desejar isso. Desejar o dia em que Lo ia tratar Connor da mesma forma que me tratava, mas a justiça não me enche. Justiça não levanta meus lábios em um sorriso satisfeito. A verdade é que estou tenso e um peso desconfortável pesa no meu peito.

Qualquer ciúmes que eu já tive da amizade deles desaparece. Agora mesmo. Eu percebo o quão diferente o relacionamento de Connor e Lo é do meu relacionamento com Lo.

Eu posso brigar com Lo.

Eu posso empurrá-lo, puxá-lo e levantá-lo novamente.

Porque eu sou *irmão* dele.

Connor pode principalmente levantá-lo, apoiá-lo, segurá-lo. Ele não pode dar um chute na bunda de Lo para que ele acorde. Eu vejo isso agora. Eu vejo isso mais do que eu já vi.

Impassível novamente, Connor encobre toda emoção, mas ele também não está falando. Ele apenas olha para Lo. E Lo apenas o lança *adagas* com os olhos para ele. Isso me mata.

Toda essa porra me mata.

Porque meu irmão precisa do Connor, e se ele admite ou não, Connor precisa do Lo. Eu poderia falar sem parar sobre isso. Eu poderia traçar as razões pelas quais Lo e Connor *simplesmente funcionam* como amigos. Por que Lo ama Connor por quem ele é: o narcisista egoísta que me deixa louco pra caralho. Por que Connor ama Lo: o alcoólatra, o homem sóbrio, o geek sarcástico - tudo que eu orgulhosamente chamo de meu irmãozinho.

Eu poderia falar sem parar sobre essa porra. Eu poderia, mas não vou. O que eles compartilharam ao longo dos *anos* é evidência suficiente.

Eu costumava ficar chateado com a idéia de ser o “policial malvado” para a rotina de “policial bonzinho” do Connor, mas isso não é algo que eu quero mudar mais.

Eu me intrometo para proteger a amizade deles. Para que não se transforme em outra coisa.

— Fantástico pra caralho — eu resmungo. Estou fazendo algo que não costumo fazer: resolver a tensão remanescente. — Não podemos falar sobre isso sem cagar um no outro?

— Depende do Loren — diz Rose. — Ele é geralmente quem está cagando. — Ela torce a tampa de um batom com isso. Como se ela tivesse contado a todos a data e o horário.

Eu quase dou risada com isso. Daisy ri.

Lo levanta as mãos, prestes a bater palmas, mas depois faz uma pausa. — Não, quer saber? Isso não merece palmas. Diga ao seu marido que ele é um babaca.

— Ele está ciente. — Rose reaplica o batom.

— Eu sou muitas coisas — concorda Connor. Sua atenção e foco nunca deixam o meu irmão. — Mas não estou dizendo que sua decisão faz de você um pai ruim. Nunca pensei nisso, não pelas suas costas, e se eu planejasse dizer na sua cara, seria mais direto.

— Então seja dolorosamente direto comigo agora — diz Lo. — Sem enrolar. Eu aguento.

Connor lambe os lábios. — Você e eu não poderíamos ser mais diferentes, e é em parte por isso que amo você - mas a maneira como eu crio meus filhos será *muito* diferente da maneira como você cria os seus. Isso não faz de você menos que eu, e não torna seus filhos inferiores aos meus.

Lo fica quieto enquanto digere isso.

Lily levanta a mão novamente. — Mas você é um gênio e possivelmente um telepata. Talvez até psíquico, mas isso ainda está para ser confirmado... — A voz dela desaparece quando a antipatia de Connor enche os olhos azuis dele, deixando todos nós vermos. Ela levanta as mãos em defesa. — Quero dizer, você definitivamente *não é* mágico. Essas coisas... não... existem? — Lily mal consegue pronunciar essa fodida última frase.

— Ei — eu interrompo. *Isso é ridículo pra caralho*. — Ele é um gênio no papel, mas isso não significa que as idéias dele sejam as corretas. — Connor e eu passamos quase todo o ano passado entrando em acordo sobre nossas diferenças, e à medida que criamos nossos filhos de maneiras diferentes, nunca percebi o quão difícil isso pode ser para Lo e Lily, que idolatram Connor e sua sabedoria como se ele cagasse ouro.

Eles só querem o melhor para o filho. Eles fariam literalmente qualquer coisa por Moffy.

— Mas Connor sempre faz as escolhas certas — Lily responde suavemente. *Porra*.

— Nem sempre — admite Connor.

A expressão de Rose viaja de choque para um sorriso enorme pra caralho. Provavelmente todos estamos documentando esse momento como histórico: o dia em que Connor Cobalt admite que nem sempre está certo.

— Você está admitindo isso? — Eu pergunto. — Porra, sério? — *Talvez ele tenha mudado.*

Imperturbável, Connor toma um gole de café casualmente. Como se a admissão fosse banal. Meu sorriso desaparece ao ver seu sorriso - pelo amor de Deus.

— Admito que, em raras ocasiões, fiz uma escolha com muito risco e sem recompensa suficiente. Eu não consideraria o caminho errado, mas não o de maior benefício.

Balanço a cabeça algumas vezes. Ele ainda é o mesmo Connor Cobalt, porém é mais tolerável para mim. Eu não sei se é porque eu mudei e estou mais como ele. Ou se nós dois apenas crescemos para nos encontrar no meio.

Lo esfrega a nuca, menos na ofensiva. — Então você vai deixar sua filha de três anos, que não consegue nem escolher roupas combinando, decidir sua posição na mídia?

Rose fecha o batom como se estivesse embainhando uma maldita espada. — Jane tem estilo... — Ela revira os olhos e bufa. — Pode não ser convencional, mas é dela. — Rose enfia o batom na bolsa. — E nós não vamos deixá-la fazer a escolha até que ela tenha pelo menos seis anos. E mesmo assim, se ela disser sim, ela não terá permissão para falar no programa. Continuaremos deixando ela escolher à medida que vai crescendo, e se ela quiser mais envolvimento no programa, ela terá mais envolvimento.

Lily encosta a testa na mesa e geme com Daisy.

— Qual é o maldito problema? — Eu olho entre elas. Também noto a expressão nos olhos do meu irmão. A que diz: *Estou a dois segundos de ir sentar com a Lily.* Só para que ele possa segurá-la.

— Estou confusa — Lily murmura na mesa, ajustando o gelo para que seu rosto esteja esmagado contra ele. Ela é estranha pra caralho.

Então, novamente, Connor também. Rose também.

Todo mundo é um pouco estranho pra caralho.

Daisy pressiona um beijo no nariz da Sulli. — Estou com medo de que façamos a escolha errada.

Nós não vamos.

Eu cresci com um pai que só via às segundas-feiras. Eu cresci com uma mãe que se importava comigo, mas não o suficiente e não da maneira que eu precisava. O fato de amarmos nossa filha a ponto de a colocarmos antes das nossas reputações - é um começo melhor do que eu tive. Isso é *certo*.

Eu não tenho que dizer isso, no entanto.

Rose estala os dedos, chamando a atenção de suas irmãs.

Lily tira o rosto do gelo e da mesa.

— Eu preciso que vocês duas saibam algo. Nós seis — Rose desenha um círculo no ar — todos somos vistos de maneiras diferentes pela mídia. Todos somos pessoas diferentes. Eu nunca imaginei que vocês duas me seguiriam. Admirável, sim. Leal, é claro. Eu amo vocês duas. *Eu morreria por vocês* — Rose enfatiza como uma promessa. — Mas não escolham o meu caminho só porque vocês me acham mais inteligente. Ninguém conhece a sua vida melhor do que vocês. Vocês não precisam do Connor ou de mim para lhe dizer qual direção seguir, mas eu sempre ajudarei vocês.

Lily pondera isso com mais esperança nos olhos. — Somos seguidos por paparazzi mais do que você e o Connor. — Lily e Lo são os mais famosos, e enquanto Connor e Rose podem dar mais opções aos filhos, Moffy estará em todos os fodidos tablóides, provavelmente toda semana.

Connor diz: — Faz sentido que vocês queiram que Maximoff se sinta mais à vontade com a mídia e, se serve de consolo, acho que Jane vai querer estar na frente das câmeras com ele.

Lo faz um esforço para relaxar o olhar em direção a Connor. Ainda está enviando adagas pra caralho, mas se eu posso ver Lo tentando, Connor Cobalt também pode.

Connor sorri em seu próximo gole de café. — Se todos vocês não perceberam isso, eu concordo com a Rose. Apenas no caso de vocês precisarem de outro gênio para pesar.

Lo sorri.

— É, nós não precisamos dessa merda, Cobalt — eu digo com raiva.

Connor levanta sua caneca para mim.

Eu mostro o dedo do meio para ele.

Rose limpa a garganta para Daisy, minha esposa olhando bem além da mesa, quase em transe. Quando Rose estala os dedos para a irmã, Daisy sai do estupor. — O que…?

— No que você está pensando? — Rose pergunta.

Daisy ergue lentamente o olhar para o meu. — E se eles a objetificarem como fizeram comigo, só porque ela é minha filha?

Meus músculos se contraem, mandíbula ficando tensa. Eu estava lá. Eu estava lá quando ela tentou reivindicar o próprio corpo. Para que ela pudesse sentir como seus braços e suas pernas e fodidos quadris pertenciam a *ela* em primeiro lugar, não segundo.

Me despedaça só de imaginar Sullivan perdendo esse pedaço de inocência. Eu desejava, todo maldito dia, que eu pudesse ter mudado isso para Daisy. Que eu pudesse ter feito algo mais em vez de apenas estar lá. Mesmo que só isso tenha sido suficiente na época.

— Eu era a modelo — diz Daisy para mim. — Eu dei a eles permissão para me fotografarem, e talvez eles irão pensar o mesmo sobre ela, só porque ela é nossa... — Ela solta um suspiro tenso, olhando para o teto como se ela fosse dar a resposta que ela quer.

— Ei, amor. — Eu levanto minhas sobrancelhas para ela. — Nós podemos protegê-la dessa porra. Você sabe como começamos?

Ela pensa. Ela está quieta. E então ela assente com mais certeza. — Sim. Não a deixamos ser fotografada. Não a deixamos fazer parte do documentário. É o corpo dela, a imagem dela, e não vou deixá-los agarrá-la como se ela fosse uma *coisa* e não uma pessoa. Não posso.

— Nós não podemos — eu digo. — Estou com você nisso, Calloway. — *Eu estou sempre com você.* No momento, não consigo imaginar alguém sexualizando Sulli. Ela é apenas um bebê. E vou

ter mais dificuldade em imaginar esse pesadelo à medida que ela for crescendo. Como pré-adolescente - *não*. É perturbador pra caralho. Tudo é perturbador pra caralho.

E não acho que Janie terá o mesmo problema. Os Cobalts desempenham o papel da realeza americana. Elegantes. Sofisticados. Janie foi fotografada principalmente para artigos sobre fashion, e nada sobre *ela será modelo?*

Desde que Scott Van Wright foi preso, os vídeos de sexo da Rose e do Connor também são sinônimo de *quebra de consentimento*. As pessoas se fixam nos eventos da Calloway Couture e da Cobalt Inc. e no que Rose está vestindo no Instagram. Não sexo.

Lo gira em sua cadeira, seu humor um pouco melhor. — E é por isso que estou feliz por não ter uma filha.

Ela será uma futura viciada em sexo? Eu ouço a porra da condenação.

O nariz de Lily enruga. — Era você quem queria uma filha!

— Não mais, amor. As pessoas podem mudar de idéia. Acabei de mudar a minha.

Eu bato palmas devagar.

Connor se junta.

Lo aplaude para si mesmo e dá seu meio sorriso habitual.

Rose fica de pé com as palmas das mãos na mesa. — Então, está definido? — Ela pergunta. É quando percebo o grupo de advogados fora do escritório, esperando perto da copiadora com pastas de papel na mão.

Todos nós começamos a assentir, concordando silenciosamente. Nossos filhos serão criados de maneira diferente, e tudo bem. Sinto nossa força juntos, nosso apoio para as escolhas uns dos outros.

Hoje, eu me apaixonei mais profundamente por essas pessoas.

Não importa em que fodida direção seguimos, todos ainda estaremos lá.

[4]

Julho 2018
Propriedade Cobalt
Filadélfia

CONNOR COBALT

Espero do lado de fora da porta do quarto de Jane com o braço encostado na parede. Ouço barulho de louça batendo uma na outra de dentro do quarto. Gentilmente, empurro a porta ainda mais, me concedendo uma visão melhor.

Cadeiras de veludo rosa pálido cercam uma minúscula mesa redonda, xícaras de chá e pires espalhadas sobre jogos americanos florais. Minha filha de três anos anda agilmente por trás dos seus convidados, a maioria dos quais são *inanimados*. O favorito dela: um leão de pelúcia. Sentado na cadeira mais robusta e ornamentada de todas as seis.

Eu nunca brinquei de faz de conta assim.

Não como criança.

Nunca como adulto.

No entanto, sinto meus lábios subirem.

Jane derrama o que parece ser leite em uma xícara de chá. Do outro lado, seus irmãos gêmeos de 11 meses balbuciam de forma inarticulada, mas eles parecem cooperar com a brincadeira. Inspecionando seus pires e jogos americanos com olhos verde-amarelados curiosos.

Com o cabelo em um rabo de cavalo elegante, Rose está curvada entre os dois meninos e enche uma tigela de açúcar com Cheerios. O fogo nunca se apagando do seu olhar.

Meu sorriso se expande dez vezes.

Beckett puxa o vestido preto de sua mãe, um que mal esconde a clavícula, que abraça seu corpo perfeitamente, como uma sobrecapa colocada em um livro de capa dura recém-impresso.

Beckett faz uma pergunta que nenhum de nós seria capaz de entender, mas Rose o olha com compreensão.

— Claro. Irei levar seus pedidos para a anfitriã. — Ela beija o topo da cabeça dele, seus cabelos castanhos muito mais escuros e encaracolados que os de Charlie.

Então Rose esfrega as mãos juntas e as coloca nos quadris, olhando o estado da mesa. Cada conjunto colocado simetricamente e idêntico ao seguinte.

Seu olhar de repente se eleva para o meu.

Eu não me mexo. Eu não me escondo. Quando o olhar dela se estreita no meu, eu apenas sorrio mais. *Olá, Rose.*

Vá para o inferno, Richard, dizem os olhos dela.

Com os ombros rígidos e o queixo erguido, ela caminha em volta da mesa da nossa filha. Mesmo com os saltos silenciosos no tapete, ainda sinto a hostilidade a cada passo proposital.

Ela para, segura a porta como uma arma, e perfura o olhar *mais quente e mais frio* em mim. Rose Calloway Cobalt sempre foi uma série de contradições.

Eu adoro esssa tanto quanto todas as outras. — Rose — eu digo tranquilamente.

Ela não me comprimenta com o perfunctório *Richard* e diz: — Você recebeu *uma* direção e falhou. — Ela rosna ao ver meu sorriso crescente. — Eu disse que *você falhou*, Richard. Fique bravo.

— Estou me divertindo — eu digo com uma voz baixa para que Jane não possa ouvir. — E um sorriso geralmente acompanha minha diversão, não raiva.

Ela bufa, seus ombros caindo e olhos vagando minha camisa social branca e compostura. — Então você se diverte com a tristeza da sua filha. Ela queria te surpreender com o chá, mas você decidiu trapacear e nos *espionar*. — Rose solta a porta, apenas para cruzar os braços. — Eu o puniria por isso.

— Você *me* puniria? — Eu arqueio uma sobrancelha. — Você está lendo fanfics de Coballoway?

Ela revira os olhos dramaticamente. Lily nos enviou links para fanfics baseadas em *Princesas da Filadélfia*. Willow primeiro os enviou para Daisy, depois Daisy os enviou para Lily, e Lily os enviou para todos.

Eu li um pouco de algumas e parei completamente quando me deparei com o título *Amor de Realeza: Scott Van Wright e Rose Van*

Wright. Em defesa da pessoa que escreveu, essa fanfic foi publicada on-line muito antes do Scott ser preso publicamente.

Independentemente disso, sempre que você anexa "Van Wright" à minha esposa, instantaneamente se torna minha fanfic menos favorita.

— Você não acha que eu posso punir você? — Rose fervilha e se inclina para perto, só para dizer com muita seriedade: — Eu cortaria sua língua com uma faca serrilhada e acabaria com você em uma guilhotina enferrujada. — Ela levanta a unha bem cuidada no nível dos meus olhos. — Não se meta comigo ou com meus bebês...

— *Nossos* bebês — eu a corrijo.

Ela me estuda da cabeça aos pés, seu desdém presente apenas para mascarar seu amor. Eu sinto ele em todos os olhares. — Não acredito que permiti que meu DNA se misturasse com o seu e criassem *vários* monstrinhos. O que eu estava pensando?

De pé a olhando de cima, eu estendo o braço, minha mão curvando em torno da dobra de sua cintura. Ela relaxa com o meu toque e seu peito desaba. Eu puxo Rose para mais perto, até que suas pernas estejam roçando nas minhas. Em um sussurro, eu digo: — Você estava pensando “Estou inegavelmente, indiscutivelmente apaixonada pelo homem mais *brilhante* e mais bonito da Te…”

Rose coloca a palma da mão nos meus lábios. — Eu te odeio. — Ela sente meu sorriso crescer sob sua mão e ela rosna, a soltando.

— Você me ama. — Eu estudo seus lábios carnudos, mas principalmente o brilho em seus olhos. Estou prestes a expressar o quanto retribuo esses sentimentos, mas uma criança interrompe abruptamente nossa troca.

— Papai? É você? — Jane pergunta. Tenho uma grande vantagem de altura em relação a Rose, mas me afasto da vista de Jane. Em um segundo rápido, eu vejo seu tutu verde-azulado atrás das pernas delgadas de Rose, e então Rose bate a porta na minha cara.

— Ele ainda está esperando por você — diz Rose à nossa filha, sua voz clara através da madeira. — Você pode apresentá-lo. Ou você pode exilá-lo da festa do chá.

Meus lábios se curvam novamente. *Você adoraria essa opção; não é mesmo, Rose?*

Jane arqueja. — Eu não posso exilar o papai.

Você ouviu isso, Rose? Imagino seu olhar tórrido e o revirar de seus olhos.

— E que tal banimento temporário? — Ela pergunta para Jane.

— Sem banimento. — Aos três anos, suas palavras estão incrivelmente mais fáceis de entender em comparação a Jane de dois ou um ano, mas não é como se ela pronunciasse "banimento" perfeitamente. Está parcialmente confuso, e ela só conhece a palavra porque a usamos antes, como a palavra *exilar*.

Jane também acrescenta: — Papai nunca esteve em uma festa de chá.

Nunca uma com *brinquedos* como convidados, mas Rose não a corrige e nem eu.

— Então é melhor você se apressar e apresentar ele. Mesmo que o papai diga que esperará eternamente por você, ninguém tem a capacidade de ficar em um corredor pela eternidade. — Sua voz é pura geada, mas cada sílaba aquece meu corpo.

— *Apesentando* o papai! — Ela anuncia. — Entra, papai!

Abro a porta com as sobrancelhas levantadas, aplicando surpresa no rosto como uma máscara que já usei antes. Eu estudo seu quarto rosa pálido, sua cama de criança, guarda-roupas e lustre antes de pousar no arranjo da festa do chá e seus ansiosos olhos azuis.

— Tu es de toute beauté, mon cœur. — *Você é maravilhosa, meu coração.*

O rosto de Jane se ilumina e ela toca sua tiara preta de orelha de gato, garantindo que ela esteja no lugar. Então, sem pausa, ela segura minha mão e me leva ainda mais para dentro. Com um sorriso parcial aparecendo, Rose caminha para a cadeira ao lado de Beckett.

Ela me pega olhando e reverte o sorriso para um olhar mortal. Rose sussurra, *guilhotina enferrujada* e faz a mímica do pescoço sendo cortado. Então ela triunfantemente se senta, cruzando os tornozelos.

Eu digo em um sussurro para Rose: — Eu acreditaria mais em suas hipérboles, se elas não envolvessem máquinas do século dezoito.

Rose solta os cabelos e passa os dedos pelos fios. — As guilhotinas ainda eram usadas *muito* depois da Revolução Francesa.

Ela não está errada.

Jane me para perto de duas cadeiras vazias e olha para cima com olhos azuis destemidos. — O que é uma guionina?

Rose se esforça para não rir, pressionando a mão na boca, mas ela acaba bufando.

Não posso esconder meu sorriso. — Guionina não é uma palavra. — O que estou prestes a dizer a seguir faria alguns pais entrarem em pânico ou em chamas. — É *guilhotina* e é um dispositivo usado para execuções.

Ela não tem idéia do que "execução" significa, e antes que ela pergunte, me sento em uma das cadeiras livres.

— Não! — Ela grita e agarra meu braço, então eu levanto.

Rose está encantada com meu passo em falso.

Com naturalidade, Jane diz: — Essa é a cadeira da Sadie.

Eu olho para Rose. — Você sabia que este lugar estava ocupado?

— Sim. — Ela coloca o cabelo sobre um ombro e eu olho a base do pescoço dela. Rose estica a mão e coloca Cheerios nos pires de Charlie e Beckett.

Eu agacho até a altura de Jane. — Sadie não está aqui.

Jane coloca o dedo nos meus lábios. — Nã-não. Sadie está voltando!

Eu pego a mão dela. — Não tão cedo, querida. — Eu não entendo a perda dela. Não consigo entender, não importa quantas vezes eu tente ou de quantas maneiras eu explique para ela *logicamente* o porque Sadie não pode voltar. Minha gata quase arranhou o rosto da Jane, imprevisível e agressiva demais. E se ela acertasse um olho?

Não vou correr esse risco.

Eu criei Sadie como uma gata, mas meu apego a ela é muito *menor* do que meu apego a essas pessoas nesse mesmo cômodo. Me chame de insensível. Me chame de cruel. Me chame de desumano, mas eu a criei para ser independente, para sobreviver

sozinha. E dei a ela um lar com meu terapeuta - isso nem deveria mais ser uma discussão.

Jane se recusa a me ouvir. — Ela está voltando. Essa é a cadeira dela. — Ela aponta um pequeno dedo para o assento. Ela ainda vai mais longe e coloca seu livro de colorir *Gatinhos* em cima, então eu não posso sentar lá. Eu a ouço murmurar, *ela está voltando* mais uma vez.

Fico de pé e me pergunto quando uma criança esquece um gato. Se algum dia ela esquecer. Olho para Rose e seus olhos suavizaram significativamente. Ela sussurra, *entra no jogo*.

Concordo com a cabeça. Ainda esperamos que ela abandone toda a conversa sobre Sadie.

Jane segura a cadeira pesada, tentando puxar a minha. Eu a ajudo e depois me sento. Todas as seis cadeiras estão ocupadas, então pergunto a Jane: — Onde você vai se sentar?

— Vousevi! — Ela fala tudo junto e rapidamente. Entendo que seja *vou servir*. Ela pega seu bule e despeja leite até a borda da minha xícara de chá.

Eu não me sinto bobo ou estranho. Eu nunca me senti.

Estou entretido com a alegria da minha filha.

Quando ela termina de servir, eu digo: — Merci. — *Obrigado*. Eu tomo um gole. — Hmmm. Délicieux. — *Delicioso*.

Ela sorri mais, entendendo francês já que Rose e eu fazemos um esforço para usá-lo em torno dos nossos filhos. Então ela serve seus irmãos. Nós dois estudamos Jane. Esperamos até que ela esteja imersa em outra coisa, e então - no momento perfeito e igual - viramos nossos olhares um para o outro.

Rose leva a cadeira para mais perto da mesa, mais perto de mim, antes de sussurrar: — Sadie foi a primeira amiga dela.

Eu tento sentir empatia, mas estou vazio. — Quem foi sua primeira amiga? Além das suas irmãs.

Rose finge beber chá de uma xícara vazia. — Na pré-escola — ela sussurra — eu tinha uma amiga chamada Amy. Ela se mudou para Maryland pouco antes da primeira série. Fiquei *devastada*. — Ela enfatiza a palavra, como se perder uma amiga aos seis anos fosse sinônimo de um Armagedom.

— Hmm — eu penso.

— Hmm? — Rose diz com tudo. — O que é *hmm*?

— É uma onomatopéia.

Rose abaixa sua xícara de chá na mesa com tanta força que quase *racha*.

— Cuidado, querida.

— Ninguém convidou seus comentários inteligentes para a festa do chá. E *hmm* não é uma onomatopéia. As onomatopéias tem que simbolizar alguma coisa. Como *oink* é referência a um porco. *Hmm não* significa *nada*.

— Se isso te incomoda tanto, claramente significa alguma coisa.

Rose rosna. — Você é irritante.

— Porque eu estou certo, e você odeia quando estou certo.

Inclinando-se ainda mais para a frente, ela sussurra calorosamente: — Porque você torce as coisas até estar certo, o que não é tanto uma dádiva, mas é um borrão de tinta de personagem. — Ela joga partículas de poeira invisíveis para mim.

Eu adoro Rose, tanto que também me inclino mais. — Eu acho que a palavra que você está procurando é *mancha*.

Jane ofega, e nossas cabeças rapidamente se voltam para a nossa filha. Ela tem dificuldades em segurar o bule. Rose, sentada mais perto, pega a tampa antes de cair no tapete.

— Gentilmente — Rose diz. Seu tom ainda é gelado, mas Jane não considera sua mãe intimidadora ou severa.

Na maioria das manhãs, Jane rasteja para colo de Rose e descansa a cabeça no peito da mãe. Rose acaricia o cabelo de Jane e elas folheiam uma revista da Vogue juntas. Jane gosta de escolher suas fotos editoriais favoritas, e Rose depois as recorta e cola em um álbum de recortes.

Quando Rose se concentra em mim novamente, eu digo baixinho: — Ela já deveria ter superado a Sadie.

Rose estreita os olhos. — *Você* já perdeu algo que amava?

Perdi minha mãe, mas não amava Katarina Cobalt da maneira convencional que um filho ama uma mãe. Eu nunca *amei* nada quando criança, exceto meus próprios sucessos. Sempre fui ensinado a não amar. Rose sabe disso.

Tudo o que digo é: — Não podemos trazer Sadie de volta só porque uma criança exigiu.

— Eu sei — concorda Rose — mas também não podemos ser insensíveis.

Inclino minha cabeça. — O que você chama de *insensível* eu chamo de *realista.*

— As crianças não são realistas.

— Eu era.

Rose pergunta enfaticamente: — E como você se saiu graças a isso?

Eu coloco meu cotovelo na mesa. — Visto que sou mais esperto do que noventa e nove ponto nove por cento da população, eu diria que me saí muito bem.

Rose levanta a mão para o meu rosto. — Deixe de lado o seu ego, Richard. — Seu olhar voa para os nossos filhos e depois para Jane, os três distraídos com a festa do chá. Jane murmura baixinho enquanto serve seu leão de pelúcia. Ela dá um tapinha na cabeça dele.

— Você não deixa de lado o jogador mais valioso, Rose.

— Você deixa quando eles *se* dão o título de jogador mais valioso.

— Não é minha culpa que sou o mais hábil em determinar quem deve receber o quê. — Antes que ela comece a referenciar guilhotinas novamente, acrescento: — Você poderia ter sido salva de se sentir *devastada*. Não era necessário e apenas machucou você.

Rose me olha da cabeça à cintura, já que estou parcialmente bloqueado pela mesa. — E qual era a outra opção, Connor? Não ter uma amiga?

— Você ainda poderia ter Amy como amiga. O que estou dizendo é que não havia necessidade de investir em alguém que você sabia que poderia ir embora.

— Eu era uma *criança*. Eu pensei que ela ficaria por perto para sempre.

— Então esse foi seu primeiro erro. — Pego minha xícara vazia e finjo tomar um gole.

Ela finge tomar outra da dela, os olhos penetrando em mim. Rose pressiona os lábios como se estivesse espalhando o batom e depois

diz: — Você não pode envolver as emoções dela em plástico bolha, Connor.

Eu não estou defendendo tirar a infância deles da maneira que minha mãe fez comigo. Eles podem fantasiar sobre o Papai Noel e o coelhinho da Páscoa. Estou até disposto a participar de uma festa com um gato imaginário e um bicho de pelúcia.

— Não é envolver em plástico bolha — eu respondo. — É apenas auto-apreciação no mais alto grau. Sentir-se *tão* importante que ninguém vem antes de você, nem uma amizade, nada, nem uma coisa que possa fazer você sentir pena, rejeição, remorso ou *devastação*.

— Não. — Rose coloca os cotovelos na mesa, me combatendo. — Ela sentirá essas coisas porque *amará* mais do que apenas a si mesma. E ela será melhor do que você era.

Eu estava bem, mas Rose valoriza o amor acima de tudo. Eu nunca valorizei até me apaixonar por ela. Eu sei por que quero salvar Jane disso.

Egoisticamente, não quero ver nossa filha sentir essas emoções, não as que eu poderia ter ajudado a evitar. — Você quer que eu assista um acidente de trem? — Eu pergunto a Rose.

— Vários acidentes de trem — diz Rose fortemente. — E quando ela precisar que você a tire dos destroços...

— Eu estarei lá. — *Se lembra do amor?* Eu tenho que me lembrar *desse* sentimento que me consome, inchando meu peito inteiro. Eu assisto Jane beijar seu leão na bochecha.

Eu tenho que me lembrar que eles precisam de amor tanto quanto eu.

Se lembre do amor.

Charlie acidentalmente bate em seu pires com Cheerios, o virando. O cereal se espalha no tapete, e Charlie explode em lágrimas, chorando a plenos pulmões.

Rose e eu estamos prestes a consolar nosso filho, mas paramos quase que instantaneamente. Beckett saiu da cadeira para ajudar a coletar o cereal seco. E Jane pousa o bule às pressas na mesa.

— Charlie? — O rosto dela está cheio de preocupação. — Não chore, Charlie. — Ela enxuga as lágrimas do irmão com a mão e depois se junta a Beckett para pegar os Cheerios.

Rose e eu tiramos o olhar dos nossos filhos pequenos e nos encaramos, cara a cara, do outro lado da mesinha. Estendo a mão e aperto a dela com ternura, meu polegar roçando os seus nós dos dedos. Eu vejo o amor deles um pelo outro e não quero nada menos.

Ela assente para mim, lendo meu olhar bem o suficiente, e então ela entra em um pensamento profundo. Eu gostaria de poder ouvir a conversa dentro de sua cabeça.

Depois de um longo momento, sussurro: — No que você está pensando?

— Que eu adoraria ter outro monstrinho com você. — Ela revira os olhos para si mesma, mas meu peito já subiu. — Eu sou louca por querer mais estresse.

— Mais felicidade — eu emendo.

— Mais crianças gritando.

—Mais crianças rindo.

Ela pensa por mais um segundo. — Como posso amar tudo igualmente? — Ela pondera. — O *vômito*, as fraldas sujas e as coisas ridículas que eles fazem que acabam sendo cativantes e fofas. — Ela observa Charlie enxugar as lágrimas com um pequeno punho, enquanto Beckett e Jane enchem o pires dele com cereal. — Eu nem acho que iria querer apenas os bons momentos sem os horríveis. Eu pediria por tudo *novamente*. — Rose diz *novamente* como se a gravidez fosse o mesmo que tortura.

Se ela realmente acreditasse nisso - se realmente *sentisse* isso - eu nunca iria querer que ela passasse por isso *novamente*. A saúde e a felicidade de Rose também podem muito bem ser minhas.

— Você ama tudo da mesma forma porque é totalmente e inequivocamente apaixonada por eles. O amor não é uma fraqueza — digo com total certeza.

Ela dá um sorriso muito raro, mas ele aparece por menos tempo que eu gostaria. — Não se trata apenas de querer uma irmã para Jane. Embora eu queira outra garota... mais cedo ou mais tarde. — Ela brilha com a palavra *mais tarde*, como se ela esperasse por esse resultado.

Depois que ela tiver outra garota, concordamos em parar de ter filhos. E ela claramente quer mais.

— Você tem alguma ressalva? — Eu pergunto, minha mão apertando a dela. Não abordei o assunto de ter mais filhos. Eu nunca faço isso depois que Rose dá à luz. É o corpo dela, sua linha do tempo física, e sempre serei respeitoso com seus desejos e necessidades.

— Faz quase um ano desde que os gêmeos nasceram — diz ela. — Eu provavelmente poderia esperar mais um ano, porém eu me recuperei melhor do que eu imaginava… — Seu olhar se volta para Jane, que balança em seu tutu verde-azulado, sua tiara de gato deslizando para trás. — Você está segurando o xixi?

Jane balança a cabeça e tenta consertar a tiara. Eu vejo a culpa e a mentira em seus olhos.

A mãe dela também. Rose aponta para o banheiro. — Vá agora.

— Eu não posso sair, mamãe! — Ela lamenta. — Eu sou a anfiã. — Ela quer dizer *anfitriã*.

Meu sorriso se amplia.

Rose gira mais para encarar Jane. — As anfitriãs têm permissão para usar o banheiro, como *qualquer* outra pessoa. Se alguém, inclusive o Senhor Leão, lhe falar alguma coisa, Mamãe os estripará.

— O que é estri… — Jane perde a noção de seus pensamentos, segurando seu tutu, mexendo mais.

— Vai. — Rose aponta para a porta próxima, ao lado de uma estante branca.

Jane se apressa e fecha a porta atrás dela.

Rose me cativa ao ponto em que ela tem toda a minha atenção. Meus olhos, minha mente, meu coração.

Ela me pega olhando e diz: — O quê? — Suas bochechas coram. — Pare de me olhar assim, Richard.

— Je t'aime. — *Eu te amo*. Me levanto, ando em volta da mesa e me aproximo da minha esposa. Me elevando acima dela, corro minha mão pela base do seu pescoço, até os cabelos.

Uma respiração superficial sai de seus lábios, sua cabeça perto da minha virilha e os olhos no meu cinto. Ela estica o pescoço para olhar para mim. — Eu ainda quero continuar trabalhando durante toda gravidez — Rose me lembra.

Eu não esperava nada menos. Nós dois gostamos da nossa agenda atual e não irá mudar.

Segundas-feira: Estou nos escritórios da Cobalt Inc. na Filadélfia. Rose trabalha em casa e cuida dos nossos filhos.

Terças-feira: Rose está nos escritórios da Hale Co. ou em sua boutique no centro da Filadélfia. Eu trabalho em casa e cuido dos nossos filhos.

Quartas-feiras: nós dois trabalhamos em casa juntos.

Quintas-feiras: uma repetição da segunda-feira

Sexta-feira: uma repetição da terça-feira.

Eventualmente, precisaremos de pelo menos mais um par de mãos confiantes quando não pudermos estar em casa. Ambos concordamos em contratar uma babá no futuro.

Beckett e Charlie balbuciam um para o outro, preenchendo o silêncio, e meu polegar roça o lábio inferior de Rose.

Eu a pegaria nos próximos cinco minutos, se pudesse. Eu a empurraria contra a nossa cama e amarraria suas mãos atrás das costas. Abriria as pernas dela. Encaixaria meu pau profundamente dentro da minha esposa, a foderia com força até que ela ficasse tonta.

Eu uso meu desejo em meus olhos.

Ela cruza as pernas agora. — Quando você era adolescente, alguma vez fantasiou sobre mim? — Seu pescoço fica vermelho, não de vergonha, mas de desejo.

— Sexualmente? — Eu pergunto.

Ela assente.

No momento em que estou prestes a responder, ouço o barulho da descarga e Jane chama: — Papai, não consigo alcançar a pia!

Rose tira minha mão do rosto dela, prestes a se levantar para encontrar o banquinho da Jane.

— Eu vou cuidar dela. — Eu posso simplesmente levantar Jane até a pia. Rose fica sentada enquanto eu vou ao banheiro. Mão na maçaneta, paro e olho para Rose. — Continuaremos isso mais tarde, amor.

Ela concorda com a cabeça, mas não tenho certeza se ela fará a mesma pergunta novamente. Não posso prometer que trarei isso a

tona em breve, mas temos anos para isso. Muitos, *muitos* anos juntos.

{ 5 }

Agosto 2018

O Clube de Golfe

South Hampton, Nova Iorque

LOREN HALE

Quando chegamos ao sétimo buraco no torneio de caridade, Maximoff está acabado. Tédio ocupa seus olhos verde-floresta, ele descansa a bochecha no assento do carrinho de golfe, quase caindo sobre ele.

— Sinto o mesmo — digo a ele, pegando um taco da minha bolsa, meu entusiasmo esgotado.

Não é como se eu tivesse muito no começo. Não como o Connor, que apostou com meu irmão mais velho antes de chegarmos ao primeiro buraco. Não como o Ryke que xinga baixinho a cada tacada, apontando a cabeça de titânio do taco para Connor toda vez que nosso amigo o supera.

Que é 7 vezes em 10.

Mas ninguém deve confundir minha falta de entusiasmo por apatia.

Eu sei que seria fácil - porque, nos meus vinte anos, minha angústia poderia encher um maldito oceano e flutuar uma fodida frota de navios da marinha - mas agora as coisas estão diferentes.

Eu estou diferente por bem ou por mal.

E uma olhada no meu filho de três anos - sua bochecha macia no banco branco, usando Vans minúsculos laranjas, seu cabelo castanho escuro penteado, suas perninhas balançando lamentavelmente e lábios franzidos em um beicinho infantil - é o suficiente.

Independentemente do que vier depois.

Inclino meu ombro no carrinho de golfe e cutuco o pé dele com o meu taco. Moffy levanta a cabeça para mim.

Eu ofego, arregalando os olhos. — Ele está vivo. Jesus Cristo.

Seus grandes olhos tristes podem muito bem dizer: *Estou infeliz, papai.* Eu pensei que apenas uma Lily triste pudesse esmagar meu coração sombrio, mas ver meu filho chateado e abatido quase o aniquila.

Eu tento lembrar que ele só tem três anos de idade. Lily e eu colocamos cenouras cozidas na frente dele, e ele agiu como se tivéssemos o servido intestino de porco. Um dia chato não é o fim do mundo, mas há essa parte de mim - esse lugar pertencente à minha infância com Lily - que *grita* para dar a esse garoto algo melhor que um dia chato, melhor que infeliz. Melhor do que solitário.

Melhor do que o que tínhamos.

Sento-me ao lado dele. Ele não se mexe, mas eu ouço seu suspiro pesado. Apoio o pé no painel do carrinho de golfe e estendo o braço na parte de trás do banco. — O golfe também não é a minha coisa favorita.

Moffy murmura: — Então por que estamos aqui?

Ele faz muitas perguntas, e eu nunca pensei que teria que explicar o mundo a alguém. Especialmente uma criança que digere minhas palavras como se fossem escrituras sagradas. E ele não tem compreensão do sarcasmo.

Pelo pára-brisa, eu assisto Ryke jogar primeiro. Ele se concentra em seu balanço, e Connor fica perto apenas para lhe encher o saco. Ryke mostra o dedo do meio para ele, mas a maioria das outras equipes estão muito à nossa frente para ver. Apenas fotógrafos do eventos ficam atrás, e Ryke não se importa nem um pouco se eles o fotografem mostrando o dedo do meio para o Connor.

Não é como se ele não tivesse feito isso antes.

Reunindo meus pensamentos, me concentro novamente em Moffy. — Estamos aqui porque temos *muita* sorte - você, eu, sua mãe, suas tias e tios - todos temos muitos brinquedos e coisas legais, e separamos um tempo para retribuir. — Poderíamos simplesmente escrever um cheque e não vir, mas aparecer em um evento promove a instituição de caridade também, então fazemos as duas coisas. — Você quer ajudar crianças que podem estar doentes ou que não tenham tantos brinquedos quanto você?

Moffy assente quase instantaneamente, mais rápido do que eu teria quando criança. Ele se endireita, o volante muito alto e longe

de seu pequeno corpo. Ele mexe com seus cadarços. — É... é por isso que as pessoas insetos seguem a gente? Porque nós temos muitos brinquedos?

Pessoas insetos.

Meu estômago dá um nó.

Pessoas insetos - é como Jane e Moffy começaram a chamar os paparazzi, que se escondem atrás de câmeras. Eles vêem as lentes grandes e os flashes ofuscantes como um apêndice, como um nariz ou uma boca, incapazes de detectar um rosto real.

Connor disse que era irônico. Eles nos desumanizam, e nossos filhos estão começando a desumaniza-los.

Moffy aguarda minha resposta.

Eu fico sem saber o que responder por um segundo. Eu nunca me considerei bom com crianças. Eu nunca aspirei ser pai - nunca aspirei ser nada. Mas eu tentei.

Eu tentei muito ser um pai decente. Não. Um *ótimo* pai. Porque é isso o que meu filho merece.

Não posso dizer a verdade a uma criança: *ei, rapazinho, somos famosos porque mamãe é uma herdeira de um império de refrigerantes e alguém contou à imprensa sobre o vício em sexo dela. E fica pior. Esse "alguém" é a mãe do seu tio. Surpresa.*

Eu abaixo meu braço em seus ombros. — Você sabe por que eles nos seguem? — Minha voz está afiada como de costume. Não posso evitar, mas ele escuta atentamente, esperando. E eu digo: — Porque eles *amam* você e amam seus primos e sua mãe. — Toda maldita palavra dói.

Os paparazzi atormentaram Daisy, fizeram com que Lily ficasse com medo de sair de casa e lucraram com mais histórias falsas do que verdadeiras. Mas eu não posso ter meu filho *odiando* com força e do fundo da alma algo que eu sei que sempre estará lá. Se ele acreditar que eles fazem o que fazem por amor, talvez ele não cresça amargo e ressentido.

Geralmente Maximoff fala alto, mas agora ele murmura baixinho novamente: — Queria que a Jane estivesse aqui.

Isso é um torneio de golfe para cavalheiros, o que significa que não pudemos trazer nenhuma das meninas, nem mesmo a filha do Connor. Ninguém ficou mais irado do que Ryke e Rose quando

ouviram a estipulação de gênero. Acho que minha orelha esquerda ainda está zumbindo por causa de seus ataques vulcânicos de raiva.

Juntos, com mais tempo, acredito que eles podem mudar as regras do evento. Essas duas pessoas são impressionantes pra caramba.

Daqui a alguns anos, posso dizer a verdade ao meu filho: *ei, amigo, garotas não eram permitidas porque algum idiota de colarinho branco disse que não podiam.*

No momento, tudo o que digo é: — Eu também, amigo. — Examino a vegetação plana, uma lembrança aparecendo e fazendo meus lábios levantarem um pouco. Eu cutuco o braço dele com o meu. — Sabia que eu e mamãe costumávamos acompanhar nossos pais em viagens de golfe?

Ele se anima. — Sério?

— Sério. Nós éramos apenas um pouco mais velhos que você. — *Cristo, como éramos jovens*. A memória de muito tempo atrás com Lily me dá uma idéia. — Venha aqui. — Pego Maximoff nos braços e o coloco na grama. Eu tenho que amarrar seus sapatos, já que ele desfez os cadarços.

Então eu procuro na minha bolsa de golfe por outro taco. Encontro um mini taco vermelho para crianças. Eu deixei ele arremessar todas as minhas bolas, mas ainda não estamos perto do buraco. Troco meu taco por um com a ponta muito mais curta e depois levo Moffy para longe do carrinho de golfe, o posicionando no gramado verde.

— Tudo bem, rapazinho, aqui está o seu sabre de luz. — Eu me ajoelho na frente do meu filho, ainda mais alto, mas com uma altura muito melhor para ele. — Você segura assim. — Eu seguro o taco como uma fodida espada. — Maximoff Hale, você quer ser um cavaleiro Jedi?

— Sim! — Um sorriso toma conta do seu rosto. Ele salta e tenta bater no meu taco com o dele, seu riso me enchendo inteiro. Ele já viu desenhos animados suficientes de *Guerra nas Estrelas* para saber sobre os Cavaleiros Jedi e sabres de luz.

Eu finjo lutar. — Jesus Cristo, ele vai me desarmar. Stormtroopers?! — Olho por cima do meu ombro, tanto Connor

quanto Ryke nos observando. — Stormtroopers — ofego como se tivesse corrido uns quinze quilômetros. — Temos um Jedi implacável. É melhor vocês atacarem ele. — Eu limpo o suor inexistente da minha testa enquanto Moffy bate seu taco contra o meu.

Connor sorri e Ryke coloca as mãos em volta da boca, gritando: — Pega ele, Moffy!

Que maldito irmão.

Eu amo esse cara.

Pouco tempo depois, Moffy me cutuca no peito com seu taco de plástico e eu caio de costas.

— Ele me pegou — eu ofego. — Ele me pegou.

Moffy pula no meu estômago e eu me encolho de verdade. Ele grita: — Os Cavaleiros Jedi sempre vencem!

Me apoio nos cotovelos e olho para ele. — Como você ficou tão inteligente?

— Mamãe — diz ele com orgulho.

Eu dou risada e ela se transforma em um sorriso, emocionado por um segundo. Simplesmente esmagado com o meu amor por Lily, e ela nem está aqui.

Eu estico meu braço, minha mão em um punho, e Moffy bate os nós dos dedos nos meus. Então eu o pego enquanto fico de pé e o jogo por cima do ombro. Moffy ri, e eu o deslizo para baixo para que ele fique empoleirado na minha cintura. Enquanto eu levo meu filho ao meu irmão, meu celular toca.

Coloco Moffy no chão e verifico meu telefone, dando um passo para trás. Deixo a ligação ir para a caixa postal.

Ryke tira um monte de pinos de suporte de uma bolsa. — Quer me ajudar a colocar essas fodidas bolas nos pinos, rapazinho?

Moffy pula em sua direção e assente com a cabeça loucamente. Quando Ryke se agacha, ele favorece o joelho direito. Uma sombra de uma careta passa rapidamente por seu rosto. Ele pode andar sem muletas, sem mancar, mas às vezes a dor brilha nos olhos.

Eu nem sei a quantidade de dor que permaneceu com ele após o acidente de escalada no ano passado. Só sei que estou egoisticamente feliz por ter meu irmão de volta - aquele que acorda

cedo todos os dias para correr. Aquele que chuta a própria bunda com tanta força quanto chuta a minha.

O mundo seria um lugar ruim pra caralho sem esse cara.

Olho para o meu celular novamente para verificar a chamada perdida e uma nova mensagem de texto. Linhas irritadas enrugam minha testa. *Jesus Cristo*.

Connor se aproxima de mim. — É do trabalho?

— Você quer dizer “do círculo interno do inferno”? Sim, é. — Daniel Perth, um dos membros da diretoria da Hale Co., acabou de enviar uma mensagem: *tive uma reunião com publicitários para o novo xampu orgânico para bebês. Foi bem. Vou te mandar as anotações.*

Ele nem faz parte da equipe de gestão. Não é tarefa dele nem de qualquer membro da diretoria participar desse tipo de reunião.

Connor ajeita casualmente seu já *perfeito* cabelo castanho ondulado. — São as pessoas ou o trabalho em si? — Se ele está preocupado comigo e com o estresse da vida corporativa, ele não demonstra.

— São sempre as pessoas. — Balanço minha cabeça para mim mesmo.

A Halway Comics está cheia de pessoas criativas. Eu trabalho com artistas e escritores para realizar seus sonhos de ver seus quadrinhos impressos. Mas na Hale Co., todo mundo está subindo um em cima do outro para alcançar algum troféu imaginário.

— Eu não sou contra jogar sujo, mas a merda que a diretoria joga em mim é mesquinha. Como “ah, você perdeu aquela reunião importante e significativa? Clarissa não deveria te contar sobre isso?” como se a maldita *estagiária* de relações públicas tivesse que me manter informado.

Eu me controlo para não chutar um pedaço da grama. As chances de que Moffy me copie é grande.

Entendo o que está acontecendo na Hale Co. Quando meu pai deixou o cargo de CEO, os membros da diretoria me viram, a substituição, como uma figura simbólica.

Eles não achavam que eu realmente iria tomar decisões críticas. Eles não achavam que eu realmente iria fazer qualquer coisa. Inicialmente, eles queriam usar meu relacionamento com a Rose -

apenas para colocar seu nome em uma linha de roupas de bebê. Então eles queriam que eu ficasse parado ao lado, mostrando minha beleza e que dissesse *Eu sou Loren Hale*. Sorrindo. E aguentasse os rápidos flashes de uma câmera.

No minuto em que escolhi esse caminho, prometi a mim mesmo que faria melhor que isso, mas não fazia ideia de quão difícil eles seriam. E quanto eu tenho que me lembrar de não desistir dessa porra - porque seria muito fácil deixá-los fazer todo o trabalho por mim.

Às vezes tenho influência, mas não para coisas que impactam a empresa. Eu sou apenas uma voz, e eles não me tratam como a voz que está comandando a marca.

— A diretoria deixará você entrar — garante Connor — isso levará tempo.

— O mesmo tempo que demorou para você, amor? — Eu lanço a ele um meio sorriso.

Uma tarde, Connor me deixou entrar em sua sala de reuniões enquanto eu esperava por ele. A Cobalt Inc. possui várias subsidiárias, incluindo uma empresa que produz tintas e giz de cera. Naquele dia, um membro da diretoria brincou sobre nomear uma cor vermelha queimada de *prostituta suja*, e com uma palavra - uma fodida palavra - Connor fez o membro da diretoria sair da sala, a cabeça baixa de vergonha.

— Saia — ele disse.

Foi tudo o que precisou.

Sou CEO da Hale Co. há apenas três anos. Ele é o CEO da Cobalt Inc. há cinco, mas foi respeitado no minuto em que recebeu o título.

Eu vi.

Connor muda seu taco para a mão esquerda. — Eu nunca disse que somos iguais. *Você* vai precisar de mais tempo, mas eu nunca precisaria de tanto tempo assim.

— Claro que não. — Eu não levo isso muito a sério. É a verdade. Esfrego a parte de trás do meu pescoço e suspiro profundamente. — As coisas são muito mais fáceis para você. — Espero que ele concorde, mas ele usa essa expressão como se eu estivesse ignorando os fatos.

— Passei anos me preparando para assumir a empresa de minha mãe. É o que eu *aspirava* fazer. Também faço as coisas difíceis parecerem fáceis. Ninguém pode fazer o que eu faço, e isso não é culpa sua, apenas uma prova de quão habilidoso eu sou. — *Aí está meu amigo presunçoso.* — Só para você saber, quando eu era CEO interino, a diretoria me tratava como uma criança sentada na mesa dos adultos. Eu tive que conquistá-los também.

Eu me pergunto como ele me vê.

Ele passou a vida inteira querendo ser o chefe de uma corporação. Eu não tinha aspirações. Na verdade, eu rejeitei a idéia repetidamente. No último minuto, lutei pelo cargo, mas eu quase não tive competição. Ainda estou tentando ganhar meu lugar e estou percebendo que talvez eu deva. É a coisa certa.

Connor me ensinou muito. Eu o falaria isso, mas ele definitivamente já sabe.

Eu observo seus cabelos ondulados, ainda perfeitamente penteados, e sua camisa social, todo seu um metro e noventa e cinco de pé, confiante. Eu aceno, mais para mim mesmo. — Em resumo, Connor Cobalt é um deus. Não toque nele.

— Você pode me tocar, amor.

Eu respiro fundo. — Não me dê idéias, amor. Meu objetivo sempre é agradar.

— Algo que compartilhamos. — Ele sorri um sorriso de bilhões de dólares.

Sorrio com ele enquanto voltamos para o meu irmão e filho. Eu guardo meu telefone, sob a nova crença de que pode levar anos para conseguir ser respeitado, mas são anos que vale a pena lutar.

< 6 >

Setembro 2018
Lucky's Diner
Filadélfia

DAISY MEADOWS

— Me manda o link. — Tiro a mostarda de cima do meu pão de hambúrguer. Eu esqueci de pedir *sem mostarda*, mas eu facilmente tiro um pedaço de pão.

Daisy Petunia Meadows: banidora de condimentos residente. Precisa se livrar da sua mostarda? Está tentando afastar aquele molho de raiz forte irritante que você simplesmente não suporta? Ligue para a Daisy. Ela te ajuda.

Eu sorrio e ajusto meus fones de ouvido. Atualmente, estou sentada em uma cabine isolada no Lucky's Diner. Meu laptop está entre o porta-guardanapos e o mini porta-condimentos. Eu já disse a Willow no Skype que ela estava de conchinha entre o ketchup e a maionese.

— Ok, espera um segundo — diz ela. — Vou enviar para você e depois podemos analisar. — Na janela do Skype, Willow se inclina para mais perto, o dedo dançando no próprio teclado. Um pôster de *X-Men*: Apocalipse está colado na parede atrás dela.

Ela está em seu dormitório, em Londres.

Eu nunca questionei a decisão de Willow de ir para a faculdade fora do país. Eu nunca a parei ou a convenci a ficar. Eu sei que o melhor para minha melhor amiga é o que ela quer, e ela queria isso.

Mesmo assim, Ryke e eu tivemos uma conversa bastante profunda sobre meus sentimentos confusos depois que nos despedimos no aeroporto. Demorei um minuto ou dois, mas fui capaz de explicá-los bem o suficiente.

Ryke: *Ela vai voltar, Dais.*

Me: *Sim, mas eu era a melhor amiga dela e, em um ano ou dois, talvez eu não seja mais. E é tão estúpido porque as pessoas fazem amigos o tempo todo, mas ainda parece que estou perdendo algo.*

Ryke: *Ela provavelmente fará outros amigos, mas você não estará perdendo nada quando essa porra acontecer. Você ainda tem uma amiga.*

Ele estava certo.

Ela ainda será *sempre* minha amiga. Não importa o que aconteça em Londres ou o que aconteça na Filadélfia. Nós duas queremos manter nossa amizade viva, e então mantemos. Eu até a trouxe para o Lucky's porque ela estava com saudades da atmosfera. Quando eu girei o computador para obter uma vista panorâmica da lanchonete lotada, basicamente convidei outras pessoas para olharem para mim.

Eu não senti medo. Eu não estava apavorada. Na verdade, eu até sorri. Eu gosto de poder ficar sozinha no Lucky's Diner sem nenhum dos caras ou minhas irmãs. Todos os dias estou me sentindo melhor que o passado.

No entanto, eu fiquei mais tranquila do que Price sobre esse assunto. Meu guarda-costas incrivelmente assertivo e pontual gosta de ser discreto e não criar situações *intensas*. Ele ocupa uma mesa para quatro pessoas a cerca de um metro e meio de distância da minha cabine de canto.

E ninguém se aproximou de mim por causa dele.

Lily criou uma teoria de que ele tem poderes extremos de manipulação mental como o professor Xavier.

Verifico meu e-mail e abro um link para o Tumblr. — Pronto.

— Olhe para a quarta pergunta e me diga se você acha que o Garrison não soa normal. — Willow empurra os óculos de armação preta que escorregam pelo nariz.

O usuário do Tumblr *ryumastersxx* preencheu um questionário. Willow disse que Garrison nunca responde por conta própria. Geralmente ela o marca primeiro, mas dessa vez foi diferente. É também o começo do relacionamento de longa distância deles, e ninguém, nem mesmo Willow e Garrison, estão completamente positivos sobre quanto tempo irão durar.

Nome: *Garrison*

Signo: *Escorpião*

Pego meu hambúrguer. — Eu encontrei algo.

— O que? — Ela estica as mãos como se estivesse se preparando para a notícia cair.

— Seus signos são romanticamente compatíveis, *muito*. — Eu balanço minhas sobrancelhas. *Peixes e Escorpião*. — É ainda mais forte que Peixes e Virgem. — Que é o meu signo e do Ryke.

Willow sorri. — Você deveria estar encontrando sinais *ruins*.

— E deixar todos os bons para trás? — Olho para ela e dou uma grande mordida bagunçada no meu hambúrguer. Com a boca cheia de pão, alface e carne, tento dizer: — Nunca — mas acabo rindo assim que ela começa a rir.

O flash de uma câmera pisca para mim, mas não presto atenção à fonte. Ei, pelo menos eles queriam uma foto minha sorrindo e nenhuma minha toda sombria e quase chorando.

Willow e eu nos recompomos no minuto seguinte e engulo meu hambúrguer com alguns goles de Fizz Life. Ela aponta para a tela do computador, mas parece que está apontando diretamente para mim. — Essa parte é tão ruim.

— Deixa eu ver. — Me concentro novamente no questionário e tomo um gole do meu refrigerante.

Média de horas dormidas: *n sei costumava ser 7-8? É menos, então tanto faz.*

Última Pesquisa no Google: *que horas são em Londres?*

Status de relacionamento: *</3*

Engasgo com meu refrigerante. Ele realmente colocou um coração partido.

— Daisy, é ruim, certo? Você parece assustada.

— Não, não. — Eu controlo minha expressão. — Caras são estranhos. Eles fazem coisas estranhas. Isso pode ser por causa da angústia. Ele sente muita saudades de você e está expressando isso através de um... — *coração partido*. — …Eu não me importaria com isso. Não estou tão longe assim, então não se estresse...

Coloquei meu hambúrguer no prato, tratando isso com mais seriedade. Eu percorro mais do questionário dele.

Irmãos: *três irmãos mais velhos. Fique feliz que eles não são seus irmãos.*

Amor ou luxúria: *luxúria não dói.*

Conheceu uma celebridade: *acho que posso estar me tornando uma…*

Isso é verdade.

No dia em que Willow se tornou legalmente Willow *Hale*, o mundo descobriu que ela não era prima de Lo, mas sim sua irmã. As notícias de celebridades tiveram muito mais interesse em sua vida. Não igual têm com as minhas irmãs, mas o suficiente para que agora prestem atenção no namorado da Willow.

Celebrity Crush escreveu um pequeno artigo intitulado: *O que sabemos sobre Garrison Abbey!* Eles não sabem muito, o que deixou Willow feliz.

— Qual é o consenso? — Willow pergunta.

— Eu acho que ele realmente sente sua falta, e eu não acho que isso significa que ele está pronto para seguir em frente ou esquecer você.

Ela assente algumas vezes. — Eu só quero que ele seja feliz... mas eu quero ele, também.

— Eu sei — digo baixinho.

— Nós fizemos sexo — ela de repente deixa escapar, suas bochechas pálidas.

— Willow Hale — digo com um suspiro, sorrindo largamente. Eu comprimento a tela do meu computador.

Ela timidamente toca na tela do computador em resposta.

— Eu sou a primeira pessoa que você contou?

— Eu quis contar para a Lily, mas continuo enrolando. É só que... — Ela suspira. — Acho que se tornou em um adeus porque... fizemos isso um dia antes de eu deixar a Filadélfia. Eu acho que é por isso que ele está tão chateado.

Eu abaixo minha voz. — Fácil de resolver, não? Apenas faça sexo com ele novamente. Então não parecerá como se fosse a última vez que vocês dois fizeram.

— Estou ainda *mais* assustada. Como isso é possível? — Ela esmaga o rosto em um travesseiro e murmura: — Eu sou tão estranha.

Eu amo tanto a Willow. — Você é totalmente humana, e pode se apegar ao fato incrível de nunca ter dormido com alguém que te

causa calafrios. — Em retrospecto, o nojo desliza pela minha espinha quando me lembro de beijar Julian.

— Pelo menos agora você é mais forte para isso — Willow me lembra. — Você aprendeu sobre o que gosta.

Eu definitivamente aprendi.

Eu gosto de caras que se preocupam emocionalmente comigo.

Eu gosto do meu lobo.

O restaurante de repente fica em silêncio, o que só pode significar uma coisa.

Olho para cima quando Ryke Meadows e Loren Hale atravessam o Lucky's Diner, vindo na minha direção.

Para Willow, eu digo. — Temos companhia na forma do Sr. Rabugento e do Sr. Eu-Esquartejo-Qualquer-Ser-Vivo-Com-Os-Meus-Olhos. Quer ver?

Willow assente, e eu viro meu laptop, a tela voltada para a entrada do restaurante. Ryke e Lo usam calças esportivas e camisetas, manchas de suor delineando seus músculos. Eles provavelmente acabaram de correr há pouco tempo.

Eu narro: — E enquanto os alces vagam lentamente pelo campo, todos os antílopes se animam e admiram seus chifres deleitáveis e corpos robustos. *Oohhh, aahhh*, os antílopes sussurram.

Willow está rindo, sua voz viajando apenas pelos meus fones de ouvido, mas quando seus irmãos se aproximam, eles a veem na tela. Lo é o primeiro a cumprimentar sua irmã.

— Olhe para esse alce tentando acenar — continuo. — Ele levanta o casco e dá um olá caloroso a um estranho dispositivo tecnológico.

Sem rodeios, Lo diz: — Você é muito estranha. — Então ele desliza para o banco à minha esquerda.

Eu ofego. — O alce pode falar! — Giro o computador em direção a Ryke e levanto-o para que fique mais alinhado com o rosto dele. — E aqui está o Sr. Rabugento. Que espécime.

Ryke divertidamente empurra minha testa.

Meu rosto explode em um sorriso poderoso.

Ryke quase sorri também, e ele levanta as sobrancelhas para mim como se dissesse *sobre o que você está falando, Calloway?*

Você.

Estou falando de *você*.

Ryke retrai sua atenção para sua meia-irmã. — Oi, Willow — ele cumprimenta antes de deslizar para o meu lado direito. Eu coloco o laptop na posição original. De frente para mim. Não para o restaurante.

Ryke e Lo se apertam dos meus lados, ambos aparecendo na janela do Skype e capazes de ver Willow claramente. Antes que eles peguem meus fones de ouvido e briguem por eles, desconecto os fones e aumento o volume.

Lo entra rapidamente no modo *Irmãozão*. — O que há de novo? Como está a faculdade? As pessoas são merdinhas aí? — Na verdade, ele faz mais *cinco* perguntas, mas todas têm o mesmo significado.

Você está bem, Willow?

— Ainda estou me acostumando com tudo, mas não é ruim. — Willow encolhe os ombros e abaixa a cabeça, mordendo o lábio. Eu acho que ela está pensando se fala ou não sobre o Garrison.

— Vocês ficaram sabendo que ela encontrou uma loja de quadrinhos lá? — Eu levanto meu hambúrguer para o Ryke, e ele me beija antes de mordê-lo. Ele lambe o polegar e a boca, *porra, mostarda*?

Então talvez "banidora de condimentos" não esteja no meu futuro.

Ryke adora mostarda, mas ele sabe que não é o meu favorito. — Eu não tirei tudo? — Eu sussurro e espio por baixo do pão. *Droga*.

— Não chega nem perto da Superheroes & Scones — diz Willow — mas é bom ter algo parecido por perto. — Ela abraça um travesseiro azul no colo e fica mexendo no babado.

Ryke e Lo a observam por um segundo e depois trocam um olhar preocupado. Passo os menus para eles, tentando distraí-los enquanto Willow decide se os inclui ou não em nossa discussão sobre a Garrison.

— Eles têm um burrito especial hoje — digo a Lo. — Talvez ele faça você se sentir *especial* depois, se entende o que quero dizer. — Eu dou uma cotovelada leve no lado dele.

Um Loren Hale mal-humorado folheia o menu. — Ryke, diga à sua esposa que ela está confundindo burritos especiais com brownies especiais.

Eu ofego. — Há uma diferença?

Ryke bate levemente seu menu de plástico na minha cabeça. Lily chamaria isso de toque de amor.

— Eu preciso de conselhos — Willow diz de repente, capturando instantaneamente a atenção de Ryke e Lo. — Talvez conselho não seja a palavra certa... talvez, tipo, a perspectiva de um cara?

— O que aconteceu? — Lo pergunta bruscamente, pronto para proteger e defender sua irmãzinha.

— Nada de ruim. Bem, é confuso... Daisy? — Ela tem esses olhos suplicantes como se dissesse *por favor, me ajude a explicar isso. Eu sou péssima com palavras.*

Deixa comigo, Willow Hale.

— Garrison preencheu um questionário por conta própria, o que foi um evento raro, e nós duas estamos questionando *o que* as respostas dele realmente significam. — Eu abro o questionário em uma nova janela para eles. — Então, como rapazes, o que vocês acham?

Ryke se inclina para mais perto e aponta para a tela. — Que porra isso deveria ser? — Ah, Ryke. Ele não sabe que o sinal de *menor que* junto com o número três é o símbolo do coração.

— Um coração partido — explico.

— Mas vocês dois ainda estão juntos nessa porra, certo? — Ryke pergunta.

Willow assente. — Sim.

— Então por que caralhos... — ele para de falar quando vê meus olhos arregalados. *Recue um pouco, Ryke*. Ele não é muito informado sobre a linguagem do Tumblr. Duvido que ele tenha entrado no Tumblr mais do que algumas vezes. Ele teria preenchido esse questionário claramente. *Status de relacionamento: Casado.*

O fim.

Lo é, na verdade, quem seria capaz de entender Garrison. Seu olhar mortal permanece forte enquanto ele lê. Ele termina e diz: — Ele está chateado por você não estar por perto. Parece uma reação natural se ele te ama.

Willow diz apressadamente: — Eu fiz sexo com ele um dia antes de viajar. — Ela esconde o rosto no travesseiro e murmura outra coisa.

Ryke sussurra para mim: — A primeira vez dela?

Concordo com a cabeça e Ryke esfrega sua têmpora e mandíbula antes de virar para Lo.

Lo está congelado, com a mão cobrindo parcialmente a boca. Ambos se inclinam contra a cabine e sussurram, literalmente, nas minhas costas.

Pergunto a Willow: — O que você falou depois?

Ela tira o travesseiro da boca, mas não os olhos. — Acho que ele está chateado por causa disso.

— Ei — digo aos dois — parem, vocês. Ela está bem aqui e não precisava contar isso, mas contou e gostaria de algum conselho.

Eles se viram para a tela, mas Willow, que não está mais aparecendo, apontou a câmera do computador para o pôster dos *X-Men*.

— Você usou a porra da proteção? — Ryke pergunta. Suas palavras soam grosseiras, mas sua voz não.

— Sim. — Uma voz soa à distância.

— Foi consensual? — Lo pergunta. Parece que ele está conversando com o jovem e careca Professor Xavier.

— Sim.

Eu me intrometo para aliviar um pouco a tensão: — Então, o que vocês acham? Isso seria suficiente para deixá-lo chateado?

— Eu não colocaria um fodido coração partido no meu status de relacionamento. — Ryke é franco, o que nem sempre é uma coisa boa. — Se os dois soubessem que não se veriam por um tempo e dormissem juntos, eu teria ficado tipo, *olha, essa fodida garota está obviamente me mostrando que eu significo muito para ela.*

— Eu ficaria chateado — conta Lo — mas não *com a* garota, apenas com a maldita situação.

— O que posso fazer para que ele se sinta melhor? — Willow pergunta fora da tela.

— Eu sei que isso é péssimo, mas... você não pode fazer nada, Willow. Você só precisa deixá-lo se acostumar com a coisa de longa distância. Ele vai depois de um tempo.

— E se ele não se acostumar? — Willow pergunta.

Lo retruca: — Então talvez ele não te amava como você pensava.

— Foda-se ele — acrescenta Ryke.

Eu intervenho: — Vamos todos lembrar que gostamos do Garrison. — Ryke e Lo parecem assassinos nesses cenários plausíveis em que Garrison quebra o coração da irmã deles.

Willow coloca a cabeça de volta na frente da câmera. — Obrigada e me desculpem. Não tive a intenção de trazer à tona nada que deixasse vocês desconfortáveis.

Lo e Ryke começam a rir, e Lo é o primeiro a dizer: — Como se isso fosse possível.

Eu já ouvi muitas, muitas histórias antes de entrar em cena. De antes, quando não éramos famosos. Como no momento em que Ryke só ficou parado enquanto Lo estava com a mão dentro das calças da Lily. Ele fez isso para fazer o Ryke correr, mas Ryke não é fácil de assustar ou de deixar desconfortável.

Antes de Willow e eu desligarmos, ela me diz: — Amanhã, mesma hora?

— Sim. Estarei na minha casa com a estrela convidada especial Sullivan Minnie Meadows.

Willow sorri. — Até mais.

Eu desligo o computador enquanto Lo pede o “burrito especial” e Ryke passa a mão pelo meu cabelo. Coloco meu queixo no braço dele com um sorriso crescente.

[7]

Outubro 2018
Propriedade Cobalt
Filadélfia

ROSE COBALT

Essa é uma batalha que pretendo perder.

Tomo um gole da água com gás da minha taça de vinho. Então olho o tabuleiro de xadrez, colocado em nossa cama king-size, o edredom de cetim azul claro embaixo.

Mova sua torre na linha de fogo dele, Rose. Abandone sua cavalaria.

Perder de propósito é doloroso pra caralho. Termino minha água com gás com outro gole de raiva e evito o olhar azul *sagaz* do meu marido. Enquanto dava banho no Charlie e Beckett hoje de manhã, ele usou esse adjetivo em si mesmo. Eu poderia culpar Connor por seu ego, mas sua auto-descrição não é totalmente imprecisa.

Ele é assustadoramente perceptivo em relação a *mim* e ao seu redor, sem parecer excessivamente vigilante.

Como agora, por exemplo. Ao invés de vestir minha negligê preta ou camisola, escolhi uma de suas camisas sociais. A bainha para nas minhas coxas e meus seios empurram o tecido branco, dois botões abertos. Connor ainda não mencionou minha escolha de roupas de dormir, e eu nunca o pego me encarando da cabeça aos pés. Mas tenho certeza de que ele anotou isso mentalmente: *o que Rose está fazendo?*

Não vou simplesmente *contar* a ele. Só vou dar pequenas colheradas, obrigada.

Tento tomar outro gole de água, mas minha taça está vazia.

Meu marido estica o braço e coloca um quarto da sua água com gás no meu copo. Já que estou tentando engravidar, Connor gentilmente se juntou a mim na jornada “sem vinho”. É um inferno, mas um inferno que eu suportaria de novo e de novo só para trazer um pequeno gremlin ao mundo.

Evite os olhos dele.

Eu evito.

E então ele diz: — Você está nervosa.

Olho diretamente para sua estatura e compostura, para sua confiança inabalável. — Estou *pensando* em como derrotá-lo. — Estou pensando, porém mais ainda sobre como entregar a ele uma vitória.

Sem quebrar o contato visual, ele toma um gole de seu copo de vinho.

Ele sabe.

Não, ele não sabe. Ele não pode saber que eu quebrei uma promessa enorme por impulso. Durante todo o dia, tenho tentado descobrir como explicar sutilmente o que fiz, mas continuo sufocando com minha própria traição. Eu bateria a porta na cara dele se ele fizesse o que eu fiz.

Eu respiro fundo e tomo toda a água com gás novamente, até a pequena gota que rola lentamente em minha boca. *Ele não sabe.*

Nós dois no meio da cama, minhas pernas estão para o lado. O cotovelo dele está apoiado casualmente no seu joelho dobrado, apenas vestido com calças de moletom cinza. Enquanto seus abdomens não são horríveis de se olhar, eu na verdade perco o foco vendo as duas babás eletrônicas ao lado dele. Nas telas, vejo Jane em sua cama de criança e Beckett e Charlie em seus berços, nossos filhos dormem às oito horas da noite em seus quartos.

— Precisamos colocar um limite de tempo nas jogadas? — Connor me pergunta. — Pensar não deveria demorar tanto. Para outras pessoas, sim, mas para você e eu? — Ele arqueia uma sobrancelha como se eu tivesse perdido um punhado de células cerebrais em um curto período de tempo.

Eu não perdi. — Eu não preciso de uma estipulação de tempo, Richard.

Coloco meu cabelo brilhante por cima de um ombro e movo minha torre. *Sinto muito por sacrificar você, mas é o melhor*. Depois de terminar, levanto os olhos e Connor está fixado no tabuleiro de xadrez. Seu bispo agora pode capturar minha rainha.

Acho que ele está confuso, mas não tenho certeza.

Sempre jogamos com apostas e deixamos esse jogo em aberto. O vencedor pode fazer o que bem entender, o que é uma aposta

maior do que uma meta limitada. Connor poderia escolher qualquer coisa, e eu estou preparada para isso.

Quanto mais quieto ele permanece, mais rígida eu me torno. Sento-me tão ereta que meu pescoço e ombros doem. Aperto os joelhos que estão colados um no outro e meu coração bate violentamente.

Faça o que for necessário, marido.

Connor lentamente ergue o olhar para o meu. — Por que você colocaria sua rainha em risco?

Ela merece ser punida. Eu engulo essa verdade e apenas digo: — Esse movimento se encaixa no meu plano geral.

Connor se estica para colocar seu copo de vinho em uma mesa de cabeceira atrás dele. — Qual é a capital da Noruega?

Eu imaginei que ele me perseguiria mentalmente para encontrar meus verdadeiros motivos, mas eu esqueci de incluir seu domínio na equação. Sua necessidade de estar na frente e no topo - ou no mínimo, ao meu lado. Ele vai me fazer persegui-lo como se fôssemos dois leões lutando na porra do Saara.

Eu não tenho idéia do por que ele de repente trouxe um questionário improvisado para a mesa, mas agora estou tão mentalmente nas pontas dos pés quanto ele. — Oslo — eu respondo. Ele sabe que eu nunca responderia isso errado, então não posso falhar de propósito aqui.

Tente novamente, Richard.

— E a capital da Estônia? — Ele questiona.

— Tallinn. — Eu estreito meus olhos. — C'est tout? — *Isso é tudo?*

Ele derruba minha rainha com seu bispo. — Xeque.

Meu rei está desprotegido. Eu passo os olhos sobre o tabuleiro rapidamente. — Não vejo nenhuma maneira de ganhar. Parabéns. — Minha voz está tão tensa que mal consigo engolir.

— Há *dois* movimentos que você pode fazer, e está me dizendo que não consegue ver nenhum?

— Isso é exatamente o que eu acabei de dizer. — Eu retruco e empurro o tabuleiro de xadrez para ele, peças caindo e se espalhando na nossa cama. — Você pode se gabar disso e aceitar

sua vitória. — Tento parecer irritada com a perda, mas nunca afirmei ser boa em atuar.

— Qual é a capital das Filipinas?

Manila. — Eu não sei — digo apressadamente e depois saio da cama. — Deveria ser o suficiente que você venceu esse jogo. Você não precisa continuar me testando. — Quando me viro e o encaro, congelo.

Ele sabe.

— Você me deixou vencer. Não *há* satisfação nisso. — Ele coloca as peças de xadrez no tabuleiro. — O fato de você pensar que eu acreditaria que *você* abandonou sua rainha não é apenas um insulto à minha inteligência, como também à sua. E você é capaz de falar as capitais em menos de um segundo.

— Você não pode saber sobre meu conhecimento de capitais. — Não acredito que estou subestimando minha inteligência para fazer uma observação.

Eu nunca fiz isso antes.

Connor mantém suas emoções trancadas, e me pergunto se ele está tão consternado quanto eu. Estou tentando convencê-lo de que sou uma gata doméstica brincalhona quando já me posicionei como uma leoa feroz. Aproximo-me da mesa de cabeceira e ouço sua resposta calma.

— Na Faust, Matthew Wellington disse que te desafiou com capitais em troca de um beijo.

Eu engasgo com a memória. — Ele *te disse* isso?

— Ele disse a todos do Whitman Hall. — *Whitman Hall*. O nome do dormitório no internato do Connor. Haviam quatro Halls, todos com nomes de poetas. Me encontro encantada com os fatos, vazia de emoções para não desmoronar aos pés do meu marido.

Você quebrou uma promessa, Rose.

Eu nunca tive que me desculpar por algo assim, e pensei em começar minha penitência aumentando seu ego com uma vitória ou duas. Não pretendo que ele pegue leve comigo, porque não gostaria que ele fizesse isso. Mereço ser varrida pelos desastres naturais que produzo.

É justo.

Eu cuidadosamente vasculho a gaveta da minha mesa de cabeceira. — Matthew Wellington era uma pequeno patife. — Eu tinha quinze anos e *nunca* daria meu primeiro beijo a ele. Eu tinha certeza de que venceria aquela aposta porque, como Connor observou, eu sei dizer cada capital em menos de um segundo.

Se eu vencesse, eu poderia pegar os óculos de sol da Gucci dele. Naquele fim de semana na conferência de Modelos da ONU, eu usei seus óculos de sol toda vez que o via. Apenas para esfregar na cara dele.

— Eu ainda tenho os óculos de sol de Matthew — noto com orgulho.

— Você quer dizer os óculos de sol que ele disse a todos que te *emprestou*, e você estava tão "enamorada" por ele que os usou por toda a conferência? Esses óculos de sol?

Eu ofego, meus olhos ardendo de raiva. — *O que*? — Aparentemente, Matthew não era apenas um patife. Ele também era um idiota. — Você acabou com essa mentira?

Connor mantém minha rainha entre os dedos. — Eu chamei a atenção dele por distorcer os fatos, mas ainda não conseguia acreditar que você jogaria com *Matthew Wellington* por um beijo.

— Porque você esperava que eu jogasse esses jogos com você? — Eu questiono.

Connor não nega isso. — Você odiava os meninos da Faust, e eu queria ser o que você mais odiava.

Tradução: *eu queria estar sempre em sua mente.*

Eu luto contra um sorriso crescente. — Você conseguiu.

Connor sorri. — Eu sei.

Reviro os olhos dramaticamente e continuo minha busca pela gaveta. Agora que ele sabe que eu o deixei vencer, não posso mais esconder minha traição. Encontro minha faca de autodefesa, o cabo vermelho-sangue. Eu rapidamente a coloco ao lado do tabuleiro de xadrez, mais próximo do Connor, e depois recupero meu lugar na cama.

Ele não parece surpreso ou como alguém que acabou de ser entregue uma arma.

Ele pega a faca. — Explique.

— Você pode me apunhalar nas costas como eu apunhalei você. — Meu nariz arde, reprimindo um ataque de culpa e arrependimento.

Connor esfrega os lábios, mas não sei dizer se ele já juntou alguma coisa.

— Eu mereço punição. — Pronto, eu coloquei para fora. Amarro meu cabelo em um rabo de cavalo, pronta para o que ele quiser distribuir.

— Nós já passamos por isso, Rose — diz ele com calma. — Eu nunca machucaria você, nem mesmo *hipoteticamente.*

— Nem mesmo se eu te traísse? — Eu testo.

— Você não me traiu. — Seu tom é realista. Como se, em nenhum campo de possibilidades, esse cenário existe. Também não consigo imaginar nem colocar um dedo mindinho nessa direção. Estou tão tragicamente apaixonada por ele. A ponto de quebrar uma promessa *simples* faz meu estômago revirar. E não é nem um pouco tão catastrófica quanto a infidelidade.

Connor fica de pé, com a faca na mão.

— Nem mesmo se eu tivesse colado em uma prova? — Tento novamente, observando ele e sua postura suprema.

— Eu pensaria menos de você porque sei que você é melhor que isso.

— Então você deve pensar menos de mim agora. — Eu lanço um olhar para o teto. *Apenas diga, Rose. Solte esse seu passo em falso impulsivo para o mundo.*

Connor fala antes de mim. — Porque você foi ao médico sem mim?

Ele definitivamente sabe.

Connor segura meu tornozelo, me deslizando para a beira da cama até minhas pernas caírem. Ele fica em pé, se elevando sobre mim. — Porque fizemos a promessa de que iríamos juntos? — Ele chuta meus tornozelos, abrindo minhas pernas.

Olho a faca na mão dele.

Nem um segundo depois, ele coloca minha faca de volta na gaveta, como se dissesse: *nunca vou te machucar*. E então ele se vira para mim.

— Eu não pensaria menos de você por causa disso. — Ele se aproxima. — Porque eu sei quem você é. Porque sei exatamente o motivo pelo qual você quebraria nossa promessa hoje e por que não conseguia esperar mais do que uma noite para confessar.

Eu respiro superficialmente.

Connor pressiona a mão no meu esterno, e sigo a força da sua palma. Até minhas costas encontrarem o edredom macio. — Porque você é impetuosa. — Ele levanta meus braços acima da minha cabeça, cruzando meus pulsos. — Porque você vê nossas promessas como votos de amor e morte. — *Eu vejo*. — Porque você sente que quebrou algo que é inquebrável.

Eu tremo, frio varrendo meus braços e pernas.

Ele coloca algo em minhas mãos e fecha meus dedos sobre. Uma peça de xadrez.

Minha rainha.

Connor paira sobre o meu corpo, com as mãos de cada lado meu, seus lábios apenas a centímetros dos meus. Minhas pernas dobram em torno de sua cintura, minha pele nua começa a esquentar.

Muito profundamente e muito baixo, ele diz: — Se você fosse outra coisa senão um fogo tórrido, não seria a mulher que eu passei a admirar e amar. Eu entendo suas razões. Eu as respeito e as adoro porque elas pertencem a você.

Eu inspiro bruscamente, minhas costas arqueando e corpo subindo contra o dele. Ele solta um suspiro mais profundo, me estudando por um momento, antes de encontrar meus olhos.

Aperto minha rainha com força. Eu a daria a ele novamente, mas não da mesma maneira. Eu a amaria mais de antemão.

— Me deixou louca, não saber se eu estava grávida — explico. — Pensei que só iria entrar e sair e nada mudaria. — Antes de ir, fiz dois testes. Um mostrou um fraco *sim* e o outro um *porra, de jeito nenhum*. Eu me convenci de que o médico diria *você não está grávida.*

Connor não está surpreso. Embora ele nunca realmente aparenta estar. — Prefiro ter esse momento com você do que ter um dia comum com outra pessoa, Rose.

— Eu não vou quebrar outra promessa, então não se acostume com isso — eu digo em um tom mais suave, muito mais suave do

que minha voz habitual. Estou derretendo sob meu marido e suas palavras e garantia de seu amor por mim. A *eu* que pode ser imprevisível, ardente e cheia de contradições e todos os outros traços de personalidade que passei o dia odiando.

Quando tento abaixar meus braços, ele agarra meus pulsos, cimentando minhas mãos onde ele as colocou pela primeira vez. O calor se agita entre minhas pernas, e seu domínio derrama sobre mim.

— Você se lembra de quando escondeu sua gravidez da Jane de mim?

— Sim. — Eu nunca poderia esquecer a minha primeira gravidez e o quão assustada eu estava. Eu era tão teimosa que deixei Connor no escuro por muito mais tempo do que a maioria das pessoas deixariam - embora eu sabia que ele iria descobrir. Eu simplesmente não sabia o que estava acontecendo, e a batalha silenciosa se tornou algo mais íntimo entre nós. Algo que fortaleceu nossa confiança.

Podemos parecer estranhos, mas não vejo esse evento acontecendo de outra maneira.

— Eu nunca tinha sido mais cativado por uma pessoa em toda a minha vida, e isso apenas aumentou minha convicção.

— Que convicção?

Ele lambe os lábios. — Você tem um lugar em meu coração que nunca poderá ser ocupado por ninguém mais.

Eu lanço um olhar penetrante para ele, meus pulsos ainda presos por sua mão. — E eu acreditaria mais em você, se você não tivesse citado *O Palácio de Gelo*, do F. Scott Fitzgerald.

Seu sorriso é ofuscante. — O que eu disse foi real, mesmo que não sejam minhas palavras.

— Tá.

— Só “tá”? Você vai desistir disso tão rapidamente assim, Senhorita Maiores Honras?

Eu quase sorrio para o título que ele usa para mim, como se estivesse me lembrando quem eu sou e por que devo continuar me tratando como a realeza. — Eu tirei algo de você hoje que nunca poderei devolver. — Meu sorriso desaparece completamente.

Diga, Rose.

Então eu digo, e até deitada embaixo dele, minhas palavras parecem minhas. Como uma força da natureza. Como o impulso que cria uma onda. — Estou grávida.

Ele faz um trabalho ruim em esconder o sorriso, o que significa que ele o deixou passar para eu ver.

— Ela disse que provavelmente concebemos em setembro, então estou no começo, mas estou grávida. E ouvi essa notícia *sozinha* no consultório médico, e tudo o que eu queria era que você estivesse ao meu lado. Eu queria que você estivesse lá. — Meus olhos inundam, mas contenho as lágrimas para não transbordarem.

Com a mão livre, Connor segura minha bochecha, o polegar roçando meu lábio inferior. Eu procuro seus profundos olhos azuis enquanto eles iluminam. — Mas estou aqui com você agora, Rose, e qualquer outra coisa parece previsível demais para pertencer a nós.

Tradução: *comum é chato, querida.*

Eu expulso qualquer remorso persistente. *Estou grávida*. Internamente, eu poderia muito bem pertencer às cenas nauseantemente alegres dos filmes da Disney, pássaros cantando enquanto eu giro, afago meu cabelo e canto.

Externamente, sou a Úrsula.

Isso atrai meu marido. Connor me beija... gentilmente. Mais *gentilmente* do que eu jamais gostei. Meu olhar se estreita.

Richard.

Seus lábios caem no meu ouvido. — Você não achou que eu te pegaria profundamente e com força, não é?

Ele vai me punir.

Da melhor maneira.

Eu o encaro. — Eu pensei que você seria um narcisista medíocre com cabelos terríveis. O que você é.

— Medíocre? Cabelos *terríveis*? — Sua mão aperta meus pulsos. *Ai, Deus*. — Você poderia ter escolhido mentiras menos óbvias. — Sua outra mão desaparece na nudez da minha coxa.

— É minha opinião… — Eu suspiro quando ele passa carinhosamente os dedos entre as minhas pernas, minha calcinha rendada obstruindo sua pele da minha pele.

— Abra seus olhos, Rose.

Eles fecharam por conta própria. Assim que eu os abro, ele me puxa ainda mais para a cama e empurra o tabuleiro de lado. Antes que eu foque nos pedaços caídos, ele segura meu rosto tão... *suavemente*. Eu faço uma careta, ansiando por sua força. Eu não sou uma louça frágil.

Eu poderia rasgá-lo membro por membro, se quisesse.

Eu não quero, no entanto. Eu só quero que sua força supere a minha até eu derreter completamente em suas mãos. Ele não vai baixar seu peso corporal em mim, mas ele subiu completamente na cama, sua pélvis encaixada acima da minha.

Connor captura meu olhar escaldante. Seus olhos tão fixos nos meus, ele poderia muito bem estar me fodendo com eles.

I pulse.

Meus lábios se separam.

Ele sussurra um francês suave e tranquilo que eu luto para entender, tonta e iluminada. Eu solto meus pulsos do seu aperto para segurar seu ombro. Rapidamente, ele pega minhas mãos mais uma vez e as estica acima da minha cabeça. Quando tento protestar, Connor as prende, tira a outra mão da minha coxa e a estica para a mesa de cabeceira.

Connor propositadamente *roça* seu pau endurecido contra a minha calcinha.

Meus dedos do pé se enrolam. — Connor...

Eu engasgo com um gemido, meu corpo todo tensionando com excitação.

Sua ereção está delineada em sua calça de moletom, e eu o imagino dentro de mim. *Com força. Profundamente. Áspero*. Não essa merda gentil.

Com um metro e noventa e cinco, ele tem a envergadura dos braços para conseguir alcançar à mesa de cabeceira e abrir a gaveta, tudo sem sair de cima de mim. Apenas indo para frente. *Roçando*.

Inclino minha cabeça para trás e o vejo pegar algemas de couro. Ele fecha a gaveta e depois trava as algemas em volta dos meus pulsos. Agora eu perco a capacidade de separá-los.

Eu tento espetá-lo com um único olhar.

Connor apenas sorri.

Ugh.

Ele se inclina provocativamente para perto. Seus lábios rosados roçam os meus enquanto ele sussurra: — O que eu sou? — Eu inspiro suas palavras tanto quanto ele respira as minhas.

— Mediano — eu enfrento.

— Errado. — Ele coloca distância entre nossas bocas, como se dissesse *você não vai receber nada de mim.*

Eu fico mais insolente com a ideia. — Quem disse que eu queria te beijar?

— Quem disse que você era inteligente? — Ele rebate com indiferença presunçosa. *Ele é sexy*. Não, ele *não* é. Seus lábios se curvam para cima. *Sim ele é*. Não, Rose. Eu me irrito com meus pensamentos contraditórios.

Querido Deus,

Faça com que eu possa detestar todas as partes do meu marido.

Atenciosamente,

Rose Calloway Cobalt.

— Princeton disse que eu era inteligente. *Eu* digo que sou inteligente — digo a Connor. — E eu nunca disse que queria te beijar. — Eu levanto minha cabeça e ombros da cama. Ele pressiona a palma da mão entre os meus seios, me empurrando de volta para baixo.

Ele alcançou o último botão e, lentamente, muito lentamente, abre completamente minha camisa. Meus seios aparecem, meus mamilos sensíveis em atenção. Meu corpo implora para ser maltratado, mas sou muito teimosa para argumentar verbalmente.

Connor tira meu cabelo do meu rosto, e eu o antecipo puxando os fios com *força.* Ele nunca faz isso, e um som frustrado retumba minha garganta.

— Sim? — Ele pergunta, sabendo muito bem por que eu fiz esse barulho. — Você anseia por algo, Rose?

— Sua morte.

Ele quase ri.

— E para matar sua risada.

Ele segura a lateral da minha calcinha com o dedo e levanta minha perna, seus lábios traçando uma linha quente e leve do interior do meu joelho até o interior da minha coxa.

Me morde.

Eu fico tonta. Quando ele puxa minha calcinha até o meio das minhas pernas, ele para, sua boca parcialmente contra a minha coxa. — O que eu sou? — Ele pergunta.

Ceder ao meu marido?

Nunca.

Eu respiro: — Comum.

— Incorreto, Senhorita *Maiores* Honras. — Com cuidado, com muito cuidado, ele desliza minha calcinha pelas minhas pernas em vez de rasgá-las. Eu quero a mão grande dele contra a minha garganta. Eu quero ele metendo em mim. Tudo o que tenho que fazer é responder corretamente.

Minha excitação aumenta, minhas pernas em sua posse. Eu latejo uma e duas vezes, *ansiando* por seu pau. Ele tira minha calcinha dos tornozelos e eu respiro fundo.

— Eu *odeio* seu rosto — digo a ele. *Eu amo o rosto dele*. Por que ele tem que ser tão bonito? Seu abdômen perfeito. Seus cabelos ondulados. Até a pele hidratada. É irritante. Tudo sobre ele. É. Irritante.

— Tantas mentiras, querida. — Ele beija meu joelho com ternura antes de abrir minhas pernas novamente. Ele está ajoelhado entre elas e abaixa o cós da calça de moletom. *Querido Deus*.

Minhas clavículas se projetam. — Connor... — Eu posso me sentir ficando mais molhada.

Sua ereção surge - longa, grossa e incrivelmente dura. Pronta para caber *profundamente* em mim. Ele tira as calças, mas leva tempo para dobrá-las, tudo para me irritar e prolongar o que eu desejo.

Meu corpo quer se levantar. Minhas costas querem arquear. *Não me traia, corpo. Prepare-se para a batalha contra vosso marido.*

Eu me inclino na direção dele.

Droga.

Connor rapidamente coloca a palma da mão no meu abdômen inferior, gentilmente me empurrando para baixo. Então ele delicadamente, muito delicadamente, dá beijos ofegantes entre meus seios, sobre meus mamilos, até minhas costelas, cada vez

mais baixo, passando mais tempo no meu abdômen. E o lugar onde nosso bebê irá crescer.

Ele faz uma pausa, apenas para olhar para mim e perguntar: — O que eu sou?

Minhas pernas tremem. Eu puxo as algemas, o prazer inchando. — Você é *pavoroso.*

— Réessaie. — *Tente novamente*.

— *Normal*, típico, *comum*...

Connor pega abruptamente meus pulsos algemados, e ele abaixa meus braços na minha frente. Então ele entrelaça meus dedos e estende os dedos médio e os indicadores, pressionados como se eu estivesse imitando uma arma. Ele segura meu olhar e levanta minhas mãos mais alto - até sua boca. Meus músculos queimam de satisfação quando ele puxa.

— O que eu sou? — Suas palavras profundamente sussurradas me estimulam muito mais do que a visão de seu corpo. Minhas veias escaldam e o sangue corre para o meu clitóris.

As sensações aumentam tão rapidamente que eu esqueço de dizer uma resposta.

— Rose — ele diz novamente. — O que eu sou?

— Enlouquecedor.

Connor leva meus dedos em *sua* boca. Seus olhos ainda nos meus. Estremeço, meu corpo tremendo. Quase gozo com à visão de sua confiança incomparável. Meus lábios se abrem, a respiração fica presa na minha garganta. Enquanto ele habilmente chupa meus dedos, ele *lentamente* empurra seu pau endurecido em mim, mas ele nunca estoca. Ele nunca vai até o fundo. Ele apenas para e me atormenta. Cheia, mas sem atrito. Cheia, mas sem agressão.

Meus ombros cavam no colchão, e minhas costas se arqueiam, pedindo para que ele avance. Não posso mais me negar o que meu corpo anseia. Estou tão excitada que gemo quando a mão dele roça meu peito. Eu respiro fundo e choramingo como se estivesse sendo incendiada.

— *Connor.*

Ele abre a boca e solta os meus dedos. — O que eu sou? — Ele pergunta em um tom tão exigente. Ele aperta meu quadril, me dando um gosto da força que ele usaria com todo o meu corpo.

Eu fecho meus olhos com força, todos os meus soldados abandonando essa batalha.

— O que eu sou?

— Um Deus. — Ele mete com tanta força que eu gozo instantaneamente. Contraindo ao redor do seu pau. Ele empurra profundamente e com força, me elevando a outro pico antes que eu desça do primeiro. Eu luto para manter meus olhos abertos.

Ele me beija com carinho, meus lábios inchando sob os dele. Meu corpo está em chamas com a minha mente, e ele puxa meu cabelo. Puxa até que a pressão acenda todos os nervos. Antes que meus olhos revirem, espio sua bunda que flexiona quando ele mete, tão rápido que é como se ele estivesse correndo uma maratona entre as minhas pernas.

Connor.

Ele geme contra a minha boca. — Você quer que eu meta com força, Rose? Você quer que eu *agarre* cada fodido centímetro do seu corpo?

Eu murmuro uma aprovação prazerosa.

Ele morde a carne do meu pescoço, e eu suspiro bruscamente. *Connor*. Ele chupa meu pescoço antes de envolver sua mão em volta da minha garganta. Adoro quando ele me sufoca, mas sei que ele não fará isso por muito tempo enquanto eu estiver grávida. Ele é mais gentil durante esse tempo do que o normal.

Ele sussurra no meu ouvido: — Você pode sentir com quanta força estou te fodendo. — Ele vai fundo, tão fundo que eu me arqueio nele e gemo em seu ombro. Connor me segura contra seu corpo, segurando minha bunda e me puxando para mais perto, até que ele esteja tão profundamente dentro de mim que eu mal consigo respirar.

Nós dois atingimos um clímax impressionante.

Mesmo antes de nos acalmarmos, peço a ele com uma voz cansada que *fique dentro*. Não tenho certeza se ele ouve a princípio. Eu mantenho minha bochecha em seu ombro, meus músculos cansados e olhos fechados. Eu o sinto me carregando, minhas pernas ainda ao redor dele, e ele descansa minha cabeça no travesseiro, seu corpo pressionado contra o meu.

Eu luto para ficar acordada.

Connor está em cima de mim, abrindo minhas algemas. Ele também, muito claramente, ouviu meu pedido.

— Acho que acabei de ter um pesadelo estranho — digo com mais satisfação do que planejava.

Ele coloca as algemas de lado. — O que o tornou um pesadelo? — Ele beija meus pulsos doloridos, me olhando atentamente.

— Eu te chamei de Deus.

Seus lábios se erguem em seu próximo beijo. — Então seu pesadelo é o meu sonho.

— Não é a sua realidade? — Eu refuto.

Ele se inclina para frente. — Todos os meus sonhos são realidades, querida. E seus sonhos são meus sonhos. — Ele pressiona o beijo mais quente e amoroso na minha testa.

2019

"Foda-se."

- Ryke Meadows, *Nós Somos Calloway (Temporada 1 Episódio 13 - Milharais & Cerveja Amanteigada)*

< 8 >

Janeiro 2019
A Cabana Meadows
Filadélfia

RYKE MEADOWS

— Por que diabos nós nos voluntariamos para isso? — Eu pergunto a Dais, segurando a base de uma escada de prata.

Ela fica no segundo degrau mais alto, em apenas um pé. — Porque ele é um dos nossos amigos mais próximos. — Daisy rasga um pedaço de fita adesiva com os dentes e cola o cordão de uma longa faixa azul no teto. Nosso primeiro andar é apenas uma sala grande pra caralho, sem vestíbulo ou arco para pendurar isso.

Eu resmungo: — Ele é irritante pra caralho.

Minha declaração é interrompida pelos sons de *ping ping* e *bop bop*. A três metros de distância, cercada por um monte de travesseiros na sala de estar, nossa bebê de onze meses bate em seu teclado infantil. Nutty, nossa husky branca, dorme com a música terrível, enrolada no pé da escada.

Sulli não vai ganhar um fodido prêmio musical tão cedo. Não é como se esperássemos que ela fosse musicalmente talentosa. Daisy não consegue nem manter o tom de uma música, e eu também não sou muito bom em cantar.

Embora eu seja muito melhor que meu irmãozinho.

— Mas você o ama — murmura Daisy, mordendo outro pedaço de fita.

— Essa é uma palavra forte pra caralho para usar entre eu e o Connor.

Ela coloca a fita no teto e depois olha para mim com um sorriso torto. — Tão bravinho, esse Ryke Meadows.

Eu só sei que não importa o que façamos, ele vai achar uma merda.

Então sim, talvez eu esteja um pouco bravo.

De repente, a fita se solta pela quinta vez e o banner cai na cabeça da Daisy. Estendo a mão e aperto sua coxa, para que ela não caia.

Daisy empurra a faixa e depois fica boquiaberta: — Ele está tocando na minha bunda.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela e depois movo minha mão para sua bunda redonda. — *Agora* estou tocando na sua bunda. — Eu dou um tapinha em sua bunda e aperto.

Ela coloca a mão na testa. — O que meu marido vai pensar? Deixei outro homem acariciar minha bunda? — Daisy teatralmente cai *para trás* da porra da escada.

Eu já antecipava isso, tanto que facilmente a pego a tempo. Meu boné de beisebol, que ela estava usando, cai da sua cabeça e bate no chão de madeira.

Nos meus braços, ela olha para cima, para mim.

Eu olho para baixo, para ela. — Seu marido está pensando que ele se casou com a garota Calloway mais maluca.

Os lábios dela se curvam para cima. — Você é amigo do meu marido?

Jogo uma mecha de cabelo no rosto dela e depois a beijo. Meu corpo aquece com o nosso abraço, e eu a sinto sorrir debaixo dos meus lábios.

Ela murmura durante o beijo — Oi, marido.

Mordo seu lábio inferior e sussurro: — Oi, esposa. — De repente, jogo Daisy no sofá. Ela pousa na almofada com um sorriso contagioso.

Sulli ri da visão repentina de sua mãe.

Daisy se senta e se inclina para Sulli. — Você não sabia, cupcake de pasta de amendoim? Eu consigo *voar*. — A voz dela é tão melódica - eu podia ouvi-la falar com a nossa filha todos os dias.

Pego a faixa azul e vou para o balcão da cozinha mais próximo. Como eu disse, nosso primeiro andar é um maldito espaço só, dividido por móveis.

— Vamos apenas grudar essas porras de fita nos banquinhos.

— Eu gostei disso. — Daisy faz uma careta para Sulli antes de me ajudar a grudar novamente essa coisa. Quando terminamos, as palavras estão em negrito e claras em sua caligrafia.

Feliz 30º aniversário, Connor!

— Ele vai odiar isso pra caralho. — Esse fato real quase faz tudo valer a pena. A verdade é que ele definitivamente vai odiar tudo, eu definitivamente amo o cara, e eu também *realmente* amo pra caralho quando enchemos o saco dele. O que é raro. Porque não muito, se alguma vez, somos capazes de fazer isso.

— É verdade — diz Daisy. — Connor Cobalt não aprecia as coisas boas das festas.

— E quais são essas fodidas coisas, Calloway?

Ela estende os braços e os joga mais alto no ar. — Decorações cegamente brilhantes! Faixas de aniversário! E bolo! Todo aniversário deve ter bolo. — Daisy se curva.

Eu a quero nos meus malditos braços.

Para abraçá-la e beijá-la e simplesmente amá-la pra caralho.

Esses sentimentos nunca retrocedem. Nunca acabam.

Daisy fica rígida. — Você se lembrou do bolo, certo? — Rose e suas irmãs deram essa tarefa para mim e para o meu irmão.

— Está na porra do congelador.

Lo achou engraçado pegar um bolo de sorvete de *baunilha.* Para ser irônico. Se tivéssemos que considerar alguém “baunilha” dentre todos nós, Connor Cobalt seria o último da lista. E sabe de uma coisa? Eu duvido que Connor odeia a merda do bolo de baunilha do Lo, porque é do Lo.

Eu não estou amargurado. Estou feliz que uma parte do aniversário do Connor possa dar certo por causa do meu irmão. Connor pode odiar comemorar seu próprio aniversário, mas há uma parte de todos nós - até *minha* - que quer que ele aproveite hoje.

Como, por que, eu me importo com ele? Em um suspiro, eu quero vê-lo ter alguma dificuldade pela primeira vez. No outro, quero que ele seja tão feliz quanto o resto de nós - porque qualquer outra coisa parece errada.

— Papa! — Sulli exclama, enquanto cambaleia em nossa direção de pé. Ela já conseguiu andar na semana passada (filmamos o evento), mas suas pernas ainda tremem embaixo dela a cada passo vacilante.

Daisy e eu vamos em direção a nossa filha. Não há nada mais bonito do que essa bebê de macacão verde e o cabelo castanho

escuro em maria-chiquinhas minúsculas. Eu tenho cabelos grossos, então não foi uma surpresa que os dela crescessem rapidamente.

Daisy se agacha, acena e aplaude Sulli.

Enquanto olho entre elas, a culpa me atormenta. *Só diga à sua esposa que porra aconteceu ontem.* Não posso.

Inclino um cotovelo no balcão da cozinha.

Não posso partir o coração da Daisy. É a última fodida coisa que quero fazer na minha vida. *Ela não precisa saber*.

Sullivan passa por Daisy, rindo como se estivesse apostando uma corrida com a mãe. Então nossa bebê começa a subir os degraus do banquinho de madeira.

— Ei você — Daisy chama. Ela tem dificuldade em dizer *não* a Sulli.

Eu também.

Eu vou pegá-la. Afasto Sulli da sua fodida aventura, a segurando em meus braços. Quando ela olha para mim, eu faço uma careta.

Sulli tenta me imitar, as sobrancelhas tentando se franzir.

Essa é a minha bebê. Ainda não consigo acreditar, nem onze meses depois.

Daisy se levanta. — Sullivan Minnie Meadows, escaladora extraordinária. — Ela faz carinho no nariz de Sulli com o seu.

Eu nunca iria querer um bebê com mais ninguém além da Daisy.

Minha esposa escaneia o primeiro andar. — Ei, olha, nós somos muito bons em planejar festas.

Enrolamos serpentinas douradas em volta dos corrimões de nossas escadas e enchemos alguns balões pretos e dourados. Nós compramos a maioria das decorações do corredor com tema de Ano Novo, então parece menos uma festa de aniversário. Daisy e eu pensamos que Connor iria gostar disso. Teremos sorte se ele aparecer. Desde a sua vigésima sétima festa de aniversário, ele nos deixa realmente comemorar com ele, e não voa mais para outro país.

Mas a decoração que simplesmente é a cereja no topo do bolo: um totem de papelão de Connor Cobalt.

Estou falando sério.

Uma versão em tamanho real de Connor - com seu sorriso convencido, uma sobrancelha arqueada, terno feito sob medida e

uma *coroa* photoshopada em seus cabelos ondulados - fica a alguns metros da porta da frente. Isso o irritará severamente ou o divertirá.

Estou ok com qualquer um desses fodidos cenários.

— Aposto dez dólares que ele vai se jogar no lixo — diz Daisy.

Seguro Sulli com um braço. — Porra, não. Ele não contaminaria uma foto dele.

Daisy inclina a cabeça. — Acho que ele vai aparecer, olhar em volta, impassível, e sair pela porta. — Eu vejo uma pontada de decepção atrás de seus olhos verdes.

— Ele não fará isso.

— Por que não?

— Porque eu sei onde o fodido mora — digo com força. Eu não estou fazendo uma festa para ele apenas para que ele possa dar meia volta e sair. Nem fodendo.

Daisy mexe nos laços de sua blusa de moletom branca que diz: *luz do sol misturada com um pequeno furacão.* — Sabe, vocês dois são os únicos caras que já me entenderam. Tipo, *realmente* me conheceram de uma maneira que ninguém mais conhece, e não estou dizendo que gosto do Connor da mesma maneira que gosto de você. Obviamente.

— Porra, espero que não.

Ela tenta esconder um sorriso. Eu gostaria que ela não escondesse isso, nem por mim.

— Porra, você pode sorrir, amor.

E é o que ela faz. — Eu sei que não devo nada a ele. Igual você disse que eu nunca lhe devo nada por estar aqui por mim quando preciso, mas eu só espero que minha amizade com ele tenha o mesmo significado para os dois. Se isso faz sentido?

— Sim, mas o cara não é um cara normal, porra. Ele vê o resto de nós como *alimento* em seu reino animal.

O sorriso dela se estende. — Mas eu só quero que você me coma.

Porra. Eu lhe estudo lentamente, e ela se levanta e cai na ponta dos pés.

Então a porta se abre.

— Qual de vocês malucos assinou a *Celebrity Crush*? — Meu irmão de mandíbula afiada entra na cabana, um tablóide rosa

brilhante na mão.

— Por que diabos você está mexendo na nossa caixa do correio? — Eu respondo.

Daisy agarra meu braço como se ela estivesse vendo um acidente de carro prestes a acontecer. — Cuidado, Lo...

Lo colide com o Connor Cobalt de papelão e tropeça em cima dele, simultaneamente tentando erguer o totem e não cair. — Jesus... Cristo — ele amaldiçoa.

Eu começo a rir com Daisy.

Meu irmão está em cima de uma imagem em tamanho real do Connor, e só agora ele registra com o que se deparou. Ele me dá um olhar. — Mano... o que isso está fazendo aqui?

Daisy responde: — Caso ele não apareça, temos essa versão. — Eu nunca pensei que essa fosse a verdadeira razão dessa porra, mas subconscientemente talvez sempre esteve lá.

Antes que Lo possa arrumar o papelão, Rose aparece na porta aberta. Ela bufa com a visão, as mãos empoleiradas nos quadris, uma pequena barriga de grávida visível em seu vestido preto apertado.

— Sério, Loren? Você está tão *faminto* assim por um tempo com ele?

Lo arruma o papelão, não mais emaranhado com ele. — Você está com ciúmes, eu tenho a coisa falsa *e* a verdadeira.

— Com ciúmes? *Por favor*. — Ela acena para ele. — O falso Connor Cobalt é todo seu. — Ela tira o cabelo do ombro e depois observa algo lá fora atrás dela. — Cuidado com aquela pedra, Moffy.

As crianças costumam ter problemas para andar no chão de paralelepípedos.

— E vocês dois… — Rose retrai o olhar para Dais e eu — não deveriam estar ajudando a inflar o *ego* do Connor. Pode ser o aniversário dele, mas ele vai levar esse fato até o próximo ano. — Ela estreita os olhos para o papelão. — Eu já até posso ouvir: “Eu sou tão importante que todos vocês tentaram me replicar”.

— Ele não estaria errado — diz Lo.

Eu resmungo.

Rose bufa.

Daisy sorri.

— Vamos apenas torcer para que isso não o assuste — observa Rose enquanto Moffy e Jane entram na cabana.

O mais rápido que podem - o que não é muito rápido já que são crianças - eles correm para uma mini cesta de basquete perto do canto da janela. Eu a coloquei na parede, para que ambos tenham algo diferente a fazer quando estão aqui. Eles procuram bolas saltitantes em uma cesta de vime.

Lo afasta sua atenção de seu filho. Ele caminha na minha direção, mas sinto que ele só quer algo na cozinha. — Connor se ama. Aposto que essa será a coisa favorita dele o ano todo. Além de ser meu amigo. — Ele dá um sorriso seco.

Rose estreita os olhos. — A coisa favorita dele sou *eu*. Sua amizade está no terceiro nível inferior.

Lo usa surpresa fingida. — Não foi o que ele me disse.

Rose revira os olhos, mas também vigia a porta. — Você está certo, Loren, ele se ama, mas isso não se estende a uma duplicação inferior. — Ela não dá tempo a ninguém para responder. — Beckett e Charlie estão no carro, você pode me ajudar, Daisy?

— Claro. — Ela faz uma saudação de soldado antes de sair do meu lado e ir para fora com a irmã.

Sulli se contorce em meus braços. Ela preferia estar rastejando no chão, então eu a levo de volta para o seu teclado infantil.

Lo vasculha os armários da minha cozinha, abrindo e fechando metade deles.

O sigo e noto o tablóide perto da pia. Não me lembro de ter assinado e duvido que Daisy tenha feito isso. Faço uma careta para o nosso endereço impresso na frente com o *meu* nome.

Lo fecha outro armário, um saco de salgadinhos chips debaixo do braço, mas agora ele está vasculhando a despensa.

— Que porra você está procurando? — Eu pergunto.

— Molho de salsa, cara. — Agitação afia suas palavras. — Você não pode comer chips sem salsa. — Seus olhos cor de âmbar e mortais encontram os meus por uma fração de segundo. — Eu não te ensinei nada, irmãozão?

— Eu não tenho nenhum molho.

Seu rosto cai como se eu tivesse matado algo que ele ama. É uma expressão do caralho que quase me faz responder com *eu vou*

sair e comprar um pouco para você agora.

— Essa festa não pode ser chamada de festa. — Lo fecha a porta da despensa. — Você sabe o que isso é agora? Uma *social* - os anfitriões espalham coisas como hummus e cenoura, e eles esperam que todos possam conversar tempo suficiente para esquecerem a maldita comida de *verdade*. Você me trouxe para um social, mano. — Ele abre seu saco de chips. — Eu nunca vou te perdoar por isso.

O sarcasmo dele é tão grosso.

— O que é isso na porra da sua mão? — Eu questiono. — Isso é comida de verdade, porra.

Ele mastiga com força um salgadinho. — Não é de verdade sem salsa.

Pelo amor de Deus. Abro a geladeira e encontro tomates, limão, cebola e... sim, coentro. Lo não cozinha, mas eu sim.

Enquanto ele come e nossos filhos brincam, eu começo a fazer a porra da sua salsa, e tenho que perguntar uma coisa. Está me matando. Eu não aguento mais segurar essa porra.

Pego uma tábua e ele se senta no balcão ao meu lado. — Algo aconteceu ontem — digo baixinho. Olho por cima do ombro, mas a porta está fechada e as meninas ainda não voltaram.

É provável que elas estejam conversando em particular ao lado do carro.

Lo fica tenso, um chip parando no ar em frente a sua boca. Ele abaixa a mão. — É a sua perna?

Depois do meu acidente de escalada, minha perna direita ficou fodida, mas a fisioterapia tem ajudado. Não manco mais, porém a dor ficou. Eu ignoro a pulsação maçante no meu joelho, e só cresce se eu não me alongar de manhã e de noite.

— Não. — Balanço a cabeça.

Lo baixa a voz. — O pai?

— Não.

Meu relacionamento com meu pai é melhor do que era no passado, mas não vou deixá-lo cuidar da Sullivan sem mim lá. Eu nunca vou, porra.

— Olha… — Eu simplesmente tento soltar isso. — Eu não quero quebrar a porra do coração dela, mas algo aconteceu e...

— Você a traiu, porra? — Eu já vi aqueles olhares maliciosos, rancorosos, de *eu vou matar você e tudo o que você ama* nos olhos do meu irmão, todos dirigidos a mim - mas não há muito tempo.

— *Não*, porra, não — eu forço.

Suas maçãs do rosto são armas direcionadas para mim, mas ele tenta relaxar. — Você é péssimo nisso, sabia? — Ele quer dizer em dar más notícias.

Passo a mão pelos cabelos. — Eu sei, porra. — Isso não mudou, mas pelo menos estou *tentando* dizer isso, em vez de deixar essas coisas corroerem todos.

— Você está fazendo parecer pior do que eu aposto que é.

Começo a cortar os tomates e a cebola. — É… — Meu estômago revira. — Ontem a Sulli disse sua primeira palavra e Daisy estava no chuveiro. — Decidimos que *papa* e *mama* soam muito mais como barulhos do que palavras, então concordamos que a primeira seria outra coisa.

Ela estava *esperando* ouvir nossa filha dizer sua primeira palavra. Isso está na porra da cabeça dela.

A realização lava as feições afiadas do meu irmão. — É só isso?

— Ela não quer perder nenhuma porra dessas, e perdeu. — Eu odeio sentir que tirei algo da Daisy. Eu quero dar a ela *tudo* nesse fodido mundo.

— Qual foi a palavra?

— Você está falando sério? — Eu o encaro. — Isso não é importante nessa porra.

— Foi "*porra*", não foi? — Ele quase começa a rir.

Eu jogo um pano de prato em seu rosto. — Vai se foder. E sim, e daí se foi *porra*? — Um grunhido gruda na minha garganta e eu corto as malditas cebolas com mais força.

— Lily me deve cinquenta dólares, é por isso — retruca Lo.

Não estou surpreso que eles tenham feito apostas às custas da minha filha. Também fazemos isso com os deles por diversão. — Não, Lily não deve, não se eu nunca mencionar isso para a Daisy… — Eu paro de falar quando vejo sua careta. — O que?

— Não minta, cara. Ouça isso de alguém que é um mentiroso de renome mundial, você não quer fazer isso aqui. Pode ser a coisa mais fácil, mas não é a melhor.

Sim.

Sim, eu sei.

— Ela ficará feliz por ter acontecido — ele tenta me garantir. — Você está pensando demais nisso.

— Sim... eu provavelmente estou — murmuro. Eu aceno para ele. — Valeu. Eu vou contar pra ela. — E então eu estupidamente esfrego meus malditos olhos com os dedos que estavam cortando a cebola. — *Filho da puta*. — Meus olhos queimam e ardem.

Lavo meus olhos rapidamente e só relaxo quando a água jorra por eles.

Lo coloca outro chip na boca. — Eu retiro o que disse. Essa social não está tão ruim.

Eu mostro o dedo do meio para ele.

Espero falar exatamente a mesma coisa quando Connor chegar.

{ 9 }

Janeiro 2019
Escritórios da Cobalt Inc.
Filadélfia

LILY HALE

Por que estou sempre encarregada de garantir que Connor não fuja da festa de aniversário?

Eu escrevo para o Lo.

Preciso de uma explicação, porque esse dever parece importante demais para alguém como eu. No seu 28° e 29° aniversários, Connor nunca tentou ativamente deixar o país no dia 3 de janeiro, mas mesmo assim, alguém mais astuto e capaz deveria ser o cão de guarda.

Como a Rose ou o Ryke.

Eu tenho talentos. Eu sei que tenho, mas ser responsável por um gênio certificado ir do ponto A (seu trabalho) ao ponto B (a festa) não é um deles. O gênio vai me enganar.

Roo minhas unhas, meus nervos disparando. Ninguém entende quanta pressão está ligada a essa tarefa. Se Connor não aparecer na festa dele, é minha culpa.

Subo o elevador da Cobalt Inc. para o escritório dele e aperto minhas mãos sob meus braços para me impedir de roer minhas unhas. Eu murmuro para mim mesma: — Você se parece com Mary Katherine Gallagher, da *Superstar*. — Eu *não* vou cheirar minhas mãos igual aquela personagem do SNL. Não. Não vou fazer isso.

Enquanto estou sozinha nesse elevador, continuo murmurando encorajamentos. — Rose garantiu que ele não vai fugir, e você acredita nela, não é? — Eu concordo com a cabeça. *Rose não mentiria para mim.* — Você tem instruções. Você sabe o que fazer, Lily Hale.

Eu aceno com mais confiança.

As instruções: *Traga Connor Cobalt para a cabana do Ryke e da Daisy para uma festa surpresa.*

O aviso da Rose: *Não estrague tudo.*

Então, ela não disse isso de imediato, mas seus olhos estreitos continham muitas punições e ameaças. Eu estava suando quando ela me disse para entrar no carro. *Merda*, definitivamente ainda estou suando. Eu ajeito minha camisa preta lisa de manga comprida, meu casaco preto dois tamanhos grande demais, mas aquece minhas pernas. Não estou vestida adequadamente para a Cobalt Inc., já que uso apenas botas e leggings como calças, mas acho que Connor não se importará.

Me lembrei de lavar meu cabelo hoje, então isso é algo positivo.

Meu celular toca quando as portas do elevador se abrem.

Porque você é a melhor nisso, amor – Lo

Até parece. Eu não acredito nele, nem um pouco.

Saio do elevador e noto uma segunda mensagem.

E ele vai se sentir culpado demais em abandonar você – Lo

Connor se sentiria mal por abandonar alguém como eu? Talvez. Ele era meu tutor antes de ser meu amigo, e até mesmo Connor Cobalt, o Tutor, não me abandonaria se eu precisasse dele.

E eu preciso dele.

Eu preciso que ele se comporte e siga minhas ordens.

Meu nariz enruga. Isso vai ser interessante.

Guardo meu celular e procuro Connor pelos corredores. As pessoas se movimentam, vestidas em ternos e saias lápis. Todos andam com passos determinados, ninguém realmente espera. Eu diria que o andar desse edifício se assemelha aos escritórios de *Mad Men*, mas não há cigarros ou bebidas alcoólicas e há mais recepcionistas homens e mulheres em seus próprios escritórios.

Eu tento ser uma mosca na parede, mas enquanto vou para o escritório do Connor, os olhos travam em mim. A placa dourada na sua porta diz: *Connor Cobalt, CEO da Cobalt Inc.*

Pouco antes de eu segurar a maçaneta, um homem de terno azul marinho e gravata fina desliza na minha frente, estendendo o braço para me impedir fisicamente de continuar. Sou forçada a dar dois passos para trás.

— Com licença — murmuro. Eu me endireito e espero que ele se afaste. *Canalize sua Rose Calloway Cobalt interna.* Repito

silenciosamente o mantra: *Eu sou uma fortaleza. Eu sou um tubarão. Ninguém vai foder comigo.*

Eu limpo minha garganta. — Desculpa. — Eu estremeço comigo mesma. Rose teria dito isso? — Quero dizer… — Eu balanço minha cabeça. — Estou aqui para falar com o Connor.

Ele passa os dedos pelos cabelos grisalhos. — Você está vendo as paredes de vidro? — Então ele gesticula para as paredes ao nosso lado como se eu fosse burra. Claro que eu as vejo. — Está vendo como elas estão opacas? — *Sim, eu não consigo ver além delas*. A Cobalt Inc. possui opacidade eletrônica para adicionar um pouco de privacidade.

Os escritórios da Hale Co. não têm isso.

Uma vez perguntei a Rose se ela já fez sexo com Connor no escritório dele. Ainda estou muito orgulhosa do momento, porque não gaguejei ou fiquei corada.

Ela disse: — Eu vou te contar, mas você não pode agir como se fosse inovador e *não pode* contar ao Loren. Isso é uma coisa de irmãs.

— Eu prometo. — Nós prometemos de dedinho. Recusei sua oferta de *pacto de sangue*, que envolvia cortar as palmas das nossas mãos.

— Sim — ela disse — já fizemos sexo no escritório dele.

Eu não consegui parar de sorrir porque ela fez algo que eu ainda não fiz. Embora eu *tenha* feito sexo no escritório da Halway Comics, mas não é uma corporação gigante como as outras empresas da Fortune 500.

E eu mantive nossa promessa até hoje. Eu pretendo levá-la ao meu túmulo.

O homem de repente acena com a mão na minha cara.

Ah, merda. Há quanto tempo ele está fazendo isso? Eu fiquei meio aérea. As paredes opacas do Connor me lembraram sexo. *Tudo* me lembra sexo. Ele consegue perceber isso?

Eu sei que ele não consegue. Está tudo na minha cabeça. Eu tento me lembrar disso.

— Você ouviu o que eu disse? — Ele pergunta.

Eu concordo. — Estas são paredes opacas.

— O que significa que ele está em uma reunião.

Ah.

Eu não me preparei para isso. — Eu posso esperar.

Ele faz essa coisa de inclinar a cabeça. — Que tal você vir ao meu escritório? Eu tenho um sofá no qual você pode sentar enquanto espera. — Seu olhar nunca se afasta do meu, felizmente, mas essa pequena gratidão não apaga sua expressão lasciva, completamente cheia de males.

Eu gostaria de dizer que isso acontece com menos frequência do que realmente acontece, mas a maioria das pessoas me vê e pensa: *ah, essa viciada em sexo.* Alguns seletos e desprezíveis veem isso como um convite para dar em cima de mim, acreditando que vou aceitar seus avanços com pernas abertas e uma cama.

Os poucos desprezíveis tendem a ser homens que se acham no direito, afluentes. Eu pensei que estaria livre deles no escritório do Connor, apenas porque ele disse que é rigoroso quanto ao teste de drogas dos seus funcionários. Agora percebo que minha lógica não faz sentido. Uma pessoa não precisa cheirar cocaína para ser um idiota corrupto.

E algumas pessoas com dinheiro acreditam que possuem poder ilimitado sobre outras.

Até mesmo sobre mim.

Minha pele se arrepia. — Vou ficar bem aqui. — Eu avalio meus arredores, não tenho certeza de onde é *aqui*. Uma mesa de recepcionista vazia fica a cerca de um metro de distância. Afundo na cadeira robusta, reivindicando esse assento por enquanto.

É o que Rose faria.

Em vez de pegar a dica, o homem desliza *sobre* a mesa elegante. Bem na frente da minha cadeira. Sua bunda bate em um suporte de cartões de visita, e seu pé quase encosta no meu.

Eu fico rígida, meus olhos desviando para a esquerda e direita. É oficial: eu odeio os escritórios do Connor.

E sua virilha - sua virilha está no nível dos meus olhos, e seu zíper está meio aberto. Não sei dizer se isso foi de propósito ou se ele se esqueceu de fechar o zíper após um intervalo no banheiro. *Pare de olhar para lá*!

Estou tentando. Eu realmente estou tentando.

Engulo em seco, tão desconfortável, mas encontro uma solução. Eu empurro a cadeira para trás. Sem rodinhas, ela arranha o chão, mas consigo me distanciar dele.

Toma isso!

— Posso te fazer companhia enquanto esperamos — diz ele com essa voz sincera. Eu hesito por um momento, realmente me perguntando se ele está tentando ser legal, já que eu pareço desconfortável ou se isso é apenas uma cantada nojenta.

— Tudo bem. — Eu evito os olhos dele agora e coloco a mão no meu bolso para pegar meu celular. — Eu prefiro ficar sozinha.

Ele se inclina para frente para sussurrar: — Tem alguns homens aqui que não, necessariamente, amam as irmãs Calloway. É melhor eu ficar para te manter longe das encheções de saco deles, e eles definitivamente te encheriam o saco. — Ele inclina a cabeça novamente e dá um sorriso presunçoso. — Você não vai dizer *obrigada*?

E então ele tenta bater o pé no meu.

Não. Nós não vamos brincar de bater pézinhos. Não é assim que o meu dia vai desenrolar. Tenho *instruções*. O empregado desprezível de Connor Cobalt não faz parte das minhas instruções. E não quero brincar de bater pézinhos com ninguém além de Loren Hale!

Rose já teria arrancado a laringe dele.

Meus dedos embranquecem no celular. — Meus pais nunca me ensinaram essa palavra. — Eu nunca olho para ele enquanto escrevo uma mensagem. — Eu sou uma pirralha rica.

Envio a Connor uma mensagem simples: *Estou do lado de fora do seu escritório. Esperando por você.*

Não adiciono um SOS nem um *me ajuda*. Não quero atrapalhar a reunião dele.

— Isso é engraçado — ele diz categoricamente. — Você tem certeza que não quer esperar no meu escritório? É muito mais confortável. Eu posso encontrar algo que você goste. — Suas palavras sugestivas me deixam enojada.

Sinto meu rosto se contorcer em uma careta.

— Vamos lá. Você não terá que lidar com todos esses olhares.

Eu mordo a isca e examino a sala. Alguns funcionários espiam de suas mesas. Talvez eles acreditem que estou a poucos segundos de roçar contra esse homem. Talvez eles antecipem o momento em que eu o deixarei me levar ao banheiro.

Eu não vou.

Eu não sou mais essa garota. Não sou tão consumida por um vício que eu diria *sim* e *sim* e nunca *não*. Eu tenho limites e regras, e aqui está uma das minhas maiores:

Não vou trair Loren Hale.

— Lily.

Eu pulo com essa voz. Seu tom suave soa como o céu, e eu me levanto, além de pronta para encontrar Connor. Eu me aproximo dele tão rápido e quase corro em seus braços.

Percebendo que isso pareceria terrível, paro no meio do caminho e levanto minha mão em um meio aceno. — Ei. — Eu espio suas paredes foscas, esperando que ele não tenha saído de uma reunião importante por causa da minha mensagem.

Eu poderia ter sobrevivido uma hora sozinha, mesmo com o Ser Desprezível me estimulando a fazer sexo.

— Eu posso esperar até que você termine sua reunião — acrescento enquanto o Ser Desprezível desliza da mesa para se levantar.

Connor está sem expressão, então fico surpresa quando ele pergunta: — Que reunião?

O que?

Eu franzo a testa. — Suas paredes estão opacas. Eu pensei que isso significava que você estava em uma reunião.

— Eu sempre ligo o vidro de privacidade no final do dia. — Seu olhar se volta para o Ser Desprezível, e o homem levanta as sobrancelhas acusadoramente para *mim*. Como se eu tivesse inventado tudo.

— Eu falei para ela que você estava disponível — diz ele.

Eu fico boquiaberta. Ele não pode estar falando sério? *Que cuzão*.

— Ela queria conversar comigo um pouco antes de entrar — continua ele.

Minha boca continua caindo. *Foda-se ele*. E não sexualmente! Só para ficar claro, não há *nada* de sexual nisso. — Isso não é verdade! — Eu grito de frustração, e um rubor quente sobe pelo meu pescoço.

— Você não precisa ficar envergonhada. Não é como se tivéssemos feito alguma coisa. — Seu tom implica que a sua porta ainda está aberta caso eu queira fazer "alguma coisa" com ele.

Eu odeio como ele acabou de virar meu rubor vermelho em mim. Como ele usou isso contra mim. Me sinto presa em um canto e nem tenho certeza de como fui empurrada para lá. Não sou boa em jogos mentais, a menos que isso envolva *mentir* para as pessoas que amo.

E essa é uma habilidade horrível. Eu tenho vergonha de tê-la.

Ser Desprezível está prestes a dizer um adeus. Eu vejo na ponta da sua língua e na maneira como ele se move em direção ao corredor.

— Martin — Connor diz primeiro.

Deixe o Ser Desprezível ir embora. Quanto mais tempo o suportamos, mais meu estômago se contrai.

— Se isso é sobre a conta Baylor...

— Limpe seu escritório e saia até amanhã.

Meu queixo cai.

Connor disse isso sem pestanejar, sem vacilar, sem elevar a voz. Ele poderia ter dito *seu cabelo é grisalho* e tudo teria sido o mesmo para ele.

Ser Desprezível empalidece. — O que?

— Eu pensei que você era inteligente, mas se você precisa que eu reitere, acabou de provar que é incompetente demais para trabalhar aqui.

Ser Desprezível está em choque.

— Você está demitido — diz Connor. — Você me entendeu agora?

Ele o fuzila com os olhos. — Por causa *dela*?

— Porque você pensou que poderia mentir para mim. Porque você tem um problema claro ao assumir a responsabilidade por suas próprias ações. Porque você tentou se *aproveitar* de alguém. Qualquer um dos três, mas principalmente o terceiro, são motivos

de rescisão. Eu poderia demiti-lo por muito menos, então pegue suas coisas e saia do meu prédio. Se eu vir seu rosto em algum lugar perto da Cobalt Inc. novamente, vou prendê-lo por invasão. Agora você pode parar de desperdiçar meu tempo. Eu tenho uma festa para ir.

Eu engasgo com o ar nessa última parte. A palavra "surpresa" está nas minhas instruções. *Eu* estou mais surpresa do que o Connor nesse momento. Surpresa que um funcionário da Cobalt Inc. sutilmente me implorou para ficar com ele. Surpresa que Connor acabou de demiti-lo. Surpresa que Connor não esteja surpreso.

Ser Desprezível parece mortificado, irado e espantado, ao mesmo tempo. Ele anda com força em direção a sua mesa com um desapontamento derrotado, e Connor dificilmente lhe dá mais atenção.

Ele faz um gesto para mim e eu o sigo até os elevadores.

Eu tenho que *correr* um pouco para acompanhar seus longos passos. — As pessoas estão encarando — sussurro.

— As pessoas sempre me encaram.

Claro que encaram.

Uma vez dentro do elevador, pergunto: — Ele era importante?

Connor digita às pressas em seu celular como se estivesse resolvendo um problema. — Ele não estava em uma posição executiva, mas era gerente de projetos. Ele precisará ser substituído amanhã.

A culpa rasteja pela minha garganta. — Você não precisa demiti-lo por minha causa.

— Você não me ouviu? Não foi só por sua causa.

— Mas ele ainda teria um emprego se eu não tivesse aparecido. — Por que estou defendendo o Ser Desprezível? Eu sei o que a Dra. Banning diria. Minha terapeuta falaria que minha culpa decorre de minha própria riqueza. Sinto que não tenho o direito de cortar outras pessoas pelos joelhos, mesmo que essas pessoas tentem me machucar. Recebi muita coisa na vida para tirar de outras pessoas. *Eu tenho permissão para ficar magoada.*

Eu ouço as palavras claras e distintas da Dra. Banning: *ele não tem autoridade para te magoar. Ninguém tem.*

— Talvez não. — Connor levanta as mangas da sua camisa social. Está um pouco quente no elevador. — Era apenas uma questão de tempo até ele me mostrar quem realmente era. Martin acreditava que éramos amigos, e por isso achava que era invulnerável. Quando as pessoas estão confortáveis, elas agem mais como elas mesmas, o que eu encorajo. — Seus olhos azuis voam para os meus. — Seja você mesmo, e se o seu verdadeiro *eu* colocar minha empresa, meus funcionários e *meus amigos* em risco, não pensarei duas vezes em remover você do meu círculo.

Eu aplaudiria, mas estou muito admirada. Depois de todos esses anos, Connor ainda me impressiona. Não acredito que ele é meu amigo e que é casado com minha irmã. Ele parece de outro mundo.

Ele estuda minha expressão antes de dizer: — Se você vai me chamar de Super-homem novamente, não liste seus poderes míticos.

Como voar. Eu tento muito não chamá-lo de algo "extraterrestre", mas acabo dizendo: — Então você é o Batman!

Se ele está irritado, não sei dizer.

— Batman não tem poderes antinaturais — começo a explicar.

— Eu sei quem é o Batman.

— Porque você é o Batman.

Ele arqueia uma sobrancelha.

Batman faria isso Eu sorrio com o pensamento e me lembro de Connor se vestindo como o personagem da DC durante nosso passeio na Comic-Con seis anos atrás.

As portas do elevador se abrem, e agora percebo que não estamos indo para o saguão. Paramos no terceiro andar. — Espera…

Connor já está saindo, não diminuindo a velocidade para mim. Ele não aceita comandos de ninguém além de si mesmo... e talvez da Rose, mas ele não admite isso da mesma maneira que ela não admitiria que o ouve.

Eu sigo apressadamente seus longos passos novamente, passando entre as portas do elevador antes que elas se fechem.

O terceiro andar parece menos como um andar executivo. Inundado com copiadoras e cubículos cinza, todo mundo está apertado. Mais pessoas vagam por aqui do que lá em cima, mas

assim que vêem Connor, elas disparam para seus cubículos como pequenas toupeiras correndo para seus buracos.

Ele não quebra o ritmo.

— Connor. — Eu alcanço o lado dele novamente. — Para onde estamos indo?

— Estou levando alguém para a minha festa de aniversário.

— Você não deveria saber sobre a festa — eu sussurro. Como ele descobriu? Porque ele é Connor Cobalt. Isso pode ser explicação suficiente.

Ele apenas *sabe* das coisas.

Connor tem sempre o mesmo rosto composto, nunca muda, nem por uma fração de centímetro. Ele deve ter mil paredes escondendo suas emoções enquanto trabalha. Para qualquer um, isso seria cansativo, mas acho que isso é normal para ele.

Ele facilmente contorna um bebedouro. — Se eles realmente quisessem manter a festa em segredo, não teriam enviado você para me levar.

Estou no escritório dele, sozinha, no aniversário dele. Parece suspeito. — Bom ponto.

Connor abruptamente para em um cubículo perto de uma máquina de fax antiga. Eu bato nas costas dele e depois tropeço. Ele apenas olha por cima do ombro como se eu fosse um mosquito que bateu contra o seu pára-brisa.

Eu acho que Connor Cobalt é feito de titânio.

Super-homem.

Eu franzo a testa.

Ou ele é o Batman?

Esse é um verdadeiro dilema.

— Você estava no meu caminho — murmuro.

Ele dá um passo para a direita, me dando mais espaço para ficar de pé. Eu murmuro um *obrigada* e levanto meu queixo como a Rose faria. Quem estamos levando para a festa? Eu não consigo pensar em ninguém no começo, mas assim que o vejo, tudo faz sentido.

Sentado fixamente na frente de um computador, um garoto de vinte e um anos com fones de ouvido grandes e volumosos e cabelos castanhos bagunçados tecla sem parar. Seus dedos batem

no teclado, nem mesmo percebendo os fios de cabelo que caem em seus olhos.

— Garrison — diz Connor, alto o suficiente para que qualquer pessoa por perto possa ouvir. Mesmo pairando bem na frente de seu cubículo, Garrison ainda nem levanta a cabeça. Ele está hipnotizado com o que quer que esteja naquele computador.

Connor se move, agora capaz de acenar com a mão na frente da tela.

Seus olhos encontram Connor e depois eu, e o tempo todo, ele continua digitando. Multitarefa. Não é o meu forte, mas invejo quem consegue. Tão útil, é como um superpoder por si só.

— O que você quer? — Garrison dispara, seu foco retornando ao Connor, que também é o chefe dele. No ano passado, Connor investiu em qualquer startup que Garrison escolhesse, mas a escolha de Garrison ainda é um mistério para todos. Ele afirma que está nos estágios de "desenvolvimento inicial".

— Você terminou por hoje — diz Connor. — Eu preciso que você venha conosco.

Garrison franze a testa e vira a cabeça para mim. *Ele ainda está digitando*. — Isso é relacionado ao meu trabalho?

— Humm… — Eu não sei o que dizer. *Sim? Não?* Eu dou de ombros.

— Você vem conosco se não for? — Pergunta Connor.

— Não.

Recentemente, estamos todos um pouco preocupados com ele. Com Willow em Londres, ele não tem muitos amigos na Filadélfia e nunca fala sobre sua família com Lo ou comigo. Eles moram apenas uma rua de distância, mas os pais dele não são muito sociais com nenhum de nós.

— Então é relacionado ao trabalho — responde Connor. — Pegue suas coisas.

Garrison coloca os fones de ouvido no pescoço. Para mim, ele diz: — Apenas me diga para onde estamos indo e por quê.

Eu cedo.

Principalmente porque esse é o Garrison, e ele trabalhou na Superhero & Scones antes de migrar para a Cobalt Inc. A

sinceridade até enche seus olhos verde-azulados, e eu não posso dizer não.

— Para a casa do Ryke - ou cabana. — Todos chamamos de cabana; não sei por que chamei de casa. — É uma festa surpresa para o Connor.

Connor não tem nenhuma reação em relação ao local de sua festa. Ele *realmente* mantém suas emoções trancadas no trabalho.

O rosto de Garrison se contrai como se nós dois estivéssemos loucos. — Como é um aniversário surpresa, se você sabe? E por que diabos você quer que eu vá?

— Me surpreender é tão raro que todo mundo usa o termo livremente. — Então ele aponta para o computador. — Você chega aqui às seis da manhã e sai à meia-noite. *Sete* dias por semana. Embora eu aprecie sua ética de trabalho, como seu amigo, acho desconcertante.

Eu não sabia disso. Garrison nunca passou esse tipo de horas na Superheroes & Scones, mas também era quando a Willow morava aqui.

Garrison respira fundo, mas ele não exala. — Você é meu chefe, não meu amigo.

— Eu sou os dois — diz Connor com facilidade — e como recentemente você parece estar desprovido de amigos, eu não daria as costas a um, especialmente amizades tão valiosas quanto a minha.

Eu defendo Garrison. — Não ter amigos não é uma coisa ruim.

Garrison aperta os olhos. — Vocês dois podem calar a boca um pouco? — Depois de um breve momento, ele recua na cadeira, pega a mochila e a joga por cima do ombro. Seus jeans rasgados e blusa de moletom preta contrastam com o terno e as gravatas dos outros funcionários.

Duvido que ele se importe com as roupas de negócios adequadas.

Garrison fica de pé, uns dez centímetros mais baixo que Connor. — Se eu for, você tem que parar de me chamar de seu amigo. Nós não somos, ok? — Antes de Connor falar, Garrison se vira contra mim. — E eu tenho amigos… — Ele faz uma pausa e se corrige: — Uma amiga. Ela só não está aqui.

Connor verifica casualmente o relógio. — A maioria das pessoas ficariam de joelhos para ter minha amizade. Isso só ilustra sua falta de bom senso.

Ele nunca falha em lembrar a todos como ele é especial, mesmo assim, e não importa quantos anos tenhamos e quantos anos se passaram, não posso deixar de concordar.

Connor Cobalt é único.

Garrison assente e diz secamente: — Obrigado, chefe.

— Me sigam. — Connor faz um gesto para nós dois e agora vamos à festa. Pelo menos eu consegui fazer minha parte. Não falhei como pensei que falharia.

Garrison e eu seguimos Connor a caminho dos elevadores. Não corro mais para acompanhar Connor. Eu mantenho o ritmo do Garrison. Quando passamos por uma copiadora, ele sussurra para mim: — Só para você saber, você é minha chefe favorita.

Eu não deveria me orgulhar desse fato, já que Garrison foi claramente insultado por Connor, mas eu me seguro a ele de qualquer maneira.

O Prêmio de Melhor Chefe Vai Para…

Eu sorrio largamente.

* * *

Eu seguro a saída de som do meu celular na frente da boca. — Estamos caminhando para a cabana agora. — Eu sigo Connor e Garrison e tento não tropeçar na pedra lisa na grama. Fumaça sai da chaminé, a casa toda de pedra cinza. Combina com Ryke e Daisy da mesma maneira que a enorme propriedade real dos Cobalts se assemelha com a minha irmã mais velha e seu marido.

Minha casa é simples e mais comum em comparação à deles. Apenas tijolo vermelho, um tipo regular de quintal, sem fontes ou árvores de tulipa, sem janelas pitorescas ou uma casa na árvore construída à mão. Gosto de simples e sei que Lo também.

— Ele está na porta? — A voz de Rose ecoa através do meu celular.

— Ainda não. — A porta branca da frente tem uma pequena janela, mas eles devem ter colado papel por cima, porque não

consigo ver o interior.

As cortinas se abrem em outra janela e um par de olhos verde-amarelados dispara da esquerda para a direita até se estreitarem em Connor. Eles desaparecem mais rápido que um raio.

— Eu vi você — sussurro.

— Shhh — ela retruca.

Ela está me calando? Coloquei o celular mais perto dos meus lábios. — Eu cumpri meu papel. Gostaria de um agradecimento por ter acompanhado um *gênio*. — Connor está na porta da frente e acho que ele me ouviu. Ele olha por cima do ombro com esse olhar como se dissesse *você realmente acreditou que estava falando baixo?*

Certo.

Ele tem audição sobre-humana.

Super-homem.

— Obrigada, Lily. — Rose soa agradecida. E então ela desliga na minha cara.

Eu olho para Connor quando me aproximo. — Você tem certeza de que não tem uma roupa escondida debaixo da camisa?

Garrison não tenta entender sobre o que estou dizendo. Ele apaticamente se inclina contra a parede de pedra.

Connor olha para baixo, para mim. — Se eu dissesse *não*, você acreditaria em mim?

Eu penso por um segundo. O Super-homem não falaria sobre sua identidade secreta, falaria? — Só se você me mostrar. Eu precisaria de provas.

Sem hesitar, Connor começa a desabotoar sua camisa social branca, e todo o meu rosto fica vermelho quando seu peito nu aparece. Quando ele começa a *tirar* a camiseta para mim.

— Nãonãonão — eu murmuro — está tudo bem. — Eu gostaria de ter a atitude descarada do Connor, mas, novamente, ele está em um nível próprio. — Eu acredito em você. Eu acredito em você!

Seu sorriso divertido só faz meu pescoço queimar mais. — Fico feliz — diz ele casualmente e deixa dois botões abertos. Então ele vira a maçaneta e todos entramos.

— SURPRESA!!

A família toda diz de uma vez. Moffy, Jane, Beckett e Charlie estão na frente e no centro, jogando confete no Connor. Daisy está ajoelhada ao lado da Sulli, ajudando sua bebê a se juntar às outras crianças. Nota mental: o trio de temperamento quente *não* lança confetes nas festas. Rose, Lo e Ryke não estão nem perto dos pedacinhos de papel.

— Feliz aniversário Papai! — Jane é a primeira a dizer, jogando outro punhado de confetes de um pequeno balde rosa.

Contorno Connor para ver sua reação.

Ele está sorrindo para todas as crianças.

Ele está sorrindo.

Rose também está.

E então eles olham um para o outro, e eu juro que o mundo para por um segundo ou dois. As estrelas nerds são uma força poderosa quando em órbita. Toco minhas bochechas, meu sorriso bobo machucando meu rosto.

Dou um passo, atordoada - ai meu Deus, eu bato em algo duro e caio em cima dele. Isso é... eu grito de horror. *Estou deitada em cima do Connor Cobalt!* Ou uma versão em papelão dele... seu sorriso presunçoso está bem na frente dos meus lábios. Eu estou com as minhas mãos em seus ombros.

O que... é isso?

Abortar! Abortar! Instinto e pânico me dominam. Eu rolo para longe dessa coisa de papelão tão graciosamente quanto alguém desenrolando um burrito. Fecho os olhos com força e repito um bom mantra: *não deitei em cima de Connor Cobalt. Não deitei em cima de Connor Cobalt.*

Só paro de rolar quando meu corpo bate nas costas do sofá. Sinto alguém se agachando em cima de mim e abro meus olhos para bochechas com covinhas, um sorriso crescente e olhos quentes cores de âmbar. Não sei como é possível, mas Loren Hale ficou ainda mais bonito com a idade.

Quando olho no espelho, ainda sou Lily, uma garota desengonçada que pode ser confundida com uma garota de quinze anos, não importa quanto tempo passe. Por dentro, porém, me sinto mais velha. Mais forte. Talvez até um pouco mais sábia.

É dentro que conta mais.

Não dentro sexualmente, apenas *dentro, por* dentro. Eu torço o nariz com meus pensamentos.

Seu sorriso se curva para cima. — Você está bem, amor?

Balanço a cabeça. — Essa *coisa* surgiu do nada. Eu estava condenada desde o início.

— Eu fiz a mesma coisa — ele me diz. — Então parece que eu estava condenado com você.

Eu tento muito não sorrir. — Desde o início?

Lo assente. — Desde o início, Lily Hale. — E então ele me pega no colo. Envolvo meus braços em volta de seus ombros, seus lábios perto dos meus. Gosto dos lábios de Lo *muito* mais que os de Connor.

Estou fascinada por ele e somente ele. Suas mãos estão na minha bunda enquanto ele me segura em volta de sua cintura, e seu olhar dança pelas minhas feições com esse desejo que sei que compartilho.

Eu o beijo abruptamente, meu coração disparado, e antes de me preocupar por ter o beijado em um momento inadequado, ele retribui com quase tanta necessidade. Uma das mãos dele sai da minha bunda, e ele aperta a parte de trás da minha cabeça, aprofundando o beijo até que o oxigênio saia dos meus pulmões.

Eu roço para frente.

Ele diminui a velocidade e meu coração pula uma batida.

Não posso atacá-lo como um tigresa com tesão. Não agora, pelo menos. Lembro que estamos em um ambiente semi-público, cheio de amigos e *crianças*. Maximoff está ocupado fazendo "anjos de confete" na pilha que cobre a madeira, Jane com ele. Meu filho está alheio a minha própria disputa interna, e é assim que eu gosto.

Lo acaricia meu cabelo uma vez e seus lábios roçam no meu ouvido. — Está tudo bem, Lil. — Seu incentivo relaxa meus ombros, e eu digo a ele que vou subir em suas costas.

Ele me segurar assim de frente pode ser um território perigoso.

Ele me coloca no chão e eu pulo nas costas dele. Agora, de cavalinho, vou à cozinha com Lo, uma tigela fresca de salsa e um saco de chips no balcão.

— Feliz aniversário porra — Ryke diz enquanto pega o totem de papelão amassado de Connor Cobalt.

Connor tem Beckett em seus braços enquanto avalia a versão em papelão de si mesmo.

— Ele amou — sussurro para Lo, que me entrega um chip. Eu mordo, feliz por ele não ter colocado muita salsa picante.

— Nah, ele parece ambivalente. — Lo acena com a cabeça para Rose, que balança Charlie para frente e para trás, o bebê adormecendo contra seu peito. — A Rainha Rose parece pronta para chamar esse aniversário de *fracasso*.

Eu olho para minha irmã mais velha. Ela parece seu eu natural. Rígida, mas não do jeito que diz *eu-estou-chamando-essa-festa-de-show-merda*. As chances de ela revirar os olhos e sorrir são as mesmas de ela estreitar os olhos para ele e bufar.

— Quem comprou o totem? — Eu pergunto em outro sussurro.

— Daisy encontrou em algum site de celebridade.

Eu imagino fãs colocando um Connor Cobalt em tamanho real nos seus quartos, bem ao lado de Damon Salvatore ou Harry Styles. Eu também não acho que Connor se importaria.

Connor finalmente reage, seu sorriso de um milhão de dólares tão rico quanto suas roupas. Ele captura o olhar do Ryke. — Então, meu presente de aniversário é *você* admitindo que é o meu maior fã.

Rose tenta conter um bufo com a mão.

Lo ri alto, jogando outro chip na boca.

Ryke mostra os dedos dos meios para os dois e depois olha para Connor. — É uma fodida decoração.

— Se você deseja me olhar todos os dias, sugiro a versão real, não a inferior, mas tenho certeza de que isso é o melhor que você pode fazer.

Ryke assente algumas vezes. — Eu não dando um soco em você agora é seu maldito presente de aniversário. Então é melhor você colocar tudo para fora enquanto pode, Cobalt.

Em vez de responder Ryke, Connor faz a varredura do primeiro andar: as decorações pretas e douradas, a faixa com *Feliz 30ª aniversário Connor!*, os balões, todos nós aqui juntos.

— Nunca pensei que apreciaria esse dia mais do que qualquer outro — diz ele, o sorriso crescendo ao ver Jane coberta de confete — mas eu aprecio. Realmente. — Ele olha para cada um de nós. — Obrigado.

— A maior parte foi Rose e Daisy — digo a ele, já que minha parte foi tão pequena. Rose planejou o evento e deixou muitos detalhes para minha irmãzinha, que se ofereceu para ser um grande papel na execução de hoje.

Connor e Daisy trocam um sorriso amigável, e ele acena para ela em agradecimento.

— Pedimos salmão do seu restaurante favorito — explica Rose — e todos concordamos em ler trechos de seus livros favoritos antes do jantar. — Me deram *O Som e a Fúria do William Faulkner*. Reli a passagem que Rose destacou *quinze* vezes para não tropeçar nas palavras, mas ainda não tenho ideia do que significa.

Lo e Daisy disseram que trocariam comigo. Eles ficaram com *Grandes Esperanças* do Charles Dickens e *Middlemarch* do George Eliot, mas eu não queria aprender suas passagens, apenas para descobrir que elas eram igualmente confusas.

Connor sorri. — Estou intrigado. — Ele parece extasiado principalmente por sua esposa segurando seu filho.

Eu sussurro para Lo: — Ele vai beijá-la.

— Eles não estão perto o suficiente — Lo responde, justamente quando Connor dá dois passos para frente.

— Ha.

Lo come um chip. — Ele tem aquele olhar que diz *eu quero transar com você*, mas ele não fará nada até que esteja sozinho com ela.

Eu franzo a testa. Talvez ele esteja certo. Somos os dois que se agarram um no outro em público. Mesmo que a intensidade saia de seus ombros como faíscas elétricas, magnetizando Connor para Rose e Rose para Connor, eles não agirão nessa *força* se estivermos por perto. Não a menos que eles esqueçam.

E eles raramente esquecem de algo.

Rose tenta fixar um olhar frio. — Hoje é sobre você, mas você tem uma regra.

— Estou ouvindo.

— Você deve conter seu ego pelo bem de seus filhos. Vai asfixiar o cômodo.

— Meu ego não vai machucá-los, querida. — Ele se aproxima ainda mais.

Ela diz algo com raiva em francês e levanta a mão no peito dele.

Ele responde suavemente de volta no mesmo idioma e aperta a mão dela, apenas para beijar os nós dos seus dedos. Eu me animo como se tivesse ganhado um prêmio, mas seus lábios nunca se movem para os dela.

— Até os filhos deles estão entediados com isso — diz Lo. Beckett adormeceu nos braços de Connor, como Charlie nos de Rose.

Eu cutuco o braço de Lo. — Ei, isso é *amor*. O amor não é entediante.

Lo boceja zombeteiramente. — O que você disse, Lil? Acabei de acordar de uma soneca.

Ele pode ser tão malvado. Eu descanso meu queixo em seu ombro, ainda agarrada a ele com força. Eu instantaneamente esqueço meus pensamentos ao ver um tablóide... ao lado da tigela de salsa.

— Ei — Garrison cumprimenta Lo antes de se sentar no balcão. Eles começam uma conversa curta, e eu me fixo nas manchetes à vista.

Lily Calloway, grávida de novo!

Falso, mas eles colocaram uma foto desagradável minha na frente. Meu rosto está todo vermelho. Eu estou usando um suéter cinza folgado que chega aos meus joelhos enquanto saio da Superheroes & Scones, de mãos dadas com o Moffy. Pelo menos eles não disseram nada rude sobre ele.

Às vezes me preocupo com o dia em que eles vão de *Pequeno Maximoff assiste a um jogo do Philadelphia 76ers! para Maximoff Hale tem uma espinha! Ele é como nós!* Não consigo nem imaginar minhas próprias fases desagradáveis da puberdade sendo expostas. Lo também não.

Desvie o olhar das revistas. Desvie o olhar.

Eu desvio, apenas para ver Connor, Rose, Daisy e Ryke conversando juntos. — As vezes me pergunto se o DNA do Connor também é sobre-humano — murmuro baixinho. E seus olhos voam para mim!

Eu *não* estou inventando isso.

Talvez ele realmente tenha uma audição sobre-humana. — Lo — eu digo baixinho, interrompendo sua curta conversa com Garrison.

— Hmm? — Ele pergunta, mexendo na salsa com um chip. A outra mão dele aperta minha perna enquanto estou em suas costas.

— Você acha que o Connor pode ser Batman ou Superman?

Lo me deixa cair.

Eu caio de bunda no chão e olho para ele. — Lo! — Não é a primeira vez que ele me solta quando estou de cavalinho por falar sobre um personagem da DC.

Ele acena seu chip para mim. — Há *mil* malditos super-heróis, e você escolheu dois que eu não suporto?

— Eles são os que fazem mais sentido.

— Eles fazem tanto sentido quanto chamar Connor de o Monstro do Pântano.

Eu me levanto do chão. — Isso é uma besteira. O Monstro do Pântano não está nem *perto* de ser Batman e Superman.

Seus olhares afiados simultaneamente dizem *todos são personagens da DC e você me traiu, amor.* — Por favor, me deixa saber onde posso encontrar minha outra esposa. Essa aqui na minha frente é uma cópia barata.

Eu toco meu coração. É como se ele tivesse atirado uma flecha nele. — Eu não sou uma cópia barata. Só não sou elitista sobre toda a coisa de Marvel contra DC, e posso apreciar *todos* os super-heróis igualmente.

— Você acha que todos são apreciados *igualmente*? — Sua paixão por quadrinhos vem à tona, tão sedutora que eu realmente me aproximo dele, apesar de seu olhar mortal. — Você quer falar sobre o Lanterna Verde? Podemos falar sobre o Lanterna Verde.

— Ok, ok — eu imediatamente admito. — Então eu tenho meus favoritos, assim como você. — Eu passo meus dedos nas presilhas do seu cinto, olhando para ele.

Seus braços já estão ao meu redor. — Meu melhor amigo *não* é o Batman ou Superman.

— Então o que ele é?

— Connor Cobalt — Lo responde sem hesitar. — Ele é o fodido Connor, Cobalt, e quaisquer poderes que ele tenha, são todos dele.

Eu sorrio. Isso parece mais preciso do que qualquer outra coisa. Meu olhar se dirige para o tablóide atrás de Lo, e meu sorriso desaparece rapidamente. — O que é… — Eu pego o tablóide antes de Lo perceber para onde minha mente vagou. Na margem direita, o *Celebrity Crush* colocou uma pequena manchete que diz: *[ENQUETE] Qual irmã Calloway tem o bebê mais fofo?*

Meu queixo cai.

Eles não colocaram nossos bebês um contra o outro.

Lo arranca o tablóide das minhas mãos.

— Eles ranquearam nossos bebês por fofura — exclamo. — Eles não podem fazer isso.

Ele me lança um olhar. — Eles podem fazer o que quiserem.

— Eu só queria que houvesse *algumas* limitações éticas — digo enquanto ele vira para a página. Eu tento juntar as mãos dele para detê-lo. — Não faça isso! E se o Moffy for classificado como o mais feio? — Eu abaixo minha voz com isso. — Saberemos e nos sentiremos mal, e isso lhe dará um complexo.

Ele faz uma pausa longa o suficiente para dizer: — Isso não vai acontecer. Temos um bebê *adorável*.

— A Rose e a Daisy também.

Lo é tão parcial. Ele não vê. — Você não precisa olhar. — Mas ele ainda está procurando a página.

Vou para trás para me distanciar do tablóide. É uma bomba. Ele está segurando uma bomba. Eu ainda odeio a *Celebrity Crush*. Em um ponto, eu me senti tão compulsiva em lê-los quanto me sentia em relação ao sexo.

— Como isso veio parar aqui? — Eu pergunto. Ryke os odeia mais do que ninguém. Olho para Garrison, mas ele dá de ombros, tão confuso quanto eu.

Lo continua passando as páginas brilhantes. — Acabei de descobrir que Ryke comprou algo para Sullivan online - um conjunto de pijama ou roupão de banho, não me lembro. Ele esqueceu de desmarcar a assinatura gratuita de 30 dias do *Celebrity Crush* durante o check-out.

Faz sentido.

Lo faz uma pausa em uma página e ele começa a ler. Quando seus olhos se voltam para os meus, pergunto: — Tão ruim assim?

— Eu pensei que você não queria saber.
— Eu não quero. — Isso é um teste, e eu vou passar.

{ 10 }

Janeiro 2019
A Cabana Meadows
Filadélfia

LOREN HALE

[ENQUETE] Qual irmã Calloway tem o bebê mais fofo?

É realmente estúpido. Todas são irmãs e, portanto, compartilham características semelhantes, o que significa que nossos filhos também. É como perguntar quem é o irmão mais bonito de uma família gigante. Eu sei que sou um babaca, mas essa merda do *Celebrity Crush* é uma babaquice de alto nível.

A amargura familiar desliza pela minha garganta como ácido. *Vamos ver o que temos aqui.*

Uma foto recente da Jane. Vestida com um tutu amarelo pálido e um suéter com estampa de zebra, ela está com a mão esticada para uma bolsa de lantejoulas na butique da Calloway Couture, aquela do outro lado da rua da Superheroes & Scones. Hã. Parece que alguém *na* loja tirou a foto em vez de paparazzi do lado de fora. Provavelmente um cliente.

Eu poderia simplesmente fechar o tablóide. Não seria difícil jogá-lo fora, mas eu continuo lendo. Se *essa* enquete sobre nossos filhos me irrita, então eu não estou pronto para o maldito futuro. Porque eu sei que vai ser muito mais cruel do que isso.

Moffy não precisa de um pai bêbado e apático. Eu sei que ele precisa de alguém melhor. Mesmo que eu esteja com medo, mesmo que eu não tenha o mesmo otimismo presunçoso que meus amigos possam ter, eu tenho que persistir e estar consciente. Eu *nunca* quero ficar alheio as batalhas do Moffy ou o que pode machucá-lo. Quero entender a luta dele da mesma maneira que meu irmão tentou entender a minha.

Olho para Lily mais uma vez. Ela foi até o Garrison, e eles conversam baixinho sobre filmes. Por mais que eu queira ler sobre essa enquete, sou grato por ela não estar ao meu lado. No passado,

os tablóides consumiam Lily, e eu vejo essa atração. Eu conheço essa atração.

Para trocar um vício por outro.

Fico feliz que ela não faça isso.

Volto ao artigo que detalha primeiro as crianças na enquete.

Jane Eleanor Cobalt, filha de Rose e Connor Cobalt, pode ser melhor descrita como uma mini Rose Calloway.

Balanço a cabeça com essa frase e posso sentir meu queixo flexionar. Eu cresci com a *jovem* Rose Calloway, chifres e sete infernos debaixo de uma saia plissada, blusa dobrada para dentro da saia e colarinho bem passado.

Jane não é organizada como Rose. Ela se senta com uma boa postura, mas também vai rolar no chão. E ela definitivamente não é elegante. Não sei muito sobre moda, além de uma breve passagem como modelo, mas não preciso ser designer para saber que aquela garota *não* é estilosa.

Jane é brincalhona. Ela usou meias listradas azuis e amarelas e um gorro com borboletas de plástico para um balé. (Todos nós fomos; foi a ideia de Greg Calloway de um passeio familiar gigantesco.)

Leio parte do artigo que diz que Jane está seguindo os passos de Rose.

Em seguida: uma foto do meu filho. Eles escolheram uma foto do Moffy de Vans vermelhos, jeans, um boné de beisebol para trás e uma camisa do Homem-Aranha. Segurando minha mão e a de Lily, ele atravessa o cruzamento conosco. Estávamos indo para o Lucky's Diner.

Maximoff Hale, filho de Lily e Loren Hale, não é nada além de descolado.

Lily adoraria essa frase.

Última foto: um bebê embaçado. Um cobertor parcialmente cobre Sulli enquanto Ryke a carrega contra seu peito. Meu irmão - ele faz um bom trabalho em manter a filha fora das revistas. A amargura escorre ainda mais na minha garganta. *Deixe isso para lá.*

Eu deixo, muito mais fácil do que costumava.

Me lembro que é mais fácil para ele. Que seria quase impossível se eu seguisse seus passos. O resultado não seria o mesmo. Ele

não é tão famoso quanto eu, e Ryke me diria: — Você é pai bom pra caralho, Lo.

Não posso me comparar a ele. Não com paternidade, atletismo, alcoolismo - podemos ser feitos do mesmo tecido fodido, mas não temos a mesma forma. Eu sou diferente.

Eu sempre serei diferente de Ryke Meadows. Eu o amo demais para ressenti-lo. O osso malicioso no meu corpo que o atacou, que gritou com ele, que o mordeu até que ele sangrasse - se foi. Parte de mim tem vergonha que eu o odiava *aquele tanto* quando o conheci, mas a outra parte está apenas feliz que eu não estou vivendo mais com aquela pessoa dentro de mim.

A auto-aversão é exaustiva.

Ryke senta-se no encosto do sofá. Jane e Moffy agarram suas panturrilhas como coalas, e ele balança as pernas para cima e para os lados enquanto faz um barulho de avião. Acho que nunca conheci uma pessoa melhor nesse mundo do que meu irmão mais velho.

Tenho orgulho de conhecê-lo e de que meu filho o conhecerá.

Eu olho para a descrição de Sulli no artigo. *Sullivan Minnie Meadows, filha de Daisy e Ryke Meadows, sempre é pega sorrindo*. Isso é verdade. Eu raramente vejo Sulli chorar.

Eu leio o resto e me concentro nos resultados reais da enquete.

23% Sullivan

41% Jane

36% Maximoff

Não importa para que lado os números vão, ainda é a mesma merda. Enrolo a revista e a troco pela tigela de salsa. — Pequena Lufana. — Eu me aproximo da minha esposa, e ela se assusta apenas por um segundo.

Coloco meu queixo no ombro dela, tendo que me curvar, já que ela é muito mais baixa. — Sobre o que estamos conversando?

— Nada — ela diz rápido demais e vira em minha direção.

Eu tenho que ficar ereto, minhas mãos cheias de chips e salsa. Enfio o saco de salgadinho debaixo do braço. — Nada?

— Foi o que eu disse — ela retruca.

— Cristo, quando você ficou tão atrevida?

Lily franze o nariz. *Adorável*. Enfio meu chip entre os dentes, liberando minha mão e belisco o nariz dela.

Lily bate com o punho no meu braço.

Finjo uma careta e murmuro: — Ai, amor. — Inclino minha cabeça para trás, o chip caindo na minha boca.

Garrison deve estar irritado ou tentando arrumar uma briga comigo porque ele diz: — Estávamos conversando sobre *Liga da Justiça 2*. — O que não vai ser lançado tão cedo, mas ainda faço uma careta e estreito os olhos.

As pessoas não entendem.

Eu tenho inimigos, até inimigos fictícios. Minha lista de merda vai muito além da realidade. Entendo o que isso diz sobre mim: sou mesquinho.

E daí? Eu sou mesquinho. Meu nome também é Loren Hale.

Eu dou um meio sorriso para o Garrison. — Por que você não fala sobre isso na rua, vira à direita, se aproxima de uma caixa de correio que diz *Abbey*, anda pela calçada, bate na porta e… tchau. — Eu aceno bruscamente.

Eu também sou maldoso.

Lily está certa sobre isso.

Garrison gira um cigarro apagado entre os dedos. Eu pensei que a Willow tinha dito que ele parou de fumar. Eu sei que ele não vai fumar dentro da casa, mas por que ele iria estar com um cigarro?

— Você quer que eu vá para casa? — Ele diz com raiva e depois range os dentes. Algo está acontecendo. Eu acho que pode ser apenas mais angústia por causa do relacionamento a longa distância.

— Eu quero que você não fale sobre o-que-não-deve-ser-nomeado dentro da casa do meu irmão, e se você não pode lidar com isso, então sim, você pode ir para casa.

— Lo! — Lily fica boquiaberta para mim.

Eu fecho sua boca empurrando seu queixo. Eu tenho dificuldade em não sorrir. — Lily. — Faço beicinho para ela.

Ela cutuca meu peito. — Você não está sendo legal.

— Porque eu não sou legal — eu a lembro.

Ela aperta minhas bochechas entre as mãos e qualquer discurso que planejou deixa seus olhos. Eles absorvem meus traços com

camadas de sexo e toxicidade. Eu *quero* puxá-la para mais perto, mas eu sei que não posso. Isso é péssimo. Sempre é péssimo, mas eu prefiro ter Lily saudável todos os dias do que Lily compulsiva e excitada.

Enquanto segura meu rosto, Lily está na mais profunda batalha interna. Para tornar mais fácil para ela. Eu estico a mão para o balcão, colocando minha salsa e salgadinhos de lado, então eu aperto suas mãos nas minhas.

Mantemos algum espaço entre nós, mas é difícil para ela e para mim. Nós dois queremos estar um em cima do outro. Acabo envolvendo meu braço em volta da cintura dela, e ela me segura e depois assente como se dissesse *eu posso fazer isso sem sexo.*

Quando me concentro em Garrison novamente, que ainda está sentado no balcão, ele abre um armário perto de sua cabeça. Quando ele pega um copo, seu moletom se levanta, mostrando parte do seu abdômem e…

— Que diabos? — Eu digo baixinho, chocado demais para gritar. Eu levanto minha voz. — Garrison.

Ele bate a cabeça no armário enquanto se vira para mim. — Merda — ele amaldiçoa, esfregando o local. Seu moletom cai junto com o braço. — O que?

Eu não sou o tipo de pessoa que vai até ele, ergue seu moletom sem pedir e se mete profundamente em sua vida. Eu sempre esperei que as pessoas se abrissem para mim. Eu não gosto de me intrometer, mas isso... eu tenho que me intrometer nisso.

Eu não acho que Lily viu.

Eu abaixo minha voz para que fique apenas entre nós três. — De onde vieram esses hematomas? — Vergões, roxos e amarelados e do tamanho de uma bola de beisebol, mancham suas costelas.

Seu rosto cai e ele balança a cabeça. Seus olhos voam para Lily por um segundo. — Lacrosse. Deixa isso pra lá.

Eu não acredito nele. Tive uma sensação de que deixei passar algo durante o Halloween do ano passado. Algo sobre... seus irmãos. A maneira como ele fala sobre eles *sempre* foi estranha para mim, mas eu não pressionei Garrison para falar sobre isso. Eu nunca fiz isso, e talvez seja culpa minha.

Lily sente algo também, especialmente a maneira como Garrison se sente mais desconfortável com ela ouvindo isso. Talvez ela pense que o que ele disser, ela dirá a Willow. Mesmo sendo eu sendo seu irmão, as meninas compartilham mais entre si.

— Ah, olha… O Moffy — diz Lily, tão óbvia, tão adorável. Eu aperto seu ombro quando ela vai para o sofá. Eu teria beliscado sua bunda, mas tempo, lugar, pessoas - tudo isso. Estou mais consciente hoje do que em outros dias.

Lily estreita os olhos para mim.

Ela está tentando fazer uma cara de malvada. — Seja legal — ela me lembra.

— Sim, minha lufa-lufa. — Dou-lhe um sorriso parcial e desaparece assim que ela vira as costas. Esfrego meu pescoço e me aproximo do Garrison um pouco mais.

— Sério, é do lacrosse — Garrison começa novamente.

— Estamos nas férias de Natal — eu digo, minha voz afiada. — Quando você estava jogando lacrosse?

— Eu não sei... eu simplesmente estava... eu estava. — Ele abaixa a cabeça, o cabelo caindo sobre os cílios. Ele segura seus fones de ouvido volumosos nos dois lados do pescoço. — Me deixa.

Eu me ouço falando com o Ryke.

Me deixa em paz. Me deixa. Deixa isso para lá.

Eu sou novo em ser um durão. Nem sempre gosto, mas sei que às vezes as pessoas precisam. Eu também conheço o Garrison, e às vezes o lembrar que nos importamos ajuda. Entrego a ele minha tigela de salsa e seguro os chips. Eu passo um para ele, e ele me encara inexpressivamente.

— O que é isso?

— Salgadinhos e molho. Se você não gosta deles, não podemos mais ser amigos. — Eu coloco um na minha boca.

— Nós somos amigos? — Ele pergunta como se não tivesse certeza.

— Jesus Cristo, preciso fazer pulseiras de amizade para que você acredite? — Essa não é a primeira vez que ele pergunta assim.

— Vai se foder — ele retruca, e eu o observo hesitantemente mergulhar seu chip na salsa.

— Não fique irritadinho porque sou mais bonito. É apenas um fato que você terá que se acostumar.

Garrison engole. — Eu pensei que o grandão deveria ser o mais bonito.

Eu sempre começo a sorrir quando ele chama Connor de *grandão*. — Shh, não gostamos de dizer a verdade a ele. Isso arruina seu fascínio.

Garrison assente, seus ombros afundando para frente.

Não acredito que ele já tem vinte e um anos. Eu estava tão ferrado nessa idade, e odeio que círculos insones estejam sob seus olhos e que parece que ele não come há uma semana inteira. Eu gostaria de ter notado isso mais cedo.

— Então, como são seus irmãos? Você tem três, certo?

— Sim. Mitchell, Hunter e Davis. Temos todos dois anos de diferença um do outro. — Então vinte e três, vinte e cinco e vinte e sete anos.

Espero que ele adicione mais, mas ele apenas olha para suas mãos.

— Qual é o pior? — Eu pergunto, nervoso demais para ser sutil.

Garrison me olha de cima a baixo. — Eu sei o que você está tentando fazer.

Eu poderia mentir. Sou um mentiroso *bom* pra caramba e tenho anos de prova escondendo um vício e um romance para provar isso. Mas eu não minto, não para esse cara. — Estou certo? — Eu pergunto, uma respiração presa no meu peito. Faço um gesto para as costelas dele. — Um dos seus fodidos irmãos de merda fez isso?

As narinas dele se abrem. A garganta dele balança. Ele vira a cabeça para a esquerda e direita para escapar de sua própria dor. Eu entendo. Eu entendo, porra.

— Eles estavam apenas brincando — diz ele tão baixinho que quase não ouço suas palavras.

Eu cerro os dentes, meu sangue fervendo. Minha reação instantânea é *retaliação*. Machucá-los do mesmo jeito que o machucaram, mas eu inspiro, expiro e me acomodo o suficiente para *pensar* primeiro. — Posso ver novamente?

Garrison olha para a sala de estar, mas todos estão sentados nos sofás, a maioria de costas para nós e o foco voltado para as

crianças. Quando sua cabeça vira para mim, ele levanta o moletom, a pele nua visível.

O hematoma sobe pelo lado do seu corpo, a área roxa mais profunda ao redor de suas costelas. Fraturadas. Elas estão fraturadas - posso dizer porque já tive lesões nas costelas muitas vezes. Eu espio suas costas, mais vergões na coluna inferior, como se alguém tivesse o chutado. *Jesus*... uma pedra se aloja na minha garganta. Eu nunca percebi o quão responsável me sentia por Garrison, não até esse momento.

Eu já vi esse cara mil vezes desde que fez dezessete anos, mas de alguma forma eu nunca vi isso.

— Deixa eu ver o seu outro lado — sussurro, dois segundos de ficar sufocado.

Ele está tremendo, mas ele me mostra o lado esquerdo. O hematoma no abdômen parece desbotado, mais velho. Como se isso tivesse acontecido *várias* vezes. Eu tenho que inclinar minha cabeça na direção de seus lábios para ouvir suas próximas palavras.

— Eu sou o irmão mais novo. Eles só gostam de implicar comigo. É o que os irmãos mais velhos fazem.

Eu também sou o irmão mais novo, e Ryke nunca faria *isso* comigo - mas não posso dizer isso a Garrison. Eu ouço a resposta maliciosa que eu diria se estivesse em seu lugar, *bem, você não é um bastardo sortudo?*

Então eu digo: — Suas costelas estão fraturadas.

Uma lágrima escorre por sua bochecha. — Sim, eu sei. — Ele enxuga agressivamente a lágrima.

— Já aconteceu antes?

Ele dá de ombros, tenso. — Sempre que os vejo, eles gostam de pegar pesado, então tanto faz...

— Qual irmão? — Eu questiono, meus olhos assassinos neste momento.

Garrison levanta a cabeça, o queixo tremendo, e sua voz falha quando ele diz: — Todos eles.

Meu peito cai e, suavemente, digo: — Eu não vou deixar que eles te machuquem mais.

Garrison tenta cobrir o rosto. Ele desliza para fora do balcão para ficar de pé, mas suas pernas se dobram, as costas deslizando pelos armários até que ele esteja no chão, a testa pressionada contra os joelhos dobrados.

Eu não o toco porque sei que toque realmente não é a praia dele. Agora faz mais sentido o porquê.

Me ajoelho ao seu lado e tenho que perguntar: — Willow sabe?

Ele assente. Mantendo a cabeça baixa, ele murmura: — Não é culpa dela... por não contar a ninguém. Ela pensou que tinha parado. E parou... por um tempo, mas quando voltei para as férias de Natal, todos estavam lá... — Ele começa a tremer novamente. — Esqueça. Esqueça que eu disse alguma coisa.

Minha voz fica muito baixa quando pergunto: — Você pode ficar na minha casa? Pelo menos até Willow voltar? — Lily não se importará em ter Garrison conosco por tempo indeterminado. Eu sei que ela não vai.

Choque o congela. — Vai demorar *anos*.

— E?

Ele olha para mim, olhos avermelhados, bochechas manchadas de lágrimas. — Willow poderia terminar comigo até lá.

— Você ainda faria parte dessa família. — Gesticulo em círculo. — Eu não te expulsaria por causa disso. — Muito antes de ele se tornar o namorado da Willow, todos nós o conhecíamos como Garrison Abbey: o vizinho rebelde e adolescente.

— Eu tenho um apartamento na Filadélfia.

— Você mora sozinho. — *E acho que você precisa de alguém agora.* Eu pauso. — Eu vou ser franco como meu irmão. Você está uma merda. Você está um pouco magro, e cara, você cheira como se tivesse passado perfume várias vezes ao invés de tomar banho.

— Eu estive ocupado — ele retruca, já na defensiva. — Eu tenho um emprego, e é a única coisa que me impede de...

— De que?

Ele dá de ombros. — De me sentir um perdedor estúpido. Como se eu não tivesse nenhum propósito, certo? Eu tenho algo além de *esperar* por uma garota. Eu tenho algo... e preciso dedicar todo meu tempo a isso. Eu nem deveria estar *aqui*. Eu deveria estar trabalhando...

— Presta atenção — eu o interrompo, assim que sua voz falha. — Eu tenho um filho que é um grande pé saco porque ele continua implorando por um irmão. Todo dia eu tenho que ouvir, “mas Jane tem dois irmãos” e se ele apenas te visse em casa, ele ficaria feliz. Mas o mais importante é que você salvaria meus malditos tímpanos.

Garrison solta uma risada curta. — As coisas importantes.

— Pode crer.

Ele aperta os olhos. — Pare de *chorar* — ele diz baixinho. *Esse sou eu*. Eu vejo e ouço muito do meu tormento passado em suas palavras doloridas.

— Eu entendo.

— Entende? — Ele diz.

— Seus irmãos te chamam de viadinho por chorar? Eles te dizem que você não é um homem de verdade... *Engole o choro, Garrison. O que você é, um viadinho, uma garotinha?* Que tipo de homem você é?

Surpresa cobre seu rosto novamente, e ele está prestes a balançar a cabeça em direção ao meu irmão. Como estamos no chão, os armários bloqueiam nossa visão.

— Não foi meu irmão que me disse para *parar de chorar, porra* — digo as palavras entre dentes cerrados porque as *sinto* como grossas cicatrizes negras dentro dos meus pulmões. Voltar a esse lugar dói para respirar.

Garrison franze a testa. — Foi quem?

— Meu pai. — E a parte assustadora: eu realmente amo aquele homem.

Eu sempre vou amar.

Ele para de esfregar o rosto, deixando as lágrimas escorrerem.

Eu só quero esticar a mão e dizer algo reconfortante a ele, então me aproximo e respiro: — Você ficará bem. Você não vai ver isso hoje, talvez nem amanhã, mas um dia você acordará e vai querer viver.

— Você tem certeza? — Sua voz quebra.

— Eu tenho certeza. Olhe para mim... — Espero que ele levante a cabeça, os cabelos ocultando parcialmente os olhos e digo intensamente: — Um dia de cada vez. Você pode fazer isso comigo?

Garrison fica quieto por um longo momento, mas depois assente repetidamente, deixando isso afundar. — ...você fará algo por mim, se eu for morar com você?

— Sim.

— Você nem sabe o que é.

— Não importa.

Ele fala. — Eu quero que você mate alguém.

Eu estreito os olhos. — Você brinca, mas você me conheceu? — Eu poderia matar alguém? Eu não sei - me irrite o suficiente e, talvez, eu acho que poderia. Não é um talento para se gabar. É uma *enorme* falha de caráter, e eu tenho plena consciência de que ela existe dentro de mim.

Garrison apaga o sarcasmo seco dessa vez. — Dois dias atrás, eu disse aos meus irmãos que nunca mais os veria. Não sei se eles acreditaram em mim. Eles raramente levam a sério o que digo, mas eu disse isso a eles. Só não quero mais conversar ou vê-los. — Sua garganta balança novamente. — Então, dois dias atrás... eu também saí da casa dos meus pais às pressas e acidentalmente esqueci um dos meus discos rígidos lá.

— Você quer que eu pegue para você?

— Sim... só não… — Seu peito sobe em uma inspiração aguda.

— Não o que?

— Não os machuque. Tudo bem. Eu sei que parece estúpido pra caralho, mas eles ainda são meus irmãos. Mesmo que eu nunca os veja novamente, simplesmente não... só *não* faça isso.

Não os machuque. Em algum lugar nessa cozinha, vejo meu eu maldoso de 21 anos. Furioso como o inferno. Aquele cara quebraria a promessa do Garrison sem pensar duas vezes. Ele abriria um livro cruel de retaliação e vingança.

Posso sentar aqui e pensar: *não farei isso porque ele me disse para não fazer. Porque eu sei que é errado.*

Eu me pergunto quantas pessoas conhecem a pessoa que eu era antes e sentem que estão encarando um estranho. Estou feliz que meu filho nunca vai conhecer aquele homem. Estou feliz que Lily tenha o marido que ela merece. E eu estou feliz por mim.

Porque finalmente amo quem sou.

— Eu não vou — prometo a Garrison, e vou manter essa promessa. — Me passa seu celular. Vou pegar seu disco rígido agora.

Garrison me passa seu celular.

— E seus pais? — Pergunto. — Eles sabem?

— Eu contei para a minha mãe, mas ela apenas disse *meninos sendo meninos*... e meu pai gosta mais de Davis. Eles não se importam com nada, exceto ganhar dinheiro, e desde que eu consegui um emprego na Cobalt Inc., eles pararam de me encher o saco sobre "fazer algo com a minha vida". Se eu nunca falar com eles, nunca retornar as ligações, talvez pensariam que eu estava muito ocupado para eles e provavelmente ficariam *orgulhosos*.

— Hum — eu digo. — Eles soam como grandes babacas.

Ele sufoca uma risada. — Sim, eles são.

Eu percorro seus contatos. Garrison tem um emoji de merda ao lado dos nomes de todos os irmãos. *Três* emojis de merda ao lado do nome de Hunter.

Ele é o pior. Passo o dedo sobre o nome dele para ligar para ele.

Penso melhor e ligo para Mitchell. Enquanto chama, pergunto: — Eles vão atender?

Ele assente. — E perder a oportunidade de falar merda para mim? — É a melhor maneira de dizer *me bate*.

Entendo como é não poder usar palavras específicas que o transformam em vítima. Sentir que *essa* palavra não se encaixa na sua situação.

Abuso? Não, eu não.

Nunca eu. É só que isso... não é *isso*. Não pode ser essa coisa dura e crua.

Mas é. E então o que?

Coloco o celular no ouvido e finalmente ele atende. — E aí? — Mitchell pergunta primeiro. Ele parece tranquilo. Você nunca pensaria que *esse cara bate em seu irmãozinho.*

Garrison me observa de perto, seu corpo todo tenso.

Não posso mudar minha voz, mas não procuro por palavras que talvez queime Mitchell. — Aqui é o Loren Hale, que mora no final da rua.

— Oh...oh, uau, oi.

Eu sou seu vizinho *famoso*. — Garrison deixou o disco rígido na casa dos seus pais. Ele realmente precisa disso. Você pode dar uma passada lá e deixar na minha caixa de correio?

— Sim, eu vou sair hoje à noite, então vou deixar na sua caixa. Ele sabe onde está?

Coloco minha mão sobre o celular: — Onde está a coisa?

— Mesa no porão.

Coloquei o celular de volta no ouvido. — Mesa no porão.

— Legal… ah sim, eu estou vendo agora… — Ele para por um longo momento, talvez trinta segundos completos.

— Você quer falar alguma coisa? — Eu pergunto.

Ele limpa a garganta. — Ele estava falando sério sobre o fato de nunca mais falar conosco novamente? Foi por isso que ele pediu para você ligar?

Seja como Ryke agora. Uma maldita resposta de uma palavra. — Sim. — Eu literalmente mordo minha língua.

Mitchell está quieto na linha. — Você pode dizer a ele... diga que sinto muito, e que acho que é uma boa ideia para ele?

Outro nó se aloja na minha garganta e engulo todos os outros comentários desagradáveis que me corroem. — Certo.

Nós dois desligamos e eu jogo o celular para Garrison.

— O que ele disse? — Ele pergunta.

— Ele vai deixar na minha caixa de correio. Ele sente muito e acha que nunca mais falar com eles é uma boa ideia. — Balanço a cabeça para Garrison, confusão escrita no meu rosto.

— Você ligou para Mitchell, não foi?

— O que ele é... o legal? — Eu sei que ele é apenas dois anos mais velho que Garrison.

— Mitchell poderia ter parado eles — diz Garrison. — Ele nunca parou. Isso o torna legal?... Eu não sei. Eu nunca impedi meus amigos de invadirem sua casa. Eu nunca *me* impedi de fazer as merdas com você. Nós somos todos iguais. Somos todos uns *merdas*.

Não.

Me inclino para a frente e digo o mais claramente possível: — Esse cara na minha frente não é um merda, e eu ainda estarei aqui quando você finalmente acreditar nisso.

{ 11 }

Fevereiro 2019
A Casa Hale
Filadélfia

LOREN HALE

Um pequeno corpo catapulta na minha cama king size, ondulando o colchão e me despertando do sono. *Cristo*. Eu esfrego meus olhos. O lustre preto com velas permanece imóvel acima da cama. É muito alto para uma criança incontrolável de três anos de idade atingir, mas ainda verifico se ele balança.

— Acorda, acorda, dorminhocos! — Moffy canta alegremente e rasteja na minha direção, vestido com um pijama azul e amarelo do Wolverine.

Lily mergulha *ainda mais* embaixo do edredom cor de champanhe, se escondendo como um animal assustado. Eu estico o braço até ela, mas ela rasteja em direção ao pé da cama. *Lil*.

Moffy não percebe o monte gigante. Ele fica de pé, trêmulo no colchão e começa a pular cada vez mais alto.

Puxo a camisa do seu pijama e ele cai de bunda.

Sentando, coloco meu travesseiro vermelho escuro contra a cabeceira da cama, sem o lençol de cima vermelho. Lily deve ter pegado.

Eu bocejo no meu bíceps. — Moffy, o que dissemos sobre bater na porta?

— Humm… — Suas sobrancelhas franzem em contemplação. Seu cabelo castanho escuro está espetado para um lado, mas o meu provavelmente está pior. Eu o observo olhando para o teto, procurando por algumas palavras. O rosto suave de bebê dele me lembra Lily, mas ela colocou uma foto minha quando era criança ao lado da do nosso filho como "evidência" do quanto ele se parece comigo. É estranhamente parecido, apesar das nossas diferentes cores de cabelo e olhos.

— Uhhhh... hummm — ele murmura e dá de ombros como se tivesse perdido a resposta.

Eu dou a ele um olhar grogue, mas severo. — Nós já falamos sobre isso, amigo.

Ele morde o lábio por um segundo. — Não lembro, papai. — Com um grande sorriso, ele tenta deslizar para baixo da cama, mas eu o levanto e o coloco no travesseiro ao meu lado. *Ah, ele lembra*. Tivemos essa conversa ontem.

— Bata antes de entrar no quarto de qualquer pessoa — explico *novamente*. — Então eles irão convidar você para entrar. É a coisa educada a se fazer. — Olha só, Loren Hale ensinando alguém a sobre bons modos. Bem-vindos à Terra-1610. É estranho aqui.

Não estamos em um universo alternativo, Lo! Aqui é a Terra-616, ouço a resposta de Lily na minha cabeça.

Talvez eu precise comer um burrito no café da manhã antes de poder processar minha própria realidade. Loren Hale: pai de um garotinho fofo, disciplinador (mas não de uma maneira de merda, estilo Jonathan Hale), e marido de um adorável amontoado de cobertor.

Moffy rapidamente se levanta, propositadamente me ignorando. Ele salta, pula e ri.

— Pare de pular, Maximoff, e vá bater. — Minha voz é como vidro, mas o sorriso bobo de Moffy nunca desaparece, nem um pouco assustado por mim. Ele praticamente pula da cama e sai correndo, fechando a porta atrás de si.

Agora totalmente fechada, sussurro para o amontoado de cobertor: — Lil, você está bem?

Ela murmura algo inaudível, e eu não tenho tempo para espiar embaixo do edredom champanhe. Moffy bate na porta.

— Quem é?! — Eu pergunto alto. Rapidamente, me estico para o lado da cama e pego minhas cuecas boxer pretas do chão.

— O Maximoff! — Ele responde com um meio grito estridente. — Posso entrar?!

Termino de colocar minha cueca boxer. — Sim, rapazinho!

A porta se abre e ele se joga no colchão como um esquilo voador.

Eu dou um tapinha nas costas dele. — Muito melhor. — Quando deslizo para a beira da cama, eu facilmente o pego e o jogo no meu ombro.

Ele ri histericamente, chutando as pernas como se pudesse *orientar* a direção que eu vou.

— Você sabe que dia é hoje? — Eu pergunto.

— Teiça-feira! — Ele grita a resposta.

— Sim, mas hoje é um tipo diferente de dia especial. — O coloco no sofá de camurça ao lado de dois guarda-roupas pretos, todos de frente para minha cama. Nosso quarto é pouco iluminado e *limpo*, ao contrário do quarto dos raisins loucos. Não consigo encontrar nada quando estou naquela porra.

Moffy pisca algumas vezes, confuso. Eu gosto de crianças. Eles sabem menos do que eu, e eu não sei muito sobre muitas coisas. É para isso que serve Connor Cobalt.

— É dia dos namorados — eu esclareço.

— Que isso?

Eu poderia consultar a definição mais precisa da internet, mas quem se importa? — É um dia sobre amor. Os professores farão você enviar cartões para todos os seus colegas de classe, até mesmo para aqueles que você literalmente odeia, *mas* também é um dia em que você come muito chocolate e doces e… — eu finjo surpresa, olhos arregalados — panquecas em forma de coração.

— Não acredito! — Ele sorri largamente.

— Pois acredite. — Eu aceno em direção à porta. — Vá assistir desenho lá embaixo, e depois você pode me ajudar a fazê-los. Eu estarei lá em um segundo.

Moffy sai correndo, animado para ter uma tarefa e provavelmente lembrando que ele está no meio de *Wolverine e os X-Men*.

Eu arrumo meu cabelo com as duas mãos e volto para a cama. O monte no cobertor está silencioso e imóvel, e seria engraçado se eu não soubesse que ela poderia estar afundando.

Agora, sentado no meio da cama, tiro o edredom e o lençol de cima da Lily. Ela está enrolada em uma bola, nua, as mãos cobrindo seu rosto mortificado.

Algo quebra dentro de mim. Eu sussurro: — Lil... vamos lá. — Minha voz arranha minha garganta. A puxo para o meu colo e pego um cobertor roxo, a envolvendo nele.

Ela funga, e eu tento remover uma de suas mãos, mas ela balança a cabeça de um lado para outro. — Eu não quero sair daqui

hoje — diz ela tão suavemente.

Meu rosto se torce, dolorido, tão dolorido quanto meus pulmões que se esmagam. Sexo era mais fácil quando Moffy era um bebê. Não havia medo de que ele corresse para o nosso quarto sem aviso prévio. Não havia medo de que ele iria nos ver de alguma maneira.

Lily e eu - nós faríamos quase tudo para impedir que ele nos visse ou nos escutasse acidentalmente fazendo sexo. Ficamos calados, muito mais do que costumávamos ficar, e temos sidos bons em seguir uma rotina matutina e noturna. Para Lil, essa é uma conquista que eu a lembro todos os dias.

Moffy está mais velho agora, e esse é apenas o começo de *grandes* mudanças.

Como o fato de ele ter invadido nosso quarto pela quarta vez nessa semana. Pode não parecer muito ou grande coisa, mas é. Ela é viciada em sexo e anseia por sexo pela manhã - em cumprir essa agenda. Desviar de sua norma gera ansiedade, estresse e a faz querer *mais* do que é permitido.

Eu entendo.

Estou bem aqui com ela e entendo os desejos que passam em sua cabeça. Que fodem com ela. Eu entendo muito, e sei o quanto Lily *não* quer ficar chateada por não fazer sexo. Porque há um milhão de coisas para se preocupar, e por que, dentre todas as questões, é sexo... e álcool... por que eles têm que nos atormentar? Não vale a pena as lágrimas, a angústia - é apenas sexo. É apenas uísque.

E mesmo assim, ainda acontece.

Finalmente sou capaz de afastar uma de suas mãos, mas ela mantém os olhos bem fechados, como se pudesse escapar deste momento e deste dia.

— Infelizmente, Lil — digo — seus poderes de viagem no tempo ainda não entraram em ação. Você tem que levantar hoje. Você tem que levantar *todos os dias.*

Ela funga novamente, e as lágrimas inundam seus olhos quando ela os abre. Eu as limpo com o polegar. Ela segura com força o cobertor, tentando parar de chorar, mas soluça.

Eu a seguro mais perto, meus braços em volta dela, e como se ela se lembrasse só agora de quem eu sou, seus braços

desengonçados se curvam em volta de mim, apertando mais forte. Ela está sentada no meu colo e eu beijo sua têmpora antes de sussurrar: — Vou te foder hoje à noite, amor. Se segure nisso, ok?

Eu posso sentir a culpa sacudir seu corpo. — Eu... não quero isso. — Ela chora no meu ombro porque deseja não querer, mas quer.

Nós nos apertamos mais um ao outro, e então ela murmura: — Não importa.

— O que não importa?

Lily levanta a cabeça, com os cabelos bagunçados na altura dos ombros. Ela limpa as lágrimas do próprio rosto e solta um suspiro moderado. Então, mais segura, ela diz: — Eu quero, e está tudo bem. — Ela assente para si mesma. — Eu... eu quero ajudar com as panquecas.

Eu a beijo gentilmente nos lábios. — Ei, Lily?

— Sim?

— Estou orgulhoso de você.

Ela me dá um sorriso choroso e assente novamente. — Apenas me dê um minuto para me vestir? — Ainda não nos separamos, nossos membros emaranhados.

Aperto o seu pequeno rosto redondo com as duas mãos. — Não se masturbe, amor.

— Eu não vou. — Sua força cimenta essas palavras como algo maior que uma promessa. Vejo pura resiliência brilhando em seus olhos verdes, decorrentes de lutas travadas muito antes de hoje.

— Eu acredito em você — respiro, reforçando sua armadura.

É aqui que tenho que solta-la.

É difícil porque eu votaria a favor de ficar enrolado aqui com minha melhor amiga por toda a fodida eternidade.

— Você primeiro — diz ela.

— Você primeiro. — Eu penteio meus dedos pelos cabelos dela.

Ela fica boquiaberta, como se eu tivesse quebrado uma regra sagrada nossa. Nossa única regra histórica é amar um ao outro, e sempre conseguimos fazer isso. Talvez até bem demais. Então ela cutuca meu peito. — Você primeiro.

— Você primeiro.

Ela estreita os olhos para mim. — Você não pode continuar fazendo isso.

— Acabei de fazer, amor. — Meus lábios caem no ouvido dela. — E eu farei isso de novo. — Eu passo minha língua nele.

— Lo! — Ela se separa de mim em choque, saindo do meu colo.

Eu toco meu peito. — Babaca. — Eu aponto para ela. — Anjo.

Seus lábios caem. — Anjos são puros. Sou mais como um demônio sexual... meu Deus, sou uma súcubo. — Ela se encolhe.

— Então você é a maldita súcubo mais adorável que eu já vi. — Eu luto para não subir em cima dela.

Lily sorri e depois se arrasta da cama. Ela lentamente procura suas roupas, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Seus membros são tão desajeitados e magros. Ela parece frágil, mas quando nossos olhos se encontram, vejo aquela resiliência novamente.

Eu forço meus músculos a se *moverem*. Saia. *Saia daqui*. Eu tenho que deixá-la um pouco. Só um pouco. Não é por preocupação que eu quero ficar.

É apenas por amor.

* * *

Lily toma um banho rápido enquanto eu desço as escadas para a sala, apenas de calça de moletom preta.

Maximoff está sentado em seu pufe amarelo, fascinado por *Wolverine e os X-Men* passando na TV. Garrison está no sofá, usando seus fones de ouvido gigantes. Seu laptop balança na perna enquanto ele come uma fatia fria de pizza.

Quando ele me vê passar pelo sofá, ele acena.

Aceno com a cabeça, feliz por ver que ele está pegando leve e já não está correndo para ir para o trabalho. Ele não parece mais como se pudesse fazer um teste para ser o Zumbi nº34 em *The Walking Dead.*

— Moffy. Panquecas. — Abro a porta da cozinha, mas Moffy está colado à televisão. — Maximoff Hale. Você quer cozinhar ou assistir super-heróis derrotar o mal? — Não acredito que isso seja uma pergunta.

— Super-heróis — diz ele, em um transe.

Sim, esse definitivamente é o meu filho.

Eu o deixo em paz e, depois que encontro a massa de panqueca e os copos medidores, Lily entra na cozinha de legging cinza e camisa preta folgada com o logotipo da Superheroes & Scones. Um buquê gigante de rosas vermelhas esconde seu pequeno corpo.

Eu o deixei no banheiro ontem à noite para ela encontrar. Pego um vaso e coloco no balcão da cozinha.

Ela se senta no banquinho, dando esse sorriso do tipo emocionado. — Você me surpreendeu.

Ela pensou que eu tinha esquecido, o que ela tem motivos para pensar. Costumávamos esquecer que dia da semana era. — Você acha que essas rosas são minhas? — Eu brinco. — Meu coração é preto, amor. Eu não faço romance. — Eu abro minhas mãos no balcão, me inclinando para minha esposa.

Lily coloca as rosas em um vaso e depois pega o minúsculo cartão branco entre as hastes. — Apenas Loren Hale escreveria isso.

— O que?

Ela lê: — *Essas são reais.*

Essas são reais.

Sou levado para o passado, meu amor intenso e inegável por ela da mesma forma de antes. Em todo tempo, em todo lugar. — Culpado — eu respiro.

Seus olhos voam para os meus lábios.

Os meus focam nos dela, mas forço meus pés para trás. Me inclino para pegar uma tigela. Quando eu me levanto, Lily está fora do banquinho e lendo as instruções na parte de trás da massa de panquecas.

Ela vê a hora no relógio do forno. *08:04*. — Você pode ir se preparar para o trabalho, e eu farei isso para ele.

— Tirei o dia de folga.

Rugas aparecem em sua testa franzida. — Você não precisa fazer isso, Lo. — Ela coloca uma camada de severidade fofa em sua voz que dobra minha atração. Eu quero pegá-la em meus braços e beijá-la pra caralho. — Estou bem. Estou ok. Eu não farei nada...

Coloco meu dedo nos lábios dela. — Lily. É dia dos namorados. Eu tenho planejado tirar o dia de folga a semana toda.

Ela cora. — Ah.

Coloco minha mão no meu peito nu. — Melhor marido do mundo. Acho que até Connor Cobalt concordaria comigo sobre isso.

Lily coloca a caixa de panqueca no balcão. — Ele definitivamente lutaria com você para esse título.

Eu finjo mágoa. — Connor nunca lutaria comigo.

Ela faz uma pausa, pensando, e depois assente com segurança. — Verdade, mas ele teria uma palavrinha com você. Ele gosta de palavras.

— Não sou um gênio, mas acho que “ter uma palavrinha” implica brigas físicas. — Eu meço um pouco da massa de panqueca e despejo na tigela.

— Apenas em séries de fantasias... ou históricas... na maior parte medievais… — ela para de falar, e eu a vejo suavizar os amassados da camiseta e depois ficar um pouco mais ereta, os ombros puxados para trás. Ela é adorável, mesmo quando está prestes a começar uma conversa "séria".

Eu descanso contra o balcão, esperando.

Ela parece acenar para si mesma novamente como auto-encorajamento, e então seus olhos verdes redondos encontram os meus afiados olhos âmbar. — Eu preciso falar sobre algo sério.

Aí está.

— Capitã Marvel? — Eu pergunto. O novo filme da Marvel será lançado em breve, e nós dois estamos ansiosos para vê-lo, especialmente Lil.

— Não, quero dizer, *sim*, isso é sério. Mas não, não é sobre isso que preciso falar. — Ela respira fundo e tento me preparar para as notícias. *Sexo*. Eu sei que isso é sobre sexo. — Acho que devemos começar a limitar o sexo matinal.

Cruzo os braços, confuso agora. — Nós podemos simplesmente acordar mais cedo...

— Não quero arriscar. E se ele entrar no quarto?

— Podemos começar a trancar a porta...

— Nãonãonão. Se ele tiver um pesadelo, quero que ele possa ir até nós. Não quero que meu vício tire nada dele.

— Ele ainda pode ir até nós se a porta estiver trancada.

Lily é teimosa sobre isso. — Quero chegar a um ponto onde não preciso de sexo matinal, Lo. Eu consigo fazer isso. — Seria mais fácil se pudéssemos ser espontâneos sobre sexo e, ocasionalmente, poderemos, mas Lily se sente melhor com limites e restrições.

Isso não significa que *nunca* teremos sexo matinal. Significa apenas que não fará parte da nossa norma cotidiana.

— Se você quer tentar, podemos tentar. — Eu não a impediria desse desafio.

— Eu quero tentar. — Lily olha para os meus lábios novamente, mas permanecem nele apenas por um segundo e depois vão para às minhas maçãs do rosto. Ela conscientemente desvia o olhar. Fantasias e desejos - são menos frequentes quando ela faz sexo pela manhã, ou é o que ela me disse.

Será um teste difícil, mas o que não é?

— Há outra coisa… — Lily cruza os tornozelos e depois os descruza.

— O que é? — Abandono a massa de panquecas e me aproximo mais, minha mão deslizando pela cintura dela, mas não a puxo para o meu corpo.

Seu olhar cai completamente para o meu pau.

— Lily Hale, você está olhando para o meu pau?

Seus olhos se arregalam como se dissessem *eu fui pega.* — Sim — ela admite — sim, eu estava. Você tem um pênis bonito, mesmo que esteja nas calças.

— Eu sei.

Ela dá um tapinha no meu braço.

Eu esfrego o local, que nem dói. — Você está malhando, amor?

— Estou tentando fazer uma declaração séria aqui.

— Eu pensei que era sobre o meu pênis bonito.

Seu pescoço fica vermelho, menos de vergonha e mais de excitação. — Não é... ou meio que é. — Ela levanta as mãos. — Dê dois passos para trás. Não consigo pensar com clareza quando você está tão perto de mim assim.

Dou dois passos para trás, como ela pediu. — Melhor?

Ela assente com mais confiança.

Eu aceno para ela com as duas mãos. — Manda ver.

Com uma grande inspiração, ela diz: — Quero tentar ter outro bebê. — Meus lábios se abrem, e ela fala apressadamente antes que eu possa processar. — Sei que, de passagem, discutimos a possibilidade de ter outro, mas estou falando sobre realmente *tentar*. Planejar e tudo mais.

Ando atordoado para trás, minha mão pegando o balcão em busca de apoio. Estou apenas *confuso*. Ela está certa; conversamos sobre ter outro filho, mas como a maioria das coisas conosco, meio que adiamos. Nós não planejamos. Nós não somos Rose e Connor. As coisas simplesmente acontecem conosco.

Nós não as fazemos acontecer.

É assim que vivemos nossas vidas, e agora que esse fato está em foco claro, eu só consigo pensar *isso é triste pra caralho.* É realmente triste que as pessoas tenham tido que nos guiar a vida toda. Essa péssima e boa sorte ditou o que acontecerá no nosso futuro.

— Por quê? — Eu pergunto. — Porque agora? É um momento estranho, Lil. Com tudo o que está acontecendo enquanto Moffy envelhece. — À medida que ele cresce, continuamos girando quando estávamos acostumados a ficar enraizados em um só lugar.

Lily se aproxima por vontade própria.

E então ela estende a mão para a minha. Lenta mas cuidadosamente, ela entrelaça meus dedos com os dela, nada sexual sobre o ato. Por um breve momento, sinto nossa adolescência - Lily e Lo, Lo e Lily - melhores amigos em vez de amantes. Onde o toque carrega a profundidade e a salvação de toda emoção comovente e angustiada.

Olho nossas mãos entrelaçadas enquanto ela diz: — Queremos mais. Nós queremos, certo?

— Certo. — Eu expressei isso ao longo dos anos. *Eu posso fazer isso de novo*, eu sempre disse. *Eu teria outro*. Porque meu filho não me derrubou. Quando olho para ele, posso muito bem estar voando.

— Então temos que começar a tentar e planejar, senão isso nunca acontecerá. Somos muito bons em procrastinar e não podemos procrastinar nisso. É a nossa família. — Ela respira, ainda não terminou. — E eu decidi contar hoje porque prefiro tomar essa

decisão no meu pior dia do que no meu melhor. Eu preciso lembrar que haverá muitos dias ruins e dias de merda, e esses dias ruins não podem atrapalhar meu futuro... *nosso* futuro.

Meus olhos ardem, minhas emoções me inundam de uma só vez. *Jesus Cristo*. Eu vou chorar, e ela nem está chorando. — Lily Hale. — Eu limpo uma lágrima que escapa. — Que jeito de ser melhor do que eu no dia dos namorados.

Ela explode em um sorriso. — Sério? Isso é um sim?

Eu aceno algumas vezes. — Você e eu - podemos não ser gênios ou aventureiros, mas somos bons juntos. — Faço uma pausa, as palavras me atingindo com força. — Porque nossos piores dias podem se tornar nossos melhores. — Eu dou um meio sorriso. — E porque o sexo é ótimo.

Ela está radiante. — Decidi que estou feliz por não poder viajar no tempo.

— Nem mesmo para mudar o dia em que sua sala de aula toda ouviu o pornô que você estava assistindo? — Eu provoco.

Ela cora, e é preciso toda sua força para balançar a cabeça. — Você está lá nessa memória. Sentado ao meu lado. E não quero perder nenhum dia com você.

Eu a abraço no meu peito. — Sem poderes de viagem no tempo para você.

Ela levanta o queixo para olhar para mim. — O teletransporte ainda está na mesa. Prometo que vou levá-lo comigo.

— Para onde estamos indo?

— Hogwarts.

— Boa ideia. — Prioridades. Magia é sempre número um.

[12]

Fevereiro 2019

A Cabana de Madeira

Aspen, Colorado

CONNOR COBALT

— Eu não me sinto bem, papai — Jane sussurra tão baixinho que mal consigo ouvir suas palavras. Sentado na beira da cama de solteiro, puxo uma colcha até seu pescoço, um termômetro na mão esquerda. Ela está quente, mas sem febre. Eu limpo o seu nariz escorrendo com um lenço de papel, a fadiga pesando em suas pálpebras.

Eu beijo sua testa. — Je sais, mon coeur. — *Eu sei, meu coração.*

Ela não é a única doente nessa viagem.

Lo estava resfriado desde ontem no avião particular para o Colorado. Ele ficou em quarentena na cabine dos fundos, mas a doença ainda pareceu se espalhar para Jane e Daisy.

Ontem à noite, Lo delirantemente e por engano me mandou uma mensagem. Eu estava sentado na frente dele na sala de estar da nossa cabana alugada. No meio de cobertores e caixas vazias de lenços de papel, ele fez o que Lily chamou de —ninho da doença— para ninguém chegar perto.

Não quis deixar você doente no seu 23º aniversário Quem tem mais sorte: você, eu ou meu irmão? – Lo

Sua mensagem era para Daisy. Todos tiramos essa semana de folga para comemorar seu aniversário. Nem sempre nós vamos para algum lugar perto do dia 20 de fevereiro, mas esse foi um bom mês para deixarmos para trás o trabalho.

Respondi a Lo: *não acredito em sorte, querido.*

Ele nem percebeu que eu mandei uma mensagem. Seu celular deslizou de sua mão, batendo nas tábuas do chão, e ele caiu em um sono fraco e cansado.

Jane estremece sob as cobertas. Afago seus cabelos úmidos e, enquanto o remédio para resfriado combate seus sintomas, tento

facilitar para que ela durma com a história de Eleanor Roosevelt, seu homônimo. Se eu deixar de fora um detalhe, ela geralmente aponta que eu pulei uma parte, e discutirá até eu recontar a história do começo novamente.

Rose disse que Jane se parece comigo.

Eu disse que Jane se parece com ela.

Rose e eu determinamos que somos parecidos de várias maneiras, e por isso não é surpresa que nossos filhos também sejam. Lily então interrompeu: — Vocês são as mesmas estrelas nerds que sempre foram.

Observo Jane tentando fechar os olhos, mas ela os força a abrir quando chego a década de 1920 na história de Eleanor. Ela adora essa seção por causa de quão animada e apaixonada Rose fica quando fala sobre a 19ª Emenda e de como Eleanor se juntou a Liga das Mulheres Eleitoras. Rose pinta as mulheres como super-heróinas, e reforça essa verdade até que nossa filha acredite que ela também seja uma.

Não importa o quanto Rose e eu sejamos iguais, também somos drasticamente diferentes. E eu nunca posso substituir Rose no coração de Jane.

Eu pulo um detalhe para ver se ela está ouvindo.

Jane não percebe isso, olhos vidrados e olhando para a colcha que não é dela. Estamos em um lugar que ela vê como estranho e estrangeiro. Essa não é a primeira vez que ela fica doente, mas é a primeira vez que ela fica ciente da doença, do que significa estar doente. Assim, para Jane, essa *parece* a verdadeira primeira vez.

Com lágrimas nos olhos, ela diz: — Eu quero a mamãe.

Levanto Jane da cama e a seguro em meus braços. Ela chora suavemente contra o meu peito. As lágrimas dela. A doença dela. É tudo temporário. Acabará eventualmente, e não importa o que eu *ache*, essa miséria que ela experimenta pela primeira vez em sua vida acaba me dominando.

Eu não levanto. Não posso levá-la para Rose. Eu já disse a ela o porquê. Rose está grávida de seis meses e não pode correr o risco de pegar um resfriado. Nessas circunstâncias, Jane perdeu a opção de ser confortada por sua mãe, e isso a assusta, talvez até mais do que estar doente.

Rose está sempre lá para Jane. Para todos.

Eu limpo as lágrimas da Jane com o polegar, seus braços em volta do meu pescoço. Para qualquer adulto, eu seria capaz de fornecer o que eles precisam, mas as crianças têm desejos que caem na fantasia.

Ela funga e murmura: — Você pode... você pode fazer meu nariz parar?

Eu limpo o seu nariz com outro lenço de papel.

— Pour toujours? — *Para sempre?*

Meus lábios se erguem por um breve momento. — Você se sentirá melhor quando fechar os olhos e dormir. Gostaria que eu ficasse mais um pouco?

Jane assente repetidamente, esfregando os olhos. — Por favor, papai. — Ela tosse um pouco, mas não tanto quanto tossiu durante a tarde.

Eu a coloco de volta na cama, seus pijamas não combinam, com calças estampadas de guepardo e blusa xadrez rosa. E sussurro perto do ouvido dela: — Eu te amo.

Ela murmura baixinho um *eu também te amo* e depois tenta fechar os olhos. Eu fico sentado na beira da cama dela, minha mão no seu braço. O quarto escuro está decorado com decoração típica de cabana, principalmente itens com padrões de peixes, como um tapete, uma lâmpada, e até as maçanetas de uma cômoda têm o formato de truta.

Trinta minutos nesse quarto e a segunda cama de solteiro ficou vazia o tempo todo. A colcha amarrotada até o pé da cama. Percebo o brilho quente da luz embaixo da porta do banheiro, mas nenhum som vem dali.

Daisy está dividindo um quarto com minha filha, para que Jane não fique sozinha e com medo, e para que Daisy não passe o resfriado para Sullivan.

Não tiro conclusões irracionais.

Muito provavelmente, Daisy está acordada e lá embaixo. São cerca de 5 horas da manhã - e nem sempre consigo discernir se minha cunhada dorme ou não mais do que costumava. Eu não moro mais com ela, e Frederick é moral demais para oferecer informações sobre suas sessões de terapia.

Por mais que eu me importe com a saúde de Daisy, não tenho motivos reais para bisbilhotar. Nenhuma vantagem. Nada em jogo. Então eu não faço isso há um tempo.

Jane finalmente fechou os olhos, respirações suaves saindo por seus lábios entreabertos, então eu silenciosamente me levanto. Ela nunca se mexe ou acorda.

Tiro minha camiseta azul-marinho, encharcada de lágrimas e muco, e vou para o banheiro. Eu pretendo lavar minhas mãos antes de voltar para Rose.

Ping.

Ping.

Ping.

Notificações do celular.

Então meu telefone começa a *zumbir* com mensagens de texto.

Maravilhoso. Sempre que há um ataque repentino de mensagens, não recebo boas notícias. Eu digito minha senha e depois leio as notificações do email da minha assessora, membro da diretoria da Cobalt Inc. e investidores.

Naomi Ando 5:04
Como você gostaria que eu respondesse...

Steve Balm 5:04
Ridículo. Estou entrando em contato com os advogados da empresa...

Kent O'Neill 5:05
Olá Sr. Cobalt,
Como isso (link abaixo) afetará os futuros investidores…

Minhas sobrancelhas franzem levemente em intriga, não em pânico. Eu descanso meu braço na porta do banheiro e clico em um tweet:

@Lalipop2476: *O pai do Connor Cobalt gostoso-pra-caralho *emoji de olhos do coração* #achamosele*

Não quero perder tempo pensando em Jim Elson. Eu respondo rapidamente a Naomi e depois clico em várias mensagens que

minha esposa me enviou do quarto ao lado.

Como ela está? – Rose

Ela está dormindo? Se ela precisar de outro cobertor, eu tenho um aqui para ela. Ela precisa de mais alguma coisa? – Rose

Se você está excluindo minhas mensagens, estará arrumando uma cama no chão, Richard. – Rose

Começo a sorrir, mas depois vejo que a próxima mensagem não tem relação com nossa filha.

O Twitter está enlouquecendo. – Rose

Acredito nela e guardo meu celular no bolso.

Eu abro a porta do banheiro. Espero não ver nada fora do comum, mas não considerei uma variável: o resultado mais provável nem sempre é o que acontece.

Daisy está deitada ao lado do vaso sanitário, bochecha nos azulejos, cabelos loiros espalhados sobre os olhos, vestindo shorts de algodão amarelo e uma blusa de manga comprida.

Rapidamente e o mais silenciosamente possível, corro para o lado de Daisy e me agacho sobre ela enquanto pego meu celular. Eu faço o que eu gostaria que Ryke fizesse se Rose estivesse nessa situação.

Eu disco o número dele.

— Daisy — eu digo suavemente. Coloco minha mão na testa dela, meu telefone no ouvido. Ela está muito mais quente que Jane, e eu a rolo de costas. Sinto cheiro de vômito no banheiro e, assim que coloco meus dedos em seu pescoço, suas pálpebras se abrem. Como se ela estivesse acordando de uma soneca.

— Connor? — Ela boceja e depois se encolhe, provavelmente com o gosto na boca.

Ryke responde no quarto toque. — O que? — Ele não está tão grogue quanto a maioria das pessoas estariam.

— Não grite ou saia correndo por aí — eu digo, ouvindo o rangido da cama dele quando ele se levanta — mas Daisy está passando mal no banheiro… — Ele desliga na minha cara.

Eu sei que ele está a caminho porque eu o conheço, mas ele poderia ter pelo menos usado suas palavras.

Ryke age exatamente o oposto de como eu reagiria na maioria das vezes, e convencê-lo a seguir minha lógica é como dizer a um

lobo para dormir na cova dos leões.

Não faz sentido tentar mais. Ele faz o que faz. Ele é quem é. E eu comecei a gostar dele melhor assim.

— Eu posso ajudá-la a ficar de pé — digo a Daisy enquanto ela se lembra de sua localização. Sua pele está pálida e pegajosa.

— Adormeci — diz ela com outro bocejo. — Passei mal e simplesmente apaguei. Não desmaiei nem nada. — Ela tenta se levantar, pendurada no assento do vaso.

Eu a ajudo, minha mão em sua cintura.

— Você provavelmente não deveria me tocar — diz ela suave e lentamente. — Eu acidentalmente... acho que passei uma infecção de garganta para a Rose quando eu tinha sete anos... você tinha que ter visto como ela ficou… — Ela pisca e pisca. — Rose... ela agiu como se tivesse sido condenada com a peste bubônica. E ela está grávida agora... — Daisy tenta fracamente me afastar.

Parece que está arrumando uma almofada do sofá em vez de me dar um tapa.

— Infelizmente para você, eu não sei como você se sente. — Vejo vômito nos fios do seu cabelo que tenho certeza de que o marido dela ajudará a limpar. — Eu morava em um colégio interno quando criança. Fui submetido aos patógenos mais comuns, por isso tenho uma imunidade mais forte do que a maioria das pessoas.

Daisy sorri fracamente e quase cai no vaso sanitário. Eu a pego e a levanto novamente. Ela se pendura nos meus ombros para apoio.

— Claro que tem — ela diz lentamente. —Você é Connor Cobalt...

A porta se abre silenciosamente, mas rapidamente, Ryke invadindo com preocupação desenfreada. Solto Daisy no mesmo momento em que ela se vira para os braços do marido.

Ryke segura o rosto dela e coloca uma mão em sua testa. — O que aconteceu, porra? Você está bem? — Enquanto ela explica de uma maneira *agonizantemente* lenta, eu tenho que passar por eles para chegar à pia.

Eu abro a torneira e começo a ensaboar as mãos e os pulsos com sabão com cheiro de pinho.

Ryke limpa o vaso sanitário e abaixa a tampa. Daisy se senta, tremendo e febril, piscando como se estivesse tentando processar tudo. Estou certo de que ela não está totalmente coerente.

— Eu nunca deveria ter deixado ele entrar... no meu quarto. Ou naquela casa... — Daisy estremece.

Interessante.

Seco minhas mãos com uma toalha e encosto no balcão da pia. Ryke se eleva sobre ela com as sobrancelhas franzidas.

— Quem diabos é *ele*? — Ryke rosna.

— …O que? — Daisy pressiona o calcanhar da palma da mão na têmpora. — O que eu disse?

Eu repito, já que a versão de Ryke será repleta de *palavrões* desnecessários. — Você disse que nunca deveria ter deixado ele entrar em seu quarto ou naquela casa.

Ela lambe os lábios secos. — ...a casa da cidade. Quando estávamos gravando *Princesas da Filadélfia*... você estava lá. — Ela olha para mim.

Os olhos escuros de Ryke se fixam agressivamente na minha expressão calma e inabalável.

— Relaxe — digo a ele.

— O que você estava fazendo na porra do quarto dela?

— Não, não — Daisy diz e estremece. Eu acho que por trazer esse assunto à tona. Se ela não tivesse febril, provavelmente nunca teria feito isso. — Ele interrompeu... ele... nós.

Agora compreendo. — Ela está falando sobre o Julian.

Ryke solta um suspiro pesado e passa a mão pelos cabelos grossos e despenteados. E então seus olhos encontram os meus, pedindo desculpas.

Eu aceno com a cabeça uma vez. — Você deveria ter me ouvido. Noventa e nove por cento dos seus problemas desapareceriam.

Ele mostra o dedo do meio para mim. — Noventa e nove por cento dos meus fodidos problemas são você, Cobalt.

— É estranho... sempre que você diz *foda*, paro de ouvir o que você diz. Que é toda vez que você fala. Na verdade, não é nada estranho. Eu chamo de escolha.

Ele me mostra os dois dedos do meio.

Meu sorriso se amplia e eu dobro a toalha de mão e a coloco de lado.

— Obrigada. — Isso não vem do Ryke. Leva um segundo para perceber que ela está falando diretamente comigo. — ...você sabia,

não sabia? Naquela época, você sabia que eu não queria fazer nada... com ele. E então você nos interrompeu... de propósito.

Lembro-me claramente como me lembro de quase tudo. Bati na porta dela, a ouvindo com Julian, e quando vi sua reação, a que ela tentou ocultar, sabia que ela preferiria estar em qualquer outro lugar, menos lá. Eu esperei até Julian sair, e Daisy e eu nunca mais falamos sobre esse momento.

Isso foi há cinco anos atrás.

— Eu sabia — admito.

— Obrigada — ela repete, os olhos brilhando com lágrimas, talvez por exaustão. Ela treme e Ryke esfrega os seus braços, mas olha para mim.

— Eu nunca soube disso.

— O que teria mudado? — Não vejo isso afetando nosso relacionamento, que já teve altos de baixos, foi de um lado para o outro, e é um dos mais difíceis de ler.

Sua narina abre, e ele dá de ombros.

Daisy está tão perdida em pensamentos que simplesmente pergunta em voz alta: — Vocês já tiveram um relacionamento ruim que acharam que não ficaria com vocês... mas ficou?

Balanço a cabeça ao mesmo tempo que Ryke.

O olhar de Daisy se arrasta para os azulejos. — Às vezes eu sinto que... as pessoas que escolhi me arranharam... e é impossível apagar as marcas que elas fizeram.

Ryke abraça Daisy quase imediatamente, e ela retribui, enterrando a cabeça no peito dele. Os deixo em paz, assim que outra mensagem chega.

Estou indo checar a Jane. – Rose

Não. Volto em menos de um minuto. Eu respondo, olhando para minha filha, ainda dormindo, enquanto saio para o corredor.

A apenas um quarto de distância, abro a porta ao lado e encontro Rose encostada na cabeceira de madeira com uma infinidade de travesseiros costurados à mão. Celular na mão.

Ela estica o braço e puxa a corda do abajur do urso, iluminando o quarto. — Atualizações. — Ela levanta uma unha bem cuidada para mim. — E você é tão *sortudo* por eu estar *tão* grávida assim, ou então eu já estaria fora dessa porra de porta.

Por *tão grávida assim*, ela quer dizer que seu estômago está muito redondo, suas curvas visíveis em seu robe de seda preto. Me aproximando da cama, consigo dizer o quanto suas costas estão doendo. O bebê a chutou até acordar ontem à noite, então ela não tem dormido muito bem.

— Richard — ela retruca.

— Estou avaliando você. — Sento na cama aos pés dela.

— Perdão? Não me avalie. Temos uma filha doente e um filho de um ano com distúrbios gastrointestinais, também conhecido como diarréia *intensa* à meia-noite. — *Beckett*. Eu sorrio ao ver como ela se senta ereta e se move para frente como se quisesse enfiar as palavras dentro dos meus tímpanos. — E sem mencionar o nosso outro filho de um ano que já sabe quarenta palavras e escolhe dizer *errado* mais do que olá. — *Charlie.*

— Algo mais? — Eu me inclino para massagear o pé dela.

Ela o puxa da minha mão, o dedão apontado para a minha garganta em ameaça. — Estou a alguns segundos de decapitar você.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Com a unha do pé?

Ela rosna. — Richard.

— Rose.

— Somos uma equipe? — Ela pergunta, e meu sorriso desaparece.

— Claro.

— Então me trate como se eu estivesse na porra do campo e não de fora por causa *disso*. — Ela aponta para o abdômen. Nunca foi minha intenção fazê-la se sentir do lado de fora. — Sou perfeitamente capaz de ouvir notícias e lidar com elas.

—Você é — eu concordo. — Eu não estava sugerindo que você não era capaz. — Toco o pé dela novamente, e ela me deixa trazê-lo para o meu colo. Eu massageio sua sola, e ela relaxa contra os travesseiros. — Só para esclarecer — acrescento — nunca vou agir como se você não estivesse grávida quando está.

— Eu não gostaria que você fizesse isso — diz ela baixinho, bem quando eu massageio um nó no seu pé. Ela inala como se dissesse *ai, bem ai*. Eu aplico mais pressão, e seu peito cai.

Quando nossos olhos se encontram, ela os estreita. — Eu te odeio.

Eu sorrio. — Jane está bem. Beckett e Charlie ainda estavam dormindo quando eu os chequei. E sua irmã está com febre.

A preocupação cruza seu rosto e ela se senta mais ereta. — Qual irmã? E o que você quer dizer com *bem*? Você não poderia ter escolhido uma palavra mais descritiva? Existem literalmente milhões e você escolhe *bem*? — Ela cruza os braços.

— Daisy. E *bem* geralmente significa que está *ok*. Aceitável. Passável. Você precisa de mais sinônimos?

Rose estreita os olhos. — Acho sua dicção *inaceitável* e irritante.

— Acho sua resposta redundante e atraente.

Ela tenta esconder um sorriso revirando os olhos. — Sério, Connor, ela precisa de alguma coisa?

Não posso dizer a Rose que Jane a chamou. Ela tentaria teimosamente ver nossa filha, e não vale a pena discutir. — Ela está dormindo. Ela se sentirá melhor pela manhã.

Rose leva um momento para deixar que essa ideia se instalar. Eu beijo seu tornozelo e depois me aproximo, deslizando minha mão pelo comprimento de sua perna.

Rose me observa com penetrantes olhos verde-amarelados. — Você ainda está me *avaliando*?

Eu endureço com o gelo em suas palavras. — Eu já sei tudo o que há para saber. — Eu alcanço sua coxa e me ajoelho entre suas pernas, desatando o nó solto de sua túnica. Ela teimosamente fecha os joelhos e antecipa que eu os afaste.

Eu os afasto.

Eu adoro o brilho de *eu te odeio, Richard* em seu olhar flamejante.

Rose esfrega os lábios como se estivesse alisando o batom. Eu a puxo para baixo para que ela não fique sentada, e seu calor pressiona contra a minha ereção.

Ela engasga e depois estreita os olhos. — Esse barulho *não* foi para você.

O sangue corre para o meu pau. — Se não foi para mim, então foi para quem?

Rose inclina o queixo. — Para o ar.

É difícil para mim acreditar que entre o *ar* e eu, o ar é superior. Frederick me lembraria que não sou hercúleo, mas certamente sou melhor que a maioria das pessoas e a maioria das coisas. Sem muita pausa, digo: — O ar não tem precedência sobre mim.

— O oxigênio é necessário para sustentar a vida — ela combate.

— O oxigênio não pode pensar. O oxigênio não pode resolver conflitos. O oxigênio é necessário para a sobrevivência, mas é incomparável a *mim*.

Rose murmura algo sobre o meu narcisismo, mas eu a distraio quando termino de desamarrar seu robe. A seda escorre de suas curvas como água. Nua por baixo, eu me concentro no inchaço de seu estômago, sua respiração superficial e a plenitude de seus seios.

Nossos olhares flutuam um para o outro, a calma fluindo através de nós quando reconhecemos a vida que criamos. Eu nunca vou parar de amar Rose e o futuro que construímos juntos.

— Diga algo real — ela sussurra.

— Je t'aime. — *Eu te amo.*

Eu seguro sua bunda e a trago mais firme contra mim. Rose agarra a colcha com as duas mãos, e eu coloco alguns travesseiros embaixo da parte inferior das suas costas, erguendo seu corpo em direção ao meu.

Seja gentil, eu me lembro. Mesmo que ela não goste dessas duas palavras, mesmo que elas não sejam as minhas favoritas - eu não posso transar com ela bruscamente, não quando ela está grávida.

Aperto sua bunda e planto beijos quentes ao longo de seu abdômen. Ela respira fundo, mas me deixa fazer o que eu quero com o corpo dela - e eu gostaria de brincar com minha esposa.

Frágil, mais vulnerável, e ela ainda está me dando permissão para dominá-la. Esse fato, combinado com as mudanças em seu corpo e a maneira como seus olhos queimam buracos através de mim, me agita e me agarra.

Eu estou preso.

Minha mente nunca vaga. Nunca diverge.

Eu estou fixado.

Não consigo pensar em nada além de Rose.

Abaixo a cabeça e beijo entre as suas pernas. Ela treme, seus hormônios intensificando cada sensação. Eu aperto sua bunda novamente. Rose estremece e fecha os olhos com força. Seu desejo sexual, no passado, foi maior durante o primeiro e segundo trimestre e ausente durante o terceiro.

Eu estudo a reação dela por um momento, beijando o interior de sua coxa. — Tu es à l'aise, là? — *Você está confortável aí?* Me sento para ajustar os travesseiros embaixo de Rose. Ela tem dores nas costas frequentes, principalmente devido ao salto alto, mas ele irá suportar quase tudo só para usar um par.

É um paradoxo.

Ela se sente mais confortável em saltos. E, no entanto, eles são a causa do que aumenta o seu desconforto.

Rose solta uma respiração quente pelo nariz. — Eu tenho que falar com você.

Eu tenho que falar com você não é uma substituição para *não faça sexo comigo.* Pelo contrário, conversamos durante o sexo com mais frequência do que fazemos sexo em silêncio.

— Estou ouvindo. — Esfrego sua coxa e a vejo olhar para o contorno do meu pau e depois de volta para meus olhos azuis. Eu liberto meu pau, e seus lábios se levantam um pouco antes que ela estreite os olhos novamente.

— Você não vai gostar do tópico — explica ela — mas ele *precisa* ser discutido.

— Se tem algo a ver com o Twitter, eu já estou lidando com isso...

— Não é isso. — Ela acena com a mão como se estivesse jogando esse tópico para o lado.

Pressiono a ponta da minha ereção contra sua boceta. — Eu poderia adivinhar, mas você não me deu detalhes suficientes para fazer um palpite educado.

Ela se apoia nos cotovelos, como se esperasse chegar perto do meu rosto e arrancá-lo. — Você é tão… — Eu empurro para dentro dela e ela cai de costas com a nova plenitude e prazer. Seu calor envolve meu pau, a sensação picando meus nervos.

— O que você disse, querida? — Eu provoco.

Rose levanta a mão como se dissesse *cale a boca* e depois coloca a palma da mão na testa. — É sobre a Sadie.

Eu balanço lentamente para dentro e fora, o atrito criando suor. — Poderíamos estar falando sobre teoria dos jogos, Nietzsche, Foucault ou evolução e você quer falar sobre minha gata misógina que mora com meu terapeuta?

— Sim — ela diz teimosamente.

Eu bato no lado de sua bunda.

Ela luta contra um sorriso. — Eu te odei...

Cubro sua boca com a mão, sua raiva aquecendo meu corpo inteiro. — Você me *ama*, e essa pode ser a milésima vez que eu te lembro isso. — Ajoelhado entre as pernas dela, empurro dolorosamente lento, até para mim. Meus músculos queimam. — E eu não falo em hipérboles.

Tiro minha mão da boca dela, a arrastando pela base do seu pescoço, entre os seios, e descanso a palma no seu abdômen redondo. Eu consegui sentir pequenos movimentos do nosso filho ou filha hoje de manhã.

Rose está perdida em prazer por um momento, sua respiração ficando ofegante, mas o fogo nunca se apaga de sua voz. — Seu ego vai contaminar nosso feto. — Ela pressiona a mão na boca, sufocando um gemido.

Agarro seu pulso, levantando a palma da mão para que eu possa ouvir.

— Porra — Rose choraminga. Seus ombros cavam no colchão quando ela se aproxima de um pico, e ela pulsa em volta do meu pau.

Um gemido escapa dos meus lábios.

— Mais forte — ela implora.

Eu aperto sua bunda. — Não.

— Connor… — Ela coloca as mãos sobre o rosto, o que só faz quando está desorientada de um orgasmo - e quando não está algemada.

Agarro os seus dois pulsos e os seguro com uma mão. Eu não chego ao clímax com ela, então quando ela desce do seu pico, ainda estou balançando para dentro e para fora.

— Sadie — ela diz ofegante.

Deixo que ela veja minha irritação e depois bato na sua bunda novamente. — Meu nome não é *Sadie.*

— Estou falando sério, Richard. — Ela recupera o fôlego. — Eu quero trazê-la para casa. — Ela me interrompe antes que eu possa acrescentar *já falamos sobre isso*. — A última vez que a vi na casa do Frederick, ela preguiçosamente e pateticamente caiu aos meus pés. Ela está velha. — Abro a boca, mas ela diz apaixonadamente: — Vou cortar as unhas dela todas as manhãs e ensinarei Jane a não provocar a gata nem puxá-la pelo rabo.

— Se fosse apenas sobre o erro da Jane, nunca teríamos mandado a gata embora. É mais do que isso, Rose. É sobre Sadie ser imprevisível e hostil.

— Ela está *velha*, Connor. — Ela usou meu nome do meio, o que significa que esse assunto significa mais para ela. — Não é sobre Jane. É sobre manter nossa família unida, e Sadie faz parte da nossa família. — Rose é leal ao extremo, mas se ela vê uma mudança em Sadie, talvez seja mais seguro trazê-la para casa.

Posso me convencer de que Sadie está bem sem mim, então não sinto nada em deixá-la para trás, mas Rose não pode.

Jane não pode.

Concordo, mas depois balanço a cabeça. — Não gosto de dar algo a Jane depois que repetidamente dissemos *não*. — Nossos filhos são privilegiados, mas preciso que eles entendam seus privilégios. Mima-los assim não ajudará.

— Vamos lembrá-la que Sadie não é dela. Sadie é o seu próprio *ser* e não um brinquedo ou uma recompensa.

Será difícil para Jane entender a diferença.

Rose me olha fixamente, sua paixão praticamente brilhando de sua pele. — Richard Connor Cobalt está com medo de um desafio.

Eu empurro mais fundo, e suas clavículas se projetam com uma inspiração desconcertada. Meu queixo está flexionado de excitação. — E Rose Calloway Cobalt está tentando me incitar.

Rose mexe as mãos no meu aperto, à beira de outro orgasmo. Aperto seus pulsos com mais força, meu próprio clímax no horizonte. Gotas de suor escorrem no meu peito, meus abdomens brilhando.

Seu fervor me estimula.

Eu gozo assim que ela chega ao clímax. Eu cuidadosamente me inclino para beijar seus lábios e sussurro: — Duas semanas.

Traremos Sadie para casa então.

— Uma semana — ela argumenta.

Sinto uma batalha no nosso futuro. Uma com tabuleiro, letras e pontos. — Scrabble. Melhor de três — eu desafio.

Os ombros dela se erguem com confiança. — Aceito, com a opção de um adendo.

Ela poderia remover certas vogais ou definir uma categoria como “palavras pastorais” - tudo é possível com uma adição aberta ao jogo. *O que ela vai fazer?*

Eu estou preso.

Eu estou fixado.

— Um adendo — eu concordo com os termos dela.

E nosso amor se transforma em rivalidade.

* * *

Eu ganhei a primeira rodada. Ela ganhou as duas seguintes. Sua adição ao jogo: usar apenas palavras que especifiquem locais históricos ou anatomia. As categorias têm zero relações uma com a outra. No quadro, tínhamos *hipotálamo* conectando-se a *Everest* e depois *ventrículo* a *Inukshuk*.

Foi tão absurdo quanto foi divertido.

E culpo a sorte pela minha perda. Continuei pegando cegamente letras que valiam um ponto.

Agora, quase sete horas da manhã, Rose voltou a dormir depois que nós dois tomamos banho. Nem um pouco cansado, desço a escada estreita da cabana. No meio do caminho, o degrau range atrás de mim.

Eu verifico por cima do ombro.

Nem um pouco surpreso.

Sempre que estamos na mesma casa, Ryke e eu tendemos a nos cruzar pela manhã. Aspen ou Filadélfia, isso não mudaria.

Sem camisa como eu, com os cabelos bagunçados (não como eu) e a mandíbula flexionada, Ryke desce dois degraus de cada vez, mal fazendo contato visual. Então ele chega ao *meu* degrau. Sem espaço para passar, ele tem que esperar, já que eu não desço correndo.

— Você pode me deixar passar, porra? — Ryke pergunta.

— Os lugares em que você deve estar não podem ser mais importantes que os meus. — Não estou descendo as escadas devagar ou rapidamente. Eu estou em algum lugar no meio.

— Você poderia simplesmente ter dito *não*, porra. — Sua voz agitada está bem perto do meu ouvido, e assim que chegamos ao último degrau, ele tenta passar por mim.

Nós ficamos lado a lado, presos entre a parede e o corrimão.

Eu empurro na frente, e ele xinga baixinho por eu *sempre precisar ir primeiro nessa porra*. Eu responderia, mas é, em sua maioria, verdade. O primeiro andar é apenas um cômodo espaçoso contendo a sala de estar, cozinha, mesa de sinuca e janelas para o ar livre com neve.

Lo está dormindo no sofá de couro, com lenços amassados espalhados ao redor dele. Sem parar, vou para a cozinha e ouço Ryke me seguindo.

Eu verifico por cima do ombro. — E eu nem precisei dizer para ele vir.

Ryke mal se encolhe. — Eu não estou de bom humor, Cobalt. — Nossos caminhos divergem nas bancadas em granito. Eu vou para a cafeteira. Ele vai para a geladeira.

Enquanto faço café, eu o examino a alguns metros de distância. Seria mentira dizer que não estou um pouco preocupado. Eu estou. Só um pouco. Não é porque ele dispensou minhas brincadeiras. Ryke geralmente faz isso. É o fato de ele ficar fungando e fingindo que eu não consigo ver.

Ele abre a porta da geladeira e pega uma caixa de suco de laranja. Então ele tira a tampa... e procura um copo.

— Eu pensei que você preferia evitar comodidades modernas.

— Por que você não pode simplesmente dizer um fodido *copo*? — Ele encontra um e coloca no balcão.

— Porque só você diria *um fodido copo*, e eu não sou Ryke Meadows. — Eu pressiono o botão *iniciar* na máquina de café. Enquanto prepara, eu me inclino contra o balcão e o vejo derramar cuidadosamente o suco de laranja no copo enquanto *funga*.

Ryke sempre bebe direto da garrafa, mas não faria isso se achasse que alguém poderia ficar doente.

— Você percebe que a vitamina C só ajuda a prevenir doenças. Não cura.

— Eu não estou doente ainda — ele rosna baixinho. Então ele rapidamente bebe o copo inteiro em dois goles. Ele começa a servir um segundo copo, e seus olhos castanhos e agitados voam para mim. — O que?

— Você está suando.

— Eu *não* estou. — Ele passa o braço pela testa úmida.

— Você mediu sua temperatura?

Ryke enche o segundo copo e depois o bebe. — Vai se foder. — Ele fecha a garrafa e coloca o copo na pia.

Eu me afasto do balcão. — Você não quer deixar sua filha doente, Ryke. — É por isso que ele está tão preocupado em *ficar* doente em primeiro lugar, mas ele é teimoso.

Ryke fica tenso e esfrega os olhos com a palma da mão. — Tá. — Ele se aproxima, apenas uns três centímetros mais baixo. — Eu vou dizer essa porra uma vez, e eu juro, se você sorrir, eu vou te dar um soco.

— Parece uma promessa — digo casualmente — mas não verifiquei o que as promessas de Ryke Meadows significam.

— Significa que você vai levar um soco.

— Veremos. — Eu espero pela declaração dele.

Ryke passa as duas mãos pelos cabelos. — Apenas toque na minha testa e me diga se eu estou quente, porra.

Pelo bem dele, eu faço o meu melhor para conter o meu sorriso, e o meu melhor é *o* melhor. Estou sem expressão quando coloco as costas da minha mão em sua testa pegajosa. Depois de alguns segundos, eu a abaixo. — Você está quente — confirmo. — Mais quente que Jane, mas não febril como Daisy.

— Porra. — Ele coloca as mãos na cabeça e olha para frente.

— É só pedir. Eu direi sim. — Eu sempre direi *sim* se ele precisar de mim.

Ryke vai até a pia, colocando as mãos na beirada enquanto pensa. Impaciente. Volto para a cafeteira e tiro uma caneca preta do armário.

— Você pode cuidar da Sullivan? — Ele finalmente pergunta, sufocando mais emoções do que eu pensei que ele teria. — Porra.

— Ele aperta os olhos.

Meu peito sobe em uma respiração forte. A emoção dele me afeta - e não é sempre que as pessoas fazem isso. — Não é um fracasso da sua parte — digo a ele. — Se Rose e eu estivéssemos contagiosos como você e Daisy, eu pediria para você cuidar dos meus filhos. — Eu sou mais específico. — Eu pediria a você *primeiro.*

Eu vejo surpresa em seus olhos, e ele se vira mais para mim. — É?

Eu concordo com a cabeça. — Você é confiável, seguro. — Eu sorrio — Um clássico Golden Retriever.

Ele balança a cabeça. — Porra, você é tão...

— Preciso, eu sei.

Espero que ele me mostre o dedo do meio, mas ele apenas bagunça seu cabelo novamente e depois acena para mim. — Vi o Twitter hoje de manhã. Aquilo é preciso?

Ele não saberia a verdade porque eu raramente falo sobre meu pai. Nas últimas duas horas, o mundo ficou obcecado graças a um novo artigo do *Celebrity Crush* de Wendy Collins, intitulado: *Quem é o pai de Connor Cobalt?*

A jornalista divulgou seu nome (Jim Elson), mas nada mais.

As pessoas na internet se encarregaram de desenterrar informações sobre Jim Elson, e agora todo mundo está circulando a foto de um homem da Filadélfia do lado de fora do Citizens Bank Park.

O nome dele: Jim Elson.

O cabelo dele: castanho.

Os olhos dele: azuis.

Idade: na casa dos cinquenta.

— Você quer dizer a foto de um homem com uma camisa do Philadelphia Phillies? — Ele ouve meu tom breve o suficiente para entender.

— Ele não é seu pai.

— Ele não é meu pai — confirmo. — Ele é apenas um homem com o mesmo nome. — Eu descanso minhas mãos no balcão atrás de mim. — O único aborrecimento é que agora tenho que reservar um tempo para aplacar os investidores e garantir a eles que nenhum

esqueleto sairá do meu armário. — *Que nenhum pai há muito perdido tentará arrancar partes da Cobalt Inc.* Felizmente, Steve Balm conheceu meu pai antes do divórcio de meus pais, então ele sabia que aquele homem não era o certo Jim Elson.

As sobrancelhas do Ryke se franzem. — Alguém acabou de alegar ser seu fodido pai, e seu único aborrecimento é sobre investidores? Que porra de relacionamento você teve com ele?

— Nenhum. Eu não sou como você.

— Não diga. — Ele pega um pedaço de toalha de papel do rolo para limpar o nariz. Ele a amassa quando termina. Ryke doente o faz parecer mais dócil do que realmente é.

— Fui enviado para o colégio interno com sete anos — o lembro, porém acrescento informações que ele não possui. Eu dou a ele mais do que ele já recebeu. — Quando eu tinha doze anos, minha mãe me disse que se divorciou do meu pai. Não posso te contar quando aconteceu porque não estava ciente. Via minha mãe talvez uma ou duas vezes por ano, se isso, e meu pai nunca me ligou. — Minha mãe aproveitava meu aniversário quando criança, usando o dia para convidar potenciais investidores da Cobalt Inc. para uma festa. Eu pensei que era inteligente.

— Porra, você está falando sério? — Ele parece furioso.

— Foi mútuo. Tudo foi mútuo. Eu nunca liguei para eles. Eu nunca *ansiava* por eles. Eu não era apegado às pessoas. Perdi o contato com meu pai antes mesmo de atingir a puberdade, e o que sei sobre ele são apenas fatos. É tudo o que ele é para mim, e sei que a falta de sentimentos entre nós é tão mútua quanto todo o resto era.

Ryke contempla isso, linhas de preocupação cruzando sua testa. — Você promete que é só isso, porra? — Ele quer ter certeza de que estou bem.

É doce.

— Prometo. — Eu sorrio — E minhas promessas são melhores que as suas.

Assim que ele começa a revirar os olhos, ouvimos um ruído fraco do sofá — Lily?

Ao mesmo tempo, Ryke e eu saímos da cozinha para nos aproximarmos de um Loren Hale fraco. Seu cabelo está

emaranhado na testa e a pele ainda pálida. A sala escura apenas brilha com o nascer do sol.

— Ei, lindo — eu brinco.

Lo nos registra acima dele e tenta se sentar, mas ele cai no sofá fracamente. Para mim, ele pergunta: — Como eu fico melhor e derroto essa coisa?

— Ele não é um fodido médico — Ryke interrompe.

Lo finge contemplação. — Eu não sei, mano. Ele está *meio* perto de ser um.

Eu não argumentaria com isso.

Ryke coloca a mão na testa de seu irmãozinho. — Você está delirando.

Lo não tem energia para empurrar seu irmão de lado, então ele deixa Ryke medir sua temperatura. — Eu estou… — Ele boceja. — …tanto faz. — Lo mexe no celular, o nariz avermelhado por usar lenços a noite toda.

— Meu conselho — digo a ele — durma, tome água e os remédios.

Lo olha para o irmão. — Tá vendo, ele é um doutor. O médico que eu fui ontem disse a mesma coisa.

Ryke joga um travesseiro na cabeça de Lo. — Você está começando a soar com sua esposa.

Lo afasta o travesseiro e estreita os olhos para ele, apontando com o celular. — Não seja idiota.

— Eu sempre sou um idiota.

— Tantas verdades — penso.

Ryke mostra o dedo para mim e depois pergunta ao irmão se ele precisa de alguma coisa. Lo está muito distraído com o que está no seu celular. Desta vez, ele se senta rapidamente, ignorando o peso da cabeça e dos músculos fatigados.

— Que diabos? — Ele mexe na tela furiosamente, e então seus olhos âmbar voam para mim. — Com quem eu preciso lutar?

Meus lábios se levantam e enfio as mãos nos bolsos. — Aprecio o sentimento, mas é uma foto falsa. E mesmo que fosse real, não significaria nada para mim.

Lo cai para trás. — Se isso não significa nada para você, então não significa nada para mim. — Ele se vira para o irmão. — Você

pode pegar um copo de leite para mim?... e torrada com manteiga... e talvez alguns ovos mexidos? — Se você está imaginando Lo com olhos de cachorrinho agora, claramente esqueceu como ele é.

Ele sempre será tão afiado quanto vidro e gelo.

— Mais alguma coisa, princesa? — Ryke pergunta enquanto jogas os tecidos sujos de Lo em uma pequena lixeira.

Lo aponta para a colcha de retalhos chutada até os tornozelos. Ryke a levanta até os ombros dele e depois carrega a lixeira para o lixo da cozinha. Ele nunca disse a Lo que também está doente - ele não faria isso. Porque Ryke Meadows adora cuidar das pessoas.

Lo boceja novamente.

— Volte a dormir, querido.

— Só se você estiver aqui quando eu acordar — ele brinca.

— Eu sempre vou estar aqui. — Eu o assisto gentilmente fechar os olhos e, assim que me afasto, ouço o barulho de casca de ovos sendo quebradas e da porta da geladeira sendo fechada.

E Lo murmura uma das maiores verdades de nossas vidas.

— Eu tenho o melhor irmão.

< 13 >

Março 2019
O Hotel Avondale
Cidade de Nova York

DAISY MEADOWS

Eu corro pelo corredor do hotel com três sacos de papel rotulados *Ryke, Connor e Loren*. Correndo por corredores vazios de carpete com menos urgência e mais diversão. Estendo meus braços enquanto acelero. *Você não pode pegar Daisy Meadows. Olhe o quão rápido ela vai!*

Eu paro em frente a porta e deslizo meu cartão-chave, ofegando um pouco, e com um sorriso bobo, entro no quarto de hotel de Manhattan, onde os três caras relaxam por alguns minutos.

O fotógrafo sugeriu deixar o “talento” em um quarto quente do hotel, enquanto Rose, Lily e uma equipe selecionada arrumavam a área da piscina na cobertura para uma sessão de fotos de caridade.

Meus dias de modelo acabaram, mas todos os nossos maridos concordaram com uma ideia selvagem.

— Eu venho trazendo presentes. — Balanço os sacos de papel e diminuo a velocidade.

Eu interrompi algo.

Lo está sentado na beira da cama king size, Connor se elevando acima dele. Sua mão inclina a cabeça de Lo para trás e ele inspeciona o olho vermelho de Lo.

— Você trouxe o presente da vista? — Lo pergunta secamente. — Porque meu olho está queimando.

Jogo os sacos dos dois na cama. — Eu trouxe o presente da cueca. Talvez você possa criar um tapa-olho.

— Se eu pudesse fuzilar alguém com os olhos agora, seria você.

Ooh. Ele é muito menos assustador aos cuidados do Connor, submisso e apostando totalmente na pessoa mais inteligente que ele conhece para melhorar sua visão. Suponho que deva ter alguma sujeira irritando a superfície.

— Fique quieto, querido. — Connor o examina.

Percebo Ryke fazendo abdominais no chão, e quando ele coloca os ombros no tapete, eu desvio o olhar de propósito.

— Vocês viram meu marido em algum lugar? — Eu ando em frente até minhas pernas estarem de cada lado da cabeça dele. De pé sobre o seu rosto. — Ele é um lobo completo. Rabugento. E ele tem aquele enorme pa… — Ryke morde meu tornozelo. Eu rio, olhando para baixo. Sua mandíbula com a barba por fazer e cabelos grossos me chamam, mas não mais do que aqueles olhos escuros e perigosos.

Olá, você.

— Ouviu isso, mano? — Lo diz. — O amor da sua vida se casou com o Pé-Grande.

Ryke se apoia nos cotovelos. — Como está essa porra de *olho*?

— Como está essa sua cara? Deve ser muito ruim ser você.

— Somos *parecidos*, caralho — Ryke retruca.

Connor inclina a cabeça de Lo em direção à luz da lâmpada e diz: — Garanto que Lo é mais bonito e usa mais palavras.

Ryke grunhe. — Qual é.

Lo tenta não piscar. — Pelo menos o seu interior não é feio como o meu.

Ryke grunhe mais. — Cale a porra da boca.

Estou mais acostumada a me infiltrar no grupo deles do que antes. Paris foi o começo de tudo, e eu sei que todo começo deve ter um fim. Eu só não consigo imaginar um ainda. Sei que não preciso.

De repente, Ryke me pega pela cintura e me puxa para os seus braços, nos rolando de lado. Meu cabelo loiro emaranha um pouco, e sua mão grande desliza pelos fios. Em segundo plano, Lo e Connor discutem o estado do olho de Lo, então não está totalmente quieto.

Ryke diz baixinho: — Seu marido deve ser o homem mais sortudo do caralho.

Eu sorrio. — Ele é definitivamente o mais gentil.

— É? — Ryke não consegue se controlar mais. Ele me beija fortemente, e um calor formigante toma conta do meu corpo. Seus músculos magros me envolvem, e eu corro meus dedos por seus

cabelos grossos e desço por sua mandíbula áspera, sua masculinidade brusca tão, *tão* atraente para mim.

Eu sussurro contra seus lábios: — Ele vai ficar tão bravo.

— Quem?

— Meu marido — eu provoco. — Estou beijando outro homem.

Ryke levanta as sobrancelhas para mim e depois desliza a mão pela parte de trás do meu jeans, segurando minha bunda nua. Tenho dias bons e ruins no que diz respeito ao meu desejo sexual, mas ultimamente eles têm sido muito, muito bons. Como agora, meus nervos quase tremem em resposta, dando boas-vindas para seus avanços e suas mãos ásperas.

Os lábios de Ryke fazem cócegas no meu ouvido enquanto ele sussurra: — Como ele se sentiria com essa porra?

— Com muito, *muito* ciúmes. — Agarro seu pulso e empurro sua mão mais baixo nas minhas calças, e seus dedos se curvam em direção a uma área mais sensível. — Não tenho certeza, mas acho que ele gosta de outra parte minha mais do que minha bunda.

— Eu sei qual fodida parte.

Eu sorrio para o perigo da sua mão, rastejando cada vez mais para baixo. Minha pulsação dispara. — Qual fodida parte?

Ele me puxa para mais perto do peito e murmura: — A parte que faz você *gozar* com uma força do caralho.

Eu quase tremo em seus braços. *Vá para essa parte... agora... agora*.

— Saiu. — A voz do Connor quase me faz pular de susto.

Lo se alonga e se levanta, e nem Ryke nem eu mudamos da posição emaranhada no tapete. — O que era? — Eu pergunto a todos eles.

Connor responde: — Um pedaço de lente de contato.

Eu franzo a testa. — Quando você começou a usar lentes de contato, Lo?

— Quando eu consegui um emprego que consiste em olhar para pequenas palavras em pequenos painéis. — *Halway Comics*. Lo está a caminho do banheiro e de repente ele vê eu e seu irmão. Ele balança a cabeça. — Minha visão não foi fodida o suficiente para isso.

— Você e sua esposa são piores, porra — Ryke retruca.

— Mas eu amo minha esposa. Eu meio que amo você. — Lo dá um meio sorriso, mas então ele ri de sua própria piada, muito mais alegre do que teria sido no passado.

Ryke até sorri, no momento em que Lo entra no banheiro.

Connor recolhe suas sacolas de compras para se trocar, nem mesmo olhando para nós. Ele simplesmente desaparece no banheiro e fecha a porta. Deixei a sacola do Ryke por perto e ele também precisa trocar de roupa.

Rolando em cima dele, tiro sua camisa cinza, seus olhos escuros estudando meu corpo. Puxo suas calças esportivas pretas até as coxas e depois mordo de brincadeira o cós de sua cueca boxer para tirá-las. Eu não vou muito longe.

Seus músculos flexionam. — Porra.

Isso é um porra que diz *"pare urgente"*, então eu paro.

— Você é só problemas, porra. — Ele me tira do colo e depois se levanta. Ele deve ver a confusão nos meus olhos porque acrescenta: — Não posso ficar duro agora, amor.

Eu ofego de brincadeira. — Homens têm ereções?

Ele encontra uma coisa próxima para jogar em mim, que é sua sacola de compras.

Eu a pego no meu colo e depois jogo minhas mãos no ar teatralmente. — Ele me ama; ele realmente me ama. — Eu caio para trás.

Ryke pega a sacola de compras, e sem esforço tira completamente suas calças e as joga na minha cara. Eu sorrio e as tiro do meu rosto enquanto ele encontra seu "guarda-roupa" para a sessão de fotos.

Não tenho ideia do que Rose escolheu para cada cara. Ela projetou uma linha muito pequena de roupas íntimas masculinas para o verão, e todo o lucro será destinado para a caridade. A equipe de marketing disse que mais mulheres comprariam as roupas íntimas para suas cara-metades se Ryke, Lo e Connor as modelassem.

— Eu não fui envolvida nas escolhas — digo. — Só me disseram para trazê-las para vocês.

Ryke segura uma cueca branca normal.

Ele nunca usa cueca assim, só boxer. Ele verifica o nome na sacola de compras, pensando que eu a troquei com a do seu irmão ou do Connor.

Eu não fiz isso.

— Porque diabos você está sorrindo? — Ele pergunta, mas se você visse Ryke, veria que uma sombra de um sorriso começa a erguer seus lábios.

— Por causa de você.

Ele fica nu e joga sua cueca boxer na minha cara. Meu sorriso se estende e, no chão, sento-me encostada na cama. Lhe dou uma longa olhada: seu corpo esbelto e esculpido que apenas os escaladores podem ter. Eu foco em seu pau, e meus nervos despertam.

Ele tem que forçar o olhar para longe de *mim*. Depois, veste a cueca branca, arruma o pau e fixa o elástico. Elas mal servem nele.

— Você quer algum conselho de modelagem? — Pergunto para distrair seu pênis.

— Não. — Essa palavra cimentada se origina de *odiar* o que a modelagem fez comigo. Todas as lembranças que tenho contêm sentimentos dolorosos que ele não gostaria de desenterrar.

Penso em Sullivan por um segundo, mas tento não deixar isso consumir meu foco. Frederick, meu terapeuta, me disse para não me fixar na saúde dela quando a deixo sob os cuidados da família. Eu preciso me colocar em primeiro lugar mais e me concentrar também na minha saúde. Não apenas para mim, mas para Sulli.

É a *primeira* vez que a deixo sozinha com minha mãe. Eu estava apenas um pouco nervosa quando ela continuou dizendo, *olha como é linda e olha os olhos dela*. Essa é a primeira neta que ela teve com olhos verdes, e eu sei que é loucura pensar que ela usaria meu bebê para modelar. Mas consigo ouvir minha mãe, acariciando meu cabelo e dizendo, *seu cabelo, olhe para esse cabelo lindo.*

Confio que ela não tire fotos nem as publique online, nem as compartilhe com os amigos. Ryke disse isso a ela sem rodeios, e eu apoiei sua declaração.

Lo e Connor saem do banheiro na mesma hora em que meu celular vibra no bolso. Seu irmão mais novo começa a rir. O sorriso de Connor poderia virar o Titanic. Pode ser por causa da

combinação de nunca ver Ryke de cueca branca e quão minúsculos elas são comparados ao seu “pacote”. Lo e Connor receberam cuecas boxers preta e azul-marinho que ficam melhor neles.

Lo coloca o punho na boca, ainda rindo incontrolavelmente.

Ryke balança a cabeça como se fosse seu irmão que estivesse com o problema. É impossível envergonhar Ryke com uma roupa. Ele usará qualquer coisa com a mesma confiança que sempre exala.

Me levanto e abro minha mensagem.

Deixei um kit de depilação + creme de barbear + lâminas de barbear para Ryke no banheiro. Raspe as coxas, ao redor da linha da cueca, as pernas até os tornozelos. Obrigada! – Tiffany (coordenadora do evento)

Lo já está tirando uma foto de seu irmão, que não se importa nem um pouco com sua cueca. Mesmo tendo certeza de que se Ryke se mover para o lado errado, algo vai sair.

— Para! — Eu digo a Lo.

Todos os caras congelam.

As sobrancelhas do Ryke se franzem. — Está tudo bem, Dais. — Ele claramente deu permissão ao irmão, mas não foi por isso que eu gritei.

— Se você postar uma foto agora, terá uma imagem do 'antes' e 'depois'. — Os fãs definitivamente as colocariam lado a lado e compariam suas pernas sem pelos com as originais. Duvido que Ryke se importaria pessoalmente, mas Rose ficaria chateada se todas as manchetes sobre a sessão de fotos dissessem: *Ryke Depila!*

Lo balança a cabeça para Connor enquanto abaixa o celular. — Do que ela está falando?

— Peça ao Ryke para traduzir — diz Connor. — É o animalzinho dele.

Ryke mostra a eles o dedo do meio.

Eu explico: — Tiffany deixou cera no banheiro para o Ryke.

— Ah, cara. — Lo tem que se apoiar contra a parede, segurando a barriga. — É melhor você acreditar que vou puxar uma tira da cera.

— Deveria ser óbvio para você — Connor diz a Ryke antes que eu possa falar.

Me sento na beira da cama.

Ryke estende os braços. — Eu tenho pernas peludas, porra. Me fala por que essa porra importa? — Dois “porra” em uma reclamação. Ele está irritado.

— A sociedade odeia pelos corporais — diz Connor. — Mesmo ocasionalmente em homens.

Ryke balança a cabeça repetidamente. Ryke Meadows é descaradamente *Ryke Meadows* o tempo todo, e não acho que ele esperasse que alguém lhe dissesse para mudar uma parte de si hoje.

— Bem-vindo à modelagem. — Eu forço um sorriso.

Seus olhos duros amolecem em mim.

— Eu sei quais partes do corpo eles querem que você depile, você quer que eu te conte?

Lo levanta a mão. — Eu depilo. — Ele está gostando da leve frustração de Ryke. É uma coisa de irmão.

— Não. — Ryke cruza os braços. — Envie uma mensagem para Tiffany. Diga a ela que eu vou dar uma fodida permissão para eles usarem o Photoshop.

Envio uma mensagem rápida, mas a resposta dela é ainda mais rápida. — Ela disse *ok* e para ir até o terraço agora. Os roupões estão na parte de trás da porta.

Connor os encontra pendurados, de algodão preto, e depois que eles os vestem, saímos do quarto de hotel.

No corredor, eu ando para trás, na frente deles. Que foto perfeita *essa* seria: todos em roupões idênticos, seus passos são iguais para que ninguém fique à frente ou atrás.

— Meninos — digo mais sério possível — esse é o momento de colocar seu rosto de modelo. Chore quando eles pedirem para você chorar. Ria apenas quando for solicitado - a menos que você tenha um bom fotógrafo, aí poderá fazer durante a sessão. E não toque no seu cabelo.

Ryke toca seu cabelo. Ele passa as mãos por ele e me olha como se dissesse *que porra eles vão fazer sobre isso?*

Eu o amo.

— Suas direções são complexas demais para um terço deste grupo — diz Connor. — Você precisa voltar ao básico para Ryke. Como: não mije em cimento.

— Não se esfregue na sua esposa — acrescenta Lo.

Ryke revira os olhos. — Não se esfregue na sua, porra.

Lo finge uma careta. — Não é possível.

Olho por cima do ombro quando viramos uma esquina para os elevadores. — Outra coisa: todos vocês devem tentar evitar uma ereção. — Quando fotografei com um modelo para uma roupas de banho, ele teve uma no meio da sessão. Estávamos enrolados juntos, e eu tentei agir como se não fosse grande coisa (ele estava realmente envergonhado), mas o fotógrafo gritou com ele de qualquer maneira.

Eu contei a Ryke essa história uma vez, e ele apenas olhou para o chão, os antebraços nos joelhos, profundamente pensativo. A primeira coisa que ele perguntou, *você está bem?*

Nem "você estava" - apenas se *estou* bem com isso. Eu nunca serei capaz de apagar essas memórias que surgem e me fazem parar. Principalmente da modelagem. Coisas que eu disse. Coisas que fiz. O que eu deixei rolar pelas minhas costas. Tapinhas na minha bunda. Homens entrando nos camarins por um segundo ou dois como se tivessem permissão quando não tinham.

Naquela época, eu empurrei os sentimentos anexados a essas violações para longe. Eu não sentia nada. É mais fácil ficar entorpecida, ter *zero* arrependimentos, mas eu não trocaria o que sinto agora por não sentir *nada*. Ao processar esses momentos, estou mais apta a dizer *não*. Eu me sinto mais empoderada para ir embora. Para falar sobre minhas experiências.

Depois da minha dor e cura veio a força.

Eu estou mais forte hoje.

— Rose estará falando durante a sessão? — Lo me pergunta enquanto paramos em frente aos elevadores.

— Sim.

— Ótimo, pau duro evitado. — Ele lança um meio sorriso para Connor. — Você está com problemas, amor.

Eu sorrio para o marido de Rose. — A voz dela lhe dá uma ereção? — Estou até surpresa por ter perguntado isso a Connor

Cobalt. Sua intensa onisciência é capaz de fazer com que *todos* se sintam pequenos e inferiores.

Espero sua resposta, mas ele apenas olha para mim. E então ele diz: — Vou assumir que sua pergunta é retórica, porque você já deveria saber a resposta. A menos que você não seja tão inteligente quanto eu acredito.

Toma. Então a voz da minha irmã definitivamente o excita, provavelmente entre uma longa lista de outras características. Aperto o botão do elevador algumas vezes, já que está demorando uma eternidade. — O que você pensa para evitar… — *não pense no pênis gigantesco de Connor Cobalt.*

Muito tarde.

Eu sussurro para Ryke, *me ajuda*.

Ele balança a cabeça. — Você chegou aqui sozinha, porra. — Então ele pega minha mão, segurando firme. Ryke tem dificuldade em abandonar alguém em um navio afundando, e Connor provavelmente chamaria isso de sua maior falha.

Connor mal pisca. — Penso no pequeno vocabulário de Ryke.

— Sabemos quem é o nerd — diz Lo.

Ele é provavelmente um dos nerds mais sofisticados e dominadores que eu já vi na minha vida. Aperto a mão de Ryke. — Para você ainda é a Lily?

Minha irmã mais velha o broxa *tanto* assim.

— Sim, ela e os choros de merda — Ryke esclarece.

Inclino meu ombro na porta do elevador. — Ei, o choro dela é como um aglomerado de coalas, pandas e esquilos.

— Sendo mortos — Ryke diz com força.

Eu quase dou risada. Lo está realmente muito quieto. Eu pensei que ele diria algo em resposta, mas ele está apenas olhando para um vaso de plantas. Estou prestes a perguntar o que está acontecendo, mas o elevador se abre - eu caio dentro dele.

Ryke ainda está segurando minha mão, então eu não caio até o chão.

Ele entra e me puxa para o peito. Envolvo meus braços em volta da cintura dele. *Aqui é seguro.*

Connor aperta o botão do *terraço* e, enquanto subimos, Lo finalmente fala com Ryke. — Eu aposto que posso lhe dar algo que

realmente o broxe.

— O que?

Lo tem um sorriso raro espreitando pelos lábios. Ele esfrega a parte de trás do pescoço, sem saber se ele realmente vai dizer isso, mas então ele diz: — Lily está grávida.

Minha boca cai. — Ela está?

Lo assente e seu sorriso explode. — Sim.

Meu coração incha, e eu pulo na ponta dos pés.

— Ela queria que eu dissesse a todos, então não deixe a Rose se aproximar de mim com uma maldita faca, por algum tipo de traição de irmã.

Estou nesse feliz e surpreso estado de choque. Eu realmente nunca esperei que Lily e Lo tivessem outro bebê. Mesmo quando eles disseram que *podiam*, eu não achei que eles tentariam. Não tenho certeza se algum de nós achou.

— Parabéns, querido — diz Connor.

Ryke bagunça carinhosamente os cabelos de Lo como o irmão mais velho que ele é, e eu troco um sorriso com ele. Moffy terá um irmão ou irmã, e dessa vez ninguém aqui está preocupado se Lily e Lo poderão fazer isso.

Todos sabemos que eles podem.

* * *

— Quem é o gênio que agendou uma sessão de roupas íntimas no terraço no início de março? — A respiração de Lo faz fumaça no ar, tremendo apenas com sua cueca boxer preta.

O horizonte de Nova York brilha atrás dele, a tarde ensolarada. O terraço está vestido como uma festa de verão: limonada em jarros em um bar próximo, toalhas de praia sobre espreguiçadeiras e um cisne inflável flutua na piscina.

— Existem apenas dois gênios aqui — diz Connor — e eu não sou o culpado. — Sua aura presunçosa nunca diminui, seus óculos de sol pretos empurrados para o topo de sua cabeça, cabelos ondulados com um estilo totalmente perfeito. Ele se recosta em uma poltrona sem se arrepiar ou ficar com a pele avermelhada.

Connor Cobalt é impermeável a temperaturas frias.

Lo não para de tremer, sentado em uma caixa térmica azul. A câmera pisca repetidamente. Ao lado de Lo, Ryke luta contra o frio melhor do que seu irmãozinho, mas ele está tão rígido quanto pode ser. O fotógrafo já pediu para ele "relaxar" três vezes, e Ryke sacudiu os braços, mas ele ainda é um metro e noventa centímetros de pedra.

Rose, ao lado do fotógrafo, lança um olhar feroz para Lo. — Sou o gênio que queria o horizonte *real* nas fotos e não Photoshop.

— Seu verdadeiro objetivo é congelar nossas bolas — Lo rebate, batendo os dentes.

— Objetivo secundário, e somente para *você*, Loren.

Lo olha para o céu. — Estou oficialmente no inferno.

Rose coloca as mãos nos quadris, o ignorando e inspecionando a cena do terraço. Seu elegante casaco de couro mantém ela e sua barriga de grávida quentinhas. Lily e eu estamos nos abraçando embaixo de um cobertor fino do hotel.

— Eu não posso assistir isso por muito tempo — Lily sussurra e estremece contra mim. Seus olhos doloridos refletem o problema de Lo de suportar os elementos. Ela começa a digitar no celular.

Como você pode saber se alguém tem hipotermia?

Ela está realmente preocupada.

— Ei, apenas pense, Lil, se chegar a esse ponto, você pode usar o calor do seu corpo para aquecê-lo e ter um sexo *épico* de eu-estou-mantendo-você-vivo. — Não mencionei como modelei de vestidos durante noites de inverno mais frias que isso. Às vezes em piscinas não aquecidas.

Lily contempla isso e puxa seu gorro Wampa para baixo com uma mão. — Eu não posso fazer sexo de eu-estou-mantendo-você-vivo, se ele estiver morto.

— Pareça vivo, Loren — Rose retruca.

Os olhos de Lily se arregalam como se ele estivesse perto da morte.

— Ele está totalmente vivo. — Aponto para Lo. — Esse é um olhar clássico de Loren Hale, com um corte de cabelo clássico de Loren Hale e uma mandíbula *clássica* de Loren Hale.

Ele lança um meio sorriso em nossa direção.

— Clássico —, eu digo.

Lily relaxa ao meu lado, e eu sou alta o suficiente para que eu possa descansar meu queixo na cabeça dela. Eu posso ter 23 anos e ela, 27, mas acho que ela sempre parecerá mais jovem que eu.

Lo sopra em suas mãos.

— Relaxe, Loren. — O fotógrafo diz.

Lo lança um olhar *realmente* desagradável que pode cortar os dedos das mãos e dos pés. Talvez porque o fotógrafo está usando um casaco quente, gorro de inverno e cachecol de lã.

— Ryke, tire as mãos — o fotógrafo repreende.

Ryke está "ajustando" a si mesmo. — Você me coloca em um fodido clima de zero graus apenas *em* roupas íntimas, e as coisas vão se mover, porra.

— Encolhimento é uma coisa real? — Eu pergunto em voz alta.

Connor começa: — Cientificamente falando...

— Aqui vamos nós, porra — Ryke resmunga.

— ...o pênis e os testículos se aproximam do corpo para buscar calor quando frio, tudo para proteger os espermatozóides, o que ficam mais saudáveis em temperatura definida.

— Quanto mais você sabe — Lo diz e estremece. Ele encontra um pouco de calor apenas para estreitar os olhos para Rose novamente. — Pense no nosso maldito *esperma*.

— Prefiro beber ácido.

Lo retruca: —Isso pode ser arranjado, porra.

Rose se inclina para o fotógrafo. — Existem fotos em que Loren não pareça que vai massacrar a família de todos?

— Apenas a sua! — Lo grita.

— A família dela é minha família — Connor o lembra.

Lo suspira e depois estremece novamente. — Jesus Cristo, sou jovem demais para morrer.

Lily não aguenta mais ficar aqui. Enquanto ela corre em direção a Lo, dou-lhe o cobertor. Ela está envolvida nele, e todo o comportamento dele simplesmente relaxa ao ver sua esposa. Quando cheguei ao terraço, ela já havia contado a Rose suas notícias sobre a gravidez e eu vi a menor marca de lágrimas na bochecha de Rose.

Uma pequena lágrima para Rose é o equivalente a um choro completo.

Lily envolve os braços e o cobertor em torno de Lo. O fotógrafo continua tirando fotos e manda Rose se juntar ao marido e eu me juntar ao meu.

Hesito porque prometi a mim mesma não modelar mais.

Isso é o mesmo?

Rose já está compartilhando a espreguiçadeira, olhando furiosamente para o marido. Ele apenas sorri de volta.

Ryke está prestes a sair da sessão de fotos, mas eu vou até ele, decidindo. Ele balança a cabeça para mim como se dissesse *Daisy, não seja forçada a isso, porra.*

Eu não estou sendo.

— Essa é minha decisão — digo a ele. Não me sinto estranha ou entorpecida. Parece certo, porque não estou sozinha aqui. Eu estou com minhas irmãs. Estou com ele.

Ryke não é controlador, embora os tablóides gostam de pintá-lo como o "homem possessivo mais velho" da minha vida. Ele é superprotetor onde importa e *sempre* ouve o que eu quero. Então ele recua imediatamente, assentindo.

Então ele de repente me levanta sobre seus ombros, minhas pernas envoltas em seu peito.

Eu olho para baixo e sorrio para ele.

Ele olha para cima, para mim.

Eu uivo como se eu tivesse encontrado meu companheiro, e ele aperta o lado do meu rosto, aquele com a longa e velha cicatriz. E meu lobo - ele me beija.

[14]

Maio 2019

Hospital Médico de Manhattan

Cidade de Nova York

ROSE COBALT

— Ele ou ela está *saindo* antes da meia-noite — proclamo como se fosse um fato antigo escrito pedra. — Nós fizemos um acordo. — Eu reajusto meu vestido do hospital, não mais sufocando o meu pescoço. Então eu seguro meu estômago redondo. Nove meses com esse monstrinho e eu estou pronta para ele ou ela dar o fora pela minha vagina.

Está na hora de você conhecer o mundo.

Embora eu saiba, como sabia com Jane, Beckett e Charlie, que sentirei falta desses momentos em que somos apenas eu e eles. Onde, mesmo no armário mais silencioso, posso sussurrar pequenas coisas e eles chutam em resposta.

Connor é todo lógico. Ele diria que o feto está apenas reagindo ao barulho. Eu gostaria de pensar que eles sabiam exatamente o que eu estava dizendo e chutaram até a mãe ouvir a voz deles em alto e bom som.

Eu ouço vocês, pequenos gremlins.

— Rose — diz Connor da cadeira mais próxima da minha cama de hospital — você não pode fazer acordos com um feto.

Eu levanto minha mão quando vejo seu sorriso. — Eu posso e eu fiz, Richard. — Arrumo meu rabo de cavalo novamente. Doze horas em trabalho de parto e já estou implorando para que a experiência termine. Não tem nada a ver com dor, que está sendo leve até agora. A médica ainda nem recomendou uma anestesia epidural.

Tem tudo a ver com ficar confinada a uma cama, em um vestido de hospital, com todos os meus filhos longe do meu cuidado e com Lily, Poppy e Daisy durante a noite. Elas passaram aqui mais cedo com Jane, Beckett e Charlie, mas todos foram embora quando perceberam o quanto isso seria assustadoramente *longo*.

Eu já apliquei meu rímel e batom para preencher a espera. Também me sinto mais organizada e confortável quando me mimo. É por isso que arrumo meu cabelo pela enésima vez.

Connor e eu esgotamos a maioria dos nossos jogos, incluindo *dezessete* palavras cruzadas. Eu até tentei mandá-lo embora para que possamos nos comunicar por mensagem de texto, mas ele se recusa a deixar o hospital caso eu entre em trabalho de parto.

É admirável. Eu até daria a ele uma estrela dourada por sua lealdade, mas Connor é o tipo de soldado que arrancaria a espada da mão do rei e ele próprio se nomearia cavaleiro. Ele não precisa que eu o condecore.

Connor se inclina para trás, com os dedos na mandíbula, e meu olhar se aquece com a calma dele. Eu me empurro para cima, me sentando mais alta e mais reta para combinar com a postura dele. *Foda-se ficar relaxada*. Eu ignoro a pulsação na parte inferior das minhas costas.

Ele segura meu olhar escaldante. — Você se comunicar verbalmente com nosso filho ainda não nascido é tão absurdo quanto você pensar que pode terminar seu trabalho de parto a qualquer momento. — Connor sabe muito bem que eu nunca forçaria o bebê a sair e colocaria em risco sua saúde.

— Jane me pediu... em tantas palavras para fazer dele um bebê de maio. — Eu aponto para a minha barriga. — E eu não estou *perdendo* para o fodido universo. — Quando der meia-noite, vai ser 01 de junho.

Connor arqueia uma sobrancelha.

— Você parece ridículo quando faz isso — eu respondo. Ele, na verdade, parece incrivelmente seguro de si. Como se ele pudesse derrotar qualquer inimigo. *É atraente*. Eu estreito os olhos para a parede.

Minha mente é uma poça de traição.

— Contornando sua avaliação errônea, preciso lembrá-la de que Jane simplesmente disse, e cito: “Mamãe, os bebês de maio se parecem com os bebês de junho?” Ela só está curiosa porque nasceu em junho.

— Leia nas entrelinhas, Richard. Ela disse *Mamãe, eu não quero esse bebê filho da puta nascendo no mês do meu aniversário.*

Connor pressiona os dedos em seu sorriso feio antes de abaixar a mão, seu sorriso ofuscante. — Não há espaço entre as linhas dela. Ela ainda não aprendeu subtexto. Tudo o que você está lendo são suas próprias motivações colocadas nela.

Aperto meu amarrador de cabelo, o rabo de cavalo apertado e seguro. — Talvez seja isso — eu admito. Jane é minha primogênita, e não quero que ela sinta que a esqueci com a chegada de cada novo bebê. — Isso não muda o que eu estou esperando, e se o destino estiver do meu lado, tudo será perfeito.

Aliso as rugas no lençol do hospital. Ele raramente fica quieto *assim* depois que eu falo uma palavra que ele detesta.

— Você não vai me dizer para deixar o destino fora disso? — Eu questiono.

Ele olha para mim atentamente e seus lábios se erguem novamente. — Tu es absolument magnifique. — *Você é absolutamente linda*.

Eu vejo o quanto ele quer dizer cada palavra, seu amor mostrado através de seus olhos. Abro a boca para responder, mas as contrações aumentam rapidamente e bruscamente. Eu viro minha cabeça para longe de Connor e faço uma careta. Então eu estremeço, fechando meus olhos com força.

Puta merda.

— Rose. — Connor se levantou da cadeira, com a mão no meu ombro. A outra encontra a minha, nossos dedos entrelaçando. — Fale comigo.

Eu abaixo minha cabeça em direção ao meu colo, meu rosto enrugado enquanto passo por outra contração. — Merda... — Eu xingo. Não vou fingir ser verbalmente saudável, não na vida cotidiana e não quando estou empurrando um ser humano através da minha vagina.

Ele beija minha têmpora e depois dá um passo para o lado como se planejasse ir atrás de uma médica.

Aperto sua mão com força, prendendo-o ao meu lado. — Espera — eu digo com os dentes cerrados. — Estou bem. — Solto um suspiro quente e depois aperto a ponte do nariz. *Deeeeeuuus*, a dor é irracional.

Ele inclina a cabeça para baixo, até que seus lábios roçam minha orelha. — Tu souffres. — *Você está com dor*. — Nós conversamos sobre isso.

Não preciso mostrar força e coragem diante da minha própria miséria. Não estou exatamente tentando - tudo bem, talvez eu esteja.

Eu posso estar tentando mostrar que isso não é dor *excessiva* quando é realmente incrivelmente excessiva.

Você pode ser vulnerável na frente de seu marido, Rose.

Já fui muitas vezes, mas há um lado teimoso em mim que permanece até o último segundo. No momento, eu sinto que poderia colocar fogo em mil casas com um único maçarico. O tempo todo sentada confortavelmente nessa cama. Porque eu literalmente não consigo me mover.

— Rose. — Sua objeção à minha teimosia é bem-vinda. A força em sua voz normalmente uniforme também é. Sou lembrada de que ele liberará seu próprio arsenal se a situação exigir. Eu já tomei minha decisão, mesmo enquanto ele diz: — Eu vou te ajudar.

Eu solto sua mão. — Tá. — Eu o vejo atravessar o quarto com urgência, sem perder tempo. Me sento mais reta. — Tecnicamente, a medicação vai me ajudar, não você! — Eu grito para o Connor antes que ele saia. — Então não deixe isso inflar seu ego... — murmuro a última frase.

Ele já está do lado de fora.

* * *

Sozinha no quarto do hospital, solto respirações controladas para combater a dor crescente. Coloco a palma da mão na parte inferior do meu abdômen. Juro que o bebê se move para *cima*, como se estivesse rindo maliciosamente e dizendo, *acha que eu vou sair agora? Quem você acha que eu sou?*

Um menino Cobalt.

Eu sussurro: — Eu sei que você gostaria muito de ficar aqui o maior tempo possível - já que a alternativa é ficar na presença de seu pai irritantemente narcisista. *Mas* eu gostaria muito que você pudesse me fazer um favor e saísse. — Minha voz suaviza e

esfrego meu estômago. Não posso colocar toda a culpa no Connor. Mesmo de brincadeira. Já que eu não sou tão fácil de conviver também — Eu prometo que não somos tão ruins. Connor e eu vamos te amar com cada gota do nosso sangue. Nós lutaremos por você. Morreremos por você. E só para você saber, seu pai não ama ninguém. Você já é muito, *muito* especial.

Fecho meus olhos com força com uma nova contração.

Então solto um suspiro trêmulo. — A dor está me fazendo dizer coisas loucas.

Connor entra pela porta com a Dra. Amora, uma mulher excepcionalmente inteligente de um metro e oitenta. Eu relaxo um pouco ao ver essas duas pessoas.

Enquanto ela verifica entre as minhas pernas, Connor volta para o meu lado. Meu celular está fora do meu alcance na mesa de cabeceira, pressiono meus dedos nos olhos fechados e pergunto: — Que horas são?

— Faltam três horas para meia-noite. — Connor começa a massagear meus ombros, acabando com todos os nós intoleráveis.

— Ele está fazendo isso de propósito — murmuro. — Os bebês sempre têm segundas intenções.

— *Ele*? — Connor esfrega a base do meu pescoço. — Você sabe de algo que eu não sei? — Sua pergunta parece retórica. Ele sabe que eu não trapaceei e descobri o gênero. Fomos cuidadosos ao usar os dois pronomes, mas talvez meu erro tenha revelado meus verdadeiros *desejos*.

Eu quero um menino para que possamos ter outro filho.

— Ele está se recusando a sair. Portanto, ele é um menino Cobalt — explico minha lógica.

A Dra. Amora está ocupada checando meus sinais vitais, e eu a observo pelo canto do olho, seus lábios pressionados em uma linha fina. *Está tudo bem?*

Connor pega seu café com a mão livre, tomando um gole. Ele até olha o relógio, e as linhas de preocupação começam a enrugar sua testa. Se ele está preocupado com minha saúde mental, física ou com o bebê, não tenho certeza. Talvez um pouco de tudo.

Seu olhar divide tempo entre a Dra. Amora e eu. — De nós dois, você é muito mais teimosa. Processo de dedução, ele herdou de

você.

Eu aceno para ele como se ele falasse falsidades. Minha energia diminui e minhas costas doem muito fortemente. Eu afundo mais na cama, as mãos de Connor saindo das minhas omoplatas.

Então a médica nos enfrenta. — Não podemos te dar uma epidural ainda. Vamos continuar esperando.

Querido Deus.

Eu estreito os olhos para o meu estômago. — Você vai ser um pequeno furacão, não é?

* * *

— Que horas são?

— Faltam trinta minutos para meia-noite. — Connor coloca o celular no bolso.

Eu já recebi uma epidural, finalmente um alívio. Eu passo uma toalha na minha testa úmida, suando com as contrações agora consistentes.

Connor permanece de pé, uma de suas mãos entrelaçada com a minha, a outra ocupada acalmando meus ombros e pescoço tensos. Dr. Amora está aqui. Ela está me dizendo para empurrar e eu tenho cumprido como uma estudante de honra (palavras do Connor).

Só faço uma pausa quando ela me instrui e acrescenta: — Tudo está indo bem.

Meu marido sussurra: — Comente tu te sens? — *Como você está se sentindo?*

— Como se eu pudesse arrancar seus pulmões perfeitamente funcionais e pisar neles — digo com olhos afiados. Aperto sua mão com força, energia saindo de mim. Eu não pratico atletismo, mas minha determinação furiosa me impede de exaustão extrema.

Um sorriso levanta seus lábios. — Eu não pedi por uma fábula, querida.

— Não é uma fábula — proclamo. — É uma profecia do que acontecerá se você continuar sorrindo como se fosse feito de um bilhão de dólares.

— Eu sou feito de um bilhão de dólares.

Argh.

Eu estreito os olhos para o seu sorriso largo e auto-justificado. Por mais que esse olhar ferva meu sangue, eu sentiria falta do dia em que ele parasse de me olhar com esses lábios erguidos. Esses dentes incrivelmente brancos e o brilho de amor em seus olhos azuis. Todas as paredes abaixadas.

Todas as emoções se desenrolaram diante de mim.

Quanto tempo levou para chegarmos a esse lugar juntos.

— Horas — eu sussurro. Estou presa em uma cama, pernas dormentes graças às drogas, e a enfermeira já me repreendeu por tentar andar - mas Connor tinha saído e eu desejava segui-lo.

— Vamos começar a empurrar novamente. — Dr. Amora sorri para mim. — Pronta, Rose?

Eu olho para Connor.

— Faltam cinco minutos — ele me diz.

Cinco malditos minutos.

Isso é tudo o que eu tenho?

Eu aceno para a minha médica. — Estou pronta. — Ombros endireitados, olhos focados. *Você vai sair em cinco minutos, monstrinho*. Esse daqui já está jogando conosco.

Começo a empurrar o *máximo* que posso. Suor se acumula na minha testa, e Connor fala alguns incentivos em francês. Eu apenas o ignoro com meu esforço e foco extremo.

A Dra. Amora está concentrada entre minhas pernas, as enfermeiras a ladeando. — Mais um pouco, Rose.

Eu não paro. Entre os dentes cerrados e outro empurrão, digo: — Horas. — O objetivo me distrai parcialmente do desconhecido. Mais do que tudo, quero que meu bebê seja saudável, respire bem fundo assim que conhecer o mundo, e esse objetivo me oferece controle em uma situação em que tenho muito, muito pouco.

A caminho do hospital, Connor chegou a dizer em voz alta: — Nem todas as coisas podem ser alteradas por desejo, paixão e sabedoria. Algumas coisas simplesmente acontecem. Como o amor, morte e *vida*. Algumas coisas simplesmente são.

Algumas coisas simplesmente são.

Ele aceitou as coisas que não podemos controlar e, mesmo que eu tente, não consigo fingir que não estou com medo. Porque eu

estou com medo. Estou *aterrorizada* com o pensamento de trazer morte ao mundo, ao invés de vida.

— Falta um minuto — Connor me responde.

Um minuto.

— Respire fundo para mim, Rose — diz a Dra. Amora, nossos olhos presos.

Inspiro até que meus pulmões estejam cheios e expiro até esvaziá-los. Ela não precisa me dizer para *empurrar*. Sinto que tenho que fazer isso agora. Com o máximo esforço, eu empurro. Lágrimas inundam meus olhos, gritos retorcidos rompendo da minha garganta. Corto a circulação da mão do Connor, segurando com tanta força que meus dedos ficam brancos.

Eu grito, esperando ouvir um bebê.

Nada acontece.

Sem barulhos além dos meus e dos sussurros das enfermeiras.

— Ele está bem? — Eu pergunto.

Connor está com o braço em volta dos meus ombros, e eu tenho o desejo mais estranho de me virar para o seu peito e simplesmente proteger meu olhar cheio de lágrimas e avermelhado. *Estou bem*. Eu inspiro uma respiração trêmula.

— Vamos tentar empurrar novamente — incentiva a Dra. Amora.

Connor abaixa a cabeça na direção da minha. — Se você continuar prevendo o pior, o pior virá - não é assim que o seu destino funciona?

— Não — eu respondo com força, embora entenda o que ele está dizendo.

Ele continua. — Se você estivesse perdendo por quatro pontos no Quiz Bowl, não faria o check-out mentalmente porque achava que ia perder. Você lutaria mais pelos últimos quatro pontos.

Eu faria isso. Canalizo minha confiança, anos de persistência diante de adversários de todas as formas e tamanhos. Eu bloqueio o pior. Meu ânimo se eleva dez vezes.

Você está saindo. E você será amado. E simplesmente não há como parar isso.

Connor beija meus dedos, sua força me enchendo por inteira. Somos uma equipe. A melhor das melhores. Embora essa seja a minha batalha, ele está aqui comigo. Ele sempre está.

Fecho os olhos, redirecionando minha energia. Eu só penso neste bebê. Eu cerro os dentes enquanto empurro. *Vamos. Vamos. Vamos.* Estou tão concentrada que perco a noção do tempo e do lugar.

Então, um choro suave e amável perfura o ar e me desperta.

A luz inunda meus olhos e o bebê está sendo colocado no meu peito. Enfermeiras o limpam enquanto meu olhar se enche de lágrimas.

Dra. Amora se levanta. — Parabéns pelo seu novo bebê.

Connor passa o polegar na cabeça do nosso filho, e eu seguro os dedos do bebê. Seu choro suave se transforma em agradáveis murmúrios. Meu corpo surge com calor e sentimentos poderosos que rompem minhas defesas congeladas. Eu desmorono ao ver *nosso* bebê. Não importa quantos, cada um é novo. Cada um é diferente e único, e me deleito com esse momento cru que me desnuda.

— Ele já é horrível — murmuro para que apenas Connor possa ouvir. — Ele está me fazendo chorar. — Os outros três bebês também fizeram isso. Eu limpo debaixo dos meus olhos e olho para o meu marido.

Connor tem essa profunda tranquilidade que só pode ser descrita como a superfície de um lago calmo. Peso foi adicionado ao fundo do lago, elevando os níveis da água, e seus olhos azuis traçam linhas inquebráveis entre nosso filho e eu e ele.

— No que você está pensando? — Eu sussurro.

— Como os sonhos são de tirar o fôlego quando você os conhece.

Uma vez perguntei ao Connor que citação veio à sua mente quando ele olhou para Jane. Perguntei a ele a mesma coisa sobre Charlie e Beckett, e sua resposta nunca mudou.

A citação bate no meu coração, e eu falo cada palavra com tanta segurança e alma quanto ele uma vez. — “Nós nunca podemos desistir de ter anseios e de desejar enquanto tiver um sopro de vida.” — Seu peito se eleva, e a minha vida com ele, começando quando eu tinha quatorze anos e ele quinze, e durando *anos*, entra em foco vívido.

Ele termina: — “Há certas coisas que sentimos serem boas e belas, e devemos passar perto delas sem as ver?” — Connor tenta impedir que algumas de suas emoções prevaleçam, mas ele não consegue remover o peso do lago. Ele vê isso também e apenas sorri, o que só pode ser chamado de um lindo sorriso.

As enfermeiras ficam por perto para examinarem o bebê enquanto ele descansa no meu peito. Elas assentem para mim e mencionam que os sinais vitais parecem perfeitos, e quando elas se distanciam de nós, Connor fala novamente.

— George Eliot — ele nomeia corretamente o autor da citação. — *O moinho à Beira do Rio Floss.*

Eliot. Passo um dedo na bochecha do bebê e ele murmura novamente. — Eliot — eu sussurro. — Combina com ele. — George Eliot é o pseudônimo usado por Mary Ann Evans. Uma mulher.

Connor sabe esse fato, e me pergunto se é por isso que o sorriso dele cresce. — Eliot Alice — ele adiciona de repente. — Combina mais com ele.

— Alice de... — Eu acho que sei, mas estou surpresa que ele tenha escolhido *Alice no país das maravilhas* do Lewis Carroll como o homônimo. Embora Alice seja uma personagem feminina, e como George Eliot era uma mulher com o nome de um homem comum, Connor deve gostar do simbolismo de nomear nosso *filho*, Alice, em resposta.

— Alice de...? — Ele diz, querendo que eu adivinhe.

— De uma história que tem uma lagarta fumante e um gato com um sorriso maior que o seu.

Ele ri. — Alice me lembra a Lily.

Eu pensei que já tinha parado de chorar, mas outra lágrima escapa. — Por quê?

— As duas são gentis, imaginativas, podem ser espirituosas por si mesmas e tendem a cair em tocas de coelho.

Eu rio em um sorriso.

Connor se afoga na minha expressão, e eu flutuo pela superfície temperada e suave dele. Somente quando a enfermeira anuncia a data de nascimento, eu me lembro do objetivo que eu havia estabelecido em pedra.

— Esse pequeno nasceu às 00h01 em ponto. — Ela me passa um pequeno gorro de algodão para colocar na cabeça de Eliot.

Meus olhos se arregalam, processando e processando...

01 de junho.

Ele nasceu na porra do dia 01 de Junho.

Eu tento estreitar um olhar para ele, mas não consigo fazer uma coisa dessas. Ele é muito frágil para suportar o fogo dos meus olhos. *Sinto muito, meu gremlin.*

Esfrego pequenos círculos nas costas dele e olho para Connor. — Ainda dá tempo de colocar o nome dele de Brutus. — Antes que ele possa responder, sussurro para Eliot: — Eu nunca te daria esse nome. — *Me perdoe.*

— Você está apaixonada — Connor afirma o óbvio.

— Você está apaixonado — eu retruco.

— Duas verdades. O que devemos fazer com isso?

— Ter mais uma — eu declaro. *Ter mais uma verdade. Ter mais um bebê.*

— Mais amor — diz ele, lendo meu subtexto claramente. — Eu posso concordar com isso.

Há um tempo atrás, ele nunca pronunciaria essas palavras dessa maneira. E sim, posso ter perdido meu pequeno objetivo, mas vejo o futuro e vejo o presente.

Eu nunca me senti mais triunfante.

Connor e Rose Cobalt dão as boas-vindas ao nascimento do filho deles

ELIOT ALICE COBALT

01 de Junho de 2019

{ 15 }

Novembro 2019
A Casa Hale
Filadélfia

LILY HALE

— Você colocou um machado na mala? Um facão? O que você usa para matar os ursos mesmo? — Eu pergunto, toda séria.

Ryke coloca uma garrafa de água em um porta-garrafa em neoprene no bolso lateral de sua mochila e depois me olha como se eu *fosse* esquisita e fora da base.

Eu descanso minha bunda contra o braço do meu sofá. Minha barriga pesada e de grávida gosta de gravidade. Eu tenho essa necessidade de *senta*r ou *descansar* ou simplesmente ficar no chão como uma água-viva encalhada. Tudo dói no terceiro trimestre, mas meu cérebro ainda é redirecionado constantemente para Loren Hale. No meu quarto. Na minha cama

Nu. Em cima de mim.

Dentro de mim.

Hormônios. Eu os amo e odeio. O fato de eu estar focando em algo que não seja Lo e sexo é uma grande vitória, mesmo que eu tenha substituído sexo por preocupação.

— É uma pergunta real — digo no silêncio persistente.

Ryke fecha sua mochila. — Você não mata ursos.

Eu abaixo minha voz. — Mas e se eles o comerem... — Eu não quero que meu filho de quatro anos ouça esse cenário hipotético de horror, mas ele deve estar fora do alcance da voz, já que está lá em cima fazendo a mala com Lo. Garrison também não está por perto. Ele voou para Londres durante a semana para ver Willow.

— Isso não vai acontecer, Lily — Ryke refuta. — Você pode confiar em mim com ele.

— É a floresta. Tudo pode acontecer na floresta. — Mas é apenas a floresta? Moffy já se aventurou na vida selvagem muitas vezes.

Frequentamos tanto nossa casa do lago nas Montanhas Smoky que ele fica perguntando quando voltaremos.

— Não é diferente da casa do lago — ele menciona — ou todas as outras vezes que fiquei com ele enquanto você e Lo não estavam lá. É tudo a mesma coisa, porra. Então, por que você está pirando agora?

— Eu não estou pirando — retruco.

— Então você está sendo estranha pra caralho sobre isso.

— Você sempre me chama de estranha.

Ryke suspira, frustrado, percebendo que ele está sendo grosseiro comigo, e eu sei que ele não quer ser. Ele lentamente tira um chiclete do bolso, mas não o mastiga.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

— Tentando pegar leve com você - *porra*. — Ele aperta os olhos. — Não assim.

Eu sorrio porque é mais engraçado do que costumava ser. — Eu sei que você disse que é a mesma coisa, mas isso parece diferente. Vocês vão *acampar* com uma barraca e sem eletricidade e... — Tudo faz sentido.

— E o que?

— Você corre muito mais riscos do que eu correria com as crianças.

Faz sentido para ele também. — É sobre a porra da parede de escalada, não é?

— Você colocou no *berçário* dela. Você é o louco! — Eu aponto para ele.

Ele revira os olhos para mim. — É seguro, porra.

Me arrepio toda vez que entro no quarto da Sullivan. Ryke construiu uma parede de escalada com apoios de pés e mãos para sua filha de um ano de idade. Sinais de alerta em néon piscaram na minha cabeça quando o vi ontem. Braço quebrado! Perna quebrada! Dedos das mãos e dos pés quebrados!

Sulli subiu o muro mais alto do que eu já vi um bebê escalar qualquer coisa. Daisy e Ryke estavam lhe dando suporte, e eu estava abraçando o batente da porta. Eu pude ver que a filha deles amou, mas se Moffy amasse correr na frente de carros, eu diria *não.*

Não sei qual é o limite para alguém como Ryke. — E se Moffy pedir para correr pelo fogo? — Eu ando em direção a ele, no modo "investigadora". — O que você faria? — Eu cutuco seu peito.

Ele olha para mim como se eu não tivesse mudado em um milhão de anos.

Ele tem razão. Eu ainda sou uma detetive fantástica.

— Eu diria que não, porra.

— Mesmo?

— *Sim*, Lily. — Ele passa a mão pelos cabelos. — Eu me *importo*. Eu nunca os colocaria em perigo. — Ele esfrega a mandíbula. — Você sabe por que estou ensinando a Sulli a escalar?

Balanço a cabeça. Os paparazzi perguntam a ele o tempo todo: *você quer que a Sullivan seja um alpinista como você?*

Sua resposta: *vão se foder*.

— Porque é uma grande parte da minha vida, e se eu a proibisse por medo, estaria excluindo minha filha. Meu objetivo não é forçá-la a se tornar uma fodida escaladora profissional. Essa é a escolha dela.

Meus ombros relaxam só um pouco. — Você está esperando que ela escolha a escalada?

Ele fica rígido. — Eu só disse isso a Daisy, então não saia dizendo isso para o Lo ou a Rose, a lâmpada e a banheira.

— Ei — eu digo — eu terminei com a banheira há muito tempo.

Ryke *quase* sorri, mas desaparece rapidamente. — Depois do que aconteceu... não. Porra, *não*. — Ele está se referindo ao acidente de escalada onde seu amigo morreu. — Espero que ela escolha outra coisa. Eu me preocuparia com a Sullivan. Toda escalada em que eu não estivesse do outro lado da corda, eu me preocuparia, mas como a Daisy, se é o que ela ama, eu a deixaria fazer isso.

Eu devo estar sorrindo largamente e incontrolável porque ele me olha de uma forma estranha novamente. Então digo o que estou pensando: — Você também é uma pessoa preocupada.

— Pelo amor de Deus.

— Você acabou de admitir. Não tem como voltar atrás.

Ele suspira. — Nós não somos iguais, Lily.

Foi o que ele disse quando o chamei de viciado em sexo anos atrás. *Eu sei que você gostaria que eu fosse*, ele disse uma vez, *para que eu pudesse me juntar a você em seu clube não-anônimo de viciados em sexo, mas isso não está acontecendo.*

— Você se preocupa — digo. — Eu me preocupo. Preocupados Unidos, nós. — Eu faço um movimento com a mão entre nossos corpos.

Ele re-envolve o chiclete. — Não estou *preocupado* com um acampamento noturno em um pequeno parque estadual. Estou preocupado com a minha filha caindo de uma fodida rocha de mil metros.

Bom ponto.

Eu fico quente, e não tenho certeza se é minha ansiedade aumentando novamente ou simplesmente o calor na sala. Pego a coisa mais próxima que encontro - que é uma história em quadrinhos na almofada do sofá. Balanço a revista brilhante em frente ao meu rosto, pequenas rajadas de ar me refrescando.

— Está quente aqui? — Eu pergunto. — Estou tonta.

— Senta, porra.

— Estou sentada... mais ou menos. — Eu ainda estou encostada no braço do sofá. — Acho que só estou nervosa. — Tenho que enfrentar os fatos. Moffy estará participando de sua primeira viagem de acampamento, e eu devo agradecer que seja com o tio Ryke. Ele é um profissional da vida selvagem.

Lo até disse que era o melhor cenário possível, já que Ryke passa mais tempo ao ar livre do que dentro de casa. Em comparação, Lo mal pode iniciar uma fogueira com um fósforo. Ele não tem paciência para fazer fogo.

— O que de pior pode acontecer? — Ryke guarda o chiclete. Antes que eu possa pronunciar as palavras, ele acrescenta: — *Além* de um urso.

Eu lentamente coloco a história em quadrinhos de volta no sofá. É o Wolverine. *Me dê força*.

— Paparazzi — digo a ele. — E se os paparazzi seguirem vocês e encherem seu saco na floresta onde vocês não podem escapar? Já aconteceu antes, então é um medo *racional.*

— Price e Declan vão também. Se alguma merda acontecer com a mídia, eles cuidarão disso. — Price é o guarda-costas da Daisy. Declan é o do Moffy.

— E se o Moffy não se sair bem? Não estarei lá para confortá-lo. — Ryke não *sou* eu. Ele mesmo disse isso.

— Olha, eu prometi a Rose que se Jane surtasse, eu a levaria para o hotel mais próximo. Eu mapeei tudo. A mesma promessa se estende a você sobre Moffy.

— Obrigada. — Minha preocupação começa a diminuir, especialmente com a ideia da Rose, minha irmã mais velha e mais sábia, confiando a vida de Jane com Ryke. Aposto que ela o interrogou por uma hora sólida sobre segurança.

Eu afundo na almofada do sofá e Ryke coloca sua mochila no chão para se sentar ao meu lado. Eu levo minhas mãos ao meu abdômen, a bebê chutando sem parar.

Ryke coloca a mão na minha barriga, a sentindo se mexer. Ele perguntou muitas vezes antes se podia tocar. Eu costumava surtar com as nossas interações físicas quando estava grávida do Moffy, mas estou muito melhor agora. Então, eu sempre dou permissão ao Ryke.

— Você está com medo? — Ele pergunta.

Eu franzo a testa. — Eu pareço estar?

— Você parece um pouco cansada.

— Ela se mexe muito e às vezes me mantém acordada à noite. — *Ela*. Luna Hale. Estou com um pouco de medo de ter uma garota, mas só por causa das outras pessoas. Não quero que a incomodem da mesma maneira que incomodaram Daisy. *Futura viciada em sexo*, disseram sobre minha irmãzinha. Só por minha causa.

Eu tenho que acreditar que Luna não passará pela mesma coisa que Daisy.

Eu digo baixinho: — Gostaria que Daisy fosse acampar com você. — Minha irmã decidiu expandir uma seção do Acampamento Calloway nos “meses de folga” - que inclui papelada e reuniões pelo Skype.

— Eu também, porra — diz Ryke — mas ela terá um bom fim de semana com a Sulli.

Eu não duvido.

Enquanto esperamos que Lo e Moffy desçam e que Rose e Connor tragam Jane até aqui, tudo o que imagino são *ursos*.. Ursos marrons. Ursos pardos. Estou perdendo a cabeça quando imagino um urso polar.

Ryke, só meio interessado, folheia a revista em quadrinhos do Wolverine.

Eu estreito os olhos para ele. — Me fale novamente por que não vamos com vocês?

— Para começar, você está grávida, porra. — Ele vira uma página com força, e ela *rasga*. Merda! Ele congela.

Eu congelo. Lo é tão possessivo sobre o estado dos nossos quadrinhos. Quando reanimo, sussurro: — Coloque embaixo da almofada do sofá, ele nunca vai descobrir.

Ryke olha por cima do ombro antes de levantar a almofada debaixo da bunda e deslizar o quadrinho por baixo.

— Lo pode ir com você. — Eu continuo de onde paramos. — Ele deveria ir com você.

— Ele não consegue nem acender uma merda de um fogo com um fósforo e chutou uma cantina em um arbusto na última vez que fomos acampar juntos. Eu amo meu irmão, mas ele seria mais problema do que ajuda. Aposto qualquer coisa que ele nem quer ir para essa porra.

— Ele prefere ficar em casa? — Eu pensei que ele preferia ir com o Moffy.

Ryke limpa a garganta como se estivesse escondendo um segredo. — Sim. — *Que mentiroso*.

Dou o melhor olhar mortal que tenho, e deve funcionar, porque ele racha sob a pressão de Lily Investigadora Hale.

— Olha, eu sou a porra do tio divertido que leva a sobrinha e o sobrinho para acampar. E acontece que dá a você e Lo todo o fim de semana para foder o quanto quiserem.

Meu queixo cai. — Essa é a razão pelo qual *isso*... — eu aceno meus braços —, está acontecendo?

— Por que você não pode simplesmente dizer *acampamento*, porra?

— Ryke — eu digo com raiva.

— Parte do motivo. Há vários fodidos motivos, Lily.

Cruzo os braços o melhor que posso sobre minha barriga grande. — Eu não quero transar com ele.

— Mentira. — É uma das *"mentiras"* mais firmes que já ouvi o ano todo.

Solto um suspiro longo e pesado. Com meus hormônios a flor da pele, será bom ter mais tempo a sós com Lo. Só não gosto de toda essa orquestração só para sexo. Eu constantemente tenho que me lembrar que isso não me faz uma mãe ruim.

A maioria das pessoas gostaria de um tempo sozinha, não só viciados em sexo. *Certo*? Certo. Certo?

Estou me confundindo.

— Obrigada então — digo a ele — por nos dar o fim de semana.

— Eu sou a porra do tio divertido. É para isso que estou aqui.

A porta se abre. — MOFFY! — Jane, de quatro anos, grita quando entra na sala de estar do saguão. — HORA DE ACAMPAR!

Eu me levanto com Ryke.

Jane, com um casaco rosa pálido, vasculha a sala com olhos ansiosos.

— Ele está lá em cima — digo a Jane.

— Obrigada, tia Lily! — Ela sobe os degraus da escada, escorregando no segundo, antes de se levantar às pressas e gritar: — MOFFY!

Assim que Rose nos vê no sofá, ela redireciona seu curso para Ryke. Connor logo atrás dela.

— Você tem tudo? — Os olhos verde-amarelados ardentes da Rose carregam um milhão de ameaças.

Ryke volta para sua mochila e enfia casualmente as mãos nos bolsos. Eu retomo para minha posição encostada no sofá.

— Sim. — Ele bate na mochila com a bota como prova.

Connor coloca delicadamente uma bolsa de princesa rosa ao lado da mochila preta. Ele parece mais calmo do que eu imaginei que ele estaria. Ele está enviando sua única filha para a floresta com Ryke Meadows, mas eu nunca fui boa em ler o rosto estoico do Connor.

— Você não está preocupado? — Pergunto. — Nem um pouco?

Ele mal pisca. — Que talvez chova, sim. Há uma chance de cinquenta e cinco por cento. — Obviamente, ele não está

preocupado com a possibilidade de ursos ou paparazzi espreitando atrás das árvores.

É só você, Lily.

Rose até está controlada. Nenhuma ameaça verbal sobre as bolas e o pênis do Ryke. Eu me encolho. *Pare de pensar no pau dele.*

Rose e Ryke tiveram uma conversa ontem sobre o acampamento. Ele estava na casa dela, consertando uma cerca, e talvez tenha sido quando ele prometeu levar Jane a um hotel caso ela surtasse.

Passos saltitam escada abaixo. Lo entra na sala com Moffy e Jane logo atrás. Ele coloca a bolsa da Viúva Negra do Moffy em cima da bolsa de princesa.

Moffy coloca seus pequenos óculos de sol Ray-Ban na cabeça. Então ele luta para fechar a jaqueta de couro. Ultimamente, ele tem se vestido cada vez mais como o Ryke.

Lo se ajoelha na frente do Moffy e tenta ajudá-lo a fechar o zíper. Moffy exala alto e olha de lado para Ryke, tentando impressionar a pessoa que ele está imitando. Sua admiração por seu tio não deveria ser estranha, mas a mídia se fixa nos rumores de triângulo amoroso entre Lo, eu e Ryke.

Sua proximidade com o tio pode fazer com que algum tablóide espalhe rumores piores. Lo disse que o *Celebrity Crush* tentou uma vez. Um jornalista especulou que Moffy era na verdade o filho do Ryke. Connor derrubou o artigo antes de ser publicado, felizmente, mas quando Lo me disse, sua voz estava rouca e cheia de mágoa.

— Não é sobre os meus sentimentos — ele disse — é sobre os *dele*. A dúvida, Lil - não quero que ele duvide disso.

Eu abracei Lo, e ele me segurou com força.

Reafirmamos que não arruinaríamos nossos relacionamentos porque a mídia é uma merda. Nunca separaríamos ativamente Moffy do Ryke. Ele ama o tio, e essa deveria ser uma das melhores coisas do universo. E *é*.

Eu apenas me preocupo. Eu sou uma pessoa preocupada. *Isso já foi decidido*.

E me preocupo que, se Moffy souber do meus segredos sujos, ele me achará nojenta. Ele encontrará razões para me odiar. Perderei um relacionamento perfeito com meu filho porque ele absorveu as

percepções da mídia sobre quem eu sou. Já estive nas notícias tempo suficiente para ter uma noção de como sou vista. Sozinha, não ao lado de Loren Hale, não é muito bom - mas não é tão ruim quanto era.

O tweet mais popular do passado: *Lily Calloway é uma vagabunda suja e infiel. Ai, credo. Imaginem como a vagina dela deve ser nojenta.*

Eu queria que as pessoas parassem de pensar na minha vagina. Porque então penso no meu filho pensando na minha vagina, e quero me enterrar debaixo dos cobertores e nunca mais sair.

A boa notícia: todos os tablóides e agências de notícias pararam de me chamar de ninfomaníaca depois que o *Nós Somos Calloway* foi ao ar e expliquei *por que* isso magoa tanto. Não é como se eles tivessem tomado vergonha na cara e escutado meu pedido. Os fãs vão atrás do *Celebrity Crush* com forquilhas se eles criticam o TEPT e a depressão da Daisy, e atacaram os tablóides por usarem tanto o termo ninfomaníaca que retraíram o artigo.

Connor disse que os consumidores ditam o que as indústrias produzem, e eu nunca entendi muito bem isso até recentemente.

Lo fica de pé depois que ele termina de fechar o zíper do Moffy. — Eu coloquei uma jaqueta extra na bolsa caso ele fique com frio.

— Perfeito. — Ryke joga a mochila preta no ombro e pega facilmente as outras duas bolsas com cada mão.

Moffy já está se afastando do Lo e correndo para Ryke. — Nós estamos prontos? Podemos ir? — Seu entusiasmo ilumina seu rosto.

— Sim, vamos lá. Jane?

Jane coloca um boné de beisebol reluzente com estampa de oncinha. — Au revoir. — Ela diz *tchau* em francês, acena para a mãe e o pai e depois lidera o desfile para a porta.

Moffy alcança o lado do Ryke. — Eu posso levar minha bolsa.

As sobrancelhas dele se erguem. — Você pode?

Moffy assente repetidamente.

— Então segura aí, carinha. — Ele deixa o Moffy segurar uma alça.

Me aproximo do Lo, que observa nosso filho com os braços cruzados. *Isso é difícil*. Moffy tem apenas quatro anos, mas ele já

pede para fazer coisas que as crianças mais velhas fazem. E se ele se esquecer de nós?

Lo me abraça ao seu lado.

Eu sussurro: — Eu acho que isso é o que acontece quando alguém da Lufa-Lufa e da Sonserina tem um bebê da Grifinória. — Por que isso está me deixando tão emocional? Eu passo os dedos nos meus olhos. Eles não estão molhados. *Ainda*. — Estou triste.

— Lil. — Lo me aperta. — Não sabemos em que casa ele está. Ele ainda não tem *onze anos*.

Isso é verdade.

— E nós já concordamos. Ficaríamos felizes se ele acabasse na Grifinória.

Isso é ainda mais verdadeiro.

Moffy e Ryke desaparecem no vestíbulo, mas não ouço a porta se fechar. *Algo está errado*. Na mesma hora, Moffy corre para a sala, de olho em nós.

Ele abraça as pernas do Lo. — Tchau, papai.

Então as minhas. — Tchau, mamãe. — Mal temos tempo de retribuir antes que ele volte correndo para o vestíbulo. A porta se fecha dessa vez.

Ele não se esqueceu de nós.

Eu sorrio, um pouco atordoada.

* * *

Connor e Lo saíram para ver o carro partir da garagem. Então volto ao meu lugar na almofada do sofá. Eu acho que sou a única razão pela qual Rose ficou na sala de estar.

— Isso foi uma péssima idéia — digo à minha irmã enquanto ela se senta ao meu lado.

— Você precisa disso.

Franzo a testa, não gostando que foi a primeira coisa que veio à mente.

Talvez ela veja isso porque acrescenta: — Você viu o rosto deles? Eles vão se divertir mais do que nós no meio das terras e insetos. — Ela faz uma pausa. — Tenho certeza que ela voltará para casa com um milhão de picadas de insetos. O que me lembra... — Ela pega o

celular e começa a digitar algo no bloco de notas. — *Comprar loção de calamina.*

— Eu posso fazer sexo apenas de noite — lembro a Rose. — Até o terceiro trimestre, eu estava seguindo minha agenda.

Rose amarra o cabelo em um rabo de cavalo. — Você praticamente transa com ele com os olhos sempre que ele está na sala.

— Eu sou tão óbvia assim? — Eu me preocupo.

— Sim. — Ela pega o batom da bolsa e tira a tampa. — Não se envergonhe por tirar um tempo para si. Você precisa disso. Eu preciso disso algumas vezes. E você deveria aceitar, especialmente porque você terá que ficar sem sexo por um tempo quando a Luna nascer.

As seis semanas "sem sexo" após o parto é uma regra. É o apocalipse outra vez, mas tive sucesso depois de dar à luz ao Moffy. E se posso fazer isso uma vez, certamente posso fazer duas.

Rose não está exibindo muito a barriga de grávida no vestido azul, ela está de poucas semanas. Ainda não consigo acreditar que ela engravidou novamente. Mas então eu consigo. Ela está determinada a ter uma menina, então concebeu quando pode fazer sexo após o nascimento do Eliot. *Seis semanas depois e grávida novamente.*

Insano.

Daisy diria que nossa irmã mais velha ama a loucura disso tudo. O caos dos Cobalts é uma coisa real agora, e Connor e Rose prosperam a cada segundo.

— Já está marcado, querido. Almoço amanhã — diz Connor, entrando na sala com Lo ao seu lado.

— Diga ao seu assistente que quero tacos. Eu não sou sua esposa. Odeio sushi.

Rose não pode comer peixe cru enquanto está grávida, mas ela ainda come California Roll vegetarianos.

— Isso foi um descuido da parte dele — diz Connor. — Eu não esqueceria suas preferências.

Rose pendura a bolsa no cotovelo, se levantando como uma rainha. — Hora de partir. — Ela lança um olhar mortal para o Lo. —

Loren, por favor, lembre a minha irmã que esta situação não é apenas para o benefício dela.

Eu olho para minhas mãos.

— Isso não é apenas sobre sexo, Lil. Quero um encontro com minha esposa.

A onda de culpa sai do meu corpo, me libertando.

Quando Rose e Connor saem, a voz da minha irmã diminui. — Por favor, me diga que você tirou as tirinhas de frango do congelador antes de sairmos. — Eles alimentam seus filhos como eles preferem ser alimentados. O *Celebrity Crush* ainda especula que Rose e Connor servem refeições sofisticadas de cinco pratos todas as noites.

Não é verdade.

— Com quem você acha que se casou? — Ele pergunta.

— Com um narcisista, não um chef.

magino o sorriso ofuscante dele antes da porta ser fechada.

A sala é coberta pelo silêncio. Estendo o pescoço sobre o sofá, apenas para ver as feições afiadas dele. Todos os dias me pergunto quando Loren Hale, o garoto, se transformou em Loren Hale, o homem, e me pergunto como eu pude resistir a ele por tanto tempo. Não é apenas por causa do maxilar e das maçãs do rosto. É como ele me vê. Em um olhar.

Digna.

Linda.

Você está longe de ser um lixo, Lily Hale.

Sua percepção de mim destrói todas as outras ruins que existem. Isso reforça o que acredito sobre mim mesma.

Digna.

Linda.

Você está longe de ser um lixo, Lily Hale.

Eu me deleito em seu amor. O desejo se acumula entre as minhas pernas. *As mãos dele nos seus quadris, descendo por suas coxas*. Sim. *Sim*. Eu praticamente pulso quando meus pensamentos vão para o pau dele.

Ele todo.

Dentro de mim.

Agora.

Eu congelo, realmente pulsando, e me concentro no presente. Eu *não* estou encostada contra Loren Hale, embora eu gostaria de estar. Ele ainda está de pé do outro lado do sofá.

Ele olha para mim tão conscientemente que minhas bochechas coram imediatamente. Me lembro do que Rose disse sobre eu foder ele com os olhos. Eu estava fazendo isso?

Eu sou tão óbvia.

A tensão aumenta no silêncio esmagador. Meu pescoço dói, então me concentro na televisão desligada e dou um tapinha nos meus joelhos. — Então... — *O pau do Lo.*

Eu pressiono minhas coxas juntas, perdida em pensamentos por um segundo. Balanço meus braços para não ficar à deriva em uma fantasia. Por que me sinto tão estranha? Eu o conheço por toda a minha vida. Eu acordo ao lado do meu melhor amigo. Eu durmo ao lado do meu melhor amigo.

Isso acontece há séculos.

Eu não o estudo. Apenas bato meus dedos nos joelhos. — Encontro hoje a noite? — *É por isso que está sendo estranho.* Quando é que os chamamos de “encontros”? — O que nós vamos fazer?

— Assistir ao *Rogue Cut*. — Ele se senta ao meu lado.

Quatro palavras melhoram meu humor. O *Rogue Cut* é uma edição especial de *X-Men: Dias de Um Futuro Esquecido.* Sempre adiamos terminar as cenas bônus só para assistir novas séries e filmes, além dos desenhos animados do Moffy.

Eu me inclino em direção ao Lo. — Ai meu Deus, e se houver uma cena secreta do Magneto? — Eu torço o nariz. — Ah não. Você acha que eles fizeram a Vampira e o Magneto terem algo como nos quadrinhos? — Coloco a mão sobre o meu coração. — Meu coração de shipper não aguenta, Lo. Esse é *literalmente* o meu shipp menos favorito. Desde sempre.

— Isso é da Terra-295 — ele me lembra. — Seria muito difícil incluí-lo aqui. — Abro a boca para contrariar, mas ele acrescenta: — *Mas*, se isso acontecer, pularei essa merda.

Solto um grande suspiro de alívio. — Obrigada.

— Quando quiser, amor. Pular merda assim é minha coisa favorita. — Seu sorriso seco faz covinha nas suas bochechas.

Meu corpo palpita. *Foco. No. Filme.* Recito na minha cabeça.

Eu relaxo contra o sofá enquanto ele liga a TV. Depois de quinze minutos da edição estendida, suas pernas estão levantadas na mesa de café, nossos lados se tocando e seu braço está curvado em volta dos meus ombros.

Estou sentada rigidamente, sabendo que se eu me aconchegar contra Lo, minhas mãos vagarão para o jeans dele. Vou abrir seu zíper e depois me apressar para ter um orgasmo. *Devagar*, me lembro muitas vezes.

Vinte minutos se passam.

Eu me contorço. *Lily!*

Sexo soa melhor que super-heróis. Que é um pensamento que já tive várias vezes antes. Mas Lo apelidou essa noite de “noite de encontro”, e se ele estiver esperando que eu aguarde pacientemente até o filme terminar?

Não vou arruinar a noite de encontro.

Não com sexo.

Arrisco dar uma olhada em Lo. O filme o hipnotiza mais do que eu. Suas sobrancelhas se franzem quando Magneto aparece na tela e ele volta a cena por dez segundos apenas para ouvir novamente. É por isso que demoramos uma eternidade para assistirmos aos comentários do diretor.

Desço meu olhar para sua virilha. E se eu sentar nele? De costas…

Anal.

Meu médico desaconselhou anal enquanto estou grávida. Mas ainda penso nisso.

Anal. Por que uma palavra que parece tão feia precisa ter uma sensação tão boa? Meus pensamentos são tão estranhos, e ainda assim, eu estou bem com isso. *Abrace sua estranheza.* Concordo com a cabeça, confiante com a ideia.

Lo pausa o filme. — Você está bem? — Seus olhos âmbar voam da minha cabeça até minha cintura e mãos, avaliando meu estado.

— Ótima. Por quê?

— Você assentiu para si mesma. — Ele segura minha bochecha e eu faço uma coisa - me aninho na palma da mão dele. *Mais. Mais. Mais perto.*

Ele não pode ouvir meus pedidos, mas deve vê-lo nos meus olhos. *Noite de encontro.*

Quem imaginaria que “noite de encontro” seria algo que eu recitaria contra o sexo? Porém é. Para mim, é. Aperto o pulso dele como se fosse afastar a sua mão. Acabo congelando, sua palma grande está tão quente na minha bochecha.

Você assentiu para si mesma, me lembro dele dizendo.

— Então? — Como assentir pode ser uma coisa ruim? Eu sou uma assentidora. Uma confidente e autoproclamada assentidora. Eu franzo a testa. Existe “assentidora”? Preciso que Connor Cobalt me diga se essa é uma palavra real - mas não agora. Eu *não* preciso de Connor Cobalt em relação ao sexo.

Lo vira o controle remoto com a mão livre. — Você só faz isso quando se dá um encorajamento.

Eu limpo minha garganta. — Estou me lembrando que anal pode soar como uma palavra feia e eu ainda posso gostar e está tudo bem. — Eu aceno de novo. Foda-se, sou um assentidora - não importa se essa é uma palavra ou não.

Lo ri em um sorriso.

Percebo que ainda estou prendendo a palma da mão dele no meu rosto. — Isso é seu... — Devolvo a mão de Lo.

Seu sorriso desaparece até o ponto em que ele parece magoado.

— A menos que... eu possa ter de volta?

Ele se inclina para a frente como se planejasse me beijar, mas então ele provoca, se afastando só um pouco. Eu suspiro, carente.

— Lily Hale — ele diz meu nome em um sussurro sexy. *Tão perto*. Me beija. Me beija. *Me beija.* — Você pode ter mais do que apenas minha mão.

Sim.

Eu tento beijá-lo, mas ele provoca novamente, seus lábios passando pelos meus.

Contra o meu ouvido, ele murmura: — Devagar.

Eu sofro e latejo. Ele se vira mais na minha direção, com o joelho apoiado na almofada. Sua mão faz uma jornada perigosa através da manga da minha camisa.

Ele passa o dedo na pele ao lado do meu peito. *Mais perto. Mais perto.*

— Lo — eu respiro, ainda mais carente. Eu tento beijá-lo novamente.

Ele vira a cabeça e meus lábios tocam sua mandíbula.

— Você é o maior provocador — eu reclamo.

Lo sorri como se ele pudesse me provocar por mais mil anos. — E agora, amor? — Seu polegar roça meu mamilo, sua mão cheia segurando meu peito. Ele aperta o botão sensível e eu pulo, meus lábios se abrindo, nervos se iluminando.

Viro a cabeça para o lado, minhas pernas tremendo. Então percebo que o filme está pausado na televisão. *Noite de encontro.*

— Lo ... — Eu estremeço comigo mesma.

— Lily? — Preocupação aumenta sua voz. Ele descansa a palma da mão na minha barriga de grávida, com medo de algo ter acontecido com a bebê, então a outra mão toca minha bochecha. Com medo de algo ter acontecido comigo.

— Estoubemestoubem — eu digo tão rapidamente. — Mas a noite de encontro? — Não quero ser a razão pela qual paramos o filme pela metade.

Seus ombros abaixam, relaxando. — Posso te contar um segredo? — Sua voz se torna um sussurro novamente. Então ele gentilmente guia minhas costas para o sofá, assim fico deitada.

Enquanto ele permanece em cima de mim, eu me fixo em Lo, sua mão de volta sob a minha camisa. — Envolve paus?

Ele aperta meu pequeno peito. — Um pau.

Estou molhada. — Seu pau?

Ele agarra minha mão. — Esse pau. — Ele abre o botão e depois o zíper do jeans antes de enfiar minha mão dentro da calça e da cueca boxer.

Ele está tão duro.

Meus olhos se arregalam. Eu não pensei que ele estaria duro agora. Eu pensei que ele estava concentrado no filme.

Lo diz: — Quero *essa* noite com você. Porque *eu* quero transar com você, não apenas porque você quer transar ou por causa do período *sem sexo* de seis semanas após a chegada da Luna.

Meu pulso acelera. Abro a boca para falar, mas as palavras fogem. No meu silêncio, ele tira minha mão da calça e depois coloca

um travesseiro na parte inferior das minhas costas, minhas pernas já se abrindo para ele.

Chega mais perto. Me beija. Me complete.

Eu pisco algumas vezes. E se eu estiver interpretando isso errado? E se ele não estiver sugerindo sexo agora? — Espera... o que isso significa?

Lo paira sobre mim. — Lily Hale. — Seus olhos nunca deixam os meus, ele planta um beijo ardente na minha clavícula. Outro no meu pescoço. Eu tento levantar, mas o peso do meu estômago me mantém no lugar. — Eu... — Ele tira minha camisa, meus seios à vista. — Quero... — Seus lábios roçam meus mamilos. Eu tremo. *Meu Deus*. — Foder... — Sua língua lambe a carne rígida.

Dentro de mim. Goze dentro de mim.

Sua mão mergulha dentro da minha legging e calcinha. Ele a coloca no meu calor. — Você... — Ele empurra dois dedos dentro de mim.

Eu ofego, minha cabeça se inclinando para trás, meus músculos se contraindo. *Simsimsim*. Ele pulsa os dedos e meus dedos dos pés se enrolam. — Meu Deus. — Eu estou tonta.

Seus lábios pegam os meus. Me afundo contra a sua afeição que se aprofunda, que se origina do abismo de sua alma. Nós nos beijamos como se tivessem nos falado que esse será o nosso último beijo. Mostramos um ao outro por que isso não poderia ser o fim. Mesmo se outras pessoas dissessem que deveria ser.

Ele se afasta, apenas para tirar minhas leggings e calcinha com uma mão, seus lábios contra os meus, nossos olhos colados um ao outro. Com a minha respiração irregular, pergunto: — Você está com mais tesão do que eu? Isso não é…

— Não é o *que*? — Sua voz forte me faz tremer de desejo.

Quando eu respondo, nós dois estamos nus. — Não é possível. — Eu me contorço quando seus dedos encontram o local mais prazeroso. Ele os impulsiona para dentro mais rápido, repetidas vezes, e minhas costas arqueiam.

Eu choramingo para cima, meus dedos cavando nos seus ombros. — Simsimsim!

Com os lábios de volta ao meu ouvido, ele sussurra: — Você está prestes a sentir o meu tesão, amor.

*Ai meu…*minhas mãos roçam seu abdômen quando sua dureza se aproxima de mim. — Mais perto — eu imploro.

— Quão perto? — Ele brinca, esperando e esperando.

O suor cobre minha pele. — Até ficar… todo dentro.

Lo está com uma mão protetora no meu abdômen. Como se estivesse se lembrando de pegar leve por causa do nosso bebê. Então ele me enche completamente.

Isso me leva ao limite. Eu fico tensa, e a maneira como ele me olha mexe comigo. Nossos olhos se conectam enquanto ele balança contra mim, seus músculos flexionando.

— Mais perto, mais perto — eu continuo implorando, mesmo que ele esteja o mais perto possível. Eu quero ser completamente consumida por Loren Hale.

Com um grunhido na garganta, ele se move mais devagar, porém mais fundo. Sinto cada movimento dentro de mim. Eu quero sentar nele. Eu quero chupá-lo. Eu quero fazer mil coisas diferentes com ele e quero que ele faça mil coisas diferentes comigo.

Meu mundo gira no próximo impulso. — Lo...

Seus dedos roçam meu mamilo. Ele aperta. Estremeço e gemo, o abraçando.

— *Lo*.

Sua mão corre pela minha perna, em direção à minha coxa.

— Eu quero sentar em você — de repente eu deixo escapar. Também digo a ele mais quatro posições impossíveis de se fazer enquanto estou grávida. — ...e goze na minha boca.

Eu sou muito exigente na cama. Ele me disse isso na semana passada. De um jeito amoroso.

Lo me beija nos lábios enquanto ele impulsiona para frente. Eu agarro seus lados, ainda cheia dele. Nós somos um só. Sempre fomos um.

E quando nossos corpos se fundem, a necessidade parece algo além de *necessidade* e mais como sobrevivência. Estamos sobrevivendo a esse mundo juntos.

Eu alcanço um pico e só olho para Lo, meu corpo tremendo de euforia.

Seus olhos âmbar inundados com amor profundo e enraizado, e eu estou ancorada a ele.

* * *

20:47.

Lo rejeitou a maioria das minhas posições, mas ele me deixou chupá-lo. Ele se ajoelhou no sofá enquanto eu me sentei, e eu o peguei na minha boca. Sua expressão foi uma das melhores partes. Paixão e *luxúria* revestiram seus olhos, e ele tirou meu cabelo do meu rosto. Quando ele goza, todo o seu maxilar fica tenso. Ele inclina a cabeça para trás e seu olhar mata o teto antes que seus olhos reviram.

O clímax do Lo me excita, e ele sabe disso. Então ele teve que me ajudar novamente.

— Não mais — ele me lembra.

— Eu sei. — Arrumo minha toalha em volta do meu corpo grávido. Acabamos de tomar banho, e eu devo ter um olhar excitado enquanto penso em nossas aventuras sexuais. É muito mais fácil cair em compulsões quando estou grávida. Não tenho permissão para procurar centenas de orgasmos.

Meu celular vibra de repente no balcão do banheiro. Ando com cuidado porque o chão está escorregadio. Lo usa a toalha para secar o cabelo antes do corpo, mas não estou reclamando. Eu gosto de um Loren Hale nu.

— Quem é? — Ele pergunta assim que eu pego o celular. Lo aparece atrás de mim, a tela acendendo.

Meu coração torce. As notificações dizem *Ryke* e depois a mensagem parcial. Clico rapidamente. Não recebemos nada além do ocasional *chegamos e está tudo bem* desde que ele partiu para o acampamento.

Minha preocupação aumenta por um breve segundo.

Então solto um suspiro.

Ele enviou uma foto. Ryke, Jane e Moffy estão sentados ao redor de uma fogueira e assando marshmallows. Ambos têm enormes sorrisos bobos nos rostos. *Isso é precioso.*

Ryke, que até tem dificuldade em levantar os lábios, sorri também. Aposto que um dos guarda-costas tirou a foto para eles.

— Ele parece feliz — diz Lo, um sorriso em sua voz.

— Seu irmão ou nosso filho? — Eu pergunto.

— Ambos.

Eu desligo o celular e viro em sua direção. — Estou feliz que fizemos isso. — Eu concordo com a cabeça. — Nós escolhemos bem. — Moffy passando um bom momento com seu tio. Lo e eu passando um bom momento sozinhos.

Está tudo positivo.

E não tem nada a ver com sexo, mesmo que o sexo seja *tão bom.*

A mão do Lo cai no meu abdômen. — Luna — ele diz o nome dela muito mais gentilmente do que diz a maioria das coisas. — Você vai acampar? Ou você vai ter medo de ursos igual a mamãe?

Eu dou um tapinha no ombro dele.

— É um bom medo — eu defendo.

— O melhor medo que já existiu. — Então ele beija o lado de fora dos meus lábios, *provocando.*

Fico séria em um segundo rápido. — Você está preocupado? — Eu admiti que ter uma menina seria mais assustador do que ter um menino. Lo até disse que criar uma menina seria diferente, talvez até mais difícil sob os holofotes.

— Eu não tenho medo de malditos ursos — ele brinca, mas ele sabe o que realmente estou perguntando.

— Lo...

— Eu vou proteger ela — diz ele com força e certeza. Ainda devo parecer preocupada, porque ele repete. — Eu *vou* proteger ela, Lil. E quer saber, talvez ela nem vá precisar de mim. — Ele coloca as mãos nas minhas bochechas. — Se ela tiver uma fração da sua força, ela ficará bem.

Ele beija meus lábios, cimentando essa verdade.

Lily e Loren Hale dão as boas-vindas ao nascimento da filha deles

LUNA HALE

30 de Novembro de 2019

{ 16 }

Dezembro 2019

A Casa do Lago

Montanhas Smoky

LOREN HALE

— Isso é tudo culpa sua — eu digo ao meu irmão enquanto fecho meu casaco. Caminhamos pela floresta densa em busca de um pinheiro ou abeto para substituir o último. As temperaturas caíram da noite para o dia e minha respiração faz fumaça no ar das seis da manhã.

Ryke caminha na minha frente. — Você acha que eu sabia que tinha insetos na porra da árvore? — Isso mesmo. Meu irmão tinha um trabalho. Um maldito trabalho e ele estragou tudo. Ele pegou uma árvore de Natal com um *ninho* de aranhas. Montamos a árvore, decoramos a coisa e, dois dias depois, as aranhas começaram a engatinhar nos presentes.

Tivemos sorte de nenhuma ter viajado para os quartos das crianças.

Além desse show de horror, ainda consigo ouvir a risada da Rose no meu ouvido direito. No ano passado, as meninas encontraram, cortaram e levaram uma árvore de abeto de dois metros e meio, por conta própria. Esse ano foi a nossa vez, e eu entendi. Foi uma exibição de merda, mas eu já estava de saco cheio de procurar por árvores antes mesmo de começar.

Connor mexe no celular e evita com sucesso colidir com troncos enquanto ajardina a área ao mesmo tempo. O cara pode realizar várias tarefas melhor do que algumas pessoas podem cagar.

Sam e Garrison estão na retaguarda.

Bocejo no meu braço, ficando atrás deles. — Porra, por que acordamos tão cedo? — O céu é de uma cor azul escura, o sol nascendo mas ainda escondido.

Sam enfia os punhos nos bolsos do casaco de neve vermelho escuro. — Você não deveria estar acostumado com a manhã

agora?”

Certo. Foi Samuel Stokes quem me disse que eu seria uma “pessoa matinal” depois de ter *um* filho. Bem, agora eu tenho dois, e meus sentimentos são os mesmos. Acordo cedo para correr com meu irmão; eu bocejo por cinco minutos seguidos enquanto me estico. Acordo cedo para alimentar meus filhos; eu bocejo por dez minutos seguidos enquanto vago para cima e para baixo no corredor.

— Não, Sammy — eu digo. — Prefiro uma cama quente, ao lado de minha esposa, e não ficar aqui fora com você, congelando minhas bolas. — Eu uso um meio sorriso que parece tão frio quanto o ar.

Ryke finalmente diminui o passo para que essa jornada não seja tão infeliz. Não me interpretem mal, ainda é miserável. *Eu quero estar com Lily*, eu continuo pensando. Se eu disser isso em voz alta, meu irmão mais velho vai me dizer para parar de reclamar.

— Sua perna dói quando chove? — Sam pergunta a Ryke. — Por causa do titânio.

Meu irmão tem uma placa de vinte centímetros no fêmur, onze parafusos e uma haste e pinos na tíbia. Ele age como se nunca tivesse sido ferido, mas eu o ajudei a reabilitar sua perna, então sei que seu corpo não é mais o que costumava ser. Perdi meu irmão por um tempo, mas o teimoso Ryke Meadows está de volta agora. Eu me agarro a isso todos os dias.

O Ryke que desiste não é alguém que eu quero encontrar novamente.

A elevação aumenta à medida que Ryke caminha pela trilha com neve. Ele balança a cabeça em direção ao Sam. — Não. No frio, minha perna fica rígida pra caralho e pode dar cãibra, mas não dói mais ou menos que o normal.

A mão do Connor aperta o celular, seu aborrecimento tão evidente em seu rosto que eu nem questiono sua existência.

— O artista fodeu a pintura a óleo que estava fazendo de você? Eu disse a eles para não esquecerem da sua coroa. — Coloco minha mão no ombro dele. — Deixa eles comigo.

— É para isso que serve nosso cachorro, querido. — Connor sorri.

Ryke ouve e mostra o dedo do meio para nós.

Nós dois rimos.

Eu não bisbilhoto ou pergunto por mais detalhes sobre o celular do Connor, mas ele acena seu celular para mim, confiando em mim o suficiente para explicar.

— Rede social é um ninho de vespas. Não tenho nenhum problema em pisar nele de vez em quando. As vezes piso de *bom grado*, mas quando as pessoas jogam o ninho na minha cara por idiotice e falácia, é o equivalente a torcer uma chave de fenda no meu tímpano. — Ele continua mexendo no celular. — Estou no processo de tirar a chave de fenda.

Esfrego minhas mãos enluvadas uma na outra em busca de calor. — Que tipo de rede social?

Ele lê: — Arroba *Connor Cobalt*. — É um tweet. — *Sabemos que você plantou as provas contra Scott Van Wright.* — Provas... ele quer dizer os vídeos da Daisy dando um boquete no antigo namorado dela. Ela era menor de idade, então foi considerado pornografia infantil, e foi o que essencialmente levou a bunda de Scott Van Wright à prisão três anos atrás. Foi ele quem filmou tudo durante *Princesas da Filadélfia* e depois manteve as filmagens para assistir mais tarde - sem que ninguém soubesse, incluindo a Daisy.

Ryke para com tudo e grita. — O que é isso, *porra*? — Ele se vira e anda em direção ao Connor e todos paramos em uma clareira aberta, pinheiros projetando-se para o céu ao nosso redor.

— Eu não terminei — diz Connor, quase o cortando no meio do "porra". — *Você merece ir para a cadeia, não o SVW.* Hashtag *criminoso*. Hashtag *invejoso*. — Ele coloca o celular no bolso. — Durante toda a manhã, recebi centenas de notificações como essa. Cada vez que meu assistente os bloqueia, a pessoa cria uma nova conta.

Connor nunca perderia tempo bloqueando as pessoas. Não é surpresa que ele tem funcionários para isso.

— Isso é uma fodida besteira — Ryke amaldiçoa. — Scott merece passar a vida na prisão pelo que ele fez com Daisy, pelo que ele fez com Rose. — *Pornografia infantil. Vídeos de sexo.*

Minha mandíbula flexiona e meu sangue ferve. Não sei como Lily e eu escapamos daquele fodido doente. *Sorte* - tivemos sorte. Daisy

foi varrida para baixo de tudo. Ryke - ele ainda está puto com isso.

— As pessoas veem o que querem ver — diz Connor — e algumas pessoas gostaram do *Scott* com a Rose durante o reality show. O gosto deles era questionável desde o início.

É quase insondável as coisas que Connor deve ter ouvido... talvez até visto, apenas para encontrar justiça em relação a Scott. Todos somos gratos a Connor. Por estar em nossas vidas. Pelo que ele fez. Mas nenhum de nós realmente sabe o que ele passou mentalmente naquela época. Ninguém sabe, exceto ele.

Garrison se inclina contra uma árvore e fuma um cigarro. — Eu vi toda merda de teoria da conspiração dos VanWrighties no Tumblr. Era *profunda*.

— VanWrighties? — Sam faz uma careta.

— Sammy — eu digo. — Onde você esteve? — Isso foi durante a época de *Princesas da Filadélfia.* Há muito tempo atrás.

— Longe de você — ele rebate.

Eu bato palmas. — Parece que temos algo em comum. Milagres acontecem.

Sam realmente sorri.

Garrison solta fumaça no ar. — Os VanWrighties são os fanáticos obcecados por Scott Van Wright. Eles escolheram o nome.

Ryke aponta para o telefone do Connor.

Antes de entregar o celular, ele diz: — Se você mijar nele, ainda é meu.

Ele rosna de aborrecimento. — Vai se foder. — E arranca o telefone da mão do Connor.

Ryke faz uma careta para o celular. — Que porra é essa...? Essas pessoas são de verdade?

— São humanos reais e vivos do outro lado, sim.

Ryke diz: — Hashtag *Liberem SVW*. *Espero que Conner, Loren e Ryke façam cocô nas calças hoje à noite.*

Começo a rir com todos os caras, até Ryke. Ele joga o celular de volta para Connor. É mais fácil deixar esses eventos rolarem. Eles são muito frequentes para desperdiçar energia.

— Eles também escreveram o seu fodido nome errado — ele menciona para Connor, tentando irritá-lo.

Eu viro minha cabeça para Connor. — Eles colocaram um *e* em vez de um *o* no final do seu nome? Eu vou acabar com eles.

— Meu nome está em todo lugar. Diz mais sobre as habilidades de ortografia deles do que qualquer coisa sobre mim.

— Presunçoso e perfeito. — Eu toco meu coração. — Quando posso ter um de você?

Connor sorri. — Você já me tem.

Sam esfrega as orelhas avermelhadas e depois levanta o capuz da jaqueta. — O que exatamente aconteceu? — Ele nos pergunta. — Eu sei que a notícia dizia que Scott tinha vídeos da Daisy com o ex-namorado, tudo quando ela era menor de idade - mas elas nunca disseram como você sabia que elas existiam.

Respondo primeiro: — Porque os jornais não sabem que ele encontrou as informações primeiro, *Sammy*. Isso não sai daqui. — Eu desenho um círculo no ar ao redor de todos nós. — As meninas também sabem, mas a mídia só ficou sabendo que a Daisy chamou a polícia e denunciou o crime. Não que Connor ajudou a condenar Scott Van Wright por pornografia infantil.

Ele nunca pediu reconhecimento. Nunca quis um *obrigado* ou algo assim. Connor fez o que fez e deixou por isso mesmo.

— Não importa como eu sabia sobre os vídeos — Connor diz a Sam.

— Importa para os VanWrighties. — Garrison diz com o cigarro na boca.

Ryke estreita os olhos. — Podemos parar de chamá-los assim, porra?

— Eu não inventei o nome, cara. Eu nem acredito nas teorias deles. Eles foram iludidos ao pensar que conhecem todos vocês, e se sentem no direito de se meterem na vida de vocês já que vocês os deixaram entrar.

— Foda-se *Princesas da Filadélfia* — Ryke xinga.

— As teorias deles são especulativas — diz Connor. — Não são mais precisas do que os tablóides que afirmam que Ben Affleck é meio alienígena e o verdadeiro Brad Pitt está congelado em um iceberg.

Garrison quase engasga com o cigarro. — Você lê a *Revista Outer Star*? — Aquele tablóide é lixo.

— A esposa dele apontou quando estávamos no caixa. — Connor, é claro, está de olho em mim.

— Minha esposa é adorável. Eu sei que você está com ciúmes, mas ela é mais fofa.

— Impossível. — Connor sorri.

Garrison pisa na ponta de cigarro. — Sabe, se você deixar eu dar uma olhada nas contas do Twitter, posso encontrar o endereço do IP e enviar um vírus a eles. Pode ser apenas algumas pessoas.

Connor arqueia uma sobrancelha. — Não. Você trabalha na Cobalt Inc., o que significa que não pode cometer um crime enquanto trabalha para mim.

Garrison chuta um pouco de neve e sujeira. — O que acontece se eu fizer isso?

— Eu te despediria. — Connor arruma as luvas e examina a floresta em busca de uma árvore. Estou aqui para apoio moral a essa altura. Eu bocejo no meu braço novamente.

Connor vai em direção a um pinheiro próximo. — Deveríamos pegar uma árvore por aqui. Se continuarmos a caminhada, apenas demoraremos mais para levar de volta.

Garrison sopra fumaça no céu novamente. Nós o convidamos para o Natal antes de Willow dizer se poderia vir esse ano. Ele ainda mora na minha casa e me pediu para contar a todos sobre seus irmãos. Então agora eles sabem por que ele não falou com eles ou com seus pais desde que se mudou para minha casa.

Ele também começou a fumar novamente, mas ele só fuma do lado de fora, então estamos tentando não falar nada com ele sobre isso.

— Quem está com a fita métrica? — Connor pergunta ao lado do pinheiro verde. A rainha Rose quer um de dois metros e meio.

Ryke procura no bolso do casaco.

— Você não precisa disso — diz Garrison. — Apenas deixa ele ficar do lado da árvore. — Ele acena para Connor.

Connor parece quase entediado. — Eu tenho um metro e noventa e cinco. Isso seria impreciso.

Garrison dá de ombros. — Perto o suficiente.

— Não, não é — diz Connor — e estou investindo em você, o que significa que você deve estar acima de matemática do ensino

fundamental.

Garrison revira os olhos.

Ryke aponta o machado em direção ao pinheiro. — Parece ter mais ou menos dois metros.

Rose ficará feliz que as meninas encontraram uma árvore maior no ano passado, e Connor deve estar bem com esse final, porque ele assente para Ryke. Meu irmão começa a bater com o machado, lascando a base do pinheiro.

Eu bocejo novamente. *Jesus Cristo.* Eu culpo ter um novo bebê. Lily *acabou* de dar a luz a Luna em novembro. Eu quero estar com elas, mas tenho que lidar com isso. Todas as irmãs gostam de passar um tempo juntas sem nós, e eu nem sempre posso estar perto de Lil.

Connor se inclina ao meu lado. — Como estão as seis semanas *sem sexo*?

Minhas expectativas: eu ficando mais excitado que a Lily.

Minha realidade: eu ficando mais excitado que Lily.

Com uma criança e um bebê, ela está cansada demais para sequer pensar em sexo. Ela também não fará sexo para combater o estresse, por isso sua resiliência aumentou bastante. Quando não estou com ela ou com as crianças - quando estou no trabalho - penso em sexo. Sinto falta de transar com minha esposa, mas se uma viciada em sexo pode aumentar a coragem para desligar isso por seis semanas, eu também posso.

— Ótimas — digo a Connor com um sorriso seco. Então acrescento com mais seriedade: — Não estão sendo tão terríveis quanto da última vez.

— Porque todos nós tivemos que sofrer — Sam diz.

— O que isso significa? — O rosto de Garrison se contorce. — Você não... quero dizer... — Ele arruma sua touca preta. — Eu pensei que a Lily fosse monogâmica.

— O que? — Os olhos de Sam se arregalam. Garrison está implicando que todos eles tiveram que se abster de dormir com Lily também.

Connor ri com um sorriso de bilhões de dólares. — Clareza é a chave, meus amigos.

O desconforto do Sam é a melhor parte disso. Eu aceno para Garrison. — Lily é monogâmica, mas quando Maximoff nasceu, as irmãs fizeram um pacto de que não fariam sexo enquanto ela não pudesse.

— Loucas… pra… caralho. — Ryke grunhe enquanto balança o machado com força, a árvore caindo.

— Só fique feliz que isso não aconteceu dessa vez também, mano.

Garrison pisa em seu segundo cigarro. — Vocês todos são estranhos pra caramba.

Eu finjo choque para o meu cunhado, aquele com o complexo moralista do Capitão América. — Olha isso, Sammy, você foi incluído em nosso círculo de estranhezas.

Sam sorri. — Mas eu sou o normal.

— A normalidade é relativa — diz Connor. — Para alguém em algum lugar, você é tão estranho quanto o resto de nós.

2020

"Estar longe é difícil, mas a parte mais complicada é o ato físico de ir embora."

- Willow Hale, *Nós Somos Calloway (Temporada 2 Episódio 06 - Probabilidades e Tanto Faz)*

< 17 >

Janeiro 2020
Escritório do Frederick
Cidade de Nova York

DAISY MEADOWS

Olho para as vistas deslumbrantes da cidade de Nova York do escritório de Frederick, meus dedos no vidro como se eu pudesse sair e voar. Sem peso - mas talvez então eu caísse.

Me afasto e vou para as estatuetas em uma estante, uma bailarina de porcelana ao lado de um cisne. Frederick me observa da cadeira de couro, ao lado de um sofá combinando. Passo a maior parte do tempo vagando, em vez de me sentar, mas ele nunca parece se importar. Não acho que Frederick tenha muitos pacientes além de Connor e eu.

Apenas uma teoria.

— Você já pensou algum dia que Connor seria famoso? — Eu pergunto, meus dedos roçando a estante de livros enquanto eu passo por elas.

— Não no mesmo sentido que ele é agora — diz Frederick com sinceridade. — Eu pensei que ele seria reverenciado entre as pessoas em sua profissão, não pelo mundo inteiro. — Ele só responde essas perguntas baseadas em opiniões sobre Connor, nunca nada sobre a história pessoal dele ou tópicos que eles discutem em suas sessões.

Aprendi a entender o que posso e o que não posso perguntar. Também gosto quando o foco muda de mim por um tempo.

Enfim, Frederick tem que saber o que aconteceu ontem. Estava em todos os noticiários.

Eu não dormi nada noite passada. Nem uma hora. A pressão se recusa a deixar meu peito. Quero afundar no chão, mas depois quero correr por todas as portas e *nunca* mais voltar.

— O que te manteve acordada à noite? — Ele me faz a primeira pergunta difícil.

— Eu não estava com medo. — Não teve nada a ver com TEPT, que não me atormenta há muito tempo. Eu vago e vago, examinando a placa com o nome dele na mesa. — As pessoas, a mídia - elas não podem mais me machucar, mas ela é só um bebê. E então ela será uma criança. Então uma adolescente. Como eu era. Às vezes me pergunto se estou destinada a vê-la passar por *cada* coisa que eu passei.

— O que aconteceu ontem não é um prelúdio para seus piores medos para a Sullivan.

Olho para Frederick do outro lado da sala. — Não queríamos que os tablóides tivessem inúmeras fotos dela. Eu sabia que, eventualmente, seriam tiradas algumas, mas não assim - e não por *minha* causa.

Eu levei a Sulli para as aulas de natação, e eu não sei quem estava se escondendo e onde eles estavam, mas tiraram *dez* fotos. Ela passou de ter imagens borradas e ruins na Internet para estar em alta resolução, tirando a calcinha do bumbum. E no espaço de duas horas, ela se tornou um meme da internet. Tudo antes de completar dois anos no próximo mês.

As Primeiras Fotos de Bebês em Alta Resolução da Sullivan Minnie Meadows! Pessoas photoshoparam... bem, não importa, não é? As pessoas podem ser criativas sem perceber que uma pessoa real está do outro lado da imagem.

#BebêRaisy ainda está entre os assuntos mais comentados, assim como todas as piadas anexadas.

— Não é sua culpa — diz Frederick — mas você já ouviu isso. Não ouviu?

Eu penso no meu sistema de apoio. Ryke, ele não me culpou. Nem uma única vez. Ele estava mais chateado do que eu. Rose, Lily, Lo, Connor e até Garrison foram em casa ontem à noite para nos apoiarem. Willow também apareceu via Skype.

Eu concordo com a cabeça, meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu ando em direção a uma samambaia em um vaso.

— Sua filha terá o mesmo sistema de apoio, Daisy. Ela tem pessoas da idade dela no mesmo barco à sua volta.

Moffy. Jane. Beckett. Charlie. Eliot. Luna.

— Ela não está destinada a ser você — continua ele. — Ela será Sullivan Minnie Meadows e experimentará o mundo de uma maneira diferente e em um tempo diferente.

Me aproximo do centro da sala, o encarando novamente. — Rose me disse que sempre foi mais fácil quando os tabloides focavam nela e não em Jane, mas eu nunca entendi o sentimento até agora. — Eu balanço para frente e para trás e coloco as mãos na cabeça. — Eu daria *tudo* para que eles gritassem comigo.

Nós Somos Calloway ajuda, todos os dias, com o veneno e a violência direcionados a nós, mas como todas as coisas, sempre haverá cínicos. Felizmente não é nada como a época dos bombardeiros de farinha.

— O que eles gritariam? — Pergunta Frederick.

Eu vejo o que ele está fazendo. Cada palavra pesada no meu peito grita para ser liberada.

— Daisy Calloway é *burra demais para viver.* — Eu o encaro fortemente, ouvindo todas as vozes que já ouvi. Todas que eu esmaguei antes. Todas que eu poderia esmagar novamente. — Uma pirralha irritante. Gosta de atenção! — Eu grito. — Ela nunca age de acordo com a idade dela! Como Ryke pode amar alguém assim? QUE IDIOTA!! — Eu grito tão alto que algo pesado explode dentro de mim, obliterando. Menos complicado.

E se ela não puder revidar assim? E se ela estiver triste e sozinha? E se ela chorar até dormir? E se ela *não conseguir* dormir?

Frederick deve ler as perguntas nos meus olhos, porque ele se levanta, com poder em seus passos. Quando ele se torna essa figura sábia, porém implacável - apenas pela postura -, posso ver porque Connor o escolheu como terapeuta. Por que ele o conhece há tanto tempo.

Frederick me diz: — Ninguém jamais desejaria que outra pessoa passe pelas mesmas experiências que você, e todos esperamos que ela não passe, mas se ela algum dia estiver triste, Daisy, ela tem uma mãe que já experimentou dor além da compreensão humana e que continuou a perseverar. Uma mãe que tem a capacidade de simpatizar com momentos baixos que aparecem sem motivo algum. Momentos baixos que alguns nunca entenderão. *Você* entende.

Eu respiro fundo como se minhas costelas estivessem bloqueando o fluxo de ar para meus pulmões. E agora, eu respiro.

— O melhor remédio da Terra não é uma pílula. É *compaixão.* A capacidade de fazer alguém se sentir menos sozinho. Alguém muito próximo tem sido isso para você.

É aqui que começo a chorar. — Ryke. — Eu esfrego meus olhos lacrimejantes. Às vezes o mundo parece sombrio. Como se toda estrada tivesse uma barricada. Como se bater nas paredes para alcançar um futuro feliz exigisse muito esforço. Como se isso não fosse para mim. Então eu me lembro que não é impossível.

Isso é temporário.

Esse sentimento vai desaparecer em breve. *Apenas espere.*

As paredes se dissolverão. *Apenas espere.*

O sol nascerá novamente.

Apenas espere.

Podemos esperar nos braços das pessoas que amamos. É o que direi a Sulli. É o que farei quando ela estiver chateada.

— Ela vai ficar bem — eu respiro, chegando a essa realização simples, mas libertadora. *Ela vai ficar bem.*

Frederick se senta novamente na cadeira e eu vou em direção ao sofá. Acabo me deitando, deixando meus ombros e a cabeça pendurados na parte de trás. Eu limpo as manchas molhadas no meu rosto.

— Minha irmã totalmente te chamaria de mágico.

— Lily? — Ele pergunta, mas ele já sabe que, de todos nós, ela é quem mais acredita nessas coisas.

— Você já mencionou magia com Connor apenas para irritá-lo? — De repente, a porta se abre, e eu encaro o intruso de cabeça para baixo. — Falando no gênio.

Connor arqueia uma sobrancelha. — Por que não estou surpreso?

— Porque você nunca está — eu respondo balançando as *minhas* sobrancelhas. Eu acho que ele está se referindo a nós conversando sobre ele e eu estar de cabeça para baixo.

— Ela é uma das inteligentes — diz Connor, fechando a porta atrás de si e caminhando mais para dentro do escritório de

Frederick, para mais perto do sofá. — Mas não é mais esperta que eu.

Frederick confere o relógio. — Você está uma hora adiantado, Connor.

— Não preciso checar meu relógio para saber que estou com apenas cinquenta e dois minutos de antecedência. Você não está jogando seu melhor jogo, Rick.

— Ou talvez eu simplesmente não esteja jogando o mesmo jogo.

Connor olha para o nosso terapeuta com mais agitação do que ele deixa a maioria das pessoas verem em uma semana. — Então me diga por que estou aqui.

É assim que é entre eles? Eu nunca realmente estive com Frederick e Connor ao mesmo tempo. Frederick avalia Connor tão rápido quanto Connor o avalia.

— Prefiro não discutir suas motivações na frente de outra paciente, especialmente uma que faz parte da sua família.

— Oi, cunhado — digo com um sorriso fraco.

Connor coloca o celular no bolso da calça social. Ele não diz nada em resposta a nenhum de nós ainda. Ele apenas espera que eu tire meus pés da almofada de couro. Ryke teria simplesmente pegado minhas pernas. Lo teria dito *mova seu maldito corpo*. Connor - ele apenas me olha como se isso já fosse esperado. Como se o sofá fosse dele.

O chão é dele.

O ar, a água, todas as necessidades da vida. *Dele*.

E por algum motivo louco, eu não questiono. Eu apenas me arrasto para metade do sofá, sentando mais reta, e ele se senta ao meu lado.

— Isso sempre funciona? — Eu pergunto, sabendo que ele vai entender o que eu quero dizer.

— Só se você for eu. — Ele descansa o cotovelo no braço do sofá de couro, os dedos casualmente na têmpora. — Daisy, você se importaria se eu participasse da sua sessão?

Minha curiosidade desperta. — Nem um pouco.

Frederick suspira com um ligeiro aborrecimento, mas esse parece ser o tipo de convite que você nunca rejeitaria.

— Você faz sessões conjuntas o tempo todo — diz Connor. — Você não deveria estar descontente com essa.

— Você propositalmente apareceu cedo para interromper a sessão dela. Isso exige uma emoção mais forte do que descontentamento, mas isso não é sobre meus sentimentos. Se ela está concordando, então faremos isso, mas Daisy, não acho que seja uma boa ideia.

— Está tudo bem. Eu me sinto melhor.

Connor estuda as lágrimas secas no meu rosto.

Relutantemente, Frederick se levanta da cadeira, pega uma segunda pasta de um arquivo e volta ao seu lugar. Ele folheia os papéis, alguns caindo no colo. Ele tenta colocá-los de volta na pasta.

Connor observa atentamente, e um sorriso serpenteia em seu rosto. — Eu te peguei desprevenido, Rick? Você precisa de mais tempo para se preparar?

Nosso terapeuta deixa escapar um suspiro. — Por que não começamos com uma semelhança entre vocês dois? — Ele fixa seu olhar em Connor. — Scott Van Wright.

Buum.

Não ouço esse nome em nossas sessões há alguns anos. A coisa toda de “Scott Van Wright filmou ilegalmente você com o antigo namorado, mentiu sobre destruir os vídeos e depois continuou a assisti-los” foi um segmento da minha vida que eu peguei e arquivei sob *Coisas Super Fodidas.*

Estou curiosa para ver como Connor lida com esse tópico, no entanto. Já que sua privacidade também foi invadida por Scott. Única diferença: os vídeos de sexo dele foram expostos para o mundo inteiro ver. Os meus não estão online porque é pornografia infantil. Scott nunca fez o upload.

Mas há algo mais que nos une, eu sei disso.

Foi Connor quem descobriu sobre os meus vídeos. Eles estavam na casa do Scott, e Connor de alguma forma fez amizade com Scott de uma maneira que apenas Connor Cobalt poderia fazer. Ele encontrou os vídeos. Não tenho certeza se ele os assistiu. Eu nunca perguntei.

Minhas suspeitas apontam para *não*, já que a lei da Pensilvânia proíbe até *assistir* pornografia infantil (eu tinha dezessete anos nos vídeos), e Connor está sentado aqui e não na prisão. No entanto, eu não teria apresentado queixa se ele tivesse assistido. Eu entenderia se fosse algo que tivesse que acontecer para pegar Scott em flagrante.

— Temos muitas coisas em comum — responde Connor sem nem piscar. — Por que escolher isso?

Frederick se recosta em uma posição confortável, não mais estressado que estamos aqui juntos. — Vocês dois foram violados por Scott...

Connor não espera que ele termine. Ele faz uma careta e diz: — *Violado* é um termo grosseiramente exagerado para descrever o que Scott fez. Ele *mijou* no meu quintal da frente. Ele é o equivalente a um roedor saindo de uma árvore próxima e urinando em minha propriedade. É isso, Rick.

Meus olhos crescem lentamente. Estou assistindo uma versão não filtrada do Connor, algo visto apenas na edição "versão de um diretor", e eu realmente não deveria estar vendo isso.

Meu cunhado olha para mim, como se estivesse se lembrando da minha existência, mas ele não se preocupa nem pisca os olhos. — Essa palavra, tenho certeza, pertence a Daisy. Vamos conversar sobre isso.

Eu sorrio. — Mas prefiro falar sobre roedores urinando em gramados.

Frederick interrompe: — Daisy, o que você acha da palavra *violada*? Você acha que pertence a você?

Então nós vamos mesmo falar sobre isso? Eu respiro fundo. — Sim — digo. — Porque o que Scott fez foi horrível e sem consentimento. — Minha pele se arrepia só de imaginar Scott e seus amigos assistindo vídeos meus que eu nunca soube que existiam.

— *Horrível* é muito gentil — diz Connor.

Frederick mexe nos papéis novamente. — Que palavras você usaria?

— Hediondo, revoltante, ofensivo, desprezível - mas, melhor ainda, ele não merece *meu* tempo ponderando suas ações ou o que

ele é. Já gastei muito com ele.

Frederick faz uma pausa. — Você ganhou. Ele está preso. Você não perde só porque *sente* algo com os eventos, mesmo depois que eles terminaram.

Connor olha para mim. — Essa é a maneira do Rick me dizer para *lidar* com sentimentos que não consigo entender. Ele esquece que eu não sou como todo mundo. — Ele se volta para Frederick. — Não estou ferido. Estou *irritado* com a necessidade constante de discutir o que está morto. Ajuda a maioria das pessoas, como Daisy, mas eu não sou a maioria.

Não sei dizer quem está certo. Talvez os dois estejam. Talvez Connor tenha dificuldades em alcançar o fundo de suas emoções, aquelas que ele realmente acha que não existem dentro dele. Talvez seja o trabalho de Frederick puxá-las para fora.

— Você é humano — Frederick diz a ele. — É humano ser afetado por um trauma muito depois que o trauma termina.

Connor esfrega os lábios, sua agitação mais do que aparente. — Eu voluntariamente fiz o que fiz. Espetei um rato no meu gramado e fiz ele se comer. Eu me sinto *justificado*. Nós deveríamos estar discutindo os eventos da noite passada. — Antes que Frederick possa falar, Connor me pergunta: — Você dormiu bem?

— O melhor que pude. — Eu sei que ele pode ver a mentira no meu sorriso. Começo a mexer em um rasgo na almofada de couro do sofá.

— Quantas horas? — Connor pergunta novamente. — Você estava com medo?

Eu me pergunto se a preocupação de Rose enviou Connor até aqui, querendo mais respostas sobre minha saúde. Eu não quero deixar ela preocupada, ou *ele*, então me afasto da seriedade, meus olhos se arregalando em falso horror. — Quinze horas de sono. Foi *insanidade*. Você tinha que estar lá pra ver, festa total na minha cama. — Eu sorrio com essa insinuação engraçada.

— Ela é sempre assim? — Connor pergunta a Frederick como se minhas palhaçadas fossem cansativas depois de um tempo.

Frederick tem um sorriso bondoso no rosto. — Às vezes.

Balanço as pernas de um lado para o outro, incapaz de descansar o queixo no meu joelho. — Por que você está tão interessado no

que acontece debaixo dos meus lençóis, Connor?

Ele apenas olha inexpressivo para mim. — É como perseguir um filhote de cachorro que corre atrás de seu próprio rabo.

Eu sorrio de novo. — Eu sou o filhotinho?

— Obviamente. — Ele verifica o celular como se alguém tivesse mandado uma mensagem. *Definitivamente a Rose.* — Você estava chorando? — Ele pergunta antes de fixar seu olhar azul profundo em mim novamente.

— Imaginei uma vida sem chocolate.

— E sem surpresa, eu não acredito em você.

— Você não acredita que um mundo sem chocolate seja absolutamente, inteiramente, *devastador*?

As sobrancelhas do Connor franzem como se eu fosse uma tola se achasse que estou *enganando* ele. — Eu acredito que você gosta de correr em círculos inúteis. — Outra mensagem acende o telefone. A preocupação da minha irmã de repente puxa meu coração.

— Eu não dormi nada — finalmente respondo.

Connor contém sua emoção. Eu não consigo ler ele.

Então acrescento: — Mas diga a Rose que pretendo tirar uma soneca quando chegar em casa e que já me sinto melhor.

— Vou dizer. — Ele envia uma mensagem para Rose na minha frente, não chocado por eu ter descoberto o motivo de ele estar aqui.

Frederick bate no braço da cadeira. — Vamos redirecionar para Scott Van Wright.

Connor abaixa o celular. — Estou começando a achar que você tem uma queda por ratos e suínos.

Frederick realmente sorri. — Daisy, você tem alguma pergunta para Connor sobre o que aconteceu? Algo que você queira expressar?

Eu acho que tem uma coisa. — Você nunca me disse se viu alguma das filmagens. Você teve que confirmar que os vídeos eram meus. Você não poderia simplesmente sair sem ter certeza. Então... como?

O olhar de Connor está cimentado em Frederick, o de Frederick cimentado no dele. O que quer que passa entre eles no breve

silêncio, acho que só poderia ser descrito como *compreensão*. Compreensão de que este tópico seria abordado mais cedo ou mais tarde. Que esse momento seria concretizado.

— Diga a ela — Frederick incita com um aceno lento de cabeça.

Connor não hesita, nem uma vez. Ele lento mas seguramente se vira para me encarar. Calmamente, ele diz: — Cinco segundos. Tentei sair mais cedo, mas ainda vi você meio vestida. — Ele faz uma pausa. — Eu não vi você fazendo nada, se é isso que está perguntando.

— Foi o que eu sempre pensei, e eu *realmente* agradeço por isso. O que você fez…

— Não. — Os profundos olhos azuis de Connor nunca se afastam dos meus. — Não me agradeça, Daisy. Porque não foi por você. Manipulei um homem e usei suas evidências para promover uma manobra que beneficiou a mim e à minha família.

Ele pode pintar o retrato egoísta, mas esse quadro está só meio completo.

— Talvez suas intenções nunca fossem me ajudar, mas você ajudou. E não foi a única coisa que você fez. — Foi mais do que apenas interromper Julian e eu durante *Princesas da Filadélfia*. — Quantas fotografias você comprou? As que os fotógrafos tiraram de mim nos bastidores quando eu era modelo? — Não tenho certeza se há mais do que apenas a de Paris, mas lembro dela como uma cicatriz profunda e visceral no meu corpo. Fotógrafos tiraram fotos minhas enquanto eu estava *nua* nos bastidores de um desfile de moda em Paris.

Eu nunca soube o que aconteceu com elas.

Elas nunca vazaram online. Com o tempo, percebi que Connor Cobalt é o *único* que tinha recursos para comprá-las. Para detê-los.

Para me ajudar.

Acredito que ele fez isso porque ama Rose, e Rose me ama. Que poder o amor deles realmente tem.

Connor me observa por um segundo, seus traços mais difíceis de interpretar. Então ele se volta para o nosso terapeuta. — Veja bem, eu não sou tão egoísta quanto você acredita que eu seja.

— Como *você* acredita ser — corrige Frederick.

Deixo meus pés caírem no chão e me levanto novamente, odiando ficar sentada por tanto tempo. Começo a vagar em direção à estante.

— Vocês dois sabem que a sentença do Scott terminará em breve, talvez até mais cedo, se ele sair em bons termos. Como vocês irão lidar com isso?

Connor chama: — Daisy. — Ele quer que eu vá primeiro?

Examino os livros de capa dura em uma prateleira do meio. — Eu gostaria que ele pudesse apodrecer lá para sempre, mas ele cumpriu sua pena. Agora ele estará registrado como criminoso sexual. — Olho por cima do ombro para eles. — Eu acho que isso deve ser suficiente. — Tem que ser. Porque não posso ficar preocupada que Scott aparecerá novamente e nos machucará. Esse medo não tem espaço no meu mundo.

— A resposta dela é madura — Frederick diz a Connor. — Acho que a sua será mais detalhada.

Connor arqueia uma sobrancelha. — Acha? Você não deveria ser um profissional? Não te pago para *achar.*

— Você me diz — Frederick responde, um sorriso brincando em seus lábios. Ele pega seu café como se isso fosse normal. Eu sorrio também, percebendo que é normal que Connor insulte todos.

Até o próprio terapeuta.

— Ele pode ser libertado em breve por causa do nosso sistema judicial, mas ficará preso emocional e mentalmente. Eu sempre o verei como ele é. Porco, um rato, alguém que não vale o meu tempo. Fico irritado com ignorância, com pessoas que acham aceitável me enviar mensagens diretamente sobre eventos que não aconteceram e nunca acontecerão. Pessoas que acreditam que ele é virtuoso. — Connor balança a cabeça. — Não vou gritar, abrir os olhos delas e fazê-las ouvir e ver. Se elas não conseguem entender a realidade, que assim seja. Elas são *insetos* para mim.

O ar está espesso.

Connor se inclina para frente para acrescentar mais uma afirmação: — Ele *nunca* chegará à vista da minha família ou da família de Daisy ou de Lily. Eu vou pisoteá-lo antes que ele chegue a 80 quilômetros de nós. Não é uma ilusão. É um fato.

Percebo que Connor pode nunca atribuir a palavra "violado" a si mesmo, mas acho que Scott Van Wright definitivamente o violou em um determinado momento. Sua hostilidade, que eu nunca vejo, me faz acreditar que Scott cruzou uma fronteira com Connor que os outros nunca cruzaram.

Toco a estatueta de bailarina novamente. — Estou feliz que acabou. — Ele se foi. Estamos todos seguros e, ao lidarmos com as emoções que sobraram, podemos seguir em frente e criar caminhos mais fortes. Ando muito mais leve em direção ao sofá novamente.

Essa pode ser uma das melhores sessões que já tive.

— Não deveria surpreender você que acabou — diz Connor, seu sorriso crescendo. — Eu sempre ganho no final.

Eu rio com um sorriso brilhante.

Pode ser presunçoso, mas é muito, *muito* verdadeiro.

Sweet Disposition de Temper Trap começa a tocar, o toque especial do Ryke. Ele geralmente é muito cuidadoso em não interromper minhas sessões. Uma vez, ele passou uma hora inteira procurando nossos capacetes da moto, que eu coloquei em uma mala. Minha idéia de limpar é colocar coisas em outras coisas até que apareça mais espaço.

Ryke poderia ter mandado uma mensagem ou me telefonado, mas ele realmente esperou até eu chegar em casa. Ele considera poucos eventos mais importantes do que as minhas sessões de terapia, então meu estômago se revira enquanto eu procuro meu celular no bolso do meu short jeans. Em segundos, coloco no meu ouvido. — Está tudo bem?

Connor e Frederick estão estranhamente quietos, nem mesmo fingindo não ouvir a minha ligação. Encaro a estante e espero a pausa atormentadora passar.

Eu posso sentir Ryke hesitando do outro lado da linha, sua respiração rápida. Então ele diz: — Sim, está bem pra caralho. Me ligue quando você chegar em casa.

— Você não está em casa? — Franzo a testa e depois faço uma escolha rápida. Em uma cadeira perto da porta, pego minha mochila e meu capacete. No Natal, Ryke me presenteou com uma moto Kawasaki Ninja verde-limão, que pode atingir quase trezentos quilômetros por hora. É ainda mais rápida que a minha antiga

Ducati, a moto que eu dei ao paramédico que basicamente salvou minha vida.

Isso foi há quase dois anos atrás agora.

Ryke rosna para si mesmo como se realmente, *realmente* não quisesse me interromper - odiando que fez isso.

— Ryke, está tudo bem. Eu já terminei. — Coloco as alças da minha mochila e, na minha visão periférica, vejo Connor se levantar. Eu mudo meu telefone para minha outra orelha. — É a Sulli? — O medo atinge minha voz.

— Não é nada sério, mas... *porra*. — Só pelo tom de sua voz, posso dizer que ele está chateado. *É a Sulli*. Tem que ser sobre a nossa filha, que fará dois anos no próximo mês.

— Apenas me diga para onde eu preciso ir. — Eu estou com a minha mão na maçaneta da porta.

Outra longa pausa antes de ele dizer: — O pronto-socorro.

A cor some do meu rosto. — Tipo, na *emergência*? — Minha mão escorrega e meu capacete cai no chão.

— Que porra foi essa? — Ele pergunta quando eu o pego.

— Meu capacete. — Não tenho tempo para perguntar o que aconteceu - ele fala novamente, como se de repente lembrasse que eu vim de moto para Nova York.

— Não ande na porra da moto chateada. A última coisa que quero é minha esposa e minha filha no hospital. — Ele sugere chamar o motorista particular do meu pai como uma alternativa, mas ele não sabe que Connor Cobalt está três metros atrás de mim.

Giro o capacete nas mãos, inquieta, meus pulmões na garganta. Prefiro andar de moto, não apenas para chegar ao hospital mais rápido, mas porque meu corpo grita para se *mover*. Correr. Para acelerar à frente.

— Daisy?

Eu escuto a vontade do meu marido e, antes mesmo de perguntar a Connor, ele diz: — Eu já liguei para o meu motorista. Ele está esperando.

— Obrigada. — Eu me concentro no meu telefonema e digo a Ryke que Connor está aqui para ver Frederick. — Ele vai me levar para o hospital — termino.

Ryke solta um suspiro audível como se dissesse *graças a Deus*. No fundo, de repente ouço Sulli chorando. Sem esperar, eu *corro* para fora da porta.

* * *

Com minha mochila e capacete na mão, digo tchau ao Connor e corro para a sala de espera do pronto-socorro.

— Aquela é a Daisy Calloway? — Eu ouço uma série de sussurros, a sala de espera cheia de bebês chorando, pacientes fungando e uma televisão passando o noticiário da GBA.

Ignoro a maioria das pessoas para alcançar uma cadeira, escondida no canto entre uma estante de revistas e um vaso de plantas. Ryke tenta acalmar Sullivan passando os dedos pelos cabelos castanhos escuros dela, as bochechas manchadas de lágrimas. Sentada no colo do pai, ela abraça sua estrela do mar branca de pelúcia, o queixo tremendo de dor ou por causa do ambiente hospitalar novo.

Ryke me vê do outro lado da sala, alívio relaxando seus ombros, e ele sussurra para Sullivan: — Quem é aquela?

Ela segue o dedo dele para me encontrar, e ela grita em lágrimas: — Mamãe!

Antes que ela tente saltar do colo dele, eu estou ao seu lado. Me ajoelho, com a mão no joelho de Ryke em conforto, e suspiro para Sulli. — Ouvi dizer que você esteve em uma *grande* aventura. — Eu tento esconder toda a minha preocupação e medo. Um pedaço de papel higiênico está enfiado na narina dela e ensopado de sangue.

— Dói... — Sulli tenta fungar, e ela começa a *choramingar* por causa do desconforto no nariz. Ryke me contou o que aconteceu por telefone. *Não é uma ameaça à vida*, eu me lembro durante seus choros penetrantes. Ainda é uma droga ver minha filha com dor. Ainda é uma droga ficar presa na sala de emergência lotada, incapaz de saber *quando* um médico vai nos atender.

Ainda é uma droga pegar pessoas tirando fotos nossas durante um momento que eu prefiro não documentar.

De brincadeira, uso o canto da estrela do mar para secar as bochechas gordinhas de Sulli. — Abrace a estrela do mar com *todas*

as suas forças, e ela fará você se sentir melhor.

Sulli aperta a criatura de pelúcia como se fosse sua força vital, seus choros morrendo e sendo abafados pelo animal macio. Ryke pega um clipe de concha que caiu em um fio de cabelo, seus olhos duros encontrando os meus. Eu nunca tiro minha mão do joelho dele.

— Você deveria sentar, porra. — Ele está prestes a se levantar e me dar o assento. É uma coisa tão Ryke Meadows de se fazer, mas balanço a cabeça, então ele para. Sulli está confortável em seu colo, aninhada na dobra do braço e no seu peito.

— Eu estou bem aqui. — Ponho o capacete de lado e tiro a mochila, ficando ajoelhada.

Enquanto Sulli se acalma, Ryke estende a mão e massageia o topo da minha cabeça em um *olá*. Eu sorrio para ele, mas seus lábios nunca se levantam. A culpa endurece sua mandíbula e escurece seus traços, e não muito tempo depois, ele passa as duas mãos pelos cabelos grossos.

— Poderia ter sido pior — eu digo baixinho. Ryke e eu nem sempre ficamos parados, e nos momentos em que fazemos caminhadas, acampamos, andamos de snowboard, surfamos e até mesmo praticamos off-roading, sempre levamos nossa bebê conosco. Dois anos com Sulli, e tentamos diminuir o *risco* em nossas escolhas, mas é difícil cortar *tudo*. Evidentemente, nós dois temos dificuldades em saber o que é *muito perigoso*, porque adoramos trazê-la em nossas experiências.

Nós gostamos de ter uma terceira companheira, e parece mais egoísta sair de casa e impedi-la de compartilhar esses momentos conosco.

Por isso, acrescento suavemente a Ryke: — Acho que a maioria das pessoas esperavam que Sulli quebrasse um braço escalando. — A mini parede de escalada no quarto dela é muito mais segura do que parece.

A verdade: uma *miçanga* aleatória de um chaveiro quebrado causou mais danos a Sulli do que qualquer uma de nossas ousadas aventuras. Ela enfiou a coisa no nariz quando Ryke não estava olhando. Ele disse que tentou arrancá-lo com uma pinça, mas está alojado lá.

Ryke respira fundo, apertando os olhos. — Uma fodida miçanga.

— Uma fodida miçanga, de fato — digo tão levemente que seus lábios se levantam um pouco, e ele deixa cair a mão. Ele absorve meus olhos verdes, minha boca, meu cabelo loiro e longas, longas pernas. Minha blusa branca diz: *Me alimente* com um gráfico gigante de flores.

— Como você está se sentindo, porra? — Ele pergunta, mesmo que já tenha perguntado essa manhã. Eu respondi mais cedo: *vou ver Frederick hoje.*

Agora eu digo: — Melhor.

Ryke segura Sulli ainda mais perto de seu peito, nossa filha relaxando com sua estrela do mar. Com a mão livre, ele bagunça meu cabelo e empurra minha bochecha. Meu rosto se ilumina dez vezes, e eu aperto seu pulso antes que ele se afaste.

— Eu preciso praticar — digo, colocando o *máximo* de seriedade possível no rosto.

Ele me deixa ficar com a mão dele. — Para quê?

Eu abaixo minha voz. — *Beijar.*

As sobrancelhas dele se erguem para mim. — Alguém te disse que você beija muito mal, Calloway?

— Só sei que definitivamente não estou à altura do meu marido. Ele é *tão* bom com a língua. — A expressão sombria de Ryke nunca muda, e meu sorriso só cresce. — Eu posso te beijar para ver se você é tão bom quanto ele, mas eu preciso praticar primeiro.

— Pergunte ao seu marido se você precisa praticar, porra.

— Eu preciso praticar? — Pergunto a Ryke.

— *Não*.

Eu fico boquiaberta. — É mesmo? — Eu finjo ouvi-lo errado e começo a beijar a palma da sua mão.

Quando eu lambo sua pele, ele começa a rir e, em seguida, recupera sua mão, apenas para empurrar minha testa, mas então ele aperta meu ombro, para que eu não me distancie dele.

Eu rio ao ver sua risada, e então Sullivan, nossa bebê triste de dois anos, começa a rir de nós, compartilhando nossa alegria. Nariz sangrento e tudo mais.

Ryke e eu trocamos uma expressão idêntica que grita: *eu te amo pra caralho*.

Cinco horas inteiras passam.

Ryke não está mais sentado, sua perna começando a sentir cãibra de ficar em uma posição. Não estou sentada, muito inquieta. Estamos parados em pé na mesma área, ainda esperando um médico nos atender, e Sullivan está sentada nos ombros do pai, com as mãos na cabeça dele.

Nós distraímos Sulli de seu sangramento nasal constante entrevistando a “sereia no fundo do mar” para a Hora da Concha TV, um jogo que inventei do nada alguns meses atrás. Isso ajudou Sulli a ficar confortável com a simples visão de cinegrafistas, especialmente a equipe do *Nós Somos Calloway*. Ela acha que eles trabalham para a Hora da Concha.

E até muito, *muito* recentemente, ela tem ficado principalmente escondida dos paparazzi. Me lembro de tudo o que Frederick me disse hoje. *As fotos da Sulli não são um prelúdio para um futuro horrível*.

Ela ficará bem.

Eu pergunto para Sulli: — O que você mais gosta de fazer? — Eu precisava de algo para fazer com as mãos, então, atualmente, estou criando uma árvore complexa com papel de um scrapbook verde. Eu sempre levo papel para minhas sessões de terapia, então por sorte tinha alguns comigo.

— Acuu... — Ela respira algumas vezes enquanto descobre a palavra certa. — Acuu… água!

— Água — digo com surpresa. — Você gosta de nadar?

Ela assente vigorosamente, puxando os cabelos grossos do pai.

Ryke me observa acima de tudo, com as mãos nos tornozelos da nossa filha. Balanço para frente e para trás enquanto ele está imóvel como uma montanha. Ele pede a ela: — Cante uma música para nós, Sul?

— Hubba bubba buuuu... — ela canta tão horrivelmente, mas de alguma forma é muito fofo. — Duuuudi duuuu... estrela do mar e euuuuu...

Meu sorriso desaparece quando noto Ryke olhando ameaçadoramente para alguém à direita. Eu sigo o seu olhar. Entre uma senhora idosa em uma cadeira de rodas e um adolescente inclinado para frente por causa da dor, está sentado um homem

rechonchudo familiar de jeans e camiseta simples. Ele levanta o celular para nós, gravando. A seus pés está uma bolsa de câmera com provavelmente uma Canon dentro.

Paparazzi.

Não podemos realmente proteger Sulli no hospital. Eu sucumbi ao fato de que *haverá* fotografias de nossa filha no mundo. *Ela não está sozinha*. Moffy e Jane compartilham essas mesmas experiências com Sulli. Minha inquietação começa a diminuir, lembrando que ela terá outras pessoas em que poderá confiar.

Sulli se cala enquanto Ryke e eu reconhecemos a existência do cameraman e, antes que ela foque no nariz machucado, digo: — Continue cantando, bolinho de manteiga de amendoim.

Ela murmura as letras que cria na hora.

Eu me aproximo de Ryke, e sua mão desliza para a minha cintura. Eu sussurro: — Quando contei ao Connor o que aconteceu com Sulli, ele propôs algo no caminho para cá. Eu esqueci completamente, mas... acho que todos devemos considerar isso.

— Que porra ele propôs?

Dobro meu papel verde, parecendo mais com uma árvore. — Uma pediatra domiciliar.

Realização atinge seus olhos. Se tivéssemos um médico de confiança que fizesse atendimento doméstico, não precisaríamos esperar na sala de emergência por horas a fio. Não temeríamos que pessoas e paparazzi invadissem nossa privacidade.

Ryke assente. — É uma ideia boa pra caralho.

Eu sorrio. — Eu disse isso ao Connor, mas sem a parte do *caralho* e ele me disse, *eu sei. Eu só dou boas idéias. As ideias ruins vêm de todos vocês.*

Ryke revira os olhos. — Porra, típico Cobalt.

— Popô cocô — Sulli canta de cima. — Porra porrinha...

Eu não consigo me segurar e dou risada, e Ryke suspira como se ele estivesse realmente *tentando* se controlar e não falar palavrão, mas é uma tarefa impossível. Na verdade, eu amo que essa foi a primeira palavra dela - porque ela faz parte de Ryke. Quando ele me disse que eu perdi o marco da primeira palavra, não fiquei chateada. Fiquei feliz em saber que ela começou a falar e, ei, pude ouvir sua *segunda* palavra.

Coconut.

Ryke de repente tira Sulli de seus ombros e mima joga-la no ar. Normalmente, ele realmente faria isso, mas ela ainda tem aquela miçanga no nariz.

Sullivan estica os braços e as pernas para levantar voo.

— Meadows! — Uma enfermeira chama.

— Sou eu! — Sulli grita.

Eu ofego. — Não me diga.

Ryke a coloca protetoramente contra o lado dele, e ele penteia os cabelos desgrenhados dos olhos dela. Sulli tenta esfregar o nariz dela no meu, esquecendo que o dela dói. Eu beijo sua bochecha macia e depois pego todas as nossas coisas: mochila, capacete e algumas garrafas de água. Três minutos depois, somos levados a um quarto de hospital e agora esperamos o médico.

Ryke coloca Sulli no papel amassado, e ela estica os braços para um de nós, com medo desse novo quarto. Eu sento ao lado dela, e ela rasteja no meu colo. Eu a abraço contra meu peito, e Ryke fica rigidamente perto de nós.

Sulli brinca com a árvore que criei e boceja no meu braço. — Que horas são? — Eu pergunto a Ryke.

— Quase oito horas da noite. — Ele me estuda, preocupação franzindo suas sobrancelhas.

— Então, depois daqui, Poppy disse que poderia me levar de volta para Nova York.

Ele balança a cabeça uma vez como se dissesse *eu não estou entendendo, porra.*

— Eu preciso pegar minha moto — explico. — Eu não posso simplesmente deixá-la em uma garagem durante a noite. — É *caro*, e Ryke sabe disso já que ele a comprou.

— Foda-se isso. Você não dorme há *quarenta horas*, Dais. Você deveria estar capotada já... — Sua voz diminui quando Sullivan olha para ele.

Eu não o corrijo sobre as quarenta horas. Poderia ser dez horas a menos do que isso, e ele ainda repetiria a declaração. Ryke queria que eu fosse para casa e tirasse uma soneca, mas eu queria estar aqui quando Sulli passasse com o médico. Ela também perdeu um dos cochilos, então vai dormir logo logo.

— Deixa eu pegar a porra da sua moto.

Cubro os ouvidos da Sulli para essa próxima parte. — Eu sei que você quer que eu durma, mas eu estou... — Meus olhos cansados se enchem de lágrimas. *Estou com medo*.

— Dais... — Ryke coloca a mão na minha bochecha, aquela com a longa e velha cicatriz.

— E se eu sonambular e você não estiver lá? — A privação do sono causou sonambulismo para mim no passado, e quanto mais horas eu ficar acordada, mais provável que um sintoma estranho apareça em seguida. Prefiro ir dormir com Ryke ao meu lado, caso algo aconteça.

A mão grande de Ryke encobre meu rosto, aquecendo minha pele. — Então eu vou aonde você for.

Uma lágrima exausta escorre pela minha bochecha e pela sua mão. Eu tenho bloqueado a maioria com energia falsa, me segurando na adrenalina persistente.

— Price — Ryke me diz de repente. — Ele tem uma carta de moto. Ele já dirigiu *sua* fodida moto antes. Ele a pegará na garagem. — Meu guarda-costas, aquele que meu pai contratou. Essa não é a primeira vez que sou grata por ele.

O médico bate levemente na porta e depois entra. — Essa pequena tem algo no nariz? — Ele diz gentilmente.

Sullivan assente. — Uma fodida miçanga.

Eu rio e Ryke está quase sorrindo. O médico parece mais divertido do que horrorizado. Ele estende a mão para nós. — Eu sou o Dr. Clarke.

Nós apertamos sua mão, e ele explica o procedimento: *olhar dentro do nariz dela, veja o que está lá, tente usar um sugador para aspirar. Se isso não funcionar, sedação e uma pinça para arrancá-lo.*

Ryke fica ainda mais rígido com a palavra *sedação.* — Isso é necessário?

— Sim, mas não deve chegar a isso. — Enquanto o Dr. Clarke diz a Sulli sobre o procedimento, ele usa uma voz suave e a deixa ficar no meu colo. Ele remove o tecido ensanguentado e olha no nariz dela com um instrumento médico.

Eu digo a ela o quão incrível ela é, e nem dez minutos depois, o Dr. Clarke aspira a miçanga com um sugador de borracha. Sulli está

chorando de novo.

— Está fora! Tã-rã! — Eu digo a Sulli com alegria. — Acabou.

Ela esfrega os olhos, incerta.

— Querida. — Ryke acena um pirulito de limão para a nossa filha, e seus olhos verdes se arregalam. Ela agarra o pirulito e murmura um *obrigada, papai*.

— O que é isso? — Dr. Clarke examina os dedos manchados de amarelo da Sulli. Eu perguntei a mesma coisa para Ryke, mas ele não me contou. Quando perguntei a Sulli, ela disse: — É um segredo!

Eu acho que é marcador.

Dr. Clarke pensa o mesmo. — Marcador?

Ryke assente uma vez e deixa por isso mesmo.

Ao sair, Ryke leva Sulli no colo, e eu sofro um ataque de bocejos. Todo o caminho até o carro dele. Quando terminamos de afivelar Sulli em seu assento de carro, e eu me acomodei no banco do passageiro, fechando a porta do Land Cruiser, estou no meu milionésimo bocejo.

Ryke liga o carro, sua preocupação sombria me cobrindo, até enquanto ele dirige para a estrada.

— Eu tenho essa teoria — bocejo novamente — que bocejar é, na verdade, a maneira do seu corpo exercitar sua mandíbula. Está basicamente gritando, *hora do exercício*... — Eu bocejo. — *...Daisy.* — Minha mandíbula dói.

Ryke está quieto, e olho por cima do ombro, Sulli totalmente apagada, babando na cadeira do carro.

Eu bocejo. *Paaare de bocejar*. Eu esfrego minha mandíbula dolorida. — Talvez meu corpo esteja me preparando para um boquete.

Ele estreita os olhos. — Isso não é engraçado, porra.

— É porque eu não faria um em você agora. — Levanto meus pés para o assento de couro, e ele relaxa com minhas palavras, sabendo que não vou tentar convencê-lo apenas para encher seu saco. Por um lado, eu nunca fui capaz de colocar todo o comprimento do Ryke na minha boca. Ele é muito grande. Por outro lado, nunca gostei de fazer boquete, e Ryke é anti-qualquer-coisa-que-Daisy-Meadows-odeia.

Ryke olha entre a estrada e eu. — Incline-se para trás e durma, porra. Você não precisa ficar acordada agora.

— Prefiro esperar até chegarmos em casa. — Meus pés caem no chão.

Seus olhos duros ficam colados na rua, ele estica a mão para uma das minhas pernas, a colocando sobre seu colo. Eu me viro, minhas costas contra a porta, e estico a outra através do Ryke.

Não é uma sugestão. Pode parecer um flerte, meu pé pode roçar sua virilha, mas a nova posição me permite mais espaço e maior extensão do meu corpo no carro. Eu gosto disso. Ele sabe que eu gosto disso.

Eu lutei contra o sono e o sono lutou comigo tantas vezes que fico facilmente acordada durante a viagem de carro. Depois de estacionar, Ryke solta Sulli e carrega nossa filha adormecida em seus braços. Meu coração tem uma batida extra ao assisti-los juntos, e eu destranco a porta da frente, acendendo as luzes da nossa casa.

Coconut nos cumprimenta na porta, abanando o rabo animadamente. Ela primeiro olha para Sulli, como se estivesse garantindo que ela está bem. Eu sussurro que ela está, e Coconut cutuca minha bochecha com o nariz.

— Eu também senti sua falta, Coconut. — Eu coço seu pescoço e a beijo. Então dou um tapinha na barriga dela e corro com ela em direção à porta dos fundos. Eu a deixo sair para fazer xixi, as escadas rangendo quando Ryke leva Sulli para a cama. E então eu vejo uma coisa.

Na cozinha, perto de onde estou. Deixo a porta dos fundos aberta, flutuando em direção ao balcão ao lado do forno. *Ryke*. Eu instantaneamente começo a chorar, meus dedos nos meus lábios.

Ele fez um bolo de chocolate. A cobertura *amarela*diz: *nós amamos você pra caralho.*

Me lembro do que Frederick disse sobre as pessoas terem *compaixão* por outras pessoas. Ryke sabia que eu estava chateada, e ele pretendia me confortar. Imagino Sulli no balcão, ajudando com glacê amarelo, manchando seus dedos. Aposto que ela encontrou o chaveiro de miçangas em uma tigela na cozinha - onde guardamos bugigangas e outras porcarias.

Atordoada, eu limpo minhas bochechas molhadas. Coconut volta para dentro, e eu fecho a porta, coloco uma fatia de bolo em uma tigela e subo as escadas. Minha husky branca segue nos meus calcanhares. Dou uma olhada na Sulli, dormindo profundamente (sem Ryke), e entro no meu quarto.

Ryke coloca cobertores tricotados em uma rede, amarrada em nossa ampla janela. A armação da nossa cama é rústica é feita de toras de madeira, casca e tudo mais, mas quando tenho problemas para dormir, o que é raro hoje em dia, geralmente migro para a rede.

A luz da lua ilumina o canto, quase como se pudesse existir lá fora, sob as estrelas. Eu me aproximo mais, comendo bolo. Coconut pula no colchão, deitando nos pés da cama, patas sob o queixo. Ela está alerta e vigilante.

Eu sei o que quero dizer a Ryke, mas não posso quebrar o doce silêncio. A serenidade que ele criou hoje à noite me aquece como um sol que varre a doca de um lago. Eu me aproximo do meu marido, minhas mãos ocupadas por uma colher e uma tigela. *Bolo vem em primeiro lugar.*

Ele me observa comer uma colher *gigante* e um sorriso espreita em seus lábios. Seus dedos descem para o meu short. Ele desabotoa e abre o zíper. Eu piso para fora deles. Observando ele. *Adoro observar Ryke Meadows.* Suas mãos desaparecem sob a minha camiseta.

Ele abre meu sutiã. É uma habilidade enferrujada, já que eu não os uso frequentemente, mas ele consegue. Eu passo a tigela para ele, precisando puxar minha camiseta e meu sutiã pelos meus braços. Agora, de calcinha de algodão, ele me devolve minha tigela, desabotoa o jeans e tira a camiseta.

Em segundos, ele fica de cueca boxer verde escura.

Ryke Meadows tem trinta anos.

Eu tenho vinte e três e admiro seu comportamento rabugento, sua personalidade carinhosa e sua compaixão antes de admirar seus músculos e corpo de alpinista supremamente definido.

Meu lobo

Subo na rede, me espreguiçando, e ele sobe ao meu lado. Passo o braço e a perna pelo peito dele, pressionando contra ele, os cobertores me envolvendo. Eu descanso minha cabeça em seu

ombro, capaz de terminar meu bolo em mais algumas mordidas. Eu ofereço apenas uma colher para Ryke, já que ele não é louco por alimentos super doces, mas ele come praticamente qualquer coisa.

A rede traz segurança, mas não mais do que meu marido. Aninhados, protegidos. Tigela deixada de lado, ele puxa os cobertores para os meus ombros. A exaustão tenta fechar minhas pálpebras.

Eu olho para ele.

Ele olha para mim.

E eu sussurro: — Eu também te amo pra caralho.

Seu coração bate contra o meu coração. Ele me beija com aquela língua *hábil* e, lentamente, com segurança, começo a adormecer com amor ao meu redor.

[18]

Março 2020

Escritórios da Hale Co.

Filadélfia

ROSE COBALT

Gostaria de voltar para quando eu tinha dez anos de idade, e havia esse vizinho repugnante que nos acompanhava em todas as viagens em família. Nós ficamos sob os cuidados de nossas babás uma semana na Inglaterra, enquanto nossos pais lidavam com os negócios e minha mãe passava férias com as amigas.

Teve uma tempestade durante todos os sete dias. Ficamos dentro de casa e brincamos de esconde-esconde na velha mansão. O garoto vizinho se aproximou da minha irmã mais próxima. O riso dele se tornou dela. O sorriso dela se tornou dele.

Eu queria preservar nossa irmandade, mas ele se firmou em nossas vidas. Ele nunca poderia ser uma irmã Calloway.

Ele era apenas o vizinho repugnante. Ele iria embora em um ano ou dois anos ou três.

Ele não podia ver?

Eu tinha mais animosidade em relação a ele do que imaginava. Eu até tentei esquecer o dia em que me escondi dentro de um guarda-roupa entre casacos mofados e velhos xales. Eu esperei calmamente que outra pessoa fosse encontrada. Não demorou muito para eu ouvir passos lentos.

Então a porta do guarda-roupa rangeu e se abriu. Eu apertei minhas pernas no meu peito, mas o buscador empurrou as roupas para o lado.

O vizinho me encontrou.

Eu olhei diretamente para Loren Hale.

E esperei que ele reivindicasse a vitória e risse da minha perda. Quando nossos olhos se encontraram, quando ele viu meu ódio, ele sentiu remorso como se entendesse o quanto minhas irmãs

significavam para mim e quanto ele estaria tirando. Lily se tornaria sua melhor amiga sobre mim. Em tempo.

O olhar dele caiu.

Ele fechou a porta do guarda-roupa e me deixou ficar escondida. Ele continuou procurando.

Gostaria de voltar para quando eu tinha dez anos de idade e dizer a mim mesma que aquele vizinho repugnante sempre faria parte de nossas vidas.

Loren Hale sempre seria um de nós.

Talvez não uma irmã Calloway, mas a coisa mais próxima de uma.

— Sentem-se, Sr. Hale, Sra. Cobalt.

— Não — dizemos em uníssono a um dos catorze membros da diretoria da Hale Co. Loren e eu estamos lado a lado na cabeceira da mesa de conferência, com um megafone vermelho na mão dele. Nós praticamos como essa reunião desnecessária acontecerá, e nenhum de nós arquivará nossas armaduras e armas de batalha para essa luta.

Significa muito para mim, e eu aprendi nos últimos três anos que isso significa igualmente para Loren.

Loren encara os quatorze acionistas. — Eu nunca administraria a diretoria. Não faz parte da descrição do meu trabalho, entendo isso, mas você não pode administrar a *administração.*

Claro que entendo com o que estamos lidando aqui. Não preciso ser a CEO da Hale Co. para entender a hierarquia corporativa. O CEO supervisiona a administração: o Diretor de Marketing, Diretor de Operações, Diretor Financeiro, Diretor de Comunicações, etc.

O conselho de diretores é uma entidade totalmente separada, cheia de acionistas que *deveriam* ser a favor dos melhores interesses da empresa, e não os deles. Vendo como Jonathan Hale abriu a porta e convidou esses acionistas *podres*, a Hale Co. precisa de uma limpeza, mas você não pode simplesmente demitir um diretor.

Você tem que aturar eles.

Loren tem feito o melhor que pode, e eu consigo ver em seus olhos cor de âmbar irritados que ele está prestes a fazer ainda melhor.

Daniel Perth se levanta do outro lado da mesa, abrindo pasta após pasta, como evidência de nossa modernização de três anos dessa empresa.

Tenho orgulho de *todas* as pastas.

Depois que ele abre mais, a pilha imponente escondendo o homem ao seu lado, Daniel diz: — *Essas* são todas as mulheres que você contratou para essa empresa.

Eu sorrio triunfante.

Loren diz: — Sou o CEO e isso faz parte da administração. Eu tenho autoridade para contratar e demitir *qualquer* maldita pessoa que eu quiser.

Os diretores deixam escapar ruídos descontentes. As quatro mulheres que fazem parte do conselho permanecem caladas.

Eu digo: — Qual é o problema? Todas elas eram qualificadas...

— Caitlin Brown — Daniel me interrompe, sacudindo uma pasta como se fosse sua única evidência. — Ela *não* tem experiência para trabalhar na divisão de marketing, mas Theo Balentine contratou ela e mais sete.

Loren promoveu Theo para diretor de marketing no ano passado. Ele foi do assistente do Mark para roubar o emprego do Mark e concordou em nos ajudar em nossa missão.

— Todd Wentworth — eu refuto. — Ele *não* tem experiência para uma posição básica em vendas, e ainda *assim* foi contratado há cinco anos atrás. — Listo mais dez nomes até os homens ao redor da mesa ficarem vermelhos em agitação. — A Hale Co. tem contratado homens brancos com base no potencial, não na experiência, e assim que Loren começa a diversificar essa empresa com mais mulheres e mulheres de cor, você começa a fazer birra.

Alguém da diretoria - eu deveria saber o nome dele, mas minha raiva fez um buraco na minha memória - se intromete com: — Estamos tentando impedir que a empresa se transforme em uma irmandade.

Vejo vermelho, rangendo os dentes com os olhos arregalados e *hostis*. Eu viro meu rosto para longe do conselho e rosno para Loren: — Eu vou espancá-lo lentamente e incendiar o cabelo horrível dele. — *Violência não é a resposta, Rose*. Minhas hipérboles ainda me fazem me sentir melhor. Sei que não posso dar

a esses homens uma razão para generalizar as mulheres como *imprevisíveis e indisciplinadas* e o que mais eles quiserem associar a mim, para depois associar a elas.

Loren não tem tempo para responder à minha fúria.

Daniel Perth acrescenta: — Estamos tentando direcioná-lo para um caminho mais lucrativo. Não gostamos de grandes riscos.

Loren liga o megafone e o usa com sabedoria. — Mentira. — Sua voz alta ecoa pela sala de conferências. — Vocês podem me ouvir agora?

Eu levanto meu queixo enquanto o olhar mortal dele abate a intolerância do conselho.

— Me deixe explicar então. — Daniel ainda está na ofensiva, mas nós também. — Você usou o dinheiro da empresa para adicionar uma *creche* para os filhos de... *vinte* funcionárias. Sem mencionar que você contratou dezenas de mulheres que podem precisar de licença maternidade.

Com isso, *toda* a diretoria, incluindo as quatro mulheres, olham diretamente para minha barriga, incrivelmente visível no meu vestido preto de gola alta.

A data do parto é no próximo mês.

— Se eles fossem homens, precisariam de licença paternidade — eu refuto.

Daniel balança a cabeça. — Não por tanto tempo.

Isso não pode ser sobre dinheiro. Por que eu sei disso? Antes de Loren Hale se tornar CEO, as mulheres recebiam um salário *significativamente* menor do que os homens que estavam nas mesmas posições. Teoricamente, eles teriam contratado *mais* mulheres no passado para manter os custos baixos.

Mas eles não fizeram isso.

Loren diz fora do megafone: — Todo mundo que contratamos são motivados e impelidos a fazerem um ótimo trabalho, independentemente de sexo ou raça...

— Não é hora de mudar...

— Me interrompa novamente, Millard, e teremos um problema maior do que essa maldita reunião — diz Loren com a *máxima* confiança. Ele pode se defender na frente desses homens.

Conversei com Connor sobre essa reunião por telefone, cerca de uma hora antes de começar. Eu estava no banheiro e ele me disse: — Acredito que Lo pode fazer ainda mais do que todos pensamos.

O Loren Hale de hoje tem uma diferença gritante do Loren Hale de anos atrás. É sua autoconfiança que aniquilará o desprezo deles. Não consigo conter meu sorriso.

Eu sussurro para Loren: — Mate-os.

Loren fala em seu megafone. — Mais alguém? — Todo mundo fica quieto por um segundo, e então ele se vira para mim. — Rose?

Minha vez.

Dou um passo para frente e tiro meu cabelo do ombro. — O trabalho da empresa é chegar ao mercado. Nosso mercado é principalmente feminino. Mais *mulheres* compram os produtos para bebês da Hale Co. do que homens. Eu estava cansada de ver homens sendo contratados como estagiários e levei esse fato ao CEO três anos atrás. Ele garantiu que, dentro de dez anos, essa empresa parecerá menos um internato para meninos da WASP e mais o mundo que serve. Se vocês estão irritados com isso, então... — penso no que Connor diria. — ...então talvez vocês devam *refletir* sobre suas próprias escolhas e tentem entender essa.

Isso foi bastante calmo para mim.

Solto um suspiro, sabendo que não acabou aqui.

Tenho privilégios suficientes para entrar em contato com os níveis executivos das empresas, independentemente do meu conhecimento e aptidão. Posso usar meu poder na Hale Co. para alterar a demografia de seus funcionários, mas não posso usá-lo para fechar a lacuna de desigualdade em outros empregos ao redor do mundo. Não *dessa* maneira.

É um começo em algum lugar.

Todos os dias, percebo como tenho sorte. Ser capaz de trabalhar em casa e dividir o tempo com um marido que pode fazer o mesmo. Eu queria contratar mulheres que não tiveram os mesmos luxos que eu. Que precisavam dos benefícios da creche para trabalhar em uma empresa de bilhões de dólares. Elas não deveriam perder essas oportunidades por esse motivo.

Daniel senta em sua cadeira de couro e junta as mãos. Ele tem quarenta e poucos anos, nariz aquilino e olhos que dizem não-

estou-para-brincadeira, como a maioria do conselho. Ouvi Lily chamar os cabelos castanhos dele de "macios", o que para mim significa apenas que ele penteia seus cachos naturais.

— Eu sempre fui franco com você — Daniel diz a Loren. — Não convocamos essa reunião para brincadeiras.

— E você acha que eu sim? — Loren diz com tanto desdém. Um calafrio percorre meu pescoço. — Você quer acabar com as besteiras, Daniel, aqui está a maldita verdade. Você acha que eu não contratei *os melhores* para o trabalho, mas eu contratei. Sim, você tem o direito de questionar a administração. Mas você não tem o direito de me dizer quem contratar. Então, realmente, até eu ter deixado você ter essa reunião foi *gentil* da minha parte.

Mate-os.

Lo coloca o megafone em cima da mesa. — Sou o CEO da Hale Co. e não estou pedindo para você começar a me tratar como um. Estou *mandando*. Houve uma falta de comunicação entre o conselho e a administração desde que cheguei aqui. Seria melhor para a empresa que todos os diretores me instaurassem como presidente do conselho.

Meu queixo quase cai no chão.

Loren Hale acabou de se rebelar.

Os quatorze acionistas parecem pegos de surpresa enquanto murmuram entre si. Então Lo leva um momento para sussurrar para mim: — O que, rainha Rose? Você não achou que eu tinha coragem?

Eu estreito meus olhos para ele. *Por que você não me contou?* Porém não tenho tempo para perguntar, porque os acionistas se acalmam.

Para quem possui alguma dúvida, Lo acrescenta: — O presidente do conselho deveria ser o rosto da empresa. Eu já sou o rosto da Hale Co., então, independentemente das diferenças que tivemos, vocês sabem que isso faz mais sentido. Terei mais facilidade em trabalhar com vocês. Vocês terão mais facilidade em trabalhar comigo.

— Vamos votar — diz Daniel, aqui e agora.

Tudo acontece tão rápido que meu pescoço endurece e os olhos continuam crescendo. Estou com medo de que eles rejeitem Loren.

Se ele também está com medo, não sei dizer.

— Todos a favor de nomear Loren Hale como presidente do conselho, em vez de Earl Pennington, levantem a mão. — Earl é um cavalheiro mais velho que aparentemente está lá desde que Jonathan fundou a empresa. Ele levanta os óculos e é o primeiro a levantar a mão.

Todos os treze seguem o exemplo.

Quase tudo fica nebuloso até Loren e eu sairmos da sala de reuniões juntos. Antes de parabenizá-lo, digo com frieza: — Por que você não me contou? — Paramos na porta do escritório dele. Estou prestes a acrescentar um *somos um time, Loren*, mas o sentimento permanece abaixo do jeito que ele me encara e do jeito que eu o encaro.

— Porque, Rose — diz ele — eu queria ver o seu rosto quando todos levantassem as mãos. — Ele não estava com medo então. Ele acreditou em si mesmo o tempo todo.

— E como estava meu rosto? — Eu estreito os olhos enquanto tento me lembrar das minhas feições.

— Chorosa. — Ele finge confusão. — Eu não sabia que dragões podiam chorar.

Eu bufo. — Eu não *chorei*. — Passo os dedos debaixo dos meus olhos, só para ver se há lágrimas remanescentes... meus cílios estão molhados.

Loren toca seu peito. — Eu choraria por mim também. — Ele dá um meio sorriso seco. — É algo que você tem em comum com sua irmã.

— Eu *revogo* os parabéns.

— Que parabéns? — Ele solta uma risada curta, e eu percebo que nunca o parabenizei em voz alta. — Cristo, Rose, você tem que parar com o sangue de demônio. Beber essa merda deixa você estranha.

É tão fácil odiar Loren Hale.

E pode ser igualmente fácil amá-lo.

Dessa vez, ele dá um sorriso verdadeiro, nada pela metade ou cheio de desprezo.

Loren pode não ter sido uma irmã Calloway, mas ele tem sido mais um irmão para mim do que qualquer outro homem na minha

vida.

[19]

Abril 2020

Propriedade Cobalt

Filadélfia

CONNOR COBALT

— Você realmente quer brincar com o destino assim, Rose?

Minha esposa está sentada do outro lado da nossa comprida mesa de jantar de mogno, com um caderno em espiral nas mãos. Em uma rara terça-feira, nós dois estamos em casa juntos ao meio-dia. Rose não queria que sua bolsa estourasse no prédio da Hale Co., onde as pessoas podem falar com jornalistas, e ela está muito perto da data do parto para correr o risco.

— Nós já brincamos com o destino todos os dias. Qual é o problema de mais uma vez?

— Acredito que o destino goste mais da mamãe.

Eu claramente não falei isso.

A voz sonhadora e segura vem da nossa filha de quatro anos, sentada em uma cadeirinha perto do meio da mesa. Rose ajudou Jane a se vestir essa manhã um tutu verde pastel e uma camisa com estampa de zebra. Nossa filha até escolheu sua tiara de orelha de gato favorita, uma coberta com glitter dourado.

Lembro de quando ela nem conseguia falar, e agora estamos aqui.

— O destino tem bom gosto então — digo a Jane — mas o destino teria um gosto melhor se gostasse mais de *você.*

Jane dá um sorriso grande e olha para o outro lado da mesa. — Eu quero que o destino ame Charlie e Beckett também. — Seus irmãos de dois anos estão em suas próprias cadeirinhas, comendo macarrão com queijo com suas colheres. Beckett tira as ervilhas. — E Eliot — Jane observa como se nunca esquecesse seu outro irmão.

Eu seguro o bebê de onze meses em meus braços. Eliot cochila no meu ombro, vestindo um macacão azul com uma pequena coroa

costurada na frente. Presente da Daisy.

— Está decidido — decreta Rose — o destino ama a todos nós. Com isso, devemos começar a cerimônia.

Eu adoro a formalidade dela. Meus lábios começam a subir quando Rose se levanta da cadeira.

— Jane, quando estiver pronta, basta pousar a colher e começaremos.

Jane pega um macarrão. — Antes de começarmos, eu... eu acho que deveríamos contar para Charlie e Beckett... — O macarrão cai no seu colo. — Oopa minhoquinha, vem aqui. — Ela pega o macarrão do seu tutu e Rose tem dificuldades para não sorrir.

Ela ama completamente e perdidamente nossa filha.

Meu sorriso se estende. Eu as amo completamente e perdidamente.

Rose me pega olhando, e eu não finjo que não estava. Enquanto seus olhos se estreitam, ouço sua voz gelada. *Richard*.

Eu respondo através do meu olhar, *Rose*.

— Sadie! — Jane chama em alegria. Ela quase escorrega para fora do assento para perseguir a gata laranja malhada que anda com o nariz empinado debaixo da mesa.

— Não, Jane — digo antes que Rose possa. — Espere Sadie vir até você, querida.

Jane assente, se lembrando, e ela fica parada em sua cadeirinha, mas seus olhos se arregalam e disparam para todos os lugares que a gata vai.

Sadie se esfrega nos meus tornozelos, ronronando baixinho. Nós a trouxemos para casa há mais de um ano, e ela tem estado principalmente contente. Ela tem dias temperamentais, mas não posso culpá-la por eles. Afasto minha cadeira para que eu possa me inclinar e coçar atrás das orelhas dela.

— O que você estava dizendo sobre Charlie e Beckett? — Rose pergunta a Jane.

— Ah, bem... — Jane tenta desviar o olhar de Sadie debaixo da mesa. — A Cerimônia do Nome é tudo sobre nomes e... e eu... eu acho que Charlie e Beckett deveriam saber os deles.

Ela quer dizer o significado por trás de seus nomes. Jane gosta de ouvir sobre seu homônimo, e muitas vezes pergunta sobre o de

Charlie e Beckett, então não é surpresa que ela queira compartilhar essas informações com eles.

Rose levanta a taça de vinho, cheia de água com gás, e ela bate a faca do lado.

Beckett ri: — Mamãe! — E ele chuta as pernas em alegria.

Rose acena para ele em reconhecimento e depois proclama para a mesa: — Jane Eleanor está pedindo um preâmbulo para a cerimônia de hoje. Somos todos a favor?

— Eu sou — anuncio.

Rose coloca as mãos nos quadris, me encarando. — Você só quer adiar o destino — ela conclui.

— Se eu realmente quisesse adiar a Cerimônia do Nome, encontraria outra maneira além de adicionar um preâmbulo que continue o tópico dos *nomes*. — Eu me concentrei na minha esposa, o mundo encolhendo apenas para nós em um momento rápido e repentino.

Rose estremece. — Vejo que você tem um tique nos olhos, Richard.

— Você esqueceu o que é uma *piscadela*, querida? — Eu pisquei para ela, só para ver seus olhos ardendo, mesmo que por um breve e tórrido segundo.

— Não esqueço de nada. Você é péssimo em piscar.

— Impossível. — Eu sorrio, especialmente quando o olhar dela desliza para os meus lábios como se ela quisesse simultaneamente me matar e me beijar. — Eu sou habilidoso em tudo. É mais provável que você não saiba a diferença entre uma piscada boa e ruim. Não leve a mal. Você não pode vencer em tudo. Não quando eu posso.

Rose engasga com o meu narcisismo. — Sugiro um *novo* preâmbulo. Silenciamos todos aqueles chamados Richard Connor Cobalt.

— Não, mamãe. — Jane balança a cabeça vigorosamente. — Liberdade de expressão.

Rose parece muito orgulhosa de Jane para ficar chateada por perder a batalha.

Jane lambe o molho do macarrão com queijo do polegar. — O que é um preâmbulo?

Rose responde enquanto caminha até o armário da sala de jantar. — É uma introdução.

— Como uma declaração de abertura de um estatuto — acrescento.

Jane repete baixinho todas as nossas palavras como se estivesse processando cada uma. Rose pega um guardanapo de pano e fecha as portas com força. Eu a estudo por um momento, enquanto ela fica parada com as mãos na gaveta. Então Eliot se estica contra o meu peito. Eu acaricio meu polegar em círculos nas costas dele, e ele volta a dormir.

— Rose? — Eu chamo, minha voz calma. Não quero assustar ou deixar Jane animada sobre a possibilidade de Rose entrar em trabalho de parto.

Rose puxa o cabelo para um rabo de cavalo e depois volta para a mesa, os olhos em chamas. — Estou bem.

Eu não acredito nela completamente.

Seu nariz se abre como se ela estivesse restringindo a dor. Com um colarinho apertado, ela desliza o guardanapo de pano para Jane. — Isso é para você, minha pequena gremlin.

Jane assente com um *merci*, e eu ajusto Eliot do meu lado, prestes a perguntar a Rose o que há de errado. Ela deve sentir isso porque balança a cabeça para mim. Então ela pega o celular da mesa de jantar.

Em segundos, o meu vibra.

Não é uma contração. – Rose

Depois outra mensagem.

Guarde sua preocupação, Richard. Temos uma cerimônia pela frente. – Rose

Com a mão livre, respondo: *a cerimônia pode esperar se você estiver com dor.* Eu a vejo encarar minha mensagem e digitar febrilmente. Antecipo sua mensagem mais do que anteciparia qualquer outra.

— Então vamos começar — declara Rose no momento em que baixa o telefone.

Leia meus lábios. – Rose

Meus olhos se erguem.

E ela diz sem emitir som *paciência, Richard*.

Paciência? Eu quase dou risada da idéia de Rose *me* dizendo para ser paciente. Eu a lembraria que ela é a impaciente entre nós, mas ela bate na taça novamente.

— Jane, você gostaria de contar ao Beckett de onde o nome dele veio?

Jane assente com entusiasmo e senta-se mais reta. — Beckett Joyce Cobalt — ela recita teatralmente. — Você foi nomeado em homenagem a Samuel Beckett, um drama... um drama-alguma-coisa.

— Dramaturgo — Rose diz.

— Um dramatudo — Jane assente.

Beckett está mais concentrado em não comer suas ervilhas, mas Charlie está ouvindo Jane com uma expressão que Lily recentemente chamou de o olhar “quem peidou”.

— E esse dramatudo é famoso por alguma coisa chamada *Esperando* Gouda.

Coloco meus dedos na boca, meu sorriso ofuscante.

Rose pressiona os lábios para não rir. Ela desliza na cadeira e nós dois silenciosamente empurramos a responsabilidade de corrigi-la um para o outro até que eu sou o primeiro a ceder.

— Godot — eu corrijo, engolindo meu humor. — Gouda é um queijo.

Rose bufa em seu próprio guardanapo de pano.

— Algo divertido, querida? — Eu provoco.

Rose respira fundo, se recompõe, em seguida solta seu rabo de cavalo - apenas para jogar o cabelo por cima do ombro, como se dissesse *vai se foder, Richard.*

Eu quase endureço.

— Continue, Jane — diz Rose — você está fazendo um ótimo trabalho.

— Beckett — Jane anuncia orgulhosamente — seu nome do meio é de um escritor chamado James Joyce.

Eu sempre escolho os nomes do meio deles. Rose escolhe o primeiro. A maioria das divergências entre nós é resolvida com uma aposta ou um jogo. Com uma vitória ou uma derrota. Esse, nós simplesmente sabíamos. Eu valorizo nomes do meio. Eu vou pelo meu. Rose valoriza os primeiros nomes. Ela vai pelo dela.

— E Charlie. — Jane tenta ficar em pé no seu assento.

— Jane — tanto Rose quanto eu dizemos com firmeza por sua segurança, e seu traseiro bate no assento.

— Charlie — Jane começa novamente como se nada tivesse acontecido. — Mamãe estava antepaçando... — ela quer dizer *antecipando*. Eu a corrigiria, mas ela fala muito rapidamente — ...uma garota. Você deveria ser *Charlotte* em homenagem a Charlotte Brontë.

Rose decidiu alterar o nome para *Charlie* quando viu que eles eram gêmeos.

Jane tropeça em suas palavras enquanto tenta se lembrar do raciocínio por trás do nome do meio de Charlie. Ela olha para mim, pedindo ajuda.

Eu me agarro a essa expressão com força. Minha mãe nunca quis que eu trocasse esse olhar com ela, nem quando eu era criança. *Se você é um garoto grande, vai descobrir isso sozinho.*

Eu descobri, é claro. Eu prosperava sem meus pais, mas essa expressão, essa troca com minha filha, tem uma quantidade enorme de valor para mim. Eu sou necessário na vida dos meus filhos. Não é uma fraqueza da parte deles.

Você pode me ajudar?

Sempre.

Eu sempre os ajudarei.

— Charlie Keating Cobalt — digo ao meu filho mais velho.

— Sou eu — Charlie diz em um tom muito mais claro do que a maioria das crianças de dois anos.

— E você sabe por que você foi nomeado Keating?

Ele balança a cabeça.

— Você recebeu o nome em homenagem ao poeta John Keats. — Já que Rose decidiu mudar Charlotte para Charlie, eu segui o exemplo e alterei Keats para Keating. Até hoje, lembro do *raro* sorriso que se espalhou pelo rosto dela quando o chamei de Charlie Keating.

Era como se ela tivesse dado um passo para o lado, e eu voluntariamente andei com ela.

— Isso. — Jane assente como se não tivesse esquecido. — E assim será. — Ela bate a colher no copo de plástico roxo, imitando a

mãe.

Rose se levanta. — E agora a Cerimônia do Nome começará. Jane Eleanor Cobalt, você aceita a honra de nomear seu irmão? — Não verificamos o sexo, mas Rose está certa de que estamos tendo outro garoto.

Sem qualquer indicação científica, não posso ter tanta certeza.

— Eu aceito. — Jane pega o caderno e quase derruba sua xícara.

Menino ou menina, eu tenho um nome do meio em mente, mas não vou dizer até Rose escolher o primeiro nome. Ela escreveu vinte nomes no caderno e Jane deve apontar para o seu favorito.

Por que isso é puro acaso? Jane não sabe ler.

E assim, Rose acredita que está deixando o "destino" guiá-la para o nome perfeito. Eu acredito que ela está deixando nossa filha decidir *aleatoriamente*.

Jane não gasta nem um segundo com o caderno antes de apontar para um nome. — Esse!

Rose dá um passo rápido para Jane, de olhos arregalados. — Tem certeza que não precisa de mais um minuto?

— Isso é o que acontece quando você deixa eventos importantes para o destino — digo à minha esposa.

Rose me lança um olhar mortal, mas sinto as palavras abaixo, *estamos deixando o maior evento de nossas vidas para o destino, Richard. Lembra?*

É claro que eu me lembro. Lembro todos os dias que esse bebê poderia ser o nosso último. Lembro todos os dias que adoraria um ou dois ou até mais três filhos. Lembro que fizemos um acordo para não termos mais depois que Jane tiver uma irmã, e não vou quebrar o que prometi.

Eu me lembro de tudo.

— Tenho certeza — Jane diz à mãe. — É esse daqui!

Rose espia por cima da cabeça de Jane, lendo o nome, e os cantos da boca dela se curvam para cima. — O nome dele é Tom.

Em homenagem a *As Aventuras de Tom Sawyer de Mark Twain*.

E eu digo: — Tom Carraway Cobalt.

Rose se esforça para conter um sorriso feliz. Nick Carraway é um personagem de *O Grande Gatsby* de F. Scott Fitzgerald.

— Você ama — eu digo o óbvio.

— É ok. — Ela coloca o cabelo por cima de um ombro, minimizando completamente o quanto ela ama o nome. Eu amo que elogios não vem com facilidade.

Estou prestes a responder, mas Rose e eu assistimos Jane deslizar para baixo da mesa. Me abaixo com Rose para ver para onde nossa filha está indo. Sadie está enrolada em uma bola, dormindo, e Jane acaricia seu pelo macio e sussurra: — Você é a gatinha mais bonita, Sadie. A mais bonita que eu já vi.

Sadie estica as patas e rola para deixar Jane acariciar sua barriga.

— Eu avisei — Rose diz para mim. Eu poderia comentar sobre a resposta dela digna de jardim de infância, mas deixo passar dessa vez.

— Eu nunca disse que ela não iria gostar da Jane.

— Você disse que Sadie não era capaz de amar mais ninguém além de você.

Eu realmente pensei que ela não era. — Animais de estimação mudam — eu percebo.

Assim como as pessoas.

* * *

20:08

Jane grita estridentemente no andar de cima. Eu já estou fora do sofá, apreensão correndo através de mim como gelo sendo quebrado. Eliot, que estava tentando andar pela primeira vez, tenta me seguir. Ele cai de bunda no chão e chora como se o mundo estivesse chegando a um fim repentino.

— Vai! — Rose grita para mim. Ela levanta o corpo do sofá o mais rápido que pode. — Eu vou te encontrar.

Deixo Eliot com Rose e rapidamente corro pelo arco e para o hall de entrada.

— PAPAI! MAMÃ! — Jane grita e grita.

— JANE! — Eu corro pela escada de mármore. Não posso tirar conclusões irracionais. Não posso prever o que há de errado antes de ver os fatos. Mesmo assim, meu sangue está gelado e minha respiração está presa na garganta.

— PAPAI! PAPAI!

— JANE! — Chego ao segundo andar em segundos, correndo pelo longo corredor. Seus gritos saem do quarto dela. Jane decorou a porta com papel de construção e glitter rosa para soletrar seu nome *Jane Eleanor* na frente.

Assim que eu deslizo para dentro do quarto escuro, iluminado apenas por um pequeno abajur, Jane - com o rosto manchado de lágrimas e triste - corre da sua cama de criança, passa por sua mesa de chá e depois se agarra à minha perna.

— Papai — ela soluça.

Coloco minha mão em sua cabeça, examinando seu corpo e seu quarto com pressa. — Você está machucada - o que aconteceu? — Eu me agacho para ficar a sua altura.

Ela passa os braços em volta dos meus ombros, chorando no meu peito. Seguro com carinho a parte de trás da cabeça dela. Em um suspiro, eu desejo confortar minha filha. No outro, continuo vigilante e alerta sobre as origens de seu medo.

Um pensamento ilógico surge na minha cabeça. *Paparazzis invadiram seu quarto*. Aconteceu com a Daisy, mas isso foi antes de nos mudarmos para um condomínio fechado. Isso foi antes de eu acabar com Scott Van Wright.

Nada disso pode acontecer com meus filhos. Não nessa casa.

Não comigo aqui.

Jane soluça mais forte, sua voz ficando rouca.

— Shhh — eu sussurro em um tom suave. — Mon cœur. — *Meu coração*.

Eu examino Jane, apenas para ter certeza de que ela não está machucada fisicamente. Sua camisola azul-marinha com estampa de gatos não está rasgada. Ela não mancou e não favoreceu nenhum de seus membros. Levanto os cabelos castanhos do ombro e pressiono suavemente seu pescoço e a coluna. Ela não se encolhe.

Ela está simplesmente inconsolável.

Emocional. Isso é dor emocional.

Jane murmura algumas palavras que não consigo separar. Minha necessidade de obter informações aumenta, e eu a levanto, usando

uma mão para mantê-la apoiada no meu lado. Ela me abraça ainda mais forte.

Eu ando mais para o quarto dela.

Jane fica histérica. — Nãonãonão! — Ela grita.

— Shhhh. — Faço carinho na lateral do cabelo dela e sussurro suavemente: — O que aconteceu, Jane? — Não consigo ver nada fora do lugar. Seus lençóis e cobertores rosa pastel estão torcidos e chutados para a beira da cama, mas Jane se mexe muito enquanto dorme - então isso não é anormal.

Jane levanta a cabeça e esfrega o punhozinho contra as bochechas.

Eu limpo suas lágrimas com o polegar. — Você está com medo?

— Sim.

— Do que?

Ela aponta para as portas duplas do guarda-roupa parcialmente abertas. O suficiente para um corpo se espremer por elas.

— Connor...? O que foi…? — Rose arfa e solta um suspiro compassado, acabando de chegar. Ela descansa a mão no abdômen redondo e coloca Eliot no chão, que se contorce contra o lado dela. Beckett e Charlie permanecem curiosos perto das suas pernas.

Tenho quatro filhos, cinco incluindo o iminente, e uma esposa tão determinada e corajosa quanto qualquer outra pessoa. Eu faria qualquer coisa para sustentar essa vida com eles. Para mantê-los se sentindo seguros e protegidos.

Amor é poder, e não sei dizer por quê. Ele transcende cada palavra que consigo conjurar. Em momentos catalíticos como esse, o amor surge através de mim como batalhões feitos de fogo e água. Feito de marfim e rosa.

Eu acordo e eu sei.

Eu venho em segundo.

Eu sempre os colocarei em primeiro lugar.

Rapidamente, vou até Rose ao lado da porta. — Algo está no guarda-roupas. — Antes mesmo de eu sugerir, Rose já está falando.

— Meninos, fiquem no corredor. — Ela leva Beckett e Charlie para trás, e então seus olhos ardem contra os meus. — É um esquilo?

— Pode ser.

Rose esfrega as costas de Jane e sussurra algo em seu ouvido.

Jane assente e funga alto.

Eu tiro minha filha do meu peito e a coloco ao lado de seus irmãos, meu coração permanece com eles e com ela... eu assisto Rose segurar a maçaneta.

Ela respira, hesitante por um segundo. — Provavelmente é um rato ou uma barata...

— Essa é uma possibilidade também. — Não posso ter certeza do que é até pelo menos *ouvi-lo*.

— Você precisa de um taco de beisebol? — Ela pergunta, sua voz mais aguda em preocupação com a minha segurança. — Spray de pimenta, uma faca...

Eu a beijo nos lábios e murmuro contra eles: — Je t'aime. — *Eu te amo*.

Rose fica congelada por um momento, mas depois retribui. O calor me inunda e, quando nos separamos, ela diz: — Se você precisar de apoio, estarei lá em menos de um segundo.

Eu sei que ela estaria. — Vou manter isso em mente, querida. — Aperto a outra maçaneta, do outro lado da porta. A última coisa que Rose vê é o meu sorriso crescente.

A última coisa que vejo é o olhar mortal dela.

E nós fechamos a porta. Ela se fecha com um *clique*, e eu foco minha atenção no guarda-roupa da Jane. *O que aconteceu, Jane?*

O lado irracional ainda acredita que uma pessoa invadiu seu quarto.

O lado racional está dizendo para esse lado ficar quieto.

Estou confiante com minha abordagem ao guarda-roupas. Estou de mãos vazias, mas a situação exige apenas meus punhos. Eu acendo as luzes do closet e depois seguro as duas maçanetas das portas. Rapidamente, eu as separo. Os vestidos, camisas e saias de Jane estão pendurados ordenadamente no closet.

Eu vejo.

Instantaneamente, eu vejo.

Reprimo meus sentimentos. Independentemente, não tenho muita certeza do que sinto no momento. Apenas me aproximo

estoicamente do grande travesseiro de lã que Jane mantém perto do espelho que vai do teto até o chão, na parte de trás.

Então coloco um joelho no chão e me vejo sentado ao lado desse travesseiro branco, uma bola de pelo laranja no centro. Esfrego os lábios, minha gata malhada enrolada e sem vida ao meu lado. Eu encontrei a morte uma outra vez na minha vida, e as emoções com as quais eu lutei ainda me distorcem, me confundem - ficam contra mim.

Era uma vez, como a maioria das histórias são contadas, encontrei uma gatinha abandonada. Sadie está comigo há anos e anos, mas aqui, bem aqui, a história termina.

Eu sussurro: — Adieu. — *Adeus*.

No espelho, vejo minhas feições. Se meus olhos não estivessem avermelhados, você pensaria que nada estava diferente, que nada havia mudado.

Jane deve ter encontrado a gata assim.

Sadie tinha quinze anos e fraca o suficiente que até estava pronta para partir - e escolheu o guarda-roupas de Jane porque, como as pessoas, os animais buscam conforto ao verem seu fim.

Ela procurou conforto perto da Jane.

Eu levanto e quando abro a porta, Rose já está fazendo o mesmo. Ela quase cai em minha direção, mas eu agarro seu quadril e a seguro. Nossos filhos estão sentados pacientemente, amontoados em volta de Jane enquanto ela folheia um livro de fotos de países e suas capitais. Ela ainda chora silenciosamente, e seus irmãos tentam animá-la, apontando para o livro.

— Olha, Jane — diz Beckett até ele chamar a atenção dela.

— Connor? — Rose está rígida e alarmada. — Diga-me que só preciso ligar para um exterminador ou comprar uma armadilha para ratos...

— Sadie está morta — eu sussurro.

A boca dela cai. — O que?

— Ela não está se mexendo. Acho que ela deve ter sentido que iria partir. — Eu engulo esse caroço estranho na minha garganta.

Rose toca seus lábios, olhos arregalados em choque. — ...no closet da Jane?

Eu concordo com a cabeça. — Eu vou levar o gato para fora.

Rose segura meu bíceps, parcialmente para apoio, posso dizer. — Ela merece mais do que um enterro em uma caixa de sapatos. Ela é uma Cobalt. — Rose luta contra as lágrimas e levanta o queixo para combater qualquer sistema hidráulico que ameaça abrir.

— Eu concordo — digo suavemente — mas ainda temos um problema.

Rose segue meu olhar para nossa filha e, com uma troca de olhares que diz muito, Rose e eu nos sentamos na frente dos nossos quatro filhos. Ajudo minha esposa a se abaixar e ela solta outro longo suspiro.

Não pergunto se ela está bem. Seu olhar diz *não fale nada sobre isso, Richard* e eu só concordo porque ela inclina seu peso contra mim. Envolvo meu braço em volta da sua cintura.

— Jane — Rose diz — o que você acha que viu no seu guarda-roupa?

Jane limpa o nariz com as costas da mão. — Sadie... ela não está bem. Ela não se mexeu. — Jane começa a chorar novamente.

Trago-a para o meu colo, e ela se acalma um pouco. Os meninos não estão em uma fase de desenvolvimento em que serão capazes de entender o que isso significa, então eles se interessam mais pela maneira como falamos e pelo livro de imagens.

— Vocês vão fazer ela melhorar? — Jane resmunga.

Rose parece aflita, mas eu posso dizer tudo. Eu posso falar tão francamente e honestamente quanto eles precisam ouvir. Eu não adoçaria a vida para um adolescente ou para alguém de um ano de idade. Então eu não começo agora.

— Não — eu digo.

O queixo de Jane treme e sua tristeza explode em raiva chorosa. — Por que não?!

— Ela não pode ser curada, Jane — eu digo. — Sadie morreu.

Jane parece estar com o coração partido, mas ela argumenta: — Ela pode voltar novamente.

— Uma vez que algo ou alguém morre, nunca pode voltar.

— Mentiroso! — Jane chora como nunca chorou antes, com lágrimas manchando seu rosto. — Você está mentindo!

Rose distrai os meninos deslizando entre eles, levantando Eliot na barriga dela.

Minha voz nunca muda de tom. — Eu nunca mentiria para você, Jane, e se você não vê isso agora, vai com o tempo.

Jane cai exausta no meu peito. Soluçando, ela choraminga: — ...eu não quero que Sadie morra.

Em uma voz baixa, Rose pergunta: — Quanto você amava Sadie, Jane?

— Imensamente — ela murmura no meu peito.

Rose diz: — Sadie sentiu *todo* o seu amor. Ela viveu com mais *carinho* por causa da sua bondade e seu coração.

Os grandes olhos chorosos de nossa filha flutuam entre sua mãe e eu.

— Você pode ficar triste porque ela se foi — eu sussurro — mas você também pode ficar feliz porque ela existiu.

— Você — diz Rose — Jane Eleanor Cobalt teve a honra de conhecer Sadie Cobalt enquanto ela ainda estava aqui. — Jane começa a acenar com a cabeça, como se tivesse a sorte de conhecer Sadie quando outros não tiveram. Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha de Jane.

— Quando você crescer — continua Rose — o que você dirá a todos os seus irmãos sobre Sadie?

Outra lágrima escorre pela bochecha de Jane. — Como ela era doce.

Rose e eu trocamos um olhar, e eu quase sorrio. Eu poderia chamar Sadie de muitas coisas, mas *doce* estaria muito, muito abaixo na lista.

Rose sussurra, *não a corrija.*

Eu sussurro de volta, *não vou*. Eu adoro a opinião dela, não importa se ela difere da minha. Beckett boceja, depois Charlie. Eu digo a eles: — C'est l'heure d'aller au lit, mes chéris. — *É hora de ir para a cama, meus queridos*.

Jane se encolhe com a idéia de voltar para a cama dela, em seu quarto, onde Sadie está morta.

Rose é a primeira a dizer: — Você estará dormindo em nossa cama, pequena gremlin.

Jane relaxa com o pensamento. Me levanto e coloco Jane em pé. Seguro a mão e a cintura da Rose, a ajudando a se levantar.

De pé, Rose tira o cabelo do rosto e depois coloca as mãos nos quadris. De repente, a cor some de suas bochechas e o horror esvoaça em seus olhos.

Então eu noto a água jorrando entre as pernas dela.

— Não — murmura Rose.

A palavra dela não corresponde à realidade.

O mundo está bem dizendo *sim*.

Sim, Rose está dando à luz no mesmo dia em que Sadie morreu.

Estávamos preparados. Nós sempre estamos, mas os próximos dez minutos ainda são um caos com quatro filhos menores de quatro anos, uma gata morta em um closet e Rose surtando por causa do corredor sujo.

— Ligue para minhas irmãs — é seu primeiro comando.

Eu já liguei para Lo, que então colocou Ryke na chamada. Lo e Lily estão vindo buscar a Jane para passar a noite com eles, enquanto Ryke e Daisy estão vindo buscar nossos filhos mais novos.

Antes de Rose puxar toalhas para fora do armário do corredor, apenas para limpar o chão de madeira, seguro o rosto dela entre minhas mãos e digo: — Isso está acontecendo, Rose. — As bordas de seu TOC estão queimando.

Rose solta um suspiro. — Temos tempo de sobra.

— Não para limpar. Prometo que a casa estará impecável quando voltarmos.

Os ombros dela começam a relaxar. — Você está pronto?

Eu sorrio — Eu sempre estou.

Ela revira os olhos.

— Ensemble — digo a ela. *Juntos*.

Rose quase se ergue seis metros de altura. Ela segura meus braços enquanto diz: — Ensemble.

Connor e Rose Cobalt dão as boas-vindas ao nascimento do filho deles

TOM CARRAWAY COBALT

21 de abril, 2020

2021

"Quando você me conhecer, você não vai me amar, mas talvez com o tempo... inferno, não, você ainda não vai."

- Loren Hale, *Nós Somos Calloway (3 Temporada, Episódio 03 - Gelo & Pedra)*

{ 20 }

Março de 2021

Superheroes & Scones

Filadélfia

LILY HALE

Estacionei meu BMW com sucesso na rua da Superheroes & Scones, mas, infelizmente, não consegui encontrar um espaço perto da loja. Sou péssima em matemática e não muito boa em prever minha própria vida, mas acho que tenho uma caminhada de cinco minutos no meu futuro.

— Pequena Luna, pequena Luna, *bip bip* — Moffy canta e bate com a ponta do dedo no nariz dela quando diz *bip bip*. A inocência deles enche meu coração. Eu sempre tenho que respirar fundo e lembrar que Lo e eu criamos algo puro juntos.

Moffy já tem cinco anos e está assumindo o papel de irmão mais velho. Ele perguntou se poderia me ajudar com Luna enquanto eu soltava a criança de um ano e meio da cadeirinha. Ele está sentado no banco de couro, colocando o mini gorro Wampa da Luna na cabeça dela. O que costumava ser dele. Ele queria que ela tivesse "o chapéu favorito dele" (suas palavras).

Lo se virou para mim naquele dia e disse: — Você e eu - nós criamos super-heróis.

Estou sorrindo como uma boba só de pensar naquele momento. Mas é um sorriso que eu seguro com força.

— Moffy! — Luna sorri. Ela tenta imitar o irmão tocando no nariz dele. Ela cutuca a bochecha dele.

Ele ri e eu a levanto para fora da cadeirinha do carro e no meu quadril. Assim que Moffy sai do BMW, duas câmeras piscam em rápida sucessão, as lentes apontadas para nós.

— O que... — Eu encaro com os olhos arregalados.

— LILY CALLOWAY, OLHE AQUI!

— COMO VOCÊ ESTÁ, LILY?

— LUNA HALE, VOCÊ ESTÁ TÃO GRANDE AGORA! OLHE AQUI.

Meu estômago cai. Eu pareço um daqueles personagens de sitcom onde o rosto diz: *Nãoooooooo…*

É agora que eu desejo que Garth estivesse ao meu lado. Meu guarda-costas teve mais sorte e encontrou uma vaga mais perto. Acho que ele já está me esperando na frente da Superheroes & Scones.

Moffy agarra minha mão quando eu a estico para ele.

Uma bebê no braço, uma criança de cinco anos na mão e uma caminhada mais longa do que eu gosto de fazer na minha casa, sem falar que estou em uma rua pública.

Não surte. Eu falo para mim mesma. *Não surte.*

Se eu surtar por ser seguida por cinco minutos por paparazzi, Moffy vai surtar. Estou escondendo meus surtos por ele.

Surto sexual. Esse tipo de surto também. Ele *não* verá Lily Surtada por Sexo Hale. Não. Nunca. Adeus.

Fecho a porta, tranco o carro e o tempo todo os paparazzi gritam perguntas. Eu aceno timidamente para eles enquanto desço a rua cheia de lojas. Como é começo da noite em um dia de semana, as pessoas estão fora para jantar cedo, então olham e ficam boquiabertas.

Alguns param e pegam seus telefones.

Dois paparazzi se tornam quatro, depois cinco.

Tudo dentro de trinta segundos.

Minha força no braço é insignificante, mas eu seguraria Luna por mais tempo do que Kate Winslet deixou Leonardo DiCaprio dividir uma porta com ela no *Titanic.* O pensamento faz meu peito subir como se eu fosse invencível.

Luna olha para cima e para baixo na rua. Ciente dos espectadores. — Luna, aqui! — Cinegrafistas diferentes repetem seu nome e a confundem.

— Não fica com medo, Luna — Moffy diz à irmã durante a nossa caminhada. — Eles não vão te machucar.

— Exatamente o que seu irmão mais velho disse. — Eu aceno resolutamente.

Luna assente, como eu. Ela tem bochechas gordinhas de bebê que Lo sempre enche de beijos. Envolvo Luna com mais segurança e calor nos meus braços e beijo sua bochecha com um sussurro de "eu te amo, Luna".

Ela beija a palma da mão e depois coloca a mão sobre o meu... olho.

Eu sorrio, mas desaparece quando três paparazzi começam a andar para trás apenas para nos filmar de frente.

— Ei, Maximoff — cumprimenta um cinegrafista em idade universitária, muito mais jovem que os outros paparazzi. Ele já compartilhou informações sobre sua vida pessoal conosco. Como largou a Penn State para ganhar a vida filmando as irmãs Calloway, seus maridos e crianças. Como ele prefere bermudas e amarrar seus longos cabelos castanhos em um coque.

De todos os paparazzi, ele é o menos ameaçador e nunca é agressivo.

Toda criança, de todas as nossas famílias, o ama.

— Robby! — Moffy sorri e solta minha mão por um segundo. *Não surte*. Moffy sabe que não deve conversar com estranhos e paparazzi quando não estivermos com ele e para sempre ficar perto quando estivermos, mas sua guarda cai quando tá perto do Robby.

Moffy bate com os punhos nos dele.

Sou mais tímida e introvertida do que uma criança de cinco e anos e uma de um ano. Esse é o meu universo estranho.

— Você fez algo legal ultimamente, Maximoff? — Robby pergunta enquanto caminha para trás, a câmera na mão. Lo e eu ensinamos repetidamente a Moffy que qualquer coisa que ele disser *será* postado on-line ou transmitido na televisão em jornais de entretenimento. Ele pode ter apenas cinco anos, mas ele entende que é diferente.

Ele vê que somos as *únicas* pessoas sendo seguidas, especialmente em uma cidade que não é conhecida por ter muitas celebridades, ônibus de turismo e equipes de filmagem. Para eles, parece que eles são os únicos a serem tratados de maneira diferente.

— Papai me mostrou como andar de skate ontem. — Moffy sorri grande, e eu o alcanço e aperto sua mão novamente.

— Não solte, Moffy. Ok?

— Desculpa, mamãe. — Ele abraça meu lado como se fosse eu quem precisasse de consolo. *Não surte*. Ele ainda me deixa tratá-lo como um bebê. *Lembra daquela vez em que você limpou a camisa dele depois que ele derramou suco de laranja?* Sim. Sim, eu lembro. Isso foi ontem.

Eu concordo com a cabeça.

— Que incrível, cara — Robby diz e depois desvia a câmera para mim. — Algo novo, Lily?

Balanço a cabeça. — Na verdade, não.

Como se ele estivesse mencionando o sol, Moffy diz: — Mamãe teve que usar absorvente grande porque não se sentia bem.

AiMeuDeus. Meu pescoço pega fogo. Minha menstruação começou - uma coisa que tento evitar 85% das vezes - e falhei em minha missão de encontrar um absorvente interno. Encontrei os normais dentro de um armário e Moffy perguntou o que eu estava fazendo. Eu apenas disse: — Mamãe não está se sentindo tão bem agora.

Não surte.

Rose diria que deveria haver *zero* vergonha em menstruar. Solto um suspiro constrangedor e depois solto: — Não estou grávida.

Acabei de anunciar isso para uma enxurrada de câmeras. *Por quê?* Por que eu acabei de dizer isso? Eu estremeço para mim mesma.

Moffy olha para mim. — O que isso tem a ver com grandes absorventes?

Eu sussurro como se estivéssemos compartilhando um segredo. — Mais tarde.

Ele assente como se entendesse.

— Maximoff, olhe aqui!

Moffy ignora esse cameraman.

Robby diz: — Você tem uma piada para mim hoje, Maximoff?

Superheroes & Scones está à vista! Estamos na reta final. A segurança aguarda. Eu não tive que abortar a missão. Estamos vivos.

Moffy pula sobre uma fenda na calçada, me puxando para frente. — Como você chama uma mulher com quatro pernas?

— Eu não sei? Como você a chama?

— Estilo cachorrinho! — Moffy grita.

Eu estou morta.

Meu coração está na minha garganta. — Falatchau — digo tão rápido e afasto Moffy do meio-fio e para mais perto das vitrines.

Ele acabou de dizer estilo cachorrinho.

Ele sabe o que é isso?

E se ele souber o que é isso?! Luna diz: — Mamãe, vemelha. — Ela dá um tapinha nas minhas bochechas com as duas mãos. *Merda*. Eu pareço um tomate queimado.

— Tchau, Robby! — Moffy acena.

A longa fila de pessoas que se estendem do lado de fora da Superheroes & Scones de repente gritam ao nos ver. Eu acho que um Banshee, do X-Men, soa exatamente assim. Maximoff e Luna imediatamente cobrem os ouvidos com as mãos.

Garth - corpulento, careca e bonito Garth, está esperando na porta de vidro. Ele a mantém aberta, e nós deslizamos para dentro. Os clientes não são tão barulhentos, mas rapidamente pegam seus telefones para tirar uma foto.

— Sala de descanso — digo a Moffy.

Ele anda pulando na minha frente. A sala de descanso está semi-cheia e digo *oi* baixinho a todos. Então eu direciono Moffy para o depósito, sem funcionários à vista.

Ele pula em uma caixa de papelão, que está ao lado de um velho recorte de papelão do Magneto que costumava ficar na janela. Meu braço fraco começa a ceder, então eu coloco Luna em uma caixa cheia de bonecos de pelúcia do Homem de Ferro. Ela abraça um e começa a rir.

Ligo para Lo e pressiono o botão do *viva-voz* enquanto chama.

— Por que você tá tão vermelha? — Moffy pergunta. — Você tá doente? — Ele tenta esticar a mão e tocar minha testa.

— Eu não estou doente. — Sento na frente dele, o telefone chamando, Luna em uma caixa de bonecos de pelúcia ao meu lado. — Eu fico vermelha por várias razões diferentes, mas nenhuma é ruim. — *Não se preocupe comigo.* É meu trabalho me preocupar com *ele*. Eu tiro os seus cabelos castanhos escuros da testa. Ele precisa de um corte de cabelo em breve. — Moffy...?

— Sim, mamãe.

— Estou bem. Sou sua mãe e me preocupo muito com você. Mas você nunca precisa se preocupar comigo. Seu trabalho é brincar, ser o irmão mais velho da Luna, ler gibis e correr pelo quintal. A última coisa que você precisa fazer é se preocupar comigo.

O rosto dele cai. — Mas eu te amo.

Eu limpo os cantos dos meus olhos.

— Não chora, mamãe! — Ele esfrega meu rosto com todos os dedos.

Acabei de perceber que o telefone parou de chamar. — Lily?”

Meu coração afunda. — Lo?

Ouço papéis farfalhando, gavetas batendo e talvez o tilintar de chaves. — Onde você está?

Ele ouviu demais. — Nãonãonão, você não precisa sair do trabalho.

— Papai, a mamãe tá chorando.

— Está tudo bem, amigão. Onde vocês estão?

— Superheroes...

— Eu não estou mais chorando. Derramei uma lágrima! — Digo a Lo. Eu também coloco minha mão na caixa da Luna. Ela agarra meus dedos com uma risadinha.

— Você poderia me dizer que estava voando com Peter Pan, e eu ainda iria embora para te encontrar.

Eu franzo a testa com esse cenário. — Isso não faz sentido, Lo. Você é meu Peter Pan.

— Talvez não em um universo alternativo.

— Eu não gosto disso. — Seguro o telefone mais perto dos lábios do Moffy. — Nosso filho contou uma piada aos paparazzi hoje. Moffy, quer contar ao papai? — Por favor, deixe-o compartilhar da minha mortificação. Eu não quero ficar sozinha nisso. Mas sei que serei a única vermelha que nem um tomate queimado.

Moffy se inclina para o celular. — Como você chama uma mulher com quatro pernas?

Ouço um suave *Tchau, Sr. Hale* ao fundo. — Como?

— Estilo cachorrinho! — Moffy grita como da última vez.

Eu ouço um *bum*. — Cristo.

— O que aconteceu?

— Essa parede surgiu do nada. — Ele deu de cara com uma parede.

Eu sorrio.

— Mamãe tá sorrindo! — Moffy narra.

Lo pergunta: — Onde você ouviu essa piada?

— Do Jordan. — Um garoto que mora na nossa rua. — Não é engraçado? É igual a Coconut. Ela é uma garota e é uma cachorra.

Meus ombros relaxam e eu suspiro. Ele não tem ideia de que é sobre sexo. Se há um mago mágico cuidando de mim, obrigada. Eu realmente precisava disso. Não estou pronta para uma enorme conversa sobre sexo. Moffy não percebeu que todas as meninas tinham vaginas até Luna nascer, e eu não estava lá quando ele disse a Lo: — Mamãe não é a única com vagina.

Eu meio que gostaria de estar presente porque teria sido um bom curso de preparação para as grandes ligas: *a* conversa sobre sexo.

Eu digo a Moffy: — Que tal mantermos essa piada entre todos nós?

— Como um segredo?

— Sim.

Moffy concorda com a cabeça no momento em que a porta do depósito se abre. Garrison Abbey desliza para dentro, camisa e calça jeans preta. Como ele não trabalha mais na Superheroes & Scones, sua aparição repentina parece menos uma coincidência.

— Lo — digo ao telefone — você não contou ao Garrison, contou?

— Me contou o que? — Garrison fica ao lado de uma prateleira de quadrinhos antiga e empoeirada.

Moffy pula da caixa e corre em direção a Garrison. — Tio Garrison! — Ele dá a Garrison um aperto de mão secreto e legal.

— Deixa quieto — digo a Garrison mais ou menos na mesma hora em que Lo diz: — O quê?

Sei que Lo não mandaria Garrison, de todos, para me checar. Nós checamos como Garrison está - sempre foi assim. E dissemos ao Moffy para começar a chamá-lo de *tio* no momento em que Garrison foi morar conosco. Havia uma chance de ele não ficar com a Willow a longo prazo, mas sabíamos que Garrison sempre faria parte de nossa família, não importa o quê acontecesse.

— Eu tenho que ir — digo a Lo.

— Vejo você em breve, amor. — Depois de um rápido *eu te amo*, desligamos.

Garrison se aproxima de mim, Moffy tentando imitá-lo passo a passo como se Garrison fosse seu melhor amigo. — Preciso da sua ajuda com algo. — É por isso que ele está aqui.

Faço cócegas em uma Luna dentro da caixa e ela puxa meu dedo com outra risadinha. — O que eu posso fazer?

Garrison bebe seu energético Lightning Bolt! e gesticula para as caixas de papelão rotuladas como *O Quarto Grau*. Quadrinhos recém-embrulhados em plástico em cada uma, todos extras para encher as prateleiras ou muito obscuros para ocupar espaço nas prateleiras.

— Preciso de todos os quadrinhos que tenham Sorin-X. Existem muitas edições e spin-offs agora. Honestamente, não tenho tempo para passar por todos.

Eu não pergunto por que ele precisa deles ainda. Eu me levanto do chão. — Moffy, há uma pequena Luna em uma caixa...

— Eu cuido dela, mamãe. — Ele vai para a caixa de Luna e brinca com sua irmã. Eu estava tentando falar de um modo que soasse como *é algo divertido e não vire a babá dela*, mas ele esmagou isso instantaneamente. Para ele, eu acho que ser babá *é* divertido.

Limpo a poeira das minhas leggings. Minha camiseta folgada de *Guerra nas Estrelas* está batendo nas minhas coxas. — Todas as edições estão aqui. — Guio Garrison para as caixas rotuladas *O Quarto Grau.* — Lo estará aqui em breve, e ele pode ser mais ajuda. Ele leu todas as edições cerca de um milhão de vezes.

Abrimos duas caixas e começamos a folhear os quadrinhos, colocando de lado os que estão com Sorin-X. Os que não têm o personagem, tento colocá-los cuidadosamente em suas capas de plástico.

— Você vai ler tudo? — Eu pergunto.

Garrison coloca outra história em quadrinhos na pilha. — O que mais eu estaria fazendo com elas?

— Eu não sei. — Tento estreitar os olhos para ele e entender seus motivos. — Você geralmente não lê quadrinhos, não como a

Willow. — Aponto outro fato: — Você não tinha idéia de quem era o Cifra quando começou a trabalhar aqui.

— Sim, e os funcionários nunca me deixaram esquecer isso. — Seus lábios começam a subir como se ele sentisse falta daqueles dias em que trabalhou na Superheroes & Scones. Willow estava aqui naquela época, e acho que ela é a alma da nostalgia dele. — Eu li os Novos Mutantes, a propósito.

Meu sorriso vertiginoso se espalha pelo meu rosto. — Por causa da Willow? — *Amor jovem.* Eu testemunhei o começo disso - e muito, muito mais. Acho que nunca vou ter que testemunhar o fim.

Não é tanto uma previsão, é um fato agora.

— Sim, por causa da Willow. — Ele tenta colocar um quadrinho de volta no plástico.

— O que me leva a questão do Twitter — digo a ele. — O Noivado Gillow está entre os assuntos mais comentados o dia todo, você viu? — Lembro de ler as manchetes dos artigos: *Willow Hale está noiva! Confira o novo cunhado de Loren Hale!*

Ele a pediu em casamento em Londres, e mesmo que eles já tivessem mencionado casamento um para o outro antes, ele parecia tão nervoso no jantar. Ela não fazia ideia de que estávamos no restaurante, e depois que ele ficou de joelhos e ela disse *sim*, a surpreendemos aparecendo.

Houve uma abundância de lágrimas e sorrisos.

Agora que ele voltou para Philly, Willow ficou na faculdade em Londres, então eles ainda estão separados enquanto ela estuda e ele trabalha. Nenhum de nós questionou o noivado. Daisy disse que quando Garrison fala sobre Willow e quando Willow fala sobre Garrison, eles parecem estar sorrindo para a lua.

Rose os chamou de apaixonados em Londres.

Eu acho que eles ficaram apaixonados desde o primeiro momento em que se conheceram. A longa distância não fez nada além de fortalecê-los.

Eles planejam se casar quando ela se formar, mas mantêm esse fato em segredo da mídia. Foi muito difícil esconder as notícias do noivado com todos nós juntos em Londres.

Também digo a Garrison: — Connor disse que vocês dois apareceram na GBA Entretenimento ontem à noite também.. — Eu

pensei que Connor só assistisse à CNN e Bloomberg TV, então é possível que ele tenha passado pelo canal e visto o segmento sobre Willow e Garrison de passagem.

— Ele assiste notícias de entretenimento? — Garrison diz com as sobrancelhas franzidas.

— Essa foi a minha reação.

Garrison folheia uma história em quadrinhos. — Você também esqueceu o *Noivado Garlow* e o *Noivado Wilson.*

Todos os três estão entre os assuntos mais comentados. Faz anos e ninguém consegue decidir no nome do shipp. Willow disse que não quer escolher um lado dos fãs, então apoia os três. Garrison não gosta de nomes de shipps como nós, mas olhamos além de suas falhas.

Quando eles não tinham relação conosco, eles costumavam ficar completamente fora dos tablóides. Agora eles foram parar em notícias na televisão, manchetes de revistas e até assuntos comentados no Twitter.

— Tudo isso te incomoda? — Eu pergunto. — Você e Willow nunca conversaram conosco sobre a presença da mídia.

Ele dá de ombros. — Estar perto de vocês, isso vem com o território, e nós meio que gradualmente entramos nisso. — Ele inclina uma história em quadrinhos de cabeça para baixo, com os cabelos castanhos pendurados em frente aos olhos.

Em todos os anos em que o conheço, ele nunca mudou seu penteado. Ele abandonou os moletons, mais ou menos na mesma época em que se mudou para nossa casa e parou de ver seus irmãos.

— Lily... posso te perguntar uma coisa? — Ele espia Moffy para se certificar de que ele não está ouvindo. Moffy subiu na caixa de bonecos de pelúcia com Luna e está conversando com ela, mesmo que ela ainda não consiga falar muito.

Sorrio para eles e depois aceno para Garrison. — Claro.

— Eu só... — ele para e balança a cabeça. — Esquece. É estupido. — Ele joga um gibi de lado.

— Eu aposto que não é. — Eu me aproximo.

Ele olha para os quadrinhos. — O aeroporto - eu não quero ser assediado igual da última vez quando for a Londres sozinho.

Paparazzi e fãs nos rodearam depois que nosso vôo para a Filadélfia pousou, voltando para casa depois do noivado. Com todas as crianças conosco - Ryke, Lo e Connor entraram no modo de proteção completo. Eu nunca tinha visto todos eles tão focados e intentos. Sem gritar. Apenas uma intensidade que gritava *proteja os bebês* e seguindo em frente.

Eu acho que pode ter sido a primeira vez de Garrison em uma situação com uma grande multidão, e a maior parte da atenção estava dirigida a *ele*, não a nós.

— Só... eu não quero ser tocado daquele jeito novamente.

Uma respiração para nos meus pulmões. Os fãs colocam as mãos nos meus ombros e braços, mesmo com guarda-costas tentando bloqueá-los, então tenho certeza de que algo semelhante aconteceu com ele.

Eu pergunto: — Você está com medo de voltar ao aeroporto?

Ele dá de ombros e depois assente.

— Eu posso ir ao aeroporto com você quando você precisar ir, e há uma coisa que podemos fazer. — Às vezes fazemos, às vezes não, mas acho que nunca oferecemos a opção ao Garrison quando ele está sozinho. — Podemos dirigir até o avião particular e contornar a entrada principal do aeroporto?

— Nós podemos fazer isso? — Ele franze a testa.

— Já fizemos isso antes. O aeroporto nos dá permissão porque chamamos muita atenção. É mais seguro para nós e para todos os outros.

— Mas sou só eu... e não costumo voar em um avião particular.

— Sim, mas você pode pegar nossos aviões sozinho. Nós não nos importamos. Nós queremos que você faça isso.

Garrison já está balançando a cabeça. — É demais para mim.

— Então eu vou enviar Garth com você. Ele é o melhor. — Garrison já tem um guarda-costas, mas dois são melhores que um. — Se for só você, as multidões não serão tão ruins. Eu sei que não serão.

Ele assente.

— Você contou isso para a Willow?

— *Não* — ele força a palavra como se dissesse *e você também não vai contar.* — Se ela soubesse, começaria a voar para Philly

para me ver, e não o contrário.. — Ele lambe os lábios secos. — Willow fica ansiosa quando está presa no meio de uma multidão. Eu sei que ela enfrentaria isso por mim, mas...

— Você quer enfrentar isso por ela — eu percebo.

Ele assente com mais firmeza. — Sim.

Moffy deve ter ouvido essa última parte, porque ele grita: — Acho que você é corajoso, tio Garrison!

Garrison sorri fracamente e me diz: — Seu filho é engraçado.

— Ou talvez ele esteja certo.

Garrison solta um suspiro como se estivesse preso em seu peito por um tempo. — Então eu posso levar Garth quando for viajar para Londres?

— Sem dúvidas, sem voltar atrás. Prometo. — Lembro de fazer um *x* com os dedos sobre o meu coração e também acrescento: — Ele é praticamente o guarda-costas da família, e você é a nossa família.

Garrison sorri mais. — Obrigado. Eu aprecio tudo que você já fez por mim, sabia?

Eu aceno de novo. Eu sei que ele aprecia. Vemos isso em seus olhos o tempo todo. Anos atrás, ele era apenas um adolescente, batendo na porta de Superheroes & Scones e pedindo um emprego que Lo uma vez ofereceu. Ele quase se virou e foi embora, mas eu o deixei entrar.

Nós dois deixamos ele entrar em nossas vidas, e a boa pessoa que vimos sob as camadas de ódio e auto-aversão surgiu.

— Então — digo enquanto retomamos nossa busca ao Sorin-X — o que você está fazendo com tudo isso?

— Eu acho que tenho que perguntar sobre isso de qualquer maneira, mas você tem que prometer não contar ao grandão. Ele está literalmente jogando centenas de milhares de dólares na minha cara. Estou com medo de que ele cancele a coisa toda e me demita se descobrir.

É sobre o que ele está trabalhando secretamente há três anos na Cobalt Inc. Ninguém realmente sabe qual é o projeto, e Connor deu a ele cinco anos para executá-lo, o que ele disse ser realista para quem trabalha sozinho.

— Prometo. — Eu me pego fazendo um símbolo de cruz com o dedo em vez de um *x*. Paro no meio do caminho e apenas abaixo minha mão. Eu estava indo tão bem.

Antes que ele divulgue as notícias, a porta do depósito se abre.

Moffy sussurra para Luna: — Shhh. — Escondido na caixa de papelão, Moffy puxa uma aba.

Lo coloca as chaves no bolso quando ele entra, e instantaneamente encontra os meus olhos, o puxão magnético me levando para o meu melhor amigo e Lo urgentemente me alcança.

— Lily — ele respira, com as mãos nas minhas bochechas.

— Eu estou bem... — Ele tem os mais belos lábios cor de rosa. *Foco*. Minha mente vagueia por lugares nefastos, e eu me agarro ao seu cinto. — Estamos bem.

Lo me beija levemente, mas apenas por um segundo.

Meu corpo esquenta. Eu empurro contra ele. Derretendo. Meu peito se levanta com o dele. Eu tento subir nele como uma árvore, mas ele me mantém no lugar.

Enquanto ele olha para mim, eu roubo outro beijo. Sinto um sorriso em seus lábios, mas ele é quem se separa. Ele examina a área, acena com a cabeça para Garrison e pergunta rapidamente: — Onde estão nossos filhos? — Sua voz aguda carrega uma quantidade severa de pânico.

Então a caixa ri e gargalha.

Seu pânico diminui, mas Loren Hale não é uma pessoa legal. Eu sei o que ele vai fazer antes mesmo que ele faça.

— Moffy?! Luna?! — Ele mostra medo e pânico falsos. — Moffy?! Luna?! Lily, ligue para o 190, agora...

— Não! — Moffy grita com lágrimas nos olhos. Ele sai da caixa e corre para Lo o mais rápido possível. — Eu tô aqui! Eu tô aqui! — Ele abraça as pernas de Lo, e Lo se agacha para abraçá-lo com força, agindo aliviado por encontrá-lo tão rapidamente.

Eu levanto Luna para fora de sua caixa, e ela mantém uma das pelúcias agarradas ao peito.

Eu sussurro para Lo: — Você só queria aquele abraço.

Lo sorri como se esse fosse seu plano maligno o tempo todo. Então ele avalia Moffy. — Você está inteiro? Você está bem? Os alienígenas pegaram você?

— Que alienígenas?

Lo solta uma risada sufocada. — Você não ouviu falar sobre a invasão alienígena de ontem à noite? O que, você estava… *dormindo*?

— Sim, eu gosto de dormir.

— Não acredito, eu *também*.

Moffy segura a mão do pai enquanto Lo se levanta e fica ao meu lado. — Se você tava dormindo e eu tava dormindo, então quem tava acordado para ver os alienígenas?

— Os loucos do tio Ryke e da tia Daisy — Lo diz sem hesitar.

Eu interrompo a conversa deles, já que Garrison ainda precisa de ajuda para encontrar os quadrinhos. — Estamos tentando separar todos os quadrinhos com Sorin-X. Ele disse... — eu paro porque Garrison está balançando a cabeça para mim como se dissesse *para de falar.* — O que?

Eu não sou boa com esses tipos de coisas.

Moffy corre em direção a um balde de bonecos da Tilly Stayzor, uma personagem feminina muito popular no universo de *O Quarto Grau.*

— Eu tinha algo para te perguntar — Garrison diz a Lo. Acho que ele planeja abordar o assunto do aeroporto, mas de repente ele faz um desvio abrupto. — Você pode ser meu padrinho de casamento?

Lo parece chocado.

Garrison diz: — Você tem sido mais um irmão para mim do que meus irmãos. Eu provavelmente não estaria aqui se não fosse por você... e você. — Ele olha para mim.

Eu limpo meus olhos.

Os olhos cor de âmbar de Lo se enchem de lágrimas. — Claro que eu vou ser seu padrinho.

Willow pediu a Daisy para ser sua madrinha no dia em que ficou noiva. Talvez Garrison estava preocupado que Lo diria não. Ele pensa demais.

— Obrigado — diz Garrison. — Você acha que o grandão e o bravão vão aceitar ser padrinhos?

— Connor, sem dúvidas, e Ryke vai com o fluxo. — Lo ri. — Cristo, se você colocá-lo na última cadeira, ele nem se importaria ou levaria isso a sério.

— Ok, que bom. — Garrison deixa escapar outro longo suspiro.

Lo pega uma história em quadrinhos da nossa pilha. — Para que tudo isso?

Eu digo: — Eu não sei, Garrison estava prestes a contar... — Ok, ele está fazendo o sinal de *sacudir a cabeça* novamente. Como eu aborto uma conversa agora que ela começou? Daisy é melhor em transições sociais do que eu. Eu apenas me atrapalho com a boca entreaberta. — Huumm...

Lo diz a Garrison: — Isso é sobre o seu videogame?

O rosto de Garrison cai. — O que?

Lo usa um meio sorriso.

Garrison engasga: — Como você sabia?

— Você está trabalhando para Connor Cobalt, cara. O homem provavelmente tem quinze cérebros e sete pares de olhos. Você pode não saber o que ele está pensando, mas ele sabe o que *você* está. — Lo toca seu peito. — E ele é meu melhor amigo. Ele me disse que você está trabalhando em um jogo baseado em um personagem de quadrinhos.

Sorin-X, eu percebo. Ele está criando um videogame inteiro do zero - sem uma equipe com ele.

Uau.

Garrison balança para trás nos calcanhares, incrédulo. — E ele não deu a mínima? Eu pensei que ele cancelaria o projeto.

— Ele, na verdade, gosta da ideia. Eu também.

Garrison fica boquiaberto. — O que?

— *Eu* possuo os direitos dos jogos da série de O Quarto Grau. E Belinda e Jackson me disseram que preferem comer seus braços esquerdos do que ver mil pessoas transformando o jogo em uma franquia sem alma feita só para ganhar dinheiro.

Belinda e Jackson Howell são uma dupla jovem composta por irmãos, e os artistas e escritores do universo de *O Quarto Grau.*

Garrison recolhe seus pensamentos rapidamente. — Eu tenho a maioria das merdas técnicas programadas, mas estou no ponto em que a história é importante. É por isso que eu estava olhando os quadrinhos, mas eventualmente eu precisaria da Belinda e do Jackson para a arte. Só sei codificar, e o que estou fazendo é

clássico, independente. Eu acho que o estilo do jogo se encaixa no que os quadrinhos têm a intenção de ser.

Lo lutou pelo *O Quarto Grau* - mas ele nunca pensou que se tornaria o próximo *X-Men* ou *Liga da Justiça*, já que a Halway Comics carece de recursos e reconhecimento de nomes como Marvel e DC.

Está acontecendo, embora. A popularidade tem aumentado exponencialmente, bem à vista dos titãs dos quadrinhos.

Tudo porque Lo disse *sim* a Belinda e Jackson depois de ler o que eles mandaram. Quando todas as outras grandes editores de histórias em quadrinhos disseram *não*, ele ajudou a transformar o potencial e sonho deles em sucesso e realidade.

— Eu tenho mencionado o jogo para Belinda e Jackson faz um ano — Lo diz — e eles estão interessados. Eu sei que eles trabalhariam com você. Vou te dar os números deles.

Garrison está sem palavras.

Eu tenho dificuldades para manter Luna na dobra do meu quadril, e Lo a tira de mim. Ele beija suas bochechas tão rápido que ela começa a rir.

Penso em todos os empreendimentos que já fizemos agora que Garrison está começando o dele. *Halway Comics. Superheroes & Scones.* Nós três não tínhamos ambição alguma, não porque não amamos algo, mas porque nunca acreditamos que poderíamos ser melhores do que as pessoas ao nosso redor. Por que tentar quando alguém simplesmente vai passar por cima de você?

Parecia muito trabalho.

Agora todos descobrimos ambição e orgulho - mas não sem antes acreditar em nós mesmos. Que poderíamos superar nossas próprias tristes expectativas.

E nós superamos.

— Mamãe está sangrando! — Moffy grita.

— O que, onde? — Eu giro, tão confusa.

— Sua bunda.

AiMeuDeus. Não consigo sentir meu rosto. O sangue vazou das minhas roupas íntimas e leggings.

Lo agarra o ombro de Moffy antes que ele tente tocar minha bunda.

Garrison finge interesse nos quadrinhos para me dar privacidade.

— Está muito ruim? — Eu pergunto a Lo, prestes a procurar por um par de calças extras em uma dessas caixas. Podem ter nos enviados calças de pijama do Thor. O Deus do trovão me ajudará a passar por isso.

Lo olha minha bunda. — É só uma mancha. — Ele tem esse olhar que grita *tá uma bagunça sangrenta aí atrás, amor.* Ele até me alcança, como se quisesse me abraçar para fazer isso melhorar.

Não melhora. Paparazzi tiraram fotos das minhas costas, o que inclui minha bunda. *Minha bunda sangrenta*. Eu estremeço para mim mesma e aponto para ele, tão perto de chamá-lo de mentiroso.

Luna me distrai quando ela beija a mandíbula dele.

Eu derreto.

Moffy puxa a camisa do pai. — Mamãe está machucada! Temos que ajudar ela.

— Ela não está machucada, Mof. Isso acontece com as meninas todos os meses.

Calça. Calça. Thor, onde você está? Mais no fundo, acho alguns recipientes de plástico, apenas para encontrar escudos e espadas.

— Não, isso não é justo! — Moffy grita. — Eu não quero que Luna e Janie sangrem pelas bundas.

Bato em uma prateleira de metal e esfrego minha testa. Lo e Garrison abafam o riso, mas posso ver o sorriso deles através das prateleiras.

Em vez de explicar a menstruação em profundidade, Lo apenas diz: — Isso não vai acontecer tão cedo, amigo, e não dói.

— Você promete?

Observo pelas prateleiras como uma estranha, mas não consigo me virar.

— Você acha que eu deixaria algo ruim acontecer com sua irmãzinha?

— Não — Moffy diz sem nem pensar — porque você faz todos os monstros irem embora.

Esfrego o meu olhar cheio de lágrimas.

Loren Hale não é um monstro aos olhos de seu filho.

Ele é o herói.

[21]

Setembro 2021
Arrapia Café
Filadélfia

ROSE COBALT

— Isso é além de ridículo. — Deslizo o tablóide *Celebrity Crush* para Ryke. A manchete em rosa neon diz: *Rose Calloway Louca por Bebês!! Grávida do sexto filho!*

Meu cunhado carrancudo abaixa seu hambúrguer enorme e depois limpa as mãos calejadas na *toalha de mesa*, de todas as coisas.

Mordo minha língua, mas não por muito tempo. — Tem um guardanapo bem do seu lado — eu estalo.

As sobrancelhas dele se franzem. Ele nem percebeu que espalhou gordura de carne em linho decorativo. E também, ele não se importa. — Você quer que eu leia a porra da revista ou lave minhas mãos?

Eu bufo. — Leia.

Ryke folheia o tablóide, sua carranca nunca mudando de forma.

Eu fico impaciente. — Só a manchete em si já é ridícula. *Me* chamar de louca por bebês é como chamar o sol de uma bola de merda em chamas.

Ryke me ignora enquanto lê.

Essa é a *última* vez que o convido para almoçar. Pelo menos não sem uma das minhas irmãs ou Connor ou Loren presente. Quando estamos sozinhos, sinto que estou discutindo comigo mesma. Ou com um homem das cavernas. Ou ambos.

Puxo a bainha do meu vestido azul, a cadeira rangendo. A iluminação do café é mais adequada para o jantar: muito fraca, as persianas quase fechadas. Isso cria um *clima* que eu prefiro compartilhar com ninguém. Nem mesmo com o Connor.

Ok, *talvez* com o Connor.

Talvez até mais do que *talvez*. Mas eu nunca diria isso a ele.

— É estúpido pra caralho — Ryke afirma após um minuto prolongado de silêncio. Ele fecha o tablóide e o joga para o lado.

Meus olhos se estreitam. — Você demorou *esse tempo todo* para chegar a essa conclusão. O que você estava fazendo? Verificando os fatos?

Ele me olha furioso, mas é pouca coisa em comparação com os olhares que seu irmão mais novo distribui. — Pelo amor de Deus, Rose, eu na verdade estava lendo o que eles escreveram. E se você tivesse lido também, você saberia que eles apenas falaram sobre como você está grávida... o que você está.

Eu estou apenas de quinze semanas, mas está longe o suficiente para discutirmos sobre isso no último episódio de *Nós Somos Calloway*. Eu queria vazar as informações antes de um tablóide, e tive sucesso. Percebo que esses tablóides são esperados, mas nunca realmente me preparei para o apelido de “louca por bebês”.

Especialmente porque eu ainda não gosto de bebês que não são meus.

Embora as críticas não sejam nenhuma novidade. Já ouvi coisas de tablóides, fãs e de pessoas aleatórias que simplesmente gostam de comentar sobre minha vida.

Como ela pode ter tantos filhos e ainda ir trabalhar? Isso é tão egoísta.

Como ela pode ser considerada motivada pela carreira e independente com tantas crianças? Ela é uma vendida.

Meus valores não mudaram com a maternidade. Ainda trabalho porque sou apaixonada por moda. Ainda tenho filhos porque *amo* meus pequenos gremlins e tenho os recursos para ter mais enquanto concílio minha carreira e família, então sim.

Independência não tem nada a ver com o fato de alguém escolher ou não ser solteira ou casada, ter filhos ou não ter. Independência por definição é sobre autogoverno. Sobre *escolher* por si só. Sobre tomar *suas próprias* decisões.

Todas as minhas decisões me pertencem.

Eu escolhi essa vida. Eu amo essa vida e foda-se todos que querem escolher por mim.

Giro meu canudo na água, irritada com a rosa branca no meio da mesa. Está murcha, para começo de conversa. E também, é íntima

demais, e eu realmente acredito que a hostess é fã do Ryke e eu... *juntos*. Eu faço uma careta, quase perdendo células cerebrais com o pensamento de seu nome ligado ao meu.

Como Lily chama o nosso shipp ímpio? RoRy?

Eu recuo.

Nós também deveríamos ter pago o restaurante para deixar as mesas ao redor vazias, mas como ainda não anoiteceu, e estamos em um dia de semana não menos, nenhum de nós se incomodou.

Duas adolescentes ocupam a mesa adjacente: uma ruiva com excelente delineador de gatinho e uma loira com um lindo colar azul escuro. A ruiva tenta tirar uma foto nossa furtivamente, mas é extremamente óbvia.

Ryke mergulha sua batata frita na mostarda. Ele nunca falaria *você está quieta, Rose.* Duvido que ele percebeu que estamos sentados em silêncio absoluto.

Eu abaixo minha voz, quase um sussurro. — Eu tentei conversar com a Daisy.

Ryke descansa os antebraços na mesa, sua atenção com sucesso em mim. Eu vejo a pergunta em seu olhar sombrio: *Sobre o quê?*

Aproximo minha cadeira da mesa para poder falar ainda mais baixo. — Sobre tentar ser a barriga de aluguel dela depois que meu bebê nascer. — A conversa não saiu como planejada. — Daisy me ignorou. — Eu suspiro pesadamente. — Ela disse que devemos esperar para ter essa discussão depois do meu parto. — Meu olhar desce para o meu abacate no centeio meio comido.

Se ela estiver interessada - e minha intuição diz que está - quero cumprir minha promessa. O médico conseguiu extrair os seus óvulos restantes durante a cirurgia. Podemos seguir esse caminho, mas temo que ela rejeite minha oferta por culpa. Como se ela estivesse me impedindo de criar minha própria família. Eu disse a ela que não é assim, mas não tenho certeza se ela realmente acredita em mim.

Antes mesmo de eu ter a Jane, Connor professou (várias vezes) que queria *oito* filhos, e esse fato pode estar preso na cabeça da minha irmã como uma espécie de linha de chegada de "Coballoway".

— Eu acho que ela está certa — Ryke diz de repente.

— *Por quê?* — A raiva toma conta da minha voz. Aponto minha unha preta fosca para ele. — Você não disse para ela para gritar dos telhados? Para expressar as opiniões até que ela fique sem voz?

— Sim, e ela está lhe dizendo a porra da opinião dela. Ela quer esperar para ter a discussão depois que seu bebê nascer. O fim. — Ryke coloca outra batata na boca como se a situação fosse tão fácil assim.

Meu olhar passa dos seus cabelos desgrenhados e para seus olhos despreocupados. — Onde você nasceu?

Ele expira uma respiração agravada. — Se isso é isca para um insulto...

— Cidade simples? — Eu cruzo meus braços. — Com respostas simples para problemas?

Ele se recosta na cadeira, à beira de um revirar parcial dos olhos. — Você tem passado tempo pra caralho com meu irmãozinho. — Ele acena com a mão na minha direção geral. — Às vezes me pergunto se você foi possuída por ele.

Eu engasgo. — *Por favor*. Tenho uma função automática de *destruir e castrar* caso alguém chamado Loren Hale tente entrar em mim. — Faço uma pausa com a sequência de palavras que acabei de usar. *Deus*. — É por isso que eu não almoço com você. Eu digo coisas assim.

Ryke nem se importa que eu tenha falado sobre o irmão dele dentro de mim - *Para, Rose.*

Estou parando. Minha própria mente está tentando se aspirar.

— Você me convidou — Ryke me lembra.

Isso é completamente verdade. Prefiro compartilhar a companhia das pessoas durante o almoço e ser parte de suas vidas de alguma forma. Eu não deixei isso mudar quando Lily foi para uma faculdade diferente da minha, quando ela recuava para seu vício, e eu não deixarei isso mudar quando todos nós estamos construindo nossas próprias famílias.

Eu tomo um grande gole de água. Quando coloco meu copo na mesa, pergunto: — Por que não podemos discutir isso agora?

— Porque é inútil pra caralho. — Ele usa o guardanapo para limpar as mãos dessa vez. — Se você tiver um menino, então você vai querer tentar ter uma menina novamente. — *Mas se eu tiver uma menina, é mais provável que eles aceitem a ideia de barriga de aluguel.*

Meus pulmões apertam com essa realização. Por que ela não me disse isso? Por que eu não adivinhei? Ela deve ter evitado os detalhes para poupar meus sentimentos. Mesmo que Daisy tenha parado de andar na ponta dos pés ao redor de todo mundo, ela ainda é uma das pessoas mais gentis que conheço.

Tenho certeza que ela até enquadrou minha resposta. Eu digo a Ryke de qualquer maneira. — Se ela estiver pronta, eu quero ser a barriga de aluguel dela, mesmo que meu bebê seja um menino.

— Não é tão *simples* assim, porra.

E assim a questão circula de volta para o começo. *Ambos* se recusam a nos impedir de crescer nossa família. — Ok — eu concordo. — Vamos esperar para discutir isso quando meu sexto filho nascer.

— Obrigado. — Seus olhos se voltam para o meu celular. — Você colocou a porra do seu celular no silencioso?

— O que? — A tela do meu celular está acesa com uma ligação, mas não está tocando. É possível que Beckett ou Eliot tenham mexido nas configurações sem saber. Assim que leio quem está ligando, meu pulso acelera.

Escola Primária Dalton

Jane.

Ela começou o jardim de infância com Maximoff no mês passado. Deixar minha filha na pré-escola foi difícil, mas deixá-la às portas da Escola Primária Dalton deixou meu estômago retorcido. Enviei minha filha para uma terra selvagem, onde sua inteligência, sagacidade e habilidades sociais serão forjadas e testadas. Tenho cem por cento de certeza de que lhe dei todas as ferramentas que ela precisava para sobreviver, mas não é como foi com as minhas irmãs. Eu não estou *na* escola com ela. Não posso perguntar se ela está bem no seu cubículo ou armário.

Não posso carregar seus livros se ela não se sentir bem. Não posso dar um olhar penetrante ao inimigo dela no corredor. Eu não

posso estar lá.

Isso é novo para mim.

Sinto que estou na platéia de uma peça que pode dar terrivelmente errado. E minha filha é a principal.

Ela foi pulando em direção ao prédio, Rose. Ela nem hesitou.

Ela é uma leoa, pelo amor de Deus.

Ela está bem.

Coloco o telefone no ouvido. — Rose Cobalt falando. Está tudo bem?

Ryke se endireita imediatamente, as sobrancelhas franzidas em preocupação. Ele sinaliza para um dos nossos guarda-costas do outro lado do café.

— Olá, senhora Cobalt. — Uma voz doce (nauseante) ecoa através do celular. — Aqui é a vice-diretora Morgan-Stuart. Preciso que você e seu marido venham à escola.

— Por que? — Eu já estou pegando minha bolsa Chanel e um tubo de batom que deixei na mesa. Ryke tira dinheiro da carteira. Eu pagarei a ele pela minha parte.

A vice-diretora diz: — Estamos mandando Jane para casa. Prefiro discutir o assunto pessoalmente.

Eu seguro um xingamento e coloco a palma da mão sobre o celular para dizer ao Ryke: — É sobre a Jane.

Eu mal termino de dizer o nome dela antes que ele avance na minha frente, abrindo caminho enquanto nossos guarda-costas seguem. Meus saltos batem no azulejo, caminhando rapidamente pelo café escuro. As pessoas olham. Dois flashes de câmeras piscam - não, *quatro.*

Eu os ignoro.

— Ela está bem? — Minha voz pinga de gelo, desejando que Morgan-Stuart comece com *Jane está bem.*

— Não é nada assim.

— Não é nada *como*? Estou imaginando a Jane com o braço quebrado, o nariz ensanguentado e...

— Ela está bem — ela esclarece, mas dificilmente amansa meu temperamento.

— Então o que houve?

— Como eu disse, prefiro conversar pessoalmente. Ela estará esperando na diretoria até vocês chegarem. — Ela desliga na minha cara.

Ela desliga na minha cara.

— Aquela filha da...

Saímos e minha voz morre com a súbita cacofonia perto do meio-fio: buzinas do trânsito, paparazzi gritando nossos nomes.

— RYKE! ROSE!

Estou rodeada de câmeras. Ryke vê como estou com um olhar por cima do ombro. Faço um sinal para ele continuar. Meu guarda-costas já está do meu lado. Ryke assente e corre para o seu Land Cruiser em frente.

— ONDE ESTÃO A DAISY E O CONNOR?

— COMO ESTÁ O BEBÊ?

— O QUE VOCÊ COMEU NO CAFÉ?

Tão previsível. Eles sempre perguntam sobre as nossas refeições.

Quando subo no banco do passageiro, Ryke fecha a porta do lado do motorista com tudo. Ele vira a chave na ignição e seu carro ronca para a vida.

— Vamos. — Eu fisicamente estalo meu dedo, como se isso milagrosamente fizesse ele me enviar para lá. — Escola Primária Dalton.

— Estou tentando, porra. — Ele vira a cabeça e olha por cima do assento, paparazzi bloqueando o Land Cruiser e nos aprisionando. — A menos que você queira que eu atropele um desses filhos da puta.

— Pode ser.

Ryke abaixa a janela, prestes a gritar com os paparazzi, mas um bando de fãs jovens *correm* até ele e enfiam as mãos no carro. Eu fico rígida quando elas agarram o braço dele e gritam como se tivessem tocado alguém da realeza.

Pessoalmente, eu coroaria Connor antes do Ryke - e já consigo imaginar sua presunção. *Você pensa em mim como um rei, Rose.*

Eu quero colocar minha mão na frente do rosto dele, e ele nem está aqui.

— Rose! Rose! — elas começam a gritar e esticar as mãos para mim.

Fico quieta e dou um sorriso curto. Eu não sou a irmã calorosa nem a simpática - sou apenas *eu*, e quase fico com dó dessas garotas por não serem agraciadas com a Lily, Daisy ou Poppy.

— Ei, meninas — diz Ryke, e uma garota com uma mecha azul no cabelo começa a chorar, deslumbrada por ele. — Estamos com uma pressa do caralho, e a última coisa que quero fazer é machucar uma de vocês quando sair.

— Você pode me machucar quando sair de mim! — uma garota descarada deixa escapar.

— Você pode sair de mim também! — outra diz.

— Porra — Ryke resmunga baixinho.

Eu poderia rir, mas prefiro ajudar Ryke nesse momento por solidariedade. Antes que eu possa direcionar as garotas para a calçada, Ryke está se esclarecendo.

— Sair da porra da *rua*. — Ele fica tenso. — Por favor, se afastem.

— Ok, nós vamos nos afastar.

— Eu te amo muito!

— Seja o pai dos meus filhos!!

Todas essas exclamações se misturam quando as meninas se retiram para um lugar seguro na calçada. Os paparazzi continuam bombardeando nosso carro.

— Ei! — Ryke grita com o cameraman mais próximo, a lente direcionada ao Ryke. A conversa dele com as meninas provavelmente vai parar no GBA Entertainment News hoje à noite. — Saia da porra do meu caminho! A menos que você queira um pneu passando em cima do seu fodido pé!

Eles se afastam, provavelmente agradecidos que Ryke lhes deu mais imagens "dignas dos jornais". Ele dirige para uma parte do trânsito, abandonando os paparazzi e o café.

Enquanto ele fecha a janela, pergunto: — Quando você está sozinho com a minha irmã, as fãs agarram a Daisy como elas agarram você?

— Não. — Ryke passa a mão pelos cabelos grossos. — Pelo menos não desde que ela descreveu o que os amigos e os

paparazzi fizeram com ela em *Nós somos Calloway.*

— Que bom. — Eu paro. — Mas se *você* precisar conversar com alguém sobre ser tocado sem permissão...

— Eu tenho um fodido terapeuta e o nome dele não é Rose Calloway.

Meus olhos queimam de raiva. — Isso é supondo que eu teria me oferecido, o que eu não teria feito. Eu não sou uma profissional. — Jogo meu cabelo em cima de um ombro, lembrando que Ryke começou a ver um terapeuta depois que Adam Sully morreu.

Me inclino para verificar seu velocímetro. — Você não pode dirigir mais rápido?

— Sim, deixa eu começar a brincar de carrinho de bate-bate com os carros no trânsito.

— Ok, vamos.

— Não — ele diz como se eu estivesse louca “pra caralho”.

Ele aperta o volante. — A Janie está bem? — A preocupação deixa seu rosto mais sombrio.

— A vice-diretora disse que ela estava bem, mas não me deu mais detalhes. — Eu seguro minha bolsa perto do meu peito e lanço um olhar mortal pelo para-brisa. — Se ela estiver fazendo isso só para enganar Connor e eu para tirarmos fotos no escritório dela, eu vou fazer um inferno.

— Eu vou perder a porra da minha cabeça antes de você.

Improvável.

Eu levanto meu celular aos meus lábios. — Ligar para Richard — digo. Se eu colocar meu celular no ouvido, posso muito bem jogá-lo pela janela - por nenhuma outra razão além do prazer de jogar alguma coisa.

Quando ele atende, começo a falar antes que ele possa. — A escola da Jane ligou. Precisamos ir para lá e conversar com a vice-diretora. Não sei porque. Tudo o que eles disseram foi que ela está bem, mas a diretoria prefere "conversar pessoalmente" - como se ver meu rosto fosse melhor. A *única* coisa que eles verão é *fogo* literal saindo dos meus olhos e os queimando até ficarem em cinzas.

— Você está dirigindo? — ele pergunta.

Eu fico boquiaberta. — Essa é a primeira coisa que você me pergunta, Richard? — Minha voz aumenta. — É o segundo mês da nossa filha no jardim de infância e ela está sendo chamada para o escritório da diretoria - uma diretoria que está escondendo informações de nós - e você está perguntando se eu estou *dirigindo*?

— Sim, porque eu prefiro que minha esposa fique inteira.

Eu ouço o som de papéis sendo arrumados como se ele estivesse se preparando para sair de casa. — Você não pode deixar as outras crianças sozinhas.

— Claramente eu não deixaria — diz ele. — Estou ligando para Diana e Adalene. — *Nossas babás*. Após um *extenso* processo de entrevista e verificação de antecedentes, contratamos essas duas mulheres, ambas com muita experiência anterior em cuidados infantis. Só as chamamos quando realmente precisamos delas.

Ele provavelmente partirá assim que as babás chegarem a nossa casa.

— Você está dirigindo? — Connor pergunta novamente.

Ryke diz: — Eu estou.

— Maravilhoso. — Seu tom de voz seco é notado. — Não acelere. Eu estarei lá o mais rápido que puder, Rose. Tente não agir de forma exagerada. Não deve ser nada muito sério, senão eles teriam nos avisado. — Sua voz tranquila acalma parte da minha preocupação, mas eu não gosto de como ele está mais focado em *mim* do que na Jane.

— Onde estão suas lealdades, Richard? — Eu testo.

— Com a minha família.

Eu vejo o que ele fez aí. — Tá. — Antes de desligar, falo: — E eu *não* estou agindo de forma exagerada. — Aperto o botão de *desligar* antes que ele rebata.

— Por que eu tive filhos com ele? — Guardo meu celular na bolsa. — Ele é insuportável.

Ryke passa a mão pelo cabelo novamente.

Eu lanço um olhar mortal para ele. — O que você está fazendo? Mantenha as duas mãos no volante.

— Puta que pariu. — Ele agarra o volante. — Me dói dizer isso, mas *ele está certo*. Você precisa se acalmar.

Eu bufo. — Ele nunca me disse para me acalmar. Ele disse para eu não exagerar.

— A mesma coisa, porra.

Eu mostro o dedo do meio para ele.

Ele me mostra o dedo do meio em resposta.

Talvez *a* presença *dele* esteja me frustrando mais - ou talvez eu esteja naturalmente sobrecarregada com o desconhecido. Eu quero respostas. Eu gosto de respostas. Me orgulho de encontrá-las, mas a vice-diretora me deu uma planilha com perguntas censuradas e editadas. Como devo preencher essa coisa sem informações?

Paciência, eu ouço Connor.

Eu reviro meus olhos. Paciência. Claramente não é o meu forte.

Agora estou contando com Ryke Meadows para me levar do ponto A ao ponto B. Ele liga o som e muda de música. Não sei o nome do artista, mas os instrumentos de cordas soam como uma banda indie ou folk.

Dirigimos pela estrada e conto os terríveis segundos que passam agonizadamente devagar.

A paisagem da cidade se transforma em um ambiente mais pastoral: árvores robustas, vegetação e terra exuberante. A Escola Primária Dalton fica à vista, com sua torre do relógio histórica e saliente, projetando-se do telhado de telhas. O edifício de tijolo vermelho desbotado tem duas colunas brancas na entrada e um mastro de bandeira no gramado verde.

Eu saio apressadamente do carro antes que Ryke estacione completamente.

— Vou esperar aqui — diz Ryke.

Eu deixo minha porta entreaberta por um segundo. — Por quê?

— Não quero ficar na porra do caminho e piorar as coisas. — Ele arruma o espelho retrovisor, o que é perturbador, visto que ele está ajustando *depois* que estacionamos.

Eu mudo meu peso para o outro pé, hesitando. — Eu preciso que você venha comigo... pelo menos até o Connor chegar.

Agora ele pergunta: — Por quê?

— Porque... — Faço uma pausa. — Estou realmente irritada e tenho medo do que posso dizer à vice-diretora. A última coisa que

preciso é acidentalmente fazer com que minha filha seja expulsa em seu segundo mês de jardim de infância.

Será que eles podem expulsá-la pelo meu comportamento? Eu pisco algumas vezes. *Essa é uma perspectiva assustadora.* Pior ainda, estou realmente preocupada que algo assim possa acontecer. O que isso diz sobre mim?

Meu temperamento.

Eu sempre mostro todas as minhas garras e meus dentes afiados quando se trata das minhas irmãs, dos meus filhos - da minha família. Não vou recuar, mesmo quando devo.

Lily está certa.

Sou uma das pontas cortantes do trio do temperamento quente. Olho para o meu cunhado, sua agressividade palpável em seus olhos rabugentos.

O Ryke também é.

Mas espero que ele consiga manter a cabeça no lugar dessa vez. Por mim. Talvez seja possível.

Talvez.

Ryke vacila. — Eu posso acabar falando alguma merda, Rose.

— Melhor que o tio boca suja fale do que a mãe bruxa. — Sei que é disso que eles vão me chamar e, como tenho *muito* mais filhos que acabarão frequentando a Escola Primária Dalton, não posso pôr fogo em todas as pontes. Pelo bem deles.

Ryke tira as chaves da ignição. — Você não é uma bruxa. Pela maldita definição do Lo, eu seria um bruxo com você. — Sincero. Temperamental.

— Você não é uma mulher. Você não seria chamado disso — eu lembro, meus olhos frios.

Seu olhar quase suaviza.

Acrescento: — Não vamos esquecer que também chamei Lo de diversos nomes. Nós provocamos um ao outro. É o que fazemos.

Ryke assente. — Estou pensando mais sobre o que minha filha vai ter que lidar nessa porra.

— Se ela for só um pouco como eu, você pode esperar que pelo menos *uma* pessoa a chame de vadia. — Eu bato minha unha na porta. — Você vai entrar comigo?

Ele já está saindo do carro. — Vamos lá.

Juntos, caminhamos pelo chão de cimento até as portas duplas. Espero que o destino tenha algo bom reservado para nós. Espero que uma parte do trio do temperamento quente possa ficar com a cabeça fria só para *uma* reunião.

Isso sequer é possível?

* * *

— Ela fez o que?

— Talvez você deva se sentar — a Sra. Morgan-Stuart sugere pela quinta vez. Abandonei uma das duas cadeiras de madeira que ficam de frente para sua elegante mesa de carvalho. Ryke está em pé ao meu lado como um soldado leal, e eu combato o julgamento quente e pesado da vice-diretora com um olhar penetrante.

Ela me trata como uma garota de dezesseis anos que foi enviada ao escritório do diretor e, para ser bem precisa, essa situação *nunca* aconteceu. Eu me orgulhava de ser uma aluna modelo.

— Não vou me sentar até você explicar por *que* isso justifica uma ligação para os pais. — Eu juro, se eles a punirem por isso, vou criar uma fodida tempestade nessa sala.

— Ela *beijou* um garoto — a Sra. Morgan-Stuart repete.

O primeiro beijo da minha filha foi no jardim de infância. Claro que foi.

— E? — Ryke pergunta, seus músculos tão tensos quanto os meus.

— E foi em frente ao trepa-trepa onde outras crianças podiam ver. Foi altamente inapropriado para alguém da idade dela.

— Ela é uma criança — eu digo. — As crianças são curiosas, e não pode ter sido mais do que um simples encostar de lábios.

— Independentemente disso... ainda foi em um local aberto onde outras crianças podiam ver e ter idéias.

Eu sufoco um barulho enlouquecido que arranha minha garganta. — Foi um pequeno beijo. Você está agindo como se ela tivesse se masturbado em público.

A Sra. Morgan-Stuart fica vermelha. — Sra. Cobalt... — ela repreende e evita os olhos do Ryke. Seu constrangimento é inconfundível.

— Masturbação não é um palavrão — eu refuto. — Não vou me desculpar por dizer algo que todos fazemos.

A Sra. Morgan-Stuart está da cor que a Lily fica quando está com mortificada. — Acho melhor esperarmos pelo seu marido. Sr. Meadows... você deveria sair.

— Ela é minha sobrinha — Ryke refuta, as quatro palavras além de abafadas, como se ele estivesse se esforçando muito para não incluir um *porra*. Eu o observo se sentar mecanicamente na cadeira e levantar as mãos como se dissesse que veio em paz. Então ele assente para mim, *pegue leve com ela, porra*.

Se for preciso.

Sento na cadeira ao lado do Ryke. — Meu marido está a caminho. Eu gostaria de discutir sobre isso agora. — *Eu preciso de mais detalhes.* — O garoto a beijou de volta, ele fugiu, o que mais aconteceu? — Se foi um beijo não solicitado, muda a narrativa.

— Ele a beijou de volta.

Meus ombros relaxam.

— De acordo com os alunos, Jane e Wesley se beijaram mais algumas vezes na bochecha antes da professora intervir. Demos a turma toda um discurso severo sobre o comportamento apropriado entre colegas, mas as crianças estavam muito animadas com a situação. Achamos melhor Jane ir para casa hoje.

Fumaça sai dos meus ouvidos. Juro por tudo que é sagrado. — Você está *suspendendo* a Jane por causa de um selinho nos lábios?

— Só por um dia. Jane ficar na escola é uma distração para os outros alunos.

Eu levanto da minha cadeira, e se Connor estivesse ao meu lado, ele teria me puxado para baixo. Em vez disso, Ryke está ficando de pé *comigo*. Não consigo pensar no resultado negativo de recrutar Ryke como companheiro de equipe.

Eu estou quase soltando fogo pelo nariz. — A *diretoria* que criou alvoroço ao agir como se o beijo fosse a praga.

— Sra. Co...

— Ela não fez *nada* que justificasse a suspensão.

— Wesley está sendo suspenso por um dia? — Ryke pergunta, ainda escolhendo cuidadosamente suas palavras.

Eu bufo silenciosamente, vendo a Sra. Morgan-Stuart perder tempo arrumando papéis em uma pasta bege. — Ele está sendo? — Eu falo.

— Wesley não foi quem iniciou o beijo.

Ryke murmura baixinho: — Você só pode estar brincando comigo, porra.

— Isso é uma loucura! — Eu grito. — Que tipo de lugar é esse? Não enviei minha filha para a Escola Primária de *Beije e Seja Punido.* — Estou a segundos de andar de um lado para o outro.

Ryke esfrega a mandíbula com a barba por fazer de forma agressiva e depois abaixa a mão. — Olha — ele diz para a Sra. Morgan-Stuart — esse é o jardim de infância. Por que você não pode simplesmente dizer a eles *não façam isso de novo* e ponto final, porra.

Ela parece enojada. — Por favor, cuidado com o linguajar.

O deslize estava prestes a acontecer mesmo.

Ryke vira a cabeça e acho que ele está preocupado com o futuro quando sua própria filha entrar no jardim de infância. Ele está se segurando com a sobrinha, tomando cuidado para não passar por mim, mas se isso estivesse acontecendo com a Sullivan, tenha certeza que ele seria tão volátil quanto eu estou sendo.

— Dalton tem valores que serão mantidos — diz a vice-diretora. — Nós apreciaríamos se você conversasse com a Jane minuciosamente sobre o que é impróprio na escola.

— Eu farei isso — digo — e você sabe o que estará na minha lista? Drogas, bullying, roubo, trapaça, *assassinato*. Não um beijo de jardim de infância.

— Por favor — ela tenta argumentar comigo. Estou sendo irracional? — Talvez dê uma boa olhada no que acontece em sua casa... ou nos lugares que seus filhos frequentam.

Ela realmente falou isso.

Sutilmente, ela está falando sobre os vídeos de sexo meu e do meu marido, e o fato de que minha irmãzinha é uma viciada em sexo que mora na mesma rua que nós. Como se todos nós fossemos *super* depravados.

Isso é ridículo.

— Isso é ridículo pra caralho — Ryke rosna baixinho.

Obrigada.

— Seria sensato seguir as regras da escola. Essa exibição dificilmente coloca benevolência no futuro dos filhos de *vocês dois*.

Eu fico quieta.

Ryke e eu acabamos de fazer uma fodida bagunça completa.

[22]

Setembro 2021
Escola Primária Dalton
Filadélfia

CONNOR COBALT

Eu ando pelo corredor silencioso da Escola Primária Dalton. Uma garotinha com uma expressão preocupada espera sentada tristemente em uma cadeira de plástico azul - do lado de fora do escritório da diretora. Ela está vestida com seu uniforme escolar xadrez, com grampos de cabelo verde e meias felpudas rosa e amarelo.

Incrivelmente nada combinando.

Os cantos dos meus lábios se levantam.

Jane Eleanor Cobalt está em busca de sua própria identidade, e sou grato por ser uma testemunha.

Quando me aproximo, Jane se anima um pouco, alívio em seus olhos azuis.

A professora assistente de vinte e poucos anos se levanta e me cumprimenta. — Olá, Sr. Cobalt. Sua esposa está no escritório conversando com a vice-diretora Morgan-Stuart. Eu posso avisar que você está aqui.

— Na verdade, eu gostaria de conversar com a minha filha por um minuto primeiro.

— Sim, claro. Claro. — Ela procura o que fazer, olha para a esquerda e à direita, e decide ir ao banheiro mais próximo, fora do alcance da voz.

Como a diretoria não contou a Rose o que aconteceu, presumo que eles veem Jane como errada. Não acredito que ela seria capaz de machucar alguém. Jane pede desculpas a seus bichos de pelúcia quando os deixa cair. Ela até dá remédio para eles.

Literalmente, ela deu ponche de frutas para o seu leão.

Rose o lavou à mão até as manchas vermelhas desaparecerem, e então eu tive que certificar de que o remédio infantil *real* ainda

estava trancado em nosso armário fora do alcance de Jane.

Eu agacho na frente da minha filha, sardas leves espalhadas no topo de suas bochechas e nariz.

Ela senta na beira da cadeira. — Sinto muito, papai. Eu não sabia... não achei que fosse errado. Princesas fazem isso o tempo todo. — Ela solta um suspiro. — Enquanto eu viver, nunca, *nunca* vou beijar outra pessoa. — Lágrimas inundam seus olhos.

Ela beijou alguém?

Surpresa faz minhas sobrancelhas se levantarem. *Ela beijou alguém.* Eu esperava uma variedade de coisas, mas isso nunca passou pela minha cabeça. Não sei o que sinto. Por um lado, ela é uma criança curiosa. Por outro, ela é minha filha de seis anos, e todos os anos luto contra essa necessidade irreparável que diz, *poupe ela de um coração partido e da tristeza. Você tem o poder de fazer isso, Connor. Faça isso agora.*

Eu ouço Rose, *eles vão sentir mais do que você já sentiu, Richard.*

Eles já começaram.

— Mon cœur. — *Meu coração*. Eu passo meu polegar em suas bochechas, assim que suas lágrimas caem. — Parlons. — *Vamos conversar*.

Jane funga e assente em concordância. — Parlons. — *Vamos conversar.*

Eu descanso um joelho no chão, mas permaneço aqui, mais perto da altura da Jane e não se elevando sobre sua pequena estrutura. — Quem foi essa pessoa?

— Wefley. — Ela fala o nome dele arrastado. Sei que tem um Wesley na mesma classe que Jane.

— Por que você beijou o Wesley?

Muito suavemente, ela diz: — Por causa de Jane e Rochester.

Balanço a cabeça uma vez. — Eu não entendo. — Então me lembro. *O garoto.* O nome dele coincidentemente é Wesley Prescott Rochester. E Jane é um pouco apaixonada pela razão do seu nome.

Minha filha explica: — Jane Eyre se apaixona pelo Sr. Rochester, então eu beijei Wefley para que nosso amor começasse ... e então a senhorita Turner gritou comigo e me arrastou para a sala de aula

pelo meu pulso. — O queixo dela treme. — Eu sinto muito muito. Eu não sabia... — Ela esfrega os olhos.

Repetidamente, passo a parte em que a professora a arrastou pelo pulso na minha cabeça. Meus músculos da mandíbula se flexionam, meus dentes estão cerrados com força. Eu tento lembrar que Jane embeleza suas histórias como sua mãe. Não é totalmente impreciso, apenas hiperbólico.

Eu não perco tempo.

Suavemente enrolo a manga da sua blusa abotoada para cima e verifico seu pulso. De um lado e do outro. Sem machucados ou pele avermelhada. Eu tento me acalmar com esse fato. *Ela está fisicamente bem.*

Calmamente, digo a ela: — Beijar outra pessoa não é errado, mas o amor não funciona assim, Jane. Você não pode beijar todo mundo com o nome Rochester e esperar se apaixonar. — Sinto sua decepção antes de vê-la.

— Mamãe disse que algumas pessoas estão destinadas a ficar juntas. O destino me guiou até Wefley.

Eu quase me encolho com a conversa sobre *destino*, especialmente em conjunto com Jane e *amor*. — Mamãe também acredita em fantasmas. É tudo mera coincidência e parcialmente ficção.

Jane faz beicinho e cruza os braços.

Ela me lembra tanto a Rose agora. Até mesmo com a conversa sobre *destino*, sinto meu sorriso subir. Os momentos preciosos da vida, eu seguro bem perto.

— Meu conselho — eu digo — não busque amor em outras pessoas. Apenas ame quem você é, o suficiente para que não importe se você encontrar ou não seu Rochester. — Rose explicaria isso para Jane da mesma forma.

— Eu posso te amar? — Jane pergunta.

Minha própria mãe teria dito que *não*.

Eu sorrio com as palavras dela. E digo: — Bien sûr, mon cœur. — *Claro, meu coração.* Eu beijo sua bochecha e a levanto em meus braços enquanto fico de pé. Eu a coloco no chão em frente à porta do escritório. — Pronta?

— Oui. — *Sim*.

Quando entramos no escritório, a cena não me surpreende. Rose e Ryke, com os rostos vermelhos de raiva, estão lado a lado como dois fogos de artifício crepitantes preparados para explodir. O que é levemente irritante? Ryke está aqui. Ao lado da Rose. Ele está onde eu devo estar.

— Rose... *Ryke* — saúdo primeiro, seus olhos assassinos passando de mim para a Sra. Morgan-Stuart, que parece aliviada com a minha entrada.

Ela não deveria estar.

A vice-diretora ainda não percebeu que eu sempre serei fiel à minha esposa.

O alívio dela me choca? Não. Desde que me lembro, essa sempre foi uma expressão comum quando entro em uma sala. Eles podiam muito bem estar murmurando, *graças a Deus que Connor está aqui.*

Eu sou Deus em todos os cenários.

Jane se esconde atrás das minhas pernas, com medo da vice-diretora. Eu mantenho uma mão reconfortante em seus ombros.

— Jane acabou de me explicar o que aconteceu. — Meu olhar se volta para Ryke.

Ryke levanta as mãos em defesa. — Eu não fiz nada que você não faria, porra.

— Nossas ações nunca são semelhantes. Eu uso o banheiro. Você usa a floresta — digo na frente da vice-diretora. É por isso que Ryke solta uma risada curta e espantada, como se eu fosse o maior idiota do mundo. Ele não se importa com o que as pessoas pensam, mas ele nunca insultaria outra pessoa na frente de desconhecidos como ele acredita que eu faço.

Eu apenas digo a verdade.

Outra verdade: eu nunca teria instigado Rose nessa situação como ele fez.

Ele estende os braços. — Você quer que eu vá embora, porra? Eu vou embora. Rose foi quem me pediu para vir aqui.

Eu já sei o porquê. Rose queria outra voz, talvez até no caso de ela ficar volátil demais.

Ela *me* queria.

Mas Ryke é confiável. Ele estava aqui quando Rose precisou de alguém, e eu valorizo esse atributo. Eu valorizo *ele*. — Eu gostaria que você ficasse, meu amigo — digo a ele.

Ele apenas assente uma vez antes de Rose irromper.

— Eles estão suspendendo a Jane hoje — Rose diz calorosamente, com as mãos nos quadris — *e* eles estão se recusando a suspender Wesley.

Entendo. Dou alguns passos calmos em direção à sra. Morgan-Stuart, e Jane corre para o lado da mãe, sussurrando baixinho para ela.

A vice-diretora se levanta. — Eu estava dizendo à sua esposa que temos um código de conduta aqui na Escola Primária Dalton e não podemos ignorar o que a Jane fez.

— Entendo — digo calmamente.

Ela até me oferece um sorriso grato. — Então veremos Jane amanhã.

— Sim, vocês irão. — Corro meus dedos pela borda da mesa dela. — E quando a levarmos para casa hoje, ensinaremos a ela sobre o sexismo dentro desse sistema escolar. Então, obrigado por nos dar a oportunidade de lembrar à nossa filha que a vida é cheia de iniquidades.

Rose se enche de orgulho, e quando ela me pega olhando, ela não o esconde. *Eu o amo* está escrito em todas as suas feições.

A vice-diretora parece microscopicamente pequena.

Eu também tenho esse efeito nas pessoas.

Antes de sair, digo: — Minha filha pode usar palavras para expressar os sentimentos dela, e eu esperaria que o corpo docente da Dalton fizesse o mesmo. Da próxima vez que uma professora ou professor arrastar fisicamente um dos meus filhos, você me verá em circunstâncias diferentes e com muito menos passividade.

Rose, ao meu lado, sussurra calorosamente: — Eles o *que*?

A vice-diretora gagueja. — Isso... nós não toleramos *isso*. Eu prometo.

Ainda temos *muito* mais filhos que irão frequentar essa escola. Jane é apenas a primeira, mas eu estava preparado para que os alunos e o corpo docente os *vissem* de maneira diferente.

Eu até entendi que isso poderia se traduzir em ser *tratados* de maneira diferente. Eu ficaria nesse escritório com milhares de palavras para auxiliá-los, ajudá-los - para levantá-los. Não tenho dúvidas quanto à minha capacidade de proteger meus filhos, por isso não temo nada.

Eles que deveriam me temer.

A última coisa que digo à vice-diretora a deixa pálida e muda.

— Somente minhas promessas podem ser confiáveis — digo a ela — então suas palavras são insignificantes para mim.

< 23 >

Outubro 2021
Casa do Eddie
Costa Rica

DAISY MEADOWS

Eddie é um dos mais antigos amigos de escalada do Ryke e viaja frequentemente à Venezuela, Peru e Chile para escalar novas faces de rochas. Sempre que Eddie sai de casa por mais ou menos uma semana, ele convida Ryke e eu para ficarmos em sua propriedade vazia. Uma casa alojada em árvores arranha-céus e localizada em uma parte remota da Costa Rica - aceitamos sem nem pensar duas vezes.

Sem eletricidade.

Uma casinha.

Um poço para a água.

Em nossas viagens para cá, sempre finjo que Ryke e eu estamos presos juntos em uma floresta tropical, como *A Lagoa Azul* ou *A Cidadela dos Robinsons*.

Dessa vez, temos companhia.

Uma menina nua de três anos pressiona seus dedos minúsculos contra uma janela que vai do chão ao teto. Ela ofega com admiração e reverência, nariz no vidro. Eu sorrio largamente, ajoelhada atrás dela enquanto seco seus cabelos ensopados. Aperto uma toalha de algodão em volta dos fios castanhos escuros, gotas de água rolando ao longo de sua pele bronzeada.

Folhas de palmeiras batem na janela, sem persianas ou cortinas, mas Ryke, sem saber, cativa nossa filha. Do lado de fora, Ryke se equilibra no parapeito do deck e segura uma corda, uma amarrada a uma árvore a cerca de três ou quatro metros de segurança. Sem piscina, sem lago, apenas a floresta tropical para se balançar em direção a ela.

Eu sussurro perto do pequeno ouvido da Sulli: — Você quer ver o papai?

Ela assente como se eu tivesse oferecido a melhor barra de chocolate do mundo.

Largo a toalha, levantando o bebê nu mais macio em meus braços e passo meu nariz no dela com uma declaração calma: — Eu também o amo. — Eu destranco a porta. Ryke colocou trava à prova de crianças no momento em que chegamos. Estamos *alto* nas árvores, e nós dois continuamos imaginando Sulli correndo do deck em alegria e *caindo* para... bem, não seria um final feliz.

Enquanto deslizo descalço para fora, mantenho Sulli aninhada no meu quadril. Ryke se vira para nós, e eu assobio sugestivamente para seu corpo de um metro e noventa e olhos sombrios e perigosos que dizem, *porra, eu estou te vendo e ouvindo, Calloway*.

Balanço apenas minha sobrancelha direita.

Ele quase sorri, mas seu olhar forte desce para o meu corpo em topless, seios expostos, vestindo apenas calcinha de algodão verde neon. Ele levanta as sobrancelhas ao ver meus pés, que atualmente estão muito amigáveis com o deck sujo. — Você não acabou de tomar banho?

— Eu prefiro ficar suja com você.

Agora ele sorri.

— Posso tocar? — Sulli pergunta, esticando a mão para a corda. Seus curiosos olhos verdes passam do seu pai para mim. Ryke faz um movimento de *vem pra cá* com os dedos.

Eu me aproximo, não estou prestes a colocar nossa bebê totalmente limpa no deck. Ter Sulli por perto mudou nossa dinâmica mais do que pensávamos.

Pequenas coisas: nunca usamos a banheira daqui antes. Nós sempre tomávamos banho frio no deck juntos. Agora, com uma criança pequena no meio, Ryke passou uma hora coletando quatro baldes de água do poço, aquecendo o líquido no fogão a lenha e enchendo uma banheira.

Coisas maiores: não estou no parapeito ao lado do Ryke. Onde eu estaria se não tivesse Sulli em meus braços. Mas eu também não estou banida dessa ação. Balancei na corda ontem, enquanto Ryke estava com Sulli nos braços *dele*.

Nesse momento suave e tranquilo, nós dois deixamos Sulli inspecionar a corda. Nós pensamos em prender Sulli no peito do

Ryke e deixá-la balançar assim, mas decidimos não arriscar depois que o vento sacudiu os galhos e eu tive problemas para voltar ao parapeito.

— Como essa merda é chamada, Sul? — Ryke pergunta.

— Corda. — Ela abraça uma parte ao peito, como se estivesse abraçando sua estrela do mar de pelúcia. — Posso balançar? *Por favor*. — Ela olha para Ryke com grandes olhos de corça suplicantes. Ele ainda não conseguiu dizer *não* a essa expressão inocente e sincera.

Ele murmura baixinho: — Porra. — Ele passa a mão pelos cabelos grossos.

Eu balanço de um lado para o outro, Sulli balançando comigo. Ryke encontra meu olhar, não incerto. Ele *sabe* que não podemos permitir que ela balance, mas ele faz uma careta, odiando ter que dizer *não* a Sullivan para algo que ela possa amar.

Eu sussurro para ele: — Ei, pelo menos ela perguntou. — Nós não ensinamos Sulli a perguntar *"tudo bem se eu fizer isso?"* mas ela pergunta com mais frequência do que se aproxima das coisas.

— *Por favoooooor* — ela pede novamente, segurando a corda em uma fortaleza de criança.

Eu beijo sua bochecha gordinha, lutando para dizer *não* tanto quanto Ryke, mas alguns eventos não posso dar permissão. Independentemente disso, estamos aqui na Costa Rica com uma filha que pensávamos que nunca teríamos. Não importa o que aconteça, não importa onde vamos, nós estamos vivendo uma aventura incrivelmente grande.

Começo a sorrir para Ryke, nossos olhares nunca desviando um do outro, e murmuro: — O perigo de tudo isso.

Elevando sobre mim, suas feições sombrias se rompem, a luz o atravessando. Ele bagunça meu cabelo, o sol da tarde brilhando entre folhas de palmeira e banhando seu peito nu. Eu assisto Ryke esculpir esse momento, absorvendo minhas feições e as de sua filha, quase desacreditando que esta seja sua vida. Que estamos todos juntos. Que estamos aqui com ele.

— Por favor? — Sulli pergunta com tristeza dessa vez, seus cabelos castanhos frisando.

Ryke se inclina e beija a cabeça de Sulli. — Quando você for mais velha nessa porra.

Ela olha para mim atrás de uma resposta diferente, mas Ryke e eu estamos quase sempre na mesma página quando se trata da Sulli. — Você é pequena demais para conseguir segurar por muito tempo e vai deslizar *atéééé* lá pra baixo. — De verdade, ela cairia mais de seis metros, mas tentamos não incutir medo ou assustá-la com a conversa sobre a *morte*.

Sulli faz uma careta. — Mais velha quanto?

Estico meu braço livre. — Muito, *muito* velha.

Como se fosse promissor, ela diz com uma enorme convicção: — Estou muito, *muito* velha agora.

— É? — Ryke se segura na corda, ainda de pé no parapeito. Ele coça o tornozelo com o pé direito, agindo como se estivesse de castigo quando *definitivamente* não está. — Quantos anos você tem?

— Sete. — Ela tem três anos.

Eu ofego, de brincadeira. — Você tem sete anos?

— Eu sou velha igual você e o papai. — Sulli estica um braço em direção a Ryke, mas sentindo o risco, ele se recusa a tirá-la do meu colo. Trovões retumbam, nuvens escuras começando a cobrir o céu.

— Nós todos temos sete anos, então? — Eu distraio Sulli, tirando a corda de seus dedos. Eu deixo o excesso para que Ryke possa balançar. Ele sussurra para mim, *cama*?

Eu finjo confusão e sussurro, *sexo*?

Outra mudança: ele me empurraria fisicamente ou talvez me chutaria de brincadeira se eu não tivesse com Sulli nos braços. Ele para e diz: — Fofa, Calloway.

Os pássaros cantam sobre o trovão ecoante, um ninho de quetzal nas proximidades. Sulli passou duas horas só fazendo “ooh” e “ahh” vendo suas penas verde-limão da cauda, lindo peito vermelho e constantes chilrear ontem. Acho que o barulho também afasta sua mente da corda.

Ela descansa a bochecha no meu peito, torcendo uma mecha do meu cabelo loiro ao redor do dedo. — Papai tem oito anos. Você tem vinte-alguma coisa-dois-anos. Eu tenho sete.

Eu ando de costas para a porta, olhando para Ryke o tempo todo. — Você ouviu? Nossa filha já tem sete anos.

— Foda-se isso. — Ryke agarra a corda. — Não estou envelhecendo minha filha de três anos.

Não estou envelhecendo minha filha de três anos. É mais do que apenas uma declaração. É como nós vivemos até agora.

Nós ingerimos todos esses momentos como se eles fossem nosso último. A última vez que seguramos um bebê. A última vez que ela puxa meu cabelo. A última vez que ela nos pede para balançar. Nós valorizamos tudo.

Ela pode até ser a nossa única filha. Concordamos em não abrir a porta da barriga de aluguel até que Rose tenha *certeza* de que está pronta, e não estamos com pressa de ter outro bebê.

Rose acha que eu sou altruísta, mas ela me colocaria em primeiro lugar, antes de si mesma, nessa situação. *Sou sua irmã*, ela diria, mas ela não precisa fazer esse sacrifício por mim. Rose merece uma família do tamanho que ela imagina, e eu não vou impedi-la desses sonhos.

— Quem tem três anos? — Sulli pergunta.

— Você tem, bobinha. — Planto um beijo brincalhão e babado contra sua bochecha, e ela ri, chutando os pés. Fecho a porta gentilmente atrás de mim e depois coloco Sulli no chão. Coconut se aproxima de nós, abanando a cauda.

Coconut *ama* Sullivan como se ela fosse a alma da minha felicidade. Ela protege a bebê, cutuca a bochecha de Sulli com o nariz molhado, até que Sulli ria e se agarra ao pêlo branco e macio de Coconut.

Enquanto estávamos fazendo as malas para a Costa Rica, Sulli perguntou: — A Coconut vai?

— Você quer que a Nutty vá com a gente? — Ryke perguntou.

Sulli assentiu. — Ela é minha melhor amiga.

Sulli beija o topo da cabeça de Coconut, como ela já me viu fazendo mil vezes antes. A husky branca fica mais contente quando estamos todos contentes, mas seus ouvidos permanecem atentos e alertas. Como se nos manter seguras fosse o trabalho principal dela.

Eu dou um tapinha na bunda nua de Sulli. — Sobe na cama com a Coconut. — Vou colocar o pijama nela em breve. A pequena casa

tem apenas um quarto: banheira com pés de garra, fogão a lenha, cama de madeira, pequena cozinha e mesa redonda para quatro pessoas.

Sulli pula na roupa de cama branca e macia e chama a cachorra. Coconut segue e fica ao lado da criança.

Enquanto limpo meus pés com uma toalha, observo Ryke pelas janelas. Segurando a corda com apenas uma mão, ele sai do parapeito. Ele gira cerca de quatro metros, folhas de palmeira roçando seu corpo. Eu respiro fundo, praticamente sentindo o oxigênio correr através de mim enquanto ele corta o ar.

A corda fica estagnada e ele sobe em direção ao nó, quase desaparecendo na folhagem. Então ele desliza através de um galho grosso como uma barra de macaco - até cair no deck.

Louco.

As pessoas atribuem essa palavra a mim, mas ela se encaixa no Ryke tanto quanto, até mais.

Também não tenho sua incrível força na parte superior do corpo, então quando eu balancei ontem, ele teve que me puxar de volta para o deck com uma vassoura.

Cerca de quinze minutos depois, termino de ajudar Sulli a se vestir para dormir, e a aconchego sob um edredom branco e arejado e travesseiros leves. Eu desenho círculos suaves ao longo do braço dela enquanto ela examina uma mecha do meu cabelo e minhas feições de perto.

— Por que as pessoas dormem? — Sulli pergunta com um bocejo suave, lutando contra o sono que quer afastá-la.

Dormir. Tem sido um inimigo e um amigo, e hoje em dia eu dou boas-vindas ao sono. Eu *preciso* dormir, assim como ela. — Porque reabastece sua energia. Então, quando você acorda, está pronta para brincar e ir para a escola...

Ela faz uma careta com a palavra escola. Ainda não a colocamos na pré-escola porque ela recua diante da ideia de ficar presa do lado de dentro. *Vai ter piscinas? Vou poder ir lá fora? Onde vou ficar o dia todo?*

Contamos a ela sobre o recreio, mas ela ainda acha que a escola é sobre *trabalhos*. Independentemente de ela querer ir ou não, a escola é um requisito e ela precisa ir em algum momento.

Ela fala baixinho, a chuva começando a bater contra as janelas. — Se eu não dormir, posso faltar na escola?

Eu murmuro: — Não. Você ficará muito, *muito* cansada na escola.

Coconut levanta a cabeça quando Ryke entra, uma toalha enrolada na cintura. Roubo um segundo para admirar seu corpo, um que dorme pressionado contra mim todas as noites. Aposto que ele tomou banho lá fora, mas a chuva o encharcou novamente.

Quando ele me pega olhando, suas sobrancelhas se erguem para as minhas e eu mimo um uivo, um verdadeiro canto de acasalamento. Ele mostra o dedo do meio para mim, um sorriso brincando em seus lábios, um *vai se foder* tão amoroso quanto Ryke pode fazer.

Eu me concentro em convencer Sulli a dormir enquanto ele veste uma cueca boxer. — Você não quer dormir?

Sulli diz suavemente: — Eu quero ficar acordada com você.

Ela está com medo de perder algo. — O sono é uma das melhores coisas do mundo. Adivinha o porquê.

Sulli pensa, com os dedos nos lábios, depois balança a cabeça. — Não tem nada de bom em dormir.

— Tem sim — eu respiro. — Quando você dorme, você *sonha*. Coisas incríveis acontecem nos sonhos, Sulli. Você pode *voar* e nadar para sempre, e comer todos os doces que já existiram. Coisas grandes e maravilhosas acontecem nos seus sonhos; portanto, toda vez que você fechar os olhos, pense em todos os lugares que irá. Todas as criaturas que você encontrará.

Os olhos verdes de Sulli voam para cima e para baixo do meu rosto. — Você vai estar nos meus sonhos?

— Às vezes — eu sussurro.

— E o papai?

— O que tem eu? — Ryke sobe na cama, deitando do outro lado da nossa filha. Coconut aos nossos pés. Ele apoia a cabeça na mão e olha para nós.

— Ela quer saber se você estará nos sonhos dela.

Ele deve ter ouvido minha resposta porque diz: — Às vezes.

Sulli parece pensativa. Espremida entre nós, ela estica a mão para a minha bochecha e toca minha longa cicatriz. Sinto Ryke assistindo Sulli me inspecionar. Não é a primeira vez que ela traça a

cicatriz, mas é a primeira vez que dá atenção e dúvidas piscam em seus olhos enquanto ela traça a forma.

O único som é o bater da chuva e nossas respirações suaves. Sulli então coloca o dedo na cicatriz na sobrancelha do Ryke. *Do motim em Paris*. Então a mãozinha dela cai no abdômen dele, vendo a cicatriz grossa entre as costelas, cortando e indo para o lado. *Da cirurgia do transplante.*

Sulli olha para Ryke, depois para mim, e ela sussurra: — Vocês precisam de Band-Aids?

— Não — Ryke diz com um balançar de cabeça. — Esses machucados são velhos pra caralho, querida.

Sete anos se passaram desde Paris.

Sulli estuda minha bochecha mais uma vez. — Como você conseguiu esse dodói? — Ela rola em direção a Ryke e aponta para cima. — E esse dodói? E o que é isso? — Ela gentilmente roça a cicatriz do transplante, não querendo machucá-lo.

Ryke estica o braço por cima da Sulli e de mim, sua palma no meu ombro em conforto. Eu já pensei sobre o que eu diria a ela, mas todas as palavras desaparecem. Eu olho para Ryke em busca de ajuda, porque eu continuo pensando em um prego em um pedaço de madeira, rasgando meu rosto.

— Tivemos um acidente do caralho. — Seu tom é suave, apesar do palavrão. Ele gesticula da minha cicatriz da bochecha para a sua pequena cicatriz na sobrancelha.

O rosto de Sulli se contorce com a palavra *acidente.* — O que é isso?

Explico: — É um evento de má sorte, mas estamos melhores agora.

— Vocês tiveram má sorte?

— Bastante. Mas adivinha só? — Me aproximo e me aconchego.

— O que? — ela sussurra.

— Você nos trouxe *toda* a sorte do mundo. — Eu beijo o nariz dela. — Então não haverá mais acidentes.

Sulli se senta e coloca a mãozinha na minha bochecha. Ela beija minha cicatriz, como já viu seu pai fazer antes. — Mamãe — ela diz suavemente. Um momento passa enquanto ela reúne seus

pensamentos, mas mantemos os olhares, nossos olhos da mesma tonalidade de verde. — Você é a sereia mais bonita de todo o mar.

Lágrimas enchem meus olhos. Eu já expressei esse sentimento para *ela* antes. — Você que é, Sul.

— Não, você. — Sullivan olha para minha cicatriz como se eu não fosse *eu* sem ela, e então ela olha para Ryke em busca de confirmação.

— Vocês duas são lindas pra caralho. — Ele se senta contra a cabeceira da cama, com o joelho dobrado. Ele bagunça o cabelo de Sulli até o sorriso dela tomar conta do seu rosto.

Eu sussurro melancolicamente para Sulli: — Durma, sonhe. — *Paz*.

Ryke e eu puxamos as cobertas até os ombros dela. Ela não está pronta para dormir, mas nós a observamos, esperando, e ela fecha os olhos dessa vez. Repasso tudo o que ela disse na minha cabeça, todo o seu amor por nós me esmaga e olho para o meu marido.

Ele coloca uma mecha do cabelo de Sulli atrás da orelha dela, mas seus olhos duros pousam em mim.

— Estou viva — sussurro — por esse tipo de momento. — Na Costa Rica, há muito tempo, ele proclamou isso embaixo de uma cachoeira.

Você está viva, Daisy Calloway, por esse tipo de momento.

Ryke aperta os olhos por um segundo, e quando ele abaixa a mão, a emoção vem à tona, seu sorriso me dominando. Eu esfrego meu rosto, meu próprio sorriso choroso explodindo. Eu nunca fui tão feliz igual agora. Eu nunca amei tanto assim, mas meus ossos vibram com *vida* - com cada pedaço de respiração que respiramos. Com toda a alegria que gritamos.

Encapsulo esse dia quieto, esse momento, esse segundo, o guardando gentilmente. Eu nunca quero perder esse sentimento, mas se algum dia ele diminuir, lembrarei que posso encontrar tudo de novo. Enquanto eu estiver vivendo. *Apenas espere*.

* * *

Sullivan finalmente adormece, e Ryke e eu saímos da cama, tomando cuidado para não acordar nossa filha. Passo na ponta dos

pés por Coconut, e Ryke gesticula com a cabeça em direção à porta. Eu sigo, nós dois saindo silenciosamente e trancando a porta, para que Sulli não possa sair.

Ainda está uma garoa leve. Ryke coloca a palma da mão parte inferior das minhas costas e me leva a uma mesa de piquenique de madeira, seca por causa de uma saliência do telhado no deck. A caminhada parece lenta com antecipação, a tensão serpenteando entre nós no silêncio. Eu fico quente quando seu olhar escorre pelo comprimento do meu corpo, principalmente às minhas mãos em constante movimento. Torço o elástico da minha calcinha.

Eu o estudo com uma fome, olhos roçando seus abdomens e a protuberância em sua cueca boxer.

Sulli está quase sempre conosco, então infiltrar sexo aqui e ali se tornou uma aventura. Ryke tem um talento especial para me puxar para o chuveiro com ele. Eu tenho um talento especial para puxá-lo para a despensa, bem contra a calda de chocolate e as caixas de cereal de granola.

Ryke *adora* fazer sexo ao ar livre, então sempre que estou com vontade e o momento é certo, nós apenas *vamos*. Eu o assisto me observar, e ele engancha o dedo na minha calcinha, olhando para baixo. Lábios fechados. A parte de trás das minhas pernas atinge o lado da mesa de piquenique, me parando. Atacamos um ao outro ao mesmo tempo, minhas mãos sobre os seus ombros, as costelas, a tatuagem de fênix e o bíceps.

Ele me beija, separando meus lábios com sua língua, lutando, sem engasgar. Hábeis movimentos naturais que prendem meu corpo ao dele e seu corpo ao meu.

Ryke apalpa minha bunda debaixo da minha calcinha, a outra mão subindo até o meu peito. Ele aperta, seu polegar roçando meu mamilo endurecido. Meu choramingo agudo formiga contra seus lábios. Ele é forte como pedra, alto como todas as montanhas e sombrio como lobos solitários.

A maneira como suas mãos exploram meu corpo, eu me sinto *amada*. Cuidada. Como se cada centímetro fosse precioso para ele. Como se ele nunca fosse me fazer mal, nunca fosse se aproveitar, e sempre, *sempre* vai ouvir o que meu corpo diz. O que *eu* digo.

Ryke abaixa minha calcinha e eu saio dela. Corro minhas mãos sobre sua mandíbula com a barba por fazer, até seus cabelos grossos, e ele acaricia meu rosto até que eu levanto meus lábios, capaz de beijá-lo com mais força, com mais paixão. Seus músculos flexionam contra mim, e eu não posso deixar de sorrir.

Eu separo nossos lábios, apenas o suficiente para sussurrar: — Posso assistir você?

A excitação de Ryke escurece ainda mais seus traços, o que faz meu interior vibrar. *A emoção de tudo isso.* Ele está tão excitado, o contorno de sua ereção visível em sua cueca boxer.

Ele coloca a mão sobre o meu calor, tão levemente, como se estivesse me protegendo dos elementos. Sua mandíbula áspera roça a minha, seus lábios pairando sobre o meu ouvido quando ele sussurra: — Você quer assistir eu me tocando, Calloway? É isso que você quer, porra?

Meu coração bate *forte*. — Definitivamente, sim.

Seus dedos roçam meu clitóris e eu estremeço. Ele me solta e depois sobe na mesa de piquenique. Há *tantas* janelas na pequena casa. Não importa para onde vamos no deck, a cama está à vista. *Ela está dormindo*, eu continuo dizendo a mim mesma. Eu *não* quero que Sullivan nos veja.

Dou alguns passos para trás, em direção ao parapeito. A chuva molha meus cabelos e rola pelos meus braços e estômago. Ryke descansa as solas dos pés no banco, a bunda na mesa e ele tira a cueca boxer. Minha respiração fica superficial e eu me inclino atordoadamente contra o parapeito, meu corpo tremendo só com a visão.

Estou excitada hoje, meu sangue está quente.

Ryke percebe, mas ele escuta o meu pedido. Ele me deixa observá-lo cuspir na palma da mão e depois agarrar seu eixo. Ele descansa a outra mão sobre a mesa, também ligeiramente inclinado para trás. Ele se masturba, de cima a baixo, de cima a baixo, com os olhos sempre em mim.

Eu me toco, minhas mãos nos meus seios, depois para baixo.

A cabeça dele se inclina para trás. — Porra — ele resmunga. Então ele balança o quadril para frente, sua mão se movendo mais

rápido ao longo de seu pênis. Meu pulso acelera, o suor cresce mais rápido do que a chuva pode lavá-lo.

Seu olhar voa de sua ereção para mim. — Vem aqui, amor.

Minhas mãos caem para os meus lados, e eu me aproximo dele. Ele sabe como me fazer gozar melhor do que às vezes eu sei. Rapidamente, ele usa as duas mãos para agarrar meus quadris e me levanta para a mesa. Eu estou de pé. Ele empurra a parte inferior das minhas costas até que eu esteja alinhada com a cabeça dele. Enquanto ele está sentado assim, ele tem a altura perfeita para me beijar entre as pernas.

A sensação quase faz os meus joelhos dobrarem. Eu agarro seu cabelo, e ele agarra minha bunda, sua língua fazendo *maravilhas* para mim. Eu choramingo, de boca aberta e sem fôlego. Eu observo como sua mão direita volta para o seu pau. *Meu Deus*.

Sua língua faz uma coisa - eu choramingo tão alto que cubro minha boca com a mão. *Puta merda.*

— Eu não consigo... — Estou cega. *Ahhhh... ai meu Deus!!*

Essa é uma das vezes que eu gozei mais rápido, então ele muda de posição sem esforço, fazendo uma transição para me deitar de costas na mesa. Antes mesmo de eu piscar. Antes mesmo de eu descer dessa montanha. Seus dedos acariciam meu calor, me elevando. *Me elevando*.

Eu levanto meu quadril, pernas lutando embaixo dele. Ele está com um joelho em cima da mesa, pairando em cima de mim, e ele se masturba. *Ah*... eu não consigo fechar minha boca.

Eu o encaro de cima a baixo, morrendo de prazer. — Ryke — eu choramingo. Sua masculinidade troveja acima de mim, e eu assistiria a essa bela tempestade de manhã, de tarde e de noite.

Querido Deus, o dê sempre para mim.

Eu imploro com os olhos para ele me encher, e minhas costas continuam arqueando para retribuir todas as sensações de quebrar os nervos. Eu arranho minhas unhas em seus braços. Ele brinca com meu clitóris.

Eu acendo, os olhos revirando. *Porra. Porra*.

— Dais — ele geme, sua bunda flexionando quando ele balança para frente, desejando estar dentro de mim. Ele cospe na palma da mão novamente, sem lubrificante. Nós não trouxemos lubrificante.

— Estou molhada? — Pergunto em uma respiração curta, praticamente ofegante. Não consigo recuperar o fôlego como ele. Meus ombros roçam na mesa de madeira dura.

— Sim. Não se preocupe com essa porra, Dais. — Eu vejo seus dedos molhados, mesmo que ele nunca tenha os colocado dentro de mim. Ele esfrega sua ereção apenas duas vezes mais, ainda não gozando. Então ele me levanta em seus braços, me colocando de pé no deck, e ele me beija com tanta fome que meu corpo puxa o dele. Eu ando para trás enquanto ele anda para a frente.

Minha coluna bate no parapeito.

Ele levanta uma das minhas pernas e coloca ao redor de sua cintura, seu pau pressionado contra mim. Eu fico tonta, e ele faz uma pausa por um momento para que eu possa respirar algumas vezes. Ele me observa de perto, suas sobrancelhas se erguendo para mim, meus próprios olhos vidrados.

— Puta... — *merda*. Eu ofego.

A chuva bate nos seus ombros e ensopa seus cabelos. — Como foram esses orgasmos, Calloway?

Eu sorrio. — Muito, *muito* eufóricos. — Ele ainda é o único que pode me fazer gozar, e eu *nunca* nem tentaria com outra pessoa. — Fale ao meu marido que eu agradeci?

Com o seu corpo contra o meu, ele diz: — Prefiro dar outro a você e empurrar a porra do meu pau dentro de você.

Meu Deus.

Eu latejo, mas meu olhar se volta para a janela. Se Sulli acordasse, ela veria a bunda dele e uma das minhas pernas em volta da sua cintura.

— Ei — Ryke diz baixinho, sua mão de repente na minha bochecha. Suas sobrancelhas franzidas. — Qual o problema, porra?

IEu seguro sua cintura. — Sulli... janelas...

— Não pense sobre essa merda.

Espero que o corpo dele me distraia, mas nem mesmo a visão constante de sua ereção me impede de espreitar por cima do seu ombro. Em direção à janela.

Ryke me gira e eu agarro o parapeito enquanto ele fica atrás de mim. Ele abre minhas pernas um pouco mais com o pé. Nós não transamos nessa posição frequentemente, então ele tem que ajudar

a me inclinar. Puxando meus quadris para trás, esticando meu torso para que eu não fique muito reta.

Viro um pouco meu pescoço por cima do ombro, mas apenas para olhar para ele. Ryke empurra sua ereção contra a minha abertura, e eu aperto com a expectativa, o corpo zumbindo.

Ele está prestes a me foder por trás, *não* na bunda. Um gemido fica preso na minha garganta mesmo antes que ele empurre, nossos olhares travando. Encontro fôlego para dizer: — Que animal, aquele Ryke Meadows.

Ryke literalmente tem meus quadris em suas mãos, sua expressão apenas mil vezes *eu vou te foder, amor.*

Essa posição primordial gera calor ao nosso redor, embora eu tenha dificuldade em nos assistir, a menos que ele filme o ato. O que não fazemos mais.

Mas eu estico meu pescoço o máximo possível, querendo ver. Ele lentamente, centímetro por centímetro, me enche com seu pau. Eu ofego, um grito preso. Aperto o parapeito com mais força e minha cabeça cai. Ele empurra contra a minha bunda, a fricção algo selvagem. Eu tremo, e não muito tempo depois, ele me levanta um pouco, segurando meu rosto. Ele me beija enquanto me fode por trás.

Eu mal consigo me manter de pé, luz atravessando meu cérebro.

Quinze minutos depois, a plenitude roça contra todos os nervos. Estou derretida em seus braços, e ele me segura contra seu peito e se afunda mais. Eu choramingo e choramingo, todos os sons de prazer, e ele grunhe no meu pescoço: — Porra... Dais. *Porra*.

E depois…

Toc. Toc.

— Papai! Mamãe!

Toc Toc.

Eu congelo, atingindo um clímax que sai mais rápido que os outros dois. Olho por cima do ombro, nossa filha de três anos está na porta com sua estrela do mar de pelúcia, batendo levemente na porta. Ela olha *diretamente para nós*.

— Ryke... — Eu não tenho idéia do que fazer. Sulli pode ver o corpo nu dele contra o meu como se fossemos dois animais acasalando na National Geographic.

Ryke já está olhando por cima do ombro, depois de volta para mim. — Ei, ela não vai se lembrar de nada disso, Calloway. Porra, relaxe.

Eu devo parecer horrorizada.

Ele tenta me animar bagunçando meu cabelo, mas está muito úmido para bagunçar. Eu simplesmente foco nas palavras dele: *ela não vai se lembrar de nada disso.* Ela é tão jovem. Alivia meus ombros. Ryke puxa gentilmente para fora de mim e eu desloco o resto dos meus sentidos.

— Vou ver o que ela quer.

Antes de eu ir, Ryke beija meus lábios e pergunta: — Você está bem?

Ele quer dizer fisicamente depois do sexo. — Acabei de ter cinco milhões de orgasmos. Eu acho que estou melhor do que bem.

— Cinco malditos milhões?

— Eu sei que você está com ciúmes de meu marido, mas ele é simplesmente *tão* bom em sexo. — Eu balanço minhas sobrancelhas, andando para longe dele, e parece que tudo o que ele quer fazer é me puxar de volta para seus braços.

Entro em casa e me agacho para ficar do tamanho da Sulli, Ryke colocando sua cueca boxer muito mais longe de nós. — Ei, você. Por que não está na cama?

Ela esfrega os olhos cansados com um punho. — Vi que você não tava lá... e fiquei com medo. — Ela espreita curiosamente atrás de mim. — O que você e o papai... — Ela boceja e esquece *essa* pergunta. Eu poderia encontrar uma maneira de responder, mas estou feliz por não precisar.

Eu cutuco o braço dela com o meu. — Você sabe quem *sempre* irá te proteger, mesmo enquanto você dorme, mesmo quando papai e eu não estamos por perto?

— Quem? — ela pergunta.

— Coconut.

Sulli gira e fica na ponta dos pés, olhando para a husky branca. Ela está deitada contente ao pé da cama, nos observando, constantemente alerta, um sorriso em seus grandes olhos azuis, como se dissesse *eu também amo vocês.*

Sem outra palavra, Sulli enfrenta esse lugar estrangeiro e volta para a cama, se agarrando no animal familiar. Coconut a recebe com uma lambida na bochecha.

Eu sei que a vida é diferente com um bebê. As pequenas e grandes coisas, mas eu sorrio a cada novo momento, a cada segundo louco. Eu não trocaria nada.

{ 24 }

Outubro 2021
Escola Primária Dalton
Filadélfia

LOREN HALE

Dia da carreira.

Moffy precisava levar um de nós para a escola, apenas para falar sobre nosso campo de trabalho na frente de seus colegas de classe e de outros pais. Na escola preparatória, plagiei os trabalhos, me recusei a fazer apresentações (mesmo que valessem a metade da minha nota) e colei nas provas colocando as respostas na manga da minha camisa.

Não sou exatamente a pessoa que você quer apresentar ao seu professor ou a pessoa que você quer que *fale* em uma sala cheia de crianças. Lily e falar em público - eles também não vão bem. Ela tropeça nas palavras e começa a suar.

Para ver quem participaria do dia da carreira, fizemos a coisa madura e jogamos pedra-papel-tesoura.

Eu perdi.

Então, eu estou sentado na menor cadeira de plástico, uma fileira delas empurradas contra a parede para os pais. Todos esperamos a nossa vez.

Se você me dissesse aos vinte anos - dez malditos anos atrás - que eu estaria sentado aqui hoje, fazendo um discurso para a turma do jardim de infância do meu filho de seis anos, eu teria rido de você. Então eu te lembraria que *nunca* teria um filho e o sujeitaria a uma vida de dor e miséria.

A uma vida comigo.

Meu antigo eu está sentado apaticamente no fundo da sala de aula, desejando que esse dia termine. Enquanto eu me sento na frente e desejo que hoje dure um pouco mais.

Fantasmas de papel pendem do teto. Abóboras pintadas estão coladas nas janelas. Uma tigela de doces está sobre a mesa da

professora. Isso apenas me lembra que meu trigésimo aniversário e o Halloween estão chegando.

Estou sentado entre um médico de bata azul e um corretor de ações de terno. Eu uso jeans e uma camisa preta com decote em V. Essa pode ser uma escola particular, todos os pais de classe alta, mas é bem claro que eu sou o diferente aqui.

Não tem nada a ver com minhas malditas roupas e tudo a ver com eu ser famoso. Eles já viram meu rosto em revistas, televisão e na internet.

Eu me agarro ao fato de que talvez as crianças possam não me reconhecer. A menos que seus pais os deixem mexer na internet sem supervisão. Ou assistir a reality shows - o que seria duvidoso. Nosso documentário não é censurado na TV a cabo.

Não tem bipe a cada quatro palavras que o Ryke fala.

Eu observo as mesas. Duas crianças me encaram intensamente. Ou elas não foram ensinadas de que é rude fazer isso ou elas não dão a mínima. Talvez seus pais assinem tablóides e elas tenham visto meu rosto nas páginas.

Eu mostro o meio sorriso mais seco, minhas feições cortando como lâminas com essa única ação.

Seus olhos esbugalham e elas afundam mais nas cadeiras.

Não encham o saco do meu filho, estou pensando. Ele tem que lidar com coisas o suficiente, e eu sei como é ter caras correndo atrás de você nos corredores.

Sinto o calor do olhar dos pais ao meu lado. Todos estão me olhando de cima a baixo desde que entrei na maldita sala. Pelo amor de Deus, eles estão *me* assistindo ao invés dos pais que estão falando. Fico mais desconfortável porque não são estranhos.

Eles são os pais dos colegas do Moffy, talvez até dos amigos dele.

Eu nunca direi isso a Rose... mas eu gostaria que ela estivesse aqui. Ela está presa em outra sala no final do corredor. Existem apenas quatro salas de jardim de infância na Dalton, e Jane e Moffy infelizmente foram separados.

— Então, quando vocês forem mais velhos e precisarem deixarem seus dentes bonitos e retos — explica um ortodontista — você irão me visitar. — Ele sorri largamente, mostrando seus dentes

brancos perolados. Todo mundo bate palmas, e meus nervos mudam.

— Obrigada, Dr. Ellis. Isso foi muito informativo. — A professora verifica sua lista.

Receio principalmente que vou fazer ou dizer algo para piorar a situação do Moffy. Com Jonathan Hale como meu pai, aprendi a antagonizar as pessoas que me machucavam, algumas que até tentaram me ajudar. Corte-os de sua vida. Cuspa-os. Prefiro que Moffy tente fazer amigos do que inimigos, e sou uma influência sobre o caminho que ele segue.

Eu sei disso.

Estalos algumas das juntas dos dedos e minha energia nervosa se acumula com as próximas palavras da professora.

— O próximo é o pai do Maximoff. Todos deem boas-vindas ao Sr. Hale. — Ela bate palmas e os alunos fazem o mesmo.

Eu lentamente me levanto.

Moffy já está fora da cadeira antes mesmo que a professora diga: — Maximoff, venha e apresente seu pai à turma. — Ele veste uma camisa cinza-carvão do Sorin-X e uma pulseira de Rylin Water, todos super-heróis de *O Quarto Grau.*

Assim que ele para ao meu lado, seu rosto brilhante abafa todas as emoções sombrias dentro de mim. Ele tem o maior sorriso avassalador, sem os três dentes de cima e seus olhos brilham com um tipo de orgulho. De mim. *Jesus.* Meu filho está orgulhoso de mim.

Não sei por que, mas isso me abala.

— Esse é o meu pai. — Moffy faz um gesto para mim com o polegar. — Ele tem *dois* empregos. — Ele levanta dois dedos. — Ele é dono da Hale Co. e da Halway Comics. As coisas de bebê são ok, mas os quadrinhos são muuuuito legais, e minha mamãe é dona de um café e loja de quadrinhos onde todos os quadrinhos vão. Ela é demais.

Lily vai surtar quando eu contar isso a ela. Isso simplesmente fez hoje valer cada maldito minuto.

Moffy inclina a cabeça para mim. — Tudo bem, papai, é a sua vez.

Ele abraça meu lado, eu o abraço de volta, e então ele volta ao seu lugar.

Abaixe sua voz. É tudo o que penso agora.

Abaixar minha voz afiada, a voz de *eu-vou-matar-você*. Então eu limpo minha garganta uma vez antes de sorrir - um meio sorriso. Ótimo.

Olho para Moffy, e seu sorriso animado nunca desaparece.

Eu posso fazer isso.

— Como Moffy falou — eu digo à turma — as coisas de bebê são ok. O mais legal é trabalhar com quadrinhos para viver. — Minha voz está áspera, mas não terrível. *Eu posso fazer isso.* — No meu trabalho, artistas e escritores me enviam quadrinhos que eles querem ver impressos. Tenho que escolher quais serão escolhidos pela minha editora. Depois, tenho uma equipe especializada em marketing, edição, design e mercadorias. Como fazer bonecos e pôsteres.

Uma menina com tranças marrons levanta a mão dela.

Eu aponto para ela. — Pois não?

— Vocês têm alguma super-heroína? — ela pergunta.

— Nós temos. — Eu concordo com a cabeça. — Nos quadrinhos de *O Quarto Grau*, tem a Tilly Stayzor, uma favorita dos fãs, mas minha favorita é Rylin Waters. Ela tem o poder de...

— Eletricidade! — um menino ruivo exclama. Ele se inclina para a garota. — Aimeudeus, é tão legal. Você precisa ver, Mindy. Ela está no desenho *O Quarto Grau: Você e Eu!*

A primeira temporada acabou de ir ao ar.

— Ele está certo — eu digo. — Rylin Waters pode manipular eletricidade, mas se ela força seus poderes demais, ela também pode causar um curto-circuito e perder a memória. — Faço um gesto para Moffy, que está com uma sacola de bonecos.

Ele sai da cadeira e coloca Rylin Waters na mesa de Mindy.

— Trouxemos alguns bonecos da linha para todos. Essa é a Rylin — digo à menininha. Ela fica impressionada por um momento, e então ajudo Moffy a passar o resto.

— Então é isso — digo à turma. — Eu mexo com brinquedos o dia todo.

Outra mão no ar. Prendo a respiração por um segundo, sempre esperando uma bomba cair, mas aceno para que eles falem.

— E o seu outro trabalho? — o ruivo pergunta. — Hale Co.? O que é isso?

— É uma empresa que produz produtos para bebês. Se você tem óleo de bebê, fraldas ou chupeta em sua casa e um HC no rótulo, é a Hale Co.

Outra mão. *Cristo*. — O que você faz lá?

— Sou o CEO — eu digo. — O que significa que eu dirijo a empresa inteira.

Muitos *ooohs* veem das crianças, enquanto os pais estão longe de estar impressionados. Não estou procurando a aprovação deles, mas o cara que eu estava sentado ao lado - o corretor da bolsa - sim, ele revira os olhos.

— Como eu disse — proclamo — os quadrinhos são mais divertidos.

— Você não é ator? — uma garota loira pergunta. — Eu já vi você na minha TV.

— Não é atuação — Moffy interrompe. — É tudo *verdade*.

— Exatamente o que o Moffy disse. — Eu me viro para a professora, esperando que ela termine isso agora. *Princesas Da Filadélfia* foi há tanto tempo, e até hoje os canais ainda passam reprises, o que me impressiona. Nós nem chegamos ao final da temporada. Posso citar cem programas de televisão melhores para passar em loop.

A professora deve perceber o meu olhar aguçado. — Classe, vamos dar ao Sr. Hale uma salva de palmas. — Ela me agradece enquanto os alunos batem palmas novamente.

Volto ao meu lugar, meu coração batendo forte na caixa torácica. Meus nervos ainda não se recuperam, mesmo que tudo tenha terminado.

O corretor se inclina para perto de mim e sussurra: — Você fez um ótimo trabalho. Não parecia presunçoso nem nada.

Seu sarcasmo é grosso demais para ser ignorado.

Mas eu quase dou risada. Não secamente. Uma risada de verdade. Porque nunca fui chamado de presunçoso. Nem um único dia na minha vida. Intitulado, sim. Arrogante, pomposo - não.

Essa pode ser uma das poucas vezes em que não procuro a última palavra. Eu nem quero. Moffy conversa suavemente com uma garota ao lado dele. Ainda falando sobre a minha apresentação, ele aponta para mim e sorri de orelha a orelha.

Eu sorrio de volta.

Ele é o *único* que eu precisava impressionar.

[25]

Novembro 2021

Escola de Ballet da Madame Daphne

Cidade de Nova York

CONNOR COBALT

— Agora, a borboleta — diz a professora de balé, sentada no chão entre o círculo de crianças pequenas.

Elas tentam imitar a Madame Daphne: pés juntos, calcanhar no calcanhar. As crianças de seis anos parecem tranquilas, mas as de cinco e quatro anos parecem ter dificuldades.

Eu já vi pularem sela e espalharem manteiga de amendoim e geléia com os pés. Manteiga de amendoim e geléia metafóricas, obviamente. Os nomes infantis para esses movimentos me irritam. Entendo que é pré-ballet, mas prefiro que Madame Daphne use a terminologia correta: dégagé, tendu, rond de jambe.

Pode levar mais tempo para elas compreenderem a ação com a palavra, mas é melhor do que ensiná-las a fazer a *manteiga de amendoim e geléia.*

Jane é a única criança de seis anos com os pés não pressionados juntos. Ela está com as pernas abertas, seu tutu turquesa pastel menos delicado do que os das outras garotas. Jane o escolheu, contente com sua falta de conformidade. Muito mais do que Beckett.

Com apenas quatro anos, ele tenta ser preciso na colocação dos pés, fixado na professora e nos movimentos dela.

Jane já tentou dar duas cambalhotas por conta própria. Beckett encolheu quando a professora a repreendeu pela segunda vez, como se ele estivesse com problemas por extensão de sua irmã. Ele não estava, mas cada irmão afeta o outro em vários graus.

— Vão brigar com ela novamente — Charlie me diz, suas palavras muito claras para uma criança de quatro anos, mas seu tom é cortante. Quase sério demais. Ele está sentado ao meu lado na longa fileira de cadeiras, a maioria cheia de mães.

Eu estudo Charlie e seu olhar frustrado, mas concentrado. Eu compartilhei esse olhar familiar quando criança. *Enlouquecido*. Eu estava enlouquecido com, ao e pelo mundo. Seu QI é apenas um pouco menor que o meu, e quanto mais ele fica ciente de seu ambiente, das *pessoas*, das intenções, dos significados e da humanidade, eu me aproximo dele.

Haverá um colapso.

Estou preparado para um com Charlie. Não tenho certeza de quando isso acontecerá, mas irá acontecer.

Meu celular vibra. Eu verifico a mensagem.

Homem de Ferro. Batman. Thor. – Rose

Os cantos da minha boca se levantam na pergunta de Foder, Casar, Matar. Sou capaz de me concentrar na aula e na mensagem sem perder um momento.

Eu respondo: *Você está perguntando para Lily ou para si mesma?*

Rose e Lily estão almoçando em nossa casa com o resto das crianças, enquanto Ryke, Daisy, Sullivan e Lo foram caminhar durante o dia. Ryke tem uma bolsa canguru cara para Sullivan, já que ela nunca seria capaz de caminhar com a idade dela.

Para as duas, mas isso não é contra as nossas regras. Você ainda precisa responder, e responder com sinceridade, Richard. – Rose

— Isso é estúpido — Charlie diz suavemente, mas seu foco está no irmão gêmeo e na irmã mais velha. Ele pode ver, assim como eu, o quão nervoso Beckett fica por causa da Jane desconsiderar os movimentos instruídos ao querer fazer os seus.

— Ele está bem, Charlie — eu sussurro.

Charlie cruza os braços e afunda na cadeira.

Rose e eu concordamos que nossos filhos podem escolher seus hobbies, até mesmo fazer “testes” para potencialmente ver o que eles gostam. Se eles praticarem o esporte ou o hobby por mais de duas semanas, ele precisam fornecer um bom motivo caso queiram desistir. Queremos que nossos filhos terminem as tarefas, e não escolham a saída mais fácil. Com o nível de privilégio deles, isso é extremamente importante para nós.

Hoje é apenas o primeiro dia da aula de pré-ballet, e somente Jane e Beckett aceitaram a ideia. Charlie recusou, mas disse que

queria assistir, não com a esperança de eventualmente se juntar. Eu acho que ele veio para apoiar seu irmão gêmeo.

Encontro tempo para enviar uma resposta a Rose.

Casar. Foder. Matar.

Casar com o Homem de Ferro. Foder o Batman. Matar Thor.

Thor é ridículo, e não me refiro à mitologia nórdica. Quero dizer aquele interpretado por um ator em uma tela de cinema.

A resposta da Rose é rápida.

Claro que você se casaria com o Homem de Ferro. Ele é tão egocêntrico quanto você. – Rose

Outra mensagem.

Lily disse que você é o Batman, então você acabou de se foder, Richard. – Rose

Eu esfrego meus lábios, meu sorriso aumentando dez vezes. Eu respondo: *eu tenho bom gosto*.

Eu tenho um gosto melhor – Rose

Eu digito rápido. *Você me escolheu, então acho que podemos concordar que ambos temos um gosto igualmente bom quando se trata de sexo.*

Uma pausa antes do meu celular vibrar.

Tá. Nós somos iguais. Está cimentado. – Rose

Pelo canto do olho, noto Jane segurando os pés e balançando.

— Lá vai ela — narra Charlie.

E com certeza, Jane rola sobre a cabeça e cai com o bumbum no chão, uma risada ampliando seu sorriso.

— Jane! — A Madame Daphne repreende. — Isso não é ginástica. Estamos fazendo borboletas agora. — Ela estala os dedos. — De volta ao círculo.

Lentamente, Jane vai para o lado de seu irmão. Beckett permanece totalmente rígido, algumas mechas de seu cabelo enroladas, outras apenas um pouco onduladas, e ele é apenas um dos dois meninos da classe. Quando chegamos, ele nem ligou para esse fato.

Beckett de repente olha para Charlie.

Charlie olha para mim.

Se os dois escolherem balé novamente, colocaremos Beckett em uma classe diferente de Jane. Quero que ele se sinta confortável,

mas às vezes isso vem de dentro.

— Il va bien — digo a Charlie. *Ele está bem.*

Beckett está gostando da aula, apesar do desinteresse de sua irmã. Duas vezes, ele perguntou a madame Daphne: — Assim? — Só para garantir que ele estava fazendo o movimento corretamente. Quando ela elogiou sua técnica, ele sorriu.

Charlie solta um suspiro e examina a sala de balé cheia de espelhos do chão ao teto e janelas com vista para Manhattan.

Meu celular vibra na minha mão novamente.

Eu fiz uma coisa. – Rose

Eu fico rígido.

Tenho que me comprometer a isso. Eu prometi que me comprometeria. – Rose

Estou tão intrigado quanto confuso. *Detalhes, querida.* Eu aperto enviar.

A postura do Charlie muda de repente ao meu lado. Ele se endireita e se aproxima da minha cadeira. — Papai… — Sua voz aumenta apenas o suficiente para eu perceber sua preocupação. Meu celular vibra, mas não consigo responder ou olhar a mensagem.

Eu imediatamente sigo seu olhar para um dos espelhos. No reflexo, uma mulher segura seu celular como se estivesse gravando, mas não está apontado para o círculo de crianças. A lente está apontada para o espelho, diretamente para o meu reflexo e o de Charlie.

Sou alto o suficiente para ver sobre as cabeças de cada mulher. Olho diretamente para aquela com o cabelo curto e castanho e brincos de pérola. Apenas quatro cadeiras de distância. Ela percebe rapidamente e coloca o celular no colo. Quando ela sente meu olhar ainda nela, ela vira a cabeça para mim. — O que?

Não sei se ela planeja lucrar conosco, financeiramente ou pela notoriedade nas redes sociais, ou simplesmente para mostrar os vídeos aos amigos e à família. Eu tenho um problema, principalmente, com o fato de que meus filhos não consentiram em serem filmados.

— Você se importa se minha equipe de segurança olhar os vídeos que você gravou antes de ir embora? — Meu tom é extremamente

casual. Eu até ofereço um sorriso. — É apenas por precaução. Eles não vão morder. — *Eles excluirão qualquer coisa que envolva Charlie.*

— Certo. Eu posso tirar uma foto com você antes de sair?

— Só de mim, sim.

Ela tenta relaxar seu sorriso bobo antes de olhar para as crianças.

Escrevo uma mensagem para um membro da minha equipe de segurança que espera do lado de fora com alguns guarda-costas, e vejo Charlie fechar os olhos com tédio.

Esfrego seus ombros e percorro minhas mensagens não lidas.

Dei permissão ao Lo para nomear nosso bebê. (Apenas o primeiro nome, é claro.) – Rose

Estou realmente surpreso, tanto que meu sorriso toma conta do meu rosto.

Ele escreveu o nome e deu a Lily em um envelope. Não posso revogar essa promessa. Estou prestes a abrir o envelope. Juro que se colocou o nome dele de "Loren," vou esfaquear Lo nos olhos. – Rose

Ela incluiu o emoji de "faca". Eu tenho que esperar por sua próxima mensagem, mas eu penso sobre como ela disse "colocou o nome *dele*" - como em um menino.

Pedimos para ver o sexo do nosso bebê dessa vez. Esse será o nosso sexto filho, e até eu esperava uma menina. Não porque eu não quero mais filhos. Eu quero mais, mas sei o que significaria para Ryke e Daisy que *eles* tivessem outro.

Ambos são altruístas demais para pedirem para Rose ser a barriga de aluguel. Ambos são gentis demais para pressionar Rose sobre a opção. Eles só gostaram da ideia quando acharam que a Rose poderia ter uma garota.

Então todos ficamos sabendo que haverá outro garoto Cobalt.

E eles fecharam a porta para a barriga de aluguel mais rápido e mais forte do que eu esperava.

Aqui estou eu, *desejando* um resultado para outra pessoa. Eu queria que minha família chegasse ao fim para que a deles crescesse. Eu raramente desejo algo para alguém além de mim, e meu desejo não se tornou realidade.

Rose ainda está determinada a ser a barriga de aluguel, mas vamos ter mais dificuldade em convencer Ryke e Daisy agora. Ryke é conhecido por ser teimoso. É como arrastar um cachorro sentado pela coleira. Não tenho certeza se ele vai se mexer.

Só me preocupo com a saúde da Rose, mas se ela estiver bem, se os médicos disserem que *sim*, não vejo uma razão para não tentar.

Meu celular vibra. Rose enviou uma foto do bilhete com a letra de Lo:

Ben

**nomeado em homenagem a Ben Obi-Wan Kenobi, que é mentor de Luke Skywalker*

**ele me lembra Connor*

**eu poderia ter colocado o nome dele de Obi-Wan, Rainha Rose, então guarde suas garras*

**isso significa muito, então... obrigado*

Ben.

Meu sorriso não pode ser contido nesse momento.

Outra vibração.

Ele pode viver outro dia. – Rose

Ela também amou o nome.

Eu nunca pensei que minhas escolhas conteriam tanto *sentimento*, mas com cada nome do meio, só vejo frações de lógica. *Esse nome é melodicamente agradável.* E assim por diante. A maioria, escolhi por nostalgia, por algo sincero e visceral que não pode ser descrito com números ou fatos simples.

Escolho Pirrip, como em Philip Pirrip, de *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens.

Escolhi Pirrip como o nome do meio de Ben porque vi Rose lendo aquele romance quando tínhamos dezesseis anos. Ela não vai se lembrar porque não tinha me visto. Passei por ela no saguão da sala de conferências durante o Modelo da ONU. Ela estava sentada ereta como uma tábua na beira da fonte do hotel, o livro aberto em seu colo.

Eu queria parar e conversar com ela, mas estava com três meninos da Faust. Nós seguimos em frente e minha cabeça virou para vê-la.

Eu nunca tinha olhado para trás daquela maneira antes, mas pela primeira vez, olhei. Eu olhei para trás e só olhei para ela.

2022

“Eu espalho incêndios por todos os lugares que vou.
É uma qualidade sintomática de ser eu.”

- Rose Calloway Cobalt, *Nós Somos Calloway (Temporada 4 Episódio 09 - Estrelas Nerds & Raisins)*

Connor e Rose Cobalt dão as boas-vindas ao nascimento do filho deles

BEN PIRRIP COBALT

29 de março de 2022

{ 26 }

Junho de 2022
A Casa Hale
Filadélfia

LOREN HALE

Sob meu edredom cor de champanhe e lençóis vermelhos, seguro o corpo magro de Lily perto do meu corpo duro. Deitados de lado. Revestidos de suor. Os lençóis grudam em nós desde a nossa foda-de-quatro-horas da noite passada. Agora de manhã, nos beijamos desesperadamente. Urgentemente.

Nossas pernas estão emaranhadas. Famintos um pelo outro, eu separo os lábios da Lily com os meus. Eu a puxo para *mais perto* antes que ela murmure a palavra. Suas pernas vibram contra as minhas - *Cristo*. Meu sangue esquenta, e eu aprofundo o beijo, minha língua deslizando contra a dela.

Ela se segura no meu corpo como se precisasse se enterrar mais na porra da minha alma. Eu estou iluminado. Nosso contato pele-contra-pele poderia muito bem ser uma vela-de-ignição-contra-bateria. Cada segundo que Lily treme contra mim, meu pau *implora* para atender seu pedido silencioso.

Dentro de mim.

Dentro de mim.

Eu posso praticamente ouvi-la.

Eu beijo seus lábios. *Eu vou cuidar de você, amor.*

Ninguém entende seu vício em sexo melhor do que Lily e eu. Nós fodemos a noite passada toda porque queríamos. Não porque ela saiu do controle e alimentou compulsões. Não porque ela precisava medicar o estresse com o sexo.

Porque ela chegou a esse lugar forte, onde pode parar mentalmente antes de se fixar em orgasmo após orgasmo. Porque essa não é uma expectativa ou *necessidade* cotidiana.

É um desejo.

Um maldito *desejo* de girar a cabeça, alucinante .

Eu tenho Lily contra o meu peito, com a perna em volta da minha cintura. Aperto a nuca dela e a beijo ainda mais. Ela treme de novo.

Jesus Cristo. Eu endureço contra seu corpo, e ela se contorce. Meus músculos flexionam, tensos e em chamas. Nossos lábios se separam pela primeira vez. Minha testa na dela, o desejo nada em seus grandes olhos verdes, e meu olhar afiado perfura Lily.

Dentro de mim. Dentro de mim. Eu vejo as palavras por todo o rosto adorável dela.

— Você quer algo, amor? — Eu provoco, nossos lábios roçando enquanto falo.

— Mais perto — ela implora em um gemido suave que agarra meu pau. O sangue corre da minha cabeça, me deixando tonto.

Ainda deitados lado a lado, lentamente empurro minha ereção dentro da Lily. Ela respira e sua cabeça começa a se inclinar para trás enquanto sucumbe mental, fisicamente e emocionalmente a esse prazer insano. Sem problemas para chegar ao clímax.

Eu empurro em um ritmo escalonado e imprevisível que deixa Lily incapacitada. Fodo minha melhor amiga que se entrega a mim com o simples pedido de *me fazer sentir bem.*

Sem problemas, Lil.

Com os lábios quase colados um no outro, eu fecho a distância, a beijando profundamente antes de rolar para cima dela. Eu estico a sua perna direita para cima do meu ombro, a outra em volta da minha cintura. Eu vou de movimentos rápidos e profundos a repentinamente curtos e lentos.

Ela solta um barulho que soa quase como um gemido. — Mais perto.

Eu empurro tão profundamente dentro da Lily e apenas paro.

Ela estremece, latejando contra o meu pau. *Droga.* Me inclino para frente, um dos cotovelos no colchão. Eu respiro pesadamente, e meus olhos e mão vasculham seu corpo. Eu passo meu polegar no seu mamilo endurecido antes de descer para seu abdômen e colocar minha palma na pequena protuberância, quase imperceptível.

Lily está grávida de onze semanas.

Decidimos tentar ter outro bebê no início do ano. Nós sabíamos que conseguiríamos lidar com isso, e nós dois queríamos outro.

Demorou alguns meses, mas estamos agradecidos por isso ter acontecido.

Desço minha mão cada vez mais e depois esfrego seu clitóris.

Suas costas arqueiam com um ofego repentino. Coloco minha mão em sua bochecha, segurando sua cabeça na posição vertical. Eu roço contra Lily, meu sangue fervendo. Ela estremece com o movimento novamente.

Os olhos dela se fecham.

— Lily Hale — eu sussurro.

Ela força os olhos a abrirem, mas ela se foi. Perdida. O sexo está em outro plano de existência. Seu batimento cardíaco corre contra o meu. Ela aperta em volta do meu pau.

Um gemido arranha minha garganta. — Caralho — eu xingo, minha mandíbula flexionando. Eu cerro meus dentes com força, meus olhos rolando.

Caralho. Meus nervos estão pegando fogo. Jogo o edredom sobre nós, juntando calor. O cheiro de Lil quase me leva a um clímax. Eu quase gozo agora mesmo. Meus músculos contraem.

Eu seguro seu rosto redondo enquanto balanço mais rápido e mais forte.

No mesmo momento, a porta se abre. — Papai, mamãe, posso nadar, por favor, por favor, por *favor?*

— Moffy! — Eu grito, irritado. Lily e eu estamos completamente debaixo das cobertas, então não tenho certeza do que ele pode ver. É a primeira vez que ele entra *enquanto* fazemos sexo.

Lily pisca repetidamente, seu rosto bonito se transformando em horror.

— O que vocês estão fazendo aí embaixo? — Moffy pergunta, se aproximando.

Antes que ela arranque meu pau, eu puxo e saio da minha esposa. Eu espio por cima do cobertor. Meu olhar gelado encolhe meu filho, o fazendo andar para trás. Ele já está de sunga laranja, com óculos de natação pendurados no pescoço.

Ele fará sete anos em um mês. Ele *sabe* bater na porta.

— Moffy — digo bruscamente. — Quantas vezes te dissemos para bater antes de entrar no quarto de alguém?

Seu queixo treme. — Eu... eu tava só fazendo uma pergunta. Não achei que você ficaria bravo.

Meu coração dói, mas ele *tem* que nos ouvir. Se ele acha que não haverá punição no final, ele fará novamente. E da próxima vez, talvez não estejamos tão escondidos.

— Vá esperar no corredor. — Minha voz é como estilhaços. — Feche a porta ao sair.

Moffy recua, a preocupação brilhando em seus olhos verdes. Porque normalmente digo para ele tentar de novo e bater dessa vez. Depois que a porta se fecha, levanto as cobertas. Lily está deitada de bruços na direção do outro lado da cama. Bem perto da borda.

Como se ela planejou pegar suas roupas do chão. Mas algo a impediu de pegar. Provavelmente sexo. O pensamento. O desejo. Ainda dentro dela. Ela não consegue nem *falar* agora.

Estou duro, pronto para explodir. Eu não perco tempo. Eu me aproximo da Lily enquanto ela está de bruços, levanto os seus quadris levemente e deslizo para dentro.

Surpresa e desejo a sacode, e ela olha para mim, com os lábios entreabertos. Inebriante e *perdida* novamente. Pressão aperta meu pau, e meu peito sobe e desce tão rapidamente enquanto eu empurro. Eu seguro a dobra do seu quadril e sua pequena bunda. O atrito aumenta, e eu termino isso mais rápido do que nunca. Meu ritmo como um raio.

Ela goza com um grito abafado no colchão.

Eu engasgo com um gemido, e não me demoro dentro da Lily. Saio de dentro dela e encontro uma cueca boxer e calça de moletom preta. Eu coloco os dois. Então me viro para Lily e tiro o cabelo suado da sua testa. Ela ainda está tentando entender onde está enquanto luta lentamente com as mangas da camiseta folgada.

— Eu vou lidar com nosso filho — digo a ela.

Ela encontra energia para se ajoelhar e tenta enfiar a cabeça na blusa. — Não é... culpa dele, Lo.

Abaixo minha voz para que Moffy não possa nos ouvir. — A culpa *é* dele. Ele sabe o que fazer. Falamos para ele um milhão de vezes.

Ela passa a cabeça e puxa a camisa preta (minha camisa) para baixo. — Nós não deveríamos ter feito sexo...

— *Nós somos* os pais. — Aponto para o meu peito. — Eu tenho permissão para foder minha esposa. Você tem permissão para me foder e não se sentir culpada por isso. — Pelo amor de Deus, estávamos indo tão bem por um minuto. É tudo circular. Vício. Vergonha.

Lily hesita, duvidosa e incerta.

Seguro o rosto dela entre minhas mãos e digo fortemente: — Eu teria transado com você essa manhã, mesmo se você não fosse uma viciada. Você ainda se sentiria culpada se ele entrasse?

Ela pensa por um segundo. — Sim... porque ele deve sempre vir antes do sexo. — Ela se encolhe com a frase. — Não assim. Nãoassim.

Eu penteio o cabelo dela para trás novamente. — *Não* é sobre sexo. É sobre o fato de que ele não nos ouviu.

Suas sobrancelhas franzem, não vendo isso pela mesma lente que eu. — *É* sobre sexo.

Eu a solto e dou um passo para trás. Eu lambo meus lábios, pensando. Não consigo imaginar como sair disso, então me decido. — Eu vou colocar ele de castigo.

Lily sai da cama, sua camiseta preta caindo nas coxas. — Não, Lo!

Eu já estou caminhando para a porta, e ela tenta me puxar para trás pela cintura, mas acabo a arrastando para frente. Quando chego à porta, eu viro para Lily.

Ela cruza os braços, sua seriedade tensionando o quarto e eu.

Eu estou com a minha mão na maçaneta. — Eu estou fazendo isso, Lil.

— Então estamos brigados. — Ela assente resolutamente.

Meu estômago revira. Não me lembro da última vez que brigamos. — Lily...

Lágrimas aparecem em seus olhos. — Eu não quero puni-lo por causa disso.

— Mas nós temos.

Ela balança a cabeça repetidamente. — Vamos trancar a porta da próxima vez.

— Isso não muda o fato de que ele não nos ouviu. — Nossos filhos não podem passar por cima de nós. Não quando há coisas em

nossas vidas que são tão malditamente perigosas.

Álcool. Vou bater com o pé com a idéia, com o conceito, com a realidade fria. Eles não serão capazes de dizer: *Mas papai, o garoto da casa ao lado bebe; posso tomar apenas uma cerveja?*

Não.

Não. Eu não sou mole, e eles têm que ver a ameaça de nos desobedecer. Eles têm que pensar, no fundo da mente, *meus pais vão me castigar por isso*. Talvez então, eles hesitem o suficiente para parar.

Lily balança a cabeça mais uma vez.

Eu engulo em seco. — Acho que estamos brigados então. — Cada palavra é um soco no estômago. Abro a porta e saio. Moffy pelo menos esperou no corredor como eu pedi. Ele está sentado perto da porta do quarto, estalando o elástico dos óculos. Assim que ele me vê, ele se levanta.

— Eu nunca vou fazer isso de novo — diz Moffy rapidamente. — Posso apenas ir nadar? Por favor?

É verão, não há escola para nossos filhos, e muitos de nós temos que nos encontrar com o Garrison e a minha irmã por volta do meio-dia. Enquanto fazemos isso, o plano é levar todas as crianças para a casa dos Cobalts para uma “festa de pintura”. A empresa subsidiária da Cobalt Inc., ColorPalace, superproduziu sua linha de tintas neon para pintura a dedo. Ótimo para nossos filhos que agora podem brincar com o que sobrou, mas uma merda para a Cobalt Inc.

Eu me elevo acima de seus olhos suplicantes. Não quero que ele se sinta impotente. Como se eu pudesse ditar para que lado ele vira e para onde ele vai. Eu não quero ser meu pai. Eu me rebelava contra *cada* exigência que ele lançava em minha direção. Eu odiava isso. Eu odiava tudo isso e nem consigo imaginar um mundo em que faço isso com Moffy. Onde ele se sente tão emocionalmente preso que sua solução é foder com tudo.

Mas não posso deixá-lo viver sem limites. Eu também tive isso. Bebi em excesso aos onze anos. Fiquei fora até tarde. Eu inventei desculpas e mentiras.

Tem que haver um equilíbrio entre ser autoritário e ser indulgente demais.

Eu me agacho até ficar do tamanho dele. — O que você fez de errado? — Eu começo.

Ele segura meu olhar melhor do que alguns adultos, mas sua voz é mansa. — Eu não bati na porta.

— Quando você faz algo errado — eu começo, vendo a voz dele se inundar com tristeza — você tem que ficar de castigo.

Moffy pisca para conter as lágrimas. — Tipo uma pausa?

— Mais ou menos, porém dura muito mais tempo.

— Nãão. — Seu queixo treme novamente.

Meu peito desmorona. — Você ainda pode pintar hoje com seus primos e irmã, mas por dois dias, nada de nadar, de desenhos animados, de quadrinhos...

Moffy começa a chorar. — Mamãe! — ele chora e tenta correr para o meu quarto, mas eu agarro seus ombros e o giro em minha direção. — Eu quero a mamãe! — Ele esfrega as bochechas com os punhos e soluça.

Tenho quinze flechas no meu coração e preciso continuar disparando mais direto para ele. — Ela sabe que você está ficando de castigo, amigão.

Ele me empurra e soluça como se eu o tivesse condenado à morte.

— São apenas dois dias, Moffy.

E então ele grita: — Eu te odeio!

Meus olhos ardem. *Eu te odeio* vibrando nos meus ouvidos. — Você pode me odiar por dois dias, Maximoff, mas eu vou te amar por mais mil. — Limpo suas lágrimas com o polegar, e ele funga, se acalmando por um minuto. — Pode parecer injusto, mas somos seus pais - e se há alguém nesse mundo que você precisa ouvir e confiar, que sempre estarão ao seu lado, *somos nós*. Só precisamos que você nos respeite quando te dissermos algo. Da mesma forma que respeitamos você quando você nos faz perguntas. O que nós fazemos?

Ele pensa por um momento. Então ele diz baixinho: — Você me escuta e sempre me responde. — Ele esfrega o nariz com o braço. — E se a Luna assistir desenhos animados? Posso assistir com ela?

— Não. Não é assim que funciona o castigo.

Moffy chora novamente: — Posso ver a mamãe?

— Em um minuto. — Levanto e digo que ele pode comer cereal antes de irmos para a casa da sua tia e tio. Ele se afasta, ainda chorando.

Entro no meu quarto, o colchão vazio e os canos do chuveiro gemem nas paredes. Quando entro no banheiro, Lily entra debaixo do chuveiro. Nossos olhos se encontram por um segundo. Os dela estão vermelhos como se ela estivesse chorando mais.

Ela hesita entre abrir a porta embaçada para mim ou fechá-la.

— Ainda estamos brigados? — Eu pergunto, me aproximando com a intenção de envolver meus braços em volta da Lily e puxá-la para perto.

— Eu não quero — diz ela, olhando para os meus lábios — mas eu preciso.

— Amor…

— Você não *me* ouviu — ela observa. — Eu sei que penso de maneiras diferentes, mas nunca quis puni-lo por aquilo.

Eu não posso voltar atrás. Eu ainda teria feito a mesma coisa, não importa o que acontecesse. — Mas eu puni. Então o que fazemos agora?

Os olhos da Lily caem para o meu abdômen, mas depois ela levanta o olhar e puxa a porta do chuveiro. Ele fica presa, e ela luta para fechá-la enquanto a água derrama sobre sua cabeça. Literalmente, ela solta um resmungo enquanto tentar forçar a coisa a fechar.

Sorrio e depois fecho a porta do chuveiro para Lily, me fechando do lado de fora.

— Obrigada! — ela grita sobre a água. — E ainda estamos brigados!

Eu percebi isso.

* * *

Connor e eu subimos em um elevador decorado com grafite. Lâmpadas mecânicas penduradas com corrente de metal acima de nós. Estive aqui outras vezes, então o estilo metal e concreto não é

tão chocante quanto a primeira vez. Essa fábrica industrial na Filadélfia foi convertida em lofts premium há cerca de um ano.

O porteiro na entrada do prédio já entrega o valor desse lugar. Não é meu. Não é do Connor. Esse lugar pertence à minha irmãzinha.

Willow se formou na faculdade, e ela teve um pequeno casamento no jardim dia 31 de Maio. Ela partiu com Garrison para o Havaí logo depois, não faz muito tempo que eles voltaram a Filadélfia. Nesse curto espaço de tempo, eles estava tentando se mudar para o novo loft, mas Willow temia que os paparazzi pudessem ver o interior.

A janela é parcialmente fumê, mas minha irmã não quer viver com as cortinas fechadas pelo resto da vida. Também não quero isso para ela, e essa transição não deve ser fácil, já que ela estava em Londres por quatro anos. Longe da mídia.

Longe de nós.

Ela provavelmente esqueceu como realmente é esse circo.

Até agora, ninguém postou fotos do lado de fora do loft. Mas não seria a primeira vez que alguém armazenava uma tonelada de fotos e depois as jogava na internet de uma só vez.

Estamos aqui para ajudar a testar a visibilidade da janela da rua. Todo o "plano" não está indo muito bem no momento presente.

Connor fala para uma bagunça de ligação em grupo. — Ouçam bem...

— Rose, coloca seus óculos de sol! Alguém vai ver você — Lily sussurra. Eu quase sorrio, mas depois lembro que estamos brigados. Meus músculos ficam tensos.

— Pare de se debater, Lily — Rose rebate.

Daisy sussurra: — Atenção, atenção. O beija-flor e o pardal estão atualmente escondidos atrás de um arbusto. Alguém está atrás de nós. — Lembro que Daisy se uniu a Willow, e Lily está apenas com Rose.

Antes que eu possa processar o que elas estão dizendo, as três irmãs Calloway começam a conversar uma por cima da outra.

E então isso. — Ei — Ryke interrompe — por que caralhos eu estou nessa ligação?

Me inclino para o celular do Connor. — Porque você *deveria* ter vindo conosco, mano. — Ele desistiu no último minuto para ficar com as crianças na propriedade Cobalt, pintando agora com os avós e Poppy. Planejamos voltar cedo, mas Sullivan olhou com tristeza para Ryke e disse: — Você fica comigo, papai? — Ela até fez beicinho e acrescentou: — Por favoooooor.

Meu irmão mais velho não consegue resistir a sua filha de quatro anos de idade.

— Vai se foder. — Ryke desliga.

— Evitem paparazzi — Connor lembra as meninas.

— Obrigada, Richard, como se não tivéssemos percebido que isso fazia parte do plano desde o início. — Rose resmunga: — Não estou usando o chapéu mais feio que possuo por nada.

O elevador para no décimo quinto andar. Connor diz a Rose: — Eu aconselho você a falar mais baixo. Eu sei que é difícil para você, mas você está em uma *rua da cidade.* A menos que você esteja perdida, ai temos um problema muito maior.

Rose rosna. — Eu te odeio.

— Você me ama. — Ele sorri quando o elevador se abre para uma porta de metal.

— Como expulso você dessa ligação? — Rose pergunta porque ela não desligaria na cara da Daisy, mesmo que isso significasse que ela desligaria na cara dele.

Abro a porta com o meu conjunto de chaves.

Com uma mão, Connor a abre, o metal gritando enquanto desliza. — Você não pode se livrar de mim, querida.

— Então você é como herpes — ela rebate. Nem tenho tempo de processar essa tirada, porque Connor é rápido.

— Mais como ar. Eu sou necessário na sua vida. Não prejudicial. E você gosta de brigar contra a única pessoa que ajuda você.

Eu rio, sentindo a queimada dessa. Eu ando mais para o loft enquanto eles brigam. As caixas estão empilhadas no amplo espaço aberto e a maioria diz *Abbeys - cozinha* ou *Abbeys - sala de estar.* Connor e eu vamos direto para a enorme janela.

Eu posso praticamente sentir o olhar mortal de Rose. — Seu ego me *asfixia*.

— Ele estimula você.

Eles poderiam fazer isso um com o outro o dia inteiro, e provavelmente terminaria com Connor transando com a Rose. Eu não me fixo nisso.

Não ouço Lily na conversa há um tempo. — Lil, você está bem? — Eu pergunto no telefone dele, assim que paramos perto da janela.

— ...Eu não deveria falar com você.

— Quem disse?

— Eu.

Suspiro pesadamente, meu agravamento e frustração contraindo meus ombros. Essa briga não pode durar muito. Não é?

— Estamos em movimento novamente — sussurra Daisy.

A janela do loft tem vista para uma rua de lojas ecléticas e um pequeno parque. Rose e Lily devem se mover para a esquerda em direção às lojas, enquanto Willow e Daisy vão em direção ao parque. Eu as procuro do décimo quinto andar, mas a maioria das pessoas se parecem com formigas daqui de cima.

As meninas ficam quietas enquanto se concentram em chegar às suas posições que traçamos.

Connor coloca a mão na frente do celular. Hoje ele não está de terno, apenas de camiseta azul e shorts de academia, mas parece um deus em qualquer maldito traje. Nunca foi sobre suas roupas. Ele é confiante, sua postura de *eu sou melhor do que você* atrai meu olhar para ele - enquanto também me faz encolher. E eu tenho quase um metro e noventa.

— O que aconteceu com a Lily? — ele me pergunta em um tom calmo e reconfortante.

Eu imagino Rose questionando Lily agora também. Connor e Rose sempre nos ajudaram, desde o início. Quero dizer, Cristo - nós quatro, nós *morávamos* juntos primeiro. Porque eles estavam tentando nos ajudar a permanecer sóbrios, enquanto mantínhamos nosso relacionamento funcionando.

Um já é difícil o suficiente. Ambos, juntos, parecia impossível.

Mas Lily e eu - nós conseguimos passar por tudo.

Isso não significa que não temos dias ruins e hoje é a nossa primeira briga em... não sei quanto tempo.

Anos, provavelmente.

— Moffy entrou no quarto enquanto estávamos transando — explico. — Estávamos debaixo das cobertas, então ele não viu nada, mas eu o castiguei por não ter batido na porta. Lily não queria isso. — É tudo o que preciso dizer. Connor pode imaginar o que acontecer a partir daí. — Eu não sou meu pai. Eu sei que não sou.

Moffy não entende o quão legal eu sou em comparação.

Meu pai teria me arrastado pelo pescoço para o meu quarto, me chamado de um idiota do caralho, me xingado até eu ter mijado nas calças e depois bateria a porta na minha cara.

Connor me estuda por um segundo, entendendo *por que* Lily e eu estamos em desacordo. Tem a ver com nós dois nos sentindo justificados em nossas ações. Nós dois estarmos confiantes e resilientes em nossas posições. Nós nunca tivemos isso antes.

Então ele diz: — Até eu discordo da Rose em questões menores, como o melhor caminho para levar nossos filhos para a escola. Porém, resolvemos nossos argumentos com trivialidades.

Eu dou risada. — Vocês são nerds.

Ele sorri, sem negar o fato. — Só não quero que você acredite que não está fazendo o seu melhor. Você não pode ser eu, é claro, mas o seu melhor está em algum lugar, mas não muito abaixo de mim.

Eu finjo confusão. — Eu pensei que sempre ficava embaixo de você, amor.

— Você fica em muitos lugares para mim. — Seu tom suave simplesmente derrete a tensão no ar como uma droga.

Olho para o meu melhor amigo que poderia dar sabedoria a uma fodida árvore, se ele quisesse, mas ele não daria. Ele coleta o tempo como a mercadoria mais rara e, até hoje, não o gasta com qualquer pessoa ou qualquer coisa. Então eu digo: — Tenho sorte de você gastar tanto tempo comigo, não é?

— Não. — Connor balança a cabeça. — Não é sorte, Lo.

Ele nem precisa dizer. Eu sei que ele não vai soletrar. Mas eu entendo.

É o amor dele por mim.

Por isso ele me escolhe. Talvez seja por isso que eu escolhi ele, Lily e todas essas outras pessoas ao meu redor. É amor.

Sempre foi assim.

Connor tira a mão do celular e Daisy grita: — Câmera pronta!

— Estou em posição — Lily diz. — ...uma posição não sexual. Tipo uma posição que fica de pé e não faz nada.

Meu sorriso faz o meu rosto doer. Então eu lembro que estamos brigados, e meu sorriso desaparece novamente. As meninas estão fingindo ser paparazzi na rua e direcionando as lentes da câmera para o décimo quinto andar. Para nós. Nós não podemos vê-las.

Eu levanto o canto da camisa do Connor. — Vocês podem ver o mamilo do Connor?

Connor me diz: — Se você queria me ver sem roupa, tudo o que você precisava fazer era pedir, querido.

— Você pode se despir para mim?

Simples assim, ele tira a camisa, puxando pela cabeça. Abdômen e braços esculpidos, músculos magros, não volumosos porque ele prefere usar ternos finos e bem ajustados. Ryke e eu sempre brincamos sobre o dia em que ele acidentalmente vai ter muito músculo e vai rasgar seu smoking.

Esse dia nunca chegou. Connor seriamente conhece seu corpo como Michelangelo conhecia arte.

Meu celular vibra no bolso do meu short. Verifico a mensagem enviada para o grupo comigo, Willow e Ryke.

Almoço nesse sábado. Vocês podem trazer suas esposas e marido. Crianças não são permitidas. Esse é um almoço para adultos. – Pai

Fazemos almoços de domingo com os pais de Lily cerca de uma vez por mês, não toda semana, mas não é uma surpresa que meu pai queira todos os filhos juntos no sábado. Não seria a primeira vez que ele perguntava.

Não é nem a primeira vez que ele proíbe as crianças de comparecer. Seus tópicos de interesse variam de negócios à vida pessoal e coisas que deixam todos nós no limite. E mesmo que as crianças tivessem permissão para ir, Ryke não levaria Sulli.

Ela vê o avô muito menos que Moffy, mas não deixo Moffy ficar sozinho com ele por mais de um minuto ou dois. Mesmo assim, ele gosta do avô, então fica chateado por não poder ir.

— Você vai levar seu marido para o almoço, Willow? — Eu pergunto por telefone.

Na curta pausa, eu praticamente posso senti-la sorrir com a palavra *marido*.

Willow diz: — Talvez, eu não sei ainda.

É sobre o nosso pai. Jonathan Hale está começando a se acostumar com o Garrison, mas Garrison não gosta do Jonathan. Desde que nosso pai criticou seu pedido de casamento a Willow, tudo porque ela ainda estava na faculdade na época. Ele soou como Greg Calloway, superprotetor sobre o emaranhado de relacionamentos e futuro, mas talvez tenha algo a ver com Willow ser uma garota.

Cedo demais.

Jovem demais.

Rápido demais.

Ansioso demais.

Jonathan disse.

Garrison o chamou de covarde.

Fiquei chocado. Ryke ficou chocado. Meu pai não recua. Ele atacaria verbalmente até que alguém sangrasse.

Jonathan o chamou de filho da puta.

Ryke perdeu a cabeça. Tentei tirar as coisas de cima do Garrison, principalmente por causa de sua história passada com seus irmãos. Eu não pude fazer muito. Tudo escalou rápido entre ele e o meu pai. Então Garrison simplesmente se fechou. Ele começa a evitar conflitos a partir de um determinado ponto.

Então ele foi embora do almoço e não falou mais sobre isso. Só para mim, mais tarde, ele confessou que não sabia o que fazer. Ele quer respeitar Jonathan porque é o pai da Willow, mas ele não o suporta.

Eu tive que entrar em uma longa explicação sobre a Lily e eu. Como meu pai tentou forçar o nosso casamento para melhorar nossa reputação e a das pessoas ao nosso redor. Então, por mais que eu goste de Jonathan Hale, ele não deveria ter o poder de fazer alguém se sentir culpado. Não o suficiente para se casar nem para desistir de um casamento.

Eu acho que ele vai mudar de idéia e parar de antagonizar o Garrison. Ter uma filha é novo para ele, e ele realmente não deveria estar lendo coisas do manual de Greg Calloway.

— Se movam. — O tom gelado da Rose ecoa no viva-voz. — Estamos tirando fotos agora.

Imagino Daisy balançando as sobrancelhas enquanto sugere: — Vocês podem fingir que estão se beijando.

— O que? — Lily diz. — Quem?

— Connor e Lo — ela esclarece. — Precisamos ver se quando o Garrison e a Willow estiverem se pegando vão ser capturados pela câmera.

Jesus Cristo. — Essa é minha *irmã* — eu digo friamente. Então eu me encolho e dou um olhar para Connor que diz *me ajude a limpar essa imagem do meu cérebro.*

— Ooops, desculpa. — Ela sussurra: — Desculpa, Willow.

Connor sorri para mim. — Eu vou fazer isso melhorar.

Eu concordo com a cabeça. — Finge dar uns amassos comigo, amor?

— Igual fizemos ontem à noite? — ele brinca.

— Exatamente.

Então ele agarra a barra da minha camiseta preta e a levanta, tirando pela minha cabeça. Eu penteio mechas do meu cabelo castanho claro para trás. Nós dois valemos bilhões de dólares, mas ele parece que vale da cabeça aos pés, por dentro e por fora.

Sua diversão curva seus lábios.

É contagioso.

Eu tento muito fingir decepção. — Lembro que você fez mais comigo ontem à noite.

— Você quer mais, querido? — O rosto dele está cheio de humor.

Eu toco meu peito, em cima do coração. — Eu sou todo seu.

Connor coloca a mão no meu peito. Com mais força do que eu esperava, ele me empurra para trás - meus ombros batem na janela com um *tum*. Meu próprio sorriso combina com o dele. Não estou nem um pouco surpreso que estamos fingindo fazer isso.

Sempre ficamos confortáveis demais um com o outro para dar a mínima. Podemos confundir outras pessoas, mas o que as outras pessoas pensam de nós nunca importou. Nós dois sabemos que somos apenas amigos. Nossas esposas sabem que somos apenas amigos. Então podemos brincar sobre isso e ainda assim sermos os mesmos.

Connor pressiona a mão contra o vidro, bem ao lado da minha mandíbula. Ele age como se fosse me beijar, e então seus lábios divergem da minha bochecha.

Solto uma risada curta e seca. — E a Lily fala que eu gosto de provocar.

Seu sorriso presunçoso podia iluminar o maldito mundo. — Vocês podem ver alguma coisa? — ele pergunta para as meninas, seu celular apertado na mão.

— Eu vejo... isso é uma mão? — Daisy pergunta.

— Minha mão — Connor responde. Ele tira a mão da janela e depois a coloca no meu ombro, me empurrando. — Abaixa.

Fico de joelhos, percebendo que as meninas precisam determinar se o rosto dele é visível ou não - e eu estava o bloqueando. Não tenho idéia do que fazer com as mãos nessa situação. Meu rosto está perto da virilha dele.

Connor balança a cabeça para mim como se eu fosse o pior em pegação de mentirinha.

— Droga — Rose amaldiçoa.

Connor agarra meu cabelo. — Se vocês podem ver isso, temos um problema. — Ele inclina minha cabeça para trás, empurrando meu queixo e rosto para cima, para que meus olhos encontrem os dele.

— Porra, você é agressivo, amor.

— Se você quer algo mais suave, está com o homem errado.

Uma verdade que eu sempre soube e não precisei fingir que estou ficando com ele para descobrir.

Lily inala bruscamente. — Lo está fazendo um boquete em você?

Connor solta meu cabelo, e eu inclino minha cabeça em direção ao celular em sua mão. — Um boquete de mentirinha, amor.

— AiMeuDeus.

Os meus faz-de-conta com a Lily são reais. Eles sempre foram.

Eu me levanto. — Lily Hale — digo para o celular. Penso em todas as coisas que eu poderia dizer, mas acabo falando: — Eu te amo.

Sua voz é muito mais suave. — Eu também te amo.

Relaxo. — Esse é o fim da nossa briga?

— Sim.

— Talvez eu deva fazer mais boquetes de mentirinha — digo a ela.

AiMeuDeus. Meu rosto está quente? — ela pergunta a sua irmã mais velha.

— Belos mamilos, meninos — Daisy diz.

Connor pega sua camiseta e me passa a minha. — Elas podem ver pela janela — ele afirma o que todos sabemos agora.

Coloco minha camiseta. — Podemos conseguir alguém para escurecer mais as janelas?

— Uma das minhas empresas subsidiárias trabalha com isso — ele me lembra. — Vou ver o que eles podem fazer.

— Lá vai — eu digo para as meninas na ligação. — Connor Cobalt salva o dia novamente.

No nosso mundo, é um final comum.

< 27 >

Julho de 2022
A Cabana Meadows
Filadélfia

RYKE MEADOWS

— Quando a chuva para? Do que é feita a chuva? — Sulli está deitada em um monte de travesseiros que ela chamou de Pedra da Sereia e chuta os pés como se estivesse batendo na água. — E se chover pra *sempre*? O que ia acontecer?

Aos quatro anos, ela tem cabelos castanhos escuros, selvagens e longos, olhos verdes curiosos e pele bronzeada do tempo que passamos ao ar livre, especialmente na porra do verão. A chuva bate contra as vidraças, e Sulli sabe que é a razão pela qual não estamos no quintal.

Estou no chão da sala de estar com minha filha, nós dois acordamos cedo pra caralho. Por volta das 05:00 na Filadélfia.

— Chuva é a água que sai das malditas nuvens — digo depois que como uma colher grande de cereal — e muita água causa uma inundação.

Sullivan não me pergunta o que é uma inundação. Ela coloca as mãos embaixo do queixo e faz uma careta para a minha tigela de cereal de granola pela metade. Ela cospe sempre que eu a deixo experimentar, mas não é a única comida que ela odeia.

Legumes? Porra, *nunca*.

Carne? Não ontem ou um maldito ano depois disso.

Fruta? Na maior parte melões e tangerinas.

Ela só comeu um fodido *waffle* depois que a Daisy colocou chantilly e caramelo em cima.

Sullivan chuta as pernas novamente, vestida com uma saia verde de sereia e a parte de cima do biquíni. Quando acordei, espiei no quarto dela e a encontrei apressadamente puxando a saia. Como se ela estivesse atrasada para algo.

— Ei, docinho. — Me inclinei e ajudei a puxar sua saia verde brilhante, e depois me atrapalhei com os fios da parte superior do biquíni.

— Eu vou me atrasar. — Ela correu ao meu redor, a preocupação em seus olhos.

— Sulli! — Corri atrás dela e murmurei: — Fantástico pra caralho.

— Mamãe! Mamãe! — ela gritou, balançando a cabeça em busca de qualquer sinal da Daisy. — É o dia da sereia!

A peguei no colo antes que ela chegasse ao corrimão. Ela se mexeu contra mim e estendeu os braços para o ar como se pudesse voar direto para sua mãe. Quase partiu meu maldito coração, mas eu apenas me lembrei, *ela conhece sua mãe*.

Ela tem uma.

Em algum tipo diferente de mundo, ela nunca conheceu a Daisy, e sua vida não conteria a mesma luz de tirar o fôlego.

Joguei Sulli por cima do ombro para distraí-la, a levei de volta para o quarto e a joguei no balanço de vime. Eu agarrei a porra dos lados para que ela não fugisse.

— Mamãe ainda não voltou — lembrei a Sulli. Eu disse à nossa filha que ela ficaria fora por três dias. Só se passaram *um*.

O queixo dela tremeu. — Por quê?

— Ela está checando todas as crianças da porra do acampamento. — Daisy não é a diretora do acampamento. Ela é a dona, então ela não fica lá em período integral durante o verão. Mas durante as sessões de duas semanas e um mês para os campistas, Daisy comparece aos Dias da Alma, que são realmente os últimos três dias de uma criança no Acampamento Calloway. São cheios de mais celebrações e atividades, incluindo passar um tempo com a Daisy, uma celebridade mundialmente famosa.

Sulli começou a chorar. — Mas ela é minha fada madrinha...

Dais e Sulli sempre brincam de se fantasiarem quando nossa filha quer. Se eu me junto a eles, sou o fodido pirata que diz palavrões. Eu não acho que Sullivan declararia hoje como o dia das sereias, mas ela está com saudades da Dais. Há um buraco em nossas vidas quando ela não está por perto.

Sulli fala: — Eu pensei que ela já ia ter voltado. Você pode falar para ela voltar para casa logo? Por favor, papai. Ela vai voltar para

casa?

Quando Sulli chora, meu coração desmorona. A porra do meu mundo desmorona. *Eu* desmorono.

Como faço para animar a minha filha, porra?

Simples.

Eu me torno a maldita fada madrinha.

Em menos de um minuto, suas lágrimas pararam, ela me levou ao seu baú de bugigangas e me passou a roupa de tutu rosa de Daisy e a varinha de papel roxa.

É o que eu estou vestindo agora. Eu me apertei pra caralho no collant da minha esposa, ainda bem que ela é alta ou então isso não teria funcionado de jeito nenhum.

Sulli me chamou de fada zangado, como se tivesse sete de nós. Agora estamos tomando café da manhã na cabana tranquila no chão da sala. Sullivan morde um pedaço de tangerina e faz mais perguntas.

— Do que é feita a água?

— Moléculas. — Eu digo antes de comer outra colherada de cereal.

— Por que as moléculas são frias?

— Pergunte à porra do seu tio.

— Por que o tio Connor sabe tudo?

— Porque ele é um maldito sabe-tudo. — Eu limpo minha boca com o braço, minhas sobrancelhas se franzem quando Sulli rola de costas.

Ela espia por baixo do cós da saia sereia. — Papai? — A preocupação atinge sua voz. Estou prestes a me aproximar e puxá-la para fora do monte de travesseiros, mas ela pergunta: — Pra onde foi o meu cabelo lá de baixo?

Puta que pariu.

Antes de trocar para essa roupa de fada, pensei que ela estava olhando para a trilha de cabelo que vai do meu umbigo e desaparece sob o cós da minha esportiva.

— Você é jovem pra caralho pra ter cabelo lá em baixo.

Ela faz beicinho tristemente e fica olhando embaixo da saia. — Vai aparecer logo?

— Não. — *Porra, não*. Ainda não estou pronto para ela passar de *quatro anos* para a *puberdade*. Eu realmente sinto que ela nasceu ontem. A verdade é que não consigo imaginar vendo ela como outra coisa senão minha *garotinha*.

Tomo o leite da minha tigela, a deixo de lado e mando uma mensagem para Dais: *como você está se sentindo?*

Quando pressiono enviar, meu celular toca com uma mensagem recebida.

Ryke… – Lo

Cancelei a ida até a academia essa manhã com meu irmão e Connor porque Sulli estava chateada. Essa mensagem dispara meus nervos.

O que houve? Eu mando. Um segundo toque.

Bacana :) – Daisy

Eu sorriria mais se meu irmãozinho não tivesse me enviado uma mensagem aleatória. Terceiro toque.

Você pode vir para a academia? – Lo

Algo está errado.

Eu não penso duas vezes. Eu só ajo. — Quer dar uma volta, Sulli? — Eu já estou a levantando dos travesseiros.

Sulli assente rapidamente e cospe sua tangerina.

Eu praticamente saio correndo pela porra da porta.

* * *

Só me lembro que estou em um maldito collant e tutu quando estaciono meu Land Cruiser na academia. Quatro cinegrafistas estão esperando no meio-fio.

— Porra — eu xingo, tirando o cinto. Eu me viro para o banco de trás, procurando por uma calça.

Sullivan espera pacientemente em sua cadeirinha, sem medo dos paparazzi por causa do jogo da Daisy de Hora da Concha TV, mas também não é amigável com eles. *Não fale com estranhos*, repetimos para Sulli mil vezes.

Cordas. Mosquetões. Um maldito capacete de escalada, mas nenhuma roupa. — Porra. — Abro a porta para intensos gritos e flashes de câmeras.

Estou em modo *ignorar* e *foda-se*. Abro a porta do passageiro e começo a soltar o cinto da Sulli, ela está com as mãos pressionadas nos ouvidos por causa disso:

— RYKE!

— OLHA AQUI, RYKE!

— RYKE, AQUI!! OLHA AQUI!

— SULLIVAN! OLHA AQUI!!

— MOSTRA SEU SORRISO, SULLIVAN! — Mais paparazzi começam a parar no estacionamento meio cheio.

Eu levanto Sulli para fora da cadeirinha. Eu gostaria de carregá-la para dentro, mas ela pergunta baixinho: — Posso andar, papai? — Eu a coloco de pé no chão, e ela pega minha mão.

Nesse momento, o collant rosa sobe na minha bunda, mas nem está na minha lista de preocupações. Um cinegrafista fica na nossa cara.

— Vai pra trás, *porra* — eu xingo e outro paparazzi agarra a camisa daquele cara, puxando-o para fora do nosso caminho.

— Ele é novo! — alguém grita, se desassociando com aquele outro cara.

Já chega. Levanto a Sulli em meus braços.

— Papai. — Ela se mexe, querendo descer para o chão.

— Só até entrarmos, Sul. — Dois segundos depois, estou abrindo as portas. A academia está meio que vazia, mas todo mundo ainda olha em nossa direção. Mesmo se eu não usasse esse traje, ainda seria encarado.

— *Uaaaau!* — Sulli fica boquiaberta com as fileiras de equipamentos. De elípticos a esteiras e simuladores de escadas. Ela nunca esteve em uma academia como essa antes.

Como prometi, eu a coloco no chão e a guio em direção aos bancos de peso na parte de trás. Encontro meu irmãozinho em um, Connor ajudando.

Eu estudo os dois rapidamente, mas eles parecem... bem.

— Ei! — Eu grito com raiva.

Lo vira a cabeça, os olhos arregalados com uma expressão que diz *que porra foi essa* - seus braços cedem. Meus pulmões despencam até Connor pegar a barra, logo antes que ela possa atingir o peito de Lo.

Solto um suspiro tenso.

Lo se senta e faz um gesto para mim, depois para si mesmo, depois para Sulli, então de volta para mim. Ele explode em um sorriso. — É o meu aniversário? Porque ou é o Dia das Bruxas ou você esqueceu de me dizer que se tornou uma bailarina de meio período.

— Ele é minha fada madrinha zangada — explica Sulli, sorrindo para mim.

— Apenas um terço está correto — diz Connor, limpando as mãos em uma toalha.

— Mas é dois terços clássico pra caralho. — Lo tira uma foto minha.

Eu não me importo.

— Tio Connor? — Sulli se aproxima dele, mas então percebe um haltere brilhante e segue na direção dele. Mesmo assim, ela pergunta: — Por que as molocolas são molhadas? — Ela esqueceu como falar *moléculas*, e ele não precisa responder porque ela tenta pegar o haltere.

Eu já estou a puxando para trás, quase um metro de distância da coisa.

Ela olha para mim como se perguntasse *eu posso tocar?*

Eu agacho, pego o peso e deixo que ela olhe para ele. Com isso, eu me concentro no meu irmãozinho. — O que está acontecendo com você?

— Comigo? — Lo coloca o celular no bolso e abre a garrafa de água. — Você é quem apareceu de tutu. Os paparazzi ainda estavam do lado de fora?

— Eu não me importo, porra. — Eu não me importo com os tablóides ou com a minha fantasia. Eu me importo com o meu irmãozinho. — O que há de errado? Você *me* mandou uma mensagem. — Meu queixo flexiona.

O rosto dele cai. — Cristo... você veio correndo para cá, não foi? — A culpa o come por um segundo rápido, e ele esfrega a parte de trás do pescoço.

— E eu faria isso de novo. Você está bem?

— Sim. Eu só queria você aqui, não *precisava.* Apenas queria. — Ele observa Sulli encostar a orelha no haltere, como ela faz com as

conchas. — Preciso começar a colocar SOS nas minhas mensagens para que você possa saber quando for caso de vida ou morte?

Eu grunho: — Não. Eu só preciso de uma Lily na porra da minha vida.

Connor brinca: — SOS, não consigo encontrar o controle remoto.

Lo ri porque essa foi uma mensagem real que Lily enviou para o grupo quando todos morávamos juntos. — SOS, Ryke está com a calcinha do collant enfiada na bunda.

— Tal pai, tal filha — medita Connor, referindo-se à famosa foto da Sulli.

Balanço a cabeça. — Vai se foder você e vai se foder você também.

Sulli dá um tapinha no haltere. — Vai foder!

Puta que pariu.

— Ahh, merda. — Lo estremece.

Connor não mostra nenhuma emoção. Esfrego minha têmpora e digo fortemente: — Ei, Sulli. Nunca mais diga isso. Isso é *ruim* pra caralho.

É difícil porque não sei dizer quando xingo até cinco segundos depois e, mesmo assim, tenho que *pensar* sobre isso. Sullivan franze a testa, sem entender.

Lo proclama: — Eu enlouqueceria se a Luna dissesse isso.

— Não está ajudando, porra. — Passo a mão pelo rosto uma vez e depois resolvo o que fazer. — Toda vez que você diz palavrões, precisa comer outro vegetal.

— Não. — Ela faz um biquinho. — Papai…

Eu ouço meu irmão sussurrar para Connor: — Ele tem um ponto fraco pra isso.

— Dê a ele um minuto.

— Um vegetal — eu digo. — Só isso, docinho. — É a porra da minha culpa se ela fala palavrão, e ela age como se eu estivesse a submetendo a punição criminal.

— Ok — diz ela, triste pra caralho. Eu quase digo a ela *esquece isso, vamos deixar pra lá*, mas então olho para meu irmão e ele sussurra, *regras, imponha regras* - e ele mima um martelo.

Então eu beijo o topo da cabeça dela e me levanto.

Lo começa a bater palmas lentamente. — Progresso.

Connor se junta ao aplauso lento. — Progresso *mínimo*.

Eu tenho que morder minha língua para não chamá-los de *cuzão* e *super cuzão*. — Vocês têm sorte que a Sulli está aqui.

Connor, que geralmente se irrita com a palavra *sorte*, deixa passar dessa vez.

— Isso mesmo — diz meu irmãozinho — ou então teríamos perdido isso. — Lo nunca gesticula para a minha fantasia.

Suas palavras se aprofundam muito mais do que aqui e agora.

* * *

Dia dois sem a Daisy, e eu estou com saudades dela pra caralho. Eu acordo por volta das 5:00 da manhã novamente, meus cobertores não amassados, não enroscados como se alguém tivesse chutado, rolado e virado. A cama nunca geme.

Eu não a vejo sorrir ou ouço a Nutty correr enquanto verifica cada porta. A husky branca fica com a Dais no Acampamento Calloway. O pensamento endurece lentamente minha mandíbula.

Estou com inveja de um fodido cachorro.

Eu penteio meus cabelos desgrenhados, o quarto escuro silencioso e solitário pra caralho.

A verdade é que, antes de termos a Sulli, Daisy e eu poderíamos nos separar e nos comunicar bem através de mensagens de texto, talvez um telefonema de dois minutos aqui e ali - mas nunca *precisávamos* ficar juntos o tempo todo, como meu irmão e Lily. Eu sinto a mudança em nós.

Ninguém nunca será como Lily e Lo, mas pelo amor de Deus - sinto *saudades* da Daisy como se eu não a visse há um ano, e só fazem dois dias. Esfrego o rosto, tentando esquecer isso, mas tenho certeza de que, assim que eu ver a Sulli, a saudades da Daisy vai me bater novamente.

Sentado na beira da cama, com os pés no chão, pego meu celular na porra da mesa de cabeceira. Lanternas de papel verde balançam no alto com o zumbido do ventilador de teto. Clico no meu primeiro contato e pressiono o *FaceTime*. Para a tela não ficar totalmente escura, eu acendo a porra das luzes e volto para o mesmo lugar.

Daisy atende no segundo toque, e encontro instantaneamente olhos verdes e ensolarados em meio a ambientes pouco iluminados. Ela se move para frente e para trás, com o cabelo em um coque bagunçado e, quanto mais eu estudo seus traços, maior o seu sorriso se expande. Os sapos coaxam suavemente e os pássaros cantam ao fundo, o sol ainda não nasceu, mas onde quer que ela esteja do lado de fora, uma lâmpada deve iluminá-la.

— Oi — ela sussurra, descansando a bochecha na mão, segurando uma corda?

Ela está balançando, eu percebo.

Eu a imagino sozinha na manhã tranquila pra caralho, balançando perto do lago. Filas de caiaques por perto, os campistas ainda dormindo enquanto ela está bem acordada.

Ela não consegue conter seu sorriso. — Você sentiu minha falta?

Mais do que você imagina, porra. Eu mostro a resposta em todo o meu rosto. — Como você dormiu? — Eu descanso meus antebraços nas minhas coxas, inclinado para a frente enquanto olho para o meu celular.

— Humm — ela praticamente geme. — Melhor sono que eu já tive.

Minhas sobrancelhas se erguem, incrédulo que essa porra tenha sido o melhor de todos. — É mesmo, Calloway?

Ela ri, incapaz de fingir por muito tempo. — O melhor não estando em casa com você. Eu dormi por umas boas seis horas. Só acordei algumas vezes. — Daisy ajusta o telefone e joga alguma coisa. Ela vira a câmera. Nutty corre em direção ao lago, patas espirrando água e, em seguida, a husky traz com entusiasmo um pedaço de pau para Daisy.

Meu relacionamento com Dais nunca foi fundamentado em palavras; portanto, quando ficamos em um silêncio mortal em uma ligação, não é tenso ou estranho. É pacífico pra caralho.

Prefiro compartilhar o silêncio com Daisy do que ficar sentado em silêncio sozinho.

Seu balanço range e ela encara a câmera novamente. Muito suavemente, ela diz: — Eu também sinto sua falta.

— É?

— Ah, é. — Ela mexe na corda. Para frente e para trás, para frente e para trás, sempre em movimento. — Toda montanha me lembra você.

Meus lábios quase se levantam. — Você está falando com as fodidas montanhas agora, amor?

Ela ri, o que instantaneamente me faz sorrir pra caralho. — Apenas as montanhas que você tocou. Elas são as minhas favoritas.

Observo Daisy examinar minhas feições, e o *sinto sua falta* que ela falou repentinamente se traduz em seus olhos. — Alguma coisa nova? A Sulli está bem?

— Vou ver se ela ainda está dormindo. Ela vai querer te ver, porra. — Eu me levanto assim que falo isso, e me lembro de ontem. A academia. Os fodidos paparazzi. — Você entrou na internet?

Daisy joga outro pedaço de pau. — Não. Dias da Alma são sempre lotados, então eu nem entrei na Internet. — Ela faz uma pausa. — Por que, algo aconteceu?

Antes que a preocupação apareça, eu digo: — É apenas uma fodida foto minha. Lo fica me mandando mensagens com emojis de coração. — Entro no corredor e registro *outro* sorriso que puxa meus lábios. Eu não poderia me importar menos com o que o *Celebrity Crush* posta, a menos que magoe a Daisy ou qualquer uma das irmãs Calloway.

Aquilo foi inofensivo pra caralho.

Daisy deve ter procurado na internet, a mão nos lábios levantados. Quando seus olhos começam a brilhar com lágrimas, paro no meio do corredor.

— Dais?

Ela está sorrindo. — Você se fantasiou para ela?

Meu coração irradia por causa da minha esposa. — Eu tentei, porra.

Daisy ri, enxugando as lágrimas que caem. — Eu sei que as pessoas sempre lembram o Lo disso, e para Connor, é simplesmente um fato conhecido, mas Ryke... — Daisy sorri em outra risada sincera. — Você é um pai *incrível*.

Eu mentiria se dissesse que isso não me *atingiu* como mil toneladas. Prometi a mim mesmo que não seria como Jonathan

Hale e quebrei o molde mais rápido do que meu irmão poderia. Eu não tive uma *boa* figura paterna, nada para imitar, mas sabia o que nunca queria ser. O que eu nunca faria com minha filha.

Eu estaria lá *todos os dias*, não apenas às segundas-feiras.

Eu a amaria mais do que amei dinheiro. Mais do que eu amei minha reputação. Mais do que eu me amei.

Eu procurava na terra pela porra da felicidade e entregaria a Sulli.

O sorriso da Daisy é contagioso. Acabo rindo levemente e balançando a cabeça - grato pela minha esposa, minha filha e por essa fodida vida.

— Papai? — A porta do quarto da Sulli começa a se abrir.

Daisy balança mais rápido, sua animação brilhando com o som da voz da nossa filha.

Silenciosamente, digo a Daisy: — Eu não fui o único que realmente sentiu sua falta.

Daisy finge ofegar. — É a lua? As estrelas sentiram minha falta? Ou foi o céu?

— Foi essa pequenininha aqui. — Viro a câmera para a porta do quarto, exatamente quando Sulli aparece, meio vestida com a mesma roupa de sereia.

Eu agacho. — Quer falar oi para a mamãe? — Mostro a tela para a nossa filha de quatro anos.

Sulli ofega, mas de verdade, e ela corre em direção ao celular. — Mamãe!

Daisy sorri. — A sereia mais bonita de todo o mar.

São 05:00 da manhã - e estamos todos juntos novamente.

{ 28 }

Dezembro de 2022
Elevador da Hale Co.
Filadélfia

LILY HALE

Eu estou em um pesadelo.

Se eu pudesse classificar um cenário como "pesadelo", seria esse *aqui.*

— Pressione o botão novamente! — Eu grito com Ryke. Eu já apertei repetidamente o botão do elevador, mas talvez seja um erro do operador. Talvez *Ryke* tenha um toque mágico.

Não um toque sexual! Apenas um toque que faz um elevador da Hale Co. *andar* quando ele fez uma parada repentina e aterrorizante.

— Eu já pressionei quinze vezes, porra — Ryke retruca. Ele ouve a minha demanda de qualquer maneira e aperta o botão vermelho de *ajuda*. Nada acontece. Sem sinos, sem bipes, sem sistema de interfone.

Está quebrado.

Nossa única saída está quebrada. Estamos presos cerca de dez andares abaixo do nosso destino: uma festa de Natal da Hale Co.

Ando no pequeno espaço confinado. Sem espelhos, apenas papel de parede marrom, iluminação fraca e música suave de Natal dos alto-falantes de canto. "Bate o Sino" é o hino atual do meu pesadelo.

Mordo minhas unhas enquanto Ryke se agacha na altura da caixa de manutenção abaixo de todos os botões. Ele tenta abrir com a ponta dos dedos. Se essas pontas dos dedos podem escalar rochas, certamente elas podem nos salvar. Certo?

Meus tornozelos inchados estão doendo. Eu me inclino contra a parede em busca de apoio, minha mão na minha grande barriga. O peso extra arrasta meu corpo para baixo. *Fique em pé*. Eu me motivo. Devo dar a luz a qualquer momento. Na verdade, eu quase

fiquei em casa e desisti da festa para ficar de pijama e assistir televisão com Moffy e Luna.

No último minuto, decidi vir e apoiar o Lo. E... os biscoitos de Natal. Ele me seduziu com uma foto dos biscoitos e eu cedi.

Então, naturalmente, peguei carona com o Sempre-Atrasado Ryke Meadows.

Se eu soubesse que participar da festa resultaria em estar presa em um elevador com o Sempre-Atrasado Ryke Meadows enquanto sou Lily Hale Muito Grávida, eu teria ficado em casa de pijamas. E fingindo que estava comendo biscoitos de açúcar.

Ansiosamente, puxo os pelos do meu suéter feio de Natal (o tema da festa). A lã vermelha para nas minhas coxas e pompons brancos estão colados em cada centímetro. Ryke usa um suéter verde com uma rena fazendo cocô de enfeites e glitter. A costura, em dourado diz: *Feliz Natal, porra!*

Daisy comprou para ele.

Pego meu celular. — Verifique se você tem sinal novamente. — Eu levanto meu celular em direção ao teto. Sem barras. Sem sinal.

— Lily — Ryke rosna meu nome. — Sente-se, porra. — Seus dedos mágicos falham ao abrir a caixa de manutenção parafusada. *Dedos mágicos?* Começo a imaginar seus dedos em lugares não tão saudáveis.

Então eu começo a imaginar seus dedos na minha *irmã.*

Me encolhendo, cubro meu rosto com uma mão. Eu não quis pensar nisso, eu juro.

Eu respiro fundo e foco no meu celular. — Se eu me sentar, vou estar cedendo à ideia de que ficaremos aqui por mais de cinco minutos. — Eu levanto meu celular. — Talvez se você me levantar, encontraremos sinal.

— *Não* — Ryke argumenta. — Você está grávida de nove meses, porra. Não estou levantando você para lugar algum.

— Shhhh! — Eu sussurro e estico meus braços. — Você ouviu isso?

Ryke fica quieto, mas volta para uma caixa com um telefone que ele já checou quatro vezes.

Eu presto atenção e ouço conversas suaves. — SOCORRO! — Eu grito. — SOCORRO!! ESTAMOS PRESOS!! — *Por favor, todos*

bruxos em todas as terras, por favor, me tirem daqui.

Ryke coloca o telefone no ouvido e pressiona outro botão. Suas feições escurecem significativamente. — Qual é o sentido dessa porra, se não funciona?

Eu respiro fundo, deslizando pela parede. Não aguento mais ficar em pé. Essa sou eu, literalmente afundando em derrota.

Ryke não me vê a meio caminho do chão quando diz: — Senta na porra do chão, Calloway. Não vamos a lugar algum.

Merda.

* * *

Duas horas.

Estamos presos neste elevador há duas horas brutais e contando. Eu me inclino contra a parede e luto para desamarrar minhas botas. Meus tornozelos precisam respirar.

Ryke se arrasta para minha frente e começa a desamarrá-los.

Acho que murmuro um obrigada, com calor e exausta por não fazer nada além de ficar sentada aqui com medo. De vez em quando, começamos a gritar por ajuda, mas ninguém nos ouviu ainda. Eu o proibi de rastejar para dentro do poço do elevador. A primeira vez que ele propôs a idéia, eu imaginei o cenário brutal em que ele é esmagado até a morte.

Ele me disse que eu estava sendo muito dramática, mas cedeu por um tempo. Depois, tentou várias vezes e, na quarta tentativa, conseguiu abrir a porta da saída de emergência do teto.

Então eu gritei tão horrivelmente que ele parou.

Ele não tentou depois disso.

Dói só de pensar no Ryke morrendo. Passei por isso uma vez e não quero reviver aquele dia no Peru. Haveria um vazio sem fundo que não poderia ser preenchido por ninguém.

Eu solto respirações controladas, e ele arranca minha bota esquerda e começa a desamarrar a direita. Eu mexo meus dedos dos pés. Tudo intacto. Ryke olha para minha barriga por um longo momento.

Estou *tão* grávida - não é bom.

Eu não falei nada sobre a dor que começou cerca de uma hora atrás, que parece muito com contrações. A negação é um modo natural para mim, mas depois começo a pensar em perder esse bebê. O suor se acumula no meu pescoço.

Eu não posso perdê-lo.

Enquanto ele desamarra minha bota direita, pergunto: — Hipoteticamente, se ficarmos presos aqui por toda a eternidade, você acha que poderia me ajudar a fazer o parto do Xander?

Ryke me olha furioso. — Nós não vamos ficar aqui por toda a eternidade.

— Mas se ficarmos.

Nós não vamos.

— Mas se *ficarmos* — eu digo como se eu tivesse vencido ele - e depois solto outra respiração.

Ele arranca minha segunda bota. — Se ficarmos, então precisamos pensar em outras coisas também, porra. Como comida. Água.

— Sexo — eu deixo escapar e me encolho com ele. — Nãonãonãonão! Não com *você*. Eu só quero dizer. — O que eu quis dizer? Jogo um pouco de ar no rosto com as mãos. — Sempre que alguém começa a listar as coisas necessárias para sobreviver, o sexo sempre vem à mente. Não com você, só para ficar claro. Apenas em... geral. — Eu aceno em volta para o elevador como se contivesse toda a generalidade do mundo.

Ele esfrega o rosto com as mãos como se estivesse tentando acordar. Então ele geme como se não pudesse acreditar que estamos tendo essa conversa. — Fantástico pra caralho.

A dor aumenta e eu aperto minhas mãos, depois me mexo um pouco. — Mas *falando* sério... — *Eu estou com medo.* — Se ficarmos aqui pelas próximas vinte e quatro horas, você poderia... ajudar ou...

Ele levanta a cabeça do forte que criou com as mãos, e a preocupação envolve seu rosto mais do que qualquer coisa que eu imaginei. — Você está tendo contrações agora, porra?

— Eu não sei — murmuro. — Talvez.

Ryke passa as mãos pelos cabelos. — O que é *talvez*? Tipo, intenso pra caralho ou...?

— Eu não sei — repito.

— Como você pode não saber?! — Ryke grita, principalmente por causa do pânico. — Esse é o seu terceiro filho.

Eu coloco minha mão no meu peito. — Eu ainda não sou uma especialista como a Rose.

— Pelo amor de Deus. — Ryke faz um gesto para mim. — Você é tão inteligente quanto ela. Três bebês ou seis ou *nenhum*. É tudo a mesma merda... — ele se interrompe quando vê o medo me invadir. — Você está chorando?

— Não. — Eu limpo debaixo dos meus olhos, uma lágrima no meu dedo. — Rose não choraria.

— Você não é a Rose — diz ele severamente. — E você não precisa ser ela. Ela não gostaria que você fosse outra pessoa a não ser você.

Eu concordo com a cabeça. Ele tem razão. Eu só pensei que ter um pouco de força extra da Rose não faria mal, mas talvez tudo que Xander precise seja da minha força.

Estremeço com outra dor aguda e fecho os olhos.

Ryke se aproxima ainda mais e começa a fazer mil perguntas. *Onde dói? O que posso fazer para ajudar, porra? Você precisa se deitar? Você quer a porra do meu suéter como travesseiro?*

Eu aceno minha mão para ele parar. Ele se cala e eu sussurro: — Só... fale sobre outra coisa. Me distraia? — Minha ansiedade e medo podem ser os culpados disso. *Relaxe, relaxe, relaxe*, eu recito.

Eu abro um olho.

Ryke vira o celular na palma da mão. — Se você odeia a porra do nome dele, sempre pode escolher outro.

Meu outro olho se abre. — O que? Não. — Não achei que ele falaria sobre *isso.* — Lo e eu amamos o nome Xander. — Depois que soubemos que estávamos tendo um menino, começamos a debater nomes dos nossos personagens favoritos dos quadrinhos. Meses se passaram com muitas opções e mais indecisão. Não foi tão fácil quanto Maximoff e Luna.

Então, demos nossa longa lista de possíveis nomes de bebês a Ryke e pedimos que ele escolhesse um.

Ele devolveu a lista e circulou um nome, mas riscou algumas letras.

~~Al~~exander Summers

Também conhecido como Destrutor do *X-Men* e o irmão de Scott Summers. Sua escolha fez Lo ficar emocionado, especialmente quando Ryke disse que pesquisou todos os nomes antes de escolher esse.

Ele só precisava escolher um primeiro nome, já que não damos nomes do meio ao nossos filhos - pelo puro fato de que queremos que eles sejam chamados pelo primeiro nome. E não um segundo.

— Bom, eu... — Ryke começa. — …Lily? *Porra.*

Eu devo estar pálida porque ele coloca a mão na minha testa. Falo rapidamente: — Não posso ter esse bebê hoje. É *véspera* de Natal. — Essa festa brega de suéter de Natal é um evento noturno apenas para adultos. Todas as crianças estão na cama e juntas na propriedade Cobalt. É como uma festa do pijama gigante para elas, e Poppy optou por não se juntar aos adultos, então ela está lá no caso de alguém acordar e precisar de um pai ou mãe.

Eu divago sobre isso: — Amanhã é Natal, e eu tenho que ver o Maximoff e a Luna abrindo presentes. Daisy filmará todo mundo e narrará - vou perder a narração! Não posso perder. — Eu solto um suspiro trêmulo.

— Ei, você pode rever o vídeo quando quiser, porra.

Minhas mãos vão para o meu abdômen, e digo a Xander: — Não saia ainda. *Por favor*. — Eu juro que nesse momento ele desce, desce, e *desce* mais. Pego algo para apertar, que acaba sendo o pulso do Ryke. — Eu só queria um biscoito de açúcar!

Duvido que o Lo levaria alguns para mim em casa, e se levasse, haveria uma grande possibilidade de que ele comesse na minha frente. Ele também é um provocador de biscoitos.

Ryke tenta entrar na internet novamente, mas nada carrega. *Sem serviço*. Tudo está sem serviço, exceto meu corpo, que continua me matando de dor. Cerro os dentes e grito, a próxima dor aguda vem rapidamente e com força.

Sua mandíbula endurece, e seus olhos ficam sombrios, seu pânico escondido, ao contrário do meu. — Ei, Lily. — Ele tira o suéter, enrola a lã macia e enfia o travesseiro improvisado atrás das

minhas costas enquanto eu me inclino contra a parede. — Não importa o que aconteça aqui, isso não muda a gente, porra. Você é minha amiga e eu amo você. Ok?

Lágrimas se acumulam, e eu aceno repetidamente. Eu sei o que isso significa.

Ryke tem que olhar entre as minhas pernas.

Não recuo, me afasto, nem fico vermelha. Eu não estou morrendo de vergonha. Apenas dominada pela dor e determinação. Isso não é só sobre mim. É sobre Xander, e preciso de ajuda.

Aperto o pulso do Ryke na próxima contração, e ele desliza minha mão em sua palma calejada. Tento me concentrar na aspereza e dureza da mão dele - *uma mão de alpinista*. O pensamento quase me afasta da dor. Eu expiro respirações controladas.

Então começo a abaixar minhas leggins pelas minhas coxas, não estou usando calcinha hoje. Ryke me ajuda um pouco, e eu paro no meio do caminho com uma contração - e depois outra coisa.

Eu estremeço. *Ai meu Deus.*

A umidade escorre entre as minhas pernas, encharcando parte das minhas leggins.

— *Porra* — ele xinga. A realidade acabou de bater na nossa cara.

Minha bolsa estourou.

Estou entrando em trabalho de parto.

Nesse elevador. Sem o Lo. Sem estar em um hospital. Sem médicos, sem analgésicos ou qualquer coisa para garantir que Xander esteja saudável e vivo no final.

— Nãonãonão — repito, batendo a cabeça contra a parede. Eu olho para o teto. — Lo — eu choro. — Eu preciso do Lo. — Eu grito em direção à porta da saída de emergência do elevador. — LO!! — Eu não posso fazer isso sem o Lo. Eu não sei como fazer isso sem ele. — LO!!! — Meu choro se quebra no meio.

Ryke aperta meu rosto. — Lily, Lily, shhh, vai ficar tudo bem.

Eu preciso do Lo. Não posso fazer isso sem o Lo. Lágrimas quentes caem em minhas bochechas. — Lo — eu resmungo. *Lo, por favor, me encontre.*

Ele sempre me encontra.

— Lily, se concentra, porra. — Ryke agarra minhas bochechas com mais força e meus olhos caem nele. — Você passou três

malditos meses sem ele. Eu estava lá com *você*. Se lembra disso?

Eu concordo com lágrimas nos olhos. Quando Lo foi para a reabilitação. Éramos todos muito mais jovens. Esfrego os olhos, mas depois aperto meu peito. Meu coração está se partindo em mil pedaços. — Eu não quero fazer isso sem ele.

— Mas você vai precisar, porra.

A turbulência emocional supera cada grama da dor. As contrações descem sob agonia que queima através de mim.

Meus joelhos já estão dobrados, minhas pernas abertas. Ryke tira as leggins dos meus tornozelos. Ainda estou vestida com meias do Star Wars com temas de natal na altura das panturrilhas e meu suéter feio. Dez andares acima de nós, as pessoas estão rindo, bebendo gemada e com os rostos corados graças a magia do Natal.

Ryke olha entre as minhas pernas. Eu não assisto.

— Você tem que começar a cronometrar suas malditas contrações. — Ele mexe com o cronômetro no pulso. — Me avise quando a próxima vier.

Balanço a cabeça atordoada e depois concordo. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. Eu murmuro respostas, mal estar subindo na minha garganta. Meu amor por Lo me domina de uma maneira que muitos achariam ruim. *É demais. É muito tóxico. Pare com isso.*

Ele faz parte de mim.

Ele está na minha alma.

Sempre foi assim.

Sua ausência rasga e *rasga* meu interior. Vai acontecer a qualquer momento. Eu abriria mão de três meses com ele novamente, só para tê-lo aqui *agora*, para o nascimento do nosso filho. Eu trocaria por todos os meus milagres de Natal. Eu digo isso ao Ryke, eu acho, porque ouço algo sobre *um maldito milagre de Natal* - mas não presto muita atenção.

Eu tento redirecionar meu foco. *Bebê. Nascendo.*

Tudo ficará bem.

Tudo ficará bem.

Mesmo que ele não esteja aqui?

Ficará tudo bem.

Eu o quero aqui.

Ficará tudo bem.

Eu choro. Eu limpo meu nariz. Eu perdi controle das minhas contrações e tento dizer isso a Ryke, mas ele diz para eu não me preocupar.

Talvez eu realmente esteja delirando - mas juro que a porta da saída de emergência no teto se abre. Um homem loiro que eu nunca vi na vida enfia a cabeça, avaliando a área.

— LO! — Eu grito. É tudo o que penso em dizer.

Então o loiro desaparece.

E depois. — LILY!!

É Lo, a sua voz próxima. Eu ouço o farfalhar lá em cima, e então suas feições afiadas aparecem, sua cabeça na abertura da saída de emergência. Seus cabelos mais compridos em cima caem em direção aos olhos.

Começo a chorar mais, emocionada ao vê-lo. Ele está aqui. *Ele está aqui.*

Ou talvez eu esteja apenas imaginando tudo. É uma fantasia onde eu faço de conta que ele está nos meus braços? Não seria a primeira vez que eu confundiria fantasia com a realidade. Meu coração dói.

Eu o vejo desaparecer.

Não. — Não — eu engasgo. *Volta.*

Eu ouço uma conversa urgente, e então ele desce pela saída de emergência no teto. Seus pés batem no chão, seu suéter preto e feio subindo na cintura, fios vermelhos e verdes costurados como um elfo DJ girando discos.

Ele não perde tempo, seus joelhos ao meu lado, as mãos nas minhas bochechas. — Estou aqui. Estou aqui, Lil — ele repete. Eu olho em seus olhos cor de âmbar que contém um milhão de *eu amo você* e mil outras preocupações.

— Isso é real? — Eu pisco e minhas lágrimas escorrem pelas mãos dele.

Lo assente. — Isso é real, amor.

Ele me beija, um beijo desesperado e *irresistível* que acalma minhas emoções. Quando ele se afasta, eu estremeço, a dor lá embaixo batendo em mim como um acidente de carro. Por mais que doa, eu prefiro essa dor ao invés da outra. De verdade. Sempre.

— Quando a bolsa dela estourou? — Lo pergunta, deslizando em direção às minhas pernas.

Ryke olha no relógio e se arrasta para o meu lado, perto da parede. — Cerca de uma hora atrás.

O que? Eu estremeço novamente, minha mão agora na do Lo. — Tá errado.

— Você perdeu noção dessa porra, Lily.

Recuei para a minha cabeça. Infelizmente, é nisso que sou boa.

Lo coloca a mão livre no meu joelho, e ele espia entre as minhas pernas. Estou tonta demais para ler a reação dele. — Como ela tem estado? — ele pergunta ao Ryke.

— Sem noção de nada — ele repete.

— Uma ambulância está a caminho e a manutenção está trabalhando para reiniciar o elevador — explica ele. — Eu não consegui falar com vocês dois e pensei... — Ele olha para o teto, os olhos cheios de lágrimas, chateado e com raiva. — Liguei para todos os malditos hospitais nas proximidades. Então encontramos o seu carro no estacionamento, e eu sabia que vocês não tinham sofrido um acidente.

Ryke se levanta. — Você viu que o fodido elevador estava parado?

— O Connor viu. Encontramos alguém que sabia como entrar no poço do elevador e a manutenção está tentando reiniciá-lo pelas últimas duas horas...

Eu grito com a contração e aperto a mão do Lo como se minha vida dependesse disso. *AiMeu*... eu quase vomito de dor, náusea crescendo na minha garganta. Lo acaricia minha bochecha e sussurra algo que não consigo entender em meu estado. Eu concordo com a cabeça, atordoada.

Ryke abre a saída de emergência. Ele pula, agarra a borda e puxa o corpo para cima com uma mão. Não tenho energia de sobra para surtar. Além disso, ele retorna em um segundo rápido. — Eu ouço sirenes. — Embora seja um som distante.

Uma ambulância está chegando. Ou é coisa da minha cabeça?

Eu tento relaxar com o primeiro pensamento.

Lo e Ryke travam os olhares e trocam um olhar de gratidão um pelo outro. Por Ryke cuidar de mim. Por Lo vir nos resgatar.

— Ela precisa de você — Ryke diz a ele.

Lo olha para mim e eu olho para Lo. Nossa história me cobre com segurança calorosa, e me afogo naqueles olhos cor de âmbar. Ele segura minhas duas bochechas novamente.

— Você e eu — diz ele.

— Lily e Lo — eu respiro.

— Lo e Lily. — Ele enxuga a própria lágrima que cai e assente. — Nós vamos ficar bem.

Eu murmuro: — Eu acredito nisso.

Os próximos eventos acontecem rapidamente, apressados entre contrações sem fim, meus gritos e um bebê que está prestes a chegar. O elevador geme e volta a vida. Quando chegamos a um novo andar, as portas se abrem para os paramédicos, e eu rapidamente sou colocada uma maca.

Minhas irmãs aparecem. Connor também.

Mal consigo pensar enquanto eles me avaliam e depois se movem com urgência, tudo para me levar ao hospital. Eu nunca soltei a mão de Lo.

Lá fora, enquanto a neve cai na noite escura de véspera de Natal, os paramédicos abrem as portas da ambulância e eu sou levada em direção à segurança. Minhas mãos nos meus joelhos, meus dentes cerrados.

Rose grita com Xander para ficar dentro do meu útero.

Connor me treina para respirar.

Ryke fala com um paramédico.

Daisy coloca um biscoito em forma de rena na minha barriga. *Obrigada Daisy. É o que eu realmente queria.*

E Lo está bem ao meu lado, segurando minha mão, me dizendo que isso é real. Que não importa o que aconteça, ele estará aqui.

Quando o mundo me alcança, estou no hospital, o relógio bate uma hora depois da meia-noite.

E um milagre de Natal chora baixinho em meus braços.

Lily e Loren Hale dão as boas-vindas ao nascimento do filho deles

XANDER HALE

25 de dezembro de 2022

2023

"Casei com alguém muito mais corajosa do que eu."

- Garrison Abbey, *Nós Somos Calloway (Temporada 5 Episódio 12 - Street Fighter & Diamantes)*

< 29 >

Março de 2023
A Cabana Meadows
Filadélfia

DAISY MEADOWS

— Você tem certeza? — Pergunto a Rose pela vigésima vez. Rose tem um ótimo histórico quando se trata de tomada de decisões. Ela é resoluta, firme e inflexível. Vejo isso cada vez que pergunto, *você tem certeza?*

— Eu quero fazer isso por você. Me deixa fazer isso. — Rose aperta minha mão, nós duas estamos sentadas juntas no canto da janela. Connor e Ryke estão quietos no sofá, nos observando.

Rose teve seu último filho há cerca de um ano. Ben Pirrip Cobalt. Ele cochila em um cercadinho próximo ao lado do Tom e Eliot. Eu posso ouvir risos do lado de fora, hoje está um dia quente e raro.

Rose teve seu último filho há cerca de um ano. Ben Pirrip Cobalt. Ele cochila em um cercadinho próximo ao lado do Tom e Eliot. Eu posso ouvir risos do lado de fora, hoje está um dia quente e raro.

Coconut corre ao redor da Sulli, não para chamar sua atenção, exatamente. A husky branca protege a criança de cinco anos, orelhas atentas e alertas. Sullivan está com um dos skates de Moffy, mas ela ainda está aprendendo a usá-lo. Ela continua tropeçando na grama, mas como seu pai, ela nunca desiste.

Hoje é tudo sobre Ryke e eu fazendo bebês, mas não do jeito tradicional.

Sullivan tem primos que são tão próximos quanto irmãos e irmãs. Ela ficaria bem como filha única, então não é realmente por isso que eu quero outro bebê.

Eu fiz uma cirurgia e quase morri depois que dei à luz. Houve uma grande chance de eu nunca acordar e ver o dia seguinte. Eu *não* deveria viver, e nos momentos em que Ryke foi informado de que ele poderia me perder - em que ele ficou sabendo que poderia

se tornar um pai solteiro em um *instante* - ele pensou na chance de eu vê-lo novamente.

Ele pensou em mim e no que eu gostaria.

Ryke garantiu que o médico preservasse meus óvulos restantes. No que ele chama de um dos dois momentos mais difíceis de sua vida, ele fez isso por mim.

Durante os vinte e poucos anos de altos e baixos do meu corpo e um parto arriscado, fiquei com os óvulos em uma placa de laboratório. Combinados com o esperma do Ryke, eles se tornaram embriões, todos congelados até que precisássemos deles. Eu me sinto mal com o pensamento de desperdiçar algo que *são* os últimos pedaços de uma certa parte minha - algo que Ryke fez questão de manter seguro.

Podemos não ter feito sexo fisicamente para produzir esses embriões, mas muito amor foi colocado na criação deles. Quero tentar ver se a barriga de aluguel vai funcionar, mas por mais ousada que eu pareça, fico aterrorizada com frequência. E partes disso me aterrorizam.

— Eu não posso ser a única a decidir isso — digo a Rose. — Eu simplesmente não posso. É *muito* importante, e vai afetar todos nós. — Eu olho para Ryke. Então para Connor.

Rose também olha.

Connor coloca sua caneca de café na mesa e depois se inclina para trás. — Ryke e eu temos preocupações.

As costas da Rose arqueiam, se preparando para a batalha. — Vocês conversaram? Um com o outro?

— Sim — diz Ryke. — Porra, fazemos isso às vezes.

Connor estica o braço sobre o sofá. — Embora possa ser um pouco chato quando ele simplesmente para de falar como se alguém tivesse cortado sua língua.

— Nem todo mundo tem que preencher todas as fodidas pausas.

— Preocupações? — Eu interrompo para levar esse navio afundando de volta para terra. — Vocês dois conversaram sobre preocupações que envolvem... nós? — Faço um movimento entre nós quatro.

Eles ficam quietos novamente, seus olhares intrusivos e intensos e praticamente queimando através de Rose e eu.

— Ok, então apenas minha irmã e eu — eu percebo. Rose aperta minha mão em apoio. Ouço silenciosamente seus cânticos de guerra: *prevaleceremos sobre nossos inimigos.*

Que podem ser nossos maridos nesse cenário.

— Querida — Connor começa.

— Não me venha com *querida* — Rose diz com raiva. — Não precisamos ser mimadas por *nenhum* de vocês. Estamos tentando fazer um bebê, não ser o bebê.

— Ei, eu não disse nada, porra — Ryke rosna.

Essa conversa se desviou muito rápido. — Vamos nos reagrupar aqui. — Todos eles respeitam muito minha voz e não tenho nenhum problema em dizer o que quero dizer. Então eu apenas falo. — Eu acho importante ouvir os pontos de vista de todos sobre o assunto, porque *realmente* envolve todos nós. Não quero deduzir o que vocês estão pensando, então apenas falem logo. — Aceno para eles como se estivesse fazendo uma reverência, mas não consigo muito quando estou sentada.

Ryke acena para Connor falar. Ryke não é de falar muito, mas isso já foi estabelecido.

— Aqui está o que sabemos — diz Connor calmamente, sua nova abordagem aliviando a postura da Rose mais do que antes. — Existem apenas dois embriões. Se eles falharem, acabou.

A primeira parte do porquê Daisy Meadows está aterrorizada. Eu tinha mais óvulos, mas nem todos criaram com sucesso um embrião com o esperma do Ryke. Apenas dois.

Temos duas pequenas chances.

— E? — Rose cruza os tornozelos, em um vestido preto da Calloway Couture que abraça seu corpo lindamente.

Connor diz uma palavra em francês e para, seus olhos voando para mim. Eu sou a única que não sabe falar o idioma, então ele respeitosamente continua em nossa língua. — Estamos preocupados com a possibilidade de que isso falhe e vocês duas fiquem emocionalmente abaladas no final.

Rose estreita os olhos. — Então pare de pensar em nós emocionalmente *abaladas*. — Minha irmã está na defensiva porque quer que isso dê certo tanto quanto eu, e realidades tristes magoam.

— Minha *principal* preocupação é com você, Rose. — Sua severidade prende cada palavra. — O luto é um resultado realista e você será capaz de enfrentá-lo?

— *Sim* — ela diz fortemente. — Isso é complicado. Eu vejo isso tanto quanto todos vocês. Ela é minha irmã *mais* nova e, é claro, se isso falhar, me sentirei parcialmente responsável. É o meu corpo que rejeitará o embrião, mas eu quero ajudar.

Eu me viro para Rose. — Por favor, não se culpe se algo der errado. *Por favor*.

— Eu vou — diz Rose friamente. — E você tem que aceitar isso.

Parte dois do porquê Daisy Meadows está aterrorizada.

O silêncio cobre a sala. Sou eu quem acaba o quebrando. — Podemos adiar até que você e o Connor tenham uma garota... — Levou muitos, *muitos* meses para eles mudarem o que pensamos sobre essa linha do tempo. Rose até tentou me subornar com bolo de chocolate. Foi um esforço valente, mas suas lágrimas genuínas fizeram o truque final. Eu *senti* o quanto ela queria fazer isso agora e não esperar mais.

Rose lança a Connor o pior tipo de olhar, como se ele tivesse colocado um obstáculo no meio do caminho deles.

— Daisy. — Connor chama minha atenção para seu exterior calmo. — Rose e eu não vamos tentar ter outro bebê até que façamos barriga de aluguel.

— Vocês querem ao menos tentar? — Faço um sinal entre Ryke e Connor. — Vocês dois parecem tão chateados. — Se você pudesse ver os rostos deles, saberia que *eles* são os que estão abalados.

Só para fazer algo com as mãos, começo a torcer o cabelo em um coque alto e bagunçado na cabeça. Ambos os homens exalam um tipo de masculinidade que os fazem parecer maiores que a sala. Toda vez que foco nisso, lembro de como sou mais jovem em comparação. Para tirar minha mente das diferenças de idade, me concentro no cabelo despenteado do Ryke e no seu rosto com a barba por fazer, polarizando a suavidade do Connor.

Mas suas características abaladas nunca mudam de forma. Eles estão chateados. Eles nem tentam dizer o contrário.

Ryke esfrega a mandíbula e deixa cair a mão. — Porque nós amamos cada uma de vocês pra caralho, e sabemos *exatamente*

como vocês ficarão se essa porra der errado.

Porque nós somos irmãs. Mas é por isso que Rose e eu queremos fazer isso em primeiro lugar. Eu não consegui pensar em uma mulher melhor para carregar o nosso bebê. Eu ainda seria a mãe biológica do bebê, e gosto que nosso filho saiba que a tia o carregou por nove meses.

A desvantagem é decepção e mágoa se tudo der errado. Eu me preocupo com a saúde da Rose, mas ela sempre responde com: — Eu tenho trinta e três anos. Ainda não estou morta.

Penso em tudo e pergunto aos homens: — Mas vocês dois - vocês dois ficarão bem no caso de tudo dar *certo*, certo?

— Por que não ficaríamos? — Connor pergunta, embora não haja confusão em seu rosto.

— Isso une todos nós de uma maneira. Rose e eu queremos isso, mas vocês dois querem?

Rose usa essa expressão que diz *ah, as mesas viraram*. Estamos definitivamente na ofensiva agora. Rose leva isso um passo adiante.

Sem rodeios, ela diz: — O bebê do Ryke vai crescer no meu corpo, e vocês *dois* terão que assistir. Portanto, se vocês não forem capaz de lidar com isso, falem agora.

Espero pela arrogância do Connor que diz *posso lidar com qualquer* arrogância, mas ele fica com o rosto limpo de emoções e em silêncio.

Ryke balança a cabeça. — Não é nosso maldito lugar dizer se ligamos para isso ou não. De qualquer maneira, não deveria ser um fator decisivo.

Eu balanço para trás em choque. — Então vocês *tem* problemas com isso?

Até a Rose está surpresa. — Connor? — Eu ouço a vulnerabilidade na voz dela quando ela diz o nome do meio dele agora, em vez de *Richard*.

— Eu posso ver quase tudo do ponto de vista científico, mas as emoções são variáveis e isso tem muito mais do que estou acostumado.

Eu sinto que os dois estão enrolando para falar algo. — Vocês podem simplesmente falarem o que querem logo?

— Olha — Ryke diz. — Somos bons amigos, mas quando penso em Connor, não fico cheio de fodidos sentimentos quentes. — Eles podem irritar um ao outro.

Connor, mais claramente, nos diz: — É sobre sexo.

— O que? — Rose balança a cabeça na direção dos dois homens.

Meus olhos se arregalam com essa realização. Ah. Acabou de ser provado. A amizade deles enfraqueceu com isso. O que geralmente é cem por cento no nível *inabalável, descarado, podemos fazer qualquer coisa.*

Ela despencou para algo estranho. Quero fazer uma piada sobre essa teoria ser comprovada, mas estou um pouco sem palavras.

Quando Rose estiver grávida de nosso bebê (também conhecido como o bebê do Ryke), ela ainda fará sexo com o Connor. Essa coisa toda é um território novo, com certeza, mas a única razão pela qual Connor e Ryke estão fazendo pequenas pausas na ideia é por causa da complicada amizade deles. Caso contrário, acho que seria algo tranquilo.

Para Rose, Connor diz: — Não posso te explicar os meus sentimentos sobre isso, porque não tenho certeza exatamente do que estou sentindo.

Ryke se inclina para frente, para mais perto de nós, os antebraços nos joelhos. — Connor e eu conversamos sobre isso, e nós dois não queremos que isso influencie a porra da decisão de uma maneira ou de outra.

— Nós concordamos em algo — diz Connor. — É raro, então vamos deixar por isso mesmo.

Rose está tão rígida quanto possível. — Vocês dois deixaram isso estranho.

— Já estava estranho pra caralho — diz Ryke.

— É engraçado, se você pensar sobre isso — eu digo com um sorriso crescente. Deve ser contagioso porque seus lábios lentamente começam a se levantar. Agora que conversamos sobre as preocupações ocultas, trocamos mais certeza do que antes.

— Vamos votar — diz Rose. — Sou a *favor* de ser barriga de aluguel o mais rápido possível. — Seus penetrantes olhos verde-amarelados se fixam em mim.

Eu não hesito. — A favor.

Nós olhamos entre os homens.

— A favor — diz Connor facilmente.

Ryke assente. — A fa… — *BIIBIIIIIIII*!!!

Uma buzina super alta do lado de fora faz todo mundo ficar de pé. Coconut late lá fora, um som profundo e alarmado que significa *coisas ruins estão acontecendo.*

Meu Deus.

As crianças estão na rua sem saída.

Apenas um rápido olhar pela janela, vejo as crianças encarando algo que está se aproximando. Sulli - ela está no meio da rua, diferente da Jane e do Moffy, que andaram de bicicleta até a grama.

Meus pulmões batem na garganta e, em segundos, todos corremos para fora da porta.

< 30 >

Março de 2023
A Cabana Meadows
Filadélfia

RYKE MEADOWS

Eu corro pelo nosso jardim, Daisy logo atrás de mim. — SULLI! — Eu grito, minhas veias bombeando quase para fora da porra do meu pescoço. Sulli se ajoelha na calçada como se tivesse acabado de tropeçar no skate. Nossa husky branca está na frente dela, rosnando para o enorme caminhão semi-reboque que dirige pela nossa fodida rua. Rumo ao final da rua sem saída. Direto para minha filha de cinco anos.

A buzina toca.

Logo antes de eu chegar à caixa de correio, Moffy deixa cair sua bicicleta, se preparando para correr para a rua para pegá-la.

— FICA AÍ! — Eu grito com ele. Ele congela no lugar assim que meus sapatos encontram o asfalto. Pego Sulli nos braços e corro para o quintal, Nutty seguindo logo atrás. Caímos na grama com um *crunch* alto, e nossa cachorra lambe Sulli, como se quisesse ter certeza de que ela está consciente e não paralisada com medo.

O motorista acabou de esmagar a porra do skate embaixo dos pneus.

*Você deve estar brincando comigo, porra.*Meu nariz queima. Essa poderia ter sido minha filha, porra. Como esse caminhão passou pela *porra* dos portões?

Jane segura a bicicleta e olha com os olhos arregalados para a cena. — Merde. — *Merda.*

Eu faço uma careta.

É a primeira vez que a ouço xingar em francês, e pela rápida troca de olhares da Rose e do Connor, eu aposto que é primeira vez deles também.

— Sulli? — Fico de pé e depois ajudo minha filha a se levantar. Ela está em estado de choque. Nutty cutuca Sulli até que ela

responda com um tapinha na cabeça da cachorra. Então Daisy envolve seus longos braços em torno da Sullivan, e nossa filha relaxa com o abraço de sua mãe e a abraça de volta.

Pego o boné de beisebol do Moffy, que caiu quando ele estava prestes a correr para a rua. — Você está bem? — Eu coloco minha mão em seu ombro. — Moffy?

Ele parece tão abalado quanto as outras duas, e eu estou preocupado pra caralho com ele quanto estou com todos os outros. Esse é o filho mais velho do meu irmão. Mesma mandíbula, atualmente o mesmo corte de cabelo. Foi ele quem teve um aniversário de sete anos recentemente e colocou Eliot na frente das velas. Pedindo para ele assoprar. Foi ele quem serviu uma fatia do seu próprio bolo de aniversário para todas as crianças antes que de se servir. É ele quem pode fazer as crianças mais barulhentas se acalmarem e as mais calmas se manifestarem.

Ele é o líder desse grupo.

— Ninguém nunca vem aqui — diz Moffy, atordoado até que ele olha para mim. — Eu não teria deixado ela ficar na rua. Eu não teria. Eu *prometo*.

— Ei. — Balanço a cabeça. — Não é a porra da sua responsabilidade. — *Pare de carregar esse peso.*

Ele se culpa por isso. O motorista desce do caminhão com uma prancheta, e é quando eu *realmente* examino a parte do reboque do veículo.

O sangue simplesmente some da minha cabeça.

— Tio Ryke? — Moffy faz uma careta.

Connor, que normalmente precisa estar envolvido em tudo, nunca se aproxima do motorista.

Ele sabe que é para mim.

Rose sabe que é para mim.

Os olhos de Daisy começam a inundar com lágrimas, e Nutty fica mais perto dela.

— Mamãe, qual o problema? — Sullivan pergunta.

Daisy está emocionada demais para responder. Ela dá um sorriso fraco para Sulli e depois beija o nariz dela.

Eu ando mecanicamente até o motorista no começo da porra da garagem. — Isso tem que ser um fodido erro. — Eu esqueço de

xingá-lo por quase atropelar minha filha. Minha cabeça lateja e minha pele fica pálida.

— Você é Ryke Meadows — ele afirma, não pergunta, mordendo grosseiramente um pedaço de chiclete. Ele pega um envelope da prancheta e entrega para mim. Meu nome rabiscado na frente.

Ryke

Não consigo reconhecer essa letra.

— Eu só preciso que você assine aqui, e eu descarregarei o jipe.

O jipe.

O jipe verde-floresta no qual eu andei centenas de vezes em direção a falésias, pedreiras, as piores escaladas e as maiores.

Eu mal consigo pensar. Eu não sei mais o que fazer. Então assino meu nome na linha e depois observo enquanto ele descarrega a porra da minha história.

Um braço se curva em volta da minha cintura. Meus músculos relaxam com a presença da Daisy e encontro algumas palavras. — Eu não posso ficar com o jipe do Sully. — Que porra eu devo fazer com ele? Como posso dirigir ele?

Sulli desliza entre nós. — Eu tenho um jipe?

Isso me destrói por um segundo.

Eu aperto meus olhos - eu simplesmente não consigo mais segurar. *Que porra eu vou fazer?* Daisy fica parada, sem saber o que dizer, já que concordamos em não citar Adam Sully até que nossa filha fosse mais velha. Ela perguntará o que aconteceu com ele, e a morte pode ser petrificante para crianças de cinco anos.

Ele morreu muito jovem.

— Papai? — O medo em sua voz desce como gelo pela minha espinha.

Com os olhos ardendo, eu coloco minha mão na cabeça dela. Ela olha para mim, chorosa e confusa. Daisy sussurra em seu ouvido e esfrega o seu braço.

— Ei, Sul — eu digo no tom mais suave que consigo.

— Ei, papai.

Eu limpo meus olhos e digo a ela: — O seu nome é em homenagem a um dos melhores caras que eu já conheci. Ele era um alpinista. Esse é o jipe dele.

Admiração ilumina seus olhos verdes.

— Adam Sully — digo o nome dele, e assim que o jipe chega à calçada, eu rasgo o envelope. Uma carta lá dentro.

Ryke,

Estamos nos mudando essa semana. Não temos mais espaço para o jipe dele e não podemos vendê-lo. Ele gostaria que você o tivesse. Cuide-se.

Barbra Sully

Ele gostaria que eu ficasse com ele.

Eu me viro para Daisy. — Eu vou ficar com o jipe.

Ela sorri. — Ele sempre disse que tinha um carro melhor que o seu.

Eu rio porque essa porra nunca pareceu verdade até agora. Este jipe tem mais valor do que qualquer outro bem material que possuo. E eu vou cuidar dele. *Sim*. Eu acho que ele iria querer que eu cuidasse.

* * *

— Quickdraws, mel, banana, café expresso coberto de chocolate — Daisy lê um recibo, um dos *muitos* enfiados no maldito porta-luvas do jipe de Sully. Estacionei na garagem, ainda atrás do volante, enquanto Daisy está sentada de pernas cruzadas no banco do passageiro.

Eu vasculho seus CDs antigos no porta-cd: *Oasis, No Doubt, Héroes del Silencio*, uma banda que ele me apresentou quando tínhamos oito ou nove anos. Nós aprendemos espanhol na mesma época.

Ninguém limpou essa merda, então, depois de *anos*, parece uma relíquia do meu amigo de muito tempo..

— Pelo amor de Deus, Sully. — Encontro *frutas secas* embaixo do tapete do carro, mofado como se tivesse lá por um longo tempo enquanto ele ainda estava vivo.

Daisy me passa alguns recibos. Passamos os próximos trinta fodidos minutos apenas lembrando dele. Eu sorrio para alguns mapas do Parque Nacional, áreas fora da trilha circuladas com uma caneta. Ele escreveu meu nome ao lado dos que ele queria me levar.

Quando Sully me chamava para escalar, eu ia. Todos esses fodidos lugares com meu nome - eu já estive lá com ele. Eu vejo os olhos da Daisy cheios de lágrimas, e estendo a mão para a parte de trás da cabeça dela. Ela se inclina para mim e eu seguro minha esposa. Eu nem estou mais pensando, porra.

Eu apenas existo neste momento, tão tranquilo quanto eu estaria em um penhasco. Escalando *milhares* de metros em direção ao céu. Olho para Dais e seus olhos voam para mim.

— Todos os dias que envelheço é uma fodida bênção — eu digo baixinho, minha voz um sussurro nesse jipe. Ao lado do sol da minha vida. — Mas todos os dias que eu envelheço com *você*, é impagável pra caralho. — Eu assisto o peito dela subir alto. — Eu tenho tanta sorte, porra.

Sorte de estar com a Daisy.

Sorte de estar vivo.

Sorte de segurar minha filha.

Sorte que temos *duas* chances de ter outro bebê quando poderíamos facilmente não ter nenhum.

Quando mencionamos barriga de aluguel um para o outro, falamos sobre não poder desperdiçar esse presente que recebemos. Falamos sobre como vivemos nossas vidas correndo um risco após o outro. Isso será do mesmo jeito. E eu me preocupo pra caralho com a Daisy e Rose - mas hoje, eu fui lembrado de algo.

— Aconteça o que acontecer, Daisy, isso - tudo *isso*... — *Olhe para a minha vida. Veja quanto tempo eu vivi. Olhe o sol ao meu lado.* — É impagável pra caralho.

Ela tem que se sentar, os olhos com ainda mais lágrimas. Ela sorri com uma risada curta, mas ambos desaparecem rápido demais. Ela esfrega os cantos dos olhos e tenta me dar um sorriso. É fraco. Eu posso dizer que ela quer compartilhar meus sentimentos, mas ela está com dificuldades.

Pelo menos agora.

— Ei. — Puxo Daisy para o meu colo, e ela enterra o rosto na dobra do meu braço. — Eu não preciso de fodidos pompons e confetes. — Eu beijo a cabeça dela. — Se você está triste, pode ficar triste, porra.

Daisy descansa o queixo no meu peito e eu jogo uma mecha do cabelo em seu rosto. O sol se pôs em algum lugar entre a conversa da barriga de aluguel com Rose e Connor, nossa filha quase sendo esmagada por um maldito caminhão e nós vasculhando o conteúdo desse jipe.

Vejo *"desculpa"* em seus lábios, mas ela não pronuncia as palavras. Em vez disso, ela diz suavemente: — Tenho a mesma sorte de envelhecer com você. — Seu sorriso dura um pouco mais, e eu aproveito cada maldito segundo. Quando a depressão se infiltra em Dais, ela geralmente me diz: *eu me sinto pesada.* O que sugiro a seguir pode não ajudar completamente, mas é suficiente para diminuir a espera.

— Corre comigo, Calloway?

Ela assente, e nem um momento depois, estamos fora do jipe - e jogo Daisy no meu ombro. A respiração ejeta de seus pulmões, e ela balança a cabeça de volta para mim, a luz explodindo em seus olhos.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela.

— Isso deve ser aquele sentimento de "não consegue comer, não consegue dormir, é bola fora do alcance, por cima da cerca, é o que se sente nas finais dos campeonatos". — Ela cita *As Namoradas do Papai* frequentemente.

— Não — eu digo.

— Só *não*?

— Porra, não.

Os lábios dela se levantam. — Então o que é?

— É muito mais do que isso.

Ela ofega. — É chocolate.

Eu a deixo escorregar pelas minhas costas e agarro seus tornozelos, parando Dais antes que sua cabeça encontre o chão. Ela está segura e sem fôlego.

Quando a levanto novamente, quando ela está de pé em meus braços, eu digo a ela: — Somos nós a duzentos quilômetros por hora sem freios.

Daisy diz suavemente, mas com os olhos cheios de lágrimas: — Eu realmente te amo pra caralho.

— Você vai dizer isso depois que eu correr e deixar sua bunda para trás, Calloway?

— Ah, sim. Eu posso até adicionar outro *pra caralho*.

— Você realmente me ama pra caralho, *pra caralho*?

Ela dá um sorriso, o maior até agora. — Sim, pra caralho, pra caralho, *pra caralho*.

[31]

Março de 2023
Escritórios da Hale Co.
Filadélfia

ROSE COBALT

Eu me concentro vagamente no meu trabalho.

Não estrague tudo isso para sua irmã mais nova. Ela merece tudo. Ela merece o mundo inteiro.

A cada minuto acordada, tento *aniquilar* a dúvida que confunde meus pensamentos em uma poça de *você que irá falhar, Rose Calloway Cobalt.*

Você falhará miseravelmente e terrivelmente.

Cale-se.

Meus olhos estreitam com a insegurança incômoda. A pressão aumenta no meu esterno. Solto um suspiro tenso e saboreio rigidamente minha água gelada. Eu tenho motivos para me preocupar. Estou aguardando os resultados - se o primeiro embrião fixou ou não.

Temos apenas *duas chances*.

Eu foco nessa palavra: *chance*.

Eu não posso estudar mais. Eu não posso me preparar. Me disseram apenas para *esperar* pelo melhor - que meu corpo ou irá aceitar ou rejeitar o embrião. E será isso.

A Daisy deve ter experimentado algo parecido quando tentou engravidar. Eu nunca *senti* a dolorosa incerteza e falta de controle, até que fiquei nessa posição, lado a lado com ela.

Eu posso ser mais velha, mas nesse processo, ela é minha confidente. Minha treinadora. *Meu* exemplo. Quero fazer o certo para minha irmã, e todo o risco está em mim, o resultado está em mim - *não estrague tudo.*

Eu bato a ponta do dedo na barra de espaço, esquecendo completamente o que eu planejava digitar. Meu celular toca ao lado do grampeador e da xícara de canetas pretas. Inspiro

profundamente, pensando que é o médico. Verifico o identificador de chamadas.

Connor Cobalt

É o dia dele ficar em casa com nossos seis filhos. Coloco o celular no ouvido, minha ansiedade nunca vai embora. — Richard.

Sem resposta, mas a linha não está em silêncio. Crianças gritam *estridente* umas com as outras - é o barulho mais desequilibrado e desumano do mundo. E eu ouço *diariamente*. Dizer que tem sido um hospício seria um eufemismo.

Temos três meninos com menos de três anos, dois de cinco anos e nossa única filha, com sete.

Quando Connor demora *quatro* segundos a mais para responder, me levanto da cadeira e começo a guardar minhas coisas às pressas.

— Connor? — Eu tento de novo.

— Rose... — Sua voz é plana, mas eu sinto uma corrente oculta sob o meu nome.

Com a bolsa no meu braço como arsenal extra, deixo meu escritório com as chaves na mão. Pouco antes de dizer a ele que estou a caminho, ele fala novamente.

— Rose, eu preciso de você. — No começo, acho que é muito sério, mas ele acrescenta: — Se você tiver tempo, querida.

— Meu tempo é seu — digo a ele, sem hesitação. — Eu estarei aí em breve. — Não pergunto o que aconteceu. Reafirmo que estarei em casa e desligamos.

No caminho para o condomínio fechado, fico sentada em um linha reta, com as duas mãos apertadas no volante. Buzino com quatro dos motoristas *mais lentos* que já enfeitaram a porra de uma estrada. O clique da seta mal acalma minha pulsação violenta.

Depois de passar pela segurança, entro no condomínio, e não demoro muito para estacionar ao lado à minha fonte de água, muito estressada e tensa para ir até a garagem.

Eu ando rapidamente, trancando meu Escalade, e entro pela porta da frente. Examino o hall de entrada, a escadaria de mármore real e o lustre brilhante. Falatório e passos se originam no andar de cima, então eu subo.

— Connor! — Eu grito.

Eu chego ao corredor, e minha cabeça vira para cada quarto vazio. Eu miro na porta entreaberta no final: *o quarto de jogos das crianças*.

— Isso não é justo! — Beckett grita estridente.

— Nós não fizemos nada, papai — Charlie fala, menos emocional do que seu irmão gêmeo, mas sua voz só acrescenta o volume.

Entro no caos e mal tenho tempo para examinar o quarto de jogos. Percebo que Connor se ajoelhou na frente de Beckett, Ben de um ano também está chorando e chutando os pés perto de um ursinho de pelúcia.

Cada choro de estourar tímpanos enfia uma faca no meu peito. Esses são *nossos* monstrinhos e, embora as lágrimas sejam aceitáveis, quero erradicar a fonte de sua dor.

Se ao menos as crianças não chorassem por coisas como um giz de cera quebrado, com um pacote inteiro *intacto* claramente na frente delas.

Com uma voz calma, Connor diz a Charlie: — Por que essa bagunça começou? — Do jeito que ele pergunta, eu sei que Connor já tem a resposta, mas ele quer que Charlie use sua mente e palavras.

Charlie fica desafiadoramente quieto.

Meu marido desvia os olhos por uma fração de segundo na minha direção, e ele me deixa ver sua irritação, arranhando seus profundos olhos azuis. Em qualquer outro dia, eu poderia me orgulhar da sua ruína, mas não me importo em superar Connor quando *nossos* filhos são a fonte de suas raras frustrações.

Connor exala visivelmente quando ele *dá* a resposta ao Charlie: — Essa bagunça começou porque você não compartilhou seu livro.

Charlie coloca as mãos nos quadris e declara: — Correlação não é igual a causa. — Aos cinco anos, ele já está dizendo coisas assim. Eu questiono se ele realmente entende o significado ou se ele simplesmente ouviu Connor usando a frase.

Connor abre a boca para *falar* - o que ele faz de melhor, mesmo que suas palavras sejam enraizadas em narcisismo e na presunção.

Ele é cortado.

Beckett bate o pé, as lágrimas brotando. — Eliot empurrou o Charlie! Por que estamos em apuros?!

Connor pisca por um segundo a mais que o normal, o barulho perfurando seus tímpanos e os meus. — Porque você o empurrou de volta. Não brigamos com as mãos.

— Então o Charlie não deveria estar em apuros.

A voz do Connor aumenta lentamente. — Mais do que apenas vocês dois estão em apuros, isso eu garanto.

Ben solta um choro mortal, batendo os punhos no chão acarpetado. Eu ando mais para dentro, meu salto alto esquerdo em uma inclinação estranha. *Eu* estou de pé em um fodido salto inclinado. Eu tiro meus saltos pretos, o esquerdo prestes a quebrar.

Solto um suspiro tenso.

Eu rapidamente estudo o quarto de jogos e desligo os gritos na minha cabeça. Quatro estantes de livros infantis, dois assentos sob as janelas, paredes pintadas de azul claro e um baú de brinquedos de madeira.

Blocos de letras estão espalhados no carpete e Jane chora baixinho por causa da - *não*. Um dos meninos *destruiu* sua casa de bonecas. Beckett seria o primeiro a ajudá-la a consertar seus brinquedos, tenho certeza, mas ele está muito preocupado com Charlie sendo punido.

Eliot, de três anos, grita: — Mamãe! — Ele se aproxima de mim e agarra a bainha da minha saia preta, Tom, de dois anos, tentar impotentemente correr atrás de seu irmão. Eliot me puxa para o baú de brinquedo como se quisesse dizer *brinca comigo*.

Ele é um pimentinha. Eu não ficaria surpresa se ele fosse o culpado da casa de bonecas demolida. Enquanto passo pelo meu marido, Connor vira a cabeça *totalmente* para mim pela primeira vez.

Meu queixo cai.

Um vergão surge sob o seu olho esquerdo, uma contusão se formando. Seus olhos estão vermelhos, cheios de dor com o que quer que tenha o magoado. Não tenho tempo para processar.

Jane solta um grito irritado e *estridente.* — Eu odeio isso! Tem muitos meninos! — *Eu sei, meu gremlin.*

Eu gostaria de pensar que essa é uma ocorrência em um milhão, mas não é. O caos dos nossos filhos é nossa rotina diária. Aquela ocorrência da *caixa de giz de cera*? Foi uma anedota real. Mostrei a

Tom todos os giz de cera com os quais ele poderia brincar, e ele ainda chorou por causa daquele maldito pedaço quebrado.

Isso pode ser típico, mas o Connor geralmente faz multitarefas melhor e mais suave que isso. Começo a me perguntar se outra coisa o desorientou hoje.

Quero ajudar a clarear a mente dele, então começo a dizer a Jane: — Nós vamos consertar...

Eliot puxa minha saia, minha blusa branca não mais enfiada dentro dela. Eu me agacho para tirar os seus dedinhos da minha saia. Ele faz beicinho.

Jane chora baixinho: — Está arruinado.

Connor se levanta quando diz a Beckett: — Você não pode empurrar seu irmãozinho, nem mesmo para defender Charlie. Você conhece *muitas* palavras; as use.

Beckett grita.

Connor fecha os olhos por um momento ainda mais longo, e então seu olhar encontra o meu. — É impossível raciocinar com o irracional. — Ele não tentaria se eles não fossem seus filhos.

Enquanto ele segura meu olhar, percebo que ele busca uma troca social que não termina em choros agudos e irracionalidades.

Abro a boca para responder, mas desta vez eu sou cortada. Tom tenta rastejar pelo meu corpo. Ele segura minha blusa pelo colarinho, puxando com força enquanto eu tiro suas pequenas mãos ardilosas do tecido. Sinto meu sorriso se formar. *Por que estou sorrindo para você?*

Eu tento estreitar os olhos.

É mais difícil.

— Jane — diz Connor para a nossa filha. — Tom vai ajudar você a arrumar tudo.

— Não, eu não vou! — Tom diz alegremente enquanto abre os botões da minha blusa - Eliot corre para pegar eles.

— Eliot, não! — Eu grito e olho para Connor, seu vergão ficando roxo. *O que o atingiu no rosto? Quem é o culpado? Qual criança precisa ser disciplinada primeiro?* Estou pronta para me juntar a ele, mas não posso fazer isso sem as informações adequadas.

Connor está tão preocupado. Ben grita para ele: — Papai!

Charlie fala, mas não sobre os gritos emocionais de Beckett, o rosto todo vermelho.

Eliot pula em direção aos botões soltos e espalhados.

— Eliot Alice Cobalt! — Eu grito, meu dedo apontado para a criança de três anos. Ele congela. — *Não* coloque um botão na sua boca.

— Charlie, Beckett — diz Connor profundamente, seu tom grave perto de um *grito.* — *Parem.* Pensem na razão que dei, e vocês encontrarão um significado maior. Não vou explicar mais nada. — Ele pega Ben, acalmando nosso filho mais novo.

Tom implora para ser segurado, então eu levanto o pequeno gremlin em meus braços - e ele puxa minha blusa novamente, meu sutiã de renda azul visível. Ele tenta puxar meus brincos de diamante.

— Não, Tom.

— Mas mamãe! — Ele grita.

Meu Deus.

— Meu ponto — diz Connor.

Respirando tensa, refuto: — *Mas mamãe* pode levar a uma discussão perspicaz. Dê a ele um momento, Richard. Ele precisa de mais tempo que você.

Os lábios do Connor se levantam, sentindo o início de um diálogo entre nós. — O momento vai passar em breve.

— Tom destruiu minha casa de boneca! — Jane chora como se eu a tivesse traído - estou conversando com o malfeitor.

Tom sorri e balança a cabeça. — Não, eu não quebrei.

Meu Deus do céu.

— E lá se vai o momento. — Connor se aproxima de mim, sua mão roçando minha cintura. Estou fisicamente mais rígida do que ele, com ombros em uma tensão desconfortável. Connor me diz: — Ele já escapou do castigo três vezes.

— Eu não escapei! — Tom grita, ainda *sorrindo.*

Pergunto ao meu marido: — Nós colocamos um mentiroso no mundo?

— Ele é alguma coisa. — Connor então diz a Tom: — E eu claramente posso contar melhor que você.

— Não, você não pode — diz Tom com naturalidade.

Connor inclina a cabeça em direção ao nosso filho de dois anos. Eu tento ler mais as feições do Connor, mas meu foco vai para o machucado dele. — Um dia você poderá contar melhor do que eu, Tom, mas agora você tem dois anos e está criando mais caos em um minuto do que eu já criei na minha vida. Como você chamaria isso?

Tom pensa nisso por menos de um segundo. — Não, você não pode!

A irritação do Connor brilha suavemente outra vez, e ele ajeita os fios despenteados de seu cabelo, longe de estarem perfeitamente arrumados. Para Tom, ele diz: — Nunca me diverti com absurdos, e você está apenas me lembrando o porquê.

Tom vira a cabeça para mim, talvez esperando que eu brigue com Connor. Eu não vou fazer isso. — Você está de *castigo* na cadeira de balanço.

— Não!

— Eu odeio essa palavra — digo com força e o coloco em uma pequena cadeira de balanço que fica de frente para a parede. — Se você se mexer, ficará aqui por mais cinco minutos.

Tom bufa, mas deixamos Eliot sentar perto e fazer companhia a seu irmão. Seu próprio castigo virá em breve.

Connor não me chamou para acalmá-los. Eu não sou esse tipo de força. *Ele* acalmou Ben; a bochecha do nosso garoto está pressionada no ombro de Connor, com as lágrimas secas.

Eu tenho outros usos. Sou um conjunto extra de mãos e outra voz que nossos filhos respeitam. Eu contive Eliot e Tom - apesar de estarem falantes e *barulhentos* no canto. Pelo menos eles não estão correndo pelo quarto de jogos como pequenos demônios alados.

A mão do Connor desliza pelo meu braço e eu encaro meu marido. Sem salto, me sinto nua. Eu limpo um nó na garganta, os eventos estressantes de hoje me alcançando.

Connor quase imperceptivelmente estuda meu corpo, minhas feições - meu olhar mortal. Meu colarinho está apertado, coluna ereta e rígida. Até coloco uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, desejando ter um amarrador para puxar os fios em rabo de cavalo apertado.

— O que você precisava de mim? Aconteceu algo mais? — Eu sussurro para Connor.

Sua mão roça meu pescoço rígido, e seus lábios caem na minha orelha: — Podemos conversar mais tarde, querida.

— Estou aqui para te ajudar — eu refuto. — Você não está aqui para *me* ajudar.

— Parem de rir! — Jane grita com Tom e Eliot, os meninos rindo alegremente. — Você não merece rir, seu sapo!

Eu tenho que dizer fortemente: — Jane, não chame seu irmão de sapo.

Lágrimas brotam em seus olhos, sua boca aberta como se eu tivesse a traido em favor do Tom mais uma vez. *Não vai acontecer.*

— E Tom — acrescento rapidamente — silêncio nesse canto *agora*. — Eliot e Tom imediatamente ficam quietos.

Jane esfrega as lágrimas com o suéter de guepardo. — Tem muitos meninos.

Connor está *tão* fora do seu jogo, porque ele diz a ela: — As mulheres representam 25% dessa família, Jane.

Eu bufo. — Isso não é nem *metade*, Richard.

Ele fica quieto, até mesmo reconhecendo que a estatística poderia ser melhor. Ele pisca algumas vezes, como se tentasse clarear sua mente e colocar seu intelecto em foco máximo.

— Os meninos não são tão ruins — digo a Jane, minha voz forçada. Eu acredito nisso, mesmo que seja uma tarefa a dizer. — Tom pode ser um pequeno demônio, mas ele também ajudou você a pintar seu mural de gatinhos ontem, não foi?

Jane suspira pesadamente. — Eu acho que sim.

Connor descansa a mão na base do meu pescoço, meu pulso batendo nas veias. Ele procura meu olhar mais uma vez, o quarto se dissolvendo em conversas moderadas. A tempestade não se acalmou, mas o rugido não está tão alto.

— O que aconteceu? — Eu pergunto baixinho, e levanto uma mão para o seu olho.

Connor aperta minha mão antes que eu possa tocar, autoridade *sempre* em sua postura. — Depois que Beckett empurrou Eliot, Eliot jogou blocos de brinquedo nele. Eu fui uma vítima da guerra.

Meus lábios se levantam. — Obviamente.

Ele absorve meu sorriso e seu sorriso realmente aparece, talvez pela primeira vez desde que cheguei. — Você sente prazer em me ver ferido?

— Sim — eu digo sem nem pensar duas vezes. — Uma criança de três anos quebrou sua armadura.

Seu sorriso apenas cresce. — Mas eu ganhei a guerra.

Reviro os olhos, prestes a pegar os blocos para guardar, mas Connor agarra meu braço no momento em que me mexo um pouco. Meu peito desmorona com sua expressão comovente, clara e decifrável, que diz: *fale um pouco mais.*

Eu preciso de você, Rose.

Eu engulo, e sua respiração fica pesada, como se ele não pudesse me imaginar saindo de perto dele. Como se ele não pudesse me imaginar saindo para o trabalho. Como se ele preferisse passar esse dia comigo e *somente* comigo.

Ele examina minha postura, Ben adormecendo em seu peito. — E você?

— E eu nada. — Eu poderia facilmente sair do seu aperto, mas não quero. Eu gosto da força da sua mão firme no meu braço. Eu gosto de saber que tenho o poder de dizer *não*, e ele ouvirá em um instante.

Sua sobrancelha arqueia, olhando meu comportamento mais externamente, para que *eu* possa ver que ele vê minha ansiedade. — Seu corpo diz o contrário. — Ele está ciente de que as notícias vão ser dadas hoje, e talvez isso também o tenha incentivado a me ligar, me pedido para voltar para casa, para que eu não lidasse com esses sentimentos sozinha.

— Então pare de *olhar* para o meu corpo. Posso arrancar seus olhos se você não conseguir se conter.

— Rose...

— Estou aqui para *te* ajudar — eu o lembro. — Isso não é sobre mim.

— Estamos no mesmo time, Rose — diz ele, forçando essa verdade. — Você pode tentar argumentar, mas não vencerá.

Tradução: *Ajudarei você no campo de batalha até que a morte nos separe.*

Começo a me render, deixando a mão dele deslizar para a minha bochecha. Ele beija minha testa e pergunto: — Tem mais alguma coisa acontecendo com você?

— Meu pai ligou.

Eu congelo. — O que?

Connor nem reage, mas Jim Elson não teve *nenhum* relacionamento com Connor, não depois que sua mãe recebeu a custódia total do filho no divórcio. E Connor e Jim eram distantes antes mesmo daquele instante.

Lembro que Katarina Cobalt deu o sobrenome *dela* ao filho desde o primeiro momento em que ele nasceu - quebrando a tradição comum.

Connor diz que seu pai nunca se importou em ter direito sobre ele, e tudo bem - ele nunca quis isso. “Nossa falta de sentimentos é mútua,” ele sempre diz.

Então agora... por que agora? Eu estreito os olhos, pronta para desencadear um inferno de fogo em cima do seu pai. — Devo pegar minhas facas? Um fósforo? Líquido inflamável?

— *Incêndio criminoso* hipotético essa hora da manhã — diz ele com um sorriso crescente, como se ele não estivesse surpreso que eu estou tecendo exageros já.

Meus olhos se estreitam mais. — Eu não estava tentando te surpreender. Estou tentando planejar uma bola flamejante de destruição.

— Concentre sua energia em alguém que vale a pena. Jim Elson é um ninguém. Ele ligou para me perguntar sobre advogados. Alguém o descobriu on-line e ele quer se proteger de ser exposto publicamente. É uma tarefa que eu nunca quis adicionar à minha lista.

Connor pode facilmente passar essas responsabilidades para outras pessoas, mas a necessidade de usar seus recursos para ajudar Jim Elson seria gratificante para ele. Ele faria isso apenas para acabar com a situação e evitar exacerbar os problemas.

— DEVOLVE ISSO, SEU LADRÃO! — Jane grita, em um cabo-de-guerra com Eliot, de três anos, por seu leão de pelúcia.

Todos começam a gritar um com o outro, e Beckett resolve o problema antes que possamos, puxando o leão em direção a Jane.

Eliot cai de bunda no chão, mas ele rola e age como se nada tivesse acontecido. Tom está deitado no tapete, agindo como se estivesse *morto.*

Ele faz isso.

Ele não está morto. Ele está sorrindo.

Minha respiração tensa é como punhais nas costelas, e Connor beija minha testa mais uma vez, nossos filhos fora de controle, mas sua atenção parcialmente em mim. — Eles são terríveis — murmuro. *Eu amo todos eles*. Isso levanta meu espírito um pouco - e então meu telefone toca.

Eu aperto meus lábios um no outro, olhando minha bolsa no centro do quarto. Eu nem me lembro de colocá-la no chão. Prefiro ignorar a ligação e ficar ao lado do Connor, mas sem salto, sou muito menor que a altura dele de um metro e noventa e três. Eu quero estar em pé de igualdade em todos os aspectos.

Talvez estejamos. Seu cabelo despenteado, seus olhos machucados. Minha blusa amassada, saia torta. A ligação do pai dele. Minha ligação iminente.

Nossas vulnerabilidades na vanguarda nos mesmos momentos.

Ao mesmo tempo.

Connor começa: — Eu posso atender...

— Eu atendo. — Eu o deixo, e ele segue, colocando Ben em uma cadeirinha de descanso. Eu vasculho minha bolsa da Chanel e encontro meu celular.

Minha garganta se contrai e eu me levanto inquieta. — O médico está ligando.

Connor se aproxima, até que eu tenho que esticar o pescoço para encontrar seus olhos. Eu não me sinto encolhida. Seu poder e fortaleza se transferem pelas minhas veias, e sua mão desliza pelo meu braço, descansando na base do meu pescoço. Meu batimento cardíaco enfurecido *bate* contra a palma da sua mão.

Estou com medo do pior, e ele pode ver e *sentir* o quão severamente.

— “De nada sairá nada” — Connor sussurra uma citação do *Rei Lear* de *Shakespeare* e acrescenta suas próprias palavras no final. — Você pelo menos tentou fazer mais do que nada.

Estou no penúltimo toque do celular. — E se nada vier de alguma coisa?

— E se — diz ele, como se a frase tivesse o perseguido no passado.

Atendo o telefone e fico atordoada com as palavras do médico. Eu escuto, tentando ingerir todas as sílabas, mas o resultado me incomoda. — Eu entendo — digo rigorosamente antes de finalizar a ligação e deixar meu telefone cair na minha bolsa.

O embrião não fixou.

Não estou grávida do filho da minha irmã. Eu só tenho mais *uma* chance de acertar.

Uma chance.

Eu não posso me preparar. Não posso fazer nada além de esperar.

Connor segura minha bochecha, forte. Comandante. — Rose. — Ele murmura francês suavemente no meu ouvido, mas eu mal consigo processar. Eu deveria estar aqui ajudando *ele*. Eu acho que devo expressar isso de forma agressiva, minhas mãos no seu peito, apertando sua camisa azul escura.

— Somos uma *equipe*, Rose — ele repete novamente.

— Então nós dois devemos estar perdendo. — Meus olhos ardem quando lágrimas escaldantes se acumulam.

Ele balança a cabeça. — Esse não é o nosso pior.

Esse não é o nosso pior.

Eliot de repente se aproxima de nós e canta: — Beija, beija, beija!

Meu nariz se abre, o peito desabando e subindo fortemente. Connor me pressionou para mais perto, meus braços presos tão tensos quanto meu corpo inflexível, nunca afrouxando meu aperto feroz em sua camisa.

— Beija! Beija!

Os dedos de Connor deslizam seguramente da minha bochecha em direção à parte de trás da minha cabeça. Ele se inclina e levanta meu queixo. Seus lábios quase roçam os meus quando ele murmura: — Eu escuto seu coração.

Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos - e antes que eu vire minha cabeça para longe dele, para longe de nossos filhos, ele protege nossos rostos com a mão em concha.

Eu murmuro tão suavemente: — E que som meu coração está fazendo?

Suas palavras mergulham profundamente em mim. — Ele bate - ele bate. — Ele sussurra nos meus lábios: — Ele *bate* no mesmo tempo que o meu. — Ele me beija, sentimentos crus e suaves cortando e fluindo através de nós.

Nós nunca saímos para o nosso armário, para as profundezas mais escuras e sombrias. Nós nos beijamos ao ar livre, com nada além de sua mão como a única barreira entre nossos filhos e nós.

Ele respira segurança e autoconfiança, me enchendo completamente.

Esse não é o nosso pior.

< 32 >

Abril de 2023
Sugar Loaf Bluff
Winona, Minnesota

RYKE MEADOWS

Daisy sobe e desce de uma pequena pedra na base de um pináculo de pedra calcária chamado Sugar Loaf Bluff. Eu dou um nó de oito no final da minha corda, me perguntando o que ela está pensando. Estivemos em Minnesota a semana toda por minha causa.

Eu tive a porra da gravação de um comercial da Ziff para uma campanha de verão. A nova bebida tem um sabor melhor do que qualquer coisa que eles fizeram nos últimos oito anos. O rótulo tem apenas um Z e o novo nome da marca: *Ascend*. Para a gravação, resolvi ir por um caminho difícil. Esse pico de treze metros no Sugar Loaf não é nada comparado à merda de ontem.

Daisy gira na rocha, me pega olhando e ofega. — Você se parece com meu marido.

Eu sorrio.

Ela o compartilha, mas eles desaparecem juntos. Uma subcorrente tem crescido abaixo de nós a semana toda. O primeiro embrião falhou e os resultados do segundo devem ser dados em breve. Nós vivemos momento-a-momento, e estivemos lembrando um ao outro tudo o que eu disse no jipe de Sully.

Temos sorte. Não importa o que diabos aconteça.

Daisy desce da pedra e eu me aproximo dela primeiro, segurando seu rosto com uma mão. Meu polegar escova sua longa cicatriz. Nunca fomos capazes de esconder o que passamos.

Nós mostramos tudo.

Eu beijo sua bochecha e sinto seu sorriso retornar.

Ela sussurra: — Tem um bolinho de manteiga de amendoim atrás de você.

Olho por cima do ombro, no momento em que Sulli termina de afivelar o cinto. Você pode ver na porra dos olhos dela - ela *sempre*

segue as regras, focada e determinada a fazer tudo certo.

— Pronto! — ela me diz com orgulho. Ontem, ela me viu escalar, e a Daisy me falou que ela disse "*aquele é o meu papai*" para um assistente de produção.

Eu me separo da Daisy para me agachar em frente a nossa filha de cinco anos. — Qual é o próximo passo? — Eu pergunto e coloco a corda de lado.

— Verificar meu trabalho novamente. Garantir que todas as fivelas tem duas voltas.

— O que acontece se não tiverem?

— Eu caio.

Eu a seguro pela cintura e puxo seu cinto, apertado o suficiente. — Onde estão as malditas fivelas?

Ela aponta para três lugares: cintura, perna esquerda e perna direita.

Verifico cada uma delas e depois garanto que as alças das pernas não estão torcidas. — Qual o próximo passo?

Sulli tem essa concentração aguçada que estreita seus olhos. Ela não é descuidada como Daisy. Até mesmo agora, ela permanece concentrada e parada enquanto Daisy vagueia ao nosso redor. Mas ela não tem uma certa escuridão do caralho como eu. Ela é inocente e leve.

— As alças nas pernas? — ela pergunta.

Eu concordo. — E depois?

Sulli olha para o céu azul em busca de respostas. — Hum. — Ela toca os lábios. — Cordas?

— Você confere a porra do arnês do seu parceiro e vice-versa. A vida deles pode muito bem ser a sua.

Sullivan faz um gesto para mim. — Mas você vai estar usando apenas uma bolsa com o pó?

Eu termino de checá-la e me levanto. — Eu vou usar um maldito arnês e amarrar você. — Ela tem cinco anos. Ela não pode escalar todos os treze metros, mas pode tentar subir uma pequena parte da rota. Eu escolhi o Sugar Loaf hoje porque é uma boa escalada esportiva para Sullivan.

E uma ótima escalada free solo para mim.

Será a primeira vez que eu escalo free solo em seis fodidos longos anos.

Quando me inclino para a corda, entregando-a a Sulli, meu joelho direito lateja, mas fracamente. Quase na parte de trás da minha mente. Dói, porém não mais do que ontem e anteontem. Isso me lembra mais Adam Sully do que do nosso pior dia juntos. Eu me agarro a *ele*. Ele é o que eu amava, e eu nem percebi o quão forte, e o quão poderosamente eu identificava a escalada com ele - e o quanto tudo isso mudou depois que ele se foi.

Durante a escalada do comercial, decidi que iria escalar free solo no final dessa viagem. É um sentimento. Um desejo *ansioso* de me empurrar para onde eu estava antes.

Está de volta.

Eu sinto essa porra novamente, e não vou deixar ir.

Eu me agacho de volta na frente da Sulli. Daisy se vira para nós, com o celular na mão, mas eu digo à nossa filha: — Eu vou subir primeiro. Sozinho.

Sulli assente.

Daisy tira o olhar do celular e acrescenta: — O que ele pode fazer, apenas alpinistas profissionais altamente qualificados fazem. Então não tenha medo. Ele é *muito* forte. — Daisy aperta meu músculo de brincadeira e tenta empurrar meu braço para cima, mas age como se pesasse mil fodidas toneladas.

Ela arfa, fingindo estar sem fôlego.

Eu empurro sua testa e ela vai para trás, antecipando minha resposta e mostrando minhas “forças” para Sulli.

Nossa filha tenta estufar o peito. — Eu não estou com medo.

Daisy a abraça e Sulli é a primeira a escovar o nariz no da Daisy.

Eu amo as duas pra caralho.

Então uma música da Beyoncé interrompe o momento. *Fantástico pra caralho*. Rose está ligando. Daisy hesita em atender seu celular. — Eu posso retornar a ligação depois que você escalar.

Se forem más notícias, eu seria capaz de escalar hoje? Não, eu não seria. Não poderia. Eu ficaria preocupado pra caralho com a Dais e gostaria de ficar no chão com ela.

— Aqui. — Eu aceno para ela me dar o celular.

Ela me entrega, me deixando decidir. Eu atendo. Eu tenho que atender, porra. — Ei, Rose.

— Eu tenho que fazer isso rápido, porque meu arqui-inimigo queria os resultados ao meio-dia. — Ela obviamente quer dizer Connor. — Daisy está aí?

— Bem aqui. — Daisy fala para o aparelho.

— Você vai querer comprar um bolo.

Daisy come bolo em fodidas ocasiões tristes e felizes, então isso não está ajudando. — Que tipo de bolo? — Daisy prolonga o inevitável.

— Foda-se isso. Apenas conte pra gente.

— Deu certo. — Eu posso ouvir o sorriso de Rose em sua voz antes de sentir o meu aumentar. *Ela está grávida.* — ...por que vocês estão em silêncio? Eu preciso de *algo*.

Coloco o celular mais perto da minha boca. — Dais está chorando. Obrigado, Rose. — *Porra.* Eu estou chorando. Limpo meus olhos, beijo a bochecha da Daisy, e ela se agacha na altura da Sulli e a abraça. Sullivan ainda não sabe todos os detalhes, mas sabe que estamos felizes.

Então ela sorri com a gente.

— Converso com vocês depois. — Rose desliga..

Eu bagunço os cabelos da Daisy e sussurro: — Estou indo, amor.

Ela assente e olha para mim. — Nós estaremos aqui. Em Winona, Minnesota. — Ela balança as sobrancelhas. Eu empurro seu rosto carinhosamente, e ela morde meu dedo.

Winona, Minnesota.

E aqui estou eu. Sem corda. Sem arreios. Mergulho minhas mãos no pó de magnésio e me aproximo do pináculo da rocha. Eu seguro a superfície áspera com dois dedos. Sem peso.

Meu corpo e minha vontade me mantém vivo pra caralho. Eu me levanto do chão, rapidamente alcançando o próximo apoio, arrumando meus pés. Eu levanto. Eu escalo.

E ouço o chamado comovente das montanhas.

Olá novamente, velho amigo.

{ 33 }

Setembro de 2023

A Casa Hale

Filadélfia

LOREN HALE

— Você tem certeza que quer ficar de babá? — Eu pergunto a Maria.

Ela casualmente está encostada no batente da porta da despensa da cozinha. Luna, de três anos, se apegou fisicamente ao tornozelo de sua prima mais velha. Luna olha para Maria com olhos cor de âmbar, meio rindo como se ela fosse invisível para Maria. E Maria, minha sobrinha de quinze anos, fica lá como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

— Não é tarde demais para desistir — acrescento e enfio uma bandeja de palitos de peixe no forno. — Se você tem coisas importantes para fazer, podemos ligar para outra pessoa.

— Como o quê? — ela pergunta, braços cruzados, mais “calma” até do que sua mãe, Poppy. E eu realmente não achei que isso fosse possível. — Dever de casa? Abandonei a Academia Dalton esse ano, lembra?

Bato a porta do forno com mais força do que pretendia. — Você não *abandonou*. — Eu consigo até ouvir o pai dela na minha cabeça. Samuel Stokes não conseguiu calar a boca sobre toda a provação.

Minha filha está escolhendo atuar em vez de uma educação tradicional.

Você pensaria que o Capitão América ficaria irritado com a escolha, mas Sammy estava extasiado. Tipo, realmente orgulhoso. Eu esqueci que Sam gostava de arte enquanto crescia, igual a Poppy, mas ele abandonou seus sonhos por ela. E ele acabou trabalhando na Fizzle, a empresa do pai dela.

Ele está feliz por ela ter escolhido sua paixão.

Maria faz uma careta para Luna e sacode os longos cabelos castanhos para a criança.

Luna ri, mas não fala nada, ainda agindo como se fosse invisível. Meus lábios se curvam. Minha filha é fofa. Exemplo A: ela está de roupão de dinossauro e chinelos de pinguim. Exemplo B: ela é minha filha.

— Eu meio que abandonei — diz Maria para mim.

Eu olho para ela. — O que, você quer que falem que você abandonou? Você mudou para ter *aulas* em casa. Da última vez que verifiquei, a palavra *aulas* ainda implica educação.

Maria dá de ombros. — Dá no mesmo.

Meus olhos se estreitam. — Ouça de alguém que de fato *abandonou* o ensino superior. Não dá no mesmo. Em um você aprende... coisas, no outro não. — Eu me paro antes de dizer "aprende diversas *merdas*" na frente da minha filha de três anos de idade. Eu coloco o timer no forno e volto minha atenção para Maria. — O que estou tentando dizer é que você tem quinze anos, e começou uma carreira. Lil e eu não ficaríamos chateados se você parasse de ser babá para nós.

Maria solta uma risada. — Eu estava em alguns filmes independentes, tio Lo. Eu não sou uma atriz famosa nem nada. Além disso, existem muitos filmes com dramas familiares que lidam com crianças. Essa é uma boa experiência para mim. — Ela faz uma pausa e finalmente fala com Luna, arregalando os olhos para a minha filha. — De onde você veio Lunalien?

Luna ofega como se não pudesse acreditar que foi encontrada. — Do espaço sideral!

— Você até tem antenas e tudo mais.

Luna usa uma tiara verde brilhante com antenas. Moffy a chamou de dinoalienguin hoje de manhã por causa do seu vestuário.

Meu pequeno sorriso se estende. Essa é a minha garotinha. *Cristo*. Eu a amo mais do que amo a maioria das coisas. Mais do que eu amo a maioria das pessoas. Moffy, Luna e Xander preenchem esse lugar profundo em meu coração que apenas Lily podia alcançar.

— Deixa eu adivinhar. — Maria se concentra em mim enquanto Luna desaparece na despensa. — Você prefere ficar aqui. Seu pai é

realmente assustador, sabe. Os almoços sempre são ruins quando ele aparece, então não consigo imaginar que o jantar com ele seja agradável. Tipo… — Ela estremece. — *Não*.

— É meio agradável — eu digo secamente. Nem mesmo surpreso que ela tenha essa opinião sobre Jonathan ao longo dos anos.

Lily aparece na cozinha, Xander na dobra de seu quadril. Em um sono mais profundo do que o habitual, sua bochecha repousa no braço da Lil, babando também. Enquanto Rose, Connor, Ryke e Daisy estão lidando com suas questões de fertilidade, a mídia tem se concentrado em nós, quase canibalizando nosso recém-nascido por nove meses e contando.

Não diminuiu a velocidade. E não vai. Seu nascimento foi parar em jornais internacionais. Não porque ele quase se tornou um "bebê de elevador" - e na verdade, o nascimento da Jane foi *muito* mais insano já que Connor que fez o parto em uma maldita limusine. Não é nem porque ele nasceu no dia de Natal.

É porque Ryke e Lily eram os dois presos naquele elevador.

[Notícias de última hora] Lily Calloway entra em trabalho de parto com apenas Ryke presente! Versões disso acabaram em todos os principais tabloides e sites de notícias e entretenimento. Foi tecnicamente preciso. Ele foi o único lá no começo, então não podemos reclamar disso.

Eles apenas distorcem os malditos fatos. Fazendo parecer que Ryke tem uma relação mais próxima com minha esposa do que eu. Que ele tem sentimentos por ela além dos de um amigo e cunhado. É idiota pra caralho, e não está afetando ninguém além do Xander agora.

Jornalistas procuram por ele como um pedaço de carne de celebridade. Sua vida é digna de notícias porque seu nascimento foi publicado literalmente em *todo lugar*. Não podemos dizer o mesmo das outras crianças. Não assim.

A cada novo artigo publicado, mais pessoas acessam, o que leva os jornalistas a continuarem escrevendo mais e mais e *mais* sobre ele.

Como está o Xander agora?

Quem está segurando Xander?

Para onde eles levam Xander?

Ele está feliz nos braços de tal pessoa?

Nem o Moffy teve esse tipo de atenção específica quando nasceu.

Quando saímos, não podemos impedir que as câmeras fiquem ao redor do Xander. Não podemos impedi-los de gritar o nome dele. Ele chora toda vez que saímos de casa. Ele ainda não tem nem um ano e isso é simplesmente terrível. A única coisa que podemos fazer é segurar Xander com força e dizer a ele que não vamos deixar nada ou ninguém machucá-lo.

Às vezes, isso não parece o suficiente.

Maria coloca as mãos em volta da boca. — Chamada!

— Maximoff! — Eu ouço lá de cima.

Minha filha levanta a cabeça da despensa. — Luna!

— Xander. — Lily fala pelo nosso bebê, limpa a baba dele com a manga da blusa e o coloca nos braços estendidos de Maria.

Maria embala o bebê e o balança de um lado para o outro. — Vocês deveriam ouvir os meninos Cobalts fazendo chamada. Eles são terríveis nisso. Todos eles insistem em usar seus nomes completos e depois corrigem um o outro. Beckett ainda acredita que nasceu antes do Charlie.

Lily sorri com o fato de que nossos filhos fazem algo melhor do que os filhos de Connor e Rose. Aposto que é um caos na propriedade Cobalt, mas Connor, que nunca está cansado, provavelmente vê o furacão como chuveiros espalhados.

Maria só fica de babá para eles quando Connor e Rose precisam de um terceiro par de mãos. Eles já têm duas babás de plantão. Maria ajuda principalmente com nossos filhos - e com Sullivan, em raras ocasiões.

— Parece que eu tenho tudo sob controle aqui — diz Maria em voz baixa agora que Xander está em seus braços. — Vocês dois podem ir para as profundezas do inferno ou do que minha mãe chama a casa do Jonathan.

— O covil do Satanás na verdade é do outro lado da rua. — Eu lanço um sorriso seco.

— Satanás tem ótimos saltos altos — diz Maria, sabendo que estou me referindo a Rose.

Eu dou a ela outro olhar. — Você é uma decepção, Maria Stokes. Eu tinha certeza de que você ficaria do *meu* lado. — Eu nunca acreditei nisso. Maria reverência Rose desde que me lembro. — Tenho a melhor aparência, as melhores respostas...

— Mas não o melhor guarda-roupa. — Maria sorri. — Rose é rainha, tio Lo. Eu odeio ter que te falar isso, mas ela é muito mais durona que você.

Eu finjo estremecer. — Meus ouvidos estão sangrando.

Luna corre até mim. — Papai! O Sr. Bolo de Zebra vai fazer você se sentir melhor. — Ela tem a caixa inteira de doces da Little Debbie embaixo do braço.

Estendo minha mão. — Obrigado, amor.

Luna coloca todos os bolos de mármore embrulhados em plástico na minha mão. Lily sorri de orelha a orelha, e meu próprio sorriso se expande. Pego um bolo e depois fico atrás da Lily. Eu passo meus braços sobre seus ombros e descanso meu queixo em sua cabeça.

— Vamos, meu amor. — Guio minha esposa em direção à porta, meus passos curtos já que os dela são pequenos.

Lily olha para mim, fixada nos meus lábios por um segundo.

Em vez de beijá-la, abaixo a cabeça e enfio a língua no ouvido dela.

— Lo! — Ela dá um tapinha no meu braço.

— Certo, eu esqueci. — Eu ainda não beijo a Lily. Eu me viro um pouco para Maria. — Sem meninos!

Maria resmunga. — Tio Lo. — As sobrancelhas dela se erguem. — Eu tenho quinze anos, acabei de abandonar - quero dizer, *mudei* para aulas em casa - e pessoas de quarenta anos foram minhas co-estrelas nos meus dois últimos filmes. Não tenho vida amorosa.

— Que bom.

Ela me dá um sorriso com isso. — Divirtam-se com o verdadeiro Satanás.

Meu pai. Maria não tem problema em chamá-lo assim, porque todos nós o chamamos de coisas piores na frente dela. A caminho da porta, beijo a bochecha de Lily. Eu a vejo reprimir uma expressão de desejo, mas ela lambe os lábios e gira para passar o dedo no passante do cinto.

Chegamos ao hall de entrada e eu rapidamente a levanto no colo. As pernas dela envolvem minha cintura, as mãos no meu pescoço. Ela inconscientemente roça contra mim. Engulo um nó na garganta, meu sangue esquentando.

Eu a abraço contra meu peito. — Você. Eu. Carro. Agora.

Então eu realmente, *realmente* beijo Lily Hale pra caralho.

Esquecendo para onde estamos indo, apenas por mais um momento.

* * *

— Eu deveria estar lá com ela. — Garrison anda de um lado para o outro no escritório do meu pai, girando um cigarro entre os dedos. Ele parou de fumar cerca de um mês antes de se casar com Willow, um ano atrás. Então Ryke tem pegado cada um dá mão dele - lá vai ele. Meu irmão mais velho rouba o cigarro apagado de Garrison e o joga em uma lixeira.

Garrison está ansioso demais para se importar.

Eu me inclino contra a mesa do meu pai, com um barco-em-garrafa em uma mão. — Willow queria fazer isso sozinha.

Ryke olha furioso para a porta do corredor, não gostando de onde Willow está. No final do corredor, virando à direita e depois à esquerda, você chegaria à bela sala de jantar da mansão Hale. É onde ela está. Com ele.

Aponto o barco-em-garrafa para Ryke. — Você — eu digo com força. Ele mal gira na minha direção. — Nosso pai não vai fazer nada com a própria fi... — Eu paro com o olhar mortal que meu irmão lança para o meu rosto. Quase poderia rivalizar com o meu - quase, mas não exatamente.

Eu ouço a mensagem: a*ssim como o nosso pai não fez nada com você?*

Ele cruza os braços.

Garrison fica mais tenso..

Quando eu me tornei aquele que tem que aliviar a porra da tensão? *Quando Connor Cobalt escolhe sua esposa grávida ao invés de jantar com o diabo de verdade.*

— Daisy e Lily estão com ela — digo aos dois. É o melhor que posso fazer por positividade agora. — Não me façam tentar agir como um bobo da corte para animar vocês dois. Só posso suportar uma quantidade limitada de dor.

Estaríamos com as garotas, mas elas nos baniram para o escritório. Lily usou a desculpa de "trio do temperamento quente" e nós dois cedemos. Não é nossa notícia para compartilhar. É da Willow e do Garrison. Ele estaria lá com ela, mas ele acha que Jonathan vai surtar se derem as notícias enquanto ele estiver na mesma sala.

Esse é o tanto de animosidade que existe entre eles agora.

Connor disse que Garrison está na "posição pouco invejável" de ser o *único* genro de Jonathan Hale. Ele trata as noras como *filhas*, mas esse mesmo respeito pelo genro simplesmente não existe por algum motivo.

Meu pai nunca tratou mulheres e homens da mesma forma. Portanto, não estamos surpresos.

Garrison bate em um vaso com o pé. Ele caminha em direção aos armários de madeira escura.

Antes que ele derrube todos os livros e bugigangas, eu digo: — A empregada vai pegar isso.

Garrison para. Pensa. Então ele caminha em direção ao sofá de couro. Ele para novamente e puxa um fio da sua jaqueta preta. Suas roupas tem sido um ataque fácil para o meu pai, e já foi criticado um milhão de vezes.

Você vai trabalhar assim?

Você possui um terno?

Ryke é quem mais odeia os insultos. Principalmente porque ele veste calças esportivas e camisetas para os jantares e almoços, e nosso pai nunca fala nada para ele por causa disso.

É exatamente o que Connor disse. Ser genro de Jonathan Hale é diferente e uma posição pouco invejável.

Ninguém disse nada ainda, e o ar ainda está denso. Eu nunca aleguei ser Connor Cobalt. Agora aponto o barco-em-garrafa para o móvel de couro. — Eu perdi minha virgindade nesse sofá.

Eu posso tocar a memória um milhão de vezes sem me afogar.

Garrison acorda de seus pensamentos divagantes, seu rosto franzido para mim como se dissesse *que diabos*. — Você perdeu a virgindade no *sofá*? O que aconteceu? Seu pai demente ficou de guarda na porta do seu quarto na noite do baile?

— Hum, não. Eu tinha quatorze anos. — Coloco a garrafa de volta na mesa e encontro o olhar de Ryke. Nós dois estamos pensando na mesma coisa. Nossos filhos perdendo a virgindade aos *quatorze anos.*

Ryke balança a cabeça para mim. — Não vai acontecer, porra. Isso é novo pra caralho.

Garrison diz: — Você sabe que é velho quando diz *isso*.

Eu devo ser um ancião então. — Quatorze, quinze, dezesseis - inferno, vinte e sete anos é novo demais, eu gostaria que meus filhos fossem celibatários até... hmm, *o fim dos tempo*s. — Eu dou outro meio sorriso. Não consigo pensar em Moffy perdendo a virgindade daqui *seis* anos. E estourarei uma veia no meu pescoço se contemplar Luna na cama com alguém que não seja um animal de pelúcia.

— Eu estou bem pra caralho com isso — meu irmão concorda.

Garrison se senta na poltrona de couro. Ele esfrega o rosto com as mãos, e eu percebo que minha história da virgindade está fora da mente dele agora.

Ryke e eu trocamos olhares preocupados, e então meu irmão joga uma bolinha de footbag em Garrison - sinceramente... eu não pergunto de onde isso veio.

Garrison olha para cima quando a bolinha bate em seu braço. — O que?

— Você e Willow são adultos, porra. — Ryke não acrescenta que eles são casados, o que realmente não importa para Jonathan. Ele nem acrescenta que os dois estão bem financeiramente. Garrison com seu trabalho na Cobalt Inc. e Willow, abrindo uma Superheroes & Scones em Londres. A loja ainda está nas fases iniciais, mas ela está no comando dessa filial, voando para Londres de vez em quando. Isso não importa para o meu pai também. Não se trata de dinheiro.

É simplesmente pessoal.

— Como se ele se importasse com isso — Garrison retruca.

Ryke aponta um dedo em direção à porta. — Ele não tem nenhum fodido motivo para ficar irritado por ela estar grávida.

E aí está.

Willow está grávida.

Ela não é mais a garota perdida de dezessete anos esperando por mim na Superheroes & Scones. Ela tem 25 anos e sabe o que quer da vida. Quando Willow me contou, ela apenas disse: — Garrison e eu nunca queremos retroceder, voltar para o que éramos *antes*. — Ela quis dizer antes de se conhecerem. — Queremos uma família juntos... — Ela empurrou os óculos para cima. — Alguém que é *nosso*.

Isso fez sentido.

Isso *faz* sentido.

Morando na Filadélfia, com carreiras estáveis - eles viram um futuro mais claro juntos e todas as coisas que eles queriam a seguir. Então eles tentaram um bebê.

Garrison esfrega os olhos agressivamente com a base da palma da mão. Como se ele estivesse tentando acordar do pesadelo de Jonathan Hale. — Se ele quiser falar comigo, acho que eu deveria ir sozinho. — Ele tira o cabelo castanho da testa. — Honestamente, eu não preciso de vocês dois me rondando. Eu não sou uma criança, porra.

Aos vinte e cinco anos, Ryke escalou o Yosemite, começou a namorar Daisy e se desentendeu com Greg Calloway. Aos vinte e cinco anos, eu já tinha o Moffy, dei fim em uma briga do condomínio fechado que envolvia o Garrison e fiz uma festa de Halloween no meu quintal.

Eu entendo.

Ele é adulto, mas há uma parte de mim que sempre o verá como o irmão mais novo que eu nunca tive.

— Mas eu conheço meu pai — refuto. — É melhor se estivermos lá.

Ryke assente em concordância.

Garrison solta um suspiro pesado. — Eu não gosto dele. Eu *nunca* vou gostar dele, mas prefiro que ele me veja como homem do que como um garotinho assustado, levando os dois filhos dele como uma espécie de ajuda de merda.

Ryke revira os olhos.

Os meus continuam se estreitando, a seriedade pesando no meu peito, ombros e cabeça. Nós dois queremos proteger Garrison, mais do que ele consegue compreender. Nosso relacionamento com nosso pai é tóxico. Eu vejo isso. Eu entendo. E posso suportar todos os ataques verbais. Eu posso suportar *tudo*. Mas não posso suportar empurrar Garrison para outro relacionamento tóxico - não quando ele se afastou dos que tinha com seus irmãos.

Os olhos azul-esverdeados do Garrison se fixam nos meus. — Eu posso lidar com isso.

O silêncio pesa no escritório.

— Você provavelmente pode lidar com isso — eu digo, o primeiro a quebrar o silêncio. — Isso não significa que você deveria.

Seu olhar se torna mais mortal. — Eu preciso fazer isso. — Eu ouço a nota final: *pela Willow*.

— Você não precisa. — Minha voz cortante arranha minha garganta. Eu me levanto da mesa. — Você *nunca* será um homem aos olhos dele. Não tem nada a ver com você, e tudo a ver com ele.

Sinto o olhar do Ryke focado em mim. Como uma lâmpada acesa. Intenso. Atento. Até mesmo um pouco hesitante. Passo a maior parte do tempo defendendo nosso pai. Ryke é quem me acorda. Me diz o que aconteceu. Tenta abrir meus olhos.

Tenho verdades que nunca realmente disse em voz alta. Não em um bom tempo. Talvez nunca tenha dito.

Garrison abaixa o olhar. — Sim, Willow me contou algumas coisas... mas ela disse que ele sempre é legal com ela.

Porque a sobriedade o mudou. Porque ela é uma garota. Porque Ryke e eu pararíamos de conversar com ele se ele sequer a insultasse.

— Ela não sabe de tudo — digo a ele — mas ele está muito melhor agora do que era. — Minha mente oscila e acelera ao longo de todos os anos. Todo o progresso que ele teve.

Ele não é tão terrível quanto antes. Apesar de incomodar o Garrison, ele sempre apoiou a escalada do Ryke. Ele sempre apoiou meu amor pelos quadrinhos.

Eu continuo: — Ainda existem algumas coisas que o deixam irritado. Acho que você o lembra de mim quando eu estava na

escola preparatória. — *Apático.* Mesmo que ele tenha um emprego. *Sarcástico. Morto para o mundo*. Garrison exala essa vibe preguiçosa. Como se ele preferisse estar em qualquer outro lugar, menos com você.

Conhecendo Garrison Abbey, eu nunca, em um milhão de anos, o chamaria de preguiçoso. Ele é inteligente como o inferno e passa mais tempo codificando do que eu passo lendo quadrinhos. E eu li uma tonelada de quadrinhos.

Garrison fica quieto novamente e olha para as mãos dele. Eu o vejo começar a sacudir a cabeça, ainda preso à ideia de ver meu pai sozinho. Eu vi como eles são juntos, como meu pai volta a ser alguém que todos odiamos. Eu não posso deixar isso acontecer.

Eu lambo meus lábios secos. — O que estou tentando dizer... — Faço uma pausa. *Diga. Diga.* Minha mandíbula fica afiada, e mudo meu peso de um pé para o outro, de pé no centro da sala.

Diga.

Da poltrona, Garrison olha para mim.

Diga! — Meu pai me abusou verbalmente a maior parte da minha vida, e eu prefiro quebrar meus joelhos do que colocá-lo naquele fogo cruzado. Então, se você quiser conversar com ele, terá que passar por mim.

Ryke solta um suspiro audível. Ele está chocado porque eu disse a palavra real. No passado, eu concordei com a declaração. Eu assenti. Mas duvido que tenha dito isso assim.

Minhas feições afiam em direção ao Ryke. — O que, irmãozão? — Meus olhos queimam e começam a se encher de lágrimas ao ver os dele nublados.

Seu peito sobe e desce pesadamente. Então ele acena para mim, tanto sentimento nessa única ação. Desculpas, orgulho por mim, amor - muito amor.

Eu aceno de volta.

Ainda me lembro do dia em que Ryke me fez parar meu carro em um posto de gasolina. Lá, ele disse: *“Nosso pai abusa de você. Ele é verbalmente abusivo e está fodendo com a sua cabeça.”*

Eu disse a ele, “*eu sei*”. Uma parte de mim sempre soube. Ninguém realmente usou essa palavra comigo antes do Ryke.

Eu cheguei a um acordo com o meu passado. Eu posso falar sobre o que aconteceu. Posso até admitir que meu amor por meu pai nunca desapareceu. Apesar de tudo. Ele poderia me estripar com uma faca, e eu ainda o amaria. Após anos de terapia, entendo que é em parte minha própria insegurança.

De sentir que não sou amável.

Sentir que ele poderia ser a única pessoa capaz de me amar.

E querendo, desesperadamente, que alguém o ame. Acreditando que somos iguais. Ele também deve sentir uma dor semelhante, e quer que essa dor desapareça.

Não há ódio no meu coração pelo meu pai. Ryke carrega tudo isso por mim, mas eu não gostaria que meu relacionamento com Jonathan Hale passasse para o Garrison. Ou qualquer outra pessoa.

Garrison não tem tempo para responder.

Meu sangue congela no minuto em que a porta se abre. Meu pai entra, fechando a porta atrás dele. Seu cabelo está acinzentado, mais sal do que pimenta.

Ainda estou de pé com meu irmão, mas Garrison se levanta da poltrona assim que meu pai entra mais no escritório.

— Você. — Meu pai aponta para Garrison. — Nós precisamos conversar.

— Você pode falar aqui, porra — Ryke fala primeiro. Meu irmão se sente responsável não apenas por Garrison, mas por mim também.

— Na verdade. — Garrison fecha a jaqueta e enfia o celular no bolso do jeans. — Estou caindo fora.

Meu pai está fisicamente em frente à porta. — Não seja um pequeno covarde. Eu mal falei uma palavra para você.

Ryke e eu preenchemos a distância entre Garrison e meu pai, para que eles não fiquem muito próximos.

— Pequeno covarde? Essa é boa — Garrison diz secamente.

Meu pai revira os olhos, mas posso dizer que ele está tentando mais do que o habitual. Ele enfia as mãos nos bolsos. — Apenas sente-se.

Garrison contempla isso. — Estou tentando não piorar as coisas para a minha garota, então, no minuto em que você vier para cima

de mim, eu vou embora. — Ele senta.

Meu pai assente. — Isso é justo. — Ele encosta o ombro na porta. — E como somos uma família, darei a você essa cortesia.

— Ah, agora somos família. Devo ter perdido essa mudança abrupta de ser a merda na sola do seu sapato.

Meu pai solta uma risada curta. — É por isso que você não tem amigos...

— Vai se foder — Ryke xinga.

— Pai. — Balanço a cabeça para ele. Era o que meu pai costumava *me* dizer quando eu era mais jovem. Garrison não sou eu. Juro que vejo remorso nos olhos do meu pai.

Garrison interrompe: — Não importa. O que você quer me dizer?

— Parabéns — meu pai diz em um tom muito mais calmo. — Eu teria começado com isso, mas você atacou primeiro.

— Pelo amor de Deus — Ryke murmura como se nosso pai fosse louco. Porém, eu o entendo.

— Então você está... ok com isso? — Garrison franze a testa.

— Se Willow está feliz, então eu estou feliz. E eu nunca a vi tão feliz assim. — Não há apertos de mão ou ofertas para fumar um charuto. Porque ele acrescenta: — Eu pensei que você seria diferente do Loren nisso. — Ele está se referindo ao Moffy. — O que aconteceu com a caixa de camisinhas que eu te dei?

Minhas sobrancelhas se erguem. *Meu pai deu camisinhas para Garrison.* Eu quase dou risada.

Garrison se encolhe. — Em primeiro lugar, a gravidez não foi um acidente. Em segundo, joguei aquela merda fora. Eu posso comprar as minhas próprias camisinhas.

— Desperdício, mas talvez eu tivesse feito o mesmo.

Garrison parece enojado com a comparação entre ele e Jonathan. Ele fica de pé novamente, mas não na ofensiva ou defensiva. Ele está neutro. Meu pai está neutro. Garrison pergunta: — É só isso?

— Você não é o meu favorito — ele lembra.

Garrison dá de ombros. — Você também não é o meu. — Ele vai em direção à porta. Eu o sigo com Ryke, mas Jonathan Hale ainda bloqueia a saída.

— Não é só isso.

Garrison para.

Meu pai capta seu olhar enquanto diz: — Se você abandonar minha filha e o bebê dela, eu vou te encontrar e te fazer sangrar. — Ele faz uma pausa. — E então vou encontrar uma maneira de garantir que você nunca procrie novamente. Entendido?

De todas as coisas que ele já disse, isso foi bastante leve.

Garrison diz: — *Nosso* bebê. Não é só dela.

Meu pai casualmente se afasta da porta. — Há algo errado com o seu tímpano esquerdo? Você não ouviu o resto?

— Sobre me fazer sangrar, cortar meu pau - sim, eu ouvi tudo isso. — Ele assente. — Legal. Eu me sentiria da mesma maneira se alguém partisse o coração dela. Eu amo a Willow, e não vou a lugar nenhum, então você terá que lidar comigo sendo o seu menos favorito.

Meu pai caminha até um carrinho de bebidas, apenas água e limões na bandeja de prata. — Eu nunca disse que você era o meu menos favorito. — Ele pega uma jarra de água. — Apenas não é o meu favorito.

— Quem é o seu menos favorito? — Garrison tem que perguntar.

Meu pai enche um copo de cristal. — Vocês três deveriam voltar para suas esposas. Elas estão fofocando lá fora, tenho certeza.

Ryke resmunga algo sobre sexismo antes de sair pela porta. Eu sigo atrás com Garrison. *Neutro.* Foi aí que eles deixaram o estado das coisas.

No mundo do meu pai, isso é suficiente para ser considerado uma família.

Enquanto caminhamos pelo corredor escuro de uma mansão que não parece mais um lar, Garrison me pergunta: — Quem é o menos favorito dele?

— Connor Cobalt.

Garrison assente uma vez e não pergunta o porquê. Ele ouviu sobre a história deles. Mesmo que meu pai tenha se desculpado com Connor, ele ainda não é fã de Connor Cobalt. Por quê? *Simples.*

Jonathan Hale odeia ser derrotado, e apenas um homem realmente o derrotou. E apenas um homem provavelmente será o único a fazer isso.

[34]

Novembro de 2023
O Loft Abbey
Filadélfia

CONNOR COBALT

Lavo a louça com Ryke depois do jantar de Ação de Graças. A máquina de lavar louça quebrou antes que pudéssemos iniciar a primeira carga, por isso secamos à mão. Não preciso seguir seu olhar para saber onde seus olhos estão.

— Quanto mais você olha para ela, mais ela não vai querer se sentar. — Eu passo um prato para ele secar, mas ele está muito distraído com uma Rose grávida de vinte semanas. Minha irritação se arrasta lentamente em direção à superfície, e eu a empurro a maioria para baixo. — Em termos leigos, o que você claramente precisa, *esconda a porra da sua preocupação.*

Viro o prato na frente do rosto dele.

Ele sai do transe em que estava e tira o prato da minha mão. — Eu fiz isso cinco minutos atrás, e ela ainda está de pé, porra. — Temos o mesmo objetivo. Checar se Rose está confortável. O problema: Ryke não consegue entender como a mente da Rose funciona, nem mesmo enquanto eu tento treiná-lo.

Eu sou o melhor tutor, então o fracasso é culpa dele.

— Você não pode tratá-la de maneira diferente de como costuma tratar. — Louças tilintam enquanto eu coloco mais tigelas sujas na pia.

— Eu geralmente estou preocupado pra caralho.

— Te garanto, não assim. — Estamos todos tratando esse bebê como se fosse o primeiro. A única vantagem é que eu entendo o Ryke. Eu entendo a Rose. Eu os entendo melhor do que eles se entendem. Eu também entendo Daisy, que tem sido a luz brilhante da gravidez de Rose. As duas praticamente brilham quando estão juntas.

Ryke segura meu olhar. — Apenas olhe para ela e diga que ela não está com dor, porra.

— Ela está de pé ao lado da cadeira vazia desde que o jantar terminou. Seus pés doem. Suas costas doem. Ela odeia você, mas não mais do que ela me odeia, e ela deseja que nós dois paremos de discutir o corpo dela. Eu conheço a Rose — digo a ele. — Eu não tenho que encará-la descaradamente para entender. Você me confundiu com você.

Sua mandíbula flexiona. — Eu não *encaro* descaradamente, porra.

— Sim, você encara. — Eu o vi encarar por mais tempo do que ela permitiria à maioria das pessoas.

Ryke esfrega a mandíbula com a barba por fazer. — Isso é difícil pra caralho pra mim — ele admite.

— Isso é óbvio.

Ele estreita os olhos.

— Sim? — Eu começo a sorrir.

— Você poderia ter falado *pra mim também*, porra.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Então você gostaria que eu mentisse para você.

Ele resmunga e joga um pano de prato na torneira da pia. Nós dois nunca concordamos com um casamento um com o outro, mas aqui estamos nós: lavando a louça juntos, tendo um bebê de alguma maneira *juntos* e brigando como se nos conhecêssemos há muito tempo.

O que é verdade.

— Você está deixando isso difícil para si mesmo — digo a ele. — Respire. Relaxe. Talvez tente fazer yoga, eu ouvi dizer que ajuda mulheres grávidas.

— Hilário pra caralho. — Ele de fato relaxa com as minhas palavras. Ele entende. Rose é quem está grávida, e se algo estivesse errado, ela diria a ele. Ela não teria que me alertar externamente porque não precisaria. Eu saberia *imediatamente*, e não estaria em outro lugar, a não ser ao lado dela.

Eu verifico meu relógio. Eu o distraí por tempo suficiente. — Ela está sentada agora.

Ele tenta verificar sutilmente, e eu vejo seus ombros relaxarem. — Graças a Deus, porra.

— Ou você pode agradecer a alguém que realmente ajudou. — *Eu.*

Ryke fica quieto só para me irritar, mas eu não concedo a ele a satisfação.

— Ai, merda! — Moffy grita, seguido por mais caras resmungando em derrota. Atrás de nós, duas televisões de tela plana estão lado a lado, duas equipes sentadas em puffs. Meninas vs. meninos. Jane e Moffy têm os únicos dois controles do videogame, apertando os botões rapidamente.

Sorin-X, dos quadrinhos de *O Quarto Grau*, está em cada uma das telas, ambas passando o mesmo jogo e acompanhando até onde vão na história. É o jogo que Garrison criou. Aquele em que investi meus recursos e tempo. Foi lançado no início de novembro para registrar vendas e as análises validaram seu talento.

Uma obra-prima original…

O mundo dos games nunca viu uma aventura tão fascinante quanto essa…

Você nunca vai querer que acabe...

Ele codificou o jogo, o que significa que a funcionalidade, o enredo e a jogabilidade se originam primeiro de sua mente. Não acho que alguém sentiu mais orgulho do que Lo.

— A-B-puxa-para trás — Charlie treina Moffy, tentando ajudá-lo a avançar no jogo. Não estou surpreso que Charlie tenha memorizado movimentos especiais mais do que estou com o desinteresse do Tom. Meu filho de três anos parece que ele pulou no puff, de cara, e nunca se moveu de lá.

Rose se levanta, com algumas pastas de três argolas na mão.

Um cronômetro apita. — Vamos trocar — Garrison chama para ambas as equipes.

Moffy passa o controle para o pai. Então Jane tenta passar o dela para Lily, e ela pega o controle que nem uma batata-quente, sem esperar que peçam para ela jogar.

Ryke e eu secamos nossas mãos em panos de prato enquanto Rose desliza em nossa direção, uma de suas mãos pousada na parte inferior das costas. A cada gravidez, seu corpo fica mais

dolorido antes que da última vez. A causa é uma combinação dos saltos altos e de tanto forçar as costas retas com o peso extra.

Ainda não me aproximo dela, mas ela para entre o balcão da ilha e a pia. — Isso está uniforme? Eu perguntei às meninas, mas os resultados foram *extremamente* tendenciosos. — Mais pessoas apaziguam Rose quando ela está grávida.

Ela levanta a pasta preta e nos mostra o título rabiscado na frente.

A evolução do estilo de Tom Carraway Cobalt

— Carraway está torto, querida.

Seus olhos voam para seu trabalho.

Ryke gesticula para o fichário. — Parece reto pra caralho para mim.

Eu interrompo: — Se você confia no Ryke ao invés de confiar em mim, então temos um problema maior do que um título desorientado.

Rose estuda o título novamente. — Eu confio em mim mais do que confio em vocês dois juntos... isso está manchado? — Dessa vez, ela pergunta apenas para mim.

— Não.

Os olhos penetrantes da Rose voam para os meus lábios. O nariz dela se abre, menos briga nos seus olhos e mais suavidade, como magma quente. Sem faíscas, sem chamas. Apenas lava derretendo. Sua expressão rara derretida me *consome*.

Eu inclino minha cabeça. Ela se move para o lado como se quisesse voltar para a cadeira, mas fica aqui. Rose está inquestionavelmente excitada *demais*.

Espero um momento ou dois mais, e ela se vira para mim e pergunta: — Isso está feio? — Ela está com o fichário aberto na segunda página. Ela chamou Tom de sua alma gêmea fashion, até que ele passou de um guarda-roupa preto liso para um guarda-roupa preto com elementos góticos: fantasmas, caveiras, lápides.

Ele tem três anos e é severamente influenciado por seu irmão mais velho, embora Rose refute que Eliot se recusa a usar estampas como Tom, e ele gosta de vermelho escuro, verde e roxo antes do preto.

Eu ouço a torneira atrás de mim, Ryke continuando a lavar a louça.

— A página inteira? — Eu questiono.

— A maneira como as três argolas se projetam. Devo ir com um tipo de ficheiro diferente? — Ela o vira de volta para si mesma, seu olhar disparando de mim para o fichário. A tensão rodopiando entre nós.

— Não.

Ela respira superficialmente e dá um passo em minha direção, mas depois gira e se afasta.

Vou atrás dela, deslizando minha mão ao longo da base de seu pescoço nu, minha outra mão patinando em sua clavícula. Eu sussurro em seu ouvido: — Você quer o meu conselho, Senhorita Maiores Honras? — Ela está quente ao toque. — Então eu aconselho você a caminhar até o banheiro, manter as pernas juntas e esperar lá dentro.

Rígida, inflexível - estudo o comprimento de suas pernas, uma das minhas mãos descendo para sua bunda. — Dépêche-toi, chérie. — *Depressa, querida*.

Ela coloca o fichário no balcão e, em vez de encará-lo, mantém as costas em minha direção, os saltos batendo no chão. Rose vai ao banheiro.

Arregaço as mangas da minha camisa social mais para cima, e coloco o fichário em um banquinho, a salvo dos balcões sujos.

— Ela está bem? — Ryke me pergunta, sua preocupação incapaz de recuar.

— Ela está melhor do que você.

Ryke mostra o dedo do meio para mim.

Eu digo a ele que vou checar a Rose antes de sair. Eu deslizo por um corredor muito curto, toda a cozinha e área de estar ainda visíveis daqui. Eu bato na porta. — É o Connor, querida.

Eu ouço o clique da trava.

Abro a porta e depois a tranco. O banheiro minimalista tem uma banheira, vaso sanitário e pia de concreto, com estilo industrial, como o resto do loft.

Rose agarra a pia atrás dela, pescoço alongado como se sua própria vulnerabilidade a assustasse. Eu a alcanço em segundos,

elevando acima de seu corpo. Minhas mãos flutuam ternamente ao longo de seus ombros e cintura.

Eu beijo sua testa e sussurro: — Vous êtes en sécurité avec moi. — *Você está segura comigo.*

Ela se agarra fortemente ao meu bíceps e depois cobre o rosto com uma mão, como se tentasse esconder o quão submissa ela é. Ela não está tentando me empalar com os olhos. Ela não está cuspindo ameaças de morte e resistindo de propósito.

Afasto a mão dela e afago seu cabelo. — Relaxe — murmuro no meu tom mais suave. — Eu nunca machucaria você, Rose. — Eu sempre a tranquilizo quando ela se sente assim.

Sua respiração fica mais superficial, e eu guio a cabeça dela até o meu ombro. Enquanto ela se acalma, deslizo minha mão por baixo do vestido dela e passo meus dedos no cós da sua calcinha. Eu a arranco com um puxão. Ela estremece e levanta a cabeça uma fração.

Eu corro meus dedos entre as pernas dela.

Ela está encharcada.

Rose está imóvel, com as juntas apertadas.

— Vous êtes en sécurité avec moi. — Eu massageio sua cabeça e depois a beijo com força. Ela *choraminga* contra a minha boca. Seu pescoço cora com o barulho que ela fez.

Eu endureço instantaneamente, meu pau implorando para estar dentro da minha esposa.

Eu idolatro a Rose, nesse momento tanto quanto nos outros furiosos e agravados.

Sem esforço, levanto Rose para o balcão da pia de concreto, meu pau na altura perfeita da sua pélvis. E agora ela não está se esforçando nos saltos. Eu ainda tenho uma vantagem clara de altura, precisando olhar para baixo. Ela não me combate.

Rose agarra o cós da minha calça com as juntas dos dedos brancas, pernas bem abertas. Eu tenho que arrancar as mãos dela, só para que eu possa tirar minhas calças. Coloco as palmas das suas mãos nos meus ombros. Tiro a minha calça e ela tenta enterrar o rosto no braço.

— Rose, Rose — eu sussurro. — Eu nunca machucaria você. — Eu levanto a cabeça dela.

Ela fecha os olhos.

— Respire, querida.

Ela tenta.

Eu beijo a base do pescoço dela enquanto liberto minha ereção. Suas unhas cravam nos meus ombros, sua testa pressionada no meu peito. Meu sangue ferve. Meus lábios vão até o ouvido dela, e eu sussurro as mesmas verdades. *Eu nunca machucaria você. Você está segura comigo, Rose.*

Eu seguro seu rosto e agarro meu eixo. Eu gostaria de foder ela até que ela desmaiasse contra mim, mas ela está grávida.

Não com o seu bebê.

O único pensamento tenta corroer minha lógica inflexível.

Não com o seu bebê.

Com o bebê do Ryke.

Aqui está outra verdade: sou possessivo quando se trata das minhas coisas. Rose também. Mas eu não gosto de compartilhar. Ela gosta. É por isso que ela está carregando o bebê da irmã e por que a situação fode com a minha mente.

Eu escolho não hesitar. No momento em que meus lábios roçam os dela em uma respiração profunda, minha mão segurando a parte de trás de sua cabeça, eu dirijo minha ereção em Rose.

Ela goza imediatamente.

Eu protejo seu gemido desconcertado sob a palma da minha mão. Eu balanço mais fundo, a levando para outro clímax antes que ela se recomponha do primeiro.

— Connor — Rose respira, um tom de medo em sua voz. Ela está completamente submissa *e* está grávida.

— Shhh. — Eu beijo sua testa mais uma vez. — Vous êtes en sécurité avec moi. Vous êtes en sécurité avec moi.

Rose se entrega completamente a mim, e eu honro essa confiança ao máximo. Eu seguro sua cintura e agarro seus cabelos. Eu dou um jeito nas necessidades dela. Suave e lentamente enquanto ela treme. Mais profundo quando ela se aperta mais forte a mim.

Eu sussurro rapidamente em seu ouvido, minha declaração inabalável a excitando. Enquanto ela *me* excita. Rose contrai em

torno do meu pau com tanta frequência que minha cabeça fica clara, quase me cegando.

Eu atinjo um pico junto com a Rose, e enquanto eu suavemente ordenho o resto do meu clímax, eu a seguro contra mim, seu corpo desabou em exaustão e submissão. Sua bochecha no meu ombro.

Afasto os cabelos para fora do seu rosto e coloco os fios atrás da orelha.

Cansada, ela sussurra: — Je t'aime. — *Eu te amo*. Quando seus olhos voam para mim, uma faísca retorna àqueles globos verde-amarelados.

Eu sorrio.

Je t’aime.

{ 35 }

Dezembro de 2023
Escola Primária Dalton
Filadélfia

LILY HALE

— Mães e pais, acho que já é hora. Vamos começar nossa reunião de dezembro. — Maggie Hollybaum agarra uma prancheta de madeira como se fosse um segundo apêndice. Cabelo em cachos loiros perfeitos, brincos de pérola bem presos, uma bolsa amarela com monograma sobre a mesa da professora - eu me pergunto como ela parece tão limpa e *arrumada*.

Não consigo nem tirar manchas das minhas roupas. Agora, acho que tenho manteiga de amendoim na gola da minha camisa.

Pelo menos... espero que seja manteiga de amendoim. *Por favor, deixe ser manteiga de amendoim.*

Eu não checo.

Todos ficamos em silêncio enquanto Maggie examina sua prancheta.

Como líder do Conselho de Pais e Professores, inicialmente pensei que Maggie seria a mãe mais severa e julgadora de todas. Eu estava preparada para o desdém dela chover sobre mim. Então ela fez uma piada de pum para Daisy e riu quando seu próprio filho bateu no nariz.

Eu gosto de Maggie, mas não posso dizer que o resto do conselho sente o mesmo em relação a mim.

Atualmente, estou na última fileira da sala de aula do ensino fundamental. Sinto como se tivesse entrado em uma máquina do tempo fodida.

Maggie clica sua língua em pensamento. — Ok, aqui vamos nós. Annie e Summer já concordaram em liderar o festival anual de pintura de ornamentos. Ainda precisamos de alguém para organizar o levantamento de fundos dos cookies. — Seu dedo percorre a lista de pais.

Em uma mesa próxima, Daisy sussurra para mim: — Não olhe nos olhos dela.

Connor está sentado do meu outro lado. Ele nos seguiu sem entusiasmo até a fileira de trás das mesas. Aparentemente, seu estudante de honra interior murcha quanto mais tempo ele fica na fileira “apática.” Pessoalmente, eu amo a Fileira Apática.

Pelo menos quando se trata de escola.

Tento seguir as instruções da minha irmã mais nova e olho para a superfície da minha mesa. Estreito os olhos para um desenho fraco. Alguém desenhou um pau e bolas? *Nãão.* É apenas a minha mente suja. Poderia ser um cachorro-quente de formato estranho?

Eu sussurro para o Connor: — Isso é um desenho de um pau? — Eu aponto para a minha mesa. Fico feliz que ele não questione por que eu perguntei a ele. Ryke definitivamente teria questionado, e eu teria que explicar que, como ele tem um pênis, ele seria um juiz melhor do que eu. Mesmo que eu tenha visto minha cota.

Connor examina o rabisco por apenas um segundo. — Sim, mas é torto.

— Lily Hale.

Eu pulo ao falarem meu nome, meu pescoço ficando quente. *Eles não ouviram você falar sobre um rabisco de pau*. Por alguma razão, descanso o braço sobre a mesa, cobrindo o pênis torto como se fosse eu quem o desenhou.

— Sim? — Eu olho para Maggie.

— Você não está inscrita em nada.

— Sério? — Eu olho para o teto. — Eu poderia jurar que me inscrevi nessa... coisa. — Lo e eu fizemos um acordo para não nos envolvermos em muitas atividades. Já temos o *suficiente* em nosso prato, não precisamos adicionar pintura de ornamento a essa lista.

— Que tal você liderar o evento de arrecadação de fundos dos biscoitos de natal? — Maggie sugere gentilmente. Quase me faz dizer *sim.*

Então Frank Kale, o único outro homem aqui além do Connor, interrompe: — Você não deveria dar tanta responsabilidade a alguém como ela.

Ele é a segunda pior pessoa do Conselho. Moffy tentou entrar na liga infantil de baseball por uma temporada (ele gosta mais de

nadar), e todos nós vimos Frank gritar com o treinador para fazer seu filho o arremessar. O treinador perguntou ao filho se ele queria ser arremessador. Para o que o garoto disse, *na verdade não.* Frank arrastou o filho pelo braço e o tirou do time.

Lo o chamou de pai helicóptero.

Ryke o chamou de babaca.

Connor o chamou de Frank Kale.

Toda a sua persona nos dá calafrios. Então Connor acabou sendo o mais preciso. Como agora, eu me encolho e gostaria que Frank voltasse seus olhos julgadores para o quadro branco.

Antes que eu possa responder, Maggie me defende. — Lily ajudou na caça aos ovos de Páscoa no ano passado. Não houve problemas, Frank.

— Porque Rose lidou com o evento, não ela.

— Eu ajudei. — Me defendo. Embora a verdade seja que: a arrecadação de fundos dos biscoitos possa ser muita responsabilidade apenas para mim. Portanto, a essência do que Frank disse está correta. Eu odeio que esteja, mas está. Eu tenho um bebê que está prestes a completar um ano. Uma filha saltitante de quatro anos. E uma criança de oito anos com um horário de treino de natação louco.

Adoro cookies, mas não sei como conciliar uma arrecadação de fundos inteira com tudo isso e a Superheroes & Scones.

Eu sou péssima em multitarefa. Eu voluntariamente me daria um F. Então, é isso aí.

Em seguida Justine qual-quer-que-seja-seu-sobrenome, gira fisicamente em seu assento para fazer um comentário malicioso em minha direção. — Onde sequer você vai assar os biscoitos?

Ela é a pior de todas. Na minha cara, Justine disse: “Não quero ser rude, mas você provavelmente não deveria ter filhos.” Doeu, e dói mais quando ela tenta espalhar mentiras para suas amigas. *Eles não mantêm uma casa limpa.*

As crianças não deveriam ouvir sexo. Ou ver.

Ela é nojenta. Deveríamos fazer com que seus filhos sejam expulsos da escola.

Elas tentaram e falharam. Eu tenho uma arma secreta chamada Rose Calloway Cobalt e Connor Cobalt. Ninguém pode derrotar as

estrelas nerds.

Connor fala antes que eu encontre palavras para responder. — *Assar* implica *cozinha*, o que geralmente implica *casa*. São habilidades simples de linguagem.

Justine franze os lábios, cabelos castanhos em cachos perfeitos, de um babyliss, tenho certeza.

— Eu também não me inscrevi para nada — diz Daisy na sala de aula cheia com pessoas do Conselho. Ela tenta virar os holofotes para si mesma e para longe de mim. Rose e Connor não se inscreveram para nenhum evento esse ano também, mas não foram convocados. Eu sou apenas um alvo fácil às vezes.

Frank aperta seu relógio Rolex prateado na frente do Connor. — Então você deve fazer a arrecadação de fundos em vez dela.

— Eu tenho um nome — menciono suavemente. Minha timidez aumenta para oitenta por cento de funcionalidade. Só estou feliz por não estar escondida debaixo da minha mesa.

— Eu posso fazer isso com a Lily — diz Daisy.

— Nós três podemos — observa Connor.

Eu relaxo ao som do trabalho em equipe. Eu realmente amo o conceito, especialmente quando os rapazes são melhores cozinheiros que nós (especialmente Ryke), e é provável que eles simplesmente assumam o controle. Essa é a minha ideia de *excelente* trabalho em equipe.

— Mas em que casa? — Justine pergunta.

— Na minha? — Essa é uma pergunta complicada?

Justine se irrita. Eu falhei no jogo mental de mamães. Ela se vira com tudo em minha direção. — Não acho que nenhum biscoito deva encostar nos seus balcões.

— Justine — diz Daisy, falando primeiro que todo mundo. — Estamos fazendo os biscoitos na casa da minha irmã. E você pode ir para o inferno.

Meus olhos se arregalam. *O queeee...?*

Daisy cruza os braços e age como a irmã mais velha protetora, a inversão de papéis algo que às vezes acontece entre nós. Mas ela nunca me defendeu mandando uma mãe ir para o inferno. É tão diferente da Daisy.

Até Justine fica boquiaberta, sem saber como responder. Sussurros flutuam pela sala.

Eu sorrio para Daisy.

Ela sorri de volta.

Baixinho, eu digo a ela: — Eu sinto que eu poderia jogar alguns dedos do meio em uma dança estranha de vitória. — Eu *sinto* isso, mas a execução é preciso um tipo diferente de coragem.

Daisy balança as sobrancelhas. — Vamos totalmente fazer isso lá fora.

Nós sorrimos mais.

2024

“Eu nunca percebi o quanto havia perdido a minha voz até começar a usá-la.”

- Daisy Meadows, *Nós Somos Calloway (Temporada 6 Episódio 07 - Motos & Palavras Cruzadas)*

{ 36 }

Janeiro de 2024
A Casa Hale
Filadélfia

LILY HALE

Eu carrego uma Luna de quatro anos de idade pelo lance de escadas. Orgulhosa da força do meu braço. *Bom trabalho, bracinhos.* Glitter verde está emaranhado nos cabelos castanhos da Luna. Tenho certeza que ela vai fazer birra quando nós dois tentarmos tirá-lo de manhã. Ela ainda usa um par de óculos de sol de 2024 e adesivos de véspera de Ano Novo por todo seu pijama estampado de alienígenas.

Quando chego ao quarto dela, deito a Luna suavemente no colchão e tiro os óculos de sol. Puxo o edredom branco para cima e a cubro.

O quarto da Luna é uma explosão de personalidade: alienígenas de pelúcias, cadeiras infláveis de plástico (verdes, é claro), carpete multicolorido e uma luminária de lava. Às vezes eu apenas a pego observando as cores e as estrelas que brilham-no-escuro no teto.

— Boa noite, Luna — eu sussurro e beijo sua cabeça antes de ir na ponta dos pés para o corredor. Em seguida eu fecho a porta.

Bocejo quando entro no meu quarto pouco iluminado. — Luna desmaiou. — Eu caio na cama com meus braços e pernas abertos.

É assim que uma panqueca deve se sentir.

Lo tira a camiseta. — O Moffy também. Ele vai ficar chateado por não ter ficado acordado até a meia-noite esse ano.

— Podemos dizer a ele que ele não perdeu nada emocionante. — Rolo de barriga para baixo e pego o monitor da babá eletrônica perto do relógio. Xander está dormindo profundamente no berço. Ele fez um ano no Natal. Foi o começo de nós tentando tornar o aniversário dele memorável, apesar de ter que compartilhá-lo com um feriado.

Lo tira as meias. — Então... minha irmã me disse o nome do bebê dela hoje à noite.

Eu me levanto e coloco o monitor de volta no lugar dele. — Qual é o nome dela? — A bebê Abbey ainda não está perto de nascer, mas todos sabemos que Willow terá uma menina. — É baseado em um personagem de videogame? É Zelda? — Me ajoelho no colchão, meus pensamentos uma loucura com todas as possibilidades. Eles gostam de cultura pop como nós, então as opções são infinitas. Meus olhos se arregalam. — Eles vão colocar o nome dela de Hermione?! Eu posso morrer se fizerem isso.

— Não morra, amor. — Lo abaixa a calça, a protuberância em sua cueca boxer me chamando.

— ...seria uma morte feliz — digo atordoada. *O pau dele. Em mim*. — ...eu morreria por... amor.

Lo se arrasta para a cama e tento me aproximar dele, para que ele possa rastejar *em cima* de mim. Eu até mesmo me remexo toda para tirar minhas calças, agora só com a minha calcinha e a regata enorme. Ele vê a sugestão carente nos meus olhos, mas ainda não está mordendo a isca.

Concentre-se em seu pênis.

É tão duro.

Eu coro com o duplo sentido.

— Você vai me dar alguma dica? — Eu pergunto.

— Vada Lauren Abbey — ele me diz o nome. — Vada como em...

— *Meu Primeiro Amor* — eu termino. A personagem principal desse filme dos anos 90 se chama Vada. Garrison rebloga muitos gifs de *Meu Primeiro Amor* e os cria para Willow, mas Lo e eu vimos esse filme pela primeira vez quando tínhamos oito ou nove anos. Se encaixa com eles mais do que todas as minhas outras sugestões, até Hermione. — E Lauren, como...

— Eu — ele termina dessa vez.

Meus olhos enchem de lágrimas. — Lo.

— Sim, eu sei. — Ele assente. — É um nome do meio horrível. — Seu sarcasmo é tão aparente, especialmente quando seu sorriso cresce, emocionado por ter alguém nomeado em homenagem a ele.

Eu limpo uma lágrima que cai. — É soletrado do mesmo jeito?

— Ela me perguntou se deveria deixar L-O-R-E-N, e eu disse para ela ir do modo tradicional. Acho que tenho trinta e três anos de mau karma armazenados nesse nome. A melhor maneira de evitar isso é usar L-A-U-R-E-N.

Eu concordo com a cabeça. — Pensamento inteligente. — À medida que o assunto da conversa desaparece, minha mente volta ao que está ajoelhado na minha frente.

Loren Hale de cueca boxer preta. Loren Hale com maçãs do rosto que cortam como gelo. Loren Hale com um abdômen sarado e coxas musculosas. Por que suas coxas me excitam, meu cérebro nefasto não consegue entender. Ele apenas vê elas e seus bíceps e aquelas maçãs do rosto e canta, *mais perto, mais perto, mais perto.*

Lo se inclina para frente, finalmente, e suas mãos caem em ambos os lados da minha cabeça. Ele paira sobre mim. Eu tento puxá-lo para baixo para que seu peso adicione pressão contra o meu corpo.

Ele nunca se abaixa.

Então pergunto: — Lo, vamos fazer sexo no dia de Ano Novo? — Estou concentrando em seus lábios que levantam em um sorriso e nas covinhas em suas bochechas. Eu o sinto estudando meu corpo por um segundo, mas posso dizer que ele está com tesão (talvez não tanto quanto eu) por sua dureza e seus músculos flexionados.

Então seus lábios se abaixam para os meus, mas se desviam para a base do meu pescoço. — Sim — ele diz em um beijo. *Sim!*

Meu pulso martela, a pele do meu pescoço formiga. Eu fico deitada na nossa cama, mas já abri minhas pernas em torno de seu corpo. Eu já agarrei seus ombros. Se eu pudesse fazer uma flexão, já estaria contra o corpo dele.

Razões para malhar.

É tão atraente, mas não tão atraente quanto *não* malhar.

— O primeiro sexo em 2024 — eu penso. — Isso é um grande negócio. Me dê um segundo. Eu tenho que pensar como vamos fazer isso. — Eu fecho meus olhos com força porque seu corpo, seu rosto, as sobrancelhas e os cabelos são *todos* uma distração. — Anal? Ou talvez eu por cima? AiMeuDeus, talvez devêssemos fazer de pé? Não, no chão! Não, na banheira!

Minha mente realmente corre entre as posições, tão rápido que eu mordo minha unha do polegar. Eu abro meus olhos, mas olho para uma terra sexual distante chamada A Mente Suja de Lily Hale.

— Lil, se acalma.

— Hã.

Ele aperta minha bochecha.

— Ei! — Eu esfrego minha bochecha. *Tão malvado.*

— Se acalma — ele repete, com o rosto coberto de seriedade.

— Eu estou calma. Calma, mas excitada. — Eu tento fazer uma flexão para subir em direção ao seu corpo. Não, não está acontecendo. Espero pelo *thumd* do meu corpo batendo no colchão, mas percebo rapidamente que nem me levantei da cama. *Fraca*, essa sou eu.

— Se é um grande negócio para você, então eu vou fazer desse o melhor sexo do maldito ano, mas eu quero que você aproveite sem ser compulsiva, ok?

Estou prestes a concordar do fundo do meu coração, mas seus movimentos me distraem. Sua mão esquerda saiu do colchão e seus dedos roçam levemente a pele acima da minha calcinha de algodão. Eu sigo seu olhar carnal, e minha viagem me faz ver minha regata branca, o tecido torto. Meu peito está exposto, o mamilo endurecido.

Eu passei tanto tempo olhando para ele que até esqueci como eu sou. E o quanto ele está atraído por mim. O que eu posso ver que é *muito.*

Minha mão cai do ombro dele e para o osso do meu quadril. Eu me controlo para não avançar mais baixo. *Não seja compulsiva.* Eu penso na declaração anterior dele.

— Podemos esquecer isso de *melhor sexo do ano*? — Eu pergunto. — Porque se isso for verdade, todos os sexos do resto desse ano não serão os melhores, e não terei nada pelo que esperar.

Seus olhos cor de âmbar abruptamente se afastam do meu mamilo e jogam adagas no meu rosto. — Lily Hale, você está me dizendo que não irá esperar que eu te foda?

Agora que ele diz assim...

— Absolutamente não. Esqueça tudo o que eu disse. Eu não sou exigente. Melhor sexo. Sexo ok. Sexo incrível. Qualquer tipo de sexo é o que espero, contanto que seja com você. — Eu tento assentir resolutamente, mas é mais difícil fazer isso deitada.

— Sexo ok? — Ele franze a testa e quase se senta. *Não, volta aqui!* Eu puxo o cós da sua cueca boxer, e ele abaixa para a posição anterior. *Sim!* — Quando fizemos sexo ok?

— Quando algo nos interrompe e eu não gozo.

Sua mandíbula flexiona, mas então ele assente como se entendesse. — Hoje à noite, prometo não deixar nada interromper seu orgasmo. — Ele estende o dedo mindinho. Loren Hale iniciando uma promessa de dedinho.

Meu coração dispara e, sem nem pensar, engancho meu mindinho no dele.

Lo me beija urgentemente, profundamente. Meus lábios incham sob os dele, um gemido fazendo cócegas na minha garganta. Sua mão desliza por baixo da minha regata, apertando a carne macia do meu peito.

Eu corro minhas mãos pelos seus braços, seu abdômen. Seus músculos firmes são os resultados de muitos exercícios que o ajudam a combater o estresse melhor do que uma garrafa de bourbon. Eu o beijo tão veementemente, minhas pernas apertando sua cintura. Ele ainda está muito longe.

Lo se afasta da minha boca. — Lil. — Sua voz é baixa e rouca. — Você. Nua. Agora. — Ele levanta a regata sobre minha cabeça enquanto minha mente atordoada já o imaginou dentro de mim.

— Você... não está nu? — Eu tento abaixar sua cueca boxer.

Ele geme enquanto tenta puxar minha calcinha das minhas pernas. Eu não me separo da sua cintura. Somos uma bagunça quente, mas minha missão é o pau dele, não me despir.

Lo tira minhas pernas magras da cintura dele.

Faço um barulho que pode muito bem ser um choramingo, mas é um choramingo de *eu quero você* e um apelo de *volte para mim!*.

Lo lida com meu corpo como alguém que nutre e estimula um animal no cio. Seus olhos estreitos voam para o teto, muito brevemente, para conter sua própria excitação. Eu poderia atacá-lo

e transar com ele, e enquanto me contorço por Lo e apenas Lo, o músculo em sua mandíbula flexiona.

Ele rapidamente tira minha calcinha dos meus tornozelos, e eu agarro seu corpo forte. Eu quero ser um coala agarrado à árvore Loren Hale, mas muito espaço ainda separa seu corpo do meu.

Ele está ajoelhado entre as minhas pernas.

Minha respiração engata, minha pele quente e começando a brilhar com suor apenas com meus pensamentos. Tento sem sucesso tirar sua cueca boxer. Ele puxa *para cima* o tecido preto, ar e um artigo de roupa as únicas coisas que nos separa. Sem calcinha, estou exposta e vazia. Eu preciso de sua dureza, a pressão contra mim.

— Lo — eu gemo em desespero.

Sexo pode ser mais complicado para ele do que para mim. Estou no modo *ter um orgasmo* enquanto ele está no modo *focado na saúde da Lily, não gozar antes da Lily, cuidar e proteger e depois fodê-la com força.*

Qualquer outra pessoa poderia facilmente tirar proveito do meu vício, mas não ele. Lo nunca me deixaria chegar em um lugar ruim só porque estou disposta a fazer qualquer coisa na cama. Eu preciso de restrições. Eu preciso ir devagar.

Eu preciso dele.

Lo agarra meus quadris que balançam para cima. — Calma, amor. — Ele empurra meu abdômen para baixo, e então sua mão desce entre as minhas pernas. Sinto meu corpo formigar e me sinto contrair, mesmo antes que ele deslize dois dedos para dentro.

Estremeço tão rápido, e ele me deserta tão rapidamente quanto. — Lo — eu choramingo. Não percebo que minhas mãos estão deslizando pelas minhas coxas até que ele agarra meus pulsos.

Ele beija a borda dos meus lábios e sussurra: — Respira fundo.

Foder. Foder. Eu quero foder. Eu puxo uma respiração trêmula, minha cabeça ligeiramente nivelada. No meio da cama, ele continua de joelhos.

Eu me sento. — Por favor — imploro. Eu só preciso da pele dele na minha pele. Envolvo meus braços em torno de seu corpo, colocando meu corpo contra Lo.

Ele faz algo fora do comum.

Lo se deita lentamente para trás, seus ombros encontrando o edredom cor de champanhe.

Eu colo as palmas das minhas mãos no peito dele, me animando um pouco com essa realização. Estou em cima de Loren Hale. Estou montando sua cintura.

Eu raramente acabo em cima ou no controle porque levo as coisas longe demais.

Meus lábios se abrem enquanto meu corpo todo treme. Lo me observa. Seus olhos âmbar perfuraram minha alma. Ele também está aqui para o meu prazer, mas meu cérebro só vê esse corpo que pode me oferecer o *melhor* orgasmo da minha vida.

Eu não consigo simplesmente ficar imóvel. Não nessa posição. Eu movo contra a dureza em sua cueca boxer, apenas duas vezes antes do meu orgasmo sobrenatural estrangular minha mente. — AiMeuDeus — eu ofego. Meus dedos raspam seu peito, e eu enterro meu grito na dobra de seu braço.

Simsimsim.

Eu mal me acalmei antes da minha mão mergulhar em sua cueca boxer, prestes a puxar seu pau para meu próprio uso.

Ele agarra meus pulsos novamente.

— Lo... *mais* — eu imploro, roçando. Estou roçando contra ele novamente.

Ele então agarra meus quadris. — Lily. — Sua voz baixa e rouca revela sua *necessidade* crescente também. — Você não pode dirigir esse navio, amor. — Se eu quero ficar em cima, ele tem que empurrar dentro de mim e ele tem que ser o único a me mover. As regras aparecem na minha mente e somem.

Eu estico a mão para o meu clitóris.

— Mãos — ele força e depois se senta de repente.

Eu levanto minhas mãos para o rosto dele, minha pulsação estourando. Estou no colo dele. Seu pau está metade fora da cueca boxer. Eu mal vejo sua preocupação afiada. Muito carente. Com muito tesão.

— Olhe para mim — diz ele.

Eu tento me concentrar nos olhos dele.

Quando eu concentro, ele me diz: — Braços acima da sua cabeça. Repita isso, Lil.

— Braços... acima de mim.

Ele estica meus braços para cima, para que eu entenda. — Deixa que eu cuido de você.

Eu concordo com a cabeça e mantenho meus braços levantados.

Ele deita novamente, com os ombros no edredom. Faço o que ele pediu, mas meus cotovelos definitivamente se abaixam, principalmente devido à minha fraca força no braço do que eu não estar o obedecendo.

Lo balança a pélvis *dele* para cima e depois para frente e para trás contra mim. Eu me contraio, tão molhada contra ele que encharco sua cueca boxer. Lo entende que quanto mais tempo às preliminares durarem, mais tempo posso aproveitar a jornada em vez de ficar decepcionada com o destino final.

Meu próprio corpo se revolta contra esse conceito, apenas buscando o sentimento, a adrenalina, o clímax, mas aprecio o que Lo faz por mim. Minha eu compulsiva se sente tensa e provocada, mas, no final, é muito melhor e mais saudável para mim dessa maneira.

Meus braços caem, mas eu agarro suas coxas no meio das minhas. Minha cabeça se inclina para trás e meus olhos se fecham, tremendo com todas as sensações elevadas. — Sim — murmuro.

Ele se senta, sua boca contra meus seios, levando meu mamilo entre seus lábios. Ele beija com um desejo que excita até os meus ossos. Quando ele deita novamente, ele empurra sua protuberância contra mim até que a pressão cega meus sentidos.

Meus dedos do pé se enrolam e um barulho faz cócegas na minha garganta. Seguro seus braços como se estivesse caindo de um penhasco.

Ele para de se mover e espera que eu me acalme.

Eu ofego com o segundo orgasmo, e seu pau ainda nem está dentro de mim. Meu corpo meio que cai contra seu peito, sem força sobrando.

— Me desculpa — eu sussurro, o sangue correndo de volta à minha cabeça, incapaz de me levantar. Eu estava um pouco compulsiva. — Eu pensei que poderia esperar até que você estivesse dentro de mim. — Ele ainda não gozou, mas pode facilmente se eu apenas beijar seu pau e olhar para ele.

Ele me segura em seu peito e, em segundos, estou de costas e ele está em cima. Ele levanta seu peso corporal de mim. — Não há limite para orgasmos. Você pode pegar quantos quiser. — Isso significa que ainda vou poder senti-lo dentro de mim hoje à noite.

Geralmente fazemos sexo até ele gozar ou quando ambos decidimos que é o suficiente. Varia cada noite, mas tenho me saído muito bem. Estabelecemos limites juntos, e ele garante que, no calor do momento, eu não quebre nenhuma promessa que fiz a mim mesma. Foi por isso que ele me disse para levantar os braços.

Loren Hale costumava ser sinônimo da palavra *egoísta*. Toda vez que estamos na cama juntos, sou lembrada da sua falta de egoísmo. Ele sempre coloca minhas necessidades acima das dele, e toda noite em que me deito em seus braços, me sinto sortuda por tê-lo.

— Lil. — Sua voz falha. — Porque você está chorando? — Ele limpa minhas lágrimas com o polegar, preocupação e dor atravessando seu lindo rosto.

— Eu não mereço você — digo baixinho, nossas pernas entrelaçadas.

Seu olhar poderia matar uma família de gansos, mas a visão familiar é mais do que reconfortante. — Então somos duas pessoas não merecedoras, porque eu com certeza não a mereço, Lily Hale. *Você* me ajuda todos os dias a ficar são e sóbrio. Eu não poderia viver essa vida sozinho. — Seu polegar roça minhas bochechas molhadas. — E sabe de uma coisa?

— O que? — Eu sussurro.

— O mundo foi e se fodeu porque as duas pessoas mais não merecedoras receberam mais do que mereciam.

Eu dou risada e esfrego meus olhos. Meu olhar desce para a sua ereção. Eu nem sempre sou uma garota de oportunidades iguais na cama, e Lo sabe disso. Eu já me rendi aos meus defeitos.

— Isso dói? — Eu pergunto.

— Como o inferno. — Ele tira sua cueca boxer, tão ereto que eu fico tensa com a visão.

— Eu posso te chupar — ofereço.

Ele já está abrindo minhas pernas com os joelhos. — Prefiro estar dentro de você.

Terceiro orgasmo, aqui vou eu.

Ele estica o braço em direção a uma das mesinhas de cabeceira. O anticoncepcional me fez sentir inchada e enjoada recentemente, então parei com os comprimidos há alguns meses. Enquanto isso, tenho pesquisado novas formas de anticoncepcional e estamos vigilantes em relação aos preservativos.

Lo abre a gaveta, mas depois hesita e a fecha. Sem camisinha.

Eu franzo a testa. — Nós estamos sem?

Ele balança a cabeça e beija minha bochecha. — Não vamos usar — ele sussurra.

Meu coração bate forte. — O que?

— Não vamos usar, Lil — ele repete.

— Eu ouvi isso, mas eu não... entendi...? — Ele está dizendo o que eu acho que ele está dizendo?

Lo coloca as mãos em ambos os lados da minha cabeça e olha direto nos meus olhos. — Mais um filho — diz ele. — Só mais um e então pronto. Posso fazer uma vasectomia e você pode fazer o que precisar. — Seu olhar nunca se afasta do meu. — O que você acha?

Eu acho isso louco.

Planejamos cuidadosamente a gravidez da Luna e do Xander. Nós nos demos *tempo* entre cada um dos nossos filhos. Nós nunca conversamos sobre um quarto. Talvez porque houve um acordo silencioso de que quatro é um número grande.

Maior do que imaginávamos.

Maior que nós.

Mas é?

— Quatro — murmuro, esperando calafrios, mas apenas o calor me banha. O que esperávamos de nós mesmos?

Sem filhos.

Infelicidade.

Solidão.

Miséria frequente.

Sem auto-estima.

Vidas sem amor.

Não, eu penso. *Não*.

Loren Hale está em cima de mim, *dizendo* que deveríamos esperar mais para nós mesmos. — Nós podemos fazer isso — ele

diz fortemente. — Eu sei que podemos.

Eu sorrio. — Eu também sei que nós podemos.

Ele se inclina para um beijo, mas provoca, parando a um centímetro de distância. — Temos os nomes perfeitos se for menino ou menina.

— Quais?

— Keller se for menino — ele respira. — Kinney ser for menina.

Eu sorrio mais até sentir minhas lágrimas. Julian Keller e Laura Kinney dos quadrinhos dos *X-Men*. Hellion e X-23. Seus dois personagens favoritos de toda a Marvel. Personagens que eu amo imensamente por causa do seu amor por eles. Por que não pensamos nesses nomes para o nosso terceiro bebê - talvez porque sabíamos que esses personagens são os mais preciosos para nós. E a nossa história ainda não estava fechada.

Mais um.

— Sim — eu concordo com o nosso futuro, com tudo.

Seu corpo e lábios pressionam os meus com um novo vigor desesperado. Ele me puxa para o peito, estica minha perna em volta da sua cintura e ele está dentro de mim. Empurrando fundo como se fosse para onde ele sempre deveria ir.

Eu me agarro a Lo.

Nossos olhos, nossos corpos e nossas almas - eles nunca se abandonam.

< 37 >

Março de 2024
Hospital Médico de Manhattan
Cidade de Nova York

DAISY MEADOWS

Eu tive muitas teorias, mas a teoria que tenho hoje supera todas as outras.

Eu tenho uma teoria de que, juntas, as irmãs podem fazer coisas extraordinárias e milagrosas. As pessoas nos subestimam, nos menosprezam, talvez até nos esqueçam, mas juntas, *juntas* - temos sucesso.

Cerca de uma hora atrás, Rose foi para o lado em sua cama de hospital, pedindo que eu ficasse ao lado dela, e eu fiquei. Estamos deitadas uma ao lado da outra, um bebê delicado e precioso aninhado em meus braços. Rose após o trabalho de parto de treze horas é uma das Roses mais emocionais que já existiu. Lágrimas escorrem por nossas bochechas, e ficamos quietas, ouvindo Winona respirar baixinho.

Rose gentilmente passa o dedo pelo nariz da bebê recém-nascida. — Ela se parece com você, Daisy.

Esfrego a base da palma da mão sobre o meu rosto molhado. Inclino minha cabeça em direção a Rose. Ela inclina a dela na minha direção. E eu digo: — Obrigada.

Lágrimas caem com mais força. Para nós duas. Rose tenta limpar as minhas com o polegar, e então ela beija minha bochecha. Eu amo minhas irmãs mais que a própria vida, e o que a Rose fez por mim me atinge *bem* no núcleo de amor. Existe inteiramente e com alma dentro da Winona.

Jamais esquecerei como foi estar ao lado da Rose durante o parto. Segurando a mão dela. Como Ryke e Connor estavam conosco. Nunca vou esquecer o quanto todos nos importamos. Escolhemos o nome do meio *Briar* porque queríamos homenagear

Rose - ela chorou no dia em que dissemos a ela, mas não tanto quanto choramos agora.

Rose enxuga minhas lágrimas antes de terminar de secar o rosto com o canto do lençol. — Ryke estava destinado a ser cercado por mulheres.

Eu rio e esfrego meu nariz com as costas da mão. — Ele diria, *Graças a Deus, porra.*

Connor e Ryke me ouvem, agora deslizando para dentro do quarto, com copos de café nas mãos. Os olhos deles estão em Winona.

— Por que eu diria essa porra? — Ryke pergunta.

Repito o que Rose disse: — Você estava destinado a ser cercado por mulheres.

Ryke sorri um dos sorrisos mais bonitos que ele já deu, e ele diz: — Eu prefiro essa porra assim. — Ele estava querendo outra garota.

Rose estende a mão em direção a Connor, e ele coloca o copo de café nela. Então, a sua mão livre desliza sobre o ombro dela, enquanto ele nos diz: — Isso tem menos a ver com o destino e mais com os cromossomos.

— Affff — eu digo, meu polegar para baixo.

— O que minha irmã disse. — Rose se senta mais ereta e toma um gole de café, um olhar quente plantado em Connor. Ela nunca perde a postura, nem mesmo após o parto. Rose é feita de algo mais forte que o resto de nós.

Ela fala em francês baixinho com o Connor, ambos à vontade.

Eu também me sento, Winona enrolada e contente em meus braços. Todo mundo já a segurou, até Lily e Lo, que foram embora mais cedo. Todas as crianças estão tendo uma festa do pijama na casa da tia e do tio, então estão animadas com o dia de hoje, talvez não pelo mesmo motivo que nós.

Eu beijo a bochecha de Winona e a passo para Ryke.

Ele coloca seu café no braço de uma cadeira antes de embalar nosso bebê. Eu derreto com sua expressão afetuosa e suave. Ele sussurra para ela em espanhol e depois a balança para frente e para trás. Ela se aninha na direção do peito dele.

Olho para o sofá rígido do hospital. Sullivan, que já tem seis anos, está apagada, com um lençol fino puxado sobre os ombros

(obrigada, Ryke).

— Devemos acordá-la? — Eu sussurro para ele.

Ele olha para Sullivan e faz uma careta ao pensar em perturbá-la. É nossa culpa que ela durma horas estranhas, e mais nossa culpa que ela se força a acordar. *"Eu não quero perder nada!"* ela sempre exclama. Então, quando ela *realmente* dorme tão pesado assim, tentamos não acordá-la, mas ela ainda não conheceu sua irmãzinha.

— Vamos dar mais uns cinco fodidos minutos — Ryke sugere, sentando-se na cadeira ao meu lado. Connor já está sentado do lado da Rose.

Minha irmã mais velha pergunta ao marido: — Que citação vem à sua mente agora? — Ela toma outro gole relaxado do café.

Connor começa a sorrir, os olhos dançando para cada um de nós. — "Felicidade, conhecimento, não em outro lugar, mas neste lugar, não numa outra hora, mas nesta hora".

Rose identifica a citação. — Walt Whitman, "Uma Canção para Profissões".

Connor diz uma afirmação em francês.

— Eu tenho uma, porra. — Ryke de repente captura a atenção de Connor. E para Connor, Ryke diz: — "Percebi que estar com quem gosto é o bastante".

Connor levanta seu café para Ryke, o sorriso mais terno em seus lábios. — Walt Whitman.

— Walt Whitman. — Ryke assente.

No trigésimo aniversário do Connor, discutimos poetas, dramaturgos e autores. Enquanto recitávamos suas partes favoritas de seus livros favoritos, Connor disse que sempre foi atraído por Faulkner. Ele podia citar quase qualquer frase de cabeça, como se ele vivesse e respirasse as palavras desde que era criança.

Naquele dia, Connor pediu a Ryke e eu para lermos alguns poemas.

Eles eram todos de Walt Whitman, e ele disse que Whitman se encaixava conosco, como Faulkner se encaixava com ele.

Sullivan se mexe, então Ryke leva a recém-nascida até o sofá. — Ei, Sulli — ele diz suavemente.

Ela esfrega os olhos e rapidamente se senta. — Eu perdi alguma coisa?

— Não, querida. — Ele se senta ao lado dela. — Essa é sua nova irmã.

Envolvo meu braço em volta da Rose. Ela pode odiar abraços, mas ela segura meu braço dessa vez. Seus olhos lutam para conter sentimentos mais fortes enquanto ela observa Sulli e sua nova irmã. Rose sussurra para mim: — Somos eu e você.

Temos cerca de seis anos de diferença, assim como Sullivan e Winona. Duas gerações de irmãs. Eu descanso meu queixo no ombro de Rose, e ela coloca a mão na minha cabeça com amor.

Sullivan olha com admiração para a bebê e ela diz: — Eu te amo, Nona.

Ryke e Daisy Meadows dão as boas-vindas ao nascimento da filha deles

WINONA BRIAR MEADOWS

24 de março, 2024

{ 38 }

Abril de 2024
A Casa Hale
Filadélfia

LILY HALE

— Você não precisa disso, Lil. — Lo tenta tirar os desenhos das minhas mãos, mas puxo as impressões de volta.

— E se ele pedir imagens — eu sussurro, em pé na frente da porta do quarto do Moffy. — Eu preciso estar preparada.

Lo ajeita seu colar torto de ponta de flecha, todo casual e à vontade enquanto o nervosismo me enxameam. — Se ele pedir imagens, diremos a ele que compraremos um livro. É melhor que isso. — De repente, ele puxa os papéis e as impressões escapam dos meus dedos. Ele os examina. — Hã. — Ele balança as imagens em preto e branco na frente do meu rosto, apontando para os direitos autorais no canto.

1982.

Ok, então eu escolhi a primeira coisa que vi com pressa. — Órgãos sexuais eram os mesmos nos anos oitenta... certo? — E se todos nós estamos sofrendo mutações? E se os pênis forem geneticamente *melhores* no futuro? Minha mente corre a milhares de quilômetros por hora.

Lo acena com a mão na frente do meu rosto. — Sem viajar, amor.

Certo.

Eu tenho que estar cem por cento consciente durante essa conversa. Pulo como se estivesse me aquecendo, então paro e percebo que estou a dois segundos de um polichinelo.

Eu tenho que dar *a* conversa sobre sexo para o meu filho de oito anos de idade. Não correr uma maratona. Embora isso pareça que há uma linha de chegada no final.

Eu sempre soube que Moffy perguntaria a um de nós sobre sexo. Inferno, eu pensei que seria mais cedo do que agora. Só não achei que ele perguntaria para mim ao invés do Lo.

Mas ele perguntou.

Hoje de manhã, antes do treino de natação às 6 horas da manhã, ele andou até a porta e parou por um momento. Eu pensei que ele tinha esquecido o café da manhã, então eu lhe dei sua torrada de banana com manteiga de amendoim pela metade. O Land Cruiser de Ryke estava parado no meio-fio, esperando por Moffy. Ryke e Daisy levam Sullivan e Maximoff para os treinos matinais, enquanto nós os levamos para os treinos depois das aulas.

Moffy pegou sua torrada com pouco interesse e olhou para minha pequena barriga. Estou grávida de treze semanas. Do nada, ele perguntou: — Você precisa fazer sexo para ter um bebê, certo?

Isso me pegou de surpresa, mas eu assenti. Ele fez pequenas perguntas ao longo dos anos, como *por que as meninas têm vaginas?* e Lo respondeu quase todas enquanto eu assentia em concordância. Percebo hoje que devo ter feito um trabalho decente, porque ele não sentiu como se eu fosse a mãe fechada e desajeitada. Ele se sentiu confortável o suficiente para *me* perguntar.

— Você quer saber mais? — Eu perguntei e consegui me manter calma.

— Sim.

Eu disse a ele que conversaríamos sobre isso mais tarde hoje à noite porque ele tinha o treino de natação. E eu secretamente precisei de tempo para descobrir o caminho certo a seguir.

Bem, é *mais tarde hoje à noite*.

Lo amassa os papéis.

Eu olho para a porta fechada do quarto. Quando tentei praticar um discurso mais cedo, Lo me interrompeu e me disse para ser natural. Nenhuma prática é necessária. Agora lamento não ter ensaiado um discurso, mas também acho que ele tem razão. Eu não quero que o sexo pareça esse grande monstro, e quanto mais eu fizer disso um grande negócio, pior será. Eu fiz bem até hoje; eu não posso estragar tudo agora.

Minha outra preocupação gigante: que eu vou estragar tudo e Moffy *nunca mais* fará perguntas para mim.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — Lo olha para minhas sobrancelhas franzidas, cheias de concentração e um pouco de

ansiedade. Ele já se ofereceu para conversar com Moffy, mas nosso filho me perguntou. Eu quero ser a pessoa a dizer a ele.

— Tenho certeza. — Eu aceno para mim mesma.

A confiança viaja lenta mas seguramente através de minhas veias. Endireito meus ombros e lembro que consigo pensar e falar sobre sexo sem ser dominada pela vergonha. Eu experimentei sexo saudável. Eu tenho isso todos os dias. Eu posso fazer isso.

Eu sou forte.

Só que do meu jeito.

Não olho para Lo em busca de mais segurança. Com uma mão na maçaneta, bato na porta com a outra. — Moffy? — Eu chamo. — Posso entrar?

— Sim!

Entro em seu quarto escuro, uma luminária de piso de um metro e meio banhando a área com um brilho laranja quente. Lo fica lá fora, no corredor. Ele me disse que iria escutar a conversa, mas entendeu que isso é algo que preciso fazer sozinha.

Posters emoldurados do Homem-Aranha estão pendurados sobre sua cômoda de madeira, um adesivo do Wolverine sobre a porta do closet. É a única arte no quarto dele. Quando ele completou sete anos, perguntou se podia pintar suas paredes de preto e queria uma cama especial de aniversário.

Então, quando fecho a porta e passo pela cômoda, a cama do Batmóvel é o foco de todo o espaço. Lo mal pode passar dois minutos no quarto de Moffy antes de sair correndo. Foi uma surpresa que ele tenha deixado a cama do Batmóvel entrar em casa, mas Lo ama Moffy mais do que ele odeia o Batman.

No meio do chão, Moffy está sentado em um tapete redondo laranja, papéis espalhados na sua frente. Ele usa um livro como superfície de escrita e escreve sua lição de casa em um caderno.

— Por que você não estuda na mesa? — Pergunto.

Ele dá de ombros. — Eu gosto mais aqui embaixo.

Essa é uma razão tão boa quanto qualquer outra, suponho. Eu afundo no chão.

Ele solta um longo resmungo, focado nos papéis espalhados.

— Qual é o problema? — Eu pergunto.

— Eu odeio as anotações de matemática da Janie — ele reclama. — Elas são tão difíceis de ler.

Inclino meu pescoço e vejo todos os rabiscos nas margens de suas anotações. Corações. Estrelas. Desenhos de gatos de palitinhos bebendo leite e andando nos telhados. Seu rabisco bagunçado contrasta com a caligrafia elegante do Moffy. Eles estão trocando anotações desde o início da segunda série.

Jane tira notas melhores em matemática e ciências, mas não gosta da parte da leitura. Segundo Moffy, Jane não gosta dos livros que eles atribuem. Então ele a ajuda com a leitura e a escrita. Eu pensei que isso estava indo bem.

Ontem ele nos disse que mal podia esperar pela terceira série. Aparentemente, é onde estão todas as crianças grandes. Com um aniversário no verão, poderíamos ter escolhido colocá-lo na escola mais cedo do que tarde. Não me arrependo da nossa decisão. Ele pode ser o mais velho da turma, mas também está se destacando. É mais do que posso dizer sobre Lo e eu aos oito anos de idade. Ou... em qualquer idade.

A escola não era nossa praia.

— Talvez você possa pedir para Jane escrever de maneira mais legível — sugiro.

Ele concorda com a cabeça. — Vou tentar. — Ele estende uma das pernas, o livro escorregando do colo. Moffy não percebe, seus olhos verdes plantados nos meus. — Você já comprou os livros da lista?

— Irei em breve.

Ele me deu sua lista de leitura do verão essa manhã. Em vez de escolher três livros, como solicitado, ele quer ler todos. *Dez livros.* Eu nunca pensei que teríamos um filho que gosta de ler, sem ser as revistas em quadrinhos e ocasionalmente livros de fantasia.

Por outro lado, nunca pensei que teríamos um bebê que crescesse para amar o Batman.

Moffy tem sido cheio de surpresas.

Assim que ele pega uma calculadora da mochila, eu digo: — Ei, Moffy. Você se lembra o que me perguntou essa manhã?

— Sobre sexo? — Sua voz é indiferente. Ele começa a digitar na calculadora.

— Sim, sexo. — Eu não gaguejo, o que aumenta ainda mais minha confiança. Sento de pernas cruzadas e seguro os joelhos. — Você sabe o que é isso?

— Acho que sim... é como os bebês são feitos.

— Certo. — Eu concordo. — E lembre-se de como falamos a você como um bebê é feito. Quando o espermatozóide de um homem entra na mulher, ele se une a um óvulo e o bebê cresce no útero da mulher. — Eu acho que talvez compre um livro para ele entender melhor. Um livro *recente*. Apenas no caso de todos termos evoluído.

Moffy abaixa o lápis, as sobrancelhas franzidas em profunda contemplação. — Sim... mas como é esse sexo? Eu só estou confuso. Whitney Rivenfell disse que duas pessoas podem fazer isso sem querer filhos. Por que eles querem fazer isso? — Ele balança a cabeça. — E como exatamente o espermatozóide entra?

Calmamente, respondo à segunda pergunta. Parece a mais fácil. — O espermatozóide sai do pênis e, quando o homem coloca o pênis na vagina da mulher, os espermatozóides são liberados. — *Mandou bem*. Continuando: — E quanto à avaliação de Whitney, duas pessoas podem fazer sexo sem querer ter filhos. Ela está certa sobre isso.

— *Ele* — Moffy corrige. — Whitney é um menino, mãe.

Primeiro fora, mas não teve nada a ver com a conversa sobre sexo. Eu vou aceitar.

Ele continua falando antes que eu possa explicar mais: — Então é isso que você e papai fazem? — Seu rosto se torce. — Isso dói? Você tá bem?

Huumm... eu não achei que *a conversa sobre sexo* iria para esse caminho. — Não dói, Moffy... bem, dói para algumas meninas, na primeira vez. Mas isso não faz parte do que quero dizer... — Paro, perdida por um segundo. Tento recolher meus pensamentos dispersos, mas sua compaixão pelos membros da família leva essa conversa a outra direção.

— Então... A Janie, Sulli e Luna... — Ele olha para frente, confuso e preocupado com as garotas que conhece.

— Sexo não é algo para se ter medo, mas nenhum de vocês devem fazer sexo até serem muito mais velhos — digo a ele, as

palavras correndo em minha direção de repente.

Moffy olha para frente, pensativo.

Então, continuo: — Pode ser bom para os adultos, e é por isso que as pessoas fazem sem a intenção de ter bebês. Quando você envelhecer em breve, você poderá até ter vontade de experimentar consigo mesmo... e tudo bem, mas é algo que você só faz em particular.

Lo e eu brincávamos de "médico" quando tínhamos nove anos e nós dois tínhamos um conceito do que era sexo - só queríamos ver como era.

Moffy faz uma careta. — Quantos anos você tinha quando começou?

Não surte. — A fazer sexo?

— Sim.

Perdi minha virgindade aos *treze anos*. Mas não com o Lo. Eu faria qualquer coisa para impedi-los de fazer sexo tão cedo, então digo: — Quando eu era *velha o suficiente*. — Eu me preocupo que ele possa perguntar isso a outra pessoa. Acrescento: — Perguntas sexuais e pessoais como essa permanecem privadas entre casais, por isso é melhor não perguntar a outras pessoas. Isso faz sentido?

— Sim. — Ele assente e depois pergunta sobre Winona e a barriga de aluguel novamente. Eu explico todo o processo para que ele entenda que Rose e Ryke *não* fizeram sexo, e Winona é biologicamente filha do Ryke e da Daisy. Eu assisto clareza varrer seu rosto, e ele assente com mais confiança.

— Você sabe o que é um preservativo? — Eu pergunto a seguir.

— Na verdade não.

— Ele protege o casal. — Penso em conversar sobre DST, mas talvez eu deixe isso para outra hora, então apenas menciono como os preservativos impedem a gravidez. — É como uma luva de plástico que envolve o pênis para que o esperma não entre na mulher. Faz sentido?

Ele pensa sobre isso por um longo segundo. — Não sei. A coisa toda parece dolorosa e nojenta.

— Bem, é uma coisa de adulto — reforço essa noção. — Você não precisa se preocupar com isso até ficar *muito* mais velho, e talvez então, não pareça tão nojento.

Moffy relaxa mais, feliz por não ser algo com que ele tenha que se preocupar agora.

— Mais alguma pergunta? — Eu questiono.

— Sim. — Ele olha para o caderno. — Se Benji tem doze maçãs e Maria tem trezentas e quarenta e cinco, quantas maçãs eles têm?

Com isso eu posso lidar. Inferno, depois de hoje, eu posso lidar com qualquer coisa.

Depois que termino de ajudar Moffy com a lição de casa, entro no corredor. Está vazio, sem Loren Hale. Verifico o próximo par de quartos, apenas para encontrá-lo no da Luna.

Ele está deitado no tapete com a nossa filha de quatro anos, olhando para as estrelas que brilham-no-escuro no teto e para as formas e cores do abajur de lava.

— E no meu planeta Thebula, todas as *águas têm glitters*. Ninguém se afoga — ela diz, levantando os pés na cadeira inflável de plástico verde.

— Glitter? — ele pergunta. — Isso significa que você ficará toda brilhante quando sair da piscina?

— Uhum. — Ela assente. — E o *imão* não vai se afogar.

Meu coração bate forte. Ela viu um trailer na televisão onde um garoto se afogou. Um filme de suspense que será lançado no verão, e agora ela está preocupada com o Moffy, já que ele passa a maior parte do tempo na piscina.

Lo vira a cabeça em direção a nossa filha. Mechas desgrenhadas de seus cabelos castanhos claros tocam o rosto redondo dela. Luna está com uma capa vermelha amarrada em volta do pescoço, já vestida com seu pijama estampado de estrelas.

Lo tira uma mecha de cabelo da testa dela. — Moffy não vai se afogar, Luna. Ele tem aulas de natação para que isso não aconteça.

— Masmas — ela diz rapidamente. — O que acontece se os *alunos* de natação falharem?

— Eles não vão falhar, você quer saber o porquê? — Lo se apoia no cotovelo, cabeça na mão, olhos na nossa filha. Lo nunca pensou que ele poderia ser gentil, nem mesmo com seus próprios filhos, mas ele estava errado. Ele pode não ter a voz mais suave, mas sua inocência vem à tona - inocência que nós dois perdemos em tenra idade. Ele a encontra e dá tudo a eles.

— Por quê? — Luna pergunta.

— Porque Moffy é o melhor nadador de todo o bairro. Ele é tão bom que acho que é o seu superpoder secreto, mas *shhh*. — Ele coloca o dedo nos lábios. — Você não pode contar a ele sobre o superpoder, senão pode desaparecer. É por isso que chamamos de um... — Ele finge surpresa.

— De um o quê?

— Um segredo! — Ele faz cócegas em Luna. Ela ri e rola de um lado para o outro.

O meu sorriso é enorme quando Lo olha para a porta pela primeira vez. Me vendo. Ele assente para que eu me aproxime. Eu pulo por ele, apenas para descansar do outro lado da Luna.

— Mamãe! — ela exclama. — Eu estava contando ao papai sobre meu planeta Thebula. Eu acho que é de onde eu sou. — Ela está convencida de que não nasceu na Terra. Que Lo e eu a tivemos em outro planeta e depois ela retornou a esse mundo em uma nave espacial, que a trouxemos conosco. Sua imaginação é o ponto alto do meu dia.

— Thebula — eu penso. — Soa familiar.

Ela inspira profundamente. — Sério?

Concordo com a cabeça e ela se levanta e corre até sua pequena mesa de estudos, ao lado de uma planta meio estranha que ela rega todos os dias.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto a Luna.

— Desenhando ele para você!

Estou brilhando quando Lo coloca os dedos no meu queixo, lentamente virando meu rosto em direção ao dele. Ele beija o canto dos meus lábios, nós dois deitados no tapete felpudo.

— Quando você saiu? — Eu pergunto, chegando cada vez mais perto. Até nossas pernas e braços se encostarem.

— Quando você começou a falar sobre Benji, Mary e maçãs. — Seus olhos âmbar se enchem de algo profundo, da alma. — Eu sempre acreditei em você, Lily, mas aquilo foi... extraordinário.

— Eu não corei. Nem uma vez. — O orgulho aumenta, algo tão estranho que eu me agarro a ele.

— Você é incrível. — Ele me beija mais uma vez. Agora, nos lábios - onde o sentimento de suas palavras canta através de mim.

[39]

Abril de 2024

Boutique Calloway Couture

Filadélfia

ROSE COBALT

Fechei a boutique.

Só por um dia. Os designers de interiores saíram cerca de cinco minutos atrás, depois de examinar o espaço e tirar fotos, tudo para a expansão de varejo da Calloway Couture em Nova York, São Francisco e Chicago.

A boutique está silenciosa, então me sento atrás da caixa registradora e desenho um bustiê de renda. Passo a maior parte do tempo criando roupas e vestidos de bebês, mas tenho desenhado alguns vestidos de alta costura e pensando em tecidos. Eles são incrivelmente inacessíveis para a mulher comum, o que não é o objetivo da Calloway Couture, mas eu me senti compelida aos designs, mais inspirada a seguir esse caminho.

Meu plano de cinco anos é criar uma linha de moda de outono com eles. Estou constantemente ocupada, mesmo com todos os meus gremlins na escola, mas um prazo de cinco anos deve ser possível.

Eu verifico o relógio. Ben, de apenas dois anos, ficará na pré-pré-escola por mais uma hora e então eu terei que buscá-lo. Bato meu lápis no meu caderno de desenho e observo os cabides com roupas, as almofadas otomanas, os lustres cintilantes. Essa loja se tornará uma de muitas. Minhas roupas estão sendo usadas por milhares, e eu voltaria para mim aos 23 anos e diria apenas, *respire*.

Eu me preocupei tanto com a minha linha de moda. Será que sobreviveria às consequências da mídia? Meu sonho duraria? Demorou muito tempo, mais trabalho do que às vezes eu pensava ser capaz, mas Calloway Couture sobreviveu comigo.

Do lado de fora da minha loja, paparazzis começam a correr para o meio-fio. Suas câmeras e corpos se inclinaram em direção à rua.

Uma limusine preta estaciona.

Eu instantaneamente sei quem está lá dentro.

Connor Cobalt surge como a celebridade que provavelmente ele sempre imaginou ser dentro de sua cabeça. Embora agora ele tenha câmeras literais em seu rosto. Ele age como se tudo fosse plano de fundo para seu mundo, seus cabelos ondulados perfeitos e as mangas da sua camisa social enroladas em seus antebraços.

Sua confiança é o seu acessório mais atraente, e eu me encontro pressionada contra o balcão do caixa para me aproximar dele.
Sério, Rose. Ele não é tão incrível quanto você.

Eu tiro meu cabelo do meu ombro.

Dominador e equilibrado, Connor vem em direção a minha loja e os cinegrafistas se separam como o Mar Vermelho. Connor abre a porta com seu conjunto de chaves, uma pequena sacola branca na mão. Ele fecha e tranca a porta da loja atrás dele.

Os paparazzi não conseguem captar muito através do vidro escuro, então não ficam muito tempo.

— Você trapaceou — digo enquanto ele se aproxima de mim.

— Sim, você já me lembrou isso dezessete vezes. — Ele coloca a sacola de compras ao lado da caixa registradora, a uma distância tentadora. Eu tento não olhar por muito tempo.

Fique firme, Rose.

— E mesmo assim você ainda não sente remorso.

Sua diversão levanta seus lábios. — Eu não trapaceei pessoalmente.

— Você não pode culpar o Eliot e o Tom. Eles estavam no seu time. Todo o seu *time* trapaceou. — Jogamos Imagem & Ação na noite passada. Jane, Charlie e Ben estavam no meu time, e Beckett, Eliot e Tom estavam no do Connor. As duas crianças de quatro anos continuavam girando a ampulheta durante as rodadas para se darem segundos extras.

Connor disse que eles acharam que era um brinquedo, mas as crianças têm seus motivos. Elas são pequenas coisinhas diabólicas.

Ele descansa casualmente contra o *meu* balcão do caixa. — Nós demos um tempo extra para o seu time na rodada final, e ainda assim, *vocês* perderam.

Eu estreito os olhos e levanto minha mão para o seu rosto. — Sua voz acabou de murchar o último dos meus óvulos. Estou estéril e frígida. — Aponto para a porta. — A saída é por ali. — Eu faço o que mais o incomoda.

Eu o ignoro.

E continuo desenhando.

— Eu comprei uma coisa para você. Não pretendia que fosse uma oferta de paz, mas pode ser, se satisfizer você.

Eu luto para morder minha língua. Eu não duro nem trinta segundos. — Você é *péssimo* em admitir a derrota.

— Porque eu não sou capaz de me sentir derrotado.

É fácil esquecer que ele não é apenas um narcisista em um sentido genérico. Eu aliso meus lábios, meu olhar investigando seu exterior calmo e relaxado. — Rejeito sua oferta de paz.

Por que ele está sorrindo?

Eu me levanto. — Eu disse *rejeição*, Richard. Acabei de rejeitar você.

— Rose.

Eu rapidamente cubro sua boca com a mão. — Você pode *não* dizer meu nome como se estivesse fodendo cada sílaba? — Eu sinto o sorriso dele debaixo da minha palma. *Ugh.*

Ele aperta meu pulso e arranca minha mão de seu rosto. — Eu disse seu nome como sempre digo. *Rose.*

— Você tem tendências suicidas. — Seu forte aperto no meu pulso estimula meus nervos sensíveis que gritam, *mais, mais forte, mais fundo.*

Ele anda ao redor do balcão, então nada, nem mesmo a caixa registradora, nos separa. — Como você planeja me matar?

Eu levanto meu queixo. — Com uma picareta em cada olho. — Não suporto o sorriso dele e, no entanto, quero que fique. Estendo a mão livre para cobrir sua boca.

Ele agarra meu outro pulso. *Deus, sim.*

Então ele me puxa em direção ao seu corpo, tão abruptamente que uma respiração afiada escapa dos meus lábios. Eu mantenho meu olhar penetrante em seus azuis profundos, seus olhos tão suaves quanto água e seda.

Ele se eleva acima de mim, mas levanto a cabeça o máximo que posso e digo: — Então eu atearia fogo em você.

Seus lábios pairam perto parar sussurrar: — Tu l'as déjà fait.

Você já fez isso.

Antes que eu pense direito, ele me levanta, minhas pernas em volta da sua cintura, o vestido subindo até minhas coxas. Seus músculos definidos se flexionam, mesmo através da camisa social branca. Ele me leva para um provador, coberto por uma cortina preta.

Minha clavícula se projeta, meu oxigênio preso nos pulmões. Connor beija o osso antes de perceber o colar que estou usando. Eu sinto a respiração dele falhar.

Seu olhar líquido me observa com *conhecimento* completo e absoluto. Ele pega o pingente de diamante, em forma de pêra, como uma gota de água, entre os dentes.

Eu latejo.

Esse colar é a primeira joia que ele me deu. Eu estava na faculdade. Nós tínhamos acabado de começar a namorar *oficialmente.* O guardei em um cofre para não perder, mas pensei nisso hoje e peguei para que eu pudesse usá-lo.

De repente, minhas costas batem na parede do provador, a cortina preta fechada. Minhas pernas ainda estão separadas em torno de sua cintura, e ele segura meus pulsos novamente, desta vez com uma mão. Ele os eleva acima da minha cabeça, esticando e prendendo-os lá.

— Eu te odeio — argumento com a respiração superficial.

— Tu m'aimes. — *Você me ama*.

Ele deixa cair o colar e seus lábios encontram os meus. O beijo agressivo e forte contém uma necessidade e desejo dolorosos. Quando ele morde meu lábio, sua boca segue para a minha orelha. — *Rose*.

Santo Deus.

Eu derreto, mas fico tensa contra ele ao mesmo tempo. É um oxímoro. Eu sei que ele ama isso. Nossos rostos estão tão perto, e sua mão livre começa a arrancar minha calcinha.

— Eu vou arrancar o seu rosto — ofego, mais sem fôlego do que pretendia.

Ele segura minha mandíbula, depois sua mão desce até a minha garganta. *Me sufoque*. Ele aperta muito mais forte do que apertava antes, já que eu não estou grávida.

— Você sabe como eu ouvi isso que você acabou de dizer, Rose? — Ele me beija e depois murmura: — Eu ouvi você dizer que *ama* minha mente, meu corpo... meu pau. — Connor remove a mão para deslizar dois dedos dentro de mim. *Dentro e fora.* Eu estremeço. Ele empurra seu corpo contra o meu, e eu sacudo com prazer.

Connor me prende na parede com seu corpo de um metro e noventa e três. Meus nervos se eletrificam e eu fico tão molhada que gemo quando ele agarra meu cabelo e puxa. Sinto-me total e completamente em sua posse.

Ele me beija mais uma vez, meus lábios ardendo por causa da força. Sua mão retorna aos meus pulsos, e seus dedos entre minhas pernas nunca me abandonam. Contra a minha boca, ele pergunta: — Quanta dor?

— Nenhuma — eu sussurro.

Ele não está perguntando quanta dor eu quero. Ele está perguntando se eu estou sentindo alguma dor.

Eu dei à luz a Winona fazem *quatro* semanas, e as regras *são seis semanas, sem sexo.* Minha mente é uma poça de traição. 100% com tesão e desfeita. Estou inclinada a quebrar todas as regras em favor do sexo.

Traidora.

Rose Calloway Cobalt não quebra regras. Eu as sigo.

Faça isso, Rose. Deixe o pau dele entrar com força dentro de você.

Não há câmeras de segurança dentro dos provadores da Calloway Couture. Tudo diz que *sim*, exceto essa única estipulação.

Foda-se.

Eu concordo com isso com um aceno de cabeça. Rose Com Tesão vence hoje. Connor mal faz uma pausa, abrindo o zíper do meu vestido e puxando-o pela minha cabeça. Ele me deixa ter controle das minhas mãos, apenas para desabotoar sua camisa. Ele abre meu sutiã, e eu estou completamente nua quando ele sai de sua calça e tira sua cueca boxer, enquanto ainda está com o corpo contra o meu.

Sua ereção, tão dura, grossa e longa, não perde tempo fora de mim. Ele entra com força. Estou tão cheia, sem nenhum espaço nos separando, e ele balança os quadris para se aprofundar. Uma mão na minha bunda, a outra prendendo meus pulsos.

Eu tento forçar novas palavras a saírem: — Eu vou te...

— Beijar? — ele brinca.

Eu estreito os olhos, mas ofego, minha cabeça batendo na parede. Ele passa o polegar pelos meus lábios.

— *Matar* — eu gemo.

Ele empurra com *tanta* força. Meus dedos do pé se enrolam.

— Vá em frente — ele provoca, suas palavras contra o meu ouvido — tente me matar, Rose. — Sua respiração profunda e irregular é o equivalente a seus dedos acariciando meu clitóris.

Eu não posso matá-lo.

Eu o amo. Mesmo assim, eu tento me afastar da parede para foder com ele, mas ele só *me* fode mais rápido. Eu perco a cabeça com isso. Seu prazer irrompe em seus olhos e lábios abertos, e o meu cobre todo o meu corpo.

Eu me contraio e latejo contra ele. Meu gemido morre na minha garganta, mas não consigo fechar a boca. Sua respiração é quente no meu pescoço, gozando com força enquanto eu me contorço ao redor do seu pau, cheia de um intenso prazer.

Leva cinco minutos para Rose Com Tesão cair fora.

E então eu percebo o que aconteceu.

Eu quebrei a regra de seis semanas sem sexo.

Eu quebrei a regra que Lily nunca quebrou.

* * *

Nós dois estamos vestidos novamente. Deito no banco no provador onde minha traição ocorreu. Eu tenho minhas pernas levantadas contra o peito e o ombro de Connor enquanto ele está sentado no banco. Ele está com a sacola de compras e eu aceno minha mão para ele.

— Me dê isso.

— Você rejeitou minha oferta de paz. Já esqueceu?

Eu estreito os olhos. — Então você simplesmente trouxe essa sacola aqui para me mostrar o que eu perdi? — Estou prestes a tirar minhas pernas de cima dele, mas ele as prende com um braço, às mantendo no lugar. Na verdade, é *mais* do que isso. Ele as levanta mais alto e para frente, para que seu sêmen se mova em direção aos meus óvulos mais rapidamente.

Estou falando sério.

Ele gozou dentro de mim, e não estamos desperdiçando a oportunidade de ter outra menina. *Por favor, meu Deus. Me dê uma menina.* Consegui engravidar com bastante facilidade, mas ainda gosto de me preparar (até demais) e fazer um esforço extra.

Connor já me chamava de uma excelente aluna, mas fiz questão de observar que não sou aluna *dele*. Nós somos iguais. E eu sou excelente pra caralho.

— Você quer o que tem na sacola, Rose? — ele pergunta.

— A sacola pode ir para o inferno. Quero o que tem dentro. — Estendo minha mão.

Ele sorri e revela uma roupa. Um... bustiê preto rendado, quase parecido com o que eu estava desenhando. *É lindo.* Eu o levanto, minha cabeça ainda no banco. É macio e a forma perfeita para o meu corpo. Anos atrás, eu teria estremecido de desgosto com a idéia de um homem escolhendo lingerie para mim.

Connor me conhece tão bem, e o presente nunca é uma sugestão aberta. É simplesmente: *eu vi isso e sabia que era algo que você compraria.*

— E então?

— É horrível.

Ele gesticula para eu devolvê-lo.

— Você não pode pegar de volta. — Eu o aperto no meu peito. — Você já me presenteou.

— Você deve amar coisas horríveis — ele brinca.

— Eu amo você — eu retruco.

Ele passa a mão pelo comprimento das minhas pernas, me observando. Minhas palavras quentes deveriam queimá-lo até a morte, mas elas apenas fazem amor se acumular em seus olhos. Eu poderia incendiar Connor um milhão de vezes, e ele nunca

queimaria em cinzas. Suponho que é por isso que somos feitos um para o outro.

Ele pode lidar com todas as minhas partes inexauríveis.

Willow & Garrison Abbey dão as boas-vindas ao nascimento da filha deles

VADA LAUREN ABBEY

11 de Maio, 2024

[40]

Agosto de 2024
A Propriedade Cobalt
Filadélfia

CONNOR COBALT

São 19:00hrs, e depois dos banhos e da hora da história com todos no quarto do Tom, Rose e eu fazemos rondas e colocamos nossos seis filhos na cama, cada um com seu próprio quarto. Eu tenho que contar algo a um deles hoje à noite e, para ser sincero, não tenho certeza de como ele vai lidar com isso.

Passo por Rose no corredor, com a mão no batente da porta do quarto de Ben. — Hoje à noite? — ela pergunta.

— Hoje à noite. — Eu concordo. Temos adiado em contar a ele porque ele não vai gostar, mas a escola começa em breve. Não podemos esperar mais.

— Só um de nós deveria falar — Rose sussurra. — Eu não quero que ele sinta...

— Que estamos implicando com ele?

— Sim.

— Eu vou fazer isso.

Rose aperta seu rabo de cavalo. — Beckett deu a Ben seu dente para colocar debaixo do travesseiro, então quem vai lidar com isso hoje à noite?

Meu queixo fica tenso com a sutil menção da fada dos dentes fictícia. Eu cooperei com essa farsa por anos, o que equivale a mastigar cascalho. Tem sido tolerável porque todos os nossos filhos tratam o Papai Noel, o coelhinho da Páscoa e, sim, a Fada dos Dentes, como fábulas, não criaturas reais.

Todos menos Ben.

Ele acredita que pode realmente conhecer a Fada dos Dentes.

Isso torna o pretexto um pouco mais irritante. Prefiro ser franco e explicar a ele que não é real, mas prometi que não extinguiria essa *magia* da infância.

Nunca fiz isso, e não começaria agora.

Embora eu tenha que mencionar isso, então abaixo minha voz. — Não é o dente do Ben. A Fada dos Dentes não deveria recompensar o altruísmo.

Rose estreita os olhos. — Você prefere que a Fada do Dente promova a ganância?

— Estamos pagando nossos filhos pelos *dentes.* Se algo, estamos ensinando a eles que podem vender seus corpos por dinheiro. É linear à prostituição, mas é aceitável porque todo mundo faz, não é?

Ela bufa. — *Você* que está falando isso.

— A sociedade que está falando isso. Eu simplesmente *penso* no que tudo significa. Não deveria ser um conceito difícil, usar o cérebro, mas muitas pessoas esquecem que podem. É por isso que sou melhor que elas.

Rose levanta a mão para o meu rosto para desligar meu narcisismo. Não estou perto o suficiente, mas me imagino beijando a palma da sua mão. Ela sussurra: — Isso não muda o fato de que um de nós estará colocando dinheiro debaixo do travesseiro de Ben hoje à noite. Você ou eu?

— Você, querida. — Eu voluntariamente entrego a ela essa tarefa.

Rose olha para a porta que eu preciso atravessar. Ela fica tensa. — Vejo você em breve?

— Sim.

Um momento depois, Rose entra no quarto de Ben. Eu continuo caminhando para uma porta diferente, um quarto diferente. Quando entro, meu filho de cinco anos já está embaixo das cobertas verdes, mas bem acordado. Ele pediu um retrato de um corvo no seu quinto aniversário, e a pintura a óleo preta está pendurada sobre sua cômoda.

Assim que Eliot me vê, ele se senta e puxa *três* livros de capa dura debaixo do travesseiro. — Mais uma história. Só uma.

— Mais uma, porém não pode demorar.

Eliot sorri. Ele ama histórias mais do que ama os livros físicos. Parece, à primeira vista, que não há diferença entre os dois, mas há. Seu abajur lança um brilho quente sobre sua cama, e eu me

sento ao lado dele. Ele rapidamente empurra os livros de capa dura no meu colo.

— Qual livro? — Eu os seguro e mostro a ele as lombadas.

Eliot tem os cabelos castanhos da mesma cor que os meus, os fios caindo lisos. Ele sempre tem um olhar travesso nos olhos, como se estivesse a segundos de uma entrada e saída dramática com a loucura varrida freneticamente no meio.

Ele leva muito tempo examinando as lombadas. — Esse aqui. — Ele aponta para *Edgar Allan Poe: Contos e Poemas.*

— Qual é esse? — Pergunto a ele.

— Poe. — Ele memorizou a cor do livro e lembrou-se do título que lhe fora falado antes. Ele não está lendo as palavras. Atualmente é o seu favorito, e é por isso que ele pediu a pintura de um corvo. Rose está ansiosa para dar Shakespeare a ele, mas nós dois achamos que ele ficará confuso com as palavras agora.

Ponho os outros dois livros de lado e abro esse no índice. — Qual história?

Eliot olha para mim. — Você pode ler *O Gato Preto* de novo?

Eu sorrio com a escolha dele. Ele gosta de histórias góticas, e enquanto alguns pais achariam ruim *eu* ler Edgar Allan Poe para um garoto de cinco anos, eu propositalmente afasto as restrições sociais como as idades. Eu sempre fiz isso. Cada pessoa é diferente.

Os meus filhos também.

Eu não forçaria Poe a uma criança que mal conseguia dormir à noite. Eliot não se assusta com a insanidade e o assassinato dos contos. Ele os vê como são. *Histórias*. No final de *Branca de Neve*, pelos Irmãos Grimm, a rainha é forçada a calçar sapatos aquecidos e dançar até morrer.

Ele prefere ouvir as versões originais do que as censuradas e, se perguntado, tenho certeza de que ele seria capaz de recitar uma porção de *Branca de Neve*.

Em alemão.

— Encontre-o no índice — digo a ele — e leremos juntos.

Eliot faz beicinho. — Mas eu quero que você leia. — Ele cruza os braços e se inclina para longe de mim, já chateado.

— Por que você não quer ler comigo?

Ele chuta suas cobertas. — Você é melhor nisso. — Sua fala é clara. Ele não tropeça nas palavras, mas sua caligrafia é quase ilegível. Ele teve problemas para segurar um lápis até que eu o ajudei a mudar para a mão esquerda. Tivemos três reuniões de pais e professores no jardim de infância porque ele se recusou a ler em voz alta durante o período da história em grupo.

A certa altura, ele jogou o livro longe e começou a chorar.

A professora disse que ele não tem paciência, falta foco e ela o chamou de “preguiçoso demais para tentar” - ela só vê Eliot como indisciplinado. Ele fala alto, não é tímido e não está disposto a seguir as instruções de leitura.

Não é porque ele não quer seguir. É porque é difícil para ele, e eu não consigo entender como deve ser. Não consigo me imaginar bloqueado em uma área de aprendizado, mas ele está. Ele não deve ser disciplinado. Ele deve ser ensinado a usar seus pontos fortes, para que a escola não seja desafiadora a ponto de ser insuportável.

Temos tutores fora da escola para todos os nossos filhos, caso precisem de ajuda extra, mas se o conhecimento os aborrece, se eles preferem estar do lado de fora, Rose e eu não somos autoritários sobre o assunto. Nós não os empurramos em seus assentos por horas a fio. Fatos, história, livros - isso nos interessava, mas se não os interessam, não insistiremos.

Viro o livro aberto para o meu filho. — Então eu vou ler, mas você pode pelo menos escolher o *Gato Preto* no índice?

Eliot se concentra, mas depois desiste, com derrota nos olhos. — Você pode ler algo diferente.

— Eliot — eu começo a dizer a ele.

Então ele suspira e apenas aponta para um. — Esse. — *O Diabo no Campanário.*

Coloco meu dedo embaixo do “no” e pergunto: — Que palavra é essa?

— Eu não sei. — Lágrimas frustradas enchem seus olhos. — Eu não sei!

Eu imediatamente deixo o livro de lado e seguro Eliot em meus braços.

Ele chora no meu peito e eu esfrego suas costas. — Está tudo bem, Eliot — eu sussurro.

— Todas as outras crianças podem ler mais do que eu — ele chora. — Não é justo. — Quando lemos em voz alta, garantimos que ele siga as palavras do livro, mas ainda é muito difícil para ele processá-las *visualmente*. Vai levar tempo.

— Só porque você não consegue ler tão rápido quanto as outras crianças, isso não significa que você não é inteligente.

Ele esfrega as bochechas com o punho.

Limpo o resto das lágrimas com o polegar. — Você apenas aprende de uma maneira diferente, e o seu jeito te tornará *incrivelmente* talentoso.

Ele começa a chorar de novo, desta vez apenas emocionado com essa palavra. *Talentoso.* Nenhum dos professores o chama de inteligente, e ele é frequentemente comparado com seus irmãos e irmã que se destacaram antes dele. Uma vez perguntei o que ele vê em uma página. Ele disse: “Palavras por toda parte”. Eliot fez um movimento rodando as mãos. Se as letras parecem diferentes no mesmo livro todas as vezes, ele teria dificuldades em escolher *O Gato Preto* da lista de contos.

Rose e eu queremos que ele seja testado para dislexia, mas a diretoria diz que ele é novo demais. As crianças desenvolvem habilidades motoras nessa idade e disseram que ainda não conseguirão concluir se ele tem um distúrbio de aprendizagem.

Eles acham que estamos tirando conclusões precipitadas já que nossos outros filhos superaram marcos comuns muito mais rapidamente. “É provável que ele seja apenas mais normal do que seus outros filhos” disse o diretor.

Não estamos chateados que nosso filho não esteja à altura dos nossos outros filhos. E não quero consertá-lo para que ele possa se tornar “normal” ou o que quer que seja *normal* para a diretoria. Quero que Eliot aprenda a um ritmo que não faça com que ele chore ou se sinta inferior aos alunos ao seu redor. Assim ele não fica ansioso quando for chamado para ler na aula ou tão frustrado que seria capaz de jogar seus livros.

Para fazer isso, ele precisa se concentrar em seus pontos fortes e não ser forçado a aprender da mesma maneira que todos os outros.

Eliot funga, se acalmando, e então ele pergunta: — Como vou aprender a ler?

— Aqui. — Eu toco seus ouvidos. — Use esse dom quando seus olhos falharem com você.

Se ele tem dificuldades para processar visualmente as palavras, terá mais facilidade em aprender com o som. Rose e eu já começamos a conversar com a Escola Primária Dalton sobre permitir que Eliot use audiolivros para o currículo da primeira série.

Eu acredito que quase todo mundo tem valor. As pessoas têm dons e atributos que me faltam, alguns que admiro. Eu respeito as pessoas da melhor maneira possível. Eliot no seu melhor pode não envolver caligrafia, da mesma forma que o meu melhor não está entre as histórias em quadrinhos ou fazendo escalada. Para Eliot encontrar o seu melhor, ele precisa das ferramentas certas para aprender.

Rose e eu lutaremos para dar a ele todas necessárias.

Começo a colocar Eliot na cama. — Todas as noites você colocará fones de ouvido e ouvirá livros sendo lidos para você. Você precisará acompanhar na página o melhor que puder. — Provavelmente daremos a ele um cartão de índice para bloquear a outra linha de palavras, se ajudar.

Ele pode nunca entender como as palavras ficam no papel da maneira que eu entendo. Da maneira que você entende. Mas isso não significa que ele não sabe ler. Isso não o torna ininteligente. Isso não significa que ele não pode amar histórias tanto, se não mais, do que todos os outros.

— Você ainda vai ler para mim? — ele pergunta.

Eu concordo com a cabeça. — Há mais uma coisa. — Sentado ao lado dele, abro o livro e viro para *O Gato Preto*. Eu encontro seus olhos travessos. — Mamãe e eu decidimos que é melhor se você ficar no jardim de infância por mais um ano. Isso lhe dará mais tempo para aprender da maneira que é melhor para você.

A boca dele cai. — Mas…?

— Você estará na mesma série que o Tom...

— Sério? — Seu rosto se ilumina. Eliot e Tom são próximos em idade quanto são em amizade.

— Somente se você concordar em usar esse tempo extra em seu benefício. Caso contrário, você irá para a primeira série.

— Eu vou usar, eu vou! Posso contar ao Tom agora? Ele sabe? — Ele quase sai da cama.

— Amanhã, você poderá contar a ele. — Eu sorrio ao ver seu próprio sorriso. Eu coloco a coberta de volta em torno do seu pequeno corpo e, em seguida, posiciono o livro nas minhas pernas dobradas, virando as páginas em sua direção.

Rose me disse anteriormente: *"Os professores irão nos odiar mais do que já odeiam"*. Eu não discordei. Eliot e Tom juntos podem ser um caos, mas ele precisa de mais tempo. É mais fácil conceder a ele mais tempo quando ele é tão jovem e quando seu aniversário é em junho.

— *O Gato Preto*, de Edgar Allan Poe — eu começo, minha voz suave e tranquila. Jane diz que eu a faço adormecer. Ela prefere que a Rose leia.

Também prefiro o tom hostil e gelado da Rose, mas talvez não invés do meu.

— "Para a narrativa muito estranha, embora familiar, que ora começo a escrever, não espero nem peço crédito." — Eu olho para Eliot enquanto leio a próxima frase de cabeça, e ele também se lembra dela, balbuciando todas as palavras — "Louco, na verdade, seria eu…"

Eu sorrio enquanto seus lábios se movem.

A memória dele corresponde à minha. E nunca esqueço nada.

Lily e Loren Hale dão as boas-vindas ao nascimento da filha deles

KINNEY HALE

03 de outubro, 2024

{ 41 }

Dezembro 2024

O Shopping

Filadélfia

LILY HALE

Pensando bem, provavelmente deveríamos ter delegado todas as compras de Natal a assistentes ou até mesmo guarda-costas. (Eles podem trabalhar por fora e fazer algumas tarefas para nós). Mas a ideia de não escolher os presentes dos meus filhos me deixou triste.

Esse também será o primeiro Natal da Kinney e o segundo aniversário do Xander. Eu não vou fazer desses dois momentos monumentais algo meia-boca.

Uma vantagem positiva das compras nesse shopping em particular: sem paparazzi. Eles estão proibidos de entrar.

Uma desvantagem: as pessoas ainda se aproximam continuamente pedindo autógrafos e selfies. Eu gosto de cumprimentar os fãs e tirar fotos. Ver a felicidade deles mesmo por causa de um simples oi faz meu coração inchar. Embora eu tenha visto dois fãs sussurrando sobre como eu os ignorei. Eu me senti mal. Não foi intencional. Estou exausta e a pressão para comprar combinada com não alienar as pessoas que nos amam - é muita coisa.

Duas horas depois da extravagância das compras, eu só comprei um presente para o Moffy. Um set de Lego do Batman que ele nos pediu no mês passado. Eu também incluí um Homem-Aranha, para Lo não sentir que estamos virando pais da DC.

— Acho que tirei mais fotos hoje do que no ano inteiro — expresso, desabando em uma cadeira de ferro ao lado da de Rose. O Roasted Beans Café tem assentos abertos e vista para o segundo andar do shopping. Pequenos vasos de plantas marcam o território do café, e Rose escolheu uma mesa no canto, com sacolas de compras empilhadas em uma das quatro cadeiras.

Cinco guarda-costas cercam Rose. Eles afastam as pessoas de sua área com olhares autoritários. A última vez que vi Poppy e Daisy elas desapareceram em uma loja de artigos esportivos para encontrar presentes para seus maridos.

Rose corta as torradas de espinafre e queijo de cabra com um garfo e faca. Como se fosse outro dia qualquer. Suponho que seja. Multidões se reúnem do outro lado dos vasos de plantas. Telefones apontam diretamente para Rose para ver sua escolha de comida e sua barriga de grávida. Hoje, ela está excepcionalmente majestosa, um colar brilhante, um vestido preto justo (Calloway Couture) e unhas azul-foscas.

Nossos guarda-costas observam as multidões, mas não bloqueiam nossa visão deles. Sempre dizemos a eles para não se preocuparem com isso. Não nos importamos com as fotos, principalmente quando são de nós *sem* nossos filhos.

— Eu disse para você ficar nesse *círculo* protetor. — Rose gesticula em volta da mesa com a faca. Se olhares gelados pudessem matar, eu estaria enterrada. — É a zona segura.

Assim que Rose termina sua declaração, duas adolescentes tentam passar pelo pódio da hostess, com os telefones na mão. Elas imploram por selfies conosco, mas Garth está dizendo *não.*

Me sinto mal, mas tenho que lembrar que passei as últimas duas horas tirando fotos. Não posso passar minha vida inteira fazendo isso.

— Rose — uma garota em idade universitária com cabelo castanho escuro chama. Ela passa por Garth e as duas adolescentes. Os outros guarda-costas a deixam passar. Ela parece sem fôlego como se tivesse corrido para o café com todas as suas forças. — Encontrei as meias de bolinhas para Jane, mas não consegui encontrar nenhum grampo de cabelo com glitter rosa.

Rose faz uma anotação em seu pequeno bloco de espiral ao lado do prato. — Eu vou fazer esses grampos então. — Ela arranca um pedaço de papel e entrega a assistente. — Aqui está mais da lista, e eu preciso que você corra para uma loja de artesanato, se o shopping não tiver uma.

Ela lê a lista rapidamente.

Rose a olha por um breve segundo. — Hope?

— Sim?

— O último item da lista é sério. Você não pode pular.

Hope examina a lista e depois relaxa. — Eu não vou. Obrigada Rose. Eu vou ter o resto em breve. — Ela se afasta.

Rose bebe sua água e corta outro pedaço de torrada.

Sim, Rose Calloway Cobalt deu suas compras para outra pessoa fazer. Para alguém que não só gosta de fazer compras, mas como também tem dificuldades em delegar, nunca pensei que veria o dia. O fato de ela estar grávida de trinta e duas semanas influenciou sua decisão. Além disso, na mente da Rose, perder uma excursão de irmãs é comparável a abandonar Daisy, Poppy e eu em uma balsa afundando.

— Qual foi o último item? — Eu pergunto.

— Para Hope fazer uma pausa e almoçar. Eu tive que lembrá-la ontem que não demitiria alguém por um simples erro. Por acaso pareço um sargento do exército? — Ela segura sua faca, seus olhos verde-amarelados cortantes e frios como o resto do seu rosto.

— Hum... — *Isso é uma pegadinha?* — Sim?

Rose revira os olhos. — Bem, eu não ajo como, mesmo que às vezes pareça. — Isso é verdade. Ela dá mais presentes para suas assistentes e guarda-costas do que eu me lembro de dar aos funcionários da Superheroes & Scones, e é uma defensora do tempo de férias para sua equipe quando eles precisam.

Só agora percebo uma tigela de chips e molho escondido atrás de uma sacola de brinquedos. Coloco a sacola em outra cadeira e mergulho uma batata frita no molho de queijo azul. — O círculo de proteção tem chips. Eu gosto disso. — Eu mastigo.

Rose estica o pescoço e foca na minha *única* sacola de compras. — Faça uma lista. Podemos enviar alguém para fazer compras para você.

— Não. — Balanço a cabeça. — Vou dar mais uma volta. Talvez eu leve mais dois guarda-costas comigo para manter os fãs entretidos com outras coisas. — Esse plano realmente parece decente. Eu mergulho dois chips ao mesmo tempo.

Sinto falta do Lo.

Ele apreciaria os chips comigo, mas definitivamente não o molho de queijo azul.

E ele pediria tacos. Lembro que ele está com Connor, Ryke, Willow, Garrison e todas as crianças. Eles planejavam brincar na neve e depois assistir filmes de Natal na propriedade Cobalt.

A faca da Rose bate contra o prato como se ela tivesse deixado cair o utensílio. Observo as mãos dela repousarem sobre o abdômen. Ela solta um longo suspiro.

Meus olhos se arregalam. — Você está bem?

— Esse monstrinho não para de se mexer. — Ela engole em seco, com o pescoço rígido. Então seu olhar me incendeia. — *Para de* me olhar assim.

— De olhar como? — Molho de queijo azul escorre pelo meu queixo e cai no meu suéter folgado. *Merda*. Eu limpo com um guardanapo.

— Estou bem. — Ela acena como se estivesse afastando toda a preocupação na atmosfera. — O destino pode querer esse bebê um pouco mais cedo, e eu posso lidar com o que aparecer no meio do meu caminho.

Engasgo com um chip e dou um tapinha no peito. — Cedo tipo *agora*?

— Não, agora não. Estou *bem*.

Só acredito em Rose porque a vi lutar contra contrações antes. Ela estaria mais rígida do que está agora, e sua clavícula se projetaria. — Você está nervosa que esse seja outro menino?

Essa é a sétima gravidez da Rose e seu sétimo filho, embora ela tecnicamente tenha dado a luz a oito crianças. Só que uma delas pertence a Ryke e Daisy. Eu acho que mentalmente ela pode estar satisfeita depois desse bebê, menino ou menina. Ela tem trinta e cinco anos e nos disse que não quer passar o resto dos seus trinta anos dando à luz a bebês. Lo disse que Connor se preocupa com a tensão nas costas de Rose, então ele está pronto para que esse seja o último também.

Mas se ela tiver um filho, eu me pergunto se ela sentirá que o destino está dizendo a ela para ter um oitavo bebê.

— Não, eu não estou *nervosa* — Rose retruca como se eu não devesse aplicar essa palavra a ela. — Se for um menino, Connor e eu concordamos em fazer uma lista de prós e contras e depois partir daí.

Aposto que o *destino* pesaria muito no lado da Rose, mas a *saúde* da Rose para Connor pode ser o trunfo final na determinação do que acontece.

Se eles tiverem uma menina, tudo isso se torna irrelevante de qualquer maneira.

Mergulho meu guardanapo no meu copo de água. Rose me dá uma olhada. Tanto faz. Esfrego a mancha no meu suéter preto. Acho que deixei a mancha branca mais perceptível. Parece gozo?

Minhas bochechas ficam vermelhas. *Ninguém vai pensar que o gozo de Loren Hale está no seu suéter.*

Eu penso.

Estou pensando nisso agora.

Aponto para o local e pergunto a Rose: — O que você acha? — *Gozo ou não é gozo?*

— Eu acho que você deveria fazer uma lista — Rose responde com um sorriso gelado e de vilã. Então ela procura em sua bolsa Chanel e me joga uma caneta para remover manchas. Muito nada-a-ver-com-uma-vilã. *Eu te amo, Rose.* — E você pode me fazer companhia.

É tentador. — Você poderia ter me subornado com a caneta para remover manchas.

— Prefiro que você fique comigo porque quer estar *comigo* e não por causa dos meus produtos de limpeza.

Ah. — Eu amo vocês dois.

Ela quase sorri e depois revira os olhos quando eu passo a caneta de remover manchas no meu suéter. — Você está fazendo isso errado. Vem aqui.

Me levanto e vou para o lado da Rose. Ela se levanta comigo e esfrega eficientemente a mancha, capaz de derrotá-la em alguns segundos.

Tenho uma visão melhor do segundo andar do shopping e noto uma placa ao lado de uma loja de animais. *Adote hoje! Abrigo de última chamada! Cães & gatos à procura de casas amorosas!* Os gatinhos estão na frente da janela, enquanto os cães ficam confinados em uma pequena área fechada do lado de fora da loja, duas funcionárias com as camisas da Pet Paradise.

Rose já enfiou a caneta para remover manchas na bolsa e agora está sorrindo para o celular.

Connor mandou uma mensagem para ela, deduzo, e então um filhotinho de cachorro rouba toda a minha atenção. Ele – acho que ele é um *ele* – caminha-pula em círculos dentro da grade, suas grandes orelhas batendo com seus passos bobos. Então ele literalmente cai de cara no chão duro.

Eu estremeço, mas o filhotinho se levanta, balança a cabeça e continua seu feliz passeio em volta de todos os outros cães. Sem uma preocupação no mundo.

O filhote puxa todas as cordas conectadas ao meu coração. Os fãs de repente começam a suspirar, seus celulares girando para a direita. É quando Daisy aparece do outro lado das plantas. Ela joga as sacolas na pilha e passa por cima das plantas para o nosso lado.

— Ei, maninha — ela me diz, já que Rose está absorvida em seu celular.

— O que *última chamada* significa? — eu pergunto a Daisy.

Ela segue meu olhar para Pet Paradise. — Ahh — ela diz tristemente. — Quem não for adotado poderá ser sacrificado essa semana ou até mesmo amanhã.

— O que? — Meu rosto cai. Eu não sou uma pessoa de animais de estimação, o que sei não ser uma desculpa, mas não sabia que isso realmente acontecia.

Eu nunca quis tanto um animal quanto esse filhote.

— O que você está olhando…? — Rose para de falar e, em seguida, conecta todos os pontos rapidamente. Ela deve detectar desejo brilhando nos meus olhos. Ela tem seis filhos, então tenho certeza que ela vê esse olhar com frequência. — Lily...

— Eu já volto. — Saio correndo do café, Garth logo atrás de mim. Só quando chego à cerca é que percebo que Rose e Daisy também deixaram o Roasted Beans e se juntaram a mim.

As duas funcionárias da Pet Paradise se animam com a nossa chegada. A menina mais nova parece que pode muito bem desmaiar. Ela coloca as mãos na boca e congela no lugar.

A menina mais velha nos cumprimenta: — Vocês querem segurar um filhote?

Daisy ofega com um grande sorriso. — Você leu minha mente.

A funcionária congelada acorda com o comportamento brilhante de Daisy, suas mãos caem para o lado para revelar um sorriso vertiginoso. — Oi. — Ela acena para Daisy.

— Olá. — Daisy pergunta: — Qual deles precisa de abraços?

Com o celular no ouvido, Rose para na frente da janela de gatinhos. Felinos se enrolam em pequenos cubículos de vidro, alguns acabando de acordar.

Enquanto a funcionária mais nova deixa Daisy entrar na parte dos golden retrievers, pergunto a funcionária mais velha sobre o filhote de cachorro de orelhas caídas. — Posso ver esse?

Multidões congestionaram toda a área da Pet Paradise, e alguns fãs até perguntam: — Você está procurando um animal de estimação?

Sim. Sim, eu estou.

A funcionária deixa o cachorro de orelhas caídas passar pela grade, colocando uma coleira larga no seu pescoço. — Esse carinha é um basset hound de dez meses. — Ela dá um tapinha na barriga dele.

Me inclino e o cachorrinho imediatamente lambe meu cotovelo e bochecha.

Eu desmorono com amor.

— Ele só tem até hoje para ser adotado. O abrigo está superlotado esse ano, então todos esses animais precisam de bons lares.

Poppy desliza pela multidão, uma sacola de compras pendurada no braço. — O que está acontecendo?

— Lily quer um cachorro, e eu estou dando abraços grátis. — Daisy sorri, acariciando todos os golden retrievers enquanto pulam no colo dela.

O lado materno da Poppy me atinge como uma nuvem de chuva. — Lily, você não pode pegar um cachorro. Você tem um bebê de dois meses em casa.

— E? — Daisy e eu dizemos em uníssono. Ela assente para mim como se fizéssemos parte do mesmo clube. Talvez o clube “amantes de cães unidos”. Eu nunca fiz parte desse clube antes, mas, de repente, parece o certo para ingressar.

— Encontrei a feroz — diz Rose em seu celular. Em um cubículo de vidro, uma gatinha preta com grandes olhos amarelos olha fixamente para Rose. Então ela se aproxima mais e passa a pata no vidro bem na frente do rosto da Rose. Ela bufa para a gata e depois fala para o celular. — Se fizermos isso, você deve lembrá-la para não levar animais de rua para casa.

Jane.

Ela tenta encurralar gatinhos perdidos na rua e atraí-los para sua casa. Connor chama isso de inventivo, mas no geral, Rose e Connor sempre dizem a ela para *não* deixá-los entrar. A maioria dos gatos fogem e são extremamente selvagem.

Pense na Sadie multiplicada por mil.

Connor deve dizer outra coisa, e Rose concorda em francês e depois desliga o celular. Ela diz a gatinha: — Você pode comer um milhão de pássaros, mas não *o* pássaro. Se você tiver alguma divergência, me diga agora.

A gatinha mia e esfrega a bochecha contra o vidro como se dissesse *faça carinho em mim*. Por um momento, penso: *Rose Calloway Cobalt pode se comunicar com felinos.*

Prova! *Prova!*

Rose é a Mulher-Gato do Batman do Connor.

Esse é um momento histórico. Me deixe digerir.

— O que você quer dizer com pássaro? — Poppy pergunta, a mais velha de todas nós. Ela também não tem animais de estimação, mas acho que ela se preocupa principalmente com a confusão atrás de nós e com toda a loucura que deixamos entrar em nossas vidas.

— Ben queria um pássaro. — Rose segura a maçaneta da porta do Pet Paradise, mas faz uma pausa com a confusão da Poppy. — O que?

— Você está prestes a comprar um pássaro e um gato agora?

É uma compra impulsiva para Rose, mas ela fez coisas muito mais impulsivas em nossas vidas. — Liguei para o Connor, concordamos com a compra. Prefiro ter um fodido *pássaro* do que uma cobra.

— Quem pediu uma cobra? — Daisy pergunta.

— Quem você acha?

— Eliot — todas dizemos.

— E ele não vai ganhar uma. — Rose abre a porta. — Encontro vocês aqui em um segundo.

— Espera — eu grito antes que ela desapareça dentro da loja. — Conselho de irmã?

Essas palavras mágicas erguem seus lábios. Ela me vê acariciando o basset hound. Eu sei que meus quatro filhos o amarão tanto quanto eu estou amando.

— Você consegue lidar com um cachorro — Rose me diz com tanta força. — A melhor pergunta é se o seu marido irritante consegue.

— Ooooh! — as multidões gritam com o insulto da Rose.

Rose só mostra sua satisfação quando entra na loja.

Minhas sobrancelhas enrugam. *Lo*. Definitivamente, tenho que perguntar a ele antes de tomar essa decisão. Pego meu celular às pressas, tiro uma foto do basset hound e mando uma mensagem para o Lo.

Cachorro????????

Daisy se afasta da grade e diz para mim e para Poppy: — Acho que vou ficar por aqui e garantir que todos esses cães sejam adotados hoje. Talvez eu consiga atrair mais pessoas para cá. — *Talvez* é um eufemismo.

Há *toneladas* de pessoas ao redor da Pet Paradise porque estamos aqui. Minha irmãzinha tem um grande coração que pode não ser percebido por todos, mas sinto a bondade da Daisy toda vez que estamos juntas.

Meu celular vibra.

:) – Lo

Um sorriso! Eu vou levar.

* * *

— Que porra é essa, Lil? — Lo sussurra calorosamente, nossos corpos parcialmente virados para longe de Luna, Moffy e Xander do outro lado da sala. Eles brincam com o basset hound no sofá, o cachorro lambendo seus rostos enquanto o abraçam.

Os níveis de fofura na casa Hale estão elevadíssimos.

É por isso que é tão difícil se render à raiva do Lo. — Você me enviou uma carinha sorrindo. Eu pensei que era um sim!

Moffy olha na nossa direção e nós dois rapidamente nos inclinamos mais para a porta da cozinha. Lo sussurra de volta: — Como eu deveria saber que você estava pedindo um maldito cachorro? Nós — ele gesticula do seu peito para o meu — não temos *animais*. Isso não é uma coisa de Lo e Lily.

— Coisa de *Lily e Lo* — eu corrijo em voz baixa.

Ele inclina a cabeça e depois coloca as mãos nas minhas bochechas. — Lily Hale, não temos ideia *alguma* de como cuidar de um cachorro.

— Não sabíamos como cuidar de um bebê e agora temos *quatro* — digo com orgulho. — Ontem mesmo, você não falou "você e eu" — gesticulo do peito dele para o meu. — "podemos fazer qualquer coisa." Hein, *hein*? — Eu cutuco seu abdômen.

Ele aperta minha bochecha.

Eu estreito os olhos.

Ele quase dá um sorriso, mas seu olhar penetrante sombreia o começo de um. — Você percebeu que eu disse *que podemos fazer qualquer* coisa em relação à arrumar a torradeira.

— E esse foi um momento de grande orgulho. Não precisamos comprar uma nova e fomos capazes de nos salvar dos pop-tarts frios.

— Foi um momento muito bom — Lo diz de uma maneira que prendo a respiração pelo golpe final. — Foi tão bom que eu percebi que devemos quebrar a torradeira todos os dias para consertá-la. — Ele abre a porta da cozinha para mim, zombando. — Você quer começar, amor?

Percebo que deveria ter dito a ele mais claramente. — Eu sinto muito. — A culpa dá um nó no meu estômago. — Sinto muito, Lo. Eu deveria ter te ligado igual a Rose ligou para o Connor. Eu fodi tudo.

— Não — ele diz imediatamente. — Está tudo bem. — A culpa no meu rosto reflete no dele, e ele passa os braços em volta dos meus ombros e me puxa para seu peito.

Eu seguro sua cintura. — Eu sei que um cachorro é uma tarefa cotidiana, mas não é sem sentimentos. Ele dá tanto amor quanto

recebe. — Seus olhos se abaixam, então acrescento algo mais a verdade: — Vou encontrar um novo dono para o cachorro hoje. Rose vai ajudar. — Ela sempre ajuda. — Vai ser como se ele nunca tivesse passado por aqui.

Lo descansa o queixo na minha cabeça e observa nossos filhos perseguindo o basset hound ao redor do sofá. Ele cai de cara nas tábuas do piso, e todos os ajudam a se levantar, e então ele pula-corre atrás deles. Quando ele se aproxima do balanço da Kinney, ela grita de alegria.

Eu olho para Lo.

Ele está sorrindo.

Não a sombra de um sorriso. Não um sorriso parcial. Um sorriso claro e inteiro.

Seus olhos caem para os meus, e sua aceitação me lava com luz. — Não sabemos nada sobre cães — ele me lembra.

— Daisy já me deu algumas dicas, e ela está trazendo comida de cachorro e algumas das coisas antigas da Coconut hoje à noite.

Lo sorri novamente quando o basset hound cai no tapete, ofegando com a língua para fora da boca. Luna esfrega a barriga dele, com lágrimas nos olhos de felicidade. Agradar crianças é realmente fácil. Dei um picolé de limão para o Xander ontem, e ele agiu como se eu tivesse conjurado um arco-íris no céu, só para ele.

— Que bobão — Lo diz sobre o cachorro. — Parece que ele vai se encaixar perfeitamente com todos nós.

Eu sorrio. — Você tem certeza?

Ele beija minha bochecha, seus braços ainda ao meu redor, os meus ainda ao redor dele. — Eu tenho certeza, Lily.

Moffy se levanta do chão, sem fôlego de tanto rir, mas ele se aproxima de nós. — Nós escolhemos o nome dele!

Nós viramos para o nosso filho de nove anos. — Vamos ouvir — diz Lo.

Moffy sorri. — Gotham.

Você deveria ver o rosto do Lo. Ele parece consternado e perturbado. Às vezes acho que o Moffy se interessa pelos quadrinhos da DC apenas para ver a expressão do Lo de *o-que-está-acontecendo-com-o-mundo*, que aparece apenas em momentos como esse.

Moffy já está rindo novamente.

— É melhor que essa seja sua maior piada do ano — diz Lo.

— Não, sério, esse é o nome dele. — Ele grita por cima do ombro — Não é, Luna?

Luna assente rapidamente. — Gotham! — Ela ri quando ele lambe sua bochecha.

— Jesus Cristo — Lo diz baixinho.

— É um ótimo nome, Moffy — digo a ele.

— Não, não é — Lo diz seriamente.

— Lo — eu sussurro.

Lo se vira para mim. — Eu não estou chamando nosso cachorro de Gotham. — Ele parece pessoalmente ofendido por isso, e assim que Moffy consegue ver, seu sorriso começa a desaparecer.

Nosso filho começa a falar: — Podemos mudar ele...

— Não! — Eu grito. — Você escolheu. Certo Lo? — Abaixo minha voz para que apenas ele possa ouvir. — Isso não significa nada. Moffy adora o Batman.

Lo tenta aceitar isso. Então ele diz ao Moffy: — Se você quer chamá-lo de Gotham, pode chamá-lo de Gotham.

— Você tem certeza?

— Sim, mas não espere que eu o chame assim.

Moffy começa a sorrir novamente. — Como você vai chamá-lo, então?

— Ham — Lo diz com toda a seriedade.

Moffy começa a rir e continua balançando a cabeça como se dissesse *é perfeito*.

— Ham? — Minhas sobrancelhas se franzem para Lo. — Eu não acho que isso seja uma melhora.

Lo me abraça mais perto de seu peito. — Ah, é uma melhora fodida.

Em sua mente amante da Marvel, tenho certeza que é.

2025

“Eu dedico meu tempo às pessoas que são mais importantes para mim. É provável que você não seja uma dessas pessoas.”

- Connor Cobalt, *Nós Somos Calloway (Temporada 7 Episódio 10 - Hamlet & Hogwarts)*

[42]

Janeiro de 2025
Hospital Médico de Manhattan
Cidade de Nova York

ROSE COBALT

Eu passo por memórias e paro em um dia.

Há treze anos atrás, eu corria pelo campus de Princeton, meu guarda-chuva pegando a chuva da tarde. Todas as datas de entregas dos meus trabalhos e provas se repetiam na minha cabeça, e eu andei mais rápido. Saltos contra piso molhado. A biblioteca de Princeton em vista.

Subindo as escadas, atravessei a porta, sacudi meu guarda-chuva preto e chequei rigidamente meu celular, esperando uma resposta. *Connor Cobalt* era o principal contato em minhas mensagens, mas ele não respondeu as que eu enviei anteriormente.

Inalei uma respiração tensa. Eu *odiava* ter enviado cinco mensagens para ele. *Cinco*. Tudo em rápida sucessão. Teria sido melhor se ele tivesse respondido, mas haviam se passado duas horas, e ele ficou em completo silêncio.

Nós começamos a namorar há pouco tempo, e não poderia ter sido pior.

Lily tinha acabado de me dizer que ela era viciada em sexo. O Dia de Ação de Graças estava se aproximando, por isso todas as datas de entregas da faculdade levantando suas espadas na minha armadura. A última coisa que eu queria era ser consumida por Connor Cobalt e *namoro*. Era uma traição à minha irmã e aos meus estudos.

Esse era o meu último ano. *Não perca o foco agora, Rose.*

Apenas para garantir que eu não tinha enviado nada humilhante, olhei minhas mensagens enquanto andava na biblioteca.

A última que ele enviou: *deixe-me levá-la para almoçar* - Connor

Eu respondi com cinco mensagens frenéticas.

Mensagem nº1: *Você pode comer sozinho. Não tenho tempo para comer, beber e namorar. Minha irmã é minha prioridade número um, e ela precisa de mim. Você sabe o que eu fiz ontem à noite? Passei cinco horas pesquisando sobre vicio em sexo e entrando em contato com profissionais da área. E não estou mais perto de ajudá-la do que estava no dia anterior.*

Mensagem nº2: *Não vou almoçar com você.*

Mensagem nº3: *Tenho um artigo em francês que vale quinze por cento da minha nota, para entregar amanhã. Ainda nem li "Les damnés de la terre" de Franz Fanon, e agora vou ter que ler o livro rapidamente. (Eu nunca leio rapidamente.)*

Mensagem nº 4: *Eu ainda não tenho materiais de estudo para minha prova final de Estratégias e Informações amanhã. Meu professor de economia decidiu "adiar a prova final para Novembro" para aliviar o estresse da primeira semana de Dezembro. Eu odeio ele. Eu não estou aliviada. Vale 50% da minha nota e agora tenho menos tempo para estudar. A lógica dele é ridícula. Ele também adicionou suplementos extras de leitura e nos avisou sobre perguntas específicas desses livros. O que significa que tenho que reservar um tempo e ir à biblioteca. Eu desistiria, mas desistir admite derrota. Não serei derrotada por um professor.*

Mensagem nº5: *desconsidere todas as mensagens anteriores, exceto a segunda.*

Eu ainda não conseguia acreditar que havia dito a ele que realmente considerava me retirar de um curso econômico de nível superior. Ele nunca admitiria isso para mim.

Você nunca deveria ter começado a namorar com ele, fiquei pensando.

Reler as mensagens só me fez ficar mais tensa, meu pescoço rígido e os ombros retos. Guardei meu celular na minha bolsa Chanel e passei pelo balcão de pagamentos e devoluções. A biblioteca cheirava a velhas encadernações de capa dura e páginas gastas. Entrei na área comum do primeiro andar, com tetos abobadados, estantes de livros alinhando algumas paredes. Mesas e cadeiras de madeira estavam espalhadas no meio.

Eu precisava entrar no banco de dados da biblioteca e descobrir onde meus livros estavam guardados. Provavelmente não estavam

no primeiro andar. Parei ao lado de uma estante baixa e procurei um computador livre na biblioteca, pessoas estudando em silêncio.

Meus estreitos olhos verde-amarelados passaram para um lado e para o outro. E então eles congelaram. Bem em olhos azuis profundos e serenos, um metro e noventa e três de arrogância e intelecto, e um sorriso perpetuamente confiante.

Connor Cobalt estava encostado em uma mesa de madeira, estantes de livros enormes como segundo plano para a sua estrutura estóica. Nunca esquecerei como ele se destacou entre uma biblioteca antiga e grandiosa. Jamais esquecerei como ele parecia mais alto e onipotente do que a pilha enorme de livros capa dura atrás dele.

Respirei fundo e caminhei em direção ao Connor. Quando as provas e os trabalhos da faculdade me deixavam esgotada, meu guarda-roupas me inundava de confiança. Saia preta, meia-calças transparentes, botas com saltos de dez centímetros, um blazer por cima de uma blusa branca folgada, um rabo de cavalo elegante e uma bolsa Chanel - eu estava pronta para a batalha.

Enquanto eu me aproximava, Connor se afastou da mesa, seu guarda-roupa igualmente arrumado: calça social azul marinho, cinto de couro, sapatos caros, uma camisa Oxford com botões e gravata sob um suéter cinza. Ele sempre se vestiu melhor do que a maioria dos homens, mas eu não ousaria elogiá-lo.

Eu falei apressadamente e baixinho. — Você escorregou, caiu, bateu a cabeça e esqueceu que sua lealdade é com a Penn, não com Princeton?

Ele quase riu como se eu não pudesse ver o que estava bem na minha frente.

— Richard...

— Minha lealdade é com você, Rose.

Meu coração pulou uma batida, atordoado demais para se mover. Ele calmamente pegou meu guarda-chuva molhado e o colocou em uma cadeira. Foi quando notei os livros do outro lado da mesa. Passei por ele e peguei alguns, meus olhos se arregalando quando percebi.

Esses eram os quatro livros que eu precisava. — Como…?

Connor apoiou a bunda na mesa novamente, principalmente - eu percebi - para estar na mesma altura que eu. Eu estava inclinada em sua direção, um livro preto na minha mão chamado *Jogo de Estratégia*. Seus dedos roçaram meu pulso, minha pele pegando fogo como nunca antes.

Então ele abriu o livro, deixando-me segurá-lo. Destaques, anotações rabiscadas cuidadosamente nas margens, ele virou a primeira página com um nome no canto superior.

Connor Cobalt.

Essa era a cópia dele.

— O curso não é chamado de Estratégias e Informações na Penn, mas eu percebi que era apenas a Teoria dos Jogos avançada. Já fiz esse curso e presumi que o material de leitura seria idêntico.

Ele estava certo.

E ele me salvou pelo menos quarenta e cinco minutos de caça pela biblioteca. — Obrigada — eu disse baixinho, ainda completamente atordoada. Ele era meu rival desde que eu era adolescente, e eu ainda precisava entender completamente o que significava tê-lo como companheiro de equipe.

Tínhamos estado em um punhado de encontros antes disso, principalmente alimentados por trocas de farpas rápidas e meus olhares mortais. Ele sempre tinha me apoiado extremamente com o meu desfile da Calloway Couture, mas hoje era diferente. Não pedi ao Connor para pegar esses livros. Não pedi para ele me encontrar na biblioteca.

Eu pisquei para sair do meu estupor, incapaz de olhá-lo diretamente. Eu coloquei o livro na mesa. — Você não tem outro lugar para estar? — Pareceu mais hostil do que eu realmente queria que fosse.

— Sim — ele disse — e eu já estou aqui.

Engoli em seco enquanto minhas paredes de ferro baixaram para ele. Elas nunca haviam abaixado para ninguém antes. — Tenho um trabalho em francês para entregar primeiro e preciso esperar que um computador seja liberado.

Ele ficou mais reto. — Você pode usar o meu laptop. Vou comprar um café para você e, quando você terminar seu trabalho, podemos ler os livros de teoria dos jogos.

Antes de ele se mover, eu disse: — Não preciso de Connor Cobalt, o Tutor. Sou perfeitamente capaz de estudar por conta própria. — Meus pulmões ardiam. Eu mal conseguia respirar. Eu mal conseguia encontrar os olhos dele sem ser dominada por sentimentos que eu nunca experienciei na minha vida.

Muito profundamente, ele respondeu: — Eu não sou Connor Cobalt, o Tutor, no momento.

Hesitei em perguntar. *Rose Calloway não se acovarda.* Eu levantei meu queixo, olhei nos olhos dele e questionei: — Então, quem você está me dando? — Ele mudava para as pessoas. Foi um fato que ambos reconhecemos e entendemos.

Connor esperou para responder, a tensão saindo da minha clavícula. Tensão contraindo os músculos de seus braços. — Você tem Connor Cobalt, o namorado.

Namorado.

Em uma voz baixa, perguntei: — E quanto dele é real? — Quão falso ele estava sendo comigo?

Connor começou a sorrir. — Terrivelmente real, querida.

Querida.

Foi a primeira vez que ele me chamou de *querida.*

Com isso, ele se afastou e apenas olhou por cima do ombro para me lembrar: — Estou comprando café para você. Eu já volto.

Lenta e incrivelmente atordoada, afundei na minha cadeira e tirei meu blazer. Encontrei o laptop dele e apenas cliquei direto em um documento em branco. Eu não bisbilhotaria. Eu valorizava minha privacidade demais para ser hipócrita e invadir a dele.

Eu tentei me concentrar nas minhas anotações. *FRE 371: Literaturas Mundiais em francês.* Eu tinha páginas e páginas, e comecei a ler o texto de Frantz Fanon. Quando Connor voltou com dois copos fumegantes de café, eu tinha escrito mil palavras.

Eu disse a ele que estava no meio do caminho e ele passou esse tempo lendo minhas anotações de *ECO 418: Estratégias e Informações*. Ele só me distraiu uma vez. Quando ele se inclinou para frente em sua cadeira e colocou um lápis atrás da sua orelha.

Olhei para ele e observei seus olhos calculados passando pela minha letra. Eu mal podia admitir na época, mas agora posso: isso

me excitou. Até seus dedos deslizando levemente sobre minhas anotações *me excitaram.*

Depois de um minuto inteiro, ele me pegou olhando. Em francês, ele perguntou: — Fini? — *Acabou?*

— Presque. — *Quase*.

Digitei a última frase, enviei o trabalho para mim mesma por e-mail e empurrei o laptop para o lado. Ele deslizou sua cadeira para perto da minha, nossos braços roçando. Connor puxou todo o material de leitura em nossa direção e começamos a conversar sobre negociação sequencial sob informações assimétricas e pedidos de equilíbrio bayesiano perfeito.

Duas horas passaram voando. Meu lápis quebrou enquanto escrevia uma fórmula complicada para uma equação. Ele tirou o lápis da orelha e o segurou para mim.

Eu perdi toda minha linha de raciocínio. Meu coração acelerou rapidamente e meu peito desabou em uma respiração superficial. Empurrei meu caderno para ele antes que ele notasse. — Você pode terminar isso? Vou encontrar uma caneta.

Ele ficou parado por um segundo e depois aceitou meu pedido. Connor terminou a fórmula e eu procurei por uma caneta na minha bolsa.

O que diabos está acontecendo? minhas paredes de ferro pareciam ter encolhido. Isso era diferente de mim. Deixar ele entrar. Deixar ele ajudar. Deixar ele se aproximar.

Eu não queria afastá-lo. Eu queria Connor bem aqui perto de mim.

Eu encontrei minha caneta. A coloquei em cima da mesa e ele estendeu um braço sobre as costas da minha cadeira. Ele começou a falar sobre a equação, mas eu não conseguia pensar direito.

— Rose?

Eu olhei para ele, apenas um pouco.

Ele me estudou com afeto notável por trás de seus olhos azuis.

— Continue — eu disse a ele, minha voz tensa.

— Não.

Meus olhos queimaram. — Não?

Sua mão envolveu minha bochecha e mandíbula, grande e segura. Meu pulso bateu forte nas minhas veias. Sua outra mão

descansou na parte externa da minha coxa, subindo em direção à minha bunda.

Eu segurei seu ombro. Nossas vidas de combate um com o outro pareciam virar como uma moeda giratória que caiu para um lado.

Seus lábios a um centímetro dos meus, ele sussurrou algo, não uma citação. Não em francês. Connor Cobalt murmurou: — O que há dentro desse sentimento que grita comigo? — Seus olhos falavam de batalhas, vitórias e anos posicionados bem à minha frente. — Devoção. — Ele se aproximou. — *Lealdade*

Seus lábios tocaram os meus. *Nosso primeiro beijo.* Meu corpo rígido permaneceu ereto, mas eu esquentei como mil estrelas em chamas. Ele aprofundou o beijo, no controle, para que eu não tivesse que pensar.

Eu estava pensando.

Pensei em como minha mente faiscou e se empolgou. Pensei em como suas mãos comandavam o momento tanto quanto seus lábios. Pensei em como ele me segurava como se eu sempre estivesse em sua posse, como se ele sempre estivesse na minha.

O que há dentro desse sentimento que grita comigo?

Devoção.

Lealdade.

É o que eu lembro enquanto grito em um hospital. Enquanto aperto a mão do meu marido. Ele se eleva ao meu lado - tão invencível quanto o dia em que se encostou na mesa da biblioteca.

— Empurre, só mais uma vez — a médica encoraja.

Eu empurro com tudo dentro da minha alma. Eu grito tão horrivelmente, minha garganta ardendo e crua. Então eu ouço o choro estridente cortando o ar. *Aquele choro.* Ele me alivia como morfina, e caio contra a cama do hospital. Connor seca minha testa com uma toalha e nós dois assistimos as enfermeiras limparem nosso bebê, a médica garante uma boa saúde.

Então a enfermeira coloca o recém-nascido no meu peito. Não ouço as próximas palavras da enfermeira. Lágrimas se acumulam e queimam meus olhos. Sete filhos e esse me afeta da mesma forma que o primeiro.

— Rose, querida. — Connor levanta meu queixo, e eu encontro seus azuis cheios de lágrimas, seu sorriso terrivelmente lindo. — É

uma menina.

— O que? — *Uma menina.*

Não ouvi a enfermeira. Não lembrei de olhar.

Connor beija minha testa e então ele beija a dela e sussurra francês suave. Uma lágrima rara desliza por sua bochecha.

Quando ele olha para mim, digo baixinho: — Que sentimento é esse que grita dentro de mim?

Seus olhos vidrados carregam seu próprio sorriso extraordinário. Brilhando como diamantes lapidados. — *Amor* — ele me diz com tanta certeza.

Sua única lágrima seca mais rápido que a cachoeira que meus dutos deixam passar. Connor limpa debaixo dos meus olhos com o polegar e assistimos nossa filha arrulhar pacificamente.

Eu acaricio seu braço pequeno e macio.

Anos.

Eu queria outra menina por *anos*. Havia até a possibilidade de não tentarmos novamente depois do sétimo filho, mas a tivemos.

Eu sorrio. — O destino foi gentil conosco depois de tudo.

— Cromossomos — diz Connor. — Ciência. Não o destino, querida.

Atiro um olhar mortal em sua direção, minha energia subindo um pouco, mesmo após um trabalho de parto intenso. Esfrego meus olhos mais uma vez e foco nos cabelos finos da nossa recém-nascida.

— Ela tem cabelo ruivo? — Ninguém do meu lado da família tem cabelos ruivos, mas a mãe do Connor tinha. — Eu pensei que sua mãe tinha pintado o cabelo.

— Ela pintou de ruivo escuro. Naturalmente, seu tom era mais alaranjado.

Meus lábios se levantam um pouco para a nossa bebê. Sinto seu coração bater contra meu peito, sua boquinha abrindo em uma respiração. — Audrey — digo o nome que escolhi há anos. Em homenagem a Audrey Hepburn.

Lágrimas caem novamente.

Eu estou um tsunami hoje. Mais água que raiva.

Connor puxa sua cadeira para perto e se senta ao meu lado. — Audrey Virginia Cobalt. — Em homenagem a Virginia Woolf.

Eu limpo mais lágrimas com as pontas dos dedos. — Ugh. Audrey, sinto muito, pequena gremlin. — Eu limpo meu nariz com um lenço de papel que Connor me entrega. — Essa *não* é uma boa representação minha.

— Pelo contrário. — Connor captura meu olhar; sua emoção desenfreada poderia alimentar o mundo. — Essa é uma boa representação de nós dois.

Vulneráveis e apaixonados.

Tão apaixonados.

Ele entrelaça sua mão na minha. Vejo Richard Connor Cobalt em quase todos os aspectos da minha vida e, quando seus lábios se levantam com satisfação arrogante, sei que os melhores pedaços de nós sempre permaneceram os mesmos.

— Mamãe!

A porta se abre e um menino de dois anos entusiasmado entra pulando, Jane segura os ombros dele, puxando-o para as pernas dela.

— Fique bem quietinho, Pippy — Jane sussurra para ele, o apelido de uma brincadeira com seu nome do meio *Pirrip*.

Ben fica parado e atento enquanto o resto dos nossos filhos entram no quarto do hospital. Os gêmeos de sete anos: Charlie e Beckett. Eliot de cinco anos. Tom de quatro anos.

Audrey no meu peito.

Sete filhos.

Sete gremlins saudáveis e lindos.

Lily fica parada na porta já que ela trouxe todos eles para o hospital. Lágrimas nublam seus olhos, um sorriso iluminando seu rosto redondo. Ela pega meu olhar e sussurra *te vejo mais tarde*. Ela me dá um tempo sozinha com minha família, e eu aceno em resposta, o movimento tenso.

Eu gostaria que todas as minhas irmãs estivessem aqui, emocionalmente, mas ela fecha a porta de um sentimento apenas para dar espaço a mais mil.

— Se aproximem — digo aos nossos filhos.

Connor se levanta e gesticula para todos eles irem até o lado dele. Eles se reúnem na frente de suas pernas, ao lado da cama de hospital. Sento um pouco mais reta e olho para cada um deles

enquanto digo seus nomes: — Jane, Charlie, Beckett, Eliot, Tom e Ben.

Eles irradiam, e o quarto está repleto de energia e vivacidade.

— Gostaríamos que vocês todos conhecessem sua nova irmã. Audrey Virginia Cobalt. — Eu estou com o bebê nos meus braços para mostrá-los.

As mãos de Jane voam para a boca, lágrimas se acumulando. — Uma irmã?

Ao longo dos anos, ela me viu com suas tias, o apoio e o amor que compartilhamos umas pelas outras. Ao longo dos anos, ela esperou, como nós, para ver se teríamos uma menina.

— Sim, uma irmã.

Jane chora em um sorriso.

Connor vê nossa filha e tem que virar a cabeça, inclinando o corpo mais para mim. Para longe dos nossos filhos. A pura emoção em seu rosto - eu nunca esquecerei isso também.

Enquanto as crianças falam baixinho com Audrey, digo a Connor: — Nós conseguimos.

— Conseguimos fazer tudo isso — ele esclarece.

Esse cômodo.

Esse amor.

Nosso futuro.

Nossa dinastia.

Sua mão acaricia minha bochecha. Me seguro a essa mão, e seus dedos se entrelaçam nos meus.

Connor e Rose Cobalt dão as boas-vindas ao nascimento da filha deles

AUDREY VIRGINIA COBALT

27 de janeiro, 2025

< 43 >

27 de janeiro, 2025
Clube Aquático de Philly
Filadélfia

DAISY MEADOWS

Em uma piscina coberta, os pais torcem pelos nadadores de 9 anos ou mais em uma competição. Lily e eu estamos espremidas entre nossos maridos nas arquibancadas lotadas, todos nós tentando ignorar o ataque de gritos, mas ei, pelo menos eles não estão direcionados a *nós*.

— Vamos lá, Sydney!

— Vai, Michelle!

— Você consegue, Jenn!

Moffy e Sulli não estão nessa prova de costas feminina de 100 metros. Por um lado, Sulli tem apenas sete anos e faz parte da categoria sub 8, que disputará em dez minutos. Moffy irá disputar primeiro, já que ele já tem nove anos.

Lily morde as unhas. — AimeuDeus, eu estou vendo o Moffy. Ele parece nervoso, Lo?

Enquanto levanto o pescoço para ver, Moffy fica totalmente tranquilo perto da parede de azulejos azuis. Com a touca de natação, pronto para ir, ele apenas ajusta um pouco os óculos.

Lo finge medo e aperta o ombro da Lily. — Cristo, acho que ele está prestes a *hiperventilar*. Ah, espera... é você que está. — Ele dá um meio sorriso para sua esposa.

Lily fica boquiaberta e quase vai dar um soco no braço dele, mas ela vê a bebê Kinney envolvida em uma manta cinza no peito dele, dormindo pacificamente.

Com dois protetores de ouvidos. Eu só queria que Winona, de um ano, gostasse tanto deles quanto Kinney gosta. Ela já tirou os seus três vezes e continua se mexendo no colo do Ryke, muito mais inquieta do que Sullivan já foi.

— Você precisa de respiração boca-a-boca, amor? — Lo provoca, segurando a nuca dela.

Lily se esforça para não sorrir. — Lo... — Ela o beija antes que ele tenha a chance de beijá-la.

Eu procuro Sullivan na multidão e puxo um fio solto do meu short jeans. — Espero que ela não esteja estressada. — *Onde quer que ela esteja.* Ryke me ouve sobre a mistura de aplausos decepcionados e encantados dos pais. Seus olhos escuros e fortes caem nos meus.

Eu nunca tive ambição e motivação como a Sulli. Ryke sim. Ele ainda *tem*. Todo dia que ele escala, ele define novas alturas para alcançar. Sulli o segue, e ele pode se relacionar mais com o espírito competitivo dela do que eu. Era uma vez, Ryke era o *capitão* de uma equipe de atletismo na faculdade.

— Ela está estressada porque essa porra significa algo para ela, mas ela também está se divertindo, Dais. — Ele sabe que estou preocupada que ela não esteja gostando do esporte. Ele sempre me diz para não confundir a frustração dela com ódio. Superar desafios e barreiras faz parte do fascínio do esporte.

Eu levanto a aba do meu boné verde, vendo mais dele. — Se divertindo como? Do tipo *gritar dos telhados do mundo* ou do tipo *uivar para a lua*?

Ryke bate na aba, cobrindo meus olhos. Um paquerador completo.

Eu sorrio largamente, meu mundo escuro sob o boné. — Então *esse* tipo de diversão?

Ele se aproxima, levantando o boné e diz: — Se você está implicando o que eu acho que está implicando, então *não*, porra.

— Você não quer que alguém bata no boné de beisebol dela? — Sempre fomos físicos um com o outro, mas nem sempre é sexual, mesmo quando parece ser.

Ele gira meu boné de beisebol para trás. — Eu não quero que alguém toque em nada dela, porra. Ela é um bebê.

— Ela tem sete anos. — Eu não reprimo meu sorriso.

Ryke joga a única coisa que pode em mim - uma tartaruga de chocolate meio mordida que tentei compartilhar com ele mais cedo. Eu tento pegar o doce com a minha boca, mas cai na arquibancada.

Coloco minha mão na minha testa. — O desastre. — O chocolate desperdiçado aos meus pés.

É uma visão triste, de fato.

De repente, a arquibancada vibra debaixo de nós. Jane, de nove anos de idade, bate os pés com animação, sorrindo grande, com os cabelos castanhos num rabo de cavalo baixo e frouxo. Ela está sentada entre a Lily e eu, um recipiente da Tupperware com tartarugas de chocolate no colo. Ela sempre traz seu lanche favorito para as competições e saboreia cada mordida. Eu realmente sou a única outra pessoa que aprecia a sobremesa de chocolate com nozes.

Como podemos ver pelo Ryke, que mal deu uma mordida. Ele também será o primeiro a iniciar qualquer guerra de comida.

Uma tartaruga de chocolate cai da mão da Jane na Tupperware. — Ali está ele! — Ela aponta e procura os dois pompons que ela criou com suas cores favoritas.

Laranja para Moffy.

Azul turquesa para Sulli.

Os encontrando perto dos seus pés, ela agita os pompons enquanto os meninos começam a se preparar para o medley individual de 200 metros. Moffy é o melhor no nado borboleta - que aparentemente a maioria das crianças odeia - e Sulli no estilo livre, mas ambos gostam mais do nado madley.

O árbitro apita pelo interfone, sinalizando para os competidores removerem todas as roupas, exceto as roupas de banho. Fico mais relaxada nesses eventos do que Lo, Ryke e Lily. Os dois irmãos de repente ficam mortalmente imóveis. Suas mandíbulas travam quando os nadadores tomam suas posições ao som de um *longo* apito.

Moffy deu uma largada falsa na maior competição do ano passado e chorou no caminho de casa. Então o começo é um grande negócio.

— Aquele é um menino Hale? — Eu ouço as vozes altas umas duas fileiras atrás de nós, apenas porque outros se juntaram e estão falando sobre ele.

— Maximoff. Ele é o mais velho!

Duas meninas, logo abaixo de nós, apontam para Moffy. — Ele é tão fofo.

— Eu não posso acreditar que ele está ali!

Jane abaixa sua Tupperware com doces e depois se posiciona com seus pompons. Não sei dizer se ela percebeu ou não a conversa. — Destrua e conquiste, Moffy!

— Silêncio nas arquibancadas — o árbitro diz a todos. As arquibancadas ficam semi-silenciosas, a maioria ainda sussurrando. Jane sacode o pompom laranja como maracas.

Moffy coloca um pé na frente da plataforma de partida. *É isso.*

— Em suas marcas.

Bip.

Ele está na água com os outros nadadores. Lo e Ryke expiram, e todos começamos a aplaudir. Ele fica embaixo da água por um tempo antes de surgir e chutar.

— Ele está na liderança! — Jane grita. Sua próxima exclamação é em francês. Lily sorri, lembrando que Moffy entende a língua estrangeira como os Cobalts.

Moffy diminui a velocidade durante o nado de costas, ficando para trás.

Jane ainda aplaude como se ele estivesse em primeiro lugar.

A raia três encosta na borda.

Moffy está na raia cinco e, quando chega ao final, levanta os óculos e verifica o tempo.

2:46,12 - 2º lugar.

— Ele está chateado? — Lily pergunta a Lo.

É tudo com o que nos preocupamos nessas competições, não se eles vencem ou perdem, mas apenas como *estão*. Feliz ou triste. Chateados ou abalados.

Lo balança a cabeça. — Acho que não.

Moffy sai da piscina, limpando a água do rosto, e ele ouve Jane assobiar alto, colocando os dedos na boca. Ela me pediu para ensiná-la no ano passado. Me junto e Moffy acena para nós, seu sorriso retornando.

— Bom trabalho, Mof! — Lo grita.

Ele dá um joinha para seu pai e depois para Lily, que bate palmas com tanto vigor, seu orgulho dominando seu rosto redondo. Ela

limpa os cantos dos olhos, lágrimas escorrendo.

— A Sulli está ali — Ryke me diz.

Eu a vejo esperando no fundo de uma longa fila. Moffy também. Com a toalha na mão, ele se aproxima da prima e eles começam a conversar.

Jane coloca os pompons de lado, a postura ereta, os tornozelos cruzados. Percebo como ela olha para a piscina e então ela rapidamente vira a cabeça para Lo e Lily. — Ele mencionou algo para vocês? Ele estava desesperadamente chateado ontem à noite. Eu, por exemplo, disse que ele deveria contar a vocês. — Ela faz uma breve pausa. — Ele contou?

Oh-oh.

Todos nós ficamos tensos. Nosso passado está cheio de coisas ruins, simplesmente humilhantes e eventos "*nunca mais falaremos sobre isso!*". Infelizmente para nós, o Google pode revelar 88% deles. Os bloqueadores de sites e filtros ajudam, mas as crianças fofocam na escola.

Rose e Connor nos alertaram sobre isso. Eles disseram que haverá um tempo em que todos os nossos filhos parariam de se abrir para nós, e então não saberemos *o quanto* eles realmente sabem. Estivemos em grandes discussões com os gênios residentes. Nós quatro estamos firmemente contra eles pela primeira vez.

Esperem até eles ficarem mais velhos, dizemos.

Contem tudo a eles agora, Rose e Connor refutaram.

Uma vez que desencadearmos todos os eventos ruins, as crianças irão conversar entre si, então Rose e Connor não vão contar nada a seus filhos sem um acordo unânime entre todos nós. Eles ainda estão tentando nos convencer, mas agora talvez isso nos morda na bunda.

Lo planejava ter a conversa de "sem álcool" com seu filho quando ele completasse dez anos. (Lo começou a tomar bebidas alcoólicas aos onze.) Ryke também quer dar a Sulli uma conversa semelhante nessa mesma idade, mas todos os nossos filhos ainda são muito novos.

Lily está com os olhos arregalados, uma dúzia de *aimeudeus* escritos ao longo dos seus olhos.

Com as maçãs do rosto afiadas, Lo pergunta: — O que aconteceu?

Os ombros da Jane caem. — Então ele não contou. — Seus preocupados olhos azuis voam pelas arquibancadas. Esfrego minhas pernas, para cima e para baixo, totalmente confusa. Preciso de muito mais peças do quebra-cabeça para saber qual a imagem.

E eu não sou a única pessoa assim.

Lo se vira mais para a sobrinha. — *Não*, ele não disse nada.

— Ele pode não falar comigo pelo resto da semana, mas estou disposta a passar por uma greve de silêncio do meu melhor amigo por isso. — Jane se prepara com uma inspiração profunda e depois abaixa a voz para que ninguém de fora possa ouvir. — Ele está com uma alergia no pênis.

Metade de nós meio que relaxa. Acabamos de evitar uma catástrofe maior.

Lo se inclina para ela, com o rosto retorcido em uma série de emoções. — Ele *te* mostrou?

— Não — ela diz rapidamente, olhos arregalados. — *Não*. Ele descreveu a doença. Procurei na internet e concluí, com muito pouco conhecimento, lembre-se, que é dermatite de contato. — Ela olha por cima do ombro procurando por bisbilhoteiros, depois volta para nós. — Do cloro na piscina.

Agora a outra metade - Lo e Lily - começam a relaxar.

Jane se levanta. — Eu deveria dizer a ele que traí nossa amizade em benefício da saúde dele. — Ela é tão eloquente, mas o resto dos Cobalts também. Ainda tenho essa teoria de que Connor lê o dicionário para eles todas as noites.

Lily concorda comigo.

Nenhum de nós tem chance de responder a Jane. Ela já está passando por cima das pessoas para deixar as arquibancadas.

— Eu quase vomitei. — Lily toca suas bochechas úmidas. — Por que ela teve que começar com *desesperadamente chateado*?

— Porque ela é a cria da Rose. — Lo gira os ombros tensos, os olhos estreitados em direção a Moffy e Sulli. O filho dele dá um tapinha nos ombros da minha filha de *boa sorte* e depois se dirige para Jane. — Por que ele não me disse nada?

— Talvez ele não quisesse te preocupar — eu digo.

Ryke acrescenta: — Ou ele pensou que iria desaparecer antes que ele precisasse contar essa porra.

— Ou as estrelas nerds estão certas — diz Lily suavemente.

Todos olhamos para ela, sabendo que ela se refere a Connor e Rose.

— Foda-se isso — Ryke diz com força.

— Eles não são mais pequenos — sussurra Lily. — Está *acontecendo*. Eles estão escondendo coisas de nós e um dia descobrirão...

Sobre seu vício em sexo.

Lo olha para Kinney, embrulhada no peito dele. Olho para a pequena Winona que tenta cutucar o nariz. Nenhum de nós queremos arrancar a inocência das crianças antes de precisarmos. Eu cresci muito rápido. Lily também, e nossos dois maridos assistiram isso acontecer.

— Qual é, vamos esperar, porra — diz Ryke. — É muito *cedo*. Minha filha é só uma criança. — Ele faz um gesto para Sulli, que está na fila para a próxima bateria.

Todos contemplamos em silêncio nossas decisões de esconder esses eventos e fatos. Então o celular do Lo vibra. Todas as crianças mais velhas compartilham um celular quando saímos, apenas para promover o sistema de amigos. Então eu noto Moffy com seu celular, Jane do seu lado.

Amizade intacta.

Lo relaxa ainda mais. — Moffy acabou de mandar uma mensagem. Ele disse que planejava me contar amanhã, se não desaparecesse até lá.

— Tá vendo — Ryke diz. — Vocês três, continuem fortes, porra. — Ele gesticula para nós. Ryke tem a mesma idade da Rose e quase a mesma idade do Connor. Nós três somos mais jovens e é mais fácil recuar contra eles. Mas não vamos hoje.

— É a vez dela. — Eu torço e aplaudo quando ela sobe na plataforma. — Vai, Sulli! — Como Jane não está aqui, eu aceno os pompons.

— Em suas marcas.

Bip.

Sulli está na água, ficando dentro dela por mais tempo do que as outras garotas. Ela rompe a superfície, uma boa técnica em seu nado borboleta, o que a empurra para frente.

— Vamos, Sulli! — Ryke grita.

Ela está bem na frente das outras garotas no momento em que tem que trocar para nado de peito. Quando ela vence, não é surpresa, mas ela rapidamente tira os óculos e verifica o tempo, os dedos nos lábios em contemplação.

É hoje, de todos os dias, que vejo o quanto minha filha compete contra si mesma.

2:40.13 - 1º lugar e ela bateu o recorde dos meninos do mesmo evento, mas eu lembro de todos os recordes dela. *2:40.00* é o seu tempo mais baixo, e se eu olhar perto o suficiente, vou conseguir detectar as engrenagens no cérebro dela rebobinando. Tentando descobrir *onde* ela ganhou tempo extra. Onde ela deveria ter ido mais rápido.

Essa corrida também pode muito bem ser um “o que posso fazer melhor?”

Ryke chuta meus tornozelos da arquibancada. Não mais paradas, minhas pernas agora balançam.

Eu sorrio, o amando.

Ele me lembra: — Eu era do mesmo fodido jeito na idade dela. — Ele disse que parou de se fixar nos seus recordes de escalada quando ficou mais velho. Ele apenas aproveitava a experiência.

E a diligência e persistência dela - é algo bom. Ela pode não comemorar uma vitória em uma competição, mas devo lembrar que ela comemorará suas próprias vitórias pessoais.

O árbitro chama a vencedora. *Raia quatro*.

Em voz alta, um homem resmunga atrás de nós: — Eles deixaram a Pé Grande ir contra um monte de meninas pequenas, é claro que ela *venceu*. — Fico tensa, e seu desdém imediatamente faz Lo e Ryke se virarem.

— O que? — o homem diz com força. Seu olhar mortal não pode se igualar ao do Lo.

— Você quer falar sobre Pé Grande? — Lo começa. — Eu posso falar sobre o Pé Grande todo maldito dia, e *não* é aquela garota. — Os olhos dele brilham de raiva.

O homem cruza os braços, sua esposa esnobe nos examinando com o nariz arrebitado. — Ela bateu o recorde dos meninos porque ela é mais alta que todos eles.

Ela é da mesma altura que o Moffy agora, porém ele é mais velho.

— Ela tem sete anos de idade, porra — Ryke diz com os dentes cerrados.

— Ela parece ter *doze*.

Ryke não entende os ataques. Ele não cresceu sendo chamado de Girafa, a garota mais alta da série, se destacando acima de todos os meninos.

Eu sim.

— Ela não tem doze anos — interrompo, vinte vezes menos hostil que Lo e Ryke. — Ela é alta para a idade dela. Eu tenho um metro e oitenta e meu marido um e noventa. Ela é geneticamente *alta*. — Ele não pode deixar isso pra lá? As crianças costumam ser chamadas de cruéis e irracionais, mas os adultos podem ser igualmente cruéis.

— Não é justo com as outras crianças — ele nos diz. — Vocês deveriam tirar esse pé grande das competições.

Ryke está prestes a se levantar em defesa, com o nariz queimando e Lo é quem coloca a mão em seu ombro, o mantendo sentado. Connor geralmente é essa pessoa, mas Lo ocasionalmente também pode ser. Especialmente quando Connor Cobalt está ausente.

O que só acontece quando ele tem coisas mais importantes a fazer.

Vocês deveriam tirar esse Pé Grande das competições.

As pessoas são péssimas. Um gosto ruim enche minha boca, e eu me sinto encolher. Lily está boquiaberta como se ele fosse louco em discutir sobre a altura de uma criança. Não quero estragar a competição da Sulli brigando com outro pai. Nós apenas precisamos deixar essa situação para lá.

Então eu me levanto. Lily se levanta. Lo e Ryke se levantam, nossos bebês nos braços.

Assim que estamos saindo, Ryke se vira e diz a ele: — Sullivan venceu a porra da sua filha porque ela acorda às quatro e meia

todas as manhãs para praticar. É por isso.

Ele bufa como se dissesse *sim, até parece.*

Não perdemos tempo o convencendo de mais nada. Nós apenas colocamos distância entre ele e nós.

* * *

— Você só pode estar brincando comigo, porra — Ryke murmura baixinho. Acabamos de entrar no The Fixings, uma pequena lanchonete na Filadélfia, e o babaca do "pé grande" está sentado em uma longa mesa de doze pessoas na parte de trás, embaixo das televisões de tela plana que passam os jogos de beisebol e tênis.

Para onde temos que ir.

— O que? — Sulli pergunta, captando as palavras de Ryke. Depois da competição, ela vestiu uma calça de moletom e uma camiseta folgada, seu cabelo castanho molhado amarrado em um coque alto. Ryke ajusta a bolsa de natação no ombro dele e Winona se mexe nos meus braços, fazendo beicinho para eu colocá-la no chão.

Eu escovo meu nariz com o dela, e ela chuta as pernas e me diz: — Chão.

Eu tenho que ignorá-la enquanto ouço Ryke.

— Você conhece aquele fodido?

Sulli segue seu olhar mortal. — Ele é o pai da Courtney, eu acho. — Nunca vimos esse cara antes, então achávamos que ele não fazia parte do mesmo clube de natação. Quatro das meninas do Clube Aquático de Philly queriam se encontrar para jantar, e outro pai fez reservas para doze e nos convidou.

Eu não quero fazer contato visual ainda, mas fico olhando tempo suficiente para ver seu terno e gravata, cabelos castanhos e atitude autoritária. Ele nunca foi nos treinos com a esposa, mas não é como se fôssemos muito amigáveis com os outros pais. Nós não conversamos muito e tentamos nos manter reservados.

— Não fale com ele — Ryke diz a Sullivan.

Ela nunca questiona o pedido. Há muito mais pessoas com quem ela não deve falar do que pessoas que ela deveria. Sulli toca a mão

minúscula de Winona enquanto ela se contorce em meus braços. — Tá tudo bem? — Ela quer dizer jantar em um local público.

Às vezes temos que sair mais cedo se as multidões ficam ruins, mas geralmente é se estivermos com Lily e Lo.

Price e o guarda-costas do Ryke já reivindicaram uma mesa próxima, e ninguém está realmente ciente de que eles estão *com* a gente. Eles se misturam bem, vestindo shorts e camisas cinza simples.

— Está tudo bem. Queremos comemorar como você quer comemorar.

Ryke acrescenta: — Se você ficar estressada ou insegura, podemos sair a qualquer fodido momento, Sul.

Ela assente, mantendo esse fato próximo, e depois é ela quem lidera o caminho até a mesa. Sentando na ponta com todas as meninas de sete e oito anos.

Enquanto seguimos Sulli, Winona grita para ser colocada no chão, com lágrimas se acumulando nos olhos. Eu tento acalmá-la e fazê-la parar de chorar, mas ela não está desistindo.

Ryke deve sentir minha frustração porque ele pega Winona dos meus braços e diz a ela: — Você é um fodido problema.

Winona funga, mas para de gritar. Eu tenho essa teoria de que ela prefere estar nos braços dele porque ele é mais alto que eu, então ela está lá no alto. Ryke só concordou quando estávamos no nosso quarto na semana passada. Ele a levantou no ar - ela parou de chorar - e então ele a abaixou ao seu lado - e ela chorou.

Eu amo o jeito que Winona descansa o queixo no ombro dele e olha para o grande mundo. Nós sentamos no meio, *longe* do pai da Courtney. Nenhum de nós o reconhece, e tentamos nos concentrar em nossa bebê enquanto a mesa se enche de pais e filhos.

Desfaço uma de suas tranças caídas, deixando metade de seus cabelos castanhos claros ficarem livres.

Os músculos de Ryke flexionam. Aposto que ele está repassando na cabeça o que aquele cara disse.

— Ei — eu sussurro.

Ele olha para mim, além da rabugento, mas é o primeiro a dizer: — Não vou falar com aquele filho da puta.

E se ele falar com você? É uma possibilidade, mas tento ter pensamentos positivos e sorrio para Winona. — Um bebê fugitivo está tentando rastejar por cima do seu ombro.

Ryke desliza sem esforço Winona pelo seu peito. Ela cai no colo dele com uma careta. — Não é legal.

— Eu sou legal pra caralho — Ryke refuta.

— Não.

Ryke coloca a boca na bochecha dela e assopra, Winona grita de tanto rir, o barulho mais penetrante que a risada da Sulli. Eu me escondo atrás de um menu de plástico e, quando apareço com os olhos arregalados, Winona grita de alegria. — Mamãe!

Eu me escondo atrás do menu novamente, mas dessa vez, ouço aquela voz masculina de antes.

— Nossas meninas não têm nenhuma chance contra ela. Ela está roubando as medalhas delas.

Abaixo o menu com um suspiro fraco para Winona. Ela ainda ri como se eu tivesse realizado o truque mais engraçado de todos. Ryke está mandando mensagens e minhas pernas saltam tanto que Winona corre para o meu colo para que ela possa subir e descer com elas.

Seguro minha filha de um ano e arrisco um olhar para o homem. Ele se senta no final da mesa, perto de outro pai de trinta e poucos anos, e nem faz um esforço para sussurrar.

— Talvez ela escorregue e caia. — E então seus olhos desviam para os meus, mas ele não sente remorso ou culpa no que acabou de dizer. — Estávamos conversando sobre o Clube Riley Park. Uma das garotas naquele time é uma besta. Você a conhece? — A maneira como dizem *besta*, não é de uma maneira agradável.

— Não. — Minha voz está tensa. *Sem confrontos.* É mais fácil para mim do que para Ryke. Ele digita palavras no celular, desabafando para alguém.

— A besta é dez centímetros mais baixa que a *sua* garota.

Ryke olha para cima.

Os dois homens se mexem em suas cadeiras, sentando-se *eretos*.

Felizmente, a garçonete aparece e a tensão se enrola enquanto todos ficamos quietos. — Posso anotar seus pedidos? — Os

grandes cardápios são quase maiores que as meninas, mas todas tentam escolher o que querem. As sobrancelhas de Sulli se franzem, dedos nos lábios.

Eu sussurro para Ryke: — Ela não sabe o que quer. — Eu seguro o cardápio para ele, e nós dois examinamos os itens em busca de algo que nossa filha realmente comeria.

Salada? Tem vegetal, então *de jeito nenhum.*

Hambúrgueres? Talvez se eles jogarem tudo fora e deixar o pão.

Nuggets? Ela vai dar uma mordida e cuspir.

— Talvez eles tenham um menu de café da manhã? — Sulli gosta da maioria dos alimentos de café da manhã, mas principalmente waffles, panquecas, rabanadas e rosquinhas, todos cheios de chantilly e mel. Em casa, tentamos encontrar maneiras criativas para ela incluir legumes e alimentos saudáveis em suas refeições, mas ainda damos vitaminas infantis porque não achamos que ela recebe o suficiente com o que come.

Ryke vira o cardápio, mas apenas lista as sobremesas: brownie de chocolate quente, banana split e milkshakes.

— O que você gostaria? — a jovem garçonete pergunta a Sulli, seu sorriso explodindo com as palavras seguintes: — Você pode autografar aqui? — Ela estende o caderno com pedidos anotados.

— Hum... — Sulli olha atordoada para Ryke e eu por aprovação. Eu posso dizer que ela ainda está presa no pensamento do que irá comer.

— Podemos autografar — sugiro e aceno para a garota com um sorriso amigável.

— Ai meu Deus. Obrigada! — Ela vem pulando para o nosso lado, o que dá a Sulli mais tempo para escolher sua comida.

— Apenas nossos nomes? — Eu pergunto, sentindo os dois homens babacas sorrindo como se fossemos lixo de Hollywood. Somos todos nativos da costa leste, mas não seria a primeira vez que as pessoas agem como se não fossemos da Filadélfia.

— Sim, isso seria *incrível*. — Ela coloca as mãos na boca em choque.

Eu rabisco meu nome e Ryke rapidamente assina suas iniciais. Winona se anima como se também quisesse escrever seu nome - o que seria apenas algumas linhas deformadas -, mas eu agarro seus

dedos com os meus e bato em minhas pernas, distraindo-a em um instante.

Pergunto à garçonete: — Vocês tem um menu de café da manhã?

— Na verdade não, mas posso perguntar ao cozinheiro se ele pode fazer algo.

O homem tosse na mão: — Princesa. — Algumas pessoas nunca crescem.

— Não precisa. — Sempre podemos parar no Lucky's e pegar algo no caminho de casa, se ela ainda estiver com fome.

A garçonete volta para Sullivan. — Você sabe o que quer?

Ela fecha o cardápio. — Eu acho que vou querer uma água.

O idiota do “Pé Grande” murmura para o amigo: — Que bom, talvez ela desmaie na próxima competição.

Ryke me passa seu celular que vibra, e ele se levanta, todo seu um metro e noventa de altura. — Eu preciso falar com você, porra. Lá fora.

Tento me concentrar em Sulli para que ela não veja a troca hostil entre os homens. — Você viu a parte de trás do menu?

Sulli vira o menu. — Ah, espera. — A garçonete para antes de ir para a loira mais baixa. — Posso ter o milk-shake de morango, batatas fritas e brownie de chocolate?

Eu sorriria, mas o babaca ri: — Lá fora? Sério? — Ele age como se fosse legal demais para conversar com Ryke.

Porém, sua esposa o cutuca. — Kenneth.

Kenneth. Ele tem um nome.

— Tá. Vamos lá *fora* — ele diz como se fosse um conceito bobo. Os paparazzi estão no meio-fio do lado de fora, cerca de cinco ou seis cinegrafistas, mas não é como se Ryke pudesse falar com ele em particular em qualquer outro lugar. A lanchonete está bastante cheia, e ele prefere lançar xingamentos e ameaças do lado de fora do que na frente da Sulli.

Talvez ela desmaie na próxima competição.

Estou preocupada com a segurança dela, mas enviaremos Price para os treinos com ela a partir de agora. Eu sei que Ryke vai querer alguém lá quando não pudermos estar.

Ryke leva o homem para fora, e seu celular vibra na minha mão. Uma conversa em grupo acontecendo. Winona olha para o

dispositivo comigo.

Eu leio a mensagem mais recente.

Não faça nada que eu não faria – Lo

Lo provavelmente o mataria com insultos, aqueles que estariam em todos os sites de notícias de entretenimento. Ryke não briga assim. O celular vibra novamente.

Melhor conselho, não dê um soco nele – Connor

— O que você irá pedir? — A garçonete me assusta por um segundo e pisco algumas vezes, limpando as teias de aranha. Olho para a janela da frente, as luzes da rua e os flashes das câmera as únicas fontes de luz.

Ryke fica do lado oposto de Kenneth, e mesmo que eu não possa ouvi-lo falar, a ameaça é clara em suas feições sombrias e perigosas, praticamente rasgando seu exterior de pedra.

— Daisy Calloway? — ela pergunta. Estou muito acostumada com uso do meu primeiro-nome-e-sobrenome para recuar - ou até mesmo com o uso casual do meu nome de solteira.

— Na verdade... — Eu vejo a estrada sombria que todos nós estamos seguindo. Os punhos de Ryke se cerram quando ele *grita* com esse outro cara. Ryke briga com seu corpo, raramente com palavras. — Você pode cancelar o pedido dela? Nós temos que ir.

— Hã? — Winona olha para mim. Eu a levanto do meu lado, e ela tenta descer.

— Não, Nona — eu sussurro. — Shhh. — Pego a bolsa da Sulli e peço desculpas aos pais que nos convidaram. Sulli empurra a cadeira, sabendo que precisamos ir.

Price se levanta, e o guarda-costas do Ryke, Quinn, aparece de repente da porta da cozinha, acenando para Price. Enfio o celular do Ryke no bolso do meu short, sentindo o olhar concentrado de *todos* nessa lanchonete. Puxo Sulli para mais perto de mim, e ela tira sua bolsa de natação do meu braço.

— Você pode ajudá-lo? — Eu pergunto a Price.

— Ele queria que eu ficasse com você e as meninas. — Price pega as chaves do carro do bolso enquanto ficamos ao lado da mesa dele. — Vamos sair pela cozinha e pelos fundos. Quinn está dando a volta com o carro. — Eu viro minha cabeça, percebendo que Quinn se foi novamente.

Ok então.

As câmeras de repente piscam como fogos de artifício. Garanto que Sulli e Winona não estejam assistindo, de frente para a porta da cozinha.

Ryke e Kenneth estão muito mais próximos um do outro. Kenneth aponta um dedo e então bruscamente lança o punho na mandíbula de Ryke. Ryke se abaixa e depois ajoelha Kenneth no estômago. Tão forte que o homem *cai* na calçada.

Ryke nunca diz outra palavra. Ele simplesmente sai, entrando rapidamente na lanchonete e vindo na nossa direção - e Price nos direciona para trás. Entramos na cozinha movimentada, os cozinheiros nos observando enquanto corremos para a porta dos fundos.

— O que aconteceu? — Sulli pergunta ao pai sobre o chiado de hambúrgueres sendo fritos.

— Fique longe daquele fodido homem. — Ryke puxa Sulli muito, muito perto, tão protetoramente que quase me assusta. O que ele disse para o Ryke? Ele vê meu medo e coloca a mão na minha cabeça como se dissesse *não se preocupe.*

Meu celular começa a apitar enquanto o do Ryke vibra no meu bolso novamente.

Ainda não respondo. Espero até que estejamos todos no Land Cruiser do Ryke, Quinn no volante, Price no banco do passageiro, nós quatro atrás.

Assim que os pneus atingem as ruas, Winona adormece em sua cadeirinha.

— Desculpa, Sul — digo a ela baixinho.

Com a voz baixa também, ela diz: — Eu não gostei de lá mesmo. — Ela se ajoelha no banco. — Papai pode fazer panquecas? — Eu sorrio para o pedido dela.

— Posso — diz Ryke. — Algo mais?

— Cereal do Capitão Crunch. — Ela vai colocar *na* panqueca como uma cobertura.

Eu tiro os celulares dos bolsos. As novas mensagens no celular do Ryke me encaram..

Pelo menos ele deu um soco primeiro, mano. – Lo

Pequenas realizações. – Connor

Minhas irmãs e Willow começaram uma conversa em grupo comigo.

AI MEU DEUS!!!!!!! Vocês viram o vídeo? Ryke o chamou de filho da puta sujo – Lily

Eu teria o apunhalado nos olhos com os meus saltos. Ryke deveria ter enfiado um garfo no crânio dele. – Rose

O que está acontecendo?? – Willow

Olha o Celebrity Crush e GBA Entertainment News. Você quer um link? – Lily

A mídia é rápida, mas eu sabia que estaria online no minuto em que Ryke saísse.

Encontrei. Omg – Willow

Daisy, o homem realmente queria que Sullivan desmaiasse? – Poppy

Você acha que Ryke inventou isso como desculpa? Por que diabos ele diria: "Você desejou que minha filha de sete anos desmaiasse - sem mencionar que também desejou que ela escorregasse e caisse, porra." É claro que é real. – Rose

Eu só estou olhando para isso por todos os ângulos. – Poppy

Rose enviou a nossa irmã emojis de diabo e faca. Eu relaxo com a troca de mensagens. O que Ryke fez foi inteligente, até calculado. Ele transmitiu pelos paparazzi ameaças que o homem fez em público, quase como uma rede de segurança para nossa filha. Se alguém tentasse machucá-la, Kenneth seria o primeiro suspeito.

Ele pode até ser banido do Clube Aquatico de Philly depois disso.

Eu devolvo o celular do Ryke para ele, e ele procura meu olhar, como se estivesse imaginando onde está minha cabeça. Eu sussurro: — Estamos bem. — *Estamos todos bem.*

Ele assente fortemente. — Estamos bem pra caralho.

{ 44 }

Setembro de 2025
Escola Primária Dalton
Filadélfia

LILY HALE

Luna está no jardim de infância há apenas dois meses e a professora já pediu especificamente para participarmos de uma reunião de pais e professores. Enquanto esperamos a Srta. Jacobs na pequena sala de aula, começo a suar.

Tento cheirar discretamente minha axila, apenas para confirmar que não fede.

— Lil — Lo diz. — Você não está fedendo. — Ele está relaxado na minúscula cadeira de plástico como se estivesse relaxando na aula de biologia do quarto período. Não é uma descrição precisa de hoje. Estamos na frente da sala de aula, não na parte de trás. Estamos em uma mesa redonda do jardim de infância, não em uma mesa. E estamos esperando por más notícias, não pelo sinal tocar.

Por que outro motivo seríamos os únicos pais convocados para uma reunião?

— Estou suando — murmuro e puxo minha camiseta para entrar ar.

— Essa coisa toda provavelmente não é nada. — Sua voz está tensa, então eu sei que ele não acredita totalmente nisso. Ele passa o braço pelos meus ombros e meu braço desgrenhado desliza ao redor da sua cintura.

A porta se abre e Lo me aperta com força, como se dissesse *nós vamos dar um jeito.*

Srta. Jacobs sorri calorosamente. — Oi Loren. Oi Lily.

Moffy tinha a Srta. Jacobs como professora no jardim de infância, então nos chamamos pelos primeiros nomes. Com os cabelos castanhos encaracolados, olhos simpáticos e uma voz igualmente terna, ela foi uma das minhas professoras favoritas na Dalton. Fiquei realmente empolgada quando Luna foi colocada em sua classe.

Agora não sei o que pensar.

— Oi — eu digo enquanto Lo permanece quieto. Ele não está mais relaxado na cadeira, porém ele me aperta novamente, mais para o meu benefício.

Meu rosto deve conter toneladas de pavor, porque a Srta. Jacobs abre as mãos como se dissesse *fica calma.*

— Está tudo bem com a Luna. Eu só tenho algumas coisas que gostaria de discutir antes de avançarmos no ano letivo. — Srta. Jacobs se senta à mesa redonda enquanto minha preocupação aumenta.

Eu me pego mordendo minha unha e paro.

Ela desliza alguns desenhos e planilhas escritas para nós. — A boa notícia é que a Luna realmente está se destacando com suas habilidades de escrita. — Eu leio a frase que ela rabiscou nas grandes linhas do caderno.

Meu nome é Luna Hale. Eu nasci no planeta Thebula.

Minhas bochechas doem, sorrindo demais. Os olhos cor de âmbar de Lo até brilham.

— Ela também está no caminho certo em matemática.

— Então qual é o problema? — Lo pergunta de maneira cortante, o brilho se apagando.

Jacobs limpa a garganta, não acostumada com o Lo. — A essa altura, as crianças começam a fazer amizades com os colegas de classe. Às vezes, os alunos tímidos demoram um pouco mais, mas Luna não é quieta ou tímida e se aproximar de seus colegas de classe não tem sido um problema.

Meu estômago dá um nó, revira e dá um nó novamente. O forte aperto de Lo em volta do meu corpo parece mais uma tábua de salvação entre nós.

— Quero alertar novamente que não há motivo para ficarem chateados. Muitas crianças têm dificuldades em diferentes áreas desde o início, e o jardim de infância é realmente o momento de ver esses pontos fracos e tentar fortalecê-los.

Lo e eu já recebemos notícias ruins o suficientes para saber que um monte de merda está prestes a cair sobre nossa filha.

— Então, qual é o ponto fraco dela? — Lo diz com força.

A Srta. Jacobs permanece fixa em mim, incapaz de encontrar a dureza nos olhos de Loren Hale. — Luna não está fazendo nenhum amigo. Ela é deixada de fora das atividades em grupo, a menos que eu faça as outras meninas incluí-la.

Meu rosto cai.

Um músculo na mandíbula do Lo se contrai.

— Como ela está em casa? — A Srta. Jacobs pergunta. — Ela brinca com outras crianças? Ela tem amigos no bairro?

— É complicado — Lo diz laconicamente. Não é uma desculpa, mesmo que pareça uma. Tentamos arduamente marcar para Luna brincar com outras crianças, mas alguns pais da vizinhança não gostam de nós. É apenas um fato simples.

Moffy foi *des*convidado para três festas de aniversário porque os pais ou não confiam em nós ou simplesmente não querem que seus filhos se associem àquele garoto do “reality show”. Moffy não ligou, como a maioria das coisas. Mas Luna nunca teve a chance de ter uma festa do pijama na casa de outra garota. Ninguém a chamou ainda, e eu sempre pensei que isso poderia mudar quando ela crescesse e começasse a fazer amigos na escola.

— Ela tem amigos — eu digo a verdade. — Os primos dela. Ela brinca bastante com Eliot e Tom. Eles estão na mesma série.

— Eliot e Tom Cobalt. — A Srta. Jacobs concorda com a cabeça, como se seus nomes causassem artrite e dores nas costas. Separadamente, eles são mais controláveis. Juntos, eles definitivamente são um problema. — Toda a diretoria sabe quem eles são e atualmente estão na turma da srta. Nalah. Mas acho que é melhor para Luna fazer amizade com garotas da mesma idade e crianças que não estão relacionadas a ela.

— É mais fácil falar do que fazer — responde Lo. — Para nossos filhos irem até a casa de alguém, os pais precisam assinar um acordo de não divulgação. A maioria dos pais não querem lidar com essa merda.

Nossos filhos são novos demais para entender, e tudo o que queremos é protegê-los. Assegurar que outras pessoas não os explorem. Os acordos são uma formalidade, mas é uma garantia gigante que não podemos ignorar.

— Eu sei que a situação de vocês deve ser mais difícil — diz a Srta. Jacob — mas a Luna não deveria se preocupar em fazer amizades na escola.

Eu busco por algo no meu cérebro. — Eu... eu não sei por que elas não a incluem. É porque ela está no *Nós Somos Calloway*?

— Não. Pelo menos, acho que não. Acredito que a maioria dos pais não deixa seus filhos assistirem ao documentário. Passa em um canal a cabo premium.

Lo e eu assentimos. É como deixar uma criança assistir a Game of Thrones, mas sem o incesto, o sexo e os assassinatos. *Mau exemplo. Bad example.*

A Srta. Jacobs de repente olha para a mesa e solta um suspiro suave. — Isso é realmente algo difícil para dizer, mas eu quero que vocês saibam que as crianças dessa idade podem ser críticas.

Eu não estou nem respirando nesse momento.

— Algumas das outras meninas... e os meninos, começaram a chamar Luna de nomes pelas suas costas. Sussurrando. Esse tipo de...

— Que tipo de nomes? — Lo interrompe, os olhos ficando vermelhos, sem piscar.

Eu oscilo entre raiva e dor, ambos os sentimentos enrolando em meus pulmões e os apertando com força.

— Estranha. Esquisita.

Cada palavra apunhala meu coração.

Lo vira a cabeça em direção à porta, estreitando os olhos e forçando para baixo cada emoção brutal que de repente nos ataca.

Esquisita. Isso zumbe nos meus ouvidos. Tento engolir um caroço, mas ele não se mexe. Lo e eu não nos soltamos. Esfrego os olhos com a palma da mão. Eu nunca quis que a vida dela fosse mais difícil. Nós dois queríamos *fácil, indolor* e *feliz* para nossa filha.

— Ela é um pouco diferente das outras garotas da idade dela — diz a Srta. Jacob — o que não é nem um pouco ruim. Até onde eu sei, ela entende pistas sociais, mas ainda não chegou a uma idade em que sente vergonha.

Eu imediatamente começo a chorar com a palavra *vergonha.* Ela vai ter vergonha do que ela gosta em breve, é isso? Outras crianças a farão se sentir culpada por dizer a coisa errada e da maneira

errada. Ela será pressionada a ser mais como eles e menos como ela mesma.

Eu limpo minhas lágrimas rapidamente com a camisa do Lo.

Ele me abraça mais perto do seu peito.

— Eu sinto muito. — A Srta. Jacob desliza uma caixa de lenços de papel. Eu pego cerca de cinco - ou dez. Assoo o nariz e ela continua: — Quero dar alguns exemplos, se estiver tudo bem?

Lo e eu assentimos novamente.

— Luna fala com vozes diferentes às vezes, e nas vezes em que fala normalmente, ela discute coisas como planetas imaginários e alguém chamado FinFarley Hunter. — FinFarley Hunter é uma história em quadrinhos para crianças, uma linha que a Halway Comics publicou alguns anos atrás. É meio que inspirado em Nancy Drew, e até agora teve sucesso nas vendas.

— Isso é só o tipo de coisa que ela gosta — Lo diz, com o rosto torcido. — Não vou dizer a ela para abandonar a merda que ela gosta, porque outras pessoas não entendem. Não é culpa dela. É *deles*.

— Eu entendo, mas talvez tente envolvê-la em uma atividade ou interesse comum que tornará mais fácil para ela se conectar com outras garotas.

Parece a coisa certa a fazer, mas uma voz minúscula na parte de trás da minha cabeça sussurra, *por que ela tem que gostar do que as outras crianças gostam apenas para fazer amigos?* Por quê?

Lo esfrega a nuca. — Não vamos forçá-la a algo, mas vamos... apresentar outras coisas e ver se ela gosta.

Não é como se ainda não tivéssemos feito isso. Ela tentou jogar futebol e bufou e bufou e depois desistiu.

Eu fungo e concordo com a cabeça para o Lo. Eu sei que temos que continuar tentando, especialmente se isso facilitará sua vida escolar.

Lo pergunta: — Se as coisas - se piorarem, o que aconteceria se a trocássemos para a classe da srta. Nalah?

— Eu não recomendo. Não esse ano. Toda a turma do jardim de infância compartilha um recreio. Todos eles se conhecem, e irão perguntar a Luna por que ela foi removida da minha classe. Apenas

esperem, por favor. Ainda é cedo, e foi por isso que eu quis conversar agora, em vez de no final do ano.

— Eu não recomendo. Não esse ano. Toda a turma do jardim de infância compartilha um recreio. Todos eles se conhecem, e irão perguntar a Luna por que ela foi removida da minha classe. Apenas esperem, por favor. Ainda é cedo, e foi por isso que eu quis conversar agora, em vez de no final do ano.

Lágrimas fazem meus olhos queimarem novamente. — Nós nunca fomos chamados de esquisitos… — Eu só vejo o futuro dela, a menos que algo mude, e ele contém mais mágoa do que imaginávamos. — Você era um idiota. Eu era tímida. — Luna não é tímida. Ela é franca e barulhenta. Suas opiniões e imaginação preenchem uma sala e não se encaixam em um determinado molde. Ela é diferente, mas por que isso é tão ruim?

— Ela vai ficar bem. — Lo assente para si mesmo como se tivesse que acreditar nessa afirmação. Ele vira a chave, o Audi ganhando vida.

Eu repito suas palavras. De novo e de novo.

{ 45 }

Novembro de 2025
Hospital Médico de Manhattan
Cidade de Nova York

LOREN HALE

Eu *corro* pelo corredor do hospital. Peito em chamas. Pernas dormentes. Meu corpo corre tão à frente do meu cérebro. À frente das minhas emoções.

À minha frente.

Eu só diminuo quando chego à porta do quarto de hospital. Entreaberta, mas nenhum ruído sai para o corredor. *Entra lá, Lo.*

Entra nessa porra, Lo.

Por que você parou, Lo?!

O medo me sufoca pela garganta. Puxo a gola da minha camiseta. *Mova seus malditos pés.* Paro de esperar que esse *sentimento* desapareça.

Eu entro com cuidado e devagar. Parece que estou andando em vidro, cortando profundamente as solas dos meus sapatos. Cortando meus pés. Assim que a cama do hospital aparece, paro de andar.

Paro de me mexer.

Pare de olhar para ele. Mas não consigo desviar o olhar da cena na minha frente.

Meu pai está deitado no colchão firme, branco como lençol, com os olhos afundados. Ele olha assustadoramente para o teto, os lábios da mesma cor pálida de sua pele.

Ele já parece morto.

Eu engasgo com um barulho estrangulado, preso entre tristeza e raiva.

Sua cabeça se inclina fracamente em minha direção. Eu não sou confortado pela visão. Ele ainda está vivo, mas por pouco. Jonathan Hale oscila entre a vida e a morte.

Eu lambo meus lábios secos. Tudo o que quero fazer é agarrá-lo, puxá-lo de volta para mim, para essa vida e para esse mundo.

Eu ainda preciso de você. Eu quero gritar comigo mesmo por pensar nessa maldita coisa. *Eu ainda preciso de você, pai*. Eu realmente preciso dele? Em algum lugar dentro de mim, eu realmente acredito que sim, e não posso deixar isso para lá.

Meus olhos ficam cheios de lágrimas. Na frente dele, eu instintivamente protejo meu rosto com a mão. Eu espero que ele diga: *"Pare de chorar, Loren"*.

Eu ainda o ouço na minha cabeça. Eu sempre *ouço*. Mesmo quando ele está diferente. Mesmo quando eu sei que estou diferente.

Eu ainda o ouço.

— Vem aqui, Loren. — Seu tom áspero me corta, mas eu me seguro a essa familiaridade.

Minha garganta está inchada e fechada. Engulo em seco e consigo dar um passo à frente. A dor irradia nas minhas canelas, pernas e braços. Só com esse único movimento. Meu corpo grita para eu parar. Então eu paro.

Eu não vou atrás da dor. Eu não peço por isso. Eu não *quero* isso.

Eu nem acredito que mereço.

Eu aponto um dedo acusador para o meu pai. O homem que está morrendo bem na minha frente. — Por que você não *me* contou? Você disse que estava de férias, porra - no Havaí? — Eu quase cuspi a última parte. Dor e raiva sacodem meus ossos. Eu sou filho dele. Eu sou o *único* que se importa se ele vive ou morre.

E ele não me disse nada.

Eu deveria saber que era tudo mentira. Ele me deu muitos detalhes sobre o resort, sobre sua "amiga" que ele planejava foder o fim de semana inteiro. Parecia elaborado demais para ser verdade.

Talvez eu só quisesse acreditar na história. Ele parecia feliz. Meu pai em uma viagem de fuga. Para relaxar. Para bronzear. Ter uma maldita aventura.

— Uma mentira — diz ele, como se não fosse nada. Ele aponta para a cadeira rígida ao lado da cama rígida. — Sente-se.

Eu faço uma careta. — Jesus Cristo, pai. Não diga isso como se nada fosse. Você mentiu. Ok? Você *mentiu* para mim. — Eu aponto

meu dedo em direção ao chão. — As enfermeiras disseram que você esteve aqui por uma semana inteira. — A raiva me empurra para frente. — Por que você não me ligou?!

Eu respiro pesadamente, já sabendo a resposta antes que a pergunta escape. Ele é Jonathan Hale. Ele me protegeu do fato de eu ser um bastardo. Ele me protegeu de um boato feio sobre ele me molestar. E ele me protegeu novamente.

Do tormento de vê-lo morrer lentamente.

— Sente-se. — Ele aponta para a cadeira novamente, o gesto puxando os fios da intravenosa e fazendo com que o suporte de metal se mexa.

Eu vou até cadeira. Eu desmorono no assento. Eu poderia muito bem afundar até o chão e através do assoalho e para baixo, para baixo, *para baixo* até o centro da porra da terra.

Eu tenho que me curvar para a frente, antebraços nas minhas coxas. Dói olhar para ele. Dói estar aqui. Mas eu fico e tento olhar.

Estou com medo de que se não olhar, ele desaparecerá. Meu peito cede ao vê-lo. Eu pisco, e as lágrimas caem. — Merda — eu xingo, olhando com raiva para o teto.

Por que isso está acontecendo?

— Loren. — Ele diz meu nome com uma fragilidade que nunca ouvi. — Você pode ligar para seu irmão e irmã? Eu os quero aqui.

Eu sabia que ele gostaria disso. — Eles estão a caminho. — Minha perna pula para cima e para baixo e meus ombros balançam de um lado para o outro, tensos com *tanta coisa*...

Meus olhos âmbar se erguem para ele novamente.

Ele nunca pega minha mão. Nunca me puxa para mais perto. Ele nunca foi esse tipo de pai. Mas a presença dele é tão grande que enche o quarto. Seu espírito é maior que seu corpo.

Não preciso perguntar o que aconteceu. Falei com os médicos por telefone. A pedido dele, eles me ligaram primeiro. Nos últimos dois anos, ele tem sofrido de rejeição crônica do transplante de fígado. É comum que os receptores desse tipo de transplante tenham algum tipo de rejeição, mas *crônica* - isso significa que tem acontecido há muito tempo..

Ele só foi internado no hospital quando seu fígado começou a falhar.

Ele está muito baixo na lista de transplantes. Nenhum doador à vista. Ryke já doou uma vez, e ele não pode novamente.

Pelo que diabos ele está passando há dois anos? Ele sabia que morreria. Ele sabia que toda esperança foi extinguida. Estou com tanta raiva que ele nunca me disse nada. Ele passou por isso sozinho.

Não consigo lavar a malícia dos meus olhos severos. — Você deveria ter me contado. — *Eu sou seu filho.*

Ele ri brevemente como se eu fosse apenas uma criança.

Eu tenho trinta e cinco anos. Eu não sou apenas uma criança.

Mas eu sou dele.

— Eu deveria ter te contado... — Ele solta outra risada fraca e balança a cabeça. — E você teria andado na ponta dos pés ao meu redor? Você quer me levar para pastar como gado - tudo bem. Você tem a chance agora. — Ele estende um dos braços. — Me enterre.

Eu me encolho. — Jesus *Cristo.* Pare com isso. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Você vai ficar bem.

Seu sorriso seco desaparece. — Você nunca foi um sonhador, Loren. Não comece agora.

Suas palavras deveriam me irritar. Eu deveria estar furioso, mas elas me lembram que ele sabe quem eu sou. Ele me criou. Ele estava lá para mim. Por muito tempo, éramos apenas eu e ele. Não consigo esquecer o fato de que ele *me* escolheu. Eu era o bastardo, mas ele nunca me jogou fora como lixo.

Existe um amor tão profundamente enraizado entre nós. Por baixo de toda a escuridão, de todo o preto e o alcatrão que sangra nossas almas. Existe amor. Ele existe, e percebo que estou prestes a perdê-lo para sempre.

Não vá,, eu quero dizer a ele.

Eu ouço a resposta dele na minha cabeça, v*ocê acha que eu quero ir?*

— Deve haver alguma maneira de conseguir outro transplante. — Eu luto por ele.

Seu olhar afiado e seco tenta me destruir. Eu não deixo. Minha aparência cortante rivaliza com a dele, e penso, *aprendi com o melhor*.

— Não seja ridículo. Você viu a lista. Mesmo se eu conseguir encontrar um, seria improvável que meu corpo o aceitasse. Diga adeus. É por isso que você está aqui. — Os lábios dele se contraem. — Faça o que todo mundo faz quando está de frente a alguém no seu leito de morte.

— E o que é isso? — Minhas palavras azedam na minha boca. Minha outra perna começa a balançar. *Paraparapara*. Não consigo.

Meu pai revira os olhos, irritado por eu não ter entendido o que ele quis dizer. — Me encha de elogios. Me fale como eu fui um ótimo pai. Blá blá blá.

Abro a boca para falar, mas minha garganta se fecha novamente. Isso dói. Ficar aqui. Sentado aqui. Meu cérebro é mil toneladas de me-tirem-daqui. Meu olhar desce para os lençóis da cama dele.

Droga.

Droga.

Eu limpo as lágrimas que escorrem. — Você era... — Eu luto. Eu estou *lutando.* Mais do que posso expressar - estou me afogando agora. Eu me mexo na minha cadeira. Aperto os braços dela, minhas articulações branqueando.

Lentamente, levanto minha cabeça e encontro seus olhos afundados.

Em um único olhar, compartilhamos mil verdades. Ele não era um bom pai, mas era o único que eu tinha.

— Você era ok.

O canto dos seus lábios se levantam. — Só ok. — Não é uma pergunta. Ele sabe seus defeitos. Eu não espero por pedidos de desculpas. Não por todo o dano que ele me causou, pelo abuso verbal que abriu o caminho para coisas mais duras e cruéis no meu futuro. Não espero por um, porque, como ele disse - nunca fui um sonhador.

Algum dia já imaginei Jonathan Hale se desculpando ao morrer em uma cama de hospital? Não. Nunca. Nem uma vez.

Eu não espero isso.

Eu nem ligo para isso.

Eu nem *quero* um pedido como o do meu irmão. Como o meu irmão pediu. Como o meu irmão recebeu.

Prefiro ter esse homem na minha frente. O tão dolorosamente falho. O homem cheio de quantidades infinitas de amor. Prefiro enfrentar o fim com ele.

— Honestamente, Loren. — Sua voz me corta novamente. Quantas vezes mais o ouvirei dizer meu nome? Eu olho para o teto, lágrimas escorrendo para trás, pingando pelos cantos dos meus olhos. Ele termina com: — Você é melhor do que eu era. Quero que você saiba disso.

Meu corpo todo fica gelado. — Todo mundo na Hale Co. ainda te ama...

— Eu não estava falando sobre a maldita companhia — ele me interrompe, e o silêncio abruptamente nos envolve. Eu tenho que sentar aqui e passar suas palavras repetidamente na minha cabeça para que elas façam sentido.

Você é melhor do que eu era.

Você é melhor do que eu era.

Você é melhor do que eu era.

Não importa quantas vezes eu repasse essas palavras, ainda não consigo acreditar *que é isso* que ele escolhe me dizer. Meu pai nunca admite a derrota, raramente coloca os outros acima de si. Ele só queria que eu abraçasse meu potencial, mas ele nunca viu meu potencial como algo além de uma brasa tremeluzente, pronta para morrer com a menor rajada de vento.

— Loren — ele diz meu nome novamente. É *essa* a última vez que eu vou ouvi-lo? Eu mantenho meu olhar no teto, lágrimas ainda escorrendo pelos cantos.

— Você é um pai melhor — ele me diz. *Pare de chorar*. — Um marido melhor. — *Pare de chorar, porra*. — Um homem melhor.

Abaixo meus olhos, sem cobrir o rosto. Eu choro na frente do homem que sempre me disse "*pare com essa merda*". Estou curvado como se eu tentasse, talvez eu pudesse me abraçar. A dor me destrói de cima para baixo, envolvendo tudo o que eu era. Tudo o que eu sou.

— Loren.

— Para — engasgo. — Só… para. — Eu lanço um olhar mortal para ele.

Ele lança um para mim. — Eu não vou *parar* só porque você não consegue controlar suas lágrimas. — Aí está. Na minha realidade fodida, estou quase feliz em ouvir isso. Uma última vez. Meu irmão mais velho acharia que era algo doentio, mas eu não consigo evitar.

Esfrego os olhos com a manga da minha blusa. Quando olho para ele, ele me estuda como se estivesse se lembrando de mim pela última vez.

— Eu sempre te amei, filho. — *Eu sei*. Ele nunca me deixou esquecer. — Foi uma viagem decente. O uísque poderia ter sido melhor no final.

Não consigo rir da piada.

Ele ficou sóbrio. Meu pai ficou sóbrio por um longo tempo. Por mim. Pelo Ryke. Pela Willow. Por ele mesmo.

— Você se lembrará? — ele pergunta, o medo aparecendo em seus olhos pela primeira vez.

— Me lembrarei do que?

— Que eu te amei.

Eu percebo que ele está preocupado com o seu legado. Que talvez, com o tempo, Jonathan Hale não seja lembrado como o homem que lutou para reunir seus três filhos - mas como o velho bêbado que gritava insultos e coisas maldosas.

Não tenho certeza do que acontecerá no futuro. Como vou descrevê-lo para meus filhos à medida que eles envelhecem, mas sei que não deixarei de fora o fato de que ele nos amou. E ele tentou. *Deus, ele tentou.*

Eu aceno algumas vezes. — Lembrarei. — Esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Você sabe... — Está dentro de mim. Eu já disse isso antes. *Isso dói*. — Você sabe... que eu também te amo.

Ele olha para a parede dessa vez, para longe de mim, como se estivesse repetindo essas palavras em sua cabeça. Eu me pergunto se ele acha que não é merecedor do meu amor. Eu sei que meu irmão se sente assim.

Se for, meu pai nunca me diz.

Ficamos em silêncio o resto do tempo e minhas lágrimas secam.

— Pai? — Ryke emerge na porta, Willow ao lado dele. Ele está estóico, seu olhar me encarando por mais tempo que nosso pai.

Eu levanto meu corpo da cadeira. Dou um passo para trás, dando tempo a Ryke e Willow com ele. Ryke fica parado, deixando Willow ir primeiro.

Eu peso uma tonelada.

Estou afundando.

Eu tento sair, mas Ryke segura meu ombro. Então ele fecha a porta, trancando minha fuga. Mal consigo ouvir quando ele fala que conversou com os médicos. Eles disseram que nosso pai não passa de hoje a noite. Eu pisco e procuro uma saída. Eu puxo a gola da minha blusa.

Saia, meu cérebro grita.

Garrafa. Bebida.

Saia.

— Ei — Ryke diz no meu ouvido, me sacudindo pelos ombros.

Afasto as mãos dele e olho feio como se ele fosse o inimigo. *Eu sou o vilão*. Eu me odeio mais agora do que me odiei em fodidos anos.

Pare.

Lute.

— Lily — Ryke me diz, me lembrando. Solto um suspiro profundo. Enquanto me acalmo um pouco, Ryke libera seu aperto em meus ombros. — Eu vou ficar. Acho que nós dois deveríamos, porra.

Apesar do passado, Ryke fez mais paz com Jonathan do que eu jamais pensei que ele faria. E agora ele quer ficar.

E vê-lo morrer.

Balanço a cabeça, meus olhos vão para o chão. Meu pai sabia que eu não poderia lidar com isso. É por isso que ele esperou até o último minuto, e até mesmo agora, eu engasgo.

— Eu não posso... — O ar está muito fino. As paredes estão muito próximas. Estou desconfortável em minhas roupas. No meu corpo. Eu poderia vomitar nessa porra de quarto.

Como eu vivi com esse sentimento por tanto tempo naquela época? Parece que eu estou morrendo.

Eu estava morrendo. Todo maldito dia.

Eu preciso de uma bebida.

Pare.

Lute.

Lily.

— Ei. — Ryke segura meu rosto, meus olhos voltando para os dele. — Eu não posso nem imaginar como essa porra é para você, mas se você sair, você vai se arrepender.

Meus *muitos* arrependimentos estão embaixo da minha pele. Imprimido nos meus ossos. Arrependimentos que nunca irão me deixar. Que sempre irão me assombrar, mas são arrependimentos que eu tenho que enfrentar e aceitar.

A maioria relacionado a bebida e todas as decisões de merda que machucam a Lily. Mesmo que estejamos juntos agora, todos os dias eu me arrependo de não ser o homem que ela precisou. De não ter sido capaz de ajudar minha melhor amiga. Dias e noites enevoados pela bebida. Bebendo.

Bebendo.

Morrendo.

Me arrependo de quanto tempo demorou para eu acordar.

Eu estou acordado agora. Não posso esquecer como é viver sem essa névoa.

Estou acordado. Eu estou vivo.

Lentamente, dolorosamente, ando em direção à cama de hospital dele. Eu puxo outra cadeira. Eu sento lá.

E assisto meu pai morrer.

< 46 >

Novembro de 2025
Cemitério Eden Cross
Filadélfia

RYKE MEADOWS

O funeral do meu pai terminou cerca de dez minutos atrás.

Eu fiquei para trás, sozinho. Olhando para uma pilha de terra. A lápide que ele escolheu se eleva acima de todas as outras. É *enorme* pra caralho. Reviro os olhos para ele - e para os lugares vazios ao redor dele. Os que ele comprou para seus filhos, para nossas famílias.

Eu balanço minha cabeça repetidamente. Passei tanto tempo reprimindo meus sentimentos que não cheguei a um acordo com a morte dele como deveria ter feito dias atrás. Connor me disse que cuidaria de Lo e acrescentou sem rodeios: — Você pode chorar.

Eu o olhei furiosamente, mas não tive que dizer a ele por que não podia chorar. Ele sabe. Não é apenas uma preocupação avassaladora pelo meu irmãozinho. É que eu odiei meu pai por tanto tempo, até mesmo quando estávamos em paz no final. Eu só fico pensando, *por que ele deveria ter minhas malditas lágrimas?*

Vou me lembrar das últimas palavras que eu disse ao meu pai pelo resto da minha vida. — Obrigado por me pressionar a conhecer o Lo, porra. — Meu irmão e minha irmã - são as únicas coisas boas que ele me deu.

A última coisa que ele me disse: — Você sempre foi teimoso.

Passo minhas duas mãos pelos meus cabelos grossos. Eu estudo a terra recém mexida, a lápide gravada - rica, de todos os ângulos que olho.

O que eu digo a seguir, tenho que dizer ao meu pai a sete palmos do chão. Porque eu nunca teria dito isso na porra da cara dele. Eu esfrego minha mandíbula. Então eu fico completamente imovel.

Meu pulso diminui. O vento uiva ao meu redor.

Baixinho, eu digo: — Eu te amei no fodido final.

Eu não choro por ele. Eu não preciso, mas precisava dizer isso.

* * *

Eu subo uma montanha, folhas laranjas e amarelas. Ao meu redor.

Ao redor da minha família.

Enquanto o mundo enlouquece com a morte do meu pai - equipes de filmagens posicionadas do lado de fora dos portões do condomínio fechado 24 horas por dia, como se a realeza tivesse falecido - eu simplesmente deixo esse circo e encontro um consolo melhor.

Daisy, Sulli e eu caminhamos nas Montanhas Smoky, planejando acampar em um local remoto onde estivemos algumas vezes antes. Carrego Winona em um canguru nas costas, feito para longas caminhadas. Quando Sullivan era bebê, ela ficava sentada pacientemente e falava *oohs* e *ahhs* de admiração para cada maldita árvore.

Cada bebê não chega nem perto de ser o mesmo. Winona, de um ano, chuta minhas costas e já tentou se soltar sacudindo as tiras. Daisy fica de olho nela enquanto nossa filha de sete anos corre à nossa frente. Sulli está determinada a ultrapassar o seu limite.

Winona dá uma joelhada na minha espinha.

— Porra — eu xingo.

Daisy sorri. — Precisa trocar? — Ela está carregando uma mochila verde escura com o nosso equipamento.

— Depende, Calloway.

— Do que?

— Se você planeja ou não cair nessa porra. — Ela geralmente anda pulando, sem prestar atenção, e já caiu de cara no chão *quatro* vezes. Suas mãos estão cortadas, mas se você visse Daisy, tão despreocupada, dificilmente notaria.

— Eu? Eu não caio.

— Então o que aconteceu há dez minutos atrás, porra?

— Eu graciosamente me deitei.

Ela me faz sorrir, e eu bato na borda do seu boné de beisebol, escondendo seus olhos. Ela me fez rir quatro vezes hoje - e *porra*,

depois de tudo, daquele funeral... Eu balanço minha cabeça, perdido em pensamentos.

Não há lugar que eu prefira estar do que na floresta, em uma montanha, com Daisy Meadows.

Com Sullivan Meadows.

Com Winona Meadows.

Com minhas garotas, porra. Minha família.

Daisy grita: — Vá para a direita, Sulli! Siga as estacas vermelhas. — Marcamos uma trilha há cinco ou seis anos atrás. Sulli vira para a direita, com o rosto um pouco vermelho e suado à medida que a elevação aumenta. Nem sempre podemos incluir Sulli em tudo. Muitas coisas ainda são perigosas demais. Como andar de moto. Como pular de penhascos em países estrangeiros. Quando dizemos *sim, você pode*, ela vai atrás da tarefa como se fosse sua única chance.

Então, ela caminha como se fosse a primeira e a última vez que sentirá as solas dos sapatos baterem no chão dessa montanha.

Daisy gira o boné para trás enquanto Winona balbucia coisas incoerentes. Minha esposa dá uma cotovelada no meu lado e abre sua garrafa de água. — Adivinha só?

— O que? — Com cada passo que nós damos, me sinto mais forte pra caralho.

— Você tem um pequeno animalzinho nas costas.

Winona ri como se estivesse aprontando algo.

— É mesmo? — Viro a cabeça um pouco, encontrando os grandes olhos castanhos da Winona, manchados de avelã.

Ela chuta os pés e grita feliz: — Papai!

Ela é fofa pra caralho. Eu estico minha mão atrás de mim e com carinho esfrego sua cabeça. Ela segura meu dedo por um minuto ou dois antes de soltar. Daisy nos observa com o sorriso mais amoroso enquanto bebe sua água.

— Ei, amor? — Espero seus olhos pousarem nos meus. — Nós fizemos esse bebê, porra.

— Eu achei que ela se parecia muito com você. — Ela sorri e dá outro gole de água. — Eu não tive certeza por um tempo.

— É mesmo? — Eu mordo a isca. Winona tem meus olhos, mas ela se parece muito mais com Dais. — Houve outros homens que

poderiam ter sido o pai dela?

— Um monte — ela brinca. — Cerca de um bilhão.

— Você fodeu um bilhão de homens, Calloway? — Não fizemos sexo para ter Winona, mas estou falando tão sério quanto Dais agora.

— Um bilhão e um *homem*.

Eu não dou nem um sorriso, o que só faz o dela crescer. Eu a estudo novamente e depois levanto minhas sobrancelhas para Daisy. — Mentirosa.

Ela sorri. — Eu tinha certeza de que ela era do Fred.

— Foda-se o Fred. — Então eu pego a garrafa de água da mão dela, o movimento fazendo água derramar sobre sua boca.

Ela engasga com uma risada, a água escorrendo pelo queixo. Ela nem se incomoda em limpar. — Tão agressivo.

— Você provoca pra caralho.

Ela dá uma risada forte e sincera. Eu quase sorrio e depois a abraço mais perto do meu lado. Eu beijo a cabeça da Daisy, feliz por tê-la aqui.

Cerca de vinte minutos depois, com Sulli já à nossa frente, chegamos ao precipício de uma montanha, uma fogueira de pedra já feita. Sulli está em uma pedra segura, com o rosto maravilhado como se nunca tivesse visto o horizonte.

Daisy e eu nos aproximamos de ambos os lados de nossa filha, o mundo vasto e cercado por árvores alaranjadas, vermelhas e amarelas. Dois pássaros deslizam pela porra do céu azul brilhante. Eu respiro como se fosse um ar intocado, puro - absolvido da dor, da morte.

Aqui, eu me conecto com todos os seres vivos. Com quem eu sou. Onde estou. O *que* eu sou.

— Uau — Sulli respira. Ela viu como é a morte hoje: um caixão. Enterrado. Se foi.

Agora, o tamanho desse mundo reflete em seus enormes olhos verdes. A impressionando. Começo a sorrir para minha filha, pois ela parece agradecida por essa visão. Por estar aqui.

Por estar viva, porra.

Uau.

{ 47 }

Dezembro de 2025
A Casa Hale
Filadélfia

LOREN HALE

No sofá, Lily olha para mim durante o filme. *Toy Story* passa em nossa tv de tela plana, nosso filho assistindo de seu pufe vermelho e comendo pretzels, enquanto Kinney, de um ano de idade, adormeceu no colo da Lily. A essa altura, eu teria pegado Kinney e estaria a segurando enquanto ela dorme.

Eu não fiz isso.

Não posso culpar Lily por estar preocupada.

Eu também não consegui ficar parado, constantemente me mexendo. Desconfortável. Nesse sofá. Na minha pele. Levantei e desapareci no banheiro cerca de sete vezes. Apenas para jogar água no meu rosto. Geralmente, ficamos enrolados um no outro quando assistimos a filmes. Normalmente, eu tenho meus braços em volta dos quadris dela. Eu coloquei mais espaço entre nós, o que franze sua testa com preocupação.

Na maioria dos dias, sinto que posso mover montanhas. Recentemente, sinto que a montanha caiu em cima de mim.

A morte do meu pai ainda está fresca. Faz menos de um mês desde o funeral. Ontem, eu disse ao meu irmão que não poderia passar pela mansão do nosso pai. Eu não vou conseguir empacotar as merdas dele. Não vou conseguir vender a casa onde eu cresci - desejo egoisticamente que ele tivesse levado tudo com ele quando morreu. Seria mais fácil.

Ryke só disse: — Eu cuidarei disso. Você não precisa pensar em porra nenhuma, tudo bem?

— Tudo bem.

Mas estou pensando. Todos os dias, minha mente não para. Com o que está acontecendo hoje à noite, eu deveria estar relaxado. Feliz até. Moffy, agora com dez anos, foi convidado para uma festa

do pijama, e sua irmã de seis anos finalmente recebeu um convite também. Diferentes amigos no condomínio. Casas diferentes. Ambos os pais assinaram os acordos de confidencialidade em um piscar de olhos.

Luna praticamente pulou para fora da porta, animada demais para participar da sua primeira festa do pijama. Mesmo que seus interesses ainda não estejam alinhados com os das outras garotas. Mesmo que ela ainda goste de emitir bipes como R2-D2 e BB-8.

Eu deveria estar feliz.

Eu sei que deveria.

Mas não consigo afastar um sentimento que puxa meus ombros. Isso literalmente mantém meu cérebro em uma pista circular e repetitiva. Pensando e pensando na *única* coisa que poderia parar essa dor terrível dentro das minhas costelas.

Eu esfrego meus olhos ardentes.

Antabuse, eu lembro. Estou tomando Antabuse. Faz anos que não tomo o medicamento que causa doenças físicas se eu bebo álcool. Após o funeral do meu pai, eu renovei minha receita e comecei a tomar novamente. Estou *aterrorizado* com o momento em que me convencerei de que vale a pena.

O momento em que esquecerei as pessoas que amo. Apenas em uma fração de segundo. Isso é tudo o que é preciso. Se eu for empurrado mais para baixo, sinto que posso ser capaz de fazer isso.

Eu já me sentei do lado de fora de uma loja de bebidas. Ontem. No dia em que liguei para o meu irmão, e ele me garantiu que cuidaria de tudo. Então me senti culpado por ter empurrado essas responsabilidades para ele. Liguei para Lily, e ela apenas falou baixinho sobre Hellion e X-23. Eu relaxei o suficiente para dar a volta até o meu carro.

Os paparazzi me seguiram naquele momento. Tive sorte de não terem tirado uma foto minha no estacionamento. Não quero que meus filhos pensem que escolhi álcool em vez deles. Tudo está simplesmente me rasgando por dentro.

Apenas por dirigir até lá, sinto que traí minha família e a mim mesmo. A culpa deveria me impedir de tomar um gole, mas eu redireciono para esses pensamentos: *qual é o sentido, por que não*

simplesmente cruzar essa linha e realmente beber - então eu vou tirar algo desse momento. Então eu vou parar de me sentir um merda por um momento. Talvez então eu fique entorpecido.

Eu olho para Lily, prestes a dizer a ela que vou sair de casa por um minuto. Ela vê algo nos meus olhos porque diz: — Você pode segurar a Kinney? — Lily está prestes a passar nossa filha adormecida para mim, mas eu me levanto antes que ela possa.

Eu sussurro: — Eu vou sair, apenas por dez minutos.

Lily estuda o meu rosto, e eu faço de tudo para bloquear a verdade.

Não muito tempo depois, ela sussurra com firmeza: — Não. Você precisa ficar aqui.

— Eu estou bem, Lily. — A raiva atravessa minha voz. — Eu só quero um pouco de ar fresco. Talvez eu vá até a casa do Ryke.

Lily se levanta e coloca Kinney em uma cadeira de balanço ao lado do pufe do Xander. — Eu posso ligar para o Ryke vir aqui. Eu acho que você deveria ficar.

Ham se anima do seu lugar ao lado do meu filho caçula, suas placas de identificação tilintando. Os grandes olhos orbitais do basset hound praticamente me imploram para levá-lo para passear. Ao lado dele, Xander se inclina sobre seu pufe, olhando de cabeça para baixo para mim. Seu cabelo castanho está pendurado com sua cabeça. — Papai? Aonde você vai?

Meu estômago se revira. Meus músculos se flexionam e o ácido queima minha garganta. — Para o tio Ryke, rapazinho.

Ele murmura palavras que soam como *eu posso ir com você?*

— Não, não vou demorar. — Eu ando ao redor do sofá e entro no vestíbulo, fora da vista da sala de estar. Lily de repente corre em volta de mim, derrapa em frente a porta e estende os braços de ambos os lados.

Ela é muito menor que eu e pesa pouco mais de quarenta e cinco quilos - mas vê-la tentar me impedir fisicamente me corta por dentro e queima meu cérebro.

Eu amo Lily mais do que eu me amo agora.

— Lily Calloway — eu digo o nome de solteira dela, que parece estranho nos meus lábios. Não falo *Lily Calloway* há muito tempo,

porém dói mais quando me lembro que ela está conectada a mim. Minha esposa. A minha melhor amiga. Meu primeiro e único amor.

Minha alma gêmea. Se eu estou sofrendo, ela está sofrendo.

— Loren Hale — ela responde, tentando permanecer forte. Ela empurra seu peito para cima como se realmente pudesse me impedir de sair por aquela porta.

Eu me aproximo e aceno para ela. — Você acha que isso realmente vai me parar?

— Sim — diz ela, queixo erguido. — Porque você é melhor que isso.

Você é melhor do que eu era. As palavras do meu pai cortam o meu peito. Olho para o teto e balanço a cabeça, meus olhos enchendo de lágrimas quase que instantaneamente. — Nesse momento, eu não sou.

Ele estava errado. Não posso afastar esses impulsos e esses desejos. Não importa se eu tenho um filho, dois, três, quatro ou nenhum. Eu ainda sou um viciado. Eu *sempre* vou me sentir assim. Não há escapatória.

Eu quero sair dessa pele.

— Você é — ela diz fortemente. — Esse é um dia horrível, uma noite, semana, mês... talvez até ano. — Seu peito sobe e desce com respirações pesadas. — Mas haverá bons dias. Você só precisa passar por essa parte, Lo. Ok?

Inconscientemente, nos aproximamos um do outro. Estou despedaçado, e quando a puxo em meus braços, quando a abraço no meu peito, quando ela se segura em mim com tanta força, quando seu calor me cobre - estou inteiro. Como se fosse aqui que eu pertencesse.

Os desejos não desaparecem magicamente com seu abraço, mas ela reforça minhas defesas, minha crença em mim mesmo. Não é realmente uma garota que me conserta. É um exército de pessoas que eu amo e que me amam.

É um telefonema para o meu irmão. É um lembrete do Connor de que estou fazendo o meu melhor. É Lily sendo a outra metade do meu coração.

Olho para minha melhor amiga. Seus olhos carregam a mesma dor que os meus. Compartilhamos nossos sentimentos como

compartilhamos todo o resto. Eu luto contra essa agonia.

Eu mal consigo dizer: — Eu não acho que consigo aguentar um ano horrível, Lil.

Ela me abraça mais forte.

Seguro seu rosto com uma mão, meu polegar pegando uma lágrima.

— Um ano é um pontinho em nossa vida, Lo — ela sussurra. — Você passou por coisas piores. Você consegue aguentar um ano horrível. Eu sei que você consegue.

Concordo com a cabeça algumas vezes, deixando as palavras dela penetrarem no meu cérebro. Talvez um ano pareça mais curto do que eu estou imaginando.

— Haverá anos bons — ela acrescenta subitamente. — Você pode não pensar isso agora, mas haverá um ano bom. Veremos nossos filhos e filhas sorrirem. — Meu peito sobe. — Vamos ouvir a Luna nos contar histórias...

Eu beijo a Lily. Um beijo que acende toda a minha alma. *Eu estou vivo. Estou acordado.* Eu seguro seu rosto e aprofundo o beijo até que ela se aproxima ainda mais do meu corpo. Respirando vida em mim.

Eu quero manter meus olhos bem abertos para as pequenas coisas. Um sorriso. Uma risada.

Uma história.

Não quero fechar os olhos e esperar o fim do ano.

Só nos separamos quando alguém bate na porta. Então meu celular começa a tocar no bolso da minha calça jeans. Nós dois temos dificuldades em nos separar, mas quando finalmente desvencilhamos um do outro, ela se dirige para a porta e eu verifico o identificador de chamadas no meu celular.

Merda.

É Hannah Yankton. A mãe que mora uma rua acima no Cider Creek Pass. Ela está hospedando a festa do pijama. Aquela em que Luna está agora.

Assim que eu atendo, Lily abre a porta. Meu irmão em calça de corrida e uma camisa cinza do Acampamento Calloway de repente cruza o limiar. Minhas feições se acentuam ao ver sua preocupação

sombria por mim, mas eu o amo. Eu amo que ele esteja aqui, e estou feliz que Lily tenha o chamado sem que eu saiba.

Hannah cumprimenta: — Oi, Loren?

— Está tudo bem? — Eu assisto a preocupação de Lily aumentar. Ela puxa a barra da blusa de mangas compridas. Meu irmão mais velho entra mais em casa e espia na sala de estar. Eu o ouço cumprimentar Xander antes de voltar para o vestíbulo.

— Hum... — Hannah vacila um pouco. *Isso não é bom.* — Estou ligando porque... hum, vocês precisam buscar a Luna. Ela quer ir para casa mais cedo... você ou a Lily podem vir buscá-la?

* * *

O vento morde minha pele exposta, as solas dos meus sapatos duras contra a rua enquanto corro. Saí sem pegar uma jaqueta, mas a casa dos Yankton fica na rua adjacente. Não tão longe. Então eu simplesmente saí correndo. Menos de um minuto e minhas pernas estão como aço e ferro. Na esquina da Whisper Ridge e Cider Creek, começo a andar. Me arrastando.

Vai, Lo.

Quanto mais rápido eu me mover, mais rápido eu posso levar Luna para casa. Minha respiração pesada faz fumaça no ar e olho para o meu irmão mais velho. Ele manteve o meu ritmo, diminuindo o passa para uma caminhada comigo.

Lily não nos seguiu, não já que o Ryke está comigo, alguém que *definitivamente* se certificará de que eu não faça um desvio repentino. Ele pode realmente me parar fisicamente se isso acontecer.

Mas não vai.

Não *vou* escolher álcool em vez de minha filha. Ela precisa de mim, e isso tem que ser o suficiente hoje à noite.

Ryke se abaixa e massageia sua coxa direita.

— Cãibra? — Eu pergunto.

Ele concorda. — Está frio pra caralho.

O inverno é o pior para a sua perna, e ele não se alongou antes de correr. — Eu posso te ajudar a se alongar mais tarde.

— Academia depois disso? — Ele sopra em suas mãos. Sua oferta lixa um pouco da areia nos meus ossos.

— Sim. — *Isso*. O que é *isso*? Pode estar frio, mas meu corpo fica quente, fervendo com diferentes cenários. Eu aumento meu ritmo, mas meu passo diminui para uma corrida fraca. Acabo andando muito rápido, descendo a Cider Creek.

O cadarço do Ryke desamarra. Ele é capaz de amarrá-lo e *me* acompanhar, não ficando para trás. Não é porque eu sou lento. É porque meu irmão fortalece seu corpo todos os dias, saltando sobre obstáculos que certa vez o arrastaram para baixo.

Ele, aqui, me lembra que todos podemos ficar de pé novamente.

Eu posso fazer isso.

E eu corro. Ele fica bem do meu lado e, quando chego à caixa de correio da Hannah, diminuo a velocidade.

— O que você acha que aconteceu nessa porra? — Ryke pergunta enquanto corremos pela calçada até uma porta da frente com acabamento em carvalho. A casa é grande, pintada de branco, várias colunas brancas de três metros e um quintal bem cuidado. Piso no tapete vermelho de boas-vindas. Na varanda da frente, três cadeiras de balanço rangem a cada rajada de vento.

O lugar é legal. Amigável, até.

— Talvez ela tenha ficado com medo. — Bato na porta e toco a campainha. — É a primeira festa do pijama dela. — Em outra casa sem ser na da tia Rose e tia Daisy, pelo menos.

Ryke bate na porta com o punho.

Então, um segundo depois, ela se abre, uma morena de trinta e poucos anos do outro lado. — Oi. — Hannah segura a porta, mantendo o calor do lado de dentro e o frio de fora. — Luna está só pegando as coisas dela.

Ela nunca se afasta. Percebo muito rapidamente que não estou sendo convidado para entrar. Não seria a primeira vez.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

Hannah estremece, as bochechas corando. Não tenho certeza se é por causa do frio ou outra coisa. Minhas defesas catapultam, mas tento seguir o sábio conselho do Connor: *não reage de forma exagerada. Saiba os fatos primeiro.* É muito mais difícil do que ele faz parecer.

— Sinto muito — ela me diz rapidamente. — Eu não sabia que Jeffra e as outras garotas planejavam fazer algo... assim. Se eu soubesse que ela não era realmente amiga da Luna na escola, não teria deixado Jeffra convidá-la.

Todo o sangue foge da minha cabeça. O nariz do Ryke se abre e, assim que abro a boca para pedir mais detalhes - para ela começar do maldito começo -, minha filha aparece na porta.

Ela tenta abrir a porta de carvalho mais para poder passar por Hannah.

Ryke ajuda e empurra a porta, calor saindo e frio entrando.

Assim que a vemos completamente, o tempo para por um momento.

— Papai — Luna me chama, lágrimas nos olhos. — Podemos ir para casa?

Não preciso mais perguntar a Hannah o que as outras meninas fizeram. Eu vejo. Na testa da Luna. Com um marcador permanente. Elas rabiscaram uma palavra.

ESTRANHA

O fogo me enche. Algo que sobrepõe o ódio. Essa urgência paterna corre pelas minhas veias - essa decisão de proteger minha filha dessa merda. Para levá-la para longe, muito longe daqui.

Mal ouço Hannah falar enquanto me movo rápido com meu irmão. Me agacho na altura da Luna, que arrasta sua mochila em forma de alienígena e seu saco de dormir enrolado, vestindo apenas seus pijamas roxos, sem sapatos. Luna joga os braços em volta do meu pescoço.

— Eu... Eu sinto *muito* mesmo — Hannah gagueja. — Eu tive uma conversa com todas as meninas. Sério. Isso foi apenas um grande erro, e minha filha será definitivamente punida.

Esfrego as costas da Luna e passo a mochila para o meu irmão. Ele abre o zíper e procura os sapatos e o casaco dela. Ele me passa o tênis. Luna está chateada demais para se vestir, embora suas lágrimas ainda não tenham caído. Coloquei um dos seus pés no sapato. Ryke me entrega o outro, e eu o coloco.

Quando ele encontra seu casaco branco, Ryke se agacha e ajuda a passar os braços dela nos buracos. Eu me levanto enquanto ele distrai Luna de mim. Para que eu possa falar com essa mãe.

Eu me inclino para Hannah e digo humildemente: — Se *qualquer* parte dessa noite acabar na internet, você vai ser processada por tudo o que você vale.

A cor some do seu rosto. — Não vai.

Eu não digo outra palavra para ela. Ryke fecha o casaco da Luna e depois pego minha filha no colo, a carregando do meu lado. Meu irmão pega a mochila e o saco de dormir dela. Saímos de lá em menos de dois minutos e, quando chegamos ao meio-fio, sinto algo molhado encharcar minha camisa.

Olho para baixo, sua virilha manchada.

Luna funga. — Adormeci primeiro e elas colocaram minha mão na água. Elas falaram que sempre fazem isso. — Seus olhos âmbar cheios de lágrimas olham diretamente para mim. — Eu não conhecia as regras da festa do pijama.

Estamos a um quarteirão de distância, e eu a coloco no chão e me ajoelho no asfalto, ficando perto da altura dela. — Não há regras para uma festa do pijama, Luna. Quem faz brincadeiras assim não é sua amiga. Elas não são boas pessoas.

Ela esfrega a testa, sabendo o que está lá. — Não quer sair.

O queixo de Ryke fica duro como uma rocha, e ele tem que passar por nós por um momento, xingando baixinho.

Pego a pequena mão da Luna, a impedindo de tocar sua testa. Eu a seguro firmemente. — Foi escrito com marcador permanente — eu digo, não mascarando essa merda. — Você terá que esperar para isso desaparecer. — Cada palavra sai calma, mas eu poderia muito bem abraçar minha filha e chorar com ela.

Os lábios da Luna tremem. — Não vou poder tirar?

— Vai desaparecer em um dia ou dois, só isso. — Aperto a mão dela. — Luna, eu preciso que você saiba de uma coisa.

Ela levanta seus grandes olhos para os meus e, pela primeira vez, ela chora. Lágrimas deslizam por suas bochechas macias, e eu as limpo com o polegar. — Eu te amo — digo fortemente. — Sua mãe te ama. Seus irmãos e irmã te amam. Suas tias, tios e primos amam você. — Eu seguro suas bochechas. — Você é amada pra *caramba.*

— Você disse um palavrão, papai — diz ela, catarro escorrendo. Eu limpo o seu nariz com a barrinha da minha camisa. — E você

esqueceu de uma coisa.

— O que eu esqueci? — Pergunto.

— Eu não tenho nenhuma amiga que me ama. — O jeito que ela diz isso - como se fosse o que mais importa - quebra meu maldito coração.

— Luna Hale — eu respondo. — Deixa eu te contar o segredo do universo.

Ela esfrega os olhos com o punho, mas as lágrimas continuam fluindo. — Do universo inteiro?

— Do universo inteiro — afirmo. — Seu valor não é determinado pelo número de amigos que você tem. Você pode ter *zero* amigos e ainda ser a pessoa mais incrível e *espetacular* de toda a galáxia. Você quer saber por quê?

— Por quê? — Sua voz é fraca, mas o sistema hidráulico foi fechado.

— Porque o amor que os amigos te dão não é nada comparado ao amor que você se dá. Você ama quem você é, Luna Hale?

Ela assente vigorosamente. — Sim.

— Então você é a rainha da sua própria galáxia. — Me levanto e ela agarra minha mão enquanto voltamos a caminhar.

Ryke se aproxima e acena para Luna. — Oi, docinho.

— Tio Ryke, eu não sou uma estranha. — Ela estende a mão para esfregar a testa novamente.

— E daí se você for? — Ryke diz. — Pessoas estranhas são legais pra caralho.

— Sério? — ela pergunta, franzindo a testa. Ela não o repreende por xingar, já que todos os nossos filhos sabem que o *tio Ryke pode dizer palavrões.*

— Sim, sério. — Ele bagunça o cabelo dela e depois coloca o gorro Wampa na sua cabeça. Acho que estava na mochila dela. — E para adicionar ao que seu pai disse a você. Amigos vêm e vão, porra. Família é para sempre.

Andamos talvez mais um quarteirão e então um carro desce a rua iluminada. O Escalade da Rose para e eu olho para meu irmão mais velho. Ele é o único que poderia ter contado a alguém o que aconteceu.

Ele dá de ombros como se não fosse nada. — Enviei uma mensagem no grupo. Eu tive que... libertar o que estava sentindo nessa porra. — Eu posso imaginar o tipo de palavras que ele usou nessa conversa em grupo.

A janela é abaixada, revelando Rose Calloway Cobalt em toda a sua glória das 22:00. Cabelo torcido em um rabo de cavalo, vestida com um robe de seda preta. Ela desliga os faróis, já que Luna está apertando os olhos, e Rose se inclina para a janela, penetrando os olhos verde-amarelados em mim.

— Eu tenho dois meninos no meu carro que querem dormir na sua casa. Eles também estão de *castigo*, então não podem assistir televisão. — Ela diz a última parte em voz alta, e todos podemos ouvir risos do SUV. Seus olhos se estreitam para mim novamente. — Estou falando sério. Não os deixe assistir televisão.

— Moffy está em uma festa do pijama — eu digo, embora ela provavelmente já saiba disso. — Então, se foi o Charlie e Beckett...

— Não é. — Ela se vira e diz aos filhos: — Vocês podem sair. Comportem-se na casa do tio Loren.

Tom, de cinco anos, sai do carro primeiro, com o cabelo castanho dourado penteado para trás. Meus músculos congelam, meu corpo se solidifica como gelo. Não acredito no que estou vendo.

Uma palavra está escrita na testa dele em marcador preto.

ESTRANHO

Ele coloca sua mochila preta no chão enquanto seu irmão mais velho salta para fora do carro. — Obrigado por nos trazer, mãe! — Eliot, de seis anos, grita e gira, a mesma palavra na testa.

Meus olhos mais suave voam para Rose.

Ela balança a cabeça, mas está sorrindo. — Não foi a minha ideia. Eles ouviram a minha conversa com o Connor. Estávamos falando sobre isso, e então eu os peguei no banheiro assim. — Esses são os filhos da Rose. Não há nenhuma dúvida sobre isso.

Solidariedade.

Para minha filha ter isso. *Cristo.* Eu balanço minha cabeça internamente, emocionado. Falamos sempre de mover montanhas, mas às vezes as pessoas podem girar completamente o mundo, apenas para que outra pessoa possa cair de pé.

Eu aceno para Rose em agradecimento, e ela fecha a janela. Esperamos que ela dê a ré no seu SUV e volte para a casa. Então começamos a caminhar em direção à minha novamente.

Pego as mochilas do Eliot e Tom, as jogando no meu ombro.

Luna está rindo. — Por que vocês fizeram isso? — Ela aponta para a testa do Tom.

Tom enfia as mãos nos bolsos do casaco. — Porque se elas vão *te* chamar de estranha, isso significa que somos estranhos.

— Definitivamente — Eliot concorda.

Quando voltamos para casa, *sinto* todos os sentimentos que Lily me disse hoje à noite. Nossos dias ruins têm a capacidade de melhorar. Pode ser um mês horrível. Um ano horrível. Mas *haverá* bons dias, bons momentos, ótimos segundos.

Juro nunca esquecer isso.

2026

“Vocês são todos incrivelmente chatos.”

- Charlie Keating Cobalt, *Nós Somos Calloway (Temporada 08 Episódio 12 - Trio do Temperamento Quente & Clube das Crianças Mais Velhas)*

< 48 >

Junho de 2026
Acampamento Calloway
Montanhas Pocono

DAISY MEADOWS

— Olhe para aquele caranguejo terrestre! Que lindas garras e conchas, ela rasteja e rasteja — narro a aventura da Winona enquanto vasculho os papéis em uma mesa. Dentro do escritório da diretoria do Acampamento Calloway, minha filha de dois anos de idade pula de um pufe colorido para o outro. Cerca de sete estão espalhados.

É muito adequado para crianças aqui.

— Ops, ela caiu! — Eu digo enquanto Winona se joga em um pufe amarelo.

Sullivan, de oito anos de idade, finge estar dormindo no meio dos pufes, e de repente ela se desenrola e se ajoelha.

Eu ofego. — Uma onda está chegando!

Winona grita.

Sulli sorri largamente e levanta os braços como se estivesse prestes a consumir sua irmãzinha. — Woosh woosh — Sulli entra na brincadeira.

— Ondas varrem pequenos caranguejos terrestres. Vai! Vai! Vai, Winona, vai!

Winona grita novamente, um riso sendo abafado pelos gritos. Ela pula para o pufe vermelho. Meu rosto se ilumina. Tenho dificuldade em me concentrar nos documentos legais. O diretor do acampamento precisa da minha assinatura cerca de dez minutos antes de eu ir embora.

Meus advogados que elaboraram os contratos, então não é uma transação cega.

Winona se joga no pufe azul, seus cabelos castanhos muito mais claros que os da irmã mais velha. Libertos e soltos. Tão selvagem quanto os da Sulli. Eu gravaria esse evento, mas Ryke está com a

câmera. Ele está em algum lugar lá fora. Cerca de uma hora atrás, ele filmou a Sulli saindo do carro.

É a primeira vez dela no acampamento.

...e em breve iremos embora sem ela. Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Eu construí esse acampamento. Eu sei que ela está segura aqui, mas nunca fiquei longe da Sulli por mais de quatro dias.

Enquanto Sulli se joga na sua irmã, Winona grita algo que parece ser *eu sou apenas um caranguejo terrestre!* Ela se autodenominou o Caranguejo Terrestre Mais Poderoso de Toda a Terra essa manhã. Ela mordeu o braço do Ryke quando ele a pegou, e então ela beliscou as bochechas dele. — Minhas garras de caranguejo! — ela disse.

Eu não conseguia parar de rir, então ele bateu na ponta do meu boné de beisebol para ficarem sobre os meus olhos. O que só me fez rir mais. Então eu girei o boné verde para trás.

Eu ainda o uso agora.

Ryke e eu assistimos principalmente Nat Geo e Discovery Channel, então o conhecimento de Winona se inclina para os animais e a natureza. Na semana passada, ela nos disse que era uma pantera, e se escondeu atrás dos móveis da sala e passou uma hora inteira perseguindo Ryke.

Que ficou sentado no mesmo lugar o tempo todo enquanto comia seu cereal de granola.

Eu falo: — Lá vai a onda!

Sulli levanta a camisa branca da Winona, coloca a boca na barriga dela e assopra.

Winona ri — Sulli!

Sulli faz cócegas na cintura da irmã. — Te peguei, esguicho.

Tiro a tampa de uma caneta com os dentes e assino o papel de cima, balançando sobre os pés. As risadas da Winona diminuem e ouço Sulli dizer a ela que voltará logo. Então eu olho para cima.

Minha filha abre o zíper da sua mochila azul turquesa, um saco de dormir combinando enrolado nas proximidades. Sulli está com esse olhar profundo e contemplativo. Um que aparece quase todos os dias. Ela fecha novamente a mochila e depois coça a cabeça, depois mais perto da linha do cabelo. Isso aí - o coçar de cabeça -

me diz que ela está nervosa. Ela costuma coçar logo abaixo da touca de natação durante as competições “mais importantes”.

Ainda não assinei outro papel. O que estou sentindo por ter que deixar Sulli aqui por um mês inteiro pode nem se comparar a como ela está se sentindo.

Eu cuspo a tampa da minha caneta. — Adivinha só, Sulli?

Sulli me encara e depois se aproxima. — O que?

— Eu estou com o nome da cabine que você irá ficar. — Eu vasculho os papéis, procurando a carta dela de boas-vindas ao acampamento. Eu pretendia dar a ela quando sairmos do escritório, mas talvez isso distraia sua mente de uma possível saudades de casa. Bum! Eu encontrei a carta. Eu aceno para ela e ela pega o envelope.

Ela abre a carta e lê rapidamente.

Ela abre a carta e lê rapidamente.

Os ombros da Sulli caem, só um pouquinho. — Eu pensei que ia estar na cabana Margarida Amarela?

— Margarida Amarela é para crianças de dez anos. Você estará lá em alguns anos. Agora, você está começando na cabana Papoila Vermelha.

Sullivan redobra a carta.

Eu ando em volta da mesa e depois cutuco seu cotovelo com o meu. — O que foi?

— Eu não sei… — Ela olha pela janela e puxa sua blusa folgada. Os campistas estão indo para suas cabanas de madeira e se despedindo dos pais. Alguns estão chorando por ser a primeira vez aqui. Outros são veteranos alegres. Os animados correm em direção ao refeitório onde a Festa de Boas Vindas será.

Eu sempre pensei que a Sulli seria igual eles, e acho que ela pensou isso também. Durante anos, ela falou sobre ter idade suficiente para *finalmente* ir ao Acampamento Calloway.

Seus longos cabelos castanhos caem em ondas emaranhadas. — Você tem certeza que não pode ficar? — ela pergunta. — Você não pode ser monitora esse ano? — Ela pula e senta na mesa.

Me sento ao lado dela, nossas pernas balançando. Ela sabe que sou a proprietária, não uma monitora ou diretora. — Os monitores

aqui são totalmente incríveis, então, ei, você nem vai perceber que eu não estou aqui.

Sulli levanta os pés e os coloca na mesa, as longas, longas pernas dobradas em direção ao peito. Ela toca suas pulseiras coloridas no tornozelo, como se estivesse garantindo que elas ainda estão lá. Já fizemos um monte só esse ano.

Sulli descansa o queixo no joelho e vira a cabeça na minha direção. — Eu já estou com saudades de você, da Nona e do papai, e você está bem aqui.

Lágrimas brotam nos nossos olhos. Esfrego meu nariz no dela e sussurro: — Volto para os Dias da Alma. Eu sei que está longe, mas há muita coisa no acampamento que você vai adorar.

— Tipo o quê? — ela diz tão baixinho.

— Andar a cavalo. Você *nunca* andou a cavalo e é uma sensação de liberdade, Sulli. Você jogará *grandes* jogos de "capture a bandeira" que fará seu coração disparar. Tirolesa, o belo lago, escalada. E então você vai fazer amizade com as meninas na sua cabana. Você ficará acordada até tarde da noite contando histórias. Você pode até ir pregar peças nas cabanas dos meninos, só porque você pode.

Ela ri baixinho em um sorriso.

— Você provavelmente vai odiar os chuveiros, mas as outras meninas também. Vocês irão dar risada e se unirão e perceberão que todas estão igualmente com saudades de casa, mas pelo menos estão com saudades de casa juntas.

O Acampamento Calloway tem a mesma idade que Sullivan Minnie Meadows. Eu nunca fui para um acampamento quando tinha a idade dela, mas ao longo de oito anos, vi campistas e suas experiências suficientes para sentir empatia e tudo o que acabei de falar.

Sullivan abaixa as pernas e as balança, um pouco mais alegre. — Queria que a Jane estivesse aqui.

Sullivan abaixa as pernas e as balança, um pouco mais alegre. — Queria que a Jane estivesse aqui.

Jane ficou doente no último minuto. Ela tentou vir de qualquer maneira. Segundo Rose, Jane fez as malas e sentou-se no carro,

pronta para partir. Eles a teriam trazido, mas ela estava com febre de quase trinta e nove graus.

— Moffy está aqui — lembro a Sulli, embora eu saiba que não é o mesmo em sua mente. As cabanas são divididas entre meninos e meninas. Algumas atividades também são. Então ela não vai ver Moffy o tempo todo.

Sullivan respira fundo e com entusiasmo, e olha novamente para a janela. — Nós podemos nadar no lago, né? — Essa é a décima vez que ela pergunta, preocupada que a resposta possa mudar.

Eu reafirmo que ela definitivamente vai poder nadar e digo: — Então, eu tenho essa teoria.

Sulli sorri imediatamente. — Posso adivinhar?

Teatralmente, eu aceno para ela. — Meu bolinho de manteiga de amendoim.

— Sua teoria é que farei pelo menos um amigo ou amiga duradoura. Se não nesse ano, no ano que vem, e se não no ano que vem, no ano seguinte e se não nele, bem... talvez eu já tenha esse tipo de amigo.

Ela inventou tudo isso sozinha. É uma teoria com um resultado positivo, não importa o que aconteça. Nós duas estamos sorrindo, e nós duas estamos com os olhos cheios de lágrimas novamente.

— Essa é uma teoria brilhante, se é que eu já ouvi uma — digo.

Ela dá risada.

Eu dou risada.

Saltamos da mesa juntas e eu abraço minha filha.

— Eu te amo muito, mamãe.

— Eu também te amo. — Esfregamos nossos narizes novamente e, quando nos separamos, ela fica mais leve. Ela pega sua mochila.

— Eu posso ajudar. Você precisa que eu carregue sua mochila? Posso te acompanhar até a cabana?

— Não. Eu acho que quero fazer isso sozinha. — Ela joga a mochila no ombro e enfia o saco de dormir debaixo do braço. — Você vai vim se despedir depois?

Eu ofego. — Você acha que eu não iria?

Ela sorri. — Não, eu sei que você iria. — Quero ter certeza de que ela está bem com o beliche e também tirar algumas fotos antes de sairmos.

Sullivan abre a porta e acena para sua irmãzinha. — Te vejo depois, esguicho.

Winona rola do pufe que estava. — Tchau! — Ela não faz idéia de que a Sulli vai ficar aqui um mês inteiro, ou então ela estaria chorando e agarrando as pernas da Sulli. Ryke já está preparado para uma birra na volta para casa. Ele comprou duas barras de chocolate para mim. Porque o chocolate é a cura para a maioria das coisas.

Bolo é a cura para tudo.

— Sulli — eu digo antes que ela saia. — Talvez você veja seu pai aí fora. — *Acho* que ele provavelmente foi testar a parede de escalada, confirmando que todas as âncoras estão seguras. Ele costuma fazer isso todo verão e, em alguns anos, ele é instrutor de escalada por uma semana ou durante os Dias da Alma. — Só para te avisar, ele vai querer um abraço antes de ir embora e talvez ele chore.

Sulli sorri novamente.

— Ah, e talvez ele não vá querer te soltar, então você terá que tentar convencê-lo a voltar para casa comigo.

Ela dá risada. — Não vai ser difícil. Papai te ama, tipo... muito.

Eu também o amo, tipo, *muito*.

E então ela está do lado de fora. Eu a observo pela janela da porta, caminhando para a cabana Papoila Vermelha, sozinha e corajosa. Tão corajosa. Porque todo campista provavelmente sabe quem ela é antes mesmo que ela se apresente. Na mesma respiração, ela não tem ideia de quem eles sejam.

É uma situação desigual, mas se tem uma pessoa que possui a resistência e vontade de se elevar - é Sullivan Minnie Meadows.

Igualzinha o pai dela.

* * *

Do lado de fora, estou sentada nos degraus de madeira do escritório da diretoria, Winona entre as minhas pernas. Ela mexe nas pulseiras no meu tornozelo e tenta desamarrar uma. Estou esperando pelo Ryke para que possamos nos despedir da Sulli.

Loren Hale está inclinado contra um carvalho a apenas cinco metros de distância, com a atenção voltada para as cabines Rosa Branca. Bem longe daqui. Eu avisto a camisa do Moffy: um logotipo de Vic Whistler dos quadrinhos de *O Quarto Grau* nas costas. Ele está conversando com outros dois meninos perto aquelas cabines.

Eu digo em voz alta: — Representação precisa de dizer adeus: *ei, Daisy, isso vai ser tão ruim quanto você é ruim em...*

— Uou — Lo interrompe, seu olhar cimentado em mim. Ele aponta para sua camiseta preta. — Não sou o seu marido.

Eu finjo surpresa. — Você não é? Você se parece muito com ele.

Lo lança um sorriso seco para mim e depois diz a Winona: — Sua mãe *realmente* acha que ela é engraçada.

— Porque ela é! — Winona grita.

Eu sorrio e Lo finge estar magoado. — Winona, você acabou de perfurar o meu coração.

Winona puxa minha pulseira no tornozelo e murmura: — É porque eu sou um caranguejo.

Lo me olha como se dissesse *essa criança é cem por cento sua.* — Eu pensei que tinha uma macaquinha como sobrinha?

— Ah, não, ela é um caranguejo agora.

— Caramba.

Winona ouve palavrões com muita frequência para se encolher.

Lo se afasta da árvore e deve se lembrar do que eu disse antes. — A primeira vez é a pior, porque você não tem certeza se eles gostam ou não, mas Moffy mal podia esperar para voltar. Para uma criança que não confia muito nas pessoas, ele estava *animado* para ir a um lugar povoado por seus colegas. Isso é alguma coisa, Daisy. O que você criou, é bom. É realmente muito bom.

Eu ilumino com minhas feições. — Obrigada Lo. Isso significa muito.

— Aproveite, porque eu só dou um elogio por ano e você acabou de atingir seu limite.

Eu ajo como se eu pegasse o elogio no ar e o coloco dentro do meu *sutiã*. Eu dou um tapinha no meu peito. — Está guardado e seguro. — Eu literalmente só faria isso com Lo ou Ryke - Ryke, porque ele entende melhor o meu humor. Lo por causa das reações dele de *o que diabos*.

Ele faz uma careta. — Agora eu tenho que lavar meu cérebro com cloro quando chegar em casa.

Eu estremeço. — Parece doloroso.

— Não é tão doloroso quanto outras coisas… — Seu olhar vai para o lago e sua voz diminui. Ryke disse que novembro foi o pior mês para seu irmão mais novo, mas ele perseverou.

Jonathan Hale deixou sua casa especificamente para Lo. Foi ele quem cresceu entre aquelas quatro paredes, quem tinha lembranças de cada cômodo. Ryke disse que Lo queria se separar da casa - que era um passado que ele poderia revisitar, mas que ele sabia que tinha que deixar para trás.

Em março, Lo encontrou forças para entrar na casa de seu pai.

Em abril, ele a vendeu.

O resto dos outros bens de Jonathan foram divididos entre seus três filhos, por pedido dele.

Se você olhasse para o Lo agora, não veria peso nos ombros dele. Você não veria fardo ou tormento atrás de seus olhos âmbar. Ele olha para o lago como se tivesse encontrado a dor que mencionou, mas hoje e amanhã, tudo o que sente é que está livre.

Ele só vira quando Ryke surge na trilha de terra, carregando um *enorme* tronco de árvore. Cerca de dois metros e meio de comprimento.

— Que diabos você está fazendo? — Lo balança a cabeça em descrença. — Você tropeçou, caiu em um vórtice temporal e saiu como um lenhador? Traga o meu irmão de volta. — Ele provoca e empurra o ombro de Ryke.

Ryke quase sorri e coloca o tronco da árvore no chão. Cascas de árvores voando.

— Olha só o tamanho desse tronco. — Eu balanço minhas sobrancelhas para o meu marido. — Tem o que, vinte, vinte e dois e vinte e cinco centímetros? — Eu me concentro em sua virilha.

Ryke levanta as sobrancelhas para mim. — Ei, Calloway?

— Sim?

— Tronco errado.

Sinto meu sorriso puxar minha cicatriz. — Mas é o meu favorito.

Lo torce o nariz, a cabeça balançando entre Ryke e eu. — Ainda estou ouvindo, raisins. Esperem até eu ir embora para que isso

comece. — Então ele aponta para o tronco. — Sério, mano, que porra é essa?

— Estava apodrecendo — diz Ryke. — Eu não queria que caísse em cima de alguém. — Lo pode agir como se seu irmão fosse louco, mas quando se trata da segurança de crianças pequenas, ele pode ser ainda mais cauteloso.

— Meu irmão — Lo declara e depois inclina a cabeça para mim. — Você se casou com essa pessoa, já percebeu isso?

Eu olho para Ryke enquanto ele olha para mim. Suas feições sombrias escondem um milhão de aventuras perigosas. Umas que experienciamos juntos. Onde estamos tudo, menos sozinhos. Seus lábios começam a se levantar mais alto e mais alto. Pego nossa filha inquieta de dois anos em meus braços e seu sorriso toca seus olhos.

Você se casou com essa pessoa, já percebeu isso?

É uma pergunta familiar do Lo, mas com uma nova reviravolta. Geralmente ele pergunta a Ryke se ele percebeu com quem ele se casou. Eu sorrio para Lo porque ele me conhece e me ama por razões além de levar felicidade ao seu irmão. Ele me ama por eu ser eu.

— O que? — Lo me pergunta como se eu fosse a pessoa mais estranha do mundo. Eu apenas sorrio mais, e ele levanta as mãos. — Quer saber, não me diga. Você provavelmente está sorrindo porque o *sol* está no céu. — Ele acena para o irmão mais velho. — Você sabe com quem se casou, certo?

Nunca desviando o olhar de mim, Ryke diz: — Porra, e como eu sei.

[49]

Julho de 2026

A Casa do Lago

Montanhas Smoky

ROSE COBALT

— Declaro que esse é um pacto jurado entre as irmãs Calloway e nossa irmã honorária, Willow Hale. — Eu levanto uma faca afiada, e minhas três irmãs e Willow trocam olhares cautelosos. Nós nos reunimos na cozinha, uma babá eletrônica por perto e nossas quatro filhas mais novas estão na sala de estar brincando juntas.

Nossos maridos e o resto das crianças brincam do lado de fora já que a tempestade de ontem confinou todos dentro de casa. Vamos nos juntar a eles em um segundo, mas primeiro temos que terminar esse pacto. Ontem à noite, todas nós compartilhamos coletivamente um modo de sentimento semelhante, e apenas parece correto solidificar essa promessa juntas.

O vestido marrom boêmio da Poppy flui até seus tornozelos e esconde o maiô. Estamos todas de saída de praia, a minha transparente e preta. Eu já coloquei meu chapéu de lado. Agora estamos em um círculo ao redor do balcão da cozinha.

Lily levanta a mão. — Não podemos simplesmente cuspir?

Eu a encaro. — Há uma razão pela qual é chamado de pacto de *sangue* e não de *cuspe.*

— Eu to dentro. — Daisy sorri largamente, seu cabelo loiro emaranhado e ainda molhado depois de pular no lago. A água se acumula aos seus pés descalços. Minha irmã mais nova completou trinta anos em fevereiro, mas Lily ainda parece cinco anos mais nova.

Willow empurra os óculos no nariz. — Isso é seguro?

— Provavelmente não. — Poppy nunca levanta a voz, nem mesmo ao me combater.

Dou uma olhada fria para minha irmã mais velha. — É estéril. Tenho fósforos e limparemos a lâmina depois que alguém a usar. —

Elas hesitam, então acrescento: — As irmãs Calloway não se acovardam. — Coconut late ao fundo, batendo na porta de vidro deslizante para entrar.

Todas nós viramos a cabeça. Do lado de fora, Ryke coça carinhosamente atrás da orelha da Coconut e assobia para que ela vá até o convés. Então ele nos nota através do vidro. Ele e sua expressão que diz *o que diabos* se afastam.

— Nós já fizemos com cuspe muitas vezes em seus pactos de sangue — observa Lily, mas esse fato franze suas sobrancelhas como se talvez elas fossem irmãs terríveis. Talvez em todos os anos que eu pedi, elas deveriam ceder pelo menos essa *única* vez para solidificar algo entre nós através de lâmina e sangue. — Ok... eu vou fazer isso.

Willow assente, bravura nos olhos. — Eu também.

— Por que não? — Poppy sorri e olha para mim. Eu pressiono meus lábios para não sorrir com ansiedade. Os sinos estão tocando. Confetes estão caindo. Todas as coisas sentimentais irritantes que eu normalmente não suporto - até mesmo os *pássaros* com seus cantos brutalmente irritantes - eu os ouço e só penso: *amo minhas irmãs*.

— Eu vou primeiro. — Sem vacilar, corto ambas as palmas das mãos com a faca de cozinha, profundamente o suficiente para que o sangue apareça no corte.

Limpo a faca, esterilizo e passo para Daisy.

Ela está balançando para frente e para trás animadamente, e ela levanta a faca no ar. — Alegrar! — Então ela corta as palmas das mãos sem problemas. Poppy vai em seguida, e quando é a vez da Willow, ela estremece um pouco. Daisy a anima até terminar.

A última é a Lily.

Eu limpo a faca. — Você deu à luz. Você pode sobreviver a um corte.

Lily coloca a mão no coração. — Eu não sou uma guerreira. Sou a pessoa da aldeia que se esconde na cabana e espera por ajuda. — Eu não acho que ela sempre acredite nisso. Talvez, quando ela está diante dessas tarefas ousadas opostas a pessoas como Daisy e eu, ela esqueça tudo o que já fez.

Minhas mãos pairam sobre seus ombros. — Lily. Você é uma *fodida* guerreira. Você destrói inimigos de todos os lados. Você pisou nas críticas e ressurgiu das cinzas. — Eu estreito meus olhos para ela. — Repita.

Sou muito mais alta que ela de salto, então ela tem que olhar para cima. — Sou uma guerreira?

Querido Deus. — Diga como se você acreditasse nisso.

— Eu sou uma fodida guerreira. — Ela assente lentamente. — Sim ... — Ela assente *mais rápido.*

— Sim! — Daisy levanta o punho no ar.

— Sim! — Lily grita como se ela entendesse. — Sou uma fodida guerreira. Chupa isso. Ha! — Ela tenta dar um chute lateral, mas acaba batendo em um armário. — Ai.

Daisy ri e dá joinha.

— Estenda suas mãos — digo a Lily.

Ela se concentra e espalha as palmas das mãos para mim. Eu corto a pele dela menos do que na minha, mas o suficiente para que o sangue apareça. Ela mantém os olhos bem fechados o tempo todo.

— Pronto. — Coloco a faca de lado.

Lily abre um olho e relaxa ao ver um pequeno corte.

— O que vocês, malucas, estão fazendo? — Lo abriu a porta de vidro e nossos maridos estão reunidos na varanda, agindo como se *não* estivessem nos observando e sim apenas grelhando hambúrgueres e cachorros-quentes para o almoço.

Eles são dolorosamente óbvios.

— Vá embora, Loren! — Eu grito.

Lo espera uma das minhas irmãs explicar, mas ninguém está traindo esse círculo de sigilo e confiança de irmãs. — Não deixem que ela sacrifique vocês por um ano de salto alto!

Chega.

Eu me afasto delas para calar a boca de quem quem está contra.

— Vá, Rose! — Daisy começa a bater palmas.

Meus saltos batem no piso de madeira, e *arranco* a porta deslizante das mãos de Loren e a fecho. Seu olhar aguçado luta contra o meu, e eu tranco a fechadura antes que ele possa reivindicar a vitória.

Ele dá um meio sorriso, e suas próximas palavras são abafadas através do vidro: — Machuque minha pequena lufa e você verá do que sou capaz, Angelica.

— Eu prefiro rasgar *seu* coração primeiro do que sequer pensar em arrancar um cabelo da cabeça da minha irmã. — Então eu giro e volto para o círculo.

Todas as minhas irmãs estão sorrindo.

— O que?

— Você é fodona — Daisy é a primeira a dizer.

— Você também é. — Sou rápida em encorajá-la.

— Não dessa maneira. — Daisy sorri. — Estou muito feliz que você é minha irmã.

Meus olhos estão queimando. *Lágrimas* estão vindo e ainda nem terminamos isso.

Lily concorda com a cabeça. — Todas nós estaríamos pior sem você.

— Vocês estariam bem — eu digo.

— Não... acho que não estaríamos. — Lily desajeitadamente tenta inclinar seu peso no balcão, mas está muito longe. — Você é a nossa Emma Frost.

Não tenho muita certeza do que isso significa. Conheço a personagem dos quadrinhos, mas não sei muito sobre ela, exceto que ela significa muito para Lily.

Isso é suficiente para fazer o meu coração crescer. — Chega de lenga-lenga. Temos um pacto a terminar. — Eu seguro a mão da Lily, então ela segura a da Poppy, que segura da Willow, que segura a da Daisy, e finalmente Daisy e eu fechamos o círculo.

— Estamos aqui hoje, para fazer uma promessa — digo. — Prometemos estar *sempre* lá umas para as outras, apoiaremos as escolhas umas das outras, seremos as marés que lavam a negatividade e os inimigos. — Olho em volta para todas as meninas, e elas assentem, lembrando como ficamos acordadas até às três da manhã, apenas conversando. Podemos ter nossas próprias famílias, mas quando podemos ficar juntas, é como se o tempo não tivesse passado. — Não importa quanto tempo vivemos, não importa quão difícil a vida seja, nunca esqueceremos essa irmandade.

Nós levantamos nossas mãos entrelaçadas, e minhas irmãs e Willow dizem *eu apoio, eu também* e assim por diante, e enquanto eu as encaro, sou verdadeiramente grata por essas mulheres em minha vida.

Elas são tão diferentes de mim, mas eu não gostaria que elas fossem iguais. Eu as amo por todas as suas esquisitices e por todos os seus pontos fortes.

* * *

Nos juntamos aos nossos maridos no convés do lado de fora e eles não calam a boca sobre as palmas das nossas mãos enfaixadas.

— Eu espero pra caralho que todas vocês tenham usado Neosporin — diz Ryke enquanto joga um hambúrguer na grelha. Daisy senta-se no parapeito do convés e começa a descascar o milho, Coconut descansando embaixo dela abanando a cauda constantemente, contente.

Connor ajuda a grelhar, a uma distância perfeita para evitar respingos de gordura no peito nu.

Ryke é um cozinheiro desorganizado. E não acredito que ele é quem está falando sobre *Neosporin.* Como se ele fosse um modelo de *limpeza*.

Lo está tomando um Fizz Life, sentado na mesa de piquenique ao lado da Lily. Ambos estão fisicamente grudados. Até mesmo no calor, eles estão se abraçando como se não fosse natural eles ficarem separados.

— Dói, amor? — Lo fica perguntando a Lily, fazendo uma careta para a palma da mão dela que *mal* está cortada. Lá embaixo em direção à grama, o cachorro deles, Gotham, está perseguindo borboletas, as orelhas batendo.

Sam passa uma margarita para Poppy. — Como Rose a convenceu a isso?

— Você acha que *eu* a convenci? — Eu interrompo, ocupada tentando dar um novo nó no cordão da minha saída de praia. — Eu não posso nem convencer Poppy a fazer uma depilação comigo.

— Eu gosto de tudo natural. — Poppy acena em direção a sua vagina.

Lo diz: — Coisas que eu nunca pensei que saberia: Poppy tem uma mata lá. — Ele dá a ela um meio sorriso.

Poppy o combate com uma réplica do seu meio sorriso.

— Poppy, quando você ficou tão agressiva?

Ela bebe sua margarita. — Sempre fui assim. Você simplesmente nunca notou.

Depois que termino de amarrar minha saida de praia, pego Connor *sorrindo* para mim. Eu lhe dou o olhar mais mortal possível e, em seguida, redireciono meu olhar para atormentá-lo um pouco mais.

Garrison e Willow estão sentados juntos no sofá do pátio, sob um guarda-chuva marrom. A filha deles de dois anos, com tranças marrons e olhos azul esverdeados escondidos atrás de óculos de sol infantil, chupa um picolé com sabor de banana, sentada entre os pais. Vada é mais cooperativa do que *todos* os bebês que já tive. Ela cantarolará músicas temáticas de videogames e cuida da sua própria vida em vôos internacionais.

Eu não acho que a bebê deles seja humana. Vada é obviamente algum tipo de divindade. Como uma deusa grega. Como Athena - porém acho que Athena teria mais noção e não se transformaria em uma criança de dois anos.

Willow ajuda Vada a segurar o palito do picolé, e Garrison observa sua esposa e filha com carinho. Ele sussurra algo para Willow, e então ele beija sua bochecha antes de beijar seus lábios.

Viro minha cabeça de volta para Connor. Sua atenção está na grelha, não em mim, e tento reprimir minha decepção. *Você fez o mesmo com ele.* Eu fiz, porém é mais comum que ele venha atrás de mim.

Meu foco diverge de qualquer maneira.

Barulhos de água vem de lá de baixo, e eu posso até ouvir exclamações combinadas de Moffy e Jane, de onze anos.

— Vai, Sulli! — Jane grita. — Derrube nossos adversários!

— Você consegue, Beckett! — Moffy aplaude. — Vamos! Vamos!

Nas partes rasas do lago, Jane está com Sullivan nos ombros, enquanto Moffy está com Beckett nos dele. As duas crianças de oito anos lutam, tentando se derrotar em uma brincadeira clássica chamada *briga de galo.*

Todos ficamos no convés, observando as crianças por um momento. Eu quase sorrio, sentindo os anos que se passaram, vendo o que nosso futuro se tornou. Esta manhã, Connor me disse: — A casa do lago coloca nossas vidas em uma perspectiva vívida. — Eu não entendi o significado completo até agora.

Sem barulho de fundo - os tablóides, os paparazzi e nossos trabalhos - ficamos fortes juntos, com momentos simples que percorrem ferozmente todos nós.

Jane tira uma mão da perna da Sullivan e tenta empurrar o Moffy.

Ele se esquiva da Jane e ri: — O que você falou, Janie? Não consegue me pegar?

— Não tenha tanta certeza, Moffy! Só espera e... ah... não. — Jane começa a cair para trás com Sullivan, mas Sullivan empurra seu peso para a frente e segura os ombros do Beckett, as mantendo na brincadeira.

Não posso torcer por nenhum dos times. Jane e Beckett são meus filhos, e meu coração está com os dois igualmente.

— Jesus Cristo. — Lo pega o megafone e o liga. — SE AFASTEM DA DOCA! — Eles não estão perto o suficiente para baterem na cabeça. Eu nunca pensei que Loren Hale seria o mais obsessivo, mas imaginei que ele seria tão superprotetor quanto é.

Eu rapidamente examino o quintal em busca de todos os meus gremlins. Eliot, Tom e Luna estão nas redes, amarrados entre as árvores perto da água. Xander, de três anos, e Ben, de quatro anos, brincam com Legos na colina, ao lado das cadeiras vermelhas de Adirondack e um basset hound incrivelmente bobo, pulando atrás das partículas de ar agora.

Eu balanço minha cabeça para a esquerda e direita. — Onde está o Charlie?

Connor pousa a espátula, o celular já na mão. Ele liga para o nosso filho, colocando o aparelho no ouvido. Minhas costas arqueiam, preparadas para andar pela casa inteira em busca de nosso filho. Não seria a primeira vez. Ontem, encontrei Charlie no *telhado*, de todos os lugares. Eu realmente me perguntei se ele era meu filho até que ele tagarelou pomposamente sobre física e teorias científicas como se as tivesse descoberto.

Ele é um Cobalt, dos pés a cabeça.

— Ele não está atendendo — diz Connor, incrivelmente calmo, já que esse é um evento comum. É por isso que demos a Charlie seu próprio celular.

— CHARLIE! — Eu grito a plenos pulmões.

— Lá se vai o meu tímpano esquerdo — Lo diz com força.

Eu aponto minha unha para ele. — Você usou *isso.* — O megafone.

— Minha voz não soa como gatos sendo massacrados.

Eu lhe dou um olhar hostil e, exatamente quando vou arrancar o megafone das mãos de Lo - prestes a usá-lo eu mesma - a porta de vidro se abre.

Charlie, que se parece cada vez mais com Connor conforme os dias passam, nem olha para nós antes de pular os degraus e seguir em direção a doca. Eu o amo tão completamente, assim como amo todos os meus filhos, que meu ódio por seus sumiços diminui para apenas um punhado de preocupações.

— Ele está bem? — Daisy pergunta, passando milho para Ryke grelhar.

— Ele está mentalmente entediado — diz Connor. — Vou jogar xadrez com ele mais tarde.

Charlie senta-se na beira do cais. Maria, agora com dezoito anos, se bronzeia em uma bóia amarela por perto, seus Ray Bans bloqueando o sol. Quando eu olho todas as crianças novamente, minha mandíbula flexiona, e desço correndo os degraus.

Ele não fez isso.

Ah sim, ele fez.

— Ben Pirrip! — Eu grito, meus saltos afundando na grama úmida. Fico presa no caminho até o meu filho de quatro anos que saiu da colcha, deixando Xander e os Legos e indo para um *enorme* buraco na lama.

Faço o que nunca faço.

Abandono meus saltos.

Eu me liberto deles e ando descalça através da colina até uma área enlameada terrivelmente *nojenta* perto da linha das árvores. — O que você está fazendo? — Nunca dei à luz uma criança mais imprevisível do que essa.

Ben rola na lama, ri e tenta tirar todas as roupas. Sinto Connor chegando ao meu lado no mesmo momento em que nosso filho mais novo se liberta de suas calças.

— Você tem certeza que ele é nosso? — Pergunto a Connor sem desviar o olhar de Ben. Seus grandes olhos azuis brilham com uma quantidade excessiva de luz, o resto dele coberto de lama.

Eu *sinto* o sorriso ofuscante do Connor. — Com toda certeza, ele é nosso.

— Eu vou pegar a mangueira.

Connor é quem agarra o menino de quatro anos que se debate e o leva para o lado da casa enquanto eu puxo a mangueira e abro a torneira. Quando Connor coloca Ben na grama, nosso filho tenta saltar e fugir de volta para a lama.

A propósito, Ben está completamente nu.

Esse é o meu garoto.

Eu bufo para Connor. Ben colocou as mãozinhas em Connor, que usa apenas um calção de banho azul-marinho. Então, duas impressões de mãos enlameadas decoram o peito do meu marido.

Connor arqueia a sobrancelha. — Pois não, querida?

— Nosso filho marcou território. É você. — Eu levanto a mangueira verde como uma arma, e Connor olha o bico, depois eu, seus olhos brilhando com intriga.

Ben sorri. — Vamos brincar!

— Não na lama — diz Connor facilmente.

Ben puxa a grama, e até seus lábios estão endurecidos pela lama. — Não tenho escolha?

Connor se ajoelha na frente de Ben. — Suas escolhas: se lavarmos você agora, você poderá brincar com Xander; ou se você voltar para a lama, *nunca mais* poderá entrar na casa.

— A lama! — Ben nem pensa duas vezes.

Connor fecha os olhos com força. Esse é o primeiro filho que *sempre* escolhe a opção com o pior benefício pessoal, e Connor tentou meticulosamente dizer ao Ben para fazer o melhor por ele.

— Ben vai com o coração — eu lembro Connor.

— Seu coração escolhe errado.

Nosso filho tenta saltar em direção à lama, mas Connor o agarra novamente.

— Se você ficar ao ar livre para sempre, perderá os jantares de quarta à noite. — Nos últimos quatro anos, nossos filhos começaram a esperar por esses jantares. A pergunta mais comum tornou-se: *já é quarta-feira?*

Ben hesita.

— Você nunca mais verá o Pip-Squeak.

— Eu vou levar ele comigo!

— Ele é um pássaro de estimação.

Ben, um monstrinho de lama, olha surpreso para Connor. — Issonãoéjusto. — Ele fala as palavras juntas.

— Toda escolha tem benefícios e custos, alguns maiores e outros menores. Cabe a você usar *isso* — ele toca a cabeça de Ben para ilustrar seu cérebro — para determinar o que é melhor para você.

Ben cai na grama, entristecido. Eu me sentiria pior se ele não parecesse uma pequena criatura do fundo do lago.

Com naturalidade, digo a ele: — Estar limpo é mais divertido do que estar sujo.

— Mamãe — ele grunhe e bufa como se dissesse *você está tão errada.*

Eu mostro a ele. Eu o molho um pouco, a água pulverizando seu corpo.

Ele sorri instantaneamente.

— E agora? — Eu desafio. Eu o molho levemente mais uma vez.

Ben se levanta e estende os braços enquanto mostra a língua. Como se eu fosse a fodida Mãe Natureza, mandando uma chuva no meu filho. Eu sorrio de satisfação.

Talvez eu seja.

Connor volta para o meu lado enquanto eu jogo agua em nosso filho de quatro anos. Ben começa a pular e dançar na poça, mas pelo menos ele está mais limpo do que antes.

Rapidamente, mudo a direção da mangueira e molho o peito e as mãos do Connor. Espero que ele vacile, mas ele fica parado, como se esperasse minha ação. Imóvel, estoico.

Ele começa a sorrir.

— Richard. — Eu molho esse sorriso também.

E ele ri, seu rosto brilhando. — Rose.

Rose.

Eu nunca vou parar de amar e odiar o jeito que ele diz meu nome.

< 50 >

Julho de 2026
A Casa do Lago
Montanhas Smoky

RYKE MEADOWS

Eu tiro minha camisa pela minha cabeça. 22:00 na casa do lago. Todo mundo está quieto, e se eles forem barulhentos, não consigo ouvir da porra do nosso quarto. Até Nutty está apagada, a husky branca dorme aos pés da cama de madeira.

Acabei de verificar nossa filha de dois anos no berçário - onde todas as meninas mais novas dormem. Winona recentemente parou de dormir na porra do berço e está com o hábito de pular em sua cama de “menina grande”. Tornando o ato de dormir mais difícil do que precisa ser.

Em um mês ou dois, espero que a porra da novidade da cama acabe, para que ela possa dormir mais cedo.

Na *nossa* cama, Daisy abre bem os braços. Em constante movimento, ela os move para cima e para baixo como se estivesse fazendo um anjo da neve na colcha com desenhos de ursos. — Eu tenho uma teoria — diz ela.

Desabotoo meu jeans. — É?

Daisy ofega, fingindo surpresa. — *Porra*, é.

Jogo um travesseiro na cabeça dela.

Ela rola de lado, me encarando com um sorriso torto. — Na verdade, são duas teorias. Uma está errada. Uma está certa. Ainda preciso comprovar qual está o que.

— Vamos ouvir, Calloway. — Minha atenção é dela. Paro de abrir o zíper da calça por um maldito segundo.

Ela se senta com os pés debaixo da bunda, vestindo uma camiseta branca fina que diz *Shell Yeah* com duas ondas embaixo. Seu short de algodão amarelo sobe até sua fodida bunda. No ano passado, ela cortou o cabelo loiro em camadas irregulares, mas deixou os fios crescerem e passarem do peito.

Daisy sempre foi linda, mas por razões além da aparência. Ela brilha com a simplicidade dessa noite. O fato de estarmos sozinhos nesse quarto. O fato de eu ouvir todas as fodidas teorias dela. O fato de que quando ela se levanta, de pé no colchão, eu apenas me aproximo.

— Primeira teoria. — Em sua pausa dramática, ela me observa enquanto eu a observo.

Meus músculos flexionam e meu pau começa a endurecer.

— A casa do lago tem características mágicas do sono que produzem sonhos *eróticos.*

Eu levanto minhas sobrancelhas para Dais. — Eu perdi a parte em que você gemeu as palavras *casa do lago* quando teve um orgasmo em seu maldito sono na noite passada.

O sorriso dela se estende. — Segunda teoria...

Eu puxo o seu tornozelo debaixo dela. Ela cai de costas na cama e irradia felicidade. Subo em cima da minha esposa e acaricio sua bochecha. Ela deixa escapar um ruído gutural, as mãos mergulhando na parte de trás do meu jeans. Eu seguro o queixo da Daisy e a beijo com fome, nossas línguas emaranhadas. Eu a puxo contra mim, e ela inspira até que não consiga mais respirar.

Eu me separo para que ela possa recuperar o fôlego. — Segunda teoria? — Eu pergunto.

Ela diz: — Segunda... teoria. — Sua mão desce de brincadeira em direção a minha bunda.

Eu não recuo. — Você está explorando, Calloway?”

— Você gosta? — Ela balança as sobrancelhas.

Eu empurro meu corpo para frente, colocando pressão entre as pernas dela, e ela choraminga. Eu aceno para Dais. — Eu gosto mais desse fodido som.

Daisy remove a mão, apenas para segurar meu ombro. — Eu tenho essa teoria... — Ela balança os quadris e meus músculos se contraem, minha ereção pressionando contra o meu jeans. — ...que fazer sexo com alguém antes de dormir produz sonhos muito, *muito*... eróticos...

Isso pode ser testado.

Eu a levanto em meus braços tão rápido que ela ofega no meu ombro. Eu carrego Daisy para o tapete circular, nossas malas e

roupas espalhadas por todo o maldito quarto. Eu chuto uma scooter de criança de lado. *Da Winona.*

Quando coloco Daisy no tapete, já começo a despi-la rapidamente. Tiro sua camiseta. Seios pequenos e bonitos pra caralho expostos. Suas mãos percorrem febrilmente meu abdômem, meus bíceps - meus cabelos. Mordo seu lábio e começo a tirar o seu short de algodão. Então eu passo os dedos nos cós da sua calcinha de algodão, deslizando-a pelas pernas longas e delgadas.

Seus grandes olhos verdes viajam pela minha mandíbula forte.

Ela é fisicamente muito mais nova que eu. Eu sou fisicamente muito mais velho que ela. Isso nunca muda. Nem o fato de eu me *importar* com seu corpo, seu coração - todo o seu ser.

Eu aperto seu mamilo com os dedos antes de substituir minha mão pela boca, beijando. Então eu chupo seu mamilo endurecido, minha língua acordando todos os seus nervos. Ela treme - *me fode*.

Mais uma vez, puxo o corpo inteiro de Daisy contra a porra do meu corpo. Ela solta um ruído agudo e minha mão grande vai até sua boca, abafando os sons.

Daisy tenta tirar meu jeans. Eu a ajudo a abaixar ele e minha cueca boxer.

Ambos estamos nus no tapete.

Eu estico as pernas dela sobre meus malditos ombros.

— Adivinha só? — Eu digo tranquilamente. Deslizo dois dos meus dedos na *minha* boca, pairando parcialmente acima de Dais, não abaixando a porra do meu peso completo sobre ela.

— O que? — ela diz ofegante debaixo da minha palma.

Eu puxo meus dedos para fora. — Eu vou *foder* para provar sua teoria bem... aqui. — Eu empurro meus dois longos dedos dentro da Daisy e os bombeio, meu polegar brincando com seu clitóris. Seus choros de prazer vibram contra a minha mão. *Porra*, um gemido retumba minha garganta. Todo o sangue se acumula na minha maldita ereção.

Sua respiração falha, o corpo treme.

*Porra…*meus músculos contraem, o suor começa a crescer tão rápido para mim quanto para minha esposa. Daisy observa meus dedos, como eles desaparecem *profundamente* dentro de seu corpo. A fodida reação dela me mata da maneira mais visceral e

primária. Meus músculos respondem com *foda ela como ela quer ser fodida. Beije ela como ela quer ser beijada. Ame ela como ela merece ser amada.*

Eu seguro o corpo dela como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Quando seus olhos começam a revirar, me levanto rapidamente e levanto Daisy nos meus ombros. O peso extra não é nada para mim. Não quando eu já segurei o *meu peso* com apenas um maldito dedo em uma lasca de pedra.

Eu a encosto contra a parede, seu corpo mais inclinado. Eu chupo Daisy Meadows.

Eu poderia explodir. *Puta merda.* O suor realmente cobre minha pele nua, minha boca contra o calor dela. Olho para Dais e ela está com o olhar *fixado* na minha mão direita.

Eu esfrego meu eixo porque isso sempre a excita. Meu corpo fica tenso, a porra da pressão *foda* - eu grunho, agarrando meu pau com mais força. Bombeando mais rápido enquanto minha língua faz o que faz de melhor.

Daisy geme na minha mão esquerda, os dedos dos pés enrolados, lábios abertos pra caralho. Suas costas arqueiam, a coluna se curvando em minha direção. Estremecendo.

Daisy responde a cada fodido orgasmo como se fosse seu primeiro. Ainda me lembro daquele dia, daquele momento, daquela fodida vez.

Até me lembro da primeira vez que fizemos sexo. Numa tenda. *Estou te fodendo, amor*. Agora mesmo. A deslizo até a minha cintura, prendendo-a contra a parede. Ela descansa a testa no meu ombro, olhando minha longa ereção. Daisy tenta abrir mais as pernas, então eu as estico para cima, os tornozelos em direção ao meu pescoço.

Eu sei que ela imagina meu pau batendo dentro dela, mesmo antes de eu enfiar. Ela agarra meus lados, sua mão sobre minha tatuagem de fênix, a respiração falhando.

Lentamente, empurro para dentro dela e avalio sua reação a cada centímetro. Eu procuro sinais de dor, mas faz tanto tempo desde que ela sentiu algo assim. Meu nariz queima com o aperto e calor repentino em volta do meu pau.

Ela treme, iluminada, chorando de prazer contra a minha mão.

Começo a balançar e fodo a garota mais selvagem que já conheci.

Daisy observa nossos corpos se unirem, sua pele brilhando. Suas mãos caem na minha bunda, me sentindo flexionar contra seu corpo alto e magro. Nós fodemos mais contra árvores do que paredes, mas isso também funciona.

Eu sigo o seu olhar para as nossas pélvis e empurro mais fundo, deixando-a absorver mais de mim. Ela faz o barulho mais rouco contra a minha mão, como se o prazer subisse de baixo para cima. Minhas veias se projetam em meus braços, meus dentes cerrados quando minha excitação aumenta pra caralho.

Porra.

Porra.

Essa é uma garota que eu nunca imaginei que teria - não assim. Não vinte e dois centímetros entre suas pernas. Não com um metal quente no meu dedo anelar. Não com duas garotinhas com nossas características.

Eu pensei com certeza do caralho que ficaria sozinho.

Eu empurro com propósito, sabendo o que isso vai causar - ela goza com uma inspiração aguda, pulsando em volta da minha ereção.

— *Porra*. — Eu gozo, empurrando forte em Dais.

Não muito tempo depois, a exaustão afunda seus ombros, suas pálpebras, e eu puxo meu pau e carrego Daisy em meus braços para a nossa cama. Com os olhos fechados, ela sussurra sonolenta uma última coisa.

— Diga isso de novo.

Eu não digo *porra*. Eu me inclino, minha boca contra a orelha dela, e digo à minha esposa: — Eu te amo pra caralho, meu amor.

Ela brilha como um milhão de sóis.

* * *

Eu não estou tão cansado, então checo meu e-mail no meu celular. Daisy já rolou para o meu peito, para fora do meu peito, e agora de volta para o meu peito. Suas pernas estão emaranhadas com as

minhas, braço no meu abdômen e cabeça aninhada em direção ao meu ombro.

Não movo o suficiente para acordá-la.

Estreito os olhos para a luz brilhante da tela e clico em um e-mail da *Celebrity WorldWide Entertainment.* Eu não tenho a menor ideia do que isso possa ser, mas o assunto diz: *Parabéns*. Esse site de entretenimento não é tão obsceno quanto o *Celebrity Crush.*

Eu sei porque o *Celebrity WorldWide Entertainment* raramente publica artigos negativos sobre alguém. A maior parte do tempo deles é gasta em propaganda de franquias de filmes e atores em qualquer série de televisão que Lily e Lo assistam.

Eu leio a primeira linha do email.

Querido Ryke Meadows,

Parabéns, a Celebrity WorldWide Entertainment escolheu você como o Homem Mais Sexy do Mundo!

— Que porra é essa — eu murmuro, vasculhando o resto do e-mail que basicamente diz *de nada e isso é uma grande honra*. Eu não estou a par dessa porra - então só estou confuso pra caralho.

Por que eu?

Esfrego minha boca e depois mando uma mensagem em grupo para o meu irmão, minha irmã, Lily, Connor, Rose e Garrison. Eu digito: *algum de vocês recebeu esse fodido e-mail?* Lembro de como tirar print da tela do meu celular, graças a Daisy me mostrando, e envio a imagem e a mensagem.

Nem um segundo depois, meu celular vibra tão rápido e alto que preciso silenciá-lo. — Pelo amor de Deus — murmuro.

Filho da puta sexy – Lo

Claramente eu não estava na disputa – Connor

Há apenas um Homem Mais Sexy do Mundo por ano. É um grande negócio – Willow

Retire seu ego daqui, Richard. Você não foi o escolhido – Rose

Eu sou a única pessoa qualificada para julgar esse concurso, e adivinhe quem eu escolheria, querida?? – Connor

Eles estão realmente flertando na porra do grupo? Eu não posso calá-los, e aí vem a Lily...

ISSO É REAL?!?!?! – Lily

Eu nem tenho tempo para enviar uma mensagem de resposta. Outra pessoa manda.

Claramente – Connor

Não foi tão claro. – Rose

Isso daqui tá uma bagunça – Garrison

Garrison saiu do grupo uma notificação aparece no grupo. Eu faria a mesma coisa nessa porra, mas não sei como.

Como Ryke vira o Homem Mais Sexy do Mundo antes de Loren Hale???? – Lily

Eu acredito que você quis dizer antes de mim – Connor

Eu não aguento mais. Eu simplesmente ignoro, mas eu não posso nem usar a porra da Internet sem que mensagens de texto apareçam a cada dois segundos. Levanto delicadamente o braço e as pernas de Daisy de cima de mim, tomando muito cuidado para não acordar minha esposa. Quero que ela durma o máximo de horas que puder.

Eu quero que ela sonhe, porra.

Eu a vi fazer as duas coisas mais do que eu jamais pensei que faria.

Ela se mexe, apenas o suficiente para rolar para o outro lado e cair em um sono mais profundo. Fico de pé, lendo as mensagens rápidas entre Connor e Rose. Coloco minhas calças antes de entrar no corredor.

APV Lily – Willow

Minha irmã editou no photoshop uma foto para Lily que diz: *Loren Hale, Homem Mais Sexy do Mundo!*

Minhas sobrancelhas se franzem com a sigla, sem entender. No final do corredor, vou até a porta da Lily e do Lo primeiro. Eu bato na porta e depois a abro.

Lily e Lo estão embaixo das cobertas, o quarto tão escuro que eu só vejo seus rostos. Iluminados pelas telas dos seus celulares.

— Parem de mandar mensagens, porra.

— Parabéns — diz Lily antes de registrar o que eu disse. — Espera... você mandou uma mensagem para *nós*.

— Sim, bem, eu mudei de ideia, porra.

— Ele pode fazer isso agora, Lil — diz Lo. — Ele é o Homem Mais Sexy do Mundo. Ele tem poderes que saem do seu tanquinho.

O abdômen dele pode matar. — Meu irmão apenas começa a rir tão alto que eu mostro o dedo do meio para ele. Não tenho certeza de que ele possa ver.

Antes de fechar a porta, pergunto: — O que é APV?

— Arrumei para você — responde Lily, com o nariz quase pressionado na tela do celular.

Olho para o meu celular, mas as únicas pessoas que restam no grupo são Rose e Connor. Ainda flertando nessa porra. Eu não leio as mensagens. Fecho a porta do quarto do meu irmão e atravesso o corredor até o quarto do Connor.

Bato uma vez e abro.

Eu congelo.

Porra.

Rose está algemada, vestindo uma camisola preta, segurando seu celular, e Connor está montado em cima da sua esposa, seu telefone em uma mão e a outra na porra do *quadril* dela.

Antes que eu possa piscar, eles me veem. Os olhos da Rose queimam como se ela pudesse me castrar.

Eu imediatamente viro de costas, dando privacidade a eles. — Parem de mandar mensagens, porra. — Eu gostaria de sair com isso assim, mas Connor nunca deixaria.

— Não — ele diz a palavra com uma finalidade severa. — Feche a porta. Espero que você possa gerenciar essa tarefa simples.

Eu mostro o dedo do meio para ele sem olhar para a cama deles, mas não vou embora. — Estou falando sério, porra.

— Eu também estou.

— Vou colocar suas bolas em ácido — Rose ameaça, menos hostil porque - acredite nessa porra ou não - eles ainda estão *mandando mensagens*. Enquanto estão no mesmo quarto.

— Foda-se isso. — Desligo meu celular e fecho a porta.

Só quando estou na metade do corredor, que o que aconteceu me dá um tapa na cara. *Eu entrei no quarto da Rose e do Connor quando eles estavam prestes a fazer sexo.* Todos nós já moramos juntos, e eu evitei esse acidente.

Quero dizer, porra.

Raramente pegamos aqueles dois se beijando. E a porra da coisa mais estranha? Depois de hoje à noite, tenho certeza de que as

preliminares deles não são o tipo típico de preliminares.

Tenho certeza de que as preliminares deles são *palavras.*

[51]

Agosto de 2026
Escola Primária Dalton
Filadélfia

CONNOR COBALT

— Charlie! — Corro atrás do meu filho de oito anos, que acabou de sair do escritório do diretor às dez horas da manhã, com uma mochila pendurada no ombro. Ele, indignado e *ressentidamente,* empurra as portas duplas, sem diminuir a velocidade, e o momento que eu previ por anos finalmente chegou hoje.

A frente da escola está silenciosa, exceto pela bandeira americana balançando no mastro. Eu rapidamente leio sua linguagem corporal, inclinado na diagonal como se ele pretendesse sair do caminho e atravessar a grama - do lado oposto do estacionamento. Charlie vai aonde ele quer ir, e geralmente é para lugar nenhum.

— Charlie, *pare* — eu digo com veemência, minha voz tremendo com mais emoção do que normalmente mostro.

Isso força seus pés a uma parada completa e repentina. Ele fica bem no meio do caminho, respirando pesadamente, ainda vestido com seu uniforme escolar: calça azul marinho, camisa social, emblema da Dalton e gravata. Saí do trabalho só para buscá-lo depois que o diretor ligou.

Eu me aproximo dele, apenas a alguns metros de distância.

E então ele se vira para mim. — Por que você não me contou?! — Seu rosto avermelhado bombeia com fúria. — Por que você não me contou que seria assim?! — Ele agarra seus cabelos castanhos curtos, como se tentasse pegar seu cérebro e dizer: *tire ele daqui. Eu não o quero mais.*

— Porque você não gostaria que eu te desse a informação de mão beijada. Você preferiria chegar a uma conclusão a tempo, sozinho.

Ele joga a mochila na grama com raiva. Ele geralmente não tem problemas em usar palavras, mas eu sei que além de sua própria família, ninguém o ouviu hoje, ontem e quase todos os dias antes disso. Ele foi tratado como as crianças da sua idade. O diretor foi condescendente com ele há cinco minutos, e foi isso que o levou a sair correndo.

— Você pode falar comigo. Eu sempre vou ouvir.

Charlie olha para o céu azul brilhante, quieto por um longo momento. E então ele diz: — Eles demoram *demais*. Para pensar, para resolver os problemas mais estúpidos, para ver o que está bem diante deles.

— As pessoas não pensam como você — eu digo. — Elas não conseguem. Elas não vão...

— Elas deveriam! — ele grita, aflito e irado. Ele aponta calorosamente para o prédio atrás de mim. — Annabelle passa o tempo com garotas que a odeiam, mas ela *realmente* acredita que são amigas dela. O Sr. Crowder leva mais de cinco minutos fazendo a chamada, porque ele não diz apenas o primeiro nome. E esses caras *estúpidos* zombam do Beckett só por ir à aula de balé depois da escola.

Ele dá um passo na minha direção. Eu olho calmamente para ele.

— Estou cercado por pessoas estúpidas em um mundo estúpido e todo mundo faz coisas *estúpidas*, e é devagar. É *tão* devagar. — Ele se encolhe de desgosto, com o rosto cheio de dor. — Estou preso aqui, não estou, pai?

— O que você acha? — Eu pergunto primeiro.

— Eu acho que se eu for embora *daqui*. — Ele faz um gesto para a escola. — As pessoas nunca vão me levar a sério. *Ah, olha lá o fofinho Charlie Keating fingindo ser tão inteligente e velho.* — Ele solta uma risada curta e seus olhos se enchem de lágrimas, mas ele restringe essa emoção.

— O mundo é frustrante — digo a ele. — Quando você sabe todas as respostas e todo mundo demora mil vezes mais que você para resolver, você só quer bater a cabeça na mesa. Você quer sair da sala. Você quer ajudá-los a resolver a equação, mas, mesmo se ajudar, eles *nunca* seriam tão rápidos quanto você.

Seus lábios se separam ao perceber que *eu sei* exatamente como ele se sente.

— Você não pode fazer as pessoas pensarem como você. Você é isso, Charlie. O mundo nunca andará na sua velocidade.

Ele estremece. — Não, pai.

— Algumas pessoas são ilógicas, irracionais e *emocionais*, mas as pessoas precisam ser livres para fracassar, cair e, sim, fazer coisas estúpidas. Eu sei que é irritante. Sei que você quer dizer às pessoas por qual caminho seguir, porque vê *que esse* é o melhor caminho para elas, mas não pode.

— Por que não?

— Porque a sociedade não funciona assim. Você pode andar de costas enquanto todos andam de frente, mas você não pode forçar todos a andar de costas com você.

Nunca usei minha inteligência para deter o crime, salvar o mundo, ou ajudar as pessoas - a usei para meu próprio benefício: autoconhecimento, autodesenvolvimento. Estima e poder.

Eu sou imoral. Eu sou egocêntrico e egoísta. Mas se você tivesse a mente e os olhos que iluminavam todas as facetas do mundo, que tem idéias e soluções para solucionar micro e macro problemas - quão enlouquecedor seria ver as pessoas fazendo coisas ilógicas e emocionais para a intimidação dela e de outros, sabendo que você possui todas as ferramentas, mas no final não tem *poder* para detê-las.

Se eu tivesse seguido esse caminho, teria ficado louco. Se Charlie seguir esse caminho, ele também ficará.

Não podemos *consertar* o que há de errado com o mundo inteiro. Eu simplesmente vivo de acordo com as regras deles e saio quando me convém. Quando eu preciso me sentir livre.

E eu uso minha inteligência para *mim.*

Charlie luta contra as lágrimas e balança a cabeça repetidamente. — Se ninguém escuta, se ninguém se importa, se eu não posso fazê-los ir na minha velocidade - qual é o objetivo?

— Você pode fazer qualquer coisa. Você pode ser qualquer coisa. Haverá restrições em todos os lugares que você for, mas não haverá *nenhuma* em sua mente, Charlie. Você não precisa bater a cabeça na mesa porque eles não conseguem acompanhar. Pense

em maneiras pelas quais você pode ir mais rápido. *Apenas* olhe para você.

Estou ensinando meu filho a ser egocêntrico, para que o mundo preguiçoso em que ele está preso não o enlouqueça.

Charlie entende, mais realizações lavando seu rosto.

Percebo uma van à distância, dirigindo pelos portões abertos da escola.

Paparazzi.

Pego a mochila do Charlie. — Você vai ter que pular a terceira e a quarta série.

Charlie deve ter imaginado que eu proporia isso porque ele não está surpreso. — Você não pulou.

— Você não sou eu.

Ele me olha com ceticismo. — Você não ficava entediado?

— Todos os dias, mas eu não queria perder as experiências que outras pessoas tinham. Eu queria me relacionar com elas. Para que eu pudesse me misturar. Foi útil e gostei de ganhar habilidades úteis. Foi um interesse próprio.

Ele pensa sobre isso por um longo momento.

A van de paparazzis se aproxima.

Charlie fica tão quieto enquanto ele processa um futuro que ele tenta pavimentar. — Eu não quero deixá-lo... — Seu peito desmorona com o pensamento. Se ele pular as séries, ele não frequentará mais as mesmas aulas que Beckett. Ele vai para o ensino médio e para a faculdade antes de seu irmão gêmeo.

Rose e eu oferecemos educação domiciliar para Charlie uma vez, mas ele rejeitou a ideia. *Quero ficar na escola com Beckett*, ele disse. — A educação domiciliar é uma opção...

— Não. — Charlie franze a testa profundamente. — Eu quero estar na mesma escola. — Ele faz uma pausa. — Estou com medo de deixá-lo...

— Ele sabe como a escola é para você, Charlie.

Beckett nos pediu para *fazermos algo* duas vezes antes, porque ele sente a frustração de seu irmão, a irritação, o quão chateado e louco ele fica no final de cada dia. Ele sente toda essa dor e só quer que o irmão fique bem.

— Eu posso ser como você — Charlie me diz. — Eu posso apenas... ficar na terceira série e pensar em mim.

— Você não sou eu — repito. — Se você fosse, toda vez que alguém fosse condescendente, você só pensaria: *sou melhor que você*, e seguiria em frente. — Eu tinha seis anos quando percebi o que ele está percebendo agora, e não tinha uma família que precisasse ou quisesse ser amada.

Ele tem.

Charlie vê a van do paparazzi que está se aproximando.

Coloco minha mão em seu ombro, o direcionando para o meio-fio onde minha limusine está estacionada. Um paparazzi pula da van e começa a fazer perguntas. Ele fica a cerca de um metro e meio de distância de nós.

— O que você está fazendo fora da escola, Charlie? — o cameraman pergunta.

Charlie tira a gravata. — Ruminando.

Eu sorrio

A verdade: ele disse a um de seus professores uma maneira mais eficiente de ensinar matemática para a 3ª série que beneficiaria toda a turma. Ele argumentou até que o professor lhe disse que não importava o que ele dizia, porque ele era o aluno, “a criança” - então Charlie saiu da sala de aula.

O professor o encontrou sentado sozinho na cafeteria vazia, lendo um livro que trouxe de casa, e ele foi escoltado até o escritório do diretor.

O resto é história.

Charlie ignora a câmera. Ele está acostumado com a presença dela e não deve estar preocupado se sua próxima pergunta será exibida.

— Você vê mais benefícios em pular para a quinta série quando nem você fez isso? — ele me pergunta.

— Para você, sim.

Ele hesita. — Por quê?

— Você quer se misturar ou quer andar de costas para todos? — Ele sabe que um mar de pessoas *sempre* caminharão para a frente, mas ele pode optar em andar com elas ou contra elas. Onde estão

seus interesses próprios? Aprender a ser falso ou aprender a ser real.

Seus olhos não estão mais cheios de lágrimas. Ele se segura a esse entendimento poderoso que empurra sua carruagem para fora, puxa os ombros para trás, levanta a cabeça para ficar mais alto. E ele diz: — Andar de costas.

— É por isso.

Você não é como eu.

2027

“Acredito que o cérebro humano é capaz de coisas grandes e terríveis. Somos criaturas terrivelmente complicadas.”

- Jane Eleanor Cobalt, *Nós Somos Calloway (Temporada 9 Episódio 01 - Tacos & Tons Pastéis)*

< 52 >

Janeiro de 2027
A Propriedade Cobalt
Filadélfia

RYKE MEADOWS

Estou acostumado pra caralho a ficar cercado por garotas.

Apenas não essas duas.

Perto da lareira dos Cobalts, Janie e Maria estão gargalhando sobre sei-lá-o-que. Ambas usam robes longos e pretos, escondendo vestidos por baixo. Estou sentado na poltrona da sala, meu celular na mão, esperando Connor chegar do trabalho.

Eu preciso da porra dos códigos dele para o depósito, apenas para pegar uma espingarda que compartilhamos. E sim - nós compartilhamos algumas armas. Meu irmãozinho, que *odeia* armas, se revoltou com a ideia de eu comprar outra por segurança.

— Basta usar *spray de urso* — ele respondeu.

Eu não disse a ele que um puma havia me atacou no meu caminho até uma parede de pedra. Sozinho no deserto, a mais de cento e sessenta quilômetros da civilização e de outras pessoas. Só escapei porque joguei minha mochila no animal e peguei minha faca. Em qualquer outra circunstância, eu poderia ter sido estraçalhado até a morte.

Apenas Daisy e Connor sabem a extensão do que aconteceu. Para aliviar a postura anti-armas do meu irmão, Connor comprou a espingarda comigo, além de outra Glock.

Lo vê Connor como o ser humano mais inteligente e equilibrado desse fodido planeta, então ele confiou em seu julgamento e parou de discutir. Estou em um lugar com Connor onde ele escolhe ativamente ficar ao meu lado do que do Lo. Isso facilita a minha vida pra caralho. Exceto que ele não divulgará os códigos de segurança por mensagens, email ou telefone, então eu tenho que esperar por ele.

E ele tem motivos para ser cauteloso. Daisy, Lily e até Rose tiveram os e-mails hackeados cerca de três ou quatro vezes, mesmo quando mudam suas senhas semanalmente. Amanhã vou sair para escalar sozinho novamente no deserto, e quero a porra da espingarda.

Maria fala entre risos. — E então ele disse: “Dezoito anos é o novo vinte e cinco anos” - e eu fiquei tipo, “não, dezoito anos ainda é dezoito anos. Vinte e cinco ainda é vinte e cinco. E imbecilidade ainda é você.

Fico tenso com essa história já que Maria tem dezoito anos. Janie tem apenas onze. Me lembro para onde elas vão amanhã, e isso de repente me deixa na porra do limite..

— E o que ele fez? — Janie pergunta, seu riso desaparecendo.

Maria diz como se não fosse nada: — Ele me chamou de vadia e depois foi embora.

Meu queixo endurece. — Esse é o maldito ator que você está namorando?

Maria e Janie giram em minha direção, humor cobrindo seus rostos novamente. Maria Stokes foi nomeada para o Critic's Choice Award e, de todas as pessoas, ela escolheu Janie como sua acompanhante. Elas voarão para a Califórnia amanhã, mas eu sei por que elas estão de robes agora. Maria perguntou se ela poderia usar algo da Calloway Couture para o tapete vermelho. Rose os chama de “vestidos haute couture” - uma coleção que ela revelou em um desfile em Dezembro.

E ganhou mais elogios do que eu acho que Rose já imaginou. Uma modelo usou o vestido dela na capa da Vogue. Eu já vi Connor orgulhoso da sua esposa, mas quando ela saiu na passarela como a designer, reconhecendo o público, o orgulho dele pela Rose era esmagador e inconfundível.

— Tio Ryke — Maria me diz — você deveria conversar mais com o tio Lo ou pelo menos perguntar a ele por que você é sempre o *último* a obter informações.

Eu reviro meus olhos. Essa porra não é totalmente precisa, mas ela pode pensar que estou fora do circuito, se ela quiser. Gesticulo para Janie. — Eu poderia mandar uma mensagem para sua mãe, e

ela simplesmente viria aqui e me contaria que porra aconteceu. — Eu já mandei uma mensagem para Rose: *onde você está, porra?*

No meu escritório em casa, fazendo alguns ajustes. Eu vou descer em breve. – Rose

Seu escritório em casa tem uma máquina de costura, então acho que ela está arrumando os vestidos.

Ela também enviou outra mensagem.

E Ryke? NÃO deixe que elas te convençam a fazer café. Elas já tiveram mais cafeína do que são permitidas – Rose

Todas as meninas, de todas as famílias, vêm até mim primeiro se querem alguma coisa. Porque nove em cada dez vezes, eu cedo. Eu não consigo evitar.

Em minha defesa, elas pediram café antes de eu receber a porra da mensagem, então eu fiz um pouco para elas. Suas canecas estão sobre a lareira.

Maria levanta as mãos. — Não há necessidade de mandar uma mensagem para tia Rose. Eu tenho todos os detalhes. — Ela dá de ombros. — Então, essa história não é sobre o mesmo ator que você está pensando. Eu não estou namorando ele ou outra pessoa. O que você *está* pensando - ele é só meu amigo, sério.

Não me lembro do nome dele, mas ele tem vinte e um anos e se tornou famoso *pra caralho* por interpretar Sorin-X no filme de *O Quarto Grau.*

Janie se levanta na ponta dos dedos dos pés. — Sou terrivelmente suspeita para falar, mas acho que sou uma companhia melhor do que as outras opções.

Maria entrelaça o braço com o da prima. — Sem dúvidas.

O teto chacoalha com uma onda de fodidos passos. Os meninos Cobalts devem estar no segundo andar. Eu ouço vagamente Janie sugerir tirar fotos de suas roupas, mas *sem postar nas redes sociais.* Maria concorda e as duas tiram os robes, usando os vestidos da Calloway Couture.

— É essa porra que você está vestindo? — Eu pergunto a Janie, minhas sobrancelhas se franzindo com força.

— Sim, não é magnífico? — Janie gira, mas tropeça em todo o maldito tecido, longo demais. O vestido vermelho escuro é aberto nas costas, metade brilhante com mangas compridas.

Ela tem *onze anos*.

Não dezoito anos como Maria, que usa um vestido preto de manga comprida, bordado e brilhante pra caralho como o vestido da Janie. Janie nem se parece com ela, não só porque o vestido é muito grande para o seu corpo, mas porque não é o estilo dela.

Balanço a cabeça algumas vezes. *Não é magnífico?* — Porra, não — eu digo categoricamente.

Maria ri.

Janie sorri gentilmente. — Mamãe disse que arrumaria a bainha do vestido antes de amanhã. Eu sei que parece longo.

Parece mais do que apenas longo pra caralho. — Seu pai já viu a porra do vestido?

— Não, mas ele não vai se importar... vai?

A primogênita dele. Sua filha. O bebê que ele fez o parto na parte de trás de uma fodida limusine. Sem sombra de dúvidas, ele vai se importar.

[53]

Janeiro de 2027
A Propriedade Cobalt
Filadélfia

CONNOR COBALT

— Isso é seu. — Passo um pequeno pedaço de papel com meus códigos de segurança para Ryke. Ele me encontrou na porta da frente, o que significa que ele está pronto para sair da minha casa rapidamente.

Ryke assente uma vez em apreciação e dá um passo em volta de mim, com a mão no batente da porta. Ele hesita.

— Sim? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— Você verá em um maldito segundo.

Maravilhoso. É vago o suficiente para implicar qualquer coisa. Não chego a conclusões irracionais. Eu só arquivo seu comentário e digo em italiano: — Fai attenzione, amico mio.

Tenha cuidado, meu amigo.

Ele assente novamente. — É uma escalada fácil pra caralho.

— É a caminhada até a escalada que traz mais riscos.

Ele levanta o pedaço de papel entre os dedos. — É por isso que eu tenho essa porra.

— O papel é uma arma inútil contra um animal — brinco. — Você já deveria saber disso, já que se comunica com eles.

Ryke estreita os olhos. — Você é espertinho pra caralho.

— Eu não discordo. — Eu começo a sorrir.

— Para isso... — Ryke mostra o dedo do meio para mim e depois fecha a porta da frente ao sair.

Enquanto vou para dentro de casa, desfaço minha gravata e enrolo as mangas da minha camisa social preta. Ouço passos lá em cima, crianças correndo de um lado para o outro e o barulho dos meus filhos conversando entre si.

Meu sorriso se expande com um pensamento.

Minha vida nunca é chata.

Passo pelo arco até a sala de estar e meu passo diminui. Afasto minhas emoções e apenas me concentro nos fatos. Maria e Jane planejavam experimentar seus vestidos hoje, para que Rose possa fazer alterações mínimas antes da cerimônia de premiação. Rose também tem uma surpresa para Jane, uma que mudará a mente da nossa filha sobre o vestido vermelho que ela usa agora.

É tolice ser outra coisa a não ser impassível, eu me lembro. Seu vestido atual é temporário, então meus sentimentos deveriam ser ainda mais fugazes.

Esfrego os lábios uma vez e depois tiro o meu relógio.

— O que você acha? — Jane pergunta, girando em um círculo. Ela tropeça no excesso de tecido e Maria a segura com uma risada.

Eu acho que o vestido combina com uma mulher adulta. Em vez de repreender Jane e lamentar como uma hiena sobre roupas apropriadas, simplesmente pergunto: — Quais são suas intenções com esse vestido? — Eu chego perto das meninas, passando pelo sofá.

Jane ajusta o excesso de tecido. — Bem, eu quero exibir uma peça da Calloway Couture para a mamãe.

Eu guardo meu relógio no bolso. — Ela preferiria que você usasse um vestido em seu próprio estilo. Tente novamente.

Jane sorri em pensamento, e ela balança para frente e para trás, as mãos cruzadas na frente dela. — E se minhas intenções forem altruístas? E se eu preferir apoiar a Calloway Couture?

Maria bebe da sua caneca de café, olhando alegremente para frente e para trás entre Jane e eu.

— Então você se sacrificaria em favor de outra pessoa. Como isso soa para você? — Eu questiono.

Jane olha para o teto. — Desanimador, eu suponho, mas o benefício para a Calloway Couture supera o custo pessoal.

Eu quase penso que a ouvi incorretamente. Pisco uma vez, duas vezes, tentando subjugar a emoção que brilha nos meus olhos e arranha o meu cérebro. — Não — digo definitivamente. — Você não pertence às nossas empresas, Jane. A menos que seu sonho seja se tornar uma estilista ou assumir a Cobalt Inc., seu trabalho é seguir suas próprias paixões, *nunca* proteger as nossas.

Jane balança mais uma vez, o tecido vermelho escuro em cascata. — Então estou mudando minhas intenções.

Melhor. — Quais são elas agora?

Ela levanta o queixo e seu cabelo castanho cai ainda mais do seu rabo de cavalo bagunçado. — Minha intenção é ficar linda.

— Com qual objetivo?

Maria sorri em sua caneca como se já tivesse testemunhado essa troca muitas vezes antes. Rose e eu desafiamos nossos filhos a pensarem sobre suas ações, e eu prefiro mil vezes ampliar suas mentes do que simplesmente enviá-los para os quartos.

— Com o objetivo de... — Desonestidade brilha nos olhos da Jane, e ela diz: — *Amor.*

Não estou totalmente surpreso, mas a palavra faz os meus ombros tensionarem apenas uma fração, o que é *muito* mais que o normal. — Amor — repito, deixando sua resposta afundar. Sinto minha mandíbula flexionar.

Maria segura sua caneca com as duas mãos. — Você está de olho em um garoto, Jane? Ou talvez em uma garota?

— Eu não me sinto atraída por meninas dessa maneira, mas eu aprecio a inclusão, Maria. — Jane pega sua caneca e elas brindam.

Ryke sempre fala sobre não estar pronto para ver suas filhas crescerem e, como a maioria dos aspectos entre nós, diferimos em certos níveis. Eu *quero* ver quem meus filhos vão se tornar quando crescerem. Eu só não consigo suportar a idéia dos meus filhos ou filhas serem manipulados por outra pessoa ou serem feridos por suas próprias escolhas - quando não posso e não escolho por eles.

É uma possibilidade que Jane namore um garoto que eu acho inferior a ela. Pode até ser inevitável, especialmente se ela está escolhendo usar um vestido apenas para atrair *outra pessoa*. Nesse sentido, prefiro que todos os meus filhos fiquem jovens para sempre. Prefiro inventar uma impossibilidade do que enfrentar uma realidade pior. Uma que eu não posso controlar. Uma que eu realmente não posso mudar. Eu só tenho que esperar e assistir.

Lembre-se do amor.

Eu amo meus filhos como extensões de mim mesmo, então vê-los falhar é como me ver falhar. Mas também há poder no amor.

Todo dia eu me lembro disso.

— Então você pretende estar no seu melhor com o objetivo de encontrar o amor. — Eu me inclino contra o braço do sofá. — O amor é uma pessoa específica?

Jane coloca sua caneca de volta na lareira. — Oui. — *Sim*.

Maria adivinha: — É Ian Eastwick? — O garoto que desenhou um pênis na parte de trás do caderno de matemática da Jane.

Meus músculos começam a se flexionar. Meus olhos começam a se estreitar reflexivamente. Eu arqueio outra sobrancelha quando Jane vê meu descontentamento.

— Não, não é Ian Eastwick — Jane diz e então ela sorri para mim. Como se ela tivesse construído um enigma que não consigo resolver.

Em menos de um segundo, eu sei. — Amor é você.

Jane sorri e bate palmas rapidamente. — Belo trabalho. — Para Maria, ela diz: — Gostaria de me vestir da melhor maneira por causa do amor que tenho por mim mesma. Não para um garoto, mas para mim. — Ela balança o solto das mangas. — Se eu nunca me apaixonar, nem irei me importar.

Estou muito surpreso com esta conclusão.

— E por que isso? — Eu pergunto.

— Porque eu estou cheia do amor que tenho pelos meus irmãos, o amor que tenho por você, pela mamãe, por mim e pelo amor que todos vocês me dão em troca. Não vou passar minha vida agonizando com a idéia de me apaixonar. Não preciso disso mais do que preciso de um apêndice.

Eu não tinha irmãos para amar e nem pais que forneciam amor. Sua infância contrasta amplamente com a minha. O amor a rodeia e vejo que ela o abraça completamente. Exceto pela idéia de amor de uma cara-metade, como se o amor fosse quantificável e ela já atingiu seu limite máximo.

De um lado, tenho orgulho de sua independência e do fato de que seu modo de pensar a salvará de imensas mágoas. Do outro, só posso esperar que ela esteja aberta ao amor se ele vier. Quando ele apareceu na minha vida, foi uma luta aceitá-lo, segurá-lo, devolvê-lo.

Jane não sou eu, e vejo que ela poderia ser alguém muito melhor.

Meu sorriso não é nada além de sincero. — Mon cœur — murmuro. *Meu coração*.

Jane toca seu coração, expressando o mesmo sentimento. — Eu te surpreendi? — ela pergunta.

— Marginalmente.

Ela se ilumina, sabendo que isso é mais surpreso do que eu normalmente fico.

Ela se ilumina, sabendo que isso é mais surpreso do que eu normalmente fico.

A boca de Jane cai quando vê a roupa pendurada. — O que é isso? — Então lágrimas enchem seus olhos. — Mamãe? — As mãos dela voam para os lábios.

Rose segura uma saia de tule azul pastel e um suéter com *milhares* de lantejoulas costuradas à mão que criam uma estampa de oncinha. Na outra mão, ela tem saltos grossos de lantejoulas de oncinha com fivelas rosa pastel.

Rose fez tudo para Jane.

— Você sabia? — Jane pergunta a Maria.

Maria sorri. — O que posso dizer? Sou a melhor guardadora de segredos.

Não é melhor que eu.

Jane pega a saia de tule e Rose enxuga as lágrimas de nossa filha com uma mão carinhosa. Muito calmamente, Rose diz às duas meninas: — *Nunca* sacrifiquem seu estilos pessoais. Não sejam ninguém além de vocês mesmas.

Jane funga e abraça os saltos que Rose lhe dá. — Eu não vou. — Ela sussurra algumas palavras carinhosas em francês.

Rose vira a cabeça para mim. Eu leio a conquista em seu olhar: *funcionou*.

Eu sabia que funcionaria.

Ontem à noite, Rose falou sobre o que aconteceria se Jane usasse o vestido vermelho. Eu acreditava que o evento nunca iria ser deixado para lá. Jane sempre iria usar o mesmo tipo de roupa. Então, na cama, nem mesmo cinco minutos depois que Rose se acalmou de um orgasmo, sua mente se voltou para *isso*: — Vou levar as tesouras comigo para o tapete vermelho. Vou *esfaquear* as pessoas que começarem a sexualizá-la.

Ela tem onze anos, e nós dois sabemos que o conceito de mulheres na mídia é muito diferente do que os de homens na mídia. Somos todos provas vivas disso.

— Ela não vai usar aquele vestido — lembrei Rose pela décima vez. — Eu também vou agendar uma consulta com um otorrinolaringologista para você.

Rose me olhou furiosa. — Eu estou te *ouvindo*. Só não penso o mesmo que você.

— Você não acha que eu a convenceria a usar outra coisa? Ou, no mínimo, que *você* a convenceria?

Rose se irritou com o meu tom, prestes a rolar de lado para longe de mim.

Apertei seu braço, ainda pairando sobre seu corpo. — Rose.

Ela congelou e depois se apoiou nos cotovelos, como se dissesse: *eu sou tão* tudo *quanto você.* — Você tomaria banho de sangue de porco por mim?

— Sim.

— Por eles?

— Sim. — Eu nunca hesitei.

Sua dúvida em relação a ela e a mim desapareceu rapidamente.

Eu faria qualquer coisa para garantir a segurança e o bem-estar da minha família. Inclusive, como último recurso, impedir fisicamente minha filha de sair de casa com aquele vestido.

A razão pela qual sou muito melhor do que todos os outros:

Para vencer, só preciso de palavras.

[54]

Março de 2027

A Propriedade Cobalt

Filadélfia

ROSE COBALT

Percorro o quarto de Ben decorado com obras de arte com tinta: impressões de mãos diretamente *nas* paredes. Demos a ele a tinta ColorPalace, mas não demos a idéia de abdicar papel e à tela. Isso foi tudo tudo do Ben.

Dissemos a ele que, se ele quiser mudar a cor das suas paredes no futuro, ele terá que pintar sobre a arte desleixada que ele criou. Fiz questão de usar palavras como *assustadora* e *longas horas* e *dolorido trabalho.*

Ben sorriu e disse: — Legal.

Agora eu corro pelo quarto dele em busca de um maldito *pássaro*. — Pip-Squeak — digo seriamente — *não* faça isso comigo, não durante a festa de aniversário dele. — Me pego limpando enquanto me movo, afofando seus travesseiros azuis e organizando os lápis de cera em sua mesa.

Eu retorno para o centro do quarto e levanto um dedo. — Estamos no mesmo time Pip-Squeak. *Vem.*

Nada.

Eu rosno. — Lady Macbeth, se você comeu esse pássaro durante a festa de aniversário dele, eu vou matar você. — *Não pense nisso, Rose.*

A Calopsita cinza, com manchas alaranjadas nas bochechas, está na nossa família há mais de dois anos. Nesse período, ele aprendeu a cantar a música tema da *família Adams* graças ao Eliot e Tom, sobreviveu a uma gata preta brincalhona chamada Lady Macbeth e se apegou ao seu dono, que irá completar cinco anos na segunda-feira.

Já que Winona fez três anos na quarta-feira, Ben se ofereceu para fazer uma festa conjunta com tema de pirata no sábado.

Crescendo, eu sempre hesitei com a idéia de compartilhar meu aniversário com *qualquer* pessoa. Era o único dia que eu nunca tive que compartilhar.

Ben foi inflexível sobre uma festa conjunta.

Hoje é sábado.

As crianças já invadiram meu quintal e a rua como gafanhotos. Ele convidou toda a sua série. Conversas sem fim e comoção viajam para a casa vazia. Não deixamos ninguém entrar, nem mesmo para fazer xixi.

Há banheiros químicos na rua.

Não estou arriscando que nada suma do quarto dos meus filhos e acabe no eBay. Ou que fotos sejam tiradas dos seus closets, apenas para serem vendidas ao *Celebrity Crush.* Seus amigos da escola podem mijar em um banheiro alugado de alta qualidade. Alguns estão usando fraldas, então eles podem cagar nelas.

— Mãe, você achou o...? — Beckett para, notando meu dedo levantado sem um pássaro empoleirado na ponta. Eu já tentei acenar com guloseimas de pássaros. Pip-Squeak não pode ser subornado. Eu respeito sua lealdade.

Mas onde diabos ele está?

Eu abaixo meu braço. — Nós o encontraremos. — Sou uma fortaleza de ferro e meu filho de nove anos *não* verá minha incerteza. — Vamos verificar o seu quarto. — Eu vou para a porta.

— Eu já verifiquei. — Beckett e Ben têm cabelos semelhantes, ondulados com algumas mechas mais encaracoladas, e as pessoas acreditam que eles são mais parecidos do que Beckett é com seu irmão gêmeo.

Não são os cabelos que os unem. Beckett é o único irmão que está procurando o pássaro porque Pip-Squeak gostava dele. A menos que ele esteja defendendo Charlie, ele é o mais equilibrado e calmo de *todos* os meus filhos. Ele pode mover os braços como seda ondulante. Ele dança tão graciosamente que, aos nove anos, começou as aulas para crianças de doze anos.

Suas mãos estão muito tensas. Seja mais gentil, Rose, a instrutora de balé me repreendia quando eu era criança. Eu era dura. Inflexível.

Beckett é a superfície de um lago ondulante. Água. Assim como o pai dele.

— Vamos olhar no seu quarto novamente. — Tenho um palpite de que o pássaro voou até lá. Ou isso ou Pip-Squeak está muito morto.

Beckett segue atrás de mim: — Ele vai chorar. Tom pisou em uma lagarta ontem e Ben chorou ao lado do carvalho. — Meu coração se contrai.

— Estou *encontrando* esse pássaro, nem que seja a última coisa que faço — digo com tanta convicção.

Beckett assente, sua dúvida diminuindo. Nós dois entramos no quarto dele. Roupa de cama cinza e branca, móveis de madeira escura. Muito, *muito* mais arrumado do que todos os quartos deste corredor (exceto o meu). Embora a maneira como ele posicionou seus livros com uma leve inclinação na quarta e quinta prateleira pareça estranha.

Estalo minha língua, meus olhos em chamas. — Pip-Squeak, mostra sua bunda cheia de penas ou vamos te servir para a Lady Macbeth.

Beckett assobia e espreita debaixo da cama. — Eu te ensinei *feliz aniversário* para cantar para o Ben, não para se esconder. Para onde você foi?

Eu mantenho meu dedo levantado no caso de Pip-Squeak decidir se juntar à festa, e eu conserto alguns dos livros do Beckett, empurrando-os na vertical. Também coloquei dois de seus lápis em um suporte.

Beckett assobia novamente enquanto se levanta. O som morre no meio do caminho e ele grita: — Mãe!

Eu congelo no meio do quarto. Beckett raramente levanta a voz. Ele corre para a estante de livros e analisa meticulosamente os romances que levantei. Então ele examina o quarto, vê os lápis fora do lugar e coloca dois lado a lado no centro da mesa.

Meus olhos ardentes diminuem a intensidade um pouco.

Ele não consegue olhar para mim enquanto diz: — Por que você precisa tocar nas minhas coisas *toda vez* que entra no meu quarto? — Beckett agarra a moldura da cadeira de sua mesa.

Durante anos, sabemos que ele tem TOC. Ele sabe que ele tem. Charlie sabe.

— Sinto muito — digo a ele. *Sinto muito que você tenha que experimentar isso. Sinto muito que meu TOC tenta superar o seu.* — Eu não vou tocar.

— Foi o que você disse antes.

— Estou tentando, Beckett. — Meu peito está apertado. Às vezes é muito difícil com tantas crianças. O quarto da Jane está *sempre* bagunçado. Eu poderia muito bem estar morando com Daisy novamente. Eu só tenho que fechar a porta dela e bloquear o desastre.

Eu gosto das coisas organizadas de uma certa maneira. Ordenadas e em seus devidos lugares. Quando eu era mais nova, eu tinha rituais noturnos no banheiro que levavam duas horas para serem concluídos. Consigo *não* ficar obcecada com a maneira como escovo os dentes e quantas vezes lavo as mãos.

Agora só me preocupo que o TOC dele se torne um inimigo muito maior, como o meu se tornou. Primeiro devagar, depois rápido, e antes que ele perceba, ele vai perder *horas* obcecado.

— Beckett, se precisarmos agendar outra sessão de terapia...

— Estou bem. — Beckett me encara. — É só o meu quarto. — Ele está com medo que o proibamos de dançar.

Então eu tenho que dizer: — Preciso te lembrar que eu fiz aulas de balé durante toda a escola preparatória? Ele *gera* o perfeccionismo como se fosse ele lindo monstrinho.

Balé é sempre sobre técnica perfeita, forma perfeita, timing perfeito. Ele pode ter TOC e ser dançarino de balé. Connor até acredita que isso fará dele um melhor dançarino, mas se sua saúde for prejudicada, minhas garras vão sair.

Vou tentar aniquilar tudo que o machuca.

Até balé.

Beckett permanece firme. — Eu sei, mas prometo que não está pior do que era. — Sua honestidade soa verdadeira.

— Meu gremlin — eu digo em um tom mais calmo. Eu estendo a mão para a mão dele.

Ele a segura, com os olhos tristes. — Isso ficará mais fácil um dia?

Eu aperto. — Sim.

Ele aperta em resposta e, como se o destino estivesse falando conosco, Pip-Squeak pousa no ombro de Beckett. Estou prestes a mastigar o pássaro, mas então ele começa a cantar parabéns. Para o garoto errado.

Beckett e eu compartilhamos um sorriso.

E ele aperta minha mão novamente.

{ 55 }

Julho de 2027
Disneylândia
Califórnia

LILY HALE

Antes de nos dividirmos em três grupos (pelo menos um dos pais em cada um), tivemos uma conversa séria com todos os nossos filhos sobre nossa aventura na Disneylândia.

Rose: — Lembrem-se do sistema de amigos. *Não* vagueiem por aí sozinhos. — Todos nós olhamos direto para Charlie.

Daisy: — Divirtam-se!

Eu: — Não comam hambúrguer antes de irem no Gadget's Go Coaster. Lo vai concordar. — Eu aprendi isso da pior maneira.

Lo: — Ela vomitou no próprio pé quando tinha dez anos. — Todas as crianças riram. — Sem conversar com estranhos.

Ryke: — E se vocês precisarem de alguma coisa, digam ao fodido pai que esteja com vocês.

Connor: — Usem seus cérebros. Todos vocês têm um.

Não estou tão preocupada com a segurança deles. Temos uma equipe incrível de guarda-costas conosco, alguns dos quais estão *muito* familiarizados com a Disneylândia, então optamos por esse parque em vez da Disney World. Até usamos túneis secretos para evitar chamar muita atenção, mas isso não elimina tudo. Só espero que nossos filhos possam experimentar a magia do parque da mesma maneira que Lo e eu experimentamos quando éramos mais novos.

Mas crescer famoso definitivamente é diferente.

— Ai meu Deus, olha ali o Xander Hale! — alguém grita.

— Lily Calloway!

— XANDER!

Splash Mountain está na nossa frente, e meu filho de quatro anos abraça minha perna com força. Se escondendo. Está tudo muito alto. Não apenas as pessoas gritando nossos nomes, mas as

conversas gerais do parque e os gritos empolgados enquanto o carrinho desce pela montanha aquática. Não estamos na fila para o Splash Mountain, mas estamos esperando as crianças grandes que estão com Ryke e Lo descerem.

Meu guarda-costas está muito perto, impedindo as pessoas de se aproximarem.

— XANDER!!!

Eu levanto Xander em meus braços. Com quatro anos, ele está começando a ser muito pesado para mim. Então ele enterra o rosto no meu ombro e eu penso *posso carregá-lo por anos-luz! Meus braços são de aço. Eu sou titânio.*

Eu o seguro com mais força. — Você está bem. Eu estou bem aqui. — Nós nunca colocamos Xander no documentário. Apenas o aterrorizaria mais. Também esperávamos que ele estivesse na mídia menos, mas o *Celebrity Crush* começou a publicar artigos sobre a aparência física do Xander.

[Fotos] Xander Hale: o bebê mais fotogênico!

Xander Hale: Futuro Modelo

Xander Hale: Futuro Modelo

Luna viu a manchete da *Celebrity Crush* em um caixa de supermercado e disse que era imprecisa. Xander é do planeta Thebula 2.

Não sou a pessoa certa para falar, mas posso ver por que eles o consideram fotogênico. Seus intensos e ousados olhos cor de âmbar contém mais emoção do que a maioria. Se estivéssemos todos no Animal Planet, ele seria o filhote fofo que hipnotiza o espectador por pura expressividade.

Ele é cativante mesmo quando não quer ser, e eu tento fazer o meu melhor para deixá-lo confortável, para que ele não deixe de sentir a magia. Ele deveria estar no segundo grupo de crianças com Eliot, Luna, Tom e Ben, mas ele não me soltou.

Eu egoisticamente amo ter alguém me abraçando tão forte assim. Eu o abraço de volta e tento ignorar a dor nos meus braços. *Braços de aço, fiquem comigo.*

Xander está escorregando.

SOS!!

Eu o ajusto e ofego um pouco. Sua camiseta cinza, com um desenho de *Guerra nas Estrelas*, sobe até seu umbigo. De alguma forma, consigo colocá-lo do meu lado esquerdo e depois puxo a barra da sua camiseta até o short jeans.

Eu poderia me dar um tapinha nas costas se meus braços não estivessem tão ocupados.

Quando Xander espia do meu ombro, aproveito ao máximo a oportunidade. Eu pergunto a ele por cima dos barulhos ao redor: — Você está com fome? — Ele estava dolorosamente tímido essa manhã no café da manhã. Ele mal comeu seu waffle de morango e, como eu também era uma criança tímida, posso me identificar com isso de desperdiçar comida, mas ainda querer comer.

Xander assente.

— Eu também. — Eu o coloco no chão, meus músculos fracos do braço latejando e gritando em agradecimento. Eu me agacho ao lado de Xander e procuro na mochila do Ryke. Coloquei todos os meus lanches no bolso da frente. Biscoitos, alguns Ding Dongs esmagados - ah-ha! Pego o saquinho de cheetos sabor parmesão.

Ele pega um punhado, então eu faço o mesmo, e nós dois comemos salgadinhos juntos. Estamos à procura de Moffy no brinquedo, e Xander presta mais atenção a Splash Mountain e no seu lanche do que a cacofonia ao seu redor.

Eu só consigo sorrir. *Tive sucesso como mãe.*

— Você me viu?! — Moffy jubilantemente corre até nós, passando a mão pelos cabelos castanhos escuros. Ele fez doze anos na semana passada. Eu foco minha atenção em sua camisa laranja de *O Quarto Grau*, um pouco *molhada*. Ah, merda. Não vi ele descendo a Splash Mountain.

Falhei como mãe.

Eu invento uma meia-verdade. — Um pouco. Foi difícil de ver.

— Foi tão incrível! — Moffy explica a emoção do brinquedo, especialmente para Xander, que é jovem demais para ir. No final, percebo que Moffy é o único aqui - além de seu guarda-costas, Declan.

— Onde estão todos os outros?

— Eles estão vindo. Fomos em um barco na frente. — Ele se agacha à altura do irmão mais novo e Xander compartilha um

salgadinho com ele. Moffy o mastiga e pergunta: — Vi o Pateta passar ali atrás, você quer tirar uma foto com ele?

O olhar de Xander cai e ele balança a cabeça.

— Que tal um autógrafo? — Moffy pergunta, sabendo como seu irmão não gosta de fotos. Ele até encontra maneiras de se esconder atrás de seus irmãos mais velhos em fotos de grupo.

Xander balança, incerto. Ele não se agarrou a mim desde que eu peguei o salgadinho, então esse é um bom progresso.

— Vamos lá, Summers — Moffy diz com um sorriso fácil. — Você precisa encher o seu caderno de autógrafos. O que vai acontecer se o Ben tiver mais do que você, hein? Você não pode deixar isso acontecer.

Summers.

Toda vez que Moffy o chama assim, meu peito se enche de amor. Ele é o único que usa esse apelido com Xander, já que seu nome é em homenagem a Alexander Summers.

Seus olhos emotivos cor de âmbar se erguem para Moffy. — Você vai ficar comigo?

— Eu sou seu parceiro, Summers. Eu não deixaria você sozinho no mundo. — Moffy estende a mão.

Xander a agarra e os dois ficam em pé juntos.

— Posso levá-lo sozinho? — Moffy me pergunta. — Quero dizer, com o Declan e o guarda-costas do Xander. Mas... — *Não comigo.* Antes que uma flecha penetre meu coração, lembro a mim mesma que chamo atenção aonde quer que eu vá. Ele terá mais facilidade para evitar multidões sem mim, e eu gosto que Moffy queira passar um tempo com seu irmãozinho.

Hesitante, eu oscilo de um pé para o outro como se tivesse que fazer xixi. Moffy pode ter doze anos agora, mas Xander tem apenas quatro. E se algo acontecer? Parece uma decisão que Lo e eu deveríamos tomar juntos.

— Talvez você deva esperar... — Eu paro, vendo Lo ao longe com as crianças mais velhas e Ryke, todos um pouco molhados do brinquedo. Provavelmente pela décima primeira vez hoje, conto as cabeças rapidamente.

Sullivan.

Beckett.

Jane.

Cadê o Charlie?

Eu levanto meu pescoço. Eu me inclino para o lado. Meu pulso começa a acelerar, e é aí que Ryke e Lo começam a examinar freneticamente a área ao redor deles. Percebendo que Charlie não está com o grupo.

— Charlie?! — Ryke grita, chamando mais atenção para nós.

Espero o garoto de nove anos sair de trás de um banco ou de um aglomerado de balões em forma de Mickey. Nada acontece. Eu vejo celulares apontados para nós. Eu ouço as pessoas chamarem *nossos* nomes, mas não vejo o menino Cobalt mais velho.

Xander se esconde atrás das pernas do Moffy.

Meu guarda-costas entra em contato com a frota por um ponto eletrônico no ouvido. — Está faltando um.

Está faltando um.

Acabamos de perder o filho da minha irmã.

{ 56 }

Julho de 2027
Disneylândia
Califórnia

LOREN HALE

Com o meu celular apertado contra a minha orelha, eu estou no meio dos escritórios do parque. Ryke e Lily conversam com os coordenadores do parque nos fundos e, na frente, Jane, Sullivan, Beckett, Moffy e Xander estão sentados em cadeiras de plástico perto da parede.

— Ele se afastou — eu digo, praticamente histérico pela porra do celular. — Não sei onde diabos ele poderia estar, Connor. Ele não atende quando ligamos.

Essa não é a primeira vez que Charlie Keating Cobalt se afasta do grupo, mas é a primeira vez na maldita Disneylândia. Eu ouvi sua conversa *muito* longa com seus pais antes de chegarmos, e a essência geral era ficar com a porra do grupo.

Eu passo a mão no meu pescoço. Vai ser culpa minha se algo acontecer com Charlie. Fui eu quem o convenceu a andar na Splash Mountain quando tudo o que ele realmente queria era relaxar no hotel.

— Lo, se acalme — diz Connor, sua voz serena.

Meu rosto afia. — Você está falando sério? Você está *me* dizendo para me acalmar? Como *você* está calmo agora?

— Porque eu conheço e entendo meu filho. Ele provavelmente achou o brinquedo inútil, e pode ter escapado no último minuto. Ou ele está no hotel, ou vai encontrar você.

Ele vai me encontrar? — Ele tem *nove anos*, Connor. — Eu expiro uma respiração irregular. — Você que deveria ser o inteligente daqui.

— A idade dele não importa, e eu sou o inteligente, o que significa que minha opinião tem mais peso. — Ele sussurra para outra

pessoa, as vozes abafadas, e então ele se concentra na nossa ligação novamente. — Lo?

— Ainda aqui — eu digo com força. — Rose está a caminho do hotel?

— Sim. Me ligue se ele encontrar você. — Ele diz como se, *de jeito nenhum*, eu fosse encontrar Charlie antes que ele me encontre. Depois que seu raciocínio afunda, eu não discuto mais. Charlie é inteligente, talvez um pouco menos do que o pai, e se alguém conhece esse garoto, é Connor Cobalt.

— Você está procurando por ele? — Eu pergunto.

— Os meus guarda-costas estão trabalhando com a segurança do parque, e estou tentando rastrear o celular dele. — Seria mais fácil se Garrison estivesse aqui. Ele é bom com eletrônicos, mas ele foi passar o mês em Londres com Willow e a filha deles. — Mas eu escolho não entrar em pânico.

— Rose não carrega a mesma filosofia. — Lily disse que sua irmã mais velha se transformou em Xena: A Princesa Guerreira por celular, falando coisas como *batalhões, combate, lâminas e morte*.

— Nem você — diz Connor facilmente. — Nem o Ryke. Acredito que haja um nome para isso. — Eu ouço o sorriso em sua voz.

Trio do temperamento quente.

Esse é o maldito nome.

Solto um suspiro profundo, meus ombros relaxando. Connor diminui o pavor no meu estômago. Ele sempre foi capaz de tornar situações desconfortáveis mais confortáveis apenas com a voz e algumas palavras. Nossas vidas seriam drasticamente mais difíceis sem ele.

Depois que desligamos, penso no que aconteceu. Penso no futuro em que não vamos estar com as crianças enquanto elas vão para o ensino médio - enquanto vão para a faculdade. Eu penso sobre isso, e corro em direção à fila de crianças mais velhas.

Sulli e Beckett estão sentados no tapete, fazendo abdominais lado a lado em rápidas sucessões. Ninguém está contando. Eles não estão competindo um contra o outro. Essas crianças loucas de nove anos acham *divertido* treinar para a natação e balé. E nós estamos na *Disneylândia.*

Meu rosto se contrai como se eles fossem de outro planeta. Não posso nem comentar porque já vi tudo isso antes. Flexões, abdominais em horários e lugares aleatórios - eu já vi isso do meu próprio irmão.

É uma raça diferente de pessoa.

Não sou assim.

Jane desenhou um jogo da velha na mão e está brincando com Moffy e Xander, mas meu filho mais velho registra minha presença iminente, feições serrilhadas como uma faca. Ele abaixa o marcador mágico azul, não nervoso ou assustado. Não estou tentando assustar o Moffy.

Sulli e Beckett param no meio de uma abdominal, os olhos em mim.

— Vocês quatro. — Faço um sinal para todos eles.

— Estamos em cinco, pai — diz Moffy friamente, sorrindo. Seu irmãozinho está empoleirado no joelho dele com um saco de salgadinhos.

— Xander não faz parte desse discurso. — Meu filho mais novo olha para mim, os olhos âmbar reflexivos que carregam *pura* inocência, sua camiseta cinza de *Guerra nas Estrelas* manchada com pó de salgadinho laranja. — Você tem sido um excelente Disneylander, Xander. — Só uso a palavra *Disneylander* porque ouvi Lil usá-la, e isso me lembra dela.

Xander começa a sorrir com o elogio.

Moffy faz uma careta. — Então isso significa que fizemos algo de errado?

Jane levanta a mão, mas ela fala antes mesmo que eu me concentre nela. — Tio Loren — ela diz meu nome completo, como toda criança Cobalt. — Proponho que não sejamos punidos pela personalidade do meu irmão.

Moffy concorda com a cabeça. — Nós não podemos vigiar o *Charlie*. Eu já tentei, pai, mas não é possível.

Eu nunca tenho a chance de perguntar o porquê.

Beckett fala do chão, sentado reto com um joelho dobrado. — Charlie não quer que o mantenhamos no grupo.

Moffy acrescenta: — Ele quer fazer suas próprias coisas.

Jesus Cristo. — Todos vocês precisam cuidar um do outro. Esse é apenas o começo da vida caótica que vocês terão. E entendo que Charlie gosta de ficar sozinho, mas vocês quatro precisam sempre manter contato. Pelo *menos* obter informações sobre onde ele pode estar indo. Se ele não nos contar, deve contar a todos vocês. — Olho para Beckett, os únicos olhos verde-amarelados mansos que eu já vi na vida.

Ele balança a cabeça, cabelos castanhos escuros balançando com o movimento. A expressão dele apenas diz: *desculpa, mas você não está certo.* — O objetivo de ficar sozinho é para que você não seja seguido e encontrado. E se ele me dissesse, eu seria o primeiro a te contar, e é exatamente por isso que ele não me disse.

Connor disse algo sobre isso por telefone. Beckett está tão preocupado com a segurança do Charlie quanto o resto de nós. Talvez até mais.

Sulli dá uma cotovelada no braço do Beckett e diz: — Série de flexões?

Beckett assente rápido, e eles mudam de posição, fazendo flexões meticulosas. Se abaixando todo o caminho até o chão antes de subir novamente.

Jane coloca as mãos nas pernas, o cabelo caindo do rabo de cavalo. — Talvez devêssemos verificar o Matterhorn. Eu o ouvi mencionar esse brinquedo.

Também me lembro do Moffy dizendo como ele queria andar no Matterhorn antes que o dia terminasse. Eu posso não ser Connor ou até mesmo inteligente como o meu irmão, mas eu sou *não* um idiota. Ela realmente não acha que o irmão está lá. Ou então ela teria mencionado o Matterhorn no momento em que Charlie desapareceu.

Jane se levanta.

Eu fixo um olhar frio e mortal na menina de doze anos.

Lentamente, ela volta ao seu lugar. — Ele nos encontrará. Tenho certeza disso — Jane diz confiante. — Enquanto isso, não podemos fazer outra coisa?

— Sim, você está certa. Vamos. Podemos ir em alguns brinquedos, fingir que seu irmão não está *perdido* em um parque

temático onde milhões de pessoas o *conhecem*, e ele não conhece uma maldita alma. Você quer aproveitar e comprar algodão doce?

Os ombros da Jane caem e Moffy assente para mim como se ele entendesse. Não quero que eles pensem que são como todo mundo. Porque eles não são.

Eles nunca serão, porra. No minuto em que esquecerem que há pessoas que poderiam prejudicá-los facilmente - que só pensam nelas enquanto eles ficam lá sem saber, vulneráveis - é quando tudo vai pro saco.

— Nós não vamos sair dessa sala até que… — Eu paro quando a porta se abre.

Com a boca caindo lentamente, Sulli murmura: — Mas que desgraça é essa. — Isso é novo - algo que eu *nunca* ouvi nem o meu irmão dizer - mas é preciso.

Entra na sala um garoto de nove anos bem-vestido e com o cabelo impecável, seus olhos escondidos atrás de óculos escuros pretos como a noite e, quando os levanta sobre os cabelos castanhos, ele observa casualmente o ambiente. Como se esperasse tudo isso.

— Eu perdi a festa? — Ele levanta uma sacola de uma loja de presentes. — Eu trouxe presentes. — Charlie encontra o gelo nos meus olhos. Indiferente, ele diz, como se eu não tivesse entendido: — Isso foi uma piada. Na verdade, não achei que haveria uma festa.

Para me impedir de dizer algo *ruim*, eu penso nas coisas boas.

Ele está seguro.

Ele nos encontrou.

Connor estava certo.

Ele não é meu filho. Não preciso chamar sua atenção, fazer um discurso que ele não vai ouvir ou puni-lo. Esse é o trabalho do rei e da rainha. Então eu aceno para Charlie. — Você deve ter esquecido quem são seus pais, a menos que você só queira ver seu funeral.

— Meu funeral metafórico — Charlie reflete enquanto se senta ao lado da Jane. — Você vai chorar por mim, tio Loren? Eu choraria por mim. — Por causa do jeito que ele fala, fluentemente, sua voz como seda, mas *cheia* de humor - faz o resto das crianças rirem.

Estou no limite.

— Eu choraria por você, Charlie — diz Jane enquanto Moffy desenha um X na mão dela.

Charlie coloca o pé em cima de outra cadeira, relaxando, e ele não tem nem ideia de como Rose estava *tensa* desde o momento em que ele desapareceu. O quanto Lily se sentiu culpada por sua jornada para - onde diabos ele foi?

Cruzo os braços enquanto Charlie abaixa os óculos escuros e depois vasculha a sacola da loja de presentes. — Para você.

Não tenho certeza com quem ele está falando até que ele remove um boné do Mickey Mouse e estende a mão para... meu filho mais novo.

Xander está costurado atrás.

Engulo algo, talvez minha raiva.

Meu filho de quatro anos agarra o boné, seus lábios subindo para o presente. Moffy ajuda seu irmãozinho a encaixar as orelhas de rato, o boné achatando seus cabelos castanhos.

Vindo de Connor Cobalt, eu poderia questionar a sinceridade do presente - ele obviamente teria outros motivos. Para nos apaziguar, acalmar os temperamentos, mas tenho quase certeza de que essa não é a intenção do *Charlie*.

Eu o vi pegar a mão da Winona antes dela atravessar a rua.

Eu o vi ajudar o Xander a colocar as joelheiras antes de experimentar o skate do Moffy.

Ele é gentil, sem a expectativa de receber algo em troca.

E ele não poderia se importar menos se ficássemos irritados, se todos o odiarmos.

Eu testo. — Vou ouvir um pedido de desculpas? — Eu questiono bruscamente. Seria hipócrita de mim pedir por um. Eu não preciso de *desculpas* quando as entregava como bosta enquanto crescia.

Charlie pensa por um momento antes de dizer: — “Existo como sou, isso é o que me basta”.

Com a minha confusão e expressão de *que merda é essa*, Beckett diz: — Ele citou Walt Whitman.

Minha cabeça lateja. Pressiono a base da palma da minha mão na minha têmpora. Então penso no que poderia ter acontecido. Mais uma vez. Como ele se separou do grupo. Como ele era minha

responsabilidade. A sala fica em silêncio, minha mandíbula cerrada, olhos mortais cor de âmbar.

Moffy cobre as orelhas do irmãozinho com as mãos e depois sussurra para Charlie: — Cara, você está fodido. — Todos os nossos filhos ouvem palavrões, mas sabem que não devem dizê-los na escola - e eu entendo. Eu não passo o tempo todo com eles, eles podem estar dizendo *foda-se isso* e *foda-se aquilo* na quinta série sem o meu conhecimento.

Mas Sulli é a única que teve problemas por falar palavrão na Escola Primária Dalton, então o resto deles ou sabem esconder - ou eles simplesmente não falam palavrões.

Moffy também gosta de reforçar a regra branda de *não falar palavrões* para os seus irmãos, e é por isso que ele acabou de "abafar os ouvidos" do irmãozinho. Ele pegou essa mania da Lily.

Charlie não tira os óculos escuros, mas seu rosto está inclinado em minha direção.

Ele era sua responsabilidade. Eu sei.

Eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com o filho da Rose.

— Charlie. — O nome dele soa como um palavrão nos meus lábios. Eu respiro fundo, mudando meu peso para o outro pé. *Ele tem nove anos.* Connor pode dizer que idade não importa, mas isso *importa* para mim. Estou em uma posição de autoridade e não quero fazê-lo se sentir pequeno - mas não posso tratá-lo como se ele fosse tão alto quanto eu.

Ele fodeu tudo.

— Não seja como eu — digo secamente.

Deve surpreendê-lo porque ele se senta mais reto. — Como eu fui igual a você?

— Você não se preocupou com a sua própria vida. — Antes que ele refute, *eu me preocupo*, respondo: — Você não deve se importar se vive ou morre - porque há pessoas que o machucariam lá fora. Que gostariam de atraí-lo para lugares que você nunca iria querer ir.

— Eu sou mais esperto do que isso, tio Loren.

Meu rosto se contorce. Não importa o quão inteligente ele seja. Ele é um garoto de nove anos e esse fato não vai mudar até que ele fique mais velho. — Ah, então você pode vencer dois, três homens? Talvez até mulheres. Todos mais velhos que você. Com o que?

— Minhas palavras.

— Aí eles te amordaçam, vendam seus olhos - e então o que acontece? — As crianças estão estranhamente quietas, mas eu não vou mascarar a realidade delas. Elas estão ficando mais velhas. Elas estão *conhecendo* o mundo muito rápido. Eu aceno para Charlie. — *Eu sou mais esperto do que isso.* Diga isso a todas as pessoas com mãos maiores que as suas. Enquanto elas te agarram. Veja se eles se importam.

Charlie fica rígido, balançando a cabeça uma vez, depois duas. Ele olha para o teto. — Eu odeio pessoas irracionais.

Mas elas existem. E quantas vezes iremos encontrar pessoas assim?

Cristo. Respiro fundo, sentindo o enorme bloco de cimento que eu joguei neles. *Disneylândia*. Estamos na Disneylândia. É isso que acontece quando você traz um vilão para a festa.

Brincadeira.

Eu não sou o vilão, mas sou o tipo de herói que esquece de colocar uma música tema excessivamente feliz para passar nos créditos. Eu sou muito amargo para ser tão doce.

* * *

Com a Lily nas minhas costas, saio do simulador de movimento em 3D do Star Tours, meu irmão mais velho e as crianças mais velhas pulando à frente, conversando sobre a atração. Nós deixamos Charlie com seus pais, e Xander perguntou suavemente se ele poderia ficar com Ben e Luna por um tempo.

Depois de deixá-lo ir, Lil parecia desanimada no lugar mais mágico do mundo. Eu disse a ela que ela estava parecendo uma água-viva ensopada que foi levada pela onda até a minha praia.

— Você também não parece muito feliz — ela disse e cutucou minha testa onde minha carranca se formou.

— Você já me esqueceu, amor? Esse é o meu rosto normal. — Fiz um gesto para os meus olhos estreitos e depois dei a ela um meio sorriso seco.

Lily olhou para os meus lábios. — Eu não... esqueci.

Então eu sussurrei ao lado de sua orelha: — Você esqueceu que você e eu - nós sabemos como é a felicidade? — Seus olhos verdes se encheram com *anos* de vitórias. Vitórias que compartilhamos. Obstáculos que enfrentamos.

Então, não ficamos com nossos filhos mais novos por algumas horas na Disneylândia.

Não é nem perto de ser a pior coisa do mundo.

Lily assentiu com firmeza.

Agora saímos juntos do simulador de *Guerra nas Estrelas*, Lily montada nas minhas costas e cantamos a música tema que conhecemos e amamos. Nem mesmo um segundo depois, Moffy e Jane se juntam. Jane balança um punho no ar como se estivesse com uma espada.

Beckett e Sulli estão conversando no corredor, desinteressados. Algumas pessoas tiram fotos rapidamente deles, mas eles não prestam muita atenção nisso. Eu também tento não prestar.

— Duum duum dum dum dum — nós cantamos.

Lily é tão desafinada que Ryke, por perto, fica balançando a cabeça como se estivesse com enxaqueca.

— Ei — eu digo no meio da nossa música. — Não encha o saco da minha lufana.

— Eu não disse nada, porra.

O riso e o sorriso do Moffy desaparecem lentamente, seu olhar questionador passando de mim, para sua mãe, para Ryke. Estou apenas brincando com meu irmão mais velho, mas o olhar nos olhos do meu filho - praticamente para a porra do meu coração.

Ele fica quieto.

Pelo resto do dia. Quando Jane pergunta o que há de errado, ele apenas balança a cabeça. Lily e eu não o pressionamos a nos contar o que houve ainda.

Lily está roendo as unhas até a carne, mas é ela quem me diz: — Nós temos que simplesmente aceitar o que for jorrado na nossa cara. — Ela fica só um pouco vermelha. — Não jorrado, *aquilo lá* sendo jorrado. Você entendeu.

Eu quase sorrio, mas o nó no meu estômago nunca se desfaz. Não é até a hora do jantar. Não é até pedirmos o serviço de quarto no hotel para que todos possam relaxar, sem o medo de câmeras e

multidões gigantes. Não é até que todos se reúnam na suíte dos Cobalts com hambúrgueres e batatas fritas - não é até esse momento que Moffy se separa do bando.

Ele atordoadamente abre a porta, quase em transe. Eu sigo à distância. Lily, Ryke, Connor, Rose e Daisy me veem sair com ele para o corredor do hotel. Quando fecho a porta, Moffy para no meio do caminho, segurando o batente do arco na área de *máquinas de venda automática.*

Sua mão toca seus olhos. E eu sei que meu filho está chorando.

Ele desaparece dentro da área das máquinas, e eu sigo, virando a esquina. Uma pedra na minha garganta. Moffy afundou do lado das máquinas de gelo e Fizzle. Ele olha para cima e seu rosto vermelho se despedaça, chorando mais. Soluços guturais que puxam seu corpo para a frente.

Me sento instantaneamente ao lado dele, antes que ele tente se levantar.

Ele tenta esfregar o rosto, mas apenas soluça nas palmas das mãos, as bochechas encharcadas de lágrimas.

Eu abraço meu filho com força. Ele tem apenas doze anos.

Ele tem apenas doze anos e se esforça para agir como se tivesse vinte e dois. Nós o incluímos muito. Quando Ryke, Connor e eu sairmos para comer, convidamos Maximoff. Ele gosta de se sentir mais velho. Como se ele fosse um dos adultos, mas não é.

É um equilíbrio estranho, porque eu preciso que ele continue criança. Ele merece isso. Mas o universo talvez esteja dizendo *Maximoff Hale, você precisa crescer agora.*

Eu não pressiono meu filho a falar. Apenas digo a ele: — Você pode chorar, Mof. Não importa o motivo, você pode chorar.

Moffy respira fundo e se inclina para trás, batendo a cabeça contra a máquina de Fizzle preta e dourada. Lágrimas silenciosas descem por suas bochechas. Meu braço repousa sobre seus ombros e ele segura uma das minhas mãos com força - como se ele não quisesse que eu fosse embora.

Lily acha que cada dia que passa nosso filho mais velho fica mais parecido comigo. Mas não há malícia em sua mandíbula afiada. Não há rancor no seu olhar firme. Ele tem minhas características, mas sua alma está limpa.

Moffy olha para o teto, as lágrimas fluindo a cada piscar de olhos.

Meus olhos ardem e engulo essa pedra. Ele geralmente não leva muito tempo para se abrir comigo. Ele fica confortável falando sobre quase tudo. Não há muita coisa que incomode o Moffy.

Ouvimos o barulho do elevador e algumas crianças brigando enquanto os pais os repreendem. A porta se fecha e o corredor fica silencioso novamente.

Eu olho para o meu filho. — Eu vou ouvir — sussurro.

Mais lágrimas silenciosas caem em cascata. Então, muito trêmulo, ele diz: — Tenho que te perguntar uma coisa. — Sua voz falha, mas ele tem coragem de me olhar bem nos olhos.

A maioria das pessoas não consegue me encarar por mais de um segundo, e ele segura meu olhar, seu rosto quebrado. Cheio de dor.

E ele pergunta: — Sou seu filho ou sou do tio Ryke? — Abro a boca, mas ele fala de novo, mais rápido. — E não quero dizer no sentido *metafórico*. Quero dizer, biologicamente.

— Biologicamente, metaforicamente, espiritualmente - não importa de que ângulo você olhe — digo a ele, minha voz clara, orgulhosa e cheia de amor interminável — você é *meu*. — Tiro minha mão do ombro dele, tocando meu peito. — Você é *meu* filho. Não sei o que você leu online, mas é um monte de merda. Sua mãe e o tio Ryke nunca ficaram juntos.

Quando eu era mais jovem, pensei que poderia protegê-lo disso. Eu desejei que ele nunca experimentasse dúvida. À medida que envelheci, eu soube que isso aconteceria. Eu *sabia*, então não dói da maneira que doeria anos atrás. Eu só esperava que ele lesse esses rumores quando tivesse dezesseis, dezessete anos.

Não doze.

Moffy estuda meu rosto como se estivesse tentando *me* encontrar nele.

— Eu pareço com você, amigão.

— A nossa cor de cabelo não.

— Você tem os cabelos escuros do seu avô. E daí? — Eu dou de ombros, tenso. — É a cor do cabelo do Ryke? O que que tem, Moffy, você ainda é *meu*. — Eu gesticulo dele para mim. De mim para ele. — Você é *meu* filho e eu amo você.

Seu queixo treme, e eu o abraço no meu peito. Ele chora no meu ombro. Eu sei que dói. São pessoas duvidando da verdade. Eu já passei por isso.

Quando as pessoas alegaram que meu pai me molestou.

Essa dor me levou a recair.

E talvez seja nossa culpa por ter adiado. Por um longo tempo, Connor e Rose tentaram nos convencer a contar às crianças sobre nossas histórias. O vício em sexo da Lily. Rumores falsos. O máximo que fizemos foi conversar sobre dependência de álcool, mas continuamos dizendo: *vamos esperar.*

Eles são jovens demais.

Talvez Connor e Rose estivessem certos, afinal. Talvez nunca haja um momento perfeito. Talvez não possamos nos culpar por não saber quando falar sobre problemas de adultos para crianças. É cedo demais? É tarde demais? Não há calendário certo para essa merda.

Nós apenas fazemos o que podemos, o melhor que podemos, quando podemos. E esperamos que isso seja suficiente.

Moffy seca algumas lágrimas e levanta a cabeça para mim, minhas mãos em seus ombros. Pronto para puxá-lo para o meu peito se ele precisar de mim novamente.

A máquina de gelo treme por perto, cortando o silêncio.

— Onde você viu os rumores? — Eu pergunto baixinho.

— Em um blog no Tumblr. — Seu rosto se contorce, estremecendo, mas ele parou de chorar. — Eles me comparam com você e com ele.

Não vi as fotos, mas tenho certeza de que Moffy foi colocado lado a lado comigo e com meu irmão. Meu olhar percorre a pequena área de venda onde estamos sentados, mas minha mente viaja para outro lugar. — Você não deveria estar no Tumblr.

Temos sites de fofocas de celebridades bloqueados nos navegadores. Assim como o Tumblr *e* o Twitter. Para que possamos impedir que nossos filhos vejam merdas sobre eles.

Proteger a saúde mental deles.

Moffy é mais velho e tem mais acesso a essas coisas do que nossos outros filhos - mas *não* o Tumblr. A garganta dele balança. — Um cara me mostrou na escola.

Eu fico tenso. — Um amigo?

— Na verdade, não. — Moffy faz uma pausa. — Quero dizer... eu pensei que ele era ok até então, mas ele é como o resto deles. — Eu ouço a nota final.

Não confiável.

Moffy examina meu cabelo por um segundo. Meus músculos flexionam e queimam. Ele está observando a cor? Vendo como não é a mesma cor do dele? Então ele toca seu cabelo, quase com o mesmo corte que eu. Ligeiramente mais curto nas laterais. Mais longo em cima.

Seu peito cai. — Como você pôde deixar eu me vestir igual ele?

Estou confuso. — O que? — Minha voz está afiada.

— Quando eu era criança, eu sempre me vestia igual o tio Ryke. Bem na sua frente... eu fiz isso *com você*...

— Não, amigão. — Eu balanço minha cabeça com força. — Você não me machucou. Eu *amo* meu irmão. Eu amo que você admire seu tio. Pelo amor de Deus, *eu* o admiro. Ele é um maldito super-herói.

— Você é um maldito super-herói — diz Moffy fortemente.

Isso faz com que meus olhos se encham de lágrimas. — Moffy, seu tio, meu irmão... — Eu engasgo com minhas palavras. Não quero que ele odeie o Ryke. Eu nunca pensei que isso poderia acontecer. Eu pensei que seria o contrário. Eu pensei que ele iria *me* odiar, duvidar de mim. Em vez disso, ele acredita em mim acima de todo o resto.

— Se eu usar protetor solar o tempo todo, vou parecer mais com você?

Sim. Eu não posso dizer isso.

Seu plano começa a se agitar nos seus olhos. Sabendo que não sou tão bronzeado quanto Ryke, porque não passo horas do lado de fora como ele. Eu vejo essas idéias febrilmente rastejar nos olhos do meu filho.

Eu posso usar protetor solar.

Eu posso pintar meu cabelo de castanho claro.

— Não faça isso, Moffy.

— Eu não quero ser igual a ele! — ele grita, segurando sua camisa como se seu coração estivesse partindo.

— Por causa das outras pessoas? Não deixe com que elas afoguem você. Não deixe elas mudarem você, Mof. Você gostaria que a Luna mudasse quem ela é porque as pessoas dizem coisas?

Ele fica assustadoramente quieto e uma lágrima escorre por sua bochecha. Ele balança a cabeça, os olhos voando para mim.

Eu aperto seu ombro novamente. — Eu preciso que você saiba de uma coisa.

Moffy respira pesadamente, mas ele assente como se dissesse *vá em frente.*

E digo ao meu filho: — Meu irmão salvou a minha vida. Eu não teria ficado sóbrio se não fosse por ele. Eu talvez nem estaria aqui. Sua mãe talvez também não estaria. Nós não teríamos você. *Ele* me ajudou a me tornar uma pessoa melhor.

Moffy relaxa a cada sílaba, a cada palavra, tentando não fazer com que a pessoa que todos amamos seja o malvado da história. Se for para odiar algo, ele deve desprezar a mídia e o que ela tenta fazer conosco. Ele descansa as costas contra a máquina de Fizzle.

Eu sigo o seu exemplo, nossos braços roçando. — Quer saber - eu posso ser um super-herói, mas sem dúvidas, Ryke Meadows também é um. E ele está bem ao meu lado, no céu e no inferno.

Moffy parece mais velho. Bem nesse momento. A vida o envelheceu, e ele vira a cabeça para mim, mais em paz com todo esse conhecimento que destruiria a maioria das pessoas. Isso teria me esmagado.

Lembro do dia em que Moffy completou onze anos. Ele fez um quiz de Harry Potter e foi selecionado para sua Casa de Hogwarts.

Maximoff Hale é da Lufa-Lufa.

E ele é tão forte.

Eu posso sentir uma pergunta não dita ondulando no ar. — Você tem outra pergunta. — Eu afirmo. Ele assente, mas antes que ele possa falar, eu digo: — Você quer saber se sua mãe é viciada em sexo. Se isso também é mentira?

As sobrancelhas dele franzem. — Ela é? — ele pergunta. Acho que ele percebeu que não conseguirá encontrar a verdade on-line ou de outras pessoas. Somente nós temos a história real, e a maior parte está documentada em *Nós Somos Calloway*. Um programa que não deixamos nenhuma das crianças assistir. — Algumas

pessoas na escola... elas mencionaram. Eu não queria chatear a mamãe e pensei: talvez fosse apenas mais um boato.

Ele tinha dez anos quando contei minha a história com alcoolismo. Expliquei sobre vício, dependência, abuso de bebidas alcoólicas e como o avô dele também sofria com isso. Mas como você explica vício em sexo para uma criança?

— Você sabe como eu sou viciado em álcool — eu começo devagar. Moffy olha para frente, perdido em pensamentos, e eu termino: — Bem, sua mãe é viciada em sexo. Essa parte é verdade.

Moffy ainda está atordoado.

— Moffy — eu chamo, tentando manter minha voz nivelada. — Eu não quero que isso afete sua visão da sua mãe. — Meu interior se comprime e explode, angustiado com o pensamento - Lily. *Lily*. Ela ficaria arrasada e destruída se ele a tratasse de maneira diferente.

Só por causa do seu vício.

— Ela ainda é a sua mãe. Ela te *ama* como se você fosse parte da maldita alma dela. *Nada* mudou. É apenas algo com que ela lida como eu lido com o álcool.

Ele não diz uma palavra. *Droga.*

— Moffy.

— Você é meu pai? — ele pergunta novamente.

Não chore, porra.

— Eu sou seu pai — digo com força. — Sua mãe e eu temos um relacionamento monogâmico. Isso significa que ela não fica *com mais ninguém* além de mim. Ela não faz sexo com mais ninguém.

Moffy está confuso. — Então, como ela é viciada em sexo? — Ele range os dentes e coça o braço. Ele parece completamente vazio.

Eu acho que ele queria que isso fosse uma mentira. Para que ele pudesse dizer aos amigos para se *foderem*. Para não encherem o saco e pararem de espalhar boatos.

— Isso não é algo para se envergonhar. Sua mãe não tem vergonha. Ok? É uma parte dela. Da *mesma* forma que meu vício faz parte de mim. — Ele não pode me amar e odiar a Lily. Eu poderia muito bem ser partido ao meio.

— Então por que ela não me contou? — Ele faz uma careta. — Vocês dois costumam me contar tudo.

— Talvez devêssemos ter contado — admito isso — mas não queríamos que você pensasse em sexo nesse contexto, Moffy. É complicado.

Ele pesa esse conhecimento.

— Você ama sua mãe?

Seus olhos se enchem até a borda enquanto ele assente repetidamente. — É por isso que é tão difícil, sabe? Eu não gosto de pensar que ela está lutando contra algo assim...

Eu estava errado sobre ele ter vergonha da Lily. Não era por esse caminho que ele estava indo.

Moffy simplesmente não queria que ela tivesse doente.

Lufa-lufa pra caralho.

— Eu posso explicar melhor o vício dela, se você quiser. — Não sei como isso deve ser para ele. É sobre a sua mãe que estamos falando. Eu nem tive mãe.

Ele respira com mais facilidade e assente. — Sim, você pode? — Ele lambe os lábios secos, compreensão cruzando o seu rosto. — É por isso que você ficou tão irritado com o pop-up de pornô no meu computador?

— Sim. — Dobro meus joelhos, nós dois à vontade. — Viciados em sexo podem ser compulsivos com pornografia. Só gostamos de ter cuidado.

— Isso faz sentido... — Ele vira a cabeça para mim. — Mais uma pergunta.

— Você pode fazer quantas perguntas quiser.

Moffy quase sorri e assente em agradecimento. — Então... quão ruim é o vício em sexo? O sexo deveria ser uma coisa boa, então não pode ser tão terrível, né?

Meus anos da adolescência e faculdade com Lil passam na minha mente. Eu não posso mentir para o meu filho. Eu não posso dizer a ele que foi fácil quando foi difícil pra caralho. Então eu digo a verdade: — Ela está em um lugar saudável agora, Moffy.

Ele solta um suspiro profundo. — Se eu pensar em outra coisa...?

— Você *sempre* pode perguntar para mim, para ela ou nós dois.

Ele assente para si mesmo como se estivesse mais satisfeito novamente.

Eu me levanto e o ajudo. — Você quer um chá quente? — Ele bebe uma xícara quase todas as manhãs.

— Sim, isso seria bom. — Ele hesita antes de deixarmos a área de máquinas de venda. Ele balança a cabeça para si mesmo novamente e depois diz: — Obrigado por confiar em mim.

Eu o abraço ao meu lado, e ele me abraça de volta.

Eu sei que, em breve, talvez precisaremos confiar nele com mais coisas.

< 57 >

Julho de 2027
Disneylândia
Califórnia

DAISY MEADOWS

Hoje estou tomando conta de três menininhas indisciplinadas.

Eu sou a única que gosta das xícaras giratórias e, hoje de manhã, Winona e Kinney, de três anos, declararam que queriam “girar até vomitar” e Audrey, de dois anos e meio, acenou como se dissesse *eu também*.

Rose me disse para não colocar vômito na pauta do dia, e eu planejava riscar *vômito* e colocar *diversão*. Tipo, *diversão* totalmente incrível .

Bem, tem sido horrivelmente *não*-divertido.

Estamos nas xícaras de chá do Chapeleiro Maluco há mais de uma hora, e só rodopiamos no brinquedo uma vez.

Eu estou com todas as três garotas inquietas mal ficando paradas em seus carrinhos perto da atração das xícaras de chá. Coloco o braço na boca, quase vomitando, e depois tomo uma *segunda* garrafa de água. Meu estômago ronca e sinto cólicas.

Os guarda-costas nos cercam para que a segurança não seja um problema monstruoso, mesmo com as multidões crescentes e com as pessoas tirando fotos.

Winona pula do carrinho com uma risada diabólica, vestindo um macacão de tigre. Seu rabo bate atrás dela.

Pego minha bebê e a coloco de volta no lugar, meu estômago revirando. *Se controle*, Daisy. Eu respiro pelo nariz, e Winona tenta pular novamente. Ela acha que é uma brincadeira. Poderia ser se eu não sentisse como se a morte tivesse entrado no meu estômago e morrido.

Estou suando, tonta e enjoada.

Eu vou vomitar.

Eu engulo o sentimento. Não acho que a culpa seja das xícaras de chá. Nunca senti enjoo em brinquedos, viagens de carro ou até mesmo em barcos.

— Meninas — eu digo, agachada na frente de seus carrinhos. A ruiva Audrey está sentada no meio, vestindo um vestido de princesa rosa, com as mãos ao lado, como se fosse o que ela deveria fazer. Kinney inspeciona uma meleca no dedo, vestida como um Cavaleiro Jedi, enquanto Winona fica de cabeça para baixo no carrinho.

— E se nós fôssemos comprar *gigantescas, colossais* — eu suspiro como se fosse a coisa mais louca do mundo — casquinhas de sorvete."

— Hã? — Winona fica boquiaberta.

— Sorvete não é a mesma coisa que andar na xícara de chá — diz Kinney Hale, como se fosse um fato conhecido.

Audrey assente e murmura algo que soa como *exatamente.*

Exalando uma respiração estável, eu luto para colocar um brilho saudável nos meus olhos quando não me sinto bem. Eu costumava ser ótima nisso, e não sei como. Não me lembro da última vez que fingi felicidade quando na verdade, me sentia mal.

Pode ser há nove anos atrás.

Meu celular começa a tocar. — Sorvete é *melhor* que andar nas xícaras de chá — tento convencê-las, mas tenho que colocar o antebraço na boca enquanto me levanto. Fico tonta por um segundo e fecho os olhos.

— Mamãe? — Winona ainda está de cabeça para baixo.

— Estou bem. Sorvete — é tudo que consigo dizer antes de atender o celular. Só percebo que é o *FaceTime* quando Rose aparece na tela. Gritos dos frequentadores do parque crepitam nos alto-falantes.

— As meninas estão sendo uns diabinhos? Como está a Audrey? — Rose deve se ver na tela, porque ela arruma as orelhas tortas do Mickey Mouse.

Jane está usando uma tiara idêntica a da Rose hoje.

— Elas estão bem. — Eu bebo mais da minha água.

Rose faz uma pausa, estreitando os olhos em minha direção. — Você está pálida ou é a luz?

— Definitivamente a luz — eu minto e giro a câmera para a filha dela, a tela ainda virada para mim. Eu digo a Audrey para dizer olá para sua mãe, e Audrey acena como se estivesse espanando o ar.

Rose toca seus lábios enquanto sorri.

Não muito tempo depois, ela olha por cima do ombro como se sentisse alguém. Eu tenho um breve vislumbre do Connor. *Sorrindo*.

— Você é irritante — Rose retruca e depois tenta levantar a mão para o seu rosto.

Ele apenas sorri mais. Eliot e Tom de repente saltam para Rose, tentando assustá-la.

Rose não se assusta.

Então os dois apertam a mão dela, puxando-a para um brinquedo e falando um por cima do outro. Rose inconscientemente aponta a câmera para o cimento.

Isso me deixa tão enjoada que digo rapidamente: — Falo com você mais tarde. — Desligo e imediatamente ligo para outra pessoa.

Não consigo fazer isso sozinha e não quero tentar superar esse sentimento horrível. Eu só quero passar trinta minutos no banheiro e depois me enrolar na cama.

Ryke atende no terceiro toque. — Oi, amor. — Não tenho certeza de onde ele está com as crianças mais velhas, Lily e Lo. Eles poderiam muito bem estar do outro lado do parque, pelo que sei.

— Ryke...

— O que há de errado? — A preocupação aprofunda sua voz.

Eu nem sei *como* eu disse o nome dele, mas obviamente isso o alarmou. — Eu não me sinto bem... — Eu sugo uma respiração enorme e profunda. Não quero decepcionar essas meninas, mas não posso ficar aqui.

— Vocês ainda estão nas malditas xícaras? — Ele acrescenta outra coisa, mas sua voz está abafada. Ele deve estar falando com Lily e seu irmão.

— Sim — eu digo — ainda estamos aqui.

— Eu não estou muito longe.

Me lembro de como ele queria passar um tempo com o irmão - depois daquela conversa gigantesca que Lo teve com o Moffy. Talvez isso não importe tanto. Ryke disse que Lo está em um bom lugar mentalmente, e Lo nos contou partes da conversa. No final da

viagem, todos decidiremos o que fazer sobre o compartilhamento de mais informações com as crianças.

Eu nem consigo processar os prós e contras e o que tudo isso significa agora.

— Daisy?

— O que?

— Eu perguntei que porra você comeu hoje de manhã.

Eu tento lembrar o que fiz hoje mais cedo. Saí do parque com minhas irmãs para o café da manhã, enquanto os caras cuidavam das crianças. Rose me desafiou a comer algo novo. Meus lábios se separam em compreensão. — Oh-oh.

Omelete de camarão.

— Intoxicação alimentar? — Ryke pergunta agora.

— Acho... que sim. — Eu fecho meus olhos. *Não vomite.*

— Papai! — Winona grita, mas permanece de cabeça para baixo.

Eu giro no momento exato em que suas mãos seguram o meu rosto. Ryke absorve meu estado de ser, que está gritando *doente! doente!*

— Porra, Dais. — Ele olha por cima do ombro e acena para Price como se dissesse *estamos indo embora, porra.*

E então tudo sobe pela minha garganta.

Eu arranco seus braços de mim e vomito no arbusto mais próximo. Os flashes das câmeras piscam. O vômito é meu novo acessório. Uhuu.

— Eca, mamãe. — Winona faz uma careta como se eu estivesse fedida e mortalmente doente ao mesmo tempo. Então eu vomito novamente, e ela lentamente começa a chorar. — Mamãe? — *Com medo.* Ela está com muito medo.

Isso me atinge no estômago.

Ryke tenta se aproximar de mim e eu o afasto. — Nona — digo a ele.

Ryke xinga baixinho, mas ele me ouve e se agacha em frente a nossa filha. Eu limpo minha boca com as costas da minha mão. Ele acalma Winona, a abraçando contra o peito, e então seus olhos escuros fixam nos meus.

— Cama, Calloway.

Não consigo nem mexer as sobrancelhas e dizer: *quer dormir comigo?* Eu apenas aceno com gratidão. *Cama*.

Eu gostaria disso.

< 58 >

Julho de 2027
Disneylândia
Califórnia

RYKE MEADOWS

Estou deitado em uma espreguiçadeira na piscina do hotel, com o celular no ouvido. — Me mande uma fodida mensagem se você se sentir bem o suficiente para comer alguma coisa. Eu posso levar o que você quiser.

Daisy está na cama há quatro horas. Eu odeio que ela esteja se sentindo assim. — Winona disse que quer um grande sanduíche fedorento.

Meus lábios se levantam um pouco. Imagino Winona aconchegando-se contra Daisy. Elas ficaram juntas o dia todo. — É? Pergunta pra ela onde eu encontro esse maldito sanduíche.

— No lugar fedorento! — Winona grita para o celular.

— Eu vou procurar essa porra então. — Olho para o meu irmão, que está em uma espreguiçadeira ao meu lado. Lo sussurra, *tudo bem?* Ele também estava preocupado com a Dais.

Eu faço que sim com a cabeça para ele.

— Tire fotos e filme tudo? — Daisy pergunta, esperando que eu faça isso.

— Eu já tirei um monte de fodidas fotos da Sulli mergulhando, então vou mandar elas para você. — O hotel tem duas piscinas, e eles nos deixaram alugar a menor por um dia. É o único lugar em que nossos filhos podem relaxar (além dos quartos) sem serem perseguidos por pessoas que não os conhecem - ou até mesmo serem gravados no celular de outra pessoa.

Daisy e eu falamos um breve *até mais tarde*. Percorro meu celular e começo a enviar alguns vídeos para ela. Dez minutos se passam e eu coloco meu celular de lado e abaixo meus Ray Bans. Sol batendo no meu peito nu. Meu livro gasto está aberto e espalhado na minha perna.

Lo parece contente, com seus óculos escuros e ouvindo música nos fones de ouvido. Se eu forçar, consigo ouvir o grave a pulsação da música eletrônica. Suor brilha em seu abdômen e ele levanta um de seus joelhos. Me pego o examinando mais um segundo.

Eu me preocupo pra caralho com o meu irmãozinho, mas ele nem sempre precisa da minha preocupação. Esse fato não vai mudar o quanto eu me importo.

— Eu tenho uma idéia — sussurra Eliot Cobalt, de oito anos, para Tom, pensando que não podemos ouvir. Eles arrastaram uma espreguiçadeira em direção à beira da piscina, mas fica mais próxima a Lo e eu.

Seus pais estão bem à nossa frente, escondidos dentro de uma fodida cabana protegida pela sombra. Lily se juntou a Rose e Connor com as meninas mais novas: Kinney e Audrey.

A verdade é que Lo e eu estamos sob o sol só para ficar de olho no resto das crianças. Não confiamos em algumas delas sozinhas.

Minha cabeça se inclina para Lo ao som de *eu tenho uma idéia*. Sua cabeça se inclina para mim e ele puxa um dos fones de ouvido, prestando atenção comigo.

— O que? — Tom pergunta ao irmão.

Talvez eles pensem que estamos dormindo. Nós dois ficamos muito imóveis nas espreguiçadeiras.

— Nade até o fundo — Eliot continua seu plano. — Então finja se afogar. Na verdade, não se afogue, mas fique debaixo d'água para que pareça que você está se afogando.

Que porra é essa.

Lo e eu nos sentamos um pouco.

Crianças pequenas e magras, Eliot tem cabelos castanhos mais lisos, mas não tão dourados quanto os de Tom e nem preguiçosamente caídos na porra da espreguiçadeira. Eliot está sentado ereto, os pés dentro da piscina.

— Se você fizer isso, ele pulará para te salvar. — Eliot olha brevemente para o salva-vidas, um *adolescente* de sunga vermelha. — Então fique com os olhos fechados e finja que está morto. Ele vai fazer boca a boca como primeiros socorros... e aí você o *beija*.

— Cara — rebate Tom — você acabou de descrever *Se Brincar o Bicho Morde.*

Eliot estende um braço. — E funcionou.

Tom pensa sobre isso, olhando para o salva-vidas e depois sussurra: — Ok, eu estou dentro.

Fantástico pra caralho. Suas espreguiçadeiras rangem, e eu imediatamente começo a ficar em pé para impedi-los de fingir se *afogarem*.

Meu irmão é mais rápido com suas palavras. — Vocês dois, sentem-se.

Eliot e Tom viram a cabeça para nós, sem se assustarem por serem pegos, mas ambos parecem estar a segundos de pularem na água. — Estávamos prestes a nadar — diz Eliot inocentemente.

Está nos olhos dele. O brilho da enganação. Eu vejo isso, porra. Meu irmão vê. *Todo mundo vê.*

— Mentira pra caralho — eu digo, ainda de pé.

Eles riem do meu palavrão e depois sentam-se. Faço algo a mais e arrasto a espreguiçadeira que eles estão para mais perto da nossa. Suas risadas se transformam em gemidos de desânimo.

— Tio Ryke — eles reclamam.

Meu irmão se senta mais ereto e levanta os óculos escuros na cabeça. O foco deles vão para ele enquanto eu volto para o meu lugar.

— Em primeiro lugar, vocês deveriam ter medo de *mim*. — Lo aponta para o peito.

Eliot e Tom sorriem como se não tivessem medo de ninguém.

Lo levanta dois dedos. — Em segundo, vocês não vão se afogar de mentirinha para chamar a atenção de alguém.

Tom dá uma espiada no posto de salva-vidas. — E se ele realmente for bonito?

Nós não estamos surpresos que Tom seja atraído por meninos e não meninas. Rose e Connor cultivaram esse espaço seguro para seus filhos. Inclusivo de quase tudo e qualquer coisa. Então, quando Tom começou a sentir atração por meninos, ele não fez um discurso. Ele não se preocupou que seus pais iriam o negar ou o odiar ou tentar convencê-lo a amar alguém que ele não consegue.

Depois de um tempo, com menções casuais e cotidianas de ter uma queda em um garoto na escola, todos sabíamos que ele gostava de meninos.

E essa porra nunca mudou nada.

Lo estreita os olhos para o salva-vidas e faz uma careta. — *Em terceiro lugar*. — Lo levanta três dedos para Tom. — Ele é velho pra caralho para você.

— Você me deve um dólar — diz Eliot, já que Lo foi obrigado pela Lily a colocar dinheiro no *pote de palavrões* essa semana. Ele disse "caralho" mais vezes na Disneylândia do que em cinco meses.

Lo lança um olhar mortal para mim como se fosse completamente injusto. Eu posso xingar o quanto quiser, e ninguém se importa.

Eu falo as consequências. — Você quer uma filha de nove anos que tem detenção a semana toda por dizer *puta que pariu*? — Essa é a Sulli.

Lo estremece. — É, não.

Os meninos sussurram baixinho, com as testas quase coladas.

— Ei — eu grito e depois chuto a espreguiçadeira deles, os assustando.

Tom cruza os braços. — Você e a tia Daisy têm uma diferença de idade.

Porra, sério?

Lo é rápido em responder. — Ele não começou a se apaixonar por Daisy quando tinha *sete anos*. — As crianças Cobalt acreditam que são adultos, então literalmente bufam para o Lo.

Então Tom e Eliot fazem conchas com as mãos em frente aos rostos, sussurrando novamente. Dessa vez mais descaradamente na nossa frente.

— Em quarto lugar — Lo continua e aponta para Tom.

Eles param de sussurrar.

— Se eu te ver no fundo da piscina e você ficar debaixo d'água por mais de dez segundos, o *tio Ryke* vai pular, te salvar e prestar primeiros socorros. Não o salva-vidas bonitinho, então pense nisso antes de começar a recriar uma cena de *Se Brincar o Bicho Morde*.

Eliot bate os dedos em seus lábios em pensamento. — Com que idade Tom pode fazer isso?

— Quando eu estiver morto e enterrado. — Lo abaixa os óculos de sol. — E se vocês começarem a tramar minha morte, lembrem-se de que tenho amigos no inferno.

Eliot e Tom sorriem. Eles sempre gostaram do Lo.

— Sem essa porra de se afogar de mentirinha, tudo bem? — Garanto que eles tenham entendido a parte importante.

— Eu não vou fazer isso, tio Ryke — diz Tom, sincero o suficiente.

Eliot olha entre mim e meu irmão. — Só para você saber, você pode estar parando um romance épico como o do tio Ryke e da tia Daisy.

Lo coloca as mãos atrás da cabeça, tomando banho de sol. — Meu coração está chorando.

Eu me inclino para trás, meus lábios se curvando para cima quando vejo nossas vidas, nossas malditas memórias. Essas crianças não têm idéia do quanto Lo não me queria com Daisy. E o quanto ele realmente nos ama juntos agora.

Eliot e Tom se levantam e correm em direção à cascata de cogumelos, onde Luna está parada há cerca de vinte minutos.

— Pai. — Sulli cai na espreguiçadeira vazia ao meu lado, encharcada. Seu cabelo ensopado está colado na parte de trás do maiô preto. — Você pode cronometrar o Moffy e eu? Queremos apostar corrida. — Ela descansa o queixo no joelho e mexe nas pulseiras do tornozelo.

— Claro. — Ponho meu livro de lado e me viro em direção a minha filha. A conversa anterior de paixões se inflama na porra da minha cabeça. Estou tentando me preparar para esse dia com Sulli.

Lily me perguntou uma vez por que eu não gostava de pensar na Sulli namorando.

Ela tem nove anos, e eu quero aproveitar o fodido momento o maior tempo possível. Ainda não quero que ela cresça rápido.

Por um tempo, Lily e eu conversamos sobre nossas filhas e o que sexo significa para elas nesse mundo de merda. Ela me disse: — Eu sexualizo homens. Você não pode simplesmente ter medo de *homens* que sexualizam mulheres quando eu faço praticamente a mesma coisa, e eu sou uma mulher.

Eu disse a Lily a porra da verdade. — Você não pode dominar fisicamente um homem da maneira que um homem pode dominar você, porra.

Não importa quem está pensando em sexo. Todos nós estamos.

Importa quem está em posição de poder. Quem tem a chance de abusar disso - e são principalmente homens. Malditos homens.

Rose nunca deu spray de pimenta para Lo, Connor e eu. Porque ela não precisava fazer isso. As mulheres são as que andam com medo quando estão sozinhas à noite.

— Ei, Sul? — Eu digo. — O que você acha do salva-vidas?

Sulli redireciona sua atenção e bloqueia o sol com a mão. — Ele é ok.

Passo meus dedos pelos meus cabelos. — É?

— Ele está alerta, eu acho. — Ela empurra meu ombro enquanto se levanta. — Não se preocupe, pai. Moffy e eu podemos cuidar das crianças. Nós somos mais rápidos que o salva-vidas de qualquer maneira.

Porra, eu sei que eles são.

Levanto e caminho com ela até a escada da piscina. Ela não entendeu minha pergunta, mas esse é o ponto. Ela tem nove anos. Ela é jovem. Ela não está preocupada com isso.

Aproveito o momento pelo que ele é.

Sulli pula na piscina e, quando o sorriso dela cresce, fazendo com que o meu apareça, eu penso, *porra, nadar é o seu verdadeiro amor.*

[59]

Julho de 2027
Disneylândia
Califórnia

CONNOR COBALT

Nós seis - Lo, Lily, Ryke, Daisy, Rose e eu - estamos sentados ao redor de uma mesa de ferro no pátio da minha suíte. O sol agora começa a se pôr. Lá dentro, a maioria dos nossos filhos estão acomodados na cama, adormecidos após uma cansativa férias de uma semana.

E por *cansativo*, quero dizer para todos os outros. Não estou nem perto de ficar exausto.

Tomo lentamente meu vinho tinto, minha mão na coxa da Rose. Sentada ao meu lado, ela toma goles medidos da sua própria taça. Meus lábios se erguem para Rose. Ela me lança um olhar tórrido que me queima por dentro. Eu sorrio mais, desejando ir para casa para que eu possa foder minha esposa.

— Concentre-se, Richard — diz ela, a voz como gelo.

Estamos no meio de uma conversa sobre nossos filhos mais velhos, e a discussão só parou porque Daisy se lembrou que comprou churros para Lily e Lo. Ela tem se sentido melhor nos últimos dois dias após um ataque de intoxicação alimentar. Daisy saiu e trouxe a sobremesa para eles cerca de dois minutos atrás.

Agora Lo abraça a esposa que está no colo dele, os braços em volta da Lily, sentados na mesma cadeira de ferro enquanto eles vasculham a caixa de churros.

Daisy e Ryke trocaram, sem surpresa, as *muitas* cadeiras disponíveis pelo parapeito do pátio. Perto o suficiente da mesa que Daisy estende a mão e pousa uma lata de Fizz Life em cima, enquanto ainda se equilibra no corrimão de ferro. Ryke mantém a mão no joelho dela, apenas para mantê-la no lugar.

Meu olhar acaricia os olhos cáusticos e penetrantes da Rose. — Você esqueceu que eu posso ser multitarefa melhor do que

qualquer indivíduo acima da média.

Ela junta o cabelo sedoso de um lado do pescoço. — Talvez eu apenas acredite que você seja *mediano.*

— Então você não seria tão inteligente quanto eu acredito que você é.

Rose se esforça para não sorrir, nossas provações nos excitando, mas ela se lembra da gravidade da nossa conversa anterior e abruptamente desvia o olhar de mim. Eu sorrio para o meu vinho, e ela estala os dedos para suas irmãs e os maridos.

— Temos que tomar uma decisão antes do anoitecer.

O céu está laranja, o sol se pondo rapidamente.

— Cristo, rainha Rose. — Lo lança um olhar mortal. — Espere até eu comer meu churros primeiro. Só abaixe sua vassoura e lance feitiços para o seu marido.

Rose estreita os olhos. — Engasgue e morra.

Lo aponta seu churros para Rose. — Você está desperdiçando seus feitiços. Eu já estou *morto*.

Lily quase engasga com a sobremesa.

O rosto de Lo cai, seu humor mudando imediatamente. — Lil? — Ele dá um tapinha nas costas dela.

Ela engole, e Rose e Daisy empurram os copos de água para a irmã. Lily dá um grande gole e diz a Lo: — Você não está *morto*. Eu pensei que concordamos que você só foi para o inferno mas já voltou.

Eu ouço Ryke murmurar: — Estranhos pra caralho. — Ele está sorrindo com Daisy.

— Eu não estou morto, amor. Eu prometo. — Lo segura sua esposa nos braços.

Vejo o pôr do sol como uma passagem do tempo, e quanto mais contornamos os problemas, mais tempo perdemos. Rose está certa, então eu volto para o assunto.

— Moffy, Jane e Charlie irão para o ensino fundamental II — lembro a todos, seus corpos relativamente à vontade. Atribuo isso ao meu tom de voz calmo. Ao jeito que eu falo. A maneira como ajo como se não importa o que aconteça, teremos sucesso. — Nós contaremos a eles sobre nossas histórias tanto quanto o público em

geral sabe. Eles merecem as respostas de nós, não de estranhos, nem de colegas ou professores da escola.

Rose e eu queríamos contar aos nosso filhos mais cedo do que isso, e o que aconteceu com Lo e Moffy poderia ter sido diferente. Eu não sou vidente. Não posso prever se o resultado teria sido melhor, mas sei que se não começarmos a nos abrir agora - à medida que suas curiosidades aumentam -, perderemos a chance.

Lily inspeciona seu churros, pensando.

Lo balança a água gelada, a mandíbula afiada.

Daisy e Ryke olham entre o pôr do sol e nós.

Rose descansa a mão em cima da minha - a que eu mantenho em sua coxa. Como se dissesse *estamos juntos nessa batalha, Richard*. Sem dúvidas, nós estamos. Eu entrelaço nossos dedos, e ela diz: — Se eles sentirem que estamos escondendo coisas deles, eles começarão a esconder de nós.

Lo se mexe na cadeira, no limite. — Eles têm permissão para ter *privacidade*, até mesmo de nós.

Rose faz uma careta. — Não estou falando de saber *tudo*. Eu não preciso ouvir se eles almoçaram ou não com fulano ou ciclano - só preciso que eles confiem em nós. Digamos que um cinegrafista os assedie, vocês preferem que eles nos digam ou mantenham em segredo?

Ryke balança a cabeça. — Eu não vejo como um se compara ao outro, porra. Nós não deixamos às crianças assistir *Nós Somos Calloway*, elas ainda podem nos dizer que um cinegrafista as perseguiu. — Ele estende o braço como se dissesse *qual é*.

Ele não está certo. Mas também não está errado. Apenas depende de certas variáveis e da criança em questão. — Alguns deles sentirão que não compartilhamos com eles, então não se sentirão confortáveis em compartilhar conosco.

— Quem? — Lo pergunta, seus ombros mais rígidos porque ele sabe que um de seus filhos está nessa mistura.

— Por enquanto, Maximoff e Charlie, mas se contarmos a Moffy, temos que contar a Jane. — Ele explicaria tudo a ela e preferimos simplesmente contar a Jane.

Permitimos que as crianças assistam *seus próprios* episódios de *Nós Somos Calloway.* Elas nunca viram os episódios em que Lily

fala sobre vício em sexo ou onde Ryke, Lo, Daisy e eu conversamos sobre o motim em Paris. Meus vídeos de sexo com Rose também são discutidos, mas esse episódio específico foca em *consentimento*. Prefiro que ouçam isso do que leiam um post na Internet sobre os vídeos de sexo focando no corpo da Rose e no tamanho do meu pau.

Eles não sabem nada sobre nossas histórias turbulentas com a mídia.

Eu quero abrir mais suas mentes. Quero iluminar o mundo deles com cores vastas e brilhantes, mas Rose e eu não podemos fazer isso sem uma decisão unânime. Nossos filhos são muito próximos um do outro e, o que um sabe, eles podem compartilhar e acabar espalhando.

Estamos em um impasse há anos, mas Moffy descobrindo sobre o vício em sexo da Lily mudou tudo.

Ryke coça a mandíbula com a barba por fazer. — Há algumas merdas que as crianças simplesmente não deveriam saber. — Ele solta um longo grunhido animalesco, sabendo que já publicamos partes íntimas de nossas vidas. Não devemos proibir nossos filhos de verem o que os estranhos já viram e verão.

Lily coloca seu churros meio comido de volta na caixa. — Queríamos esperar até que eles estivessem mais velhos. No ensino médio, pelo menos.

Ela recebeu a notícia de que Moffy descobriu tudo melhor do que eu imaginava. Lily deve ter se preparado para o momento em que ele descobrisse sobre seu vício em sexo, e quando chegou, soprou como o vento e não como uma tempestade.

Rose bate as unhas na mesa de ferro. — Talvez possamos deixar as crianças pequenas esperarem esse tempo todo, mas as mais velhas já estão descobrindo informações antes de termos a chance de contar a elas nós mesmos.

O sol se pôs quase completamente, escurecendo os nossos arredores. Ficamos calados, e suas mentes clicam e giram rapidamente.

Lo é o primeiro a se levantar. — Moffy, Charlie e Jane?

Apenas os três por enquanto.

Daisy e Ryke concordam, ambos à vontade em manter Sullivan no escuro por mais um tempo. Lily se junta, assentindo decisivamente.

Ele já sabe minha posição e a de Rose, então ele acende as luzes do pátio e desaparece lá dentro para chamar as crianças.

Rose termina seu copo de vinho, os olhos penetrantes. Nossos filhos podem nos ver de maneira diferente depois disso, mas estou contente com um fato simples. Eles aprenderão sobre a nossa realidade, a verdade, e isso é o que mais importa para nós.

Rose levanta o queixo, minha mão aperta a dela, e ela me olha com olhos feitos de fogo e guerra. — Nossos filhos estão crescendo.

— Eu ficaria mais preocupado se não crescessem.

Ela estreita os olhos para os meus lábios. — Eu estava tentando ser sentimental, Richard.

— Acredito que estávamos falando verdades...

Ela cobre minha boca com a palma da mão. Meu sorriso é extraordinário. Ela tenta me matar com seus olhos verde-amarelados, mas eu estou me sentindo inquebrável. E entretido.

Eu coloco meu vinho na mesa, apenas para tirar a mão dela da minha boca. Eu não tenho tempo para falar nada. Lo aparece com Moffy, seu filho de calça xadrez e uma camisa de pijama do Homem-Aranha. Jane é a próxima, despenteada como se tivesse sido acordada do sono. Seu pijama de colarinho azul pastel está amassado, uma máscara de dormir na testa.

Charlie segue logo atrás e fica encostado contra a parede. Meu filho mais velho parece mais interessado nesse evento do que em todas as atividades dos últimos dias. Ele enfia as mãos nos bolsos da calça cinza do pijama, a camisa branca lisa passada e fresca.

— Por que nós? — Charlie fala antes que tenhamos a chance.

— Por que você acha? — Volto a pergunta.

Charlie inclina a cabeça em pensamento. — Temos apenas uma coisa em comum. Estamos na mesma série.

— Essa é uma variável — digo de acordo.

Charlie pensa mais um pouco, ficando mais curioso. Ele muda sua total atenção para nós. Obter a atenção do Charlie nesse grau pode ser ainda mais difícil do que obter a minha.

Moffy e Jane sentam-se lado a lado em um otomano no pátio, minha filha sufocando um bocejo curto. Ela espirra.

— Saúde — diz Moffy.

— Obrigada. — Jane aponta para o vinho. — Posso?

— Não — Rose e eu dizemos juntos. Jane sabe os motivos.

— Isso é indiscutivelmente justo, mas apenas para prepará-los, posso perguntar mais uma vez. — Jane espirra e depois sorri.

Não preciso de nenhuma preparação, mas é muito gentil da minha filha acreditar que preciso.

Jane pode parecer mais desinteressada do que Moffy e Charlie, mas ela não está. Sua mente viaja rapidamente. Ela faz malabarismos com tópicos, pensamentos e ações como se um desse espaço para o outro: pedir o vinho, se preocupar, compartilhar as curiosidades de Moffy e espiar os churros.

E sorrir para Rose.

E sorrir para mim.

Lo volta ao seu lugar, Lily no seu colo. Em segundos, nossa visão abrangente do parque temático os distrai - e também Ryke e Daisy.

Todo mundo olha para longe.

Na escuridão, o castelo está iluminado e cintilante. Não tenho nenhum problema com esse tipo de fantasia para os meus filhos, mas não *sinto* a magia no cenário como Lily e Lo.

Eu vejo inocência. Pureza. Porém é uma coisa distante, sentimentos não ligados a mim.

— Eles deveriam construir um parque temático da Terra do Nunca — pondera Lily.

Lo abraça a esposa no peito. — E poderíamos ficar lá para sempre.

— E nunca crescer.

— Vocês já cresceram — diz Moffy aos pais com um sorriso fugaz. Quando seu pomo de adão balança, todo mundo se concentra intensamente em Moffy, Jane e Charlie.

Rose puxa os ombros para trás. — Queremos mostrar *Nós Somos Calloway* aos três. Vocês merecem saber mais e confiamos em todos vocês.

— Até em mim? — Charlie pergunta, como se ele tivesse nos dado um amplo motivo para não confiarmos nele. Ele acredita que

pode vagar por aí o quanto quiser, mas é uma ilusão. Ele é contido pela sociedade e por suas próprias crenças. *Não chateie minha mãe.*

Não machuque meus irmãos e irmãs.

Não decepcione meu pai.

Nós o castigamos por se afastar da Lily e do Lo. Sua punição foi uma carta de duas mil palavras sobre as consequências de suas ações antes da manhã. Enquanto três quartos da carta foram satíricos, ele declarou uma verdade sincera no final.

Quando e para onde eu vou perturba o chão sob certos pés. Uns que não são meus. De pessoas que conheço e pessoas que amo. Não era minha intenção, e agora entendo.

Assinado,

Seu filho mais sábio

Confiamos em Charlie.

Rose diz a ele: — Até em você, meu gremlin.

Charlie começa a sorrir com o apelido.

Moffy olha entre todos nós. — Eu quero saber de tudo. — Resolução centraliza seu olhar, pontos verdes que se recusam a fissurar.

— Você vai saber — Lo assente, assegurando ao filho.

— Quanta coisa ainda falta saber?

Coisas que aconteceram por anos.

Vidas.

Em uma ocasião diferente, metade de nós poderia ter franzindo a testa. A outra metade poderia ter recuado. Eu sempre ficaria impassível, mas hoje à noite, nesse momento, todos nós apenas sorrimos.

Nossas histórias podem conter escuridão, mas também há muita luz.

Eu encontrei amor durante esse tempo. *Amor* que se estende a essas cinco pessoas aqui.

— Você vai ver — Lo diz ao filho, e Moffy respira, pronto para tudo.

Fogos de artifício explodem. Brilhantes, cintilantes e reluzentes acima do castelo, e todos assistimos. *Inocência. Pureza*. Cores vibrantes brilham em nossos rostos, e meu olhar se volta para Rose.

Ela se vira para mim. Um raro sorriso sentimental em seus lábios. Eu absorvo tudo isso.

[60]

Julho de 2027
Disneylândia
Califórnia

ROSE COBALT

— Pode deixar comigo. — Audrey fala relativamente claro para a sua idade. Ela sobe em sua mala rosa, os cabelo laranja-cenoura presos em uma pequena trança, e tenta fechar a bagagem.

Ela é horrível nisso.

— Já que insiste. — Eu levanto minhas mãos, observando seu fracasso com um coração torturado. — Se você precisar de ajuda, eu estarei no quarto ao lado.

Deixo Audrey sozinha, e depois passo por uma porta adjacente, Connor dentro do outro quarto. Seu cabelo castanho ondulado parece melhor hoje, e na maioria dos dias parece bom demais. *Deus*. Estou o elogiando na minha cabeça.

O que a Disneylândia fez comigo?

Eu também culpo o fato de ele estar sem camisa e dobrando as *minhas* roupas. Ele está colocando todas as roupas na minha mala enquanto eu faço rondas checando todas as crianças. Cruzo os braços, meus olhos queimando e estudando Connor de cima a baixo. Apenas o observando dobrar minhas roupas.

É sexy.

Eu poderia bufar com o pensamento, mas é impossível negar. Então, eu respiro esse fato. *Connor Cobalt dobrando minhas roupas quase me deixa molhada.* Quando ele se endireita, sua cabeça se vira e ele arqueia uma sobrancelha para mim, um sorriso erguendo o canto dos seus lábios. Como se ele soubesse *desde sempre* que eu fico atraída pelo modo que ele dobra as roupas, por seus cabelos, abdômen - por tudo sob suas palavras.

Eu ando para mais dentro do quarto como se ele *não* me atraísse. — Continue dobrando. — Eu aceno para ele como se ele fosse *nada* para mim.

— Ainda é divertido que você pense que pode me dar ordens. — Connor me encara, abandonando nossa bagagem por um momento. — Venha aqui.

— E quem disse que *você* pode *me* dar ordens?

Connor sorri. — Rose.

Não adiciono o superficial, *Richard*. Vou até a cômoda e finjo inspecionar os puxadores em forma de estrela. Eu pretendia irritá-lo como se ele estava me irritando, mas ele sabe exatamente o que dizer para me desequilibrar completamente.

— Você me perguntou algo anos atrás, e eu nunca lhe dei uma resposta.

Minha mente rebobina e eu procuro pela memória perdida há muito tempo. *O que eu perguntei? O que ele não respondeu?* Ele espera que eu o questione, e então o momento do passado de muitos anos atrás me atinge. A festa do chá no quarto da Jane.

Quando você era adolescente, alguma vez fantasiou sobre mim?

Eu me viro e encaro meu marido, meu pescoço tenso. — Você passou os últimos *nove* anos com essa informação, apenas para usá-la como arsenal?

Connor balança a cabeça uma vez, seu sorriso nunca diminuindo. — Não. Eu simplesmente lembrei desse momento ontem. Jane estava relembrando suas festas de chá, e me atingiu.

— E então? — Cruzo os braços novamente, esperando. *Nervosa.*

Não, eu *não* estou nervosa. Eu já fiz amor com esse homem. Fiz *sete* filhos com ele ouvi todas as suas palavras da mesma maneira que ele ouviu as minhas. Tivemos guerra e paz, e não há nada que possa me abalar.

— E eu tenho uma resposta para você, querida. — Ele estica a mão para uma pilha de roupas na cama. *Minhas calcinhas limpas.*

Eu tento não mudar meu peso para o outro pé. Ele está me estudando.

— Você levou *nove* anos para formar uma resposta. — Eu tento fazê-lo se sentir inferior, mesmo que seja impossível.

— Sempre tive a resposta. Eu apenas esperei nove anos para falá-la. — Ele pega uma calcinha de renda preta e a dobra *lentamente*, ainda me encarando.

Minhas clavículas se projetam. — Você é negligente então.

— Eu sou paciente — ele responde, seus dedos roçando o tecido íntimo como se estivessem em mim.

Eu aqueço. — Então, qual é a resposta? — Eu não posso estar com tesão agora. Lily até confessou que se absteve a *semana toda* - e se ela pode ser tão autocontrolada nesse parque temático, eu também posso.

Connor coloca minha calcinha na mala e seus profundos olhos azuis voam para mim. — Eu fantasiava sobre você, sexualmente, quando era adolescente? — Ele dá um passo em minha direção, até que sua mão roça a nudez do meu pescoço. — Eu não vivo em uma fantasia, Rose. Vivo em uma realidade vívida e, na minha adolescência, pensei com frequência, carinho e *paixão* em você.

Eu inspiro fortemente, minha pele formigando sob a mão dele. — Mais especificamente — eu desafio.

Seus lábios se levantam mais, seu sorriso avançando para mais perto de mim. Elevando-se. Nossos corpos se juntam, a sua outra mão indo para o meu quadril. — Mais especificamente — ele respira — eu me masturbava com essas realidades.

— Sem fantasias? — Minhas mãos estão na cintura dele, segurando como se meus joelhos pudessem dobrar a qualquer minuto.

— Uma ou duas — diz ele profundamente — mas todas se tornaram realidade.

Um estrondo repentino, abrupto e irritante me assusta. Eu estremeço e me separo de Connor. Eu arrumo meu cabelo como se ele tivesse acabado de me foder.

Ele sorri como se isso fosse verdade.

Sério.

Eu toco meus lábios formigantes. Suas palavras me beijaram.

Se controle, Rose.

Eu acordo do meu estupor.

— Vou verificar os meninos — digo com propósito, indo até a porta. Sinto a confiança desenfreada de Connor ao meu redor, como se ele ainda estivesse bem ao meu lado. Abro a porta para a outra suíte e vou em direção ao quarto com todos os nossos meninos.

Estou animada para finalmente ir para casa. Sinto falta da minha própria cama, de mijar no meu próprio banheiro e de me enrolar no

meu próprio sofá. Eu até sinto falta da animada Lady Macbeth e daquele exasperante pequeno Pip-Squeak. Estar de férias é bom, mas às vezes é mais reconfortante estar cercada por minhas próprias coisas.

Eu seguro a moldura de uma nova porta e entro em um quarto *desastroso.* Eu *não* dou nem um passo mais. Examino o progresso deles, que é lamentável.

Apenas Charlie e Beckett fizeram as malas e não estão mais nesse quarto. Sobrando apenas Eliot, Tom e meu filho mais novo, Ben, todos de pé na cama.

Eu localizo a vítima e causadora do barulho: um abajur derrubado.

— Um de vocês irá limpar isso antes de irmos embora. — Aponto uma unha bem cuidada para o abajur caído.

Eliot ri e começa a pular na cama, Tom seguindo o exemplo. Ben cai de bunda no colchão, mas seus irmãos continuam pulando.

Suas roupas estão amassadas e espalhadas por *todos os lugares*, a maioria jogada ao acaso nas malas. — Eu não ensinei vocês como dobrar as roupas? — Pergunto a eles. Eu certamente me lembro dessa lição porque Tom se jogou de cara nas roupas limpas no final.

— Mamãe, preciso de ajuda — diz Ben, deslizando para fora da cama.

— Eu também, mãe! — Eliot fala, pulando no chão.

— Eu também! — Tom agora fica ao lado de seu irmão, ambos correndo para suas malas.

Eu não ligo para quais são seus verdadeiros motivos - pelo menos eles estão ao lado de suas malas. Pego uma das camisetas pretas do Tom, uma lápide na frente.

Ele nunca parou de gostar desse tipo de estampa.

— Vou demonstrar — digo a eles — e então vocês podem terminar suas malas.

Eliot tamborila os dedos nos lábios. — E se eu optar em não dobrar?

— Então, quando você estiver com vinte anos e na faculdade e não tiver ideia de como passar ou dobrar uma roupa, desejará ter prestado atenção nessa lição.

— Vá em frente, mamãe. — Ben rasteja para dentro de sua mala como se tivesse encontrado um novo lar, rindo como se tivesse feito uma piada. — Estou ouvindo. — Ele tem cinco anos, e eu aprecio todas as coisas ridiculamente estranhas que meus filhos fazem. Em um piscar de olhos, eles crescerão e irão embora.

Meus ossos estão rígidos enquanto eu dobro a camiseta do Tom.

— Mas... — Eliot franze a testa.

— Mas o que?

— Eu ainda vou poder ligar para você quando eu estiver com vinte anos e na faculdade, não é? — ele pergunta. — Você ainda estará por perto para me ensinar como dobrar a roupa?

Lágrimas brotam nos meus olhos, e eu quase deixo uma escapar. Passo meu dedo embaixo do olho, evitando que meu rímel manche meu rosto. Ter filhos é como assistir o *Titanic* um milhão de vezes seguidas. Eu posso chorar nos momentos mais estúpidos, idiotas, fúteis e repugnantemente adoráveis. Eu posso chorar só de ver qualquer um deles, por qualquer motivo, por qualquer coisa.

Eu respiro fundo, uma respiração vital que aperta meu coração. — Em qualquer momento que você precisar de mim, eu *sempre* estarei aqui.

< 61 >

Dezembro de 2027
Na Floresta da Cabana Meadows
Filadélfia

DAISY MEADOWS

Eu abaixo meu machado e divido um tronco em dois.

Ryke coloca outro tronco no toco de árvore onde estamos cortando. Um local secreto em nosso quintal arborizado. A súbita nevasca de ontem cobriu o chão e as árvores em branco. Coconut anda cansada ultimamente, então ela está se mantendo aquecida lá dentro. Nossas filhas estão atualmente na escola, o que me deixa sozinha com Ryke.

Ficamos em silêncio pelos últimos quinze minutos, trocando olhares tímidos aqui e ali. Ryke me estuda da cabeça aos pés novamente, e eu prolongo a tensão inebriante, permanecendo enraizada no mesmo lugar. Eu gostaria de simplesmente deslizar para a frente, passar os dedos pelos seus cabelos grossos, pela sua barba por fazer.

Meu lobo.

Sorrio quando balanço o machado novamente, mas mal divido o tronco. Eu tento novamente, a madeira muito dura. Ryke estende a mão e eu vou lhe passar o machado. Ele tenta agarrar, então eu recuo de brincadeira.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Você quer esse machado? — Eu seguro meu machado em direção à minha virilha. Eu acaricio o cabo de madeira.

Ryke Meadows é indestrutível, nem piscando direito. Isso me deixa selvagem. Meu sorriso é constante, nunca diminuindo. Sou eu quem dá um passo à frente. Cerca de um metro de distância. Eu quase ofego, o ar do inverno correndo através dos meus pulmões.

Ryke olha para mim sombriamente e, quando estamos a um braço de distância, ele arranca o machado da minha mão.

E joga para o lado.

O que ele está fazendo? O que ele quer? Para onde isso vai? Os mistérios iluminam meus olhos, e eu fico nas pontas dos pés e abaixo.

Tão de repente, tão rapidamente, Ryke fecha a distância, com as mãos nas minhas bochechas. Lábios nos meus lábios. Eu perco o fôlego, meus dedos roçando seus cabelos macios. Sua língua luta contra a minha. Nossa energia animalesca deixando o ar tenso.

Eu rapidamente tiro minhas botas, e ele puxa meu jeans pelas minhas pernas, junto com minha calcinha. Ele me puxa para mais perto com um beijo feroz. Meu corpo canta uma canção de amor, carinho e *felicidade*. Ryke inclina minha cabeça como se dissesse *ei, amor*.

Minhas mãos respondem, o mesmo movimento em sua cabeça.

E então ele se separa e sem esforço me coloca em seus ombros. Meus pulmões ejetam, e minhas pernas ficam penduradas nas costas dele.

Eu seguro sua mandíbula áspera, meu sorriso de outro mundo.

O perigo de tudo isso.

Ryke olha para mim enquanto beija entre as minhas pernas. O frio morde minha pele, e misturado com o calor de sua boca, todos os meus nervos gritam de prazer.

— Ryke — eu choramingo, segurando seu cabelo.

Ele chupa com força, e eu tremo em seus ombros. *Ah*...

Minha cabeça balança, *ahhh*... eu grito, a mão dele na minha coxa, a outra na minha bunda nua. *Porra*.

A língua dele. *Essa língua*.

Meu gemido febril é lançado no ar. Eu contraio, pontos piscando na minha visão. Pele pegando fogo. Meus olhos reviram, *porra, caralho*.

— RYKE! DAISY!

Connor Cobalt.

Estamos perto o bastante da linha das árvores para que ele possa me ver parcialmente nua nos ombros de Ryke.

Aí, Deus.

Leva um segundo para meu mundo se realinhar. Ryke me desliza por seu corpo, sua cabeça chicoteando em direção a nossa casa.

Eu vejo o contorno do corpo de Connor, mas felizmente ele está de costas para nós - e ele não está caminhando mais para o bosque.

Ryke começa a me ajudar a vestir as roupas, rapidamente, enquanto eu descendo de um orgasmo entorpecedor. Calcinha primeiro. Depois a calça jeans.

— Foda-se. — Ryke diz no meio do caminho, abandonando minhas botas. Ele me pega para me salvar da neve e me segura em seus braços. Onde eu já estive tantas vezes antes.

Não consegui discernir o tom de voz do Connor. Preocupado? Em pânico? Bravo? Exaltado? Resta ver, e é por isso que Ryke *corre* comigo.

Atravessamos a linha das árvores para o nosso quintal e depois paramos. Connor está parado ali, com um caro casaco de lã preto. Seu olhar nos varre, pousando nos meus pés descalços, e então seus olhos azuis voam para Ryke.

— Onde estão os celulares de vocês? — Connor pergunta calmamente, mas eu tenho problemas para ler seu olhar.

Eu dou um tapinha nos bolsos do meu jeans e blusa.

Ryke me coloca no chão e toca nos bolsos da sua calça.

Nada.

— Porra — Ryke xinga. Talvez tenhamos deixado eles lá dentro ou talvez tenham caído em algum lugar na floresta.

— Eles devem estar lá dentro — digo a Connor, minhas solas dos pés congelando. — O que aconteceu?

— A escola ligou para o Lo já que ele é seu primeiro contato de emergência. Precisam buscar a Sulli.

— Meu Deus. — Minha mão voa para a minha boca.

— Não é nada sério — diz Connor. — Lo já está vindo para cá com ela. Ele me ligou para descobrir o que aconteceu com vocês. — Connor vira o celular na mão. — Eu disse a ele que vocês provavelmente estavam transando na floresta. Para surpresa de ninguém, eu estava certo.

Ryke revira os olhos. — Vai se foder, Cobalt. — Seus músculos estão flexionados, preocupado com a Sulli.

Não é nada sério. Eu me agarro a isso.

— Hoje não — responde Connor, arrumando a luva de couro. — E sério, precisamos parar de nos encontrar assim. — Ele se dirige

para a rua.

— Vai se foder! — Ryke grita.

Connor levanta a mão enquanto se afasta. — Tudo no seu tempo! — Eu ouço o sorriso em sua voz.

Preocupados, Ryke e eu não passamos nem mais um segundo do lado de fora. Corremos para nossa casa, pressão no meu peito.

O que aconteceu?

* * *

Fecho suavemente a porta do quarto de Sullivan, saindo para o corredor. Ela dorme como um tijolo. Puxei as cobertas para o seu pescoço e ela nem se mexeu. Aparentemente, é a quinta vez que ela adormece na aula de estudos sociais e, depois de *cinco* advertências, eles a mandaram para casa para tirar uma soneca em sua própria cama.

Eu me sinto responsável.

Sulli tem o hábito de imitar nossos horários aleatórios de sono. Alguns meses, cochilo mais e durmo durante a noite menos, mas sempre tento dormir pelo menos seis horas por dia.

Porra, Calloway, a culpa não é só sua. Quase consigo ouvir a resposta do Ryke nos meus pensamentos.

Ele acorda ao raiar do dia (ou até mais cedo), e ela se esforça para estar de olhos arregalados e alegre no mesmo horário.

O que não está aberto para debate: seus maus hábitos de sono criaram problemas na escola. Eu puxo meu cabelo loiro para um coque alto enquanto desço as escadas.

— Connor estava certo; vocês dois estavam fodendo, não estavam? — Eu ouço Lo da cozinha.

— Podemos diminuir o uso dessa porra de frase? — Ryke retruca.

— Eu sei. Eu tenho alergia sempre que falo sobre vocês dois fodendo. — Lo brinca, sabendo muito bem que Ryke estava falando sobre a outra parte. *Connor estava certo.*

Eu já ouvi o Ryke dizer essas três palavras muitas vezes antes. Ele deve estar estressado sobre a situação com a Sullivan também, e resmungar sobre Connor é uma boa distração.

— Ei, pessoal — eu cumprimento, entrando na cozinha. Ryke está inclinado contra a pia, os braços cruzados. Subo na bancada mais próxima dele.

— Com isso... — Lo pega um saco de chips Tostito, e ele abre a geladeira e rouba a nossa salsa. — Pelo incômodo.

Eu assisto Lo sair pela porta da garagem, e ela se fecha. — Você está pagando seu irmãozinho em chips?

— É a única fodida moeda que ele aceita. — Ryke gira em minha direção, suas mãos nos meus joelhos, minhas pernas balançando para frente e para trás.

Ficamos em silêncio por um longo momento, um silêncio diferente do de antes na floresta. Seus olhos castanhos e manchados de avelã procuram os meus, e nós dois tentamos transformar nossos sentimentos em palavras. Nós dois não somos ótimos nisso, mas tentamos.

Tentamos o tempo todo dizer o que sentimos.

— Temos que fazer alguma coisa — eu respiro. — Ela não pode continuar dormindo na escola.

Ele remove uma mão do meu joelho, apenas para passar os dedos pelos cabelos. — Eu não sei como consertar essa porra, Dais. — Ryke *sempre* teve dificuldades em dizer não para Sulli referente às coisas que ela ama.

Ficamos em silêncio novamente, pensando. Eu descanso meu queixo em seu ombro, sua outra mão vai para minha cabeça, reconfortante. Sugiro: — E se dissermos para ela que ela *precisa* dormir pelo menos sete horas todas as noite? *A noite toda*. Dessa forma, ela não vai cochilar.

As sobrancelhas dele franzem. — E se ela não fizer essa porra?

A parte difícil. — Não podemos recompensá-la - portanto, se ela acordar cedo, não pode ir correr com você. Se ela pedir panquecas, você não pode fazer.

Ele faz uma careta. Ryke tem um coração tão mole, só o pensamento de castigar alguém o machuca, especialmente quando é direcionado a uma de suas meninas.

— Ela irá reprovar em estudos sociais, Ryke. — Pelo menos foi o que Lo nos disse. O professor explicou toda a situação quando ele pegou a Sulli. — Você sempre foi durão quando se trata da saúde

dos outros. Apenas pense que, se ela continuar nesse caminho, poderá acabar como eu.

Ryke estreita os olhos. — Essa porra não é possível, Dais. — O TEPT foi uma das causas dos meus problemas de sono.

— Apenas pense — eu digo, me endireitando. — Pense que, se ela não dormir por sete horas seguidas, ela pode ficar sonâmbula. Ela pode gritar com pesadelos - pense no que você precisa pensar para cumprir essa regra.

Seus músculos se contraem, mas clareza e persistência enchem seus olhos, o mesmo olhar que Ryke tem no rosto quando está na base de uma rocha enorme. Confiante, ele diz: — Eu posso fazer isso, porra.

Eu puxo sua camisa. — Ei, um dia ela terá dez anos. Então, no próximo piscar de olhos, ela terá doze. Antes que você perceba, ela vai ter dezesseis anos e dirigindo aquele jipe do lado de fora e nós estaremos acenando enquanto ela vai embora para a faculdade. — Planejei que fosse um discurso engraçado, mas sorrio chorosa para o meu marido.

Ele segura minha bochecha, a mesma com a cicatriz. — Hoje ela tem nove anos. — Seu polegar seca minha lágrima que escapa. — Viva na porra do momento comigo, Calloway?

Meu sorriso se estende.

Todos os dias, Ryke Meadows.

2028

“Eu só quero que todos fiquem bem.”

- Maximoff Hale, *Nós Somos Calloway (Temporada 09 Episódio 13 - Pó de Pirlimpimpim & Superpoderes)*

< 62 >

Janeiro de 2028
Cobertura no Upper East Side
Cidade de Nova York

RYKE MEADOWS

Alugamos uma cobertura cara para a véspera de Ano Novo, não para fazer uma maldita festa para outras pessoas além de nós. A bola caiu cerca de uma hora atrás. Confetes cobrem os móveis modernos e sofisticados e o tapete. As paredes são principalmente de vidro, uma visão clara da cidade iluminada à uma da manhã.

A maioria das crianças estão desmaiada nos sofás, poltronas, e Rose começa a varrer alguns confetes. Lily, Willow e Daisy tentando ajudar, mas elas jogam os papéis umas para as outras.

Lo, Garrison, Connor e eu encontramos as quatro meninas mais novas empilhadas em um puff, apagadas pra caralho. Todos nós, com calma e gentilmente, pegamos nossas filhas e as levamos para a cama.

Audrey baba no ombro do Connor, e ele simplesmente sorri com isso. Winona está em um sono profundo nos meus braços. Vada se mexe nos do Garrison, mas ele esfrega suas costas e ela relaxa facilmente. E Kinney - ela é a única que realmente abre os olhos.

Ela olha para Lo e ele beija cada uma de suas bochechas gordinhas. Eu nunca vi meu irmãozinho amar algo mais do que ele ama seus filhos e sua esposa.

Kinney descansa a cabeça no peito, o abraçando como se ele fosse um maldito ursinho de pelúcia.

Quando volto para a sala da cobertura, tento ajudar a limpar, pois planejamos fazer o café da manhã amanhã de manhã. Pego um saco de lixo e jogo todos os copos e pratos de papel nele, a maioria das bordas de pizza deixadas para trás.

Na sala quase vazia, noto Moffy em uma camisa de mangas compridas do Homem-Aranha perto da janela. Sozinho. Lendo em uma cadeira branca dura. Amarro a pesada sacola de lixo, meus

olhos voando para o meu sobrinho de doze anos. Lo me contou toda a extensão de sua conversa com Moffy na Disneylândia.

Ele disse que Moffy pensou em pintar o cabelo. Pensou em usar protetor solar com um fator mais alto. Para se parecer menos comigo. Eu estaria mentindo pra caralho se dissesse que não magoou. Magoou porque eu amo esse garoto. Eu estava lá quando ele nasceu. Eu cuidei dele mais do que qualquer outra criança das nossas famílias.

E minha existência na vida de seus pais lhe causou dor - *dor* que eu voluntariamente pegaria para mim. Eu gostaria de poder ter salvado ele disso.

— Você deveria falar com ele. — Lo está ao meu lado, tentando enfiar um prato de papel no meu saco de lixo já fechado.

Eu não sou muito bom com palavras, porra. Isso nunca me impediu antes, mas desde a Disneylândia, meu relacionamento com Moffy está diferente. Nós não conversamos tanto. Ele não pede para correr de manhã comigo como costumava fazer. Quando o levo para o treino de natação, ele geralmente só conversa com a Sulli.

— Tem certeza? — Eu pergunto a Lo.

Ele assente, certo disso. — Quem sabe, talvez ele te surpreenda. — Lo ofega com os dedos nos lábios, tentando tirar sarro da minha esposa. É uma imitação de merda.

Empurro o saco de lixo no peito dele.

— Eu também te amo, irmãozão.

Meus lábios começam a se levantar ao ver seu sorriso. Então deixo Lo e atravesso a sala até o Moffy. Sento em uma cadeira idêntica na frente do meu sobrinho, e ele ergue os olhos do livro.

Seu cabelo ainda está castanho escuro.

Sua pele não está tão bronzeada, mas é porque ele geralmente nada em piscinas cobertas durante o inverno. Eu costumo viajar para fora do país, constantemente ao sol, por isso mantenho um bronzeado o ano todo.

— Você quer conversar? — Inconscientemente estalo um dos meus dedos.

— Sobre o que? — A capa do livro se fecha sobre a mão dele, e fico completamente imóvel ao ver o título. Ao ver o livro.

Sabendo que ele gostava de ler, dei *A Revolta de Atlas* de Ayn Rand ao Moffy no Natal. Eu li esse livro quando tinha mais ou menos a idade dele, então achei que ele poderia gostar. Eu nunca o vi abrir a porra do presente. Eu apenas pensei que ele tinha jogado no lixo.

Com o meu silêncio atordoado, Moffy diz: — Eu sei que estive... distante, mas... — Seu olhar cai para o livro. — Meu pai disse que eu posso amar você e ele ao mesmo tempo, e eu quero que você saiba ... que eu te amo.

Esfrego os olhos, as lágrimas simplesmente escorrendo.

Moffy limpa as dele com o antebraço. — E... obrigado.

— Pelo quê?

Suas lágrimas enchem até a porra da borda. — Por cuidar do meu pai.

Aperto os olhos, assentindo repetidamente, incapaz de falar. *Porra*. Eu pensei que ele faria *tudo* para me apagar de sua vida. Lo é o pai dele - de todos os jeitos. Eu nunca poderia tomar o lugar dele. Eu nunca tentaria. Nunca nem iria querer.

Eu sou apenas o tio, e Moffy poderia facilmente me cortar da sua vida se ele quisesse.

Quando minha mão cai, aceno para o meu sobrinho mais algumas vezes, uma paz enorme entre nós. — Você está gostando do livro?

Ele funga alto, esfregando o rosto antes de falar. — É legal. — Ele o abre. — Eu gostei mais dessa frase até agora... — Ele me passa o livro de filosofia e aponta para a frase.

— *Se você não sabe, o que deve fazer é não se assustar, e sim aprender.*

Sim.

Eu também gosto pra caralho dessa.

[adeus]

Abril 2028

A Propriedade Cobalt

Filadélfia

ROSE COBALT

Connor sorri para mim da cabeceira da mesa de jantar, os dedos nos lábios presunçosos. Eu imagino seu cotovelo escorregando e seu rosto caindo na tigela de purê de batatas.

Não sorria, Rose. Não dê a ele essa satisfação.

Tornozelos cruzados, queixo levantado, estou sentada na *outra* cabeceira da mesa. Distância igual. Nenhuma cadeira maior que a outra.

Eu inspiro a atmosfera extravagante. Cálices de cristal, um ganso assado, dois pratos de cranberries, feijão verde e batatas repousam sobre uma elegante toalha de mesa, o lustre brilhando acima.

Não é feriado.

Preparamos a mesma refeição toda quarta-feira à noite, e a maioria dos nossos filhos esquecem de comer até o final do jantar, ganso se tornando sobras para quinta-feira.

Volto meu foco para Connor.

Seu sorriso crescente conta histórias de auto-importância e superioridade em mente e espírito. É tão atraente quanto desagradável. — Você está pronta, querida?

— Para arrancar seu coração e enfiar uma faca no centro. — Eu me levanto exatamente no mesmo momento que ele. Meus olhos brilham. Eu queria a vantagem da altura por pelo menos um segundo. — Eu estive pronta a minha vida inteira para *derrotá-lo*.

Ele aperta seu cálice de vinho tinto, novamente no mesmo momento que eu. — Eu odeio decepcionar, mas seu triunfo virá outro dia.

Tradução: *eu sempre ganho.*

Se estivessemos na mesma equipe hoje à noite, eu diria que sua vitória é minha vitória, mas fomos colocados um contra o outro em

uma batalha que *eu* pretendo ganhar.

— Diga adeus ao seu coração, Richard. — Pego minha faca com confiança, prestes a bater no meu cálice.

— Você já tem meu coração — diz ele tão suavemente. — Portanto, seu objetivo é inútil.

— Então eu vou arrancar seus olhos e seu cérebro e raspar sua cabeça.

Nossos sete filhos comemoram batendo na mesa com punhos, alguns com talheres, outros com taças.

A sala ronca, acordando para a vida.

Cada cadeira de jantar está ocupada. A mesa está muito cheia.

Eu quase sorrio, mas assim que Connor vê isso, ele *sorri* como se já tivesse ganhado alguma coisa. Eu levanto minha mão para o seu rosto, e com isso, as crianças se acalmam.

Connor arqueia uma sobrancelha. — Então você ama minha visão, minha mente e meu cabelo.

As crianças rugem de alegria, batendo na mesa mais uma vez.

— A mãe e o pai estão tão lindos — Audrey, de apenas três anos, quase se *derrete*. Seu cabelo ruivo espreita por baixo de um chapéu vitoriano, todo mundo se vestindo de maneira extravagante ou simples, como preferir. Ela também é nossa única filha que geralmente nos chama de *mãe* e *pai*.

Eu pensei que isso me lembraria minha própria mãe e eu me arrepiaria com o título, mas Audrey fala suspirando. Não tensa nem friamente como quando eu mencionava Samantha Calloway. E me recuso a imaginar essa mesa sem Audrey - ou sem nenhum dos nossos pequenos gremlins.

Todos eles adquiriram seu próprio lugar igual, profundo e *interminável* em nossos corações.

Eu levanto meu queixo, não negando meu amor pela visão, mente e cabelo do Connor. Eu toco no meu cálice com minha faca. — Como todas as quarta-feiras, é o que você faz dela.

— E alguém vai ganhar. — Connor toma um gole de vinho e segura meu olhar.

Esse alguém será eu, Richard. Canalizo a promessa através do meu olhar mortal e depois afirmo: — Os discursos de abertura foram iniciados. — Connor e eu nos sentamos.

Eliot, de oito anos, levanta a mão antes de seus irmãos e irmãs. Quem captura o momento primeiro, vai *primeiro*. Sempre foi assim.

Eliot almeja por esse papel nove em cada dez vezes.

Com um cachimbo vazio na boca, um terno preto à moda antiga confortável e feito sob medida, Eliot escolhe sentar-se no encosto da cadeira, *sapatos* na almofada.

Escondo meu sorriso em um gole de vinho, nem um pouco horrorizada com a cadeira suja. Não me preocupo com as pequenas coisas porque me *recuso* a controlar o ambiente como minha mãe tentava controlar.

Eu deixo todos serem quem eles querem ser, e amo meus filhos mais do que amo uma maldita cadeira.

Eliot fica de pé na almofada. Quando ele tinha sete anos, ele caiu de costas no chão. Connor aproveitou o momento para lembrá-lo de que a liberdade de expressão, como a maioria das coisas, tem consequências.

Agora ele encontrou uma maneira de não cair.

Seu irmão de oito anos, Tom - relaxado e vestido simplesmente: camiseta preta rasgada, desenho de um coração com uma faca - segura a cadeira de madeira ornamentada do Eliot. Tudo para impedir Eliot de cair para trás.

Sabendo o que está prestes a acontecer, meus gremlins rapidamente pegam seus cálices. Nós também. No mesmo momento, Eliot põe o pé na beira da mesa com um *baque* alto. Sacudindo pratos e talheres.

Nossa gremlin mais nova é muito lenta. O copo da Audrey tomba rapidamente enquanto a mesa treme. A água encharca a toalha de mesa.

— Ah não — ela suspira, mais próxima de mim em sua cadeirinha.

Eu facilmente ajudo a limpar a água derramada com meu guardanapo de pano.

Jane, agora com doze anos, se inclina para a frente, usando uma tiara com orelhas de gato e um suéter de lantejoulas e sorrindo largamente para a irmãzinha. — Anote isso, Audrey, esse gosta de pisar na mesa como se fosse a proa de um navio e aquele ali... —

ela faz um gesto para Tom — sempre e *eternamente* será o cúmplice dele.

Audrey parece extasiada com todas as palavras da Jane. Se ela entende - ninguém consegue saber. Nem mesmo meu marido narcisista. Podemos ter sete filhos, mas os bebês ainda são monstrinhos ininteligíveis. Eles absorvem o que podem, e isso é suficiente para nós.

Audrey parece extasiada com todas as palavras da Jane. Se ela entende - ninguém consegue saber. Nem mesmo meu marido narcisista. Podemos ter sete filhos, mas os bebês ainda são monstrinhos ininteligíveis. Eles absorvem o que podem, e isso é suficiente para nós.

— Cumplece? — Audrey tenta pronunciar.

— *Cúmplice* — Jane diz claramente, acariciando Lady Macbeth ronronando em seu colo.

Audrey sussurra a palavra e depois assente.

Jane ri, amor fazendo o seu rosto corar.

Eu tenho que apertar meus lábios para sufocar meu sorriso. Connor está *me* observando, mesmo com tudo acontecendo ao nosso redor. Meus olhos voam mais sutilmente para ele, e então eu saboreio meu vinho.

Eliot remove o cachimbo vazio, nunca cheio. — Senhores. Senhoras. — Ele gesticula para a mesa inteira. — "*Acima de tudo*, isto." — Ele faz uma pausa dramática. — "Sê fiel a ti mesmo, disso se segue, como a noite ao dia, que não podes ser falso com ninguém!"

Depois desse monólogo apaixonado de *Hamlet* de *Shakespeare*, ele volta para o topo da cadeira, com o cachimbo na boca.

Querido Deus.

Meu sorriso está me traindo. *Mantenha sua atitude.* Connor está além de sorrindo nesse momento, e nós acabamos de começar.

Meu orgulho por Eliot arqueia meus ombros e levanta minha cabeça. Ele memorizou muito mais do que apenas essa cena. Ninguém pode levar livros, notebooks ou celulares para a mesa.

Connor já lhes disse muitas vezes antes: — *Levem suas mentes. Isso sempre será suficiente.*

Tom levanta a mão em seguida. Como Eliot, ele fica de pé na cadeira, travessura se agarrando às suas almas vivazes. Então ele olha para Eliot e diz: — Querido irmão.

Eliot sorri. — Querido irmão.

Tom se abaixa novamente, sentado e relaxado.

— Só isso? — Audrey fica boquiaberta, como se ele fosse louco por não ocupar mais do seu tempo.

Durante os discursos de abertura, eles podem falar *literalmente* tudo o que quiserem e pelo tempo que quiserem, o que fascina Connor mais do que eles imaginam. Gosto de saber sobre a semana deles nos discursos de abertura, mas nem todos estão dispostos a compartilhar.

Eliot aponta o cachimbo na direção da irmã. — Ele é um garoto de brevidade, pequena Audrey.

Antes que a confusão cruze seu rosto, Connor diz para mim: — Brevidade, querida.

— Lacônico — eu defino.

— Conciso — acrescenta.

Eu queimo um buraco entre os olhos dele. — Meu amor por você.

Charlie Keating ri, com dez anos, e o que mais se diverte quando eu e Connor discutimos. Reconheço, assim como meu marido, que Charlie é um dos únicos que conseguem nos acompanhar mentalmente. Jane também. Charlie também é o único que fica constantemente com a cadeira inclinada para trás, mocassins pretos polidos *sobre a mesa*, vestindo um terno elegante e moderno.

Connor o chamou de *ostensivo* outro dia. Chamei nosso filho de espertinho. Concordamos que ele é partes iguais das duas coisas.

Connor balança o vinho, seu sorriso tomando conta de todo o rosto enquanto nossas palavras anteriores o consomem.

Conciso.

Meu amor por você.

Muito tranquilamente, ele diz: — Rose.

— Richard — eu digo com raiva.

— Adoro quando você define uma mentira.

Eu bufo. — Eu estava definindo *brevidade.* Contenha seu ego.

— Ele não pode ser contido. Se você ainda não aprendeu isso, talvez precise de um novo tutor.

— Se você *se* sugerir, eu vou arrancar mais do que apenas seu coração.

— Eu sugiro que seja eu — ele desafia. — Eu sou o melhor, e você merece o melhor.

Reviro os olhos, mas nunca tento realmente machucá-lo e promulgar minha ameaça, por isso não estou surpresa que ele tenha uma refutação para isso.

— E obrigado por definir uma hipérbole.

Ben, de seis anos, parece horrorizado. Ele olha de cima a baixo da mesa. — Parem — ele lamenta. — Parem com isso.

Eu fico rígida.

Connor está calmo, mas seu sorriso desaparece. Antes que ele explique a Ben que nossas palavras estão cheias de figuras de linguagem, expressões idiomáticas e prosa hiperbólica, Jane se inclina para a frente novamente. Ela está sentada ao lado de Eliot e Tom, todos os outros irmãos estão sentados do outro lado.

— Pippy — diz ela. — É tudo na brincadeira. Eles não estão fazendo por mal.

— Eu odeio quando eles discutem.

Charlie interrompe: — Você só odeia porque não consegue entender.

Ben fica boquiaberto. — Eu entendo. Mamãe quer arrancar o coração dele! E o papai acha isso engraçado. *Não* é engraçado. — Ele se levanta da mesa.

Encontro o olhar do meu marido e, com os nossos olhos, nós dois dizemos um ao outro, *espere.*

No segundo seguinte, Beckett envolve o braço em volta do ombro de Ben. Com o toque reconfortante, Ben afunda na cadeira. — Eles se amam, Ben. Se você alguma vez duvidar do amor deles, olhe para todos nós. Olhe para as nossas quartas-feiras.

Meus olhos ardem, lágrimas ameaçando cair.

— Eles poderiam estar *trabalhando* — professa Eliot.

— Mas estão aqui — Tom diz.

Quarta-feira se tornou o dia favorito deles, não por causa do ganso ou da grandeza, mas porque eles vêem Connor e eu em cada ponta da mesa. Esse é o único dia da semana de trabalho em que estamos juntos em casa, o único dia em que nossos filhos sabem

com certeza que não ficaremos presos em nossos escritórios após o horário do jantar.

É o dia em que nossa inteligência e nossas palavras lutam por horas a fio e, à medida que envelhecem, eles se tornam cada vez mais parte de tudo.

Ben olha para mim em busca de afirmação.

Eu suspiro, sabendo que vou ter que *elogiar* meu marido. Relaxo minha mandíbula como se não pronunciasse essa frase há anos. — Eu amo... — *Você consegue fazer isso, Rose.*

Eu sou a maldita leoa em um covil de filhotes.

Limpo a garganta, sentindo o calor dos olhos presunçosos do meu marido e anuncio: — Eu amo Connor Cobalt.

Pronto, eu disse.

Connor levanta seu cálice para mim, seu sorriso mais carinhoso do que convencido. Seu amor diminui tanto seu narcisismo que minhas garras retrocedem.

Charlie inclina a cabeça para Ben. — *Connor Cobalt* é o papai, caso você não tenha entendido também.

— Eu sei que é o papai. — Ben bufa.

Eu estalo meus dedos. — Seguindo em frente com os discursos de abertura. — Cinco crianças ainda precisam falar, mesmo que apenas queiram dizer *não*. Isso é ok para nós.

Charlie levanta o dedo indicador no ar. — Invoco o meu direito de passar.

Audrey ofega. — Por que, Charlie?

Beckett sorri para o lustre. — É como perguntar por que o do contra vestiu terno e gravata para uma festa na piscina. — Ele não escolheu o exemplo do nada. Charlie *de fato* usou seu terno mais caro para uma festa na piscina do bairro.

Então ele foi embora depois de cinco minutos.

Audre levanta a mão no ar.

— Audrey — Connor chama a mais nova com um sorriso largo.

Nossa filha mais nova abre a boca para falar, mas com todos os olhos nela, ela esquece suas palavras. — …Eu…

Todos esperamos pacientemente.

— Você? — Eu tento ajudá-la sem fazê-la se sentir inadequada.

— Eu sou... — Suas bochechas de repente coram, e ela se afunda na cadeirinha, apertando firmemente o chapéu vitoriano.

As três crianças mais velhas batem na mesa para Audrey.

— Que palavras sábias. *Eu sou* — Jane diz a Audrey.

Audrey se anima. — Obrigada, Jane.

Eu tento beber meu vinho para esconder um sorriso, mas Connor vê. *Derrote seu marido*. Eu posso fazê-lo *sofrer* tanto quanto ele pode se divertir com o meu sorriso. Junto meu cabelo em um ombro e inclino minha cabeça, pescoço nu em sua visão direta. Ele esfrega os lábios e, em seguida, abaixa a mão para o cálice.

Você não pode ter isso. Eu canalizo através dos meus olhos.

Vamos ver, ele responde.

Tomo outro gole de vinho, assim que Beckett levanta a mão.

Ele confessa: — Pesquisei meu nome no Google.

Eu engasgo com o meu vinho.

— Cuidado, querida — diz Connor.

Dou-lhe um olhar antes de plantar meus olhos ardentes em Beckett. — Nesse mundo feio, o que te levou a fazer uma coisa dessas?

Connor e eu sentamos lado a lado na cama e pesquisamos no Google os nomes de *todos* eles. Se houver artigos particularmente difamadores que achamos que os advogados podem derrubar, soltamos os cães nos jornalistas antiéticos. Então, para Beckett, eu sei o que teria surgido em sua pesquisa.

Todos os estereótipos relacionados a meninos no balé.

Beckett explica: — Na escola, Geoffrey Stanford me mostrou na aula de informática.

Charlie balança a cabeça para o irmão. — Geoffrey que pesquisou seu nome no Google. Não *você*. — Charlie fica irritado quando Beckett confessa ações que não são suas.

Meu lado guerreiro acorda, apenas para protegê-los da forma que eles precisam, olhos penetrantes disparando para cada um dos meus meninos.

— Mesmo assim, eu vi — diz Beckett a seu irmão gêmeo.

— Geoffrey é um idiota junto com o resto do mundo. — Ele faz uma pausa. — Exceto você. — Ele diz isso *só* para o Beckett.

— Beckett. — A voz calma do Connor chama a atenção de todos. — Somos todos rotulados. Todo dia que saímos, somos estereotipados. Você deixa isso te afetar...

— Você os deixa vencer — Charlie termina.

Ergo meu queixo mais uma vez. Beckett me vê, e sua confiança intensificada permeia como uma borrifada de perfume. Ele assente, seguro de si.

— Algo mais? — Pergunto a ele.

— Isso é tudo que eu precisava falar.

Lady Macbeth sai do colo da Jane. — Você prefere ir em seguida ou por último, Pippy? — Jane pergunta a Ben, os dois únicos que sobraram para os discursos de abertura.

— Por último. — Ben olha para o purê de batatas. Ele quebra a tradição e coloca uma colherada no prato antes que os discursos de abertura sejam concluídos.

Ninguém chama sua atenção, mas Charlie inclina a cabeça novamente para o irmãozinho. Aponto minha faca para Charlie. — Nem comece — digo friamente. Com isso, quero dizer qualquer comentário espertinho que ele pense em arremessar contra seu irmãozinho.

Charlie exala diversão e pretensão como se existissem na sua medula e nos ossos. Ele assente como se dissesse *não vou começar, mas só por você, mãe.*

Jane levanta a mão enquanto fica de pé. — Bem, então... — Seus brilhantes olhos azuis varrem seus irmãos e nós. — Eu escolhi seguir um amor.

Audrey ofega. — Jane está apaixonada!

— Sim, Audrey, estou *indiscutivelmente* apaixonada.

Eu observo meu marido, seus dedos nos lábios. Como estamos na introdução de uma batalha, espero que ele desmorone com essa nova discussão, mas ele permanece imperturbável.

Connor arqueia uma sobrancelha para mim.

Eu estreito meus olhos, assim que Eliot pergunta: — Nós conhecemos seu amor?

— Porque se não conhecermos — diz Tom — acredito que deveríamos. — A lealdade deles um pelo outro faz minha boca se curvar. Seus irmãos acreditam que seu amor é *alguém*, mas Jane

confiou em mim. Eu sei que o amor dela é uma *coisa*. Eu também sei que ela está procurando romance tanto quanto alguém procura por seu próprio pé.

— Vocês encontraram o meu amor diversas vezes antes.

Beckett pergunta: — O amor é uma pessoa?

— Não — Charlie responde antes que Jane possa. — O amor dela é comum. — Ele está sendo factual. Eu sei *o que* é o amor dela, assim como Connor e Charlie, mas ela não compartilhou seus planos futuros conosco até agora.

— Muito comum — Jane concorda. — Nós o usamos constantemente sem perceber.

Os rostos de Ben e Audrey franzem com o enigma.

— Vocês estão terrivelmente confusos? — Jane pergunta e, quando os dois concordam, ela explica: — Os *números* são muito comuns. Usamos *números* diariamente, às vezes subconscientemente.

— Sub... o que? — Audrey faz uma careta.

Connor esclarece: — *Subconscientemente*. Sem perceber.

— Inconsciente — acrescento.

— O amor de sua mãe por mim. — Connor sorri em seu gole de vinho.

Eu bufo com essa *imprecisão*. Connor é quem nunca reconheceu o amor. Que ele poderia amar, que ele de fato amava, que estava *tudo* dentro dele. Na verdade, ele estava inconsciente disso.

Eu sempre soube.

— Então seu amor é números? — Eliot pergunta.

— O amor dela é *matemática* — Charlie é quem responde completamente.

— Precisamente. — Jane sorri. — Eu me inscrevi para competições no próximo ano letivo. Estou me juntando aos *matletas*.

Seus irmãos batem pratos, cálices e Tom usa a mesa como uma bateria.

Estou com uma mão no meu peito como se eu não pudesse respirar. Obviamente estou respirando. Estou viva, mas é a primeira vez que Jane professa um sonho, um objetivo - uma paixão na vida. Mesmo que dure um ano ou apenas dois, pretendo incentivá-la da maneira que puder.

Mesmo que suas aspirações consistam em coisas que eu amo e odeio.

Mundos academicamente competitivos? *Eu amo*. Não apenas porque eu conheci Connor lá. Eu adorava competir e aprender muito antes dele aparecer.

Matemática? *Eu detesto.*

Eu estarei em todas as malditas competições. Faça sol ou faça chuva.

Antes de se sentar, Jane olha para o pai e depois para mim, e nós dois expressamos nosso orgulho com nossos olhos. Fazemos perguntas que ela responde com alegria.

Você tem que fazer uma prova para entrar? Sim.

Quantas pessoas por equipe? Incerto no momento.

Quando ela se senta, sorrindo mais do que eu sorrio anualmente, todo mundo se concentra no garoto mais pequeno, com a boca cheia de purê de batatas.

— Sua vez, Pippy.

Ben balança seu cálice com água e depois se levanta. — Acho que devemos começar a plantar árvores para todas as *árvores* que um humano tocar. — Nós deixamos com que ele fale sua proposta, mas Connor esfrega os lábios quanto mais tempo Ben acredita que sua fantasia é real. — Vamos colocar todas no nosso quintal e convidar as pessoas para olharem. Elas não podem tocar, se não elas irão *matar* as árvores. As árvores ajudam o planeta, por isso são importantes.

Charlie diz primeiro: — Você acredita que um bilhão de árvores possam ser plantadas em nosso quintal.

— Por que não? — Ben dá de ombros.

Seu pai explica: — É idealista.

Eu rapidamente adiciono: — O que *não* é um defeito.

Connor toma um gole de vinho. — Em certas situações, o idealismo pode ser um defeito.

— O *narcisismo* também pode.

As crianças batem os talheres na louça e os punhos na mesa com minha resposta.

Connor levanta seu copo para mim, como se estivesse cedendo, mas eu conheço meu marido. Ele nunca se entrega tão facilmente.

— A precisão da sua segunda declaração não elimina a imprecisão da sua primeira.

Nossos filhos batem os pés no chão, gargalhando.

Eu vou te queimar, Richard.

Eliot tira seu cachimbo da boca. — Idealista não é outra palavra para ingênuo?

— Sim. — Connor toma um gole de vinho.

Ben cruza os braços magros. — Conheço as árvores e o que elas significam. É importante.

Eu seguro seu olhar. — O que é importante para você é importante para mim, meu gremlin.

— Nós não duvidamos do seu amor por árvores — Connor diz ao filho com sinceridade.

Isso acalma Ben no momento, mas ele se afunda na cadeira, profundamente pensativo. Connor o estuda por um momento ou dois a mais. Ben é nosso único filho que acredita que pode conversar com alguém na lua através de uma lata de sopa de tomate. A única criança que menciona libertar golfinhos de pára-quedas e avião.

Em uma casa cheia de pensadores críticos, ele é um estranho - um cordeirinho em nossa cova de filhotes de leão. Nós o protegemos e o nutrimos e *nunca* desejamos mudá-lo, mas às vezes os leões mordem mais do que pretendem.

Eu me levanto com meu cálice - Connor me imitando passo a passo. Meu grunhido arranha minha garganta, mas nunca escapa dos meus lábios.

Eu leio seu olhar divertido: *você está pronta para ser derrotada, querida?*

Prepare-se, Richard.

Eu falo. — Isso conclui os discursos de abertura. Agora o jogo realmente começa. — Eu bato no cristal com minha faca. Nossos filhos começam a pegar cranberries e feijão verde, servindo comida, mas, além de Ben, eles dificilmente comem mais do que uma ou duas colheradas.

Nos sentamos.

Eliot é mais rápido que todos e faz a primeira pergunta: — Como é chamada a ópera de Mozart, “A Flauta... o quê”?

— Mágica — diz Connor, assim que a resposta cai na ponta da minha língua.

— Um ponto para o papai. — Jane sempre marca os pontos em um caderno. Jogamos uma variação do mesmo jogo que criamos no Modelo da ONU.

O dia em que nos encontramos pela primeira vez.

Esse fato nostálgico passa entre Connor e eu, íntimo e quente em meio a pensamentos frios de derrota e perdas.

— Qual é o número romano de cento e quinze? — Jane pergunta.

Conheço essas letras, no mínimo. — CXV — eu digo, assim que Connor começa. Pego uma fatia de ganso e a corto no meu prato. O *barulho* da faca de metal na louça parece violento. Olho para ele o tempo todo, apontando o barulho para Connor.

Ele reabastece seu vinho.

Poderíamos jogar perguntas ao vento, mas isso significaria que perderíamos a chance de ganhar um ponto. Somos competitivos demais, mesmo entre nossos filhos. As regras do jogo: qualquer pessoa pode fazer uma pergunta, de qualquer categoria, mas deve fornecê-la sem material de referência.

O primeiro a responder recebe um ponto.

Nós nunca ficamos de fora. Nunca deixamos nossos filhos ganharem porque são crianças. Talvez um dia eles nos derrotem, mas por enquanto, a batalha é Connor contra mim. Eles gostam de ver se podem derrotar nós *dois* com perguntas que memorizaram antes do jantar.

É por isso que o próximo conjunto de perguntas vem rapidamente, e eu corto o início das respostas de Connor tão rápido quanto ele corta o início das minhas.

— Mamãe e papai estão empatados — Jane anuncia trinta minutos depois do início do jantar. — Vinte e dois pontos para os dois. Charlie tem três pontos.

— Quem foi o capitão do Titanic? — Beckett pergunta, me alimentando uma pergunta que ele sabe que eu sei.

Connor percebe isso, mas eu já respondi: — Edward John Smith.

— Usando seus recursos, querida? — Connor me pergunta. — Ou você está trapaceando?

Eu acendo como uma toca com essa palavra. — Eu nunca trapaceio. — Não pedi ao Beckett para se juntar ao meu time, mas claramente ele está no time Rose - e eu *nunca* chutaria um pequeno gremlin do meu lado. Eu tenho espaço suficiente no meu banco para todos eles.

Há até espaço suficiente para Connor.

Jogamos por mais dez minutos, nossos filhos fazendo perguntas dos tópicos que gostam: matemática, ciências, dança, teatro, música, mundo e amor. Mais uma vez, estamos empatados.

Connor está de pé, como se estivesse esperando o fim. Eu sigo o exemplo, alta com os meus saltos, nossa mesa cheia de crianças animadas que nos separam fisicamente, mas nossas mentes se tocam e se entrelaçam, o mais próximo possível. Mais perto do que se jogássemos a mesa para o lado.

Eu tenho tudo o que eu desejei. Eu tenho *ele*. Eu tenho *eles*. Essa sala de jantar respira a *vida* da maneira que eu só podia imaginar.

O que mais resta para dizer e fazer?

Eu já estou triunfante. Eu já estou orgulhosa dele, deles e de mim.

Connor me encara atentamente, ansiosamente, vendo e ouvindo todos os pensamentos vitoriosos que rugem dentro de mim. Seus profundos olhos azuis trovejam com promessas e afeições inflexíveis e aquele sorriso presunçoso e florescente.

E profundamente, ele diz: — Aqui está um segredo, querida.

Eu escuto, pronta para qualquer coisa com ele.

— Sempre gostei de ganhar, mas aumentaria o tempo que levamos para chegar ao fim, apenas para passar mais um segundo com você.

[adeus]

Abril de 2028

A Propriedade Cobalt

Filadélfia

CONNOR COBALT

Existem muitas verdades na vida, mas enquanto estou diante da Rose, do outro lado da mesa, com nossos muitos filhos lindos, aceito uma que condenei por anos a fio.

Estou apaixonado.

Por muito *mais* do que apenas por mim.

Essa verdade nunca se romperá.

Nem mesmo quando nosso filho mais novo se levanta da mesa. Nossos filhos acreditam que Ben está prestes a fazer uma pergunta. Eu não creio que isso seja o caso. Nem a Rose, seus olhos penetrantes e sentimentais me deixando e indo para o nosso filho de seis anos.

Ben esteve distante nos últimos vinte minutos, seu olhar frequentemente viajando para a porta. Não estou surpreso que ele esteja prestes a divagar, mas fico verdadeiramente surpreso com a declaração dele.

— Eu vou fugir.

Rose respira fundo, as clavículas se projetam e perguntas nadam em seu olhar. Algumas semelhantes tentam cruzar o meu.

Eu deixo que cruzem. Eu deixo que Ben veja. — Por quê? — pergunto.

— Eu não quero dizer o porquê.

Rose e eu abandonamos nossos lugares nas pontas da mesa, uma raridade. Nos aproximamos do nosso filho, enquanto ele empurra sua cadeira vazia para trás e puxa sua camiseta azul-marinho que diz *Plantas São Legais.*

Eu vou para o lado da Rose. Minha mão desliza na dela e entrelaço nossos dedos. Minha água tranquila e lânguida ao lado de

seu fogo ardente e violento. Não bloqueamos a saída dele. Seja ilusão ou realidade, ele tem a capacidade de sair se quiser sair.

Ele tem pés. Ele tem cérebro. Ele pode sair pela porta e nos deixar para trás - e *não*, eu não gostaria que meu filho fugisse. Só com esse simples pensamento, tenho um coração que pode estar partindo.

Eu tenho uma mente que pode estar se dividindo.

Antes de lidarmos com essa situação, Charlie interrompe: — Ele não está falando sério.

O rosto do Ben fica vermelho de mágoa, *ira* e frustrações, e eu sei - imediatamente entendo meu filho.

Sinto um reconhecimento semelhante passar por Rose. Estamos diretamente na mesma página da mesma história no mesmo livro.

Pergunto ao Ben: — Gostaria que te ajudássemos a fazer as malas?

Sua boca se abre, surpreso.

— É o que você quer, não é?

Ben hesita e depois assente.

Formal, mas ardente, Rose diz a ele: — Você *não pode* esquecer sua escova de dentes. Não me importo se você se recusar a escovar, mas pelo menos a coloque na sua bolsa. Preciso fazer uma lista para você?

Ben pensa mais. — ...eu gostaria de uma lista, mas com fotos.

— Então com fotos será — diz Rose com tanto carinho que ela poderia muito bem estar abraçando nosso filho.

— Você gostaria de um mapa? — Eu pergunto. — O que mais você precisa de nós? — *Daríamos a você o mundo, se pudéssemos.*

— Eu tenho um mapa. Eu desenhei um ontem e vou andando, então não preciso de muito.

Eliot e Tom bufam, não querendo ser cruel, mas rindo eles ignoram, sem saber, as opiniões dele.

Ben gira para um irmão que oscila nas costas de uma cadeira e o outro que está relaxado ao seu lado. — Estou *falando sério*!! — ele grita do fundo do seu coração, seu pescoço da cor de uma beterraba. — Estou indo embora! Vou embora e *nunca* mais vou voltar!!

Seus rostos caem. Compreendendo nesse momento o verdadeiro significado e a gravidade de suas palavras. Não importa se ele *pode* sair. O importante é porque ele *sente* que deveria.

— Pippy? — Jane chama.

— Ben? — Eliot e Tom dizem juntos.

Quando Ben cruza os braços finos e vira as costas para a mesa, nossos filhos começam a sussurrar.

Rose e eu guiamos nosso filho em direção a um carrinho de chá, perto da porta. Ele respira pesadamente, lágrimas frustradas escorrendo. Nos agachamos à sua altura. Rose limpa as bochechas dele com um guardanapo de pano limpo. Eu sussurro alguns sentimentos calmantes em francês enquanto ele recupera o fôlego.

Ben quer ser ouvido.

Nós o ouvimos e prestamos atenção no que ele fala todos os dias. Ele pode pensar que hoje à noite rejeitamos suas idéias, mas não estou ignorando cada uma delas. Estou as desafiando, e ele tem todo o direito de defender suas convicções. Por mais estranhas e fantasiosas que possam ser. Rose e eu ainda estaríamos aqui, com ele, não importa o que ele pensasse e nem a maneira que pensasse.

Eu levo as opiniões dele a sério, mesmo que sejam baseadas em fantasia. Eu nunca as chamo de *tolice*. Eu nunca rotulo como absurdo. Ele é meu filho *idealista* que sonha em cores não descobertas.

Isso é fato.

Ele funga, bochechas secas e respirando mais tranquilamente.

E eu digo a ele: — Se a sua vontade é realmente partir, nós o ajudaremos.

Rose luta contra as lágrimas enquanto diz: — Nossos corações partiriam a *cada* passo, mas nós o ajudaríamos.

Ben esfrega os olhos lacrimejantes, consternado.

— Você tem escolhas — digo suavemente. — Você sempre terá escolhas. Nós respeitamos a sua, e será doloroso vê-lo partir. Nós deixaremos você ir, porque esse é o *seu* desejo. É isso o que você realmente quer?

Há um medo de que ele diga *sim*. Posso dizer a mim mesmo que, realista e logicamente, ele nunca fugirá, mas passar pela ilusão será

torturante. Não posso separar os sentimentos e não tento me convencer de que posso.

Eu sei que não posso. Ele é *meu* filho. Ele é um pedaço dessa família.

Ele não é dispensável.

E iremos tão longe quanto fazer as malas dele. Iremos observar enquanto ele rola sua mala pelas escadas, pela rua. Vamos fingir que nosso filho nos deixou até que ele reconheça que suas idéias vivem em castelos de neon e nuvens.

Se ele não chegasse a esse ponto antes de chegar ao portão do condomínio, não o deixaríamos sair. Nós iremos cooperar com o seu desejo o máximo que pudermos, mas *nunca* arriscaremos a segurança dele.

Tudo para que ele se sinta ouvido. Para que se sinta entendido. Nós faríamos isso por amor.

Ben balança para frente e para trás, o rosto manchado de vermelho.

— O que foi? — Eu sussurro.

A cabeça dele cai. — Eu não me encaixo aqui.

Com muita paixão, Rose diz: — *Sim*, você se encaixa. Ben Pirrip Cobalt - você se encaixa naquela mesa. Você se encaixa no meu coração. — Ela aperta as mãos dele e lágrimas escorrem por suas bochechas com um sentimento inteiramente novo. — Você se encaixa nessa *família*. Prometo minha pele e ossos, você se encaixa.

Ben esfrega o nariz com as costas da mão.

Eu acordo com o fervor dela, sufocado pela emoção *real*. Minha garganta está fechada. Espero um segundo para processar tudo e, com esses sentimentos correndo por mim, digo ao meu filho: — Você é *necessário* em nossas vidas.

Ben respira fundo.

— Eu te amo — digo sem sombra de dúvida. — Todos nós amamos você. Por suas diferenças, por suas semelhanças, por quem você é.

— Nós também, irmão — diz Eliot, chamando nossa atenção para a mesa. Rose e eu nos endireitamos, e Ben desliza ao redor das nossas pernas para ver o que vemos.

Todos os nossos filhos ficam de pé. Não apenas no chão. Eles sobem na mesa, empurrando os pratos para o lado, os cálices virando, mas seus olhos estão apenas em Ben. Olhando para ele como se ele fosse o único que importa. Ele importa acima de um prato. Acima de uma cadeira. Acima de um copo, acima deles mesmos.

Charlie é quem estende a mão. — Nós também te amamos, Ben.

Rose é uma fortaleza de amor e lealdade, seus olhos verde-amarelados cheios de lágrimas ao ver nosso futuro que não é mais *futuro*.

É o momento presente.

E nós estamos vivendo dentro disso.

Eu aperto a mão dela. Meu coração - um coração que se importava com lógica, praticidade e atividades egoístas - esse coração está pegando fogo.

Ben pega a mão de seu irmão e Charlie o ajuda a subir na mesa. Todas crianças encontram nossos olhos, sorrindo como se tivessem obtido o conhecimento e segredos do mundo.

Cada criança individualmente única.

Cada uma com uma mente própria.

Cada uma orgulhosa e apaixonada por quem são.

Eu não esperava nada menos.

Jane olha entre Rose e eu e, com muita força, ela diz: — Ensemble.

— Ensemble — nossos filhos exclamam imediatamente.

Meus lábios se levantam em um sorriso ofuscante. Rose está emocionada, os dedos nos próprios lábios, e seus ardentes olhos verde-amarelados encontram os meus calmos olhos azuis profundos. Deslizo minha mão na base do pescoço dela.

Nós arrastamos nossos olhares para nossos filhos. Fogo e água sobre eles. Dizemos a todos os sete a única palavra que soprou dentro de nós desde o momento em que nos conhecemos.

Dizemos: — Ensemble.

Juntos.

< até logo >

Abril de 2028
Zoológico
Utah

DAISY MEADOWS

Por muitos, *muitos* anos, nos afastamos de todos e quaisquer zoológicos. A única vez que visitamos, muito antes de termos a Sulli, a experiência terminou com multidões pressionadas contra nós. Tirando fotos, gritando nossos nomes. Nunca pensamos em fazer nossas garotas passarem por esse caos.

Nem mesmo quando Winona implorou no ano passado. — Vamos ver todos os elefantes e tartarugas e zebras e unicórnios!

— Malditos unicórnios — Ryke murmurou, a sombra de um sorriso espreitando.

Expliquei que os unicórnios vivem em prados majestosos em terras majestosas, não em zoológicos.

— Vamos pegar um barco até lá! — Winona exclamou.

Não pegamos um barco para uma terra majestosa com prados majestosos, mas finalmente planejamos uma viagem com uma parada no zoológico. Só porque esse zoológico em particular nos deixou entrar em um dia *aberto apenas para funcionários*. Sem multidões. Não há muita gente. Apenas alguns funcionários do zoológico, animais e nós.

— Me avisem se vocês quiserem alguma coisa, eu vou abrir o caixa — Bethany, nossa guia super legal do zoológico nos diz. Ela primeiro nos leva à loja de presentes, deixando as exposições para mais tarde.

Quando nossas filhas entram na nossa frente, eu vou atrás do Ryke, o abraçando pela cintura. De brincadeira, tento fazer com que ele pare, mas ele facilmente caminha para frente, só que me arrastando junto. Eu o pego olhando minha coroa de flores e mordo de brincadeira seu braço.

Então, nossa *girafa* energética de quatro anos corre para o fundo da loja. Saltando para cima e para baixo como se esse fosse o paraíso na terra. Ela para em frente a parede imponente de bichos de pelúcia. Winona Briar Meadows é uma girafa, não apenas em espírito, mas em fantasia. A ajudei a vestir um macacão de girafa laranja e branco hoje de manhã, capuz escondendo seu cabelo castanho bagunçado.

Nossa filha de dez anos corre na direção oposta, em direção a um balde de pingentes de prata e jóias de corda.

Eu ofego. — Nossa ninhada se separou. Para onde vamos? O que faremos?

Ryke bagunça meu cabelo loiro, minha coroa de flores ficando torta. Então ele me encara enquanto eu balanço nos meus calcanhares, minhas mãos em seu peito firme, músculos magros sob sua camiseta cinza. Eu roubaria o boné verde da cabeça dele, mas hoje é o dia das coroas de flores.

Sulli usa uma idêntica e perguntou se eu poderia usar a minha com ela.

Meu lobo olha para mim, seus olhos castanhos voando para a minha camisa amarela a cada alguns minutos. Diz: *here comes the sun.*

Ryke me diz: — Onde quer que você vá, eu irei.

Sorrio dez vezes mais e coloco minhas mãos em sua mandíbula com a barba por fazer, áspera sob minhas palmas. Eu só fico parada aqui, gostando de como estou em linha direta com alguém poderoso e forte, ousado e perigoso, e acima de tudo - *gentil* e *carinhoso*.

Existe alguém nesse mundo que se importa comigo mais do que esse homem? Algum dia já existiu alguém lá fora que me ama tão *completamente*, sem ser ele?

Eu não acho que existiu. Eu não acho que isso seria possível.

Ryke não espera mais.

Ele me beija, segurando a parte de trás da minha cabeça, aprofundando nosso abraço natural. Meu sorriso cresce sob seus lábios.

— Papai! Eu preciso de ajuda!

— Mãe, você pode vir aqui?

Nós nos afastamos, e ele beija minha bochecha antes de nos separarmos fisicamente.

— Parece que estou indo por aqui e você está indo por ali. — Eu ando de costas em direção às jóias onde Sulli procura algo em um balde transparente.

— Não se meta em muitos fodidos problemas, amor. — Ele me examina uma vez antes de fixar o olhar em Winona, que pula repetidamente. Tentando alcançar a prateleira mais alta de animais de pelúcia com golfinhos, tartarugas marinhas e pinguins.

Nós realmente nunca nos cansamos do jeito da Winona, sua energia louca em boa companhia com o resto da nossa. Eu deslizo ao lado de Sulli e bato com o quadril nela.

Ela responde batendo o quadril no meu e me mostra os colares de corda que ela escolheu. — Posso comprar esses?

Cada um tem um pingente de animal prateado: pássaro, golfinho, lobo e lontra. Sorrio para suas escolhas, sabendo qual delas nos representa. Eu sou o pássaro. Ela é o golfinho. Ryke é o lobo. Winona é a lontra. — Definitivamente.

— Quero ficar com o de lobo, então te dar o de golfinho, o de lontra para o papai e o de pássaro para Nona.

Sulli sempre pensa em nós, e eu nunca fui a escolha *número um* de ninguém enquanto crescia. Eu era a irmã *número dois* ou *número três*. Às vezes, até a *número quatro*. Ryke e eu somos número um para nossas garotas, e é um sentimento insano.

Eu só quero ter certeza de que ela *sempre* pensa em si mesma também. — Você não precisa compartilhar se não quiser.

Sulli ajusta *minha* coroa de flores torta com um sorriso e diz: — Eu realmente, *realmente* quero, mãe.

— Então eu totalmente vou usar o meu até desgastar. — Balanço minhas sobrancelhas como se fosse um ato super ousado, mesmo que seja tão normal.

— Mais alto! — O riso da Winona ilumina sua voz. A girafa está sentada nos ombros do Ryke, já alinhada com a prateleira mais alta.

— Você quer bater a cabeça na porra do teto?

— Sim!

Ryke está com a mão no tornozelo dela. — Essa porra não vai acontecer, meu bem.

— O que você quer pegar aí, esguicho? — Sulli anda pulando até sua irmã mais nova.

— As tartarugas marinhas!

Sulli olha por cima do ombro para mim, esperando que eu a alcance, mas meu celular toca no meu bolso com um toque familiar. Eu aceno meu celular para minha filha, e ela assente, correndo direto para Ryke e Winona.

Eu descanso meu braço no balcão do caixa, nossa guia do zoológico, Bethany, manda mensagens ao lado da prateleira de chaveiros, mas não me preocupo se ela está me ouvindo.

Levo meu celular ao meu ouvido. — Olá.

— Ei, ok, então, eu estou na loja — Willow sussurra como se estivesse se escondendo em corredores invisíveis. — E, espera, ainda vamos tomar café da manhã quando você voltar?

— Claro, já faz muito tempo. — Não vejo minha melhor amiga há uma semana, o que parece curto, mas quando ela está na Filadélfia, geralmente visitamos uma a outra e nos vemos todos os dias. A maior tristeza do verão: quando Willow vai para Londres com Garrison e Vada, sua filha, que fará quatro anos em breve. É o período de tempo mais longo que eles não ficam perto de nenhum de nós.

— Concordo... — Willow se interrompe, fazendo um ruído de pensamento tipo *huuum*. — Eu esqueci por que liguei... espera um segundo.

Eu sorrio e empurro ímãs de golfinhos ao redor de uma tela. — Estou enviando para você todas as vibrações de lembrança.

— Lembrei.

Eu ofego de brincadeira. — Lily estava certa. Eu *tenho* poderes.

Willow ri. — Se dependesse da Lily, todas nós teríamos.

Eu sorrio mais com essa verdade. Distraída, eu mexo em um anel de prata no meu dedo, um quadrado gravado no centro. Eu não o tiro desde o dia em que Willow me deu, e ela também nunca removeu o igual que tem.

Baixinho, Willow pergunta: — Winona odeia muffins de banana ou panquecas de amora? Vada disse que era amoras, mas Garrison tem certeza de que são os muffins de banana.

Vada e Winona são melhores amigas, junto com Audrey e Kinney, então, se uma garota vai brincar com a outra, as chances são de que todas as quatro estejam lá.

— Ela odeia amoras — eu digo. — Sulli não gosta de muffins de banana, mas apenas quando as pessoas colocam nozes neles. — Sullivan ainda é a comedora mais exigente, mas ela faz o que pode.

— ...beleza, ok, eu estou indo para o corredor de panquecas. Sem amoras. Diga ao Ryke que eu disse oi. Vejo você quando vocês voltarem.

Quando desligamos, lembro de todas as minhas teorias sobre amizades. De alguma forma, de alguma maneira - eu consegui manter essa amizade especial por perto, apesar da distância e do passar dos anos.

Essa sobreviveu.

* * *

— Olha, Winona. — Aponto para o habitat das girafas quando nos aproximamos da cerca de madeira. A cada passo, tento amarrar o colar de corda no pulso do Ryke. É pequeno demais para caber em qualquer outro lugar, o meu parece mais uma gargantilha.

Winona corre alegremente para a cerca, seu capuz caindo para trás. Sulli corre atrás da irmã.

Ryke usa os dentes para afrouxar o nó na pulseira, finalmente seguro e não muito apertado. Ele tem a sacola de animais de pelúcia na mochila. Simon, a tartaruga marinha para Winona, e depois ela escolheu outros três para suas melhores amigas e um golfinho para Sulli.

Eu nunca estive no zoológico sem multidões. Sem tanto congestionamento e *pessoas*. O pavimento está estéril de corpos, as exposições mais visíveis de mais longe. Não é a visão que me emociona.

É o som.

Pássaros cantando, leões rugindo. Cascos e patas batendo na terra. Os ruídos humanos que fazemos nunca são maiores que a

música da natureza, e eu podia simplesmente fechar os olhos e ouvir isso o dia inteiro.

Pego Ryke me encarando por um momento prolongado. — O que?

— Você parece feliz pra caralho. — Seus olhos quase se enchem de lágrimas.

— Eu realmente estou. — Eu posso dizer isso com certeza. Com a maior facilidade. Estou quase tão feliz que eu podia gritar. Mordo de brincadeira seu braço, e ele beija o topo da minha cabeça.

Quando chegamos perto da Winona e da Sulli na cerca, nossa girafa pequenininha tenta escalar e passar *por cima* da cerca e para o habitat.

Ryke a tira da cerca e a coloca de pé no chão. — Isso é perigoso pra caralho.

Winona fica boquiaberta. — Mas... mas como vemos os animais?

Sulli faz um barulho, estremecendo. — Isso está prestes a dar muito ruim — ela sussurra para mim antes de subir no banco. Ela senta em cima e absorve o ambiente tranquilo - enquanto Winona balança a cabeça de um lado para o outro como se a tivéssemos levado ao lugar errado.

Eu me perguntei se ela entendia o que era um *zoológico*, mas simplesmente não achei que uma explicação fosse necessária, além de *é onde você vê todos os animais.*

Ryke olha por cima do ombro para mim. Eu conheço esse olhar. É o que diz, *eu não consigo pensar nas malditas palavras certas. Eu preciso de você, Dais.*

Eu nunca fui necessária, nem antes do Ryke também. Nunca fui desejada ou *realmente* amada da maneira que sei que mereço ser amada.

Eu sou rápida.

Ao lado do Ryke, me abaixo até a altura da Winona. — Você vê os animais ali. — Aponto através das ripas da cerca de madeira. Duas girafas atravessam arbustos secos e terra arenosa.

Winona agarra a cerca e tenta enfiar a cabeça entre ela. Uma cerca de metal também separa a vida selvagem de nós, e cada grama de excitação que ela teve começa a despencar como uma âncora afundando no oceano.

Olho para Ryke quando ele passa a mão pelos cabelos grossos, colocando o boné de beisebol novamente. Ele estende um braço. — Deveríamos ter levado ela para uma fodida fazendinha.

— Eu não sei... — Eu não tenho certeza se é apenas sobre Winona querer *tocar* nos animais.

Ryke agacha ao meu lado, a mão pairando nas costas de Winona, caso ela decida passar o corpo pela cerca. Ela está completamente silenciosa, de costas para nós.

Com Ryke muito perto, eu sussurro: — Ela nunca mencionou tocar em animais, apenas *vê*-los.

— Talvez ela estivesse confusa pra caralho.

É possível. Eu descanso minha bochecha em seu braço enquanto esperamos que ela se vire. — Adivinha só?

— O que?

— Fizemos um bebê girafa.

O início de seu sorriso morre lentamente quando Winona finalmente se vira. Lágrimas escorrem por suas bochechas macias e deslizam para baixo do seu nariz delicado.

Meus pulmões se ligam. Sempre que uma das nossas meninas choram, os músculos do Ryke ficam tensos, as sobrancelhas se franzem, e ele se aproxima um pouco mais, como se estivesse dizendo *porra, estou aqui por você.*

— Shh, está tudo bem. — Limpo as lágrimas dela com a barra da minha camiseta.

— Como as girafas saem? — Winona pergunta chorosa. Eu observo Ryke me observar por um momento, nós dois entendendo por que ela está chateada. As cercas. As exposições. Não porque elas mantêm Winona do lado de fora, mas porque mantêm os animais lá *dentro.*

Ryke balança a cabeça para a nossa filha. — Elas não querem sair dessa porra.

— Mas e se elas quiserem? E se elas quiserem percorrer o *mundo inteiro*, mas estão presas?

— E se todas estiverem felizes e *nunca* quiserem sair? — Eu pergunto a Winona.

— Mas elas não estão livres! — ela soluça, a voz falhando.

Eu instantaneamente puxo Winona para o meu peito, e ela passa os braços ao me redor. Eu a levanto e fico de pé no mesmo momento que Ryke fica. Eu sussurro no ouvido da Winona: — Existem *milhões* de animais em todo esse grande mundo, e os do zoológico são amados pelas pessoas. Essas pessoas até os resgatam, os nutrem e os *protegem*. Pode ser a casa deles por agora ou até o fim, mas todos estão seguros aqui.

Winona funga. — Eles estão seguros?

— Muito, *muito* seguros.

Winona assente, ainda chorosa, mas ela encara a paisagem mais como Sulli. Ryke distrai Winona tirando sua tartaruga de pelúcia da mochila..

Ela abraça Simon como se o estivesse protegendo das cercas do zoológico.

Sulli pula do banco. — Podemos ver os macacos antes de irmos embora?

— Claro — eu digo.

Bethany nos deu um mapa, então encontramos o nosso caminho sozinhos no zoológico. É mais fácil para Ryke carregar Winona, então ele a segura de lado com apenas uma mão. Ela descansa a bochecha no braço dele, um pouco tristonha e chateada.

Com o tempo, ela se sentirá melhor, então não empurramos e cutucamos e tentamos arrancar um sorriso da Winona. Eu ando de costas com a Sulli, nossos sorrisos subindo, e Ryke nos direciona para onde devemos ir.

— Pra porra da direita — diz ele.

— Não pra porra da esquerda? — Eu provoco - então acidentalmente tropeço nos meus próprios pés.

Ryke pega meu pulso, me mantendo na vertical, e suas sobrancelhas se erguem quando meu sorriso aparece.

— Hum, você não disse *pra porra do chão* então?

Ryke me come vivo com seu olhar.

— Vocês estão A-PAI-XO-NA-DOS — canta Sulli, ainda caminhando de costas, os orangotangos e gorilas à vista.

Seu braço desliza sobre os meus ombros, e eu seguro a mão dele que fica pendurada na minha frente. — Você ouviu, estamos A-PAI-XO-NA-DOS? — Pergunto a ele. — O que meu marido vai dizer?

Ryke quase sorri. — Que ele também está A-PAI-XO-NA-DO pra caralho por você.

— Meu marido teria dito isso assim mesmo.

Ele empurra minha bochecha levemente com a mesma mão que eu seguro.

Sulli gira quando chegamos perto do habitat barulhento dos macacos. Árvores farfalham, folhagem verde escura em cascata. Todos nós paramos em frente ao vidro, em silêncio enquanto observamos. Ryke coloca Winona no chão, e ela vai mais para frente, as pontas dos dedos contra o vidro.

— Olhem. — Sulli aponta para quatro chimpanzés balançando de galho em galho, chiando uns para os outros. — Somos nós.

Todos nós rimos juntos, e o meu riso se transforma em um sorriso emocionado. Eu olho para Ryke, mas não posso fazer nada além de acenar para ele - você sabe aqueles momentos em que você está *tão* cheia que mal consegue respirar? Tão cheia de sentimentos que você apenas esperava conhecer.

Eles batem contra mim como queda livre. Como mergulhos em penhascos e bungee jumping. Como gritar o mais alto que puder. Como *duzentos e cinquenta quilômetros* por hora.

Tudo com Ryke Meadows.

Ele segura minhas bochechas com as mãos grandes e ásperas, e eu as seguro com as minhas pequenas e macias.

Ryke ri com seu lindo sorriso e diz: — Essa é a porra da nossa vida, Calloway.

Todos os *momentos* são selvagens, até os mais calmos.

< até logo >

Abril de 2028
Zoológico
Utah

RYKE MEADOWS

Em outra porra de vida, em outro mundo, Daisy está sozinha.

Eu estou sozinho.

Não temos nossas meninas, não temos filhas para chamar de nossa - e não é o que está acontecendo aqui hoje. Não é o que sinto quando acordo de manhã. Não é o que sinto quando vou para a porra da cama.

Eu não estou sozinho.

Eu tenho uma fodida família.

Daisy irradia sob minhas mãos, segurando seu rosto como ela segura o meu. E eu beijo a coisa mais linda dessa porra de mundo. Seu sorriso puxa um de mim, das profundezas escuras e solitárias.

Winona engasga e nossos olhos se abrem para ela - assim que ela diz: — Os velhos se beijando são *tão nojento.*

Sulli sorri, mas está ocupada assobiando para os quatro chimpanzés.

Eu descanso meu braço na cabeça da Daisy enquanto ela se aninha nas minhas costelas como um maldito urso. — Você acha que somos velhos pra caralho?

— Tão velhos — diz Winona, sua careta terminando com um sorriso. Fico feliz que ela não esteja mais tão triste.

— Velhos como? — Daisy pergunta enquanto deslizo minha mão nas suas costas, por baixo da camiseta.

Winona chuta um galho. — Oitenta e quatro anos. — Isso está errado pra caralho.

Daisy olha para cima e, muito baixinho, audível apenas para mim, ela diz: — Você está fodendo uma mulher de oitenta e quatro anos. Como é isso?

— Parece que finalmente temos a mesma fodida idade.

Daisy dá uma gargalhada alta. — Touché.

Passamos os próximos trinta minutos em volta dos macacos. Winona senta em frente ao vidro e captura a porra da atenção de um orangotango. — Ele é laranja como eu! — Winona exclama antes de assistir atentamente enquanto o animal a inspeciona de longe.

O orangotango deve estar confuso pra caralho com seu macacão de girafa. Enquanto nossas meninas fazem suas próprias coisas com os animais, eu as filmo com nossa câmera - e flerto com a minha esposa.

Nos últimos dez minutos, observamos Sulli, que ficou quieta pra caralho, sem mais chamar a atenção dos animais ou assobiar. Ela procura à esquerda e à direita e coça o pescoço. Então ela encontra um banco próximo à *saída de funcionários* e se senta, puxando as pernas até o peito.

Desligo a câmera e enfio na minha mochila. — Vamos perguntar, porra — digo a Dais.

Ela assente, sua coroa de flores na metade da cabeça depois que eu baguncei seu cabelo. Seguro o pulso dela antes que ela saia na frente e coloco a coroa no *topo* da cabeça dela enquanto nos aproximamos da nossa filha.

— Sullivan? — Daisy desliza ao lado da nossa filha no banco. Sulli descansa a testa nos joelhos e Daisy esfrega suas costas, estudando Sulli pra caralho, tão rápida quanto eu.

Tiro o boné de beisebol e passo a mão pelos cabelos - *porra*.

Eu conheço essa posição. Eu já vi Daisy nela mais que o suficiente. Coloco meu boné de volta. Não é uma posição *casual*, pernas-no-peito - é uma posição fetal, ereta e *com dor* pra caralho.

Sulli murmura alguma coisa.

— Nós não conseguimos te ouvir, querida. — Eu fico de pé na frente delas, e Winona começa a pular na nossa direção. Ela se agarra ao apoio de braço do banco, olhando para Sullivan.

— Sulli? — Winona sussurra.

Sullivan levanta a cabeça, *pálida* pra caralho. Ponho a mão na testa dela enquanto ela murmura: — Meu estômago dói.

Ela não está quente.

— Que tal irmos ao banheiro? — Daisy diz. — Talvez tenha sido o chantilly extra que você colocou nas suas panquecas.

— Mas Sulli sempre come com chantilly extra — diz Winona, de boca aberta em confusão. Então, em um rápido flash, ela rasteja por baixo do banco e sai do outro lado, correndo para a nossa mochila.

— Mas Sulli sempre come com chantilly extra — diz Winona, de boca aberta em confusão. Então, em um rápido flash, ela rasteja por baixo do banco e sai do outro lado, correndo para a nossa mochila.

Ela para com tudo e espera perto da mochila.

Daisy ajuda Sulli a ficar de pé, nossa filha se inclinando para frente.

Balanço a cabeça, pensando que isso pode ser mais do que uma dor de estômago. *Seu maldito apêndice*. — Sul, você quer que eu te carregue?

— Não — ela suspira como se fosse dizer *Pai*… mas estremece novamente. — Tenho dez anos... não sou mais um bebê.

Ela me lembra isso pelo menos uma vez por semana. Nos reagrupamos e localizamos um banheiro cerca de dois minutos de distância. Em determinação agonizante, Sulli caminha sozinha para o banheiro, Daisy esfregando as costas dela o tempo todo. Winona segura meu dedo mindinho enquanto anda pulando.

Só devo usar uma preocupação sombria pra caralho no rosto, porque Winona pergunta: — A Sulli está bem?

— Sim. — Eu aceno algumas vezes, mas a verdade é que, *eu não sei*.

Chegamos aos banheiros e Daisy tenta abrir a porta do banheiro feminino. Ela sacode a maçaneta *trancada*. Porra, sério? Eu tento a porta do banheiro masculino.

— Está aberto.

Além dos funcionários, o zoológico ainda está vazio e o banheiro também. Quatro mictórios e apenas duas cabines. Sulli rapidamente entra em uma, e eu fico de olho em Winona, que sai do meu lado.

— Por que existem fontes de água com aparência estranha? — Winona pergunta, pulando para os mictórios. Eu a pego em meus braços.

— Eles são malditos mictórios. — Eu a viro de cabeça para baixo, segurando minha filha pelos pés.

Ela grita de rir, e eu me concentro parcialmente em Daisy, que pergunta a Sulli se está tudo bem através da porta da cabine. Dais olha de volta para mim, preocupada.

Preocupada pra caralho.

Eu levanto Winona em meus braços, e ela cospe o cabelo da boca. Eu a mantenho perto, apoiando-a contra o meu peito com apenas uma mão.

— Mãe, você pode vir aqui? — Sulli pergunta, medo fazendo sua voz aumentar.

Eu quero ir, *ajudar*, mas ela chamou a mãe dela, então eu espero. Daisy desaparece lá dentro e Winona fica quieta, piscando para a cabine azul.

Ela sussurra para mim: — Eu não acho que a Sulli está bem, papai.

Foda-se isso. Eu me aproximo da cabine e bato na porta. — O que diabos está acontecendo? — Preciso saber se devo ligar para o 190 ou se é algo normal como vômito.

— Está tudo bem — Daisy fala. — Nós sairemos em um segundo. — Ela soa apressada, e eu posso ser insistente pra caralho, mas não vou insistir aqui.

Winona tem outras ideias. Antes de registrar o *que* ela está fazendo, ela já se levantou em meus braços e tenta espiar por cima da porta. Ela ofega. — Isso é sangue?

— Nona! — Sulli grita como se dissesse *cale a boca.*

Eu fico rígido. Tudo faz sentido, porra. O porque eu achei a posição tão familiar - e talvez eu soubesse. Talvez eu simplesmente não quisesse pensar que hoje, de todos os dias, ela passaria por isso. Porque ela é *muito* nova.

— Ela começou a menstruar? — Eu pergunto sem rodeios.

Nenhum de nós sentimos vergonha. Somos abertos uns com os outros. Nós xingamos. Winona vai peidar na hora, se você pedir. Nós tivemos uma conversa sobre sexo com a Sulli sem piscar um olho. Essa porra não deveria ser diferente, certo?

A porta se abre e eu me afasto para que elas possam sair. Sulli é a primeira, suspirando profundamente. — Isso é um saco. — Ela lava as mãos na pia. — Você tem tanta sorte que nunca teve que lidar com isso, pai.

Ela começou a menstruar.

Daisy desliza para o meu lado. — Precisamos dar uma passadinha na farmácia.

— Ela só tem dez anos, porra — sussurro para Dais, balançando a cabeça repetidamente.

— Algumas garotas começam cedo.

É o que repete na porra da minha cabeça enquanto saímos do zoológico. Enquanto eu dirijo nosso jipe verde até uma pequena farmácia, a mais próxima. Sulli tira da mala uma bermuda e calcinha com a ajuda da Daisy, e Winona, presa na sua cadeirinha, brinca com Nutty.

Estivemos em uma viagem de carro, todos nós, mais a nossa husky. E Price, que segue o jipe de moto. Sulli precisava ficar uns dias fora da escola para uma competição de natação, então apenas prolongamos esse tempo por mais dois dias e partimos para o oeste.

Minutos depois, Winona e eu examinamos os corredores da farmácia enquanto Daisy e Sulli estão no banheiro. Winona carrega nossa cesta de compras, e eu estou com absorventes na mão, colocando apenas coisas leves na sua cesta - como um pote de analgésicos.

Pego cinco ou seis barras de chocolate e as jogo na cesta.

— Meninas menstruadas gostam de chocolate? — Winona pergunta.

— Menstruadas ou não menstruadas - meninas gostam pra caralho de chocolate.

Winona coloca três sacos de gotas de chocolate na cesta, e eu seguro a maldita alça, assim que começa a ficar pesada. Eu ouço o *rangido* da porta do banheiro, Sulli e Daisy saindo, ainda usando coroas de flores idênticas.

Com um metro e noventa e dois, estou acima de todas as prateleiras aqui, e as duas encontram meu olhar. Sulli é a primeira a me dar um sinal de positivo e Daisy sorri como se tudo estivesse bem.

Essas garotas são a minha vida, e tudo que eu quero é boa saúde e felicidade pra caralho para *cada* uma delas. Eu trocaria de lugar com Sulli em um piscar de olhos como teria trocado com Daisy à um

tempo atrás, mas não podia. Tudo o que posso fazer é estar aqui. Ser carinhoso.

Ser amoroso.

Abraçá-las quando estiverem tristes pra caralho.

Eu faria isso todos os dias.

Quando passamos no caixa, Sulli adiciona quatro garrafas de cerveja de raiz. Abro a garrafa no caminho para o carro, e ela toma um gole gigante. Empilhamos as sacolas da farmácia no porta-malas.

Então pegamos a estrada.

Dirijo o jipe verde por uma estrada cênica de duas faixas, uma dor leve no meu joelho direito. Os penhascos de arenito se elevam em tons marrons e verdes lindos pra caralho. Alguns penhascos cor de ferrugem à frente, em formas únicas que não podem ser encontradas em nenhum lugar, exceto aqui.

Agora.

Daisy abaixa as janelas, o vento soprando para dentro do jipe. Não há carros à vista no longo trecho da rodovia. Olho para minha esposa, para a estrada e de volta para minha esposa, seus lábios se erguendo em diversão.

— O que você diz, Calloway? Rápido ou devagar?

Daisy dá um sorriso tão brilhante, sincero pra caralho - é difícil olhar para ele por muito tempo, mas eu sempre corro esse fodido risco. Meus olhos ardem como se eu estivesse olhando para o sol.

E ela diz: — Eu te amo.

Se passaram dez anos, e nosso amor nunca diminuiu. Eu levanto minhas sobrancelhas para Dais e sinto meu sorriso tocar meus lábios. — Rápido pra caralho então. — Eu piso com força no acelerador, o sorriso dela inundando o carro, e o jipe corre pela estrada.

— Uau — diz Sulli e imediatamente coloca a cabeça para fora da janela. Nutty se junta, abanando a cauda.

Winona grita de alegria, saltando em sua cadeirinha. — Mais rápido!

Já voando, finjo ir mais rápido, mas mantenho essa velocidade. Daisy mantém a cabeça e os braços dentro do carro, suas longas

pernas estendidas no meu colo. Com a mão, ela desenha ondas ao vento.

Nenhuma palavra precisa ser dita. Nenhum rádio precisa ser ligado. Nossa música existe bem aqui. *Estamos vivos. Estamos vivos.*

Deus, estamos todos vivos pra caralho.

Nesse presente momento.

Nesse lugar juntos.

{ tchau }

Maio 2028

A Casa do Lago

Montanhas Smoky

LILY HALE

— Vou continuar de onde parei. — Luna folheia seu diário, estrelas multicoloridas rabiscadas na capa. Do lado de dentro, vejo páginas e páginas de palavras rabiscadas. Oito anos e já é tão inteligente.

Eu disse a Lo que ela iria ser da Corvinal como seu homônimo.

Lo me disse que os Corvinais não esquecem de escovar os dentes e dar descarga.

Eu retruquei: — Você só quer que ela seja da Lufa-Lufa.

— E daí se eu quiser. — Ele beliscou minha bochecha.

Sorrio com a lembrança, mas Lo não está conosco essa manhã. Luna e eu dividimos um travesseiro, descansando no beliche de baixo de um quarto da casa do lago. Divido uma torta com Kinney, minha filha de três anos encostada em mim, o cotovelo no meu ombro ossudo enquanto ela come.

— Falta quanto pra acabar? — Kinney pergunta, migalhas caindo de seus lábios.

Olho para o meu cabelo. *Yep*. As migalhas de torta estão espalhadas pelos meus cabelos na altura dos ombros. Eu limpo, mas desisto quando elas se desfazem em migalhas menores.

Meu cabelo já ficou muito pior do que isso.

— Estamos quase no fim — Luna nos diz, seus chinelos do Hulk balançando com os seus pés. Fico quieta, mas gosto de ouvir minhas filhas tanto quanto falar.

Luna encontra a página correta e, com uma tiara de alienígenas, ela puxa seu cabelo longo e castanho claro para trás, pequenas bolas verdes balançando em cima.

Kinney termina sua torta mais rápido que eu, e ela limpa a boca com as costas da mão. Ela também tem meu rosto redondo, mas ao contrário da Luna, ela tem meus grandes olhos verdes e o mesmo

tom de cabelo castanho. Onde Luna é extravagante e espirituosa, Kinney acaba sendo pensativa e atenciosa.

Às vezes me pergunto se eles puxaram meus dois lados: boba, mas introspectiva.

Luna começa a ler, e eu estou tão absorta, nem mesmo percebendo que eu comi toda minha torta até tentar enfiar um pedaço invisível na minha boca.

— Zhora esqueceu sua arma laser e os marshmallows macios na nave espacial — Luna lê em voz alta — e ela precisava se apressar. Dash estava esperando.

Kinney torce o nariz. — Onde estão os fantasmas ou os trolls? Tem pelo menos uma bruxa nessa história?

— Só alienígenas. — Luna bate com a ponta do dedo no nariz da Kinney. — *Bip, bip*.

Kinney nem pisca. Ela diz com naturalidade: — Fantasmas são melhores que alienígenas.

Luna dá de ombros e vira uma página em seu diário. — Todo mundo gosta de diferentes tipos de coisas. — Ela olha para mim e, quando começa a sorrir, percebo que estou *sorrindo* para a minha filha de oito anos como se ela fosse a imperatriz de um universo intergalático - e sou apenas uma pequena astronauta flutuando, testemunhando essa beleza.

Luna Hale pode não ter amigos fora dos seus parentes, mas ela tem mais confiança aos oito anos do que eu tinha aos *vinte*.

Nunca envergonhada.

Minha filha *nunca* fica envergonhada.

— Você fez a mamãe chorar — diz Kinney e começa a secar minhas lágrimas com sua camisa do pijama do Darth Vader.

— Lágrimas de felicidade — digo a elas, limpando meus olhos molhados, lágrimas transbordando.

Luna toca seu chinelo do Hulk no meu chinelo do Thor e canta: — *Igual as fanfics*. — Ela faz um barulho de beijo, Hulk beijando Thor.

Eu rio do Hulk-Thor do universo alternativo. Kinney sobe mais um pouco, sentando no meu estômago. Eu seguro sua cintura, ossuda como a minha. Como a da Luna também.

Eu estreito os olhos para Kinney. — Então você não tem medo de fantasmas? — *Eu* tenho medo de fantasmas e de todos os filmes de

terror que Lo assiste com Garrison. Eles agem como se fossem de *comédias*.

A única coisa engraçada sobre filmes de terror é quando o meu rosto petrificado aparece na tela preta depois dos créditos.

Kinney me diz: — Não tenho medo de nada no mundo. — Por ter três anos, ela diz isso *muito* seriamente - até o ponto de eu achar que acredito nela. Tento me lembrar de todos os momentos que Kinney ficou assustada, mas a maioria é apenas momentos em que Kinney estava contente.

— Uhm-uhm, não é verdade — Luna diz, batendo no nariz da Kinney.

Kinney empurra a mão dela para longe. — É sim.

— Então peça ao Eliot te contar uma história de fantasmas e vamos ver o que acontece.

— Não vamos — interrompo enquanto Kinney diz: — Ok.

— Nãonãonão — eu digo rapidamente. — Ok não. Estamos no meio de uma história *divertida* sobre alienígenas. — Eu gosto desses alienígenas. Existem marshmallows e muitos cochilos em uma nave espacial. Eu quase acho que poderia existir em algum lugar do planeta da Luna.

— Mamãe está com medo — diz Kinney com um sorriso *diabólico.*

Agora eu estou com medo.

Luna irrita Kinney batendo no nariz dela novamente e dizendo *bipe bipe*, e o sorriso diabólico parece menos com *A Colheita Maldita.*

Eu as convenço a voltar para a história apenas apontando para o diário de Luna e perguntando: — O que acontece depois?

Luna começa a ler novamente, e Kinney escuta tão intensamente quanto eu. Só resta uma página, e a porta se abre.

— Mamãe! — Xander, de cinco anos de idade, corre para o quarto, Gotham de orelhas caídas logo atrás. O sorriso de Xander é mais aparente na casa do lago do que em qualquer outro lugar. É o único lugar seguro longe da atenção da mídia.

Nenhuma câmera na cara dele. Ninguém gritando seu nome. Gostamos de trazê-lo para cá, especialmente quando ele precisa relaxar e se recuperar mentalmente.

Xander puxa sua camisa verde do Power Ranger que subiu um pouco. Talvez ele tenha esquecido o que queria dizer, porque ele fica parado, sorrindo, com os cabelos castanhos caindo sobre a testa. Gotham ofegante ao lado dele.

Antes que eu possa perguntar algo, meu filho mais velho corre para o quarto, não está sem fôlego, mas está sorrindo também.

— Ei, mãe.

— Oi…? — Eu ligo o *modo de investigação da Lily.*

Moffy aperta levemente o ombro do Xander com carinho antes de bater na cabeça de suas irmãs como bongôs. — Luna, Kinney. — Então ele dá um tapinha na minha cabeça. — Mamãe. Prontas para ir?

— O que…?

Luna fecha o diário.

— Esperaespera, ainda falta uma página. — Eu posso ter falado isso choramingando. Estou profundamente investida em descobrir o que acontece com Zhola e Dash. Foi um choramingo *dedicado*, um choramingo que todas as pessoas em todos os fandoms talvez compreendam.

Então pronto.

Luna diz roboticamente: — Mais tarde. — Ela imita um robô enquanto se levanta da cama. Kinney desliza para fora de mim e depois do colchão antes de correr para o lado de Xander.

Tento espanar as teias de aranha do meu cérebro, mas a confusão ainda enruga meu nariz e sobrancelhas. Moffy pega minhas duas mãos e me puxa para os meus pés.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto aos meus quatro filhos. Eles *nunca* são *tão* sorrateiros assim. Luna tem dificuldade em guardar segredos de mim; Kinney sempre repete o seu dia inteiro, incluindo os detalhes mais secos: *eu andei pelo corredor. Virei a maçaneta da porta. E então eu sentei na minha cama*; Xander mentiu uma vez sobre fazer sua lição de casa e dois segundos depois fez uma confissão chorosa; e Maximoff - ele gosta de ser tratado como um adulto, como se alguém estivesse sendo sorrateiro, seriam todas as outras crianças pequenas. Não ele.

— É sobre a minha bicicleta — diz Moffy.

Eu franzo a testa. — O que tem a sua bicicleta?

Moffy aponta o dedo na direção da porta. — Deixei ela na margem oeste do lago.

Como ele conseguiu levar a bicicleta para lá? — Ok... — Eu paro, meu olhar indo para a porta onde Loren Hale está. Eu sou instantaneamente distraída por *ele*.

As maçãs do rosto que cortam como gelo. Olhos como uísque líquido. Ele é muito mais do que uma bebida alcoólica, e ele sabe disso.

Lo mostra seu meio sorriso icônico e diz: — Nunca confie em um monte de lufa-lufas para fazerem o trabalho de um sonserino.

Nossos três filhos mais novos falam de uma só vez, gritando sobre como ainda não foram selecionados.

— Eu não tenho onze! — Kinney decreta.

— Eu sou uma Lufarinavinalnória — diz Luna.

— Temos que esperar, papai. É muito cedo para isso — exclama Xander.

Lo coloca a mão em volta da orelha. — O que foi isso? Não consigo ouvir nenhum de vocês. Eu sou imune a voz de lufa-lufas.

Todos eles resmungam como se ele fosse o pai mais brega de todo o universo.

Eu sorrio de orelha a orelha, deslizando em direção ao meu melhor amigo com braços desgrenhados que coçam para se enrolar ao redor dele. Lo aceita o convite, me puxando para o abraço mais quente e apertado.

Ele finge uma careta para os nossos quatro filhos. — Cristo, o que é isso no rosto deles? Eles estão sorrindo, Lil. Faça-os parar.

Eu dou uma olhada nos nossos filhos, todos os quatro com sorrisos enormes, em pé em uma fila desigual. Vestindo roupas com desenhos de super-heróis e cultura pop. Lo me aperta, não brincando mais. Ele vê cada um, cada criança, sua nostalgia transbordando com a minha.

Entre anos de erros, estragos e contratempos, algo bonito e puro aconteceu, e estamos vendo cada pedacinho disso.

— Hã? — Kinney inclina a cabeça para nós. — Isso não faz parte do...

Moffy cobre a boca dela com as mãos, agachando-se atrás da irmã.

— Ha! — Eu aponto para os meus filhos. — Algo *está* acontecendo.

— Eu juro, mãe, é sobre a minha bicicleta — Moffy *mente.*

— Mentiroso... — eu começo, mas Lo me gira.

— Você chamou nosso filho de mentiroso, Lily Hale? — Lo me lança um olhar enquanto me guia para o corredor. Lo é uma distração boa e ruim. Boa: ele é *Loren Hale*. Ruim: deixei nossos filhos para trás e só percebo quando estamos no meio da escada.

— Lo — eu reclamo, prestes a voltar.

Suas mãos caem firmemente nos meus ombros, me levando para frente. — Por aqui, amor.

Garotos Cobalts passam por nós na sala de estar. A maior parte das conversas na casa do lago se originam da cozinha, provavelmente onde todos estão se preparando para o almoço. Kinney e eu sempre comemos tortas no *final* da manhã como lanche.

— O que você está aprontando com eles? — Eu questiono.

Ele abre a porta dos fundos. — Temos que buscar a bicicleta do Moffy na margem oeste.

Minhas sobrancelhas se contraem. — Isso é verdade? — Eu estava quase certa de que ele tinha inventado essa história.

Lo nunca responde, curvando-se um pouco e me levantando nas suas costas. Passo meus braços em volta do seu pescoço, as pernas em volta da cintura. Ele me carrega, passando pelas cadeiras vermelhas na colina gramada, e seguimos em direção ao... cais?

— Espera - vamos *remar*? — Uma das nossas canoas de madeira balança na água.

— *Eu* vou remar, amor. Você vai ficar sentada e procurar a bicicleta.

Minha mente nebulosa só limpa um pouco quando ele me coloca de pé no cais. — Esperaesperaespera — eu digo rapidamente, mãos para cima. A canoa vai se inclinar comigo dentro dela - eu sei disso porque fui andar de canoa com Daisy e acabamos na água dois segundos depois. — Isso não é uma coisa de Lily e Lo. Isso é coisa de Ryke e Daisy.

Lo estreita os olhos para mim. — É a bicicleta do *nosso* filho. Isso faz com que seja uma coisa de Lo e Lily.

— Lily e Lo — eu corrijo.

— Se você é tão espertinha, deveria saber que meu irmão mais velho não é o chefão de todas as atividades recreativas. Nós também podemos fazer isso, Lil.

— Mas geralmente evitamos esse tipo de coisa, não é?

Ele faz uma pausa por um segundo, *cauteloso.* Sabendo que estou certa. — O que eu acho? Hoje é um novo dia, e eu não vou fazer isso sem você, Lily Hale, então não me obrigue.

Eu sucumbo ao olhar rabugento e suplicante de Loren Hale. — Ok. — Demoro alguns minutos trêmulos, mas entramos na canoa. Não tombou, afundou ou inundou.

Sucesso.

Não é tão ruim. A brisa leve no lago diminui o calor cansativo do verão, e quanto mais Lo rema para longe do cais, mais silenciosos ficam os nossos arredores. Exuberantes montanhas verdes são refletidas na vasta água ondulante. Calma e tranquila em comparação com a agitação da Filadélfia.

Lo me distrai mais do que as montanhas ondulantes. Seus músculos esculpidos sob a camiseta preta, o colar de flecha apoiado no peito. Não é apenas o corpo dele, embora definitivamente seja bom - mas sim esse olhar cortante, mas amoroso, nos olhos dele.

Como se ele pudesse acabar com uma espécie de formigas se elas me picassem. Lo também seria o primeiro a dizer que ele mais ladra do que morde.

— Nós poderíamos ter trazido outro remo — eu percebo. — Eu poderia te ajudar.

Ele estende a mão e aperta meu pequeno bíceps. — Hum, eu poderia jurar que é aqui que os músculos deveriam estar.

Eu dou um tapinha no braço dele.

Ele finge uma careta. — Ai.

— Minha força na parte superior do corpo melhorou bastante nos últimos anos — defendo enquanto ele retoma a remar.

— Aquele peso do Homem-Aranha é de dois quilos e meio, Lil. Você não aumentou nada nos últimos anos.

— Porque é do Homem-Aranha — eu digo — e é legal.

Seu sorriso faz covinhas aparecerem nas suas bochechas.

Antes que eu me perca nessas covinhas, uma vespa zumbe ao nosso redor e eu surto - deslizando para a extrema direita do meu banco na canoa. — Lo! Vespa! — Eu me abaixo, tomando cuidado para não bater nela. Eu bati em uma abelha uma vez, e ela revidou e picou minha mão.

Lo se levanta, a canoa balançando.

Nós vamos virar. — AiMeuDeus. — Eu me abaixo novamente.

Lo senta-se ao meu lado e depois estica a camisa. — Para dentro você vai.

Eu sei o que fazer. Em busca de segurança contra a vespa, enfio a cabeça sob a camisa, dividindo o tecido com ele. Bem contra seu peito nu. Sinto Lo golpeando a vespa com seu remo.

— Ela se foi?! — Eu grito como se ele não pudesse me ouvir. *Você está pressionada contra ele. Claro que ele pode te ouvir.* É difícil esquecer onde estou. Meus braços estão apertados em torno de sua cintura, o calor de sua pele nua reconfortante.

A canoa se firma quando Lo fica parado. Ele espia dentro da camiseta, olhando para mim através da gola da camiseta. Seu sorriso genuíno começa a inchar meu coração.

— O que…? — Eu respiro, saindo lentamente debaixo do tecido. Olho ao redor, a vespa se foi. Nós vagamos preguiçosamente em direção à margem oeste.

Lo me segura em seu peito, nossos membros emaranhados juntos. Seu rosto afiado como lâminas de aço construídas sobre anos e anos de batalhas perdidas e vencidas.

— Esses anos... — ele começa, e eu sei que isso é sobre muito mais que uma vespa. Sobre mais do que uma bicicleta. Seja o que for, existe em nossas décadas juntos. — Esses anos foram épicos, e não porque foi fácil - porque nem sempre foi -, mas porque você e eu, nós voamos.

Minhas lágrimas transbordam e vejo *nós dois* voando, passando por nossas expectativas baixas de nós mesmos, todas as partes difíceis em que nossos vícios tentaram nos derrubar.

Nós voamos.

— Você tornou isso possível, você precisa saber disso — Lo diz, com a voz baixa. — Sem você, eu simplesmente não sei, Lil. —

Quando seu pai morreu, foi o seu ponto mais baixo em anos.

— Você fez isso ser possível, Lo. Eu não sei o que faria se você não estivesse aqui — repito o mesmo sentimento. Ele me ajuda todos os dias de maneiras que ninguém mais poderia. Ninguém mais saberia. Não é só sobre sexo. São todas as emoções que estão ligadas a um dia ruim, a um dia muito ruim.

Eu sempre procuro conforto nele como ele procura em mim, e não somos facilitadores. Ninguém diz que não devemos ficar juntos. Ninguém nos diz para nos separarmos. Nossas almas ainda estão se curando juntas, ainda estão se curando com força.

— Você sabe o que eu digo ao seu irmão? — Eu respiro fundo, lembrando das conversas que tive com Ryke. — Eu digo a ele: “Lo é como gelo no inverno agora. Ele não vai derreter”.

Seus olhos ficam vermelhos, brilhando com as lágrimas, e ele diz: — Graças à você.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha. — Eu acho que você me dá muito crédito. — Seu irmão tem sido uma força maior em sua vida.

Lo balança a cabeça vigorosamente. — Não o suficiente. *Nunca* o suficiente. — Ele esfrega os olhos antes que suas lágrimas caiam. — *Cristo.* Eu disse a mim mesmo que não ia tornar isso emocional.

Minha confusão aumenta. — O que você quer dizer…? — *Não tem nenhuma bicicleta.* Minhas habilidades de investigação não me falharam.

Lo enfia a mão no bolso do jeans e revela uma delicada corrente de prata. Um rubi vermelho em forma de coração rodeado de diamantes pendurado na ponta.

A forma, o estilo - é uma réplica exata do meu anel de noivado.

— Lo — eu respiro, mais lágrimas surgindo.

Ele abre o colar. — Eu te dei meu coração há muito tempo atrás, e não tenho certeza se te lembro o suficiente que você ainda o tem. Ele inteiro. — Lo se inclina para mim e ajusta a joia em volta do meu pescoço.

Começo a chorar, segurando sua cintura com força. No meio desse lago tranquilo. Meu nariz escorrendo.

— Lil — ele sussurra, limpando meu rosto com a camisa. — Porque você está chorando?

— Porque eu não tenho nada para te dar.

Ele ri de mim.

— Não é engraçado — eu choro, mas se transforma em uma risada chorosa que sacode meu coração.

Lo beija minha bochecha, sorrindo, e ele sussurra: — Você já me deu tudo, amor.

E então uma música elétrica cheia de graves pesados toca através do lago. Lado a lado no banco da canoa, olhamos para a margem oeste.

Nossos quatro filhos e o basset orelhudo estão na encosta da colina, um local comum por causa do balanço de corda amarrado a um galho de árvore. Moffy levanta um conjunto de alto-falantes portáteis, *Bangarang* do Skrillex tocando. Luna, Xander e Kinney - eles acenam para nós e levantam uma placa que diz: *nós te amamos!*

Eles eram parte dessa surpresa o tempo todo.

Eu rio e choro simultaneamente outra vez. Enquanto observamos nossos filhos, a alegria cobrindo seus rostos, admiração nos olhos, lembro de cada momento que passei com Lo onde dissemos que *não conseguiríamos.* Onde dissemos *não deveríamos. Não pessoas como nós. Isso não é para nós.*

Eu percebo uma coisa. Então eu digo a ele.

— Acho que finalmente merecemos isso.

Lágrimas caem de seus olhos e ele diz: — Eu também acredito nisso.

{ tchau }

Maio de 2028

A Casa do Lago

Montanhas Smoky

LOREN HALE

Vai.

Corre.

Hoje será um bom dia, pegar o ar fresco da manhã cortante com meu irmão mais velho. Eu só tenho que rastejar para fora da cama primeiro.

Os membros de Lily se entrelaçam com os meus, sem começo nem fim. Movo apenas um dos braços dela, e minha alma se despedaça como se eu devesse ficar mais perto, mais próximo. A necessidade desesperada de estar com Lily ainda existe, ainda vive dentro de mim.

Eu lambo meus lábios, outro corpo preso contra mim. Minha filha de três anos, vestida com um macacão de panda, está espalhada parcialmente no meu peito. Como diabos eu vou mover essa coisinha adorável? Kinney dorme com a boca fechada. Marcas de lágrimas secas manchando suas bochechas redondas e gordinhas.

Ela estava com medo ontem à noite, chorando por causa de algum maldito fantasma ou bicho papão. Era tão tarde; nós simplesmente deixamos ela dormir em nossa cama.

Eu me sento agora.

Vai.

Corre.

Quando saio do colchão, os olhos de Lily se abrem, sentindo falta do peso extra. — O que…?

Eu beijo o nariz dela enquanto sua mente lentamente processa que é de manhã e o que estou fazendo acordado. Então eu faço um gesto vulgar com dois dedos e minha língua.

Ela faz um barulho de *humph* e preguiçosamente dá um tapinha na minha bochecha. — Você só me provoca — ela choraminga.

— Eu também sou um idiota — eu sussurro de volta com um meio sorriso. Eu não estava cuidadosamente andando na ponta dos pés. Eu não fui *tão* silencioso. Eu egoisticamente queria que Lily acordasse - para que eu pudesse ouvir a voz dela antes de ir. Para que eu pudesse beijar seu nariz e ver suas sobrancelhas franzirem.

Assim como elas estão franzindo agora.

Cristo, ela é adorável.

Coloco minhas calças esportivas e os tênis de corrida e a confusão no rosto dela começa a desaparecer. — Lo — diz ela olhando para Kinney, que se vira para o lado esquerdo. Lily olha para o relógio e depois para mim. — Leve uma lanterna, ok?

Eu já peguei minha lanterna de mão da penteadeira.

— Tenha cuidado. — Ela abaixa a voz para sussurrar: — Os ursos.

Meu sorriso seco cruza meu rosto novamente. — Temos essa casa no lago há mais de dez anos, Lil. E você ainda não viu um maldito urso.

— Sempre tem uma primeira vez — ela observa, e nossos olhares se voltam para a nossa garotinha, que se apoia em um cotovelo, bocejando.

— Papai? — Kinney olha para mim.

Eu não chego mais perto. Se eu fizer isso, vou acabar ficando. Preciso de algumas coisas. Para elas. Para mim.

Vai.

Corre.

— Kinney Hale — eu respondo, leveza na minha voz afiada. Eu nunca pensei que ficaria assim, mas existe com outras coisas inesperadas.

Kinney esfrega suas lágrimas secas, e ela me diz com certeza: — Eu não tenho medo de nada no... — ela boceja cansada, e Lily se aproxima de Kinney, ambas esparramadas. Elas têm toda essa rotina de “seja uma panqueca, aja como uma panqueca” - não é tão fofo quanto enrolar Kinney em um burrito de cobertor, mas chega perto.

Eu vou até a porta.

Minha alma tenta me puxar para trás. *Lily.*

Para sempre Lily.

Seus olhos verdes voam para os meus e ela faz o símbolo do Spock.

Eu quase rio, meu sorriso menos seco. Eu faço o gesto em resposta, e Kinney tenta... mas falha. Ela é uma Hale. Então isso significa que um dia, algum dia - ela prosperará.

Só que, talvez não hoje.

Encontro forças para sair, mas no final do corredor escuro, paro em frente a um quarto. Porta entreaberta. Eu sou responsável por *quatro* crianças. *Quatro* vidas. Não quatro algemas. Não quatro pesos nos meus ombros. Eu quero fazer o certo por elas, como eu queria fazer o certo pela Lily. Como eu queria fazer o certo pelo meu irmão.

De certa forma, meus quatro filhos me ajudaram a me libertar da minhas restrições autoimpostas. Me lembrando por que preciso me levantar. Acordar.

Apenas permanecer de pé.

Quando eu checo Xander, não é porque estou inundado de paranóia. *Ele não está bem. Ele vai beber quando for mais velho. Ele é o garoto mais infeliz dessa casa.*

Não é verdade. Nada disso. Ele está bem. Ele tem as mesmas chances que seu irmão e irmãs. Ele ri durante as maratonas de Power Ranger; ele gosta de andar de cavalinho e raspadinhas. Ele pode ser dolorosamente tímido, mas para seus irmãos, ele se abre. Para nós, ele se abre. Para o garotinho Cobalt mais novo que está dividindo o quarto com ele (seu melhor amigo), ele se abre.

Eu espio dentro do quarto de Xander, luzes noturnas iluminando o beliche de madeira. Checo meu filho mais novo porque passei pelo quarto dele. Eu pensei nele. Eu o amo - não há nada além disso.

Ben Cobalt ronca levemente no beliche superior. Ele fala muito com Xander, e Xander gosta que Ben nunca o pressiona a responder.

Eu entro mais no quarto deles. Xander não está sozinho no beliche inferior. Travesseiros e cabeças dos dois lados - Luna está com ele. Eu agacho ao lado da cama de madeira e cutuco o braço de Luna, a colcha verde até o seu ombro. Minha filha de oito anos colou tatuagens temporárias de planetas por todo o seu rosto.

Ela parece magrinha. E *tão* jovem - mais jovem que a idade dela. Eu disse ao meu irmão que a filha dele está envelhecendo e a minha está rejuvenescendo. Connor interrompeu e disse: — Olhem para as esposas de vocês.

Lily parece mais jovem do que a idade dela. Daisy parece mais velha. Eu nunca pensei em como nossas filhas poderiam passar pela mesma coisa.

*Proteja essa. Proteja todos eles.*Lily disse que eu precisava de um mantra, então aqui está o meu.

Eu cutuco Luna de novo, e ela preguiçosamente estreita os olhos para mim. Antes que eu possa perguntar, ela murmura: — Ele estava com medo. — Eu olho para Xander, que dorme muito tranquilamente.

Eu digo baixinho no ouvido da Luna: — Volte para sua cama, Luna.

Ela estende uma mão e eu a rolo em meus braços e beijo suas duas bochechas. Eu a levanto, carregando minha filha para a cama dela. Em seu próprio quarto. Puxo as mantas vermelhas e verdes até seus ombros, e ela cai em um sono profundo mais uma vez.

— Boa noite, Luna — eu sussurro.

É de manhã. Ainda estou processando o que está acontecendo. É *cedo* pra caramba.

Quando vou lá para fora, encontro Ryke se alongando perto das cadeiras Adirondack vermelhas. Lanternas de mão presas aos nós dos dedos. Eu amarro a minha, o bosque escuro. O céu está escuro.

Pelo menos não está frio.

Alongo meus quadríceps ao lado do Ryke. Pássaros acordando. Começando a cantar. Eu posso reclamar - tudo bem, eu *definitivamente* reclamo mais do que meu irmão - mas não é ruim. Essas manhãs com ele. Após o acidente de escalada, antes da Sulli nascer, lembro levemente de quando *isso* parou.

Foi há muito tempo atrás. Mas eu sei que foi péssimo. Eu sei que daria *qualquer coisa* para acordar com meu irmão. Para estar aqui.

Para correr ao lado dele.

Então, eu mordo minha língua sobre acordar cedo. Não posso prometer que vou morder amanhã ou depois, mas Ryke não se

importará. Meu irmão é incrível assim.

Nós dois estamos sem camisa, já que é um verão quente, eu me elevo acima dele enquanto ele está sentado e estica a mão para o pé direito. — Você vai conseguir me acompanhar, irmãozão? — Eu provoco.

Não sinto nada além de amor e gratidão por Ryke Meadows.

Ele se levanta e empurra levemente a parte de trás da minha cabeça. — Veja se você consegue se manter na fodida linha comigo. — Nem um segundo depois, ele *corre* como se tivesse nascido para correr em qualquer tempo, em qualquer lugar - a qualquer hora. Ele olha para trás e acrescenta: — Irmãozinho.

Eu corro atrás.

Eu não estou me arrastando. Não estou pesado. Eu o alcanço e corro lado a lado com Ryke, desaparecendo pela floresta montanhosa. Ao longo de uma trilha de terra, abetos ficam de ambos os lados.

Nossas lanternas nos guiam para frente.

Ele me ensinou como correr. Como respirar. Como alcançar a paz física. É o que eu penso ao longo do caminho. É o que penso, mesmo quando tropeço em uma maldita raiz.

Doze quilômetros através das Montanhas Smoky. Sinto o poder do meu corpo sob minhas solas. Em nosso retorno para a casa do lago, eu fico mais rígido. Músculos *queimando*. Coração *acelerado*. Eu alongo meu passo o mais longo que posso, e Ryke me acompanha com facilidade.

Passo a passo, estamos lá juntos.

Eu desacelero imediatamente quando saímos da floresta, Ryke em sincronia. A casa do lago vermelha cereja à vista. Solto uma respiração mais pesada que o Ryke, suor cobrindo nossos músculos magros. Meus pulmões se ajustam ao nosso novo ritmo.

Seu olhar duro combina com sua mandíbula. — Vou desenterrar aquela raiz do caralho.

Eu o vejo passar a mão pelos cabelos úmidos e suados. Mesmo quando estivermos com os cabelos brancos e com oitenta anos, ele ainda se *importará* muito. Ele ainda irá me tratar como o irmão mais novo que eu sou.

Estou mais do que bem com isso, mas não significa que não vou provocá-lo por isso.

— A raiz não cometeu assassinato, apenas me fez tropeçar — digo a ele. — Por que você não se preocupa com coisas mais importantes, tipo esse seu rosto parecendo que você está constipado. — Eu pego seus olhos e mostro a ele o meio sorriso mais seco.

Ele mostra o dedo do meio para mim.

Eu dou risada - *esse é meu irmão*. Ele nunca mudou, e o mundo ficaria pior se ele realmente mudasse. Seus olhos castanhos me atravessam, como se ele estivesse vendo algo que não estou vendo. Algo *bom*, algo *feliz* - e eu me pergunto o que Ryke está pensando.

Eu não pergunto.

Ele simplesmente bagunça meu cabelo, e eu tento me vingar pela primeira vez, tentando bagunçar o dele. Que já está uma maldita bagunça. Ryke empurra meu ombro. Eu empurro o dele.

Sorrimos, de volta à colina gramada, perto das cadeiras vermelhas. Preparando para nos alongar novamente.

A porta dos fundos se abre com tudo, e apontamos nossas lanternas para a varanda que dá a volta na casa. *Claro*.

É uma das mini raisins.

Alta, com dez anos, pele bronzeada pelo sol, cabelos castanhos escuros em um rabo de cavalo emaranhado e torto - Sullivan Meadows tenta calçar o tênis e correr em nossa direção ao mesmo tempo.

Ela murmura — Porra — e pula colocando o tênis na grama. Balanço a cabeça uma e duas vezes quando acho que ela vai cair de cara no chão.

— Cuidado, Sulli! — Ryke grita.

Desligo minha lanterna e dou um tapinha no ombro do meu irmão, com *força.* — Boa sorte com essa daí.

Ryke revira os olhos.

Tento não imaginar uma mini raisin tirando a carteira de motorista. Sentada atrás de um volante, tendo *Ryke* como seu maldito professor. Todos devemos temer por nossas vidas.

— Esperem aí! — Sulli corre até nós enquanto ficamos parados. Ela queria se juntar, e meu irmão costumava deixá-la - mas ela dormia na escola, então ele realmente fez algumas *regras*. Regras que literalmente não poderiam ser aplicadas a ninguém, exceto a uma Meadows.

Minha sobrinha para com tudo na nossa frente, o rosto caindo ao ver nosso suor pós-corrida. — Pai — ela diz para Ryke. — Você poderia ter me acordado. Eu estava só meio que dormindo, e poderia ficar pronta muito, *muito* rápido. — Então Sulli gira para mim. — Tio Lo, fala pra ele.

Eu finjo seriedade e viro para o meu irmão, cruzando os braços. — Sim, Ryke. Por que você não a acordou? — Meu sorriso espreita quando me lembro da vez em que a busquei na escola.

Cochilando na aula. Eu tinha certeza de que seria um dos meus filhos antes das filhas de Ryke.

— Nós já conversamos sobre isso, meu bem — Ryke diz a ela.

Ela suspira. — Dormir é chato pra caralho. Por que não posso simplesmente usar um despertador e acordar mais cedo? Só uma hora?

Eu balanço minha cabeça para Ryke. — Só sua filha, cara. — A minha estaria *implorando* para adicionar mais cinco horas de sono, não menos.

Ryke coloca a mão na cabeça dela, e Sulli olha para ele enquanto ele diz: — Vá para a porra da cama mais cedo, aí você pode correr com a gente amanhã de manhã.

Meu irmão, o diplomata.

— Você vai me acordar? — ela pergunta. — Por favor. — Eu acho que isso o fará ceder. O *por favoooor* e os gigantes olhos verdes.

— Sete fodidas horas. — Ele permanece forte. *Bom trabalho, irmão.*

Ela assente, entendendo. — Sete fodidas horas. Eu vou fazer isso.

A porta dos fundos é aberta novamente, meu filho mais velho sai correndo de tênis e um boné de beisebol do Homem-Aranha. Às vezes, procuro em Moffy sinais de estar *sobrecarregado* com merda da qual ele não deveria estar lidando - mas as responsabilidades que envolvem seus primos e irmãos nunca o pesam.

Eu não entendo na maioria das vezes.

Por outro lado, eu cresci como filho único. Eu nem sabia como era ter um irmão até os vinte anos.

Ryke se inclinou para amarrar o tênis da Sulli.

— Pai — ela diz como se ele estivesse a tratando como bebê - o que ele está fazendo. Ele é o Ryke. Ele vai tatar ela assim até o ensino médio e a faculdade. — Eu posso fazer isso. — Sulli se agacha para amarrar o sapato, trocando sorrisos com ele, e Ryke bagunça o cabelo já bagunçado dela.

Moffy vem para o meu lado, prestes a completar treze anos em dois meses. *Ele será um adolescente em breve*. É insano. Eu diria *que não estou pronto*, mas para o que *realmente* estou pronto? Não muito - e eu me dei muito bem até hoje.

Eu acho - não, eu sei. Eu envelheci meu filho na Disneylândia, ao ponto de ele ficar na minha frente, e ele parecer estar preparado para qualquer coisa.

Aperto a mão dele e o puxo para um abraço. Ele dá um tapinha nas minhas costas e diz: — Eu posso correr com ela. — *Isso não vai acontecer, Mof*, penso enquanto solto sua mão, mas ele continua falando. — Nós vamos levar spray de urso e lanternas.

Eu aceno para o meu filho. — Aparentemente, há uma maldita raiz assassina na trilha agora, então pense nisso como eu salvando sua vida. — Dou a ele um sorriso menos irônico do que todos os meus outros.

Moffy ri, as bochechas com covinhas. — Tudo bem — diz ele, descontraído, e ele é compreensivo quando se trata de regras. — Eu não quero morrer ainda, especialmente não pela Maldita Raiz Assassina.

Eu não quero morrer ainda.

Quando eu tinha doze anos, eu já estava construindo meu túmulo com garrafas de uísque.

Eu não quero morrer ainda.

Concordo com a cabeça, tentando não mostrar como isso me afeta. — Maneira horrível de morrer.

Moffy sorri e depois cutuca o pé da Sulli com o dele. Ela está ocupada amarrando os cadarços. — Desculpa, Sul, eu tentei — diz ele.

Sulli se levanta. — Você quer jogar damas na varanda?

— Sim, claro. — Moffy acena para ela. — Quem chegar primeiro ganha. — Ele dispara com um sorriso crescente, e Sulli tenta alcançá-lo e passar por ele.

Depois que Ryke e eu terminamos o alongamento, entramos na casa pela cozinha espaçosa. As luzes estão acesas. Alguém está definitivamente acordado, e meu palpite é que é Connor Cobalt. Ele é a resposta certa para a maioria das coisas.

Ryke fecha a porta gentilmente. Eu já estou do lado de dentro, passando por Connor a caminho da geladeira.

Ele liga a cafeteira na tomada, sem camisa e usando calças de moletom. Cabelo perfeito. Corpo perfeito. O cara é um deus - eu chamo isso de *fato*.

Aposto que até meu irmão hesitaria em gritar *ficção*.

Connor segura sua filha adormecida com uma mão no peito dele. A pequena Audrey, de três anos, vestida de pijama floral rosa-morango, baba em seu ombro. Não é a primeira vez que ela usa Connor como travesseiro.

Estou começando a achar que ela sabe de algo que nós não sabemos.

Abro a porta da geladeira e encontro uma garrafa de água. Pelo canto do olho, vejo Ryke ajudando Connor com a cafeteira. Eles são amigos além de seus relacionamentos comigo - fico feliz por isso; ambos merecem mais amizades.

Eles merecem tudo.

Ryke mexe na máquina de café que não liga. Procuro outra garrafa de água na geladeira e forço meus ouvidos para ouvi-lo sussurrar para Connor: — Ela está bem?

Connor esfrega as costas de Audrey em um movimento circular e tira uma mecha de cabelo laranja-cenoura dos lábios. — Ela estava com medo ontem à noite e não dormiu bem.

Fecho a geladeira, duas águas na mão.

— Medo de quê? — Ryke pergunta, desistindo da máquina de café.

Eu me aproximo, sobrancelhas franzidas. Essa história está começando a parecer familiar, especialmente porque meu filho é amigo do filho dele.

— *Um grande e terrível bicho-papão* — sussurra Connor. — Palavras dela.

Hã. Entrego uma garrafa de água para o meu irmão. — O que há com esse bicho papão? Minha filha chorou a noite toda por causa da mesma coisa.

Ryke abre a água. — Qual filha?

— Kinney. — Eu nunca tinha visto ela com tanto medo, mas assim que ela disse *bicho papão*, foi difícil ficar preocupado. Quando ela falou parecia *bicho cagão*.

— O monstro é fictício — explica Connor — da imaginação de Eliot Alice Cobalt.

Meu rosto contrai com essa verdade, processando isso, processando - e quando chego a uma conclusão, Ryke toma um gole de água e acena para nós quando ele se afasta. Saindo.

Eu sussurro para Connor: — Precisamos conversar, amor.

Os lábios dele se erguem. — Que tipo de conversa, querido?

— O tipo que diz que começa com eu falando que *seu filho assustou minha filha.* — Eu me inclino contra o balcão, mexendo na cafeteira sem intenção de consertá-la.

— Meu filho também assustou *minha* filha - então seu argumento é insuficiente.

— Meu filho também assustou minha filha - então seu argumento é insuficiente.

Connor se inclina contra os armários ao meu lado. Olho para minha mão que segura uma garrafa de água. Eu não estou tremendo. Eu não estou deslizando para o assoalho.

Eu estou de pé. Eu estou me mantendo firme.

Eu estou vivo.

Ele me diz: — Poucas pessoas são o suficiente para mim. É apenas um fato.

— Fato — eu digo inclinando minha cabeça. — Você é um idiota convencido.

— Fato. — Ele sorri. — Você é um idiota bonito.

Eu quase sorrio. — Eu continuo esperando você substituir o *idiota* por *bastardo*, e mesmo assim, depois de todo esse tempo... você nunca substitui. — Eu toco meu peito. — Estou magoado.

— Você é os dois — Connor diz calmamente — mas eu prefiro te chamar do que você se identifica mais.

Eu sou principalmente um bastardo na definição literal. Eu sou um idiota de qualquer maneira que você olha. Tomo um grande gole de água enquanto Connor se aproxima e tenta consertar a cafeteira novamente. Ainda segurando Audrey.

Ele tem sete filhos. Sete malditos filhos. Uma empresa de bilhões de dólares e mais razões para ter dores de cabeça do que todos nós juntos - e ainda assim, ele não tem *nenhuma*. Nesse mundo, pode haver outro *eu*, outro cara cheio de angústia que só precisa de alguém para cuidar.

Eu sei que nesse mundo nunca haverá outro Connor Cobalt.

Eu quero dizer que ele me mantém inteligente, mas ele faz muito mais do que isso. Ele me amou no meu pior momento - quando eu pensava que ninguém além da Lily poderia amar alguém maldoso como eu. Ele sempre via além do meu vício, além da angústia e do ódio - eu nunca tive que explicar. Ele simplesmente me conhecia.

Eu precisava desse tipo de amizade, e acho que ele também sabia disso.

Connor desiste da cafeteira.

Eu brinco: — Apenas me beba, amor. Eu sou amargo. Eu te acordo.

— Ugh — Rose finge vomitar no seu caminho para a cozinha, amarrando os fios do seu roupão de seda preta.

Dou a ela um sorriso feio e seco. — Vomite um pouco mais, talvez sua alma desaparecida saia.

Ela bufa em uma risada curta. — Em um dia eu tenho uma alma. No dia seguinte eu não tenho. Decida-se, Loren.

Você tem uma alma. Eu penso instantaneamente. Sem questionar. Sem dúvida. Rose tem, possivelmente, um dos melhores corações dessa casa. Em toda a sua vida, ela fez coisas incríveis para as pessoas. Não apenas para as irmãs, mas para as *pessoas*. A Hale Co. tem mais mulheres executivas do que nunca, e ela fez isso acontecer.

Ela faz uma careta para mim. — O que? Por que você está olhando assim para mim?

Eu uso meu olhar mortal, e seus ombros relaxam. Ela está feliz por eu agir como se a odiasse, tanto quanto ela age como se me odiasse. Quando na verdade, eu a amo tanto quanto Lily ama Rose - é assim que as coisas acabaram sendo.

Rose joga os cabelos para mim e desliza em direção ao marido.

— Você está confraternizando com o inimigo — Rose sussurra, seus olhos suavizando para a filha deles.

Connor diz suavemente: — Seu inimigo é meu melhor amigo.

Eu sorrio presunçosamente para Rose e termino de beber minha água.

Ela revira os olhos para nós dois, mas Connor se aproxima e murmura algo contra seu pescoço. Eu os deixo flertar em particular. Embora seja difícil não notar a única consistência, a troca ininterrupta - a que você sabe que sempre estará lá. Confiável. Inabalável.

— Richard. — Ela estreita os olhos.

— Rose. — Ele sorri.

Eu quase sorrio novamente. Abro um armário, a lixeira logo embaixo e jogo minha garrafa de água nela. O céu escuro começa a clarear lentamente. Fecho o armário na mesma hora em que Lily entra na cozinha, Kinney dormindo profundamente em seus braços.

Não há nenhum outro lugar que eu preferiria estar.

Estou ao lado da minha esposa em um instante. Perto da geladeira. Meus dedos em sua cintura. Lily sopra um fio de cabelo preso aos lábios.

Linda.

Ela sussurra: — Luna disse a Kinney para ouvir uma história de fantasmas do Eliot. Foi assim que tudo aconteceu, Lo.

Eu amo como o nariz da Lily se enruga e como ela usa toda a sua força para segurar nossa filha de três anos.

— Lo? — Ela faz uma careta. — Você ouviu o que eu falei?

Eu coleto as palavras que lembro enquanto puxo Lily para o meu peito. — Histórias de fantasmas, as meninas. — Eu coloco meus lábios no ouvido dela. — *Buu*. — Então eu enfio minha língua nele.

— Lo! — ela sussurra e dá um tapinha no meu braço.

Eu finjo um estremecimento. — Lil. — Eu faço beicinho, e seus olhos verdes voam para os meus lábios.

Meu humor desaparece e eu flutuo por décadas. Por quando éramos crianças, quando éramos adolescentes, e então adultos. Quando ficávamos acordados até tarde lendo quadrinhos, nos esgueirando para festas - todos os planos que nunca fizemos na faculdade. Todas as mentiras que contamos. Eu toco nessas memórias. Posso voltar o quanto quiser, até às maiores profundezas.

O passado não pode me arrastar para baixo.

Eu revivo as melhores partes que estão entrelaçadas com as piores. Porque olho para trás e penso: *Cristo, éramos frágeis pra caramba.*

Olhe o quanto avançamos.

Olhe para nós agora.

Os olhos da Lily inundam de lágrimas, compartilhando minha emoção. Dor por dor. Sorriso por sorriso. Eu só quis viver essa vida com ela.

— Ei, pessoal — Daisy sussurra, roubando minha atenção. — Vocês viram para que lado o Ryke foi? — Eu nunca vi meu irmão passar pela cozinha novamente, mas Connor aponta para a porta lateral que vai para fora. Olho pela janela sobre a pia.

Meu irmão está sentado na grama perto das cadeiras vermelhas, joelhos dobrados. Ele olha fixamente para frente, o céu se transformando de azul escuro para azul claro. E eu sei.

Ele está esperando o sol nascer.

Lily sai do meu lado, apenas para colocar Kinney em uma cadeirinha ao lado da Audrey, as duas garotas ainda dormindo. Eu agarro o balcão da pia, a porta lateral fazendo barulho quando Daisy sai. Ela caminha pela grama, levemente - indo em direção ao meu irmão.

Tenho orgulho de Daisy. Por nunca me ouvir. Ou a mãe dela. Ou o pai dela. Tenho orgulho pra caramba da Daisy por se tornar a mulher que ela queria ser.

Meus lábios sobem um pouco e viro minha cabeça. — Lily. — Ela não está longe, com as mãos na minha cintura. Aperto uma na minha e aceno para fora. Ela assente e silenciosamente, saímos pela porta lateral, seguindo os passos do meu irmão e da irmã dela até a colina.

Daisy está sentada entre as pernas do Ryke, as costas contra o peito dele, os braços dele em volta do corpo dela. Seus olhos tocam o horizonte.

Sento na grama, a poucos metros de distância do Ryke, e Lily se senta ao meu lado. Eu a seguro enquanto ela me segura, sua bochecha descansando no meu ombro. Meus olhos se fixam à frente e tento ver o que meu irmão vê no céu. Cores laranja que derretem em azul.

Meu olhar desvia quando Connor sai, com as mãos nos bolsos até Rose se aproximar dele. Lado a lado. Ele entrelaça os dedos nos dela e a cabeça deles se vira. A minha também. Para olhar para frente novamente.

Assim que o sol começa a nascer.

Com nós seis nessa colina e a casa do lago lotada atrás de nós - sinto coisas muito além desse nascer do sol, dessa manhã, desse momento. Nós enchemos uma casa vazia.

Eu tenho trinta e sete anos

Ontem mesmo, eu tinha vinte anos e conheci algumas dessas pessoas - pessoas com quem eu passaria minha vida, que se tornaram meu lar.

Ontem mesmo, eu tinha vinte anos - ainda profundo e desesperadamente apaixonado pela minha melhor amiga.

Eu cresci.

Todos nós crescemos.

Em um piscar de olhos, nossos filhos também crescerão.

E eu vou pensar: ontem mesmo eles tinham vinte anos. Indo para a faculdade. Se apaixonando. Memórias vão inundar atrás de nós, a casa do lago não mais tão cheia. Tão quieta quanto no momento em que entramos nela pela primeira vez - e vamos sentar nessa colina. Sentindo a quietude que existe.

E tudo irá acabar - acabar onde tudo começou.

Só nós.

Todos nós seis.